



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

JANE AUSTEN

Orgulho e preconceito



ORGULHO E PRECONCEITO

Jane Austen nasceu no dia 16 de dezembro de 1775, em Steventon, perto de Basingstoke. Sétima filha do reitor da paróquia, viveu com a família em Steventon até se mudarem para Bath, após a aposentadoria do pai, em 1801. Após a morte dele, em 1805, ela se mudou com a mãe; em 1809, estabeleceram-se em Chawton, perto de Alton, Hampshire, onde permaneceria, com exceção de algumas visitas a Londres, até maio de 1817, quando se mudou para Winchester a fim de ficar perto de seu médico. Ali morreu no dia 18 de julho de 1817.

Jane Austen era extremamente modesta com relação ao próprio gênio, descrevendo sua obra ao sobrinho, Edward, como “um pouco (duas Polegadas de espessura) de Marfim, que eu esfrego bem com uma Escova, de modo a produzir pouco efeito depois de muito trabalho”. Quando menina escrevia contos, incluindo versões burlescas de romances populares. Suas obras só foram publicadas após muitas revisões, e ela teve quatro de seus romances editados em vida: *Razão e sensibilidade* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1815). Dois outros romances, *A abadia de Northanger* e *Persuasão*, foram publicados postumamente em 1817, com uma nota biográfica de seu irmão, Henry Austen, anunciando formalmente pela primeira vez a identidade da autora. *Persuasão* foi escrito enquanto ela lutava contra problemas cardíacos, entre 1815 e 1816. Deixou ainda duas obras: um romance epistolar curto, *Lady Susan*, e um romance inacabado, *The Watsons*. No momento de sua morte, ela trabalhava em um novo livro, *Sandition*, do qual sobrevivem apenas fragmentos.

Alexandre Barbosa de Souza nasceu em São Paulo, em 1972. É autor de *Livro de poemas* (Giordano, 1992), *Viagem a Cuba* (Hedra, 1999), *XXX* (Dolle Hond, Amsterdã, 2003), *Azul escuro* (Hedra, 2004) e do infantojuvenil *Autobiografia de um super-herói* (Hedra, 2003). Foi editor na Cosac Naify e na Editora 34, e é tradutor de obras do inglês, do francês e do espanhol.

Vivien Jones é professora titular de inglês da Universidade de Leeds. Publicou livros sobre Henry James e Jane Austen, e suas obras sobre gênero e literatura no século XVIII incluem *Women in the eighteenth century: Constructions of femininity* (1990) e *Women and literature in Britain 1700-1800* (2000), além de inúmeros

artigos. Foi organizadora da edição de *Evelina*, de Frances Burney, para a Oxford World's Classics.

claire lamont foi responsável pelo estabelecimento do texto das obras de Jane Austen lançadas pelo selo Penguin Classics.

tony tanner foi membro do King's College, em Cambridge, e professor de literatura inglesa e americana na Universidade de Cambridge. Lecionou nos Estados Unidos e na Europa. Entre seus muitos livros estão *The reign of wonder* (1965), *City of words* (1970), *Contract and transgression: Adultery and the novel* (1980), *Jane Austen* (1986), *Scenes of nature, signs of men* (1987), *Venice desired* (1992), *Henry James and the art of non-fiction* (1995) e *The American mystery* (2000). Morreu em dezembro de 1998.

JANE AUSTEN

Orgulho e
preconceito

Tradução de
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

Prefácio e notas de
VIVIEN JONES

Introdução de
TONY TANNER



Sumário

Agradecimentos

Prefácio — Vivien Jones

Introdução — Tony Tanner

Nota sobre o texto

ORGULHO E PRECONCEITO

Volume i

Volume ii

Volume iii

Emendas ao texto

Notas

Cronologia

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a John Barnard, Paul Hammond, Rick Jones, Angela Keane, David Lindley, Oliver Pickering, Susan Spearey, Andrew Wawn e John Whale por sua ajuda na preparação desta edição. O trabalho foi feito durante uma licença de estudos financiada pelo Comitê de Pesquisas em Humanidades da Academia Britânica, e sou grata, tanto ao Comitê quanto à Faculdade de Inglês da Universidade de Leeds, pelo tempo dedicado à pesquisa.

vivien jones
Junho de 1995

Prefácio*

vivien jones

Em cada um de seus seis romances, Jane Austen oferece à sua heroína um bom casamento, mas o de Elizabeth Bennet em *Orgulho e preconceito* é o mais deslumbrante. De todas as histórias de amor de Austen, *Orgulho e preconceito* é a que melhor se encaixa nos padrões da ficção popular romântica, o que é provavelmente um dos motivos da famosa descrição que a própria Jane Austen fez deste romance: “leve & brilhante & cintilante demais”.¹ *Orgulho e preconceito* se concentra principalmente na felicidade pessoal e nas bases sobre as quais ela pode ser alcançada, e o casamento de Elizabeth com Darcy — alto, lindo e rico — é o estofado da satisfação desse desejo.

Quando Darcy é visto pela sociedade de Meryton pela primeira vez, no baile do terceiro capítulo, ele “logo chamou a atenção no ambiente por seu porte distinto, alto e bonito, de nobre”. Fisicamente, ao menos, ele é um exemplo de herói romântico, o objeto ideal do desejo na fantasia popular. E, mais do que isso, dizem que dispõe de uma renda de “dez mil libras por ano”, o que o torna objeto de desejos mais venais entre aqueles para quem, nas palavras da famosa abertura do romance, “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa” (v. i, cap. i). Mas as caçadoras de fortuna — e Elizabeth — decepcionam-se quando se descobre que Darcy “era orgulhoso, superior ao grupo, e impossível de agradar” (v. i, cap. iii). Os moradores de Meryton podem perder o interesse com isso, mas para o leitor de romances experiente a história de fato engrena com esse primeiro confronto entre a indiferença esnobe de Darcy e o orgulho ferido de Elizabeth. A arrogância de Darcy serve apenas para aumentar o desejo por ele e confirmar seu status de herói: como todo leitor de romances sabe, a heroína acabará reinterpretando os maus modos dele, sua “grosseria chocante” (v. i, cap. iii), como um sinal de paixão reprimida por ela. Ela tem o poder de transformar a aparente hostilidade em um compromisso duradouro e um casamento em que serão felizes para sempre.

Em *Orgulho e preconceito*, esse processo de transformação e sedução é muito complexo e sutil. Envolve Elizabeth e Darcy em reavaliações cada vez mais abrangentes de si mesmos, e de seus orgulhos e preconceitos sociais. Suas perspectivas de felicidade são rigorosamente testadas por constantes comparações com as situações e expectativas de outros personagens. Neste prefácio, meu principal foco será o contexto social e político da ficção de Austen, e uma exploração dos sentidos pode ter para um público contemporâneo o uso que a autora fez do romance. Apontar similaridades estruturais básicas entre a obra de Jane Austen e um romance das séries da Mills & Boon ou da editora Harlequin, entretanto, não é reduzir a realização da autora inglesa. Antes, ajuda a entender a popularidade contínua da ficção de Austen, e de *Orgulho e preconceito* em particular. A fantasia romântica que modela de maneira tão eficaz o romance do início do século xix de

Jane Austen ainda é um poderoso mito da cultura para leitores atuais. Reagimos com prazer a histórias de amor de gatas borralheiras e aos finais felizes que combinam atração sexual e emocional com dez mil libras por ano e a perspectiva de se tornar senhora de Pemberley, uma decisão que faz do amor romântico tanto garantia como desculpa para o sucesso econômico e social. O caso de amor faz conexões através da história: ajuda-nos a identificar e entender as continuidades — e as diferenças — entre o sentido do romance na época em que foi escrito e publicado e o apelo que ainda tem para o leitor moderno.

O apelo peculiar de *Orgulho e preconceito* também se deve, é claro, à sua heroína articulada e de pensamento independente — “uma criatura adorável como jamais outra apareceu em letras impressas”, como a própria Austen a descreveu.² Uma das primeiras resenhas observava com aprovação que “a noção de razão e conduta de Elizabeth são superiores às das heroínas comuns de romances”.³ As qualidades que distinguem Elizabeth das “heroínas comuns” conhecidas do público contemporâneo ainda agradam o leitor moderno. Embora cumpra seu papel em uma versão de um enredo romântico familiar, Elizabeth Bennet encarna um tipo muito diferente de feminilidade daquele da heroína romântica tipicamente passiva, vulnerável e infantilizada; sua astúcia e franqueza ao falar fazem dela a mais atraente das protagonistas de Jane Austen. Menos ingênua que Catherine Morland, mais vívida que Elinor Dashwood ou Fanny Price, não tão esnobe quanto Emma Woodhouse e mais jovem e segura que Ann Elliot, Elizabeth Bennet parece ligar-se mais diretamente à identidade ativa, visível e independente da feminilidade moderna.

É importante notar que é a atração fatal da inteligência crítica de Elizabeth — a “vivacidade da sua mente”, e não apenas seus “belos olhos” (v. iii, cap. xviii; v. i, cap. vi) — que deixa até mesmo Darcy “atrás de uma esposa”. Desde esse primeiro encontro, o fascínio atormentado de Elizabeth e Darcy um pelo outro gera uma energia sexual irresistível, energia que, como a de Jane Eyre e Rochester, de Charlotte Brontë, mais adiante naquele século, encontra expressão em uma série de confrontos altamente articulados. Elizabeth e Darcy travam batalhas verbais para declarar suas próprias definições das pessoas e dos princípios — e se autoafirmar. O senso de humor satírico de Elizabeth e sua aguda inteligência são estimulados e igualados pela reserva judiciosa de Darcy, e sua aparente recusa a fazer concessões; a segurança social e moral dele é desafiada pela crítica intransigente de Elizabeth. Mas, quando ela admite para si mesma seu amor por Darcy, o confronto já se transformou em uma complementaridade ideal:

Ela começava a compreender que ele era exatamente o homem, em termos de disposição e talentos, que mais lhe convinha. O temperamento e a compreensão que ele tinha das coisas, ainda que diferentes dos seus, teriam satisfeito todos os seus anseios. Tratava-se de uma união que teria sido vantajosa para ambos; sua naturalidade e vivacidade, haveriam de suavizar-lhe a mente, aprimorar-lhe os modos; e com o discernimento, o conhecimento do mundo e o nível de informação dele, ela haveria de se beneficiar, adquirindo importância. (v. iii, cap. viii)

Como bons leitores da ficção romântica, nós já sabemos muito antes de Elizabeth que a união com Darcy teria “satisfeito todos os seus anseios”; como leitores modernos e defensores da independência intelectual da protagonista, podemos nos sentir ligeiramente

perturbados com a desigualdade (“ela haveria de se beneficiar, adquirindo importância”) existente no seio da sonhada união. Mas o ímpeto narrativo do caso de amor exige um final feliz, e, graças à sutileza da caracterização de Austen, fica muito difícil resistir à descrição esperançosa que Elizabeth faz da “felicidade conjugal” (v. iii, cap. viii). Essa descrição está no centro da definição do romance por seu estado ideal de “felicidade racional” (v. iii, cap. vii): isto é, o casamento visto como um equilíbrio entre qualidades morais e pessoais, como um processo de concretização de melhorias mútuas. O uso habilidoso que Jane Austen faz do caso amoroso para formatar suas análises detalhadas dos modos sociais é poderosamente persuasivo: a capacidade de “felicidade racional” dos dois faz com que seja tanto inevitável quanto desejável que a heroína encontre satisfação através de um grande casamento com seu melhor candidato a herói.

Quero insistir nessa ideia de *Orgulho e preconceito* como um texto “poderosamente persuasivo”, e desenvolver minha sugestão de que é a posição estratégica de Austen diante do enredo romântico convencional e prazeroso, com uma heroína ainda menos convencional, que o faz ser assim. Em certo nível, estamos simplesmente sendo convencidos de que dois indivíduos particulares são perfeitos um para o outro; que — contra todas as probabilidades sociais — Fitzwilliam Darcy é “exatamente o homem”, o único homem, que poderia satisfazer as necessidades emocionais de Elizabeth Bennet. A arrogância impressionante da primeira proposta de Darcy é, afinal, uma evidência gratificante de que o desejo individual transcende as diferenças econômicas e sociais: “Não posso reprimir meus sentimentos” (v. ii, cap. xi). Mas a felicidade pessoal é inseparável do mundo onde deve encontrar sua expressão: precisamente porque eles transgridem as expectativas normais de quem pode se casar com quem, os “sentimentos” privados de Darcy possuem um inevitável significado público. Seu apego romântico envolve uma rejeição muito clara das ambições dinásticas de sua tia, lady Catherine de Bourgh, por exemplo, com seu plano de que ele e a prima “unirão as propriedades” ao se casar (v. i, cap. xvi). Por outro lado, a relação heterodoxa de Elizabeth e Darcy é explicitamente diferenciada da impropriedade chocante da ligação irresponsável de Lydia com Wickham. De fato, o momento em que Elizabeth finalmente reconhece Darcy como a resposta “a todos os seus anseios” é também o momento em que essa satisfação parece impossível, precisamente porque “Uma união de tendência diversa, excluindo a possibilidade da outra, estava prestes a se formar dentro da família delas” (v. iii, cap. viii). Com esse processo característico de justaposição e contraste, Jane Austen estabelece o casamento de Elizabeth e Darcy como algo significativo dentro da comunidade como um todo. Nosso compromisso narrativo e emocional com a união bem-sucedida dos dois se torna, imperceptivelmente, também um compromisso com os valores que essa união incorpora.

Mais uma vez, em certo nível, esses valores se concentram principalmente no universo privado da moral e dos bons costumes: na comparação entre Elizabeth e Lydia como o ponto a partir do qual o direito à autonomia se torna irresponsável condescendência consigo mesmo; na oposição a lady Catherine e suas alegações de escolha pessoal e enobrecimento da família como motivos legítimos para o casamento. Porém, justamente através desse foco nos indivíduos e nas comunidades, os romances de Austen intervêm no debate político mais amplo. Escritos em um período de crise política e mobilidade social, eles são análises críticas e estratégicas dos valores morais e dos modos de comportamento através dos quais um setor da classe dominante redefinia a si mesmo. Pouquíssimos leitores e críticos defenderiam hoje a visão míope representada pelo comentário de George Steiner: “No ápice da revolução política e industrial, em uma década

de atividade filosófica formidável, a senhorita Austen compôs romances quase alheios à história”.⁴ Tudo depende, é claro, do que você chama de “história”, e de onde ela acontece. Jane Austen escreve sobre “3 ou 4 famílias em uma Aldeia do Interior” — “a coisa certa a ser trabalhada”,⁵ como ela disse à sua sobrinha Anna — e os destinos e escolhas de suas filhas casáveis. Ela escreve, portanto, sobre mulheres e sobre classe: sobre formas de identidade e sobre o casamento como instituição política que reproduz — simbólica e literalmente — a ordem social. Uma intuição feminista importante do final dos anos 60 lembra que “o pessoal é político”; e o contrário também é verdadeiro. A “revolução política e industrial” está em cena ou é contida no nível da consciência privada como um evento público; a mudança na história ocorre por meio de mudanças sutis de interação social, não somente com guerras e tecnologia; a “atividade filosófica formidável” está voltada, como *Orgulho e preconceito*, à busca da felicidade.

A compreensão da plena dimensão política dos romances de Austen depende do entendimento dos modos como detalhes aparentemente menores ou referentes apenas ao comportamento ou à linguagem evocam debates mais amplos. Até aqui, destaquei o prazer do reconhecimento de que depende o poder persuasivo de Jane Austen: em termos de enredo romântico e das escolhas morais que esse enredo aborda, *Orgulho e preconceito* parece familiar. Mas, embora os próprios temas morais sejam facilmente reconhecíveis, as formas públicas — os modos, os pressupostos sociais, até a linguagem — através das quais se manifestam para o nosso julgamento são muitas vezes estranhas ao leitor moderno. A estranheza por si só é outra fonte de deleite, é claro. Os romances de Austen nos mostram as diferenças da história, e um dos grandes prazeres de sua leitura — além do deleite puramente estético — é a oportunidade de fazer comparações com nosso momento atual. Jane Austen desenvolve seu enredo romântico em termos cotidianos, em detalhes materiais da ficção realista, e seus romances dão acesso a um estilo de vida peculiar, irrecuperável. Porém, a atenção econômica à tessitura de um ambiente social nunca é simplesmente documental ou decorativa. Seria um equívoco adotar uma visão mercantil daquele mundo como confortavelmente estável, ordenado. A técnica ficcional de Austen depende do leitor como intérprete ativo, e não apenas consumidor passivo, dos detalhes. Seus textos trabalhavam o pressuposto compartilhado de que nuances de linguagem, vestuário ou comportamento podem levar a determinadas implicações, como sinais relativamente claros de status social, pistas para a atitude moral de um personagem ou — algo mais problemático para o leitor moderno — referências conscientes aos termos e às questões que vinham sendo contestados nos debates culturais da época. Como seus protagonistas, *Orgulho e preconceito* ocupa-se essencialmente de discussões.

O discurso e a atitude do sr. Collins, por exemplo, conferem clareza plena à sua presunção absurda. Dificilmente deixaríamos de simpatizar com a aguda percepção que Elizabeth tem da repugnância dele como candidato a marido, ou de notar a diferença entre os critérios calculistas e inteiramente impessoais dele sobre o que seria uma boa esposa e a reação irreprimível de Darcy diante da individualidade de Elizabeth. Pode ser menos óbvio, contudo, que, quando o sr. Collins, de forma obtusa, insiste em elogiar a “modéstia” e a “parcimônia” (v. i, cap. xix), a terminologia utilizada perfila-o com defensores de um ideal de classe média de uma mulher submissa e doméstica, ideal que na época era um aspecto influente do discurso político reacionário. A própria feminilidade de Elizabeth é muito diferente, e a “vivacidade” mental que atrai Darcy tem portanto uma carga política — e, da mesma forma, as identidades masculinas de Darcy e do sr. Collins abordam ressonâncias políticas, assim como morais e sociais, conflitantes.

Esse contraste entre a mulher ideal do sr. Collins e Elizabeth distancia Jane Austen e sua heroína de uma visão conservadora extremada — no tocante ao gênero, pelo menos. A maioria dos comentaristas concorda, contudo, que os romances de Austen defendem uma posição essencialmente conservadora. O foco em um setor da classe dominante rural propugna antes a consolidação e a renovação da ordem social estabelecida do que propriamente a revolução. Mas, conforme o exemplo do sr. Collins sugere, uma vez estabelecida essa posição conservadora, é mais difícil definir a identidade de Austen dentro dela. Isso se deve em parte à forma, à diferença entre um texto feito para ser polêmico e uma obra de ficção, na qual a dramatização produz múltiplas possibilidades de interpretação. E em parte isso também se deve às mudanças complexas dentro das hierarquias de classe no período — tema a que voltarei em um momento oportuno. Tem relação também com o status de Jane Austen como mulher, que complica a já difícil questão de sua posição de classe. O status de classe da mulher é tradicionalmente determinado pelo pai ou pelo marido. Elas existem em um estado limítrofe, nem dentro nem fora das hierarquias de classe, e o gênero pode interferir e entrar em conflito com a política partidária ou de classe. A conjunção precisa de gênero e classe em Austen tem sido uma questão problemática entre os críticos há alguns anos. Será que ela, como sugerem alguns, apresenta uma crítica subversiva, protofeminista, em conflito com a política de sua classe? Ou é comprovadamente antifeminista, defensora antirrevolucionária da feminilidade tradicional e dos valores familiares? É provavelmente mais útil, como é meu intento demonstrar, pensar nela como pós e não antirrevolucionária, como alguém que assimila de forma estratégica, em vez de rejeitar cegamente, ideias revolucionárias. Ainda se valendo do caso de amor como foco importante, pretendo agora tratar em maior detalhe da dramatização persuasiva dessa posição pós-revolucionária em *Orgulho e preconceito*.

A vida de *Orgulho e preconceito* se inicia na década de 1790 como *Primeiras impressões*, concluído entre outubro de 1796 e agosto de 1797 e submetido sem sucesso à publicação em novembro de 1797. A primeira versão da obra, portanto, surgiu logo após a Revolução Francesa, quando a Inglaterra estava em guerra com a França e o repressor governo Pitt tentava (sem muito sucesso) perseguir e erradicar ideias e atividades revolucionárias de seu lado do Canal da Mancha. Foi um período de intenso debate ideológico, no qual as questões pessoais eram definitivamente políticas. As antirrevolucionárias *Reflexões sobre a Revolução em França*, de Edmund Burke, publicadas em 1790, haviam defendido com eloquência as tradições feudais do paternalismo, da propriedade e da aristocracia em termos que colocavam os costumes sexuais e a família no centro da agenda política. Burke lamentou celebradamente a passagem da “era dos cavaleiros”, da “generosa lealdade ao estamento e ao sexo”: “O apego à subdivisão, o amor ao pequeno pelotão a que pertencemos na sociedade, é o primeiro princípio (o germe propriamente) da predileção pública”.⁶

Ele foi atacado, entre outros, por Mary Wollstonecraft, escritora profissional e membro dos círculos intelectuais radicais de Londres, hoje bem conhecida como uma das primeiras feministas inglesas modernas. Em *Reivindicação dos direitos dos homens* (1790), Wollstonecraft defendia ideais revolucionários e argumentava que uma “imaginação libertina” e uma masculinidade predatória que reduzia as mulheres a objetos sexuais estão no coração do tradicionalismo burkeano. Para Wollstonecraft, a ideia de Burke da família

sacralizava a desigualdade sexual. Dois anos depois, em *Reivindicação dos direitos da mulher*, ela desenvolvia aquela intuição para uma aplicação mais sustentada dos princípios revolucionários à política sexual. *Direitos da mulher* reivindica liberdade, igualdade e cidadania para mulheres, e oferece uma crítica devastadora do processo pelo qual as mulheres vieram a se identificar como seres exclusivamente sexuais, incapazes de pensamento racional ou ação independente:

Em suma, as mulheres em geral, assim como os ricos de ambos os sexos, adquiriram todas as tolices e vícios da civilização, e deixaram o fruto mais útil [...]. A razão [das mulheres] é inflamada, e seu entendimento, negligenciado; conseqüentemente elas se tornam presas da própria razão, delicadamente denominada sensibilidade, e são expulsas por qualquer acesso momentâneo dos sentimentos. Mulheres civilizadas são [...] enfraquecidas pelo falso refinamento [...]. Todos os seus pensamentos se voltam para coisas calculadas para despertar emoções e sentimentos, quando deveriam raciocinar [...].⁷

O tipo de tradicionalismo representado por Burke se baseava em hierarquias de todos os tipos, inclusive uma hierarquia sexual dentro da família que considerava estabelecido que os sexos apresentam uma diferença inata. A polêmica igualitária de autores como Wollstonecraft derrubou diferenças sexuais essenciais ao invocar uma identidade humana comum. As definições contemporâneas da diferença sexual tendem a atribuir razão aos homens e sensibilidade às mulheres. Na passagem citada, como ao longo de *Direitos da mulher*, Wollstonecraft nega tal oposição. Ela considera que a capacidade das mulheres para a razão é igual à dos homens, mesmo que, através da educação inadequada, essa capacidade muitas vezes permaneça subdesenvolvida. Para Wollstonecraft, é a cultura, não a natureza, que dita que as mulheres se comportem como criaturas sensíveis e passivas, assim como é a cultura, e não a natureza, que permite que uma classe dominante que se autoperpetua atinja tal estado de autocomplacência decadente. O ideal que ela oferece como alternativa a ambas — e à defesa que Burke faz da tradição — é o da classe média profissionalizada, para quem a educação é um processo de aprimoramento pessoal e público:

No estrato médio da vida [...] os homens, na juventude, são preparados para as profissões, e o casamento não é considerado o ponto alto de suas vidas; enquanto as mulheres, ao contrário, não têm nenhum outro método para aprimorar suas faculdades. Não são os negócios, os planos extensos, ou qualquer grande voo da ambição que lhes despertam a atenção; não, seus pensamentos não se ocupam em edificar nobres estruturas.⁸

As mulheres têm um único caminho para o aperfeiçoamento pessoal: “Para subir na vida, para ter a liberdade de correr de prazer em prazer, elas devem se casar bem, e a tal objetivo seu tempo é sacrificado, e sua própria pessoa, muitas vezes legalmente prostituída”.⁹ Em vez disso, Wollstonecraft visa à possibilidade de as mulheres se tornarem participantes mais ativas publicamente na meritocracia da classe média.

A caracterização das mulheres como “criaturas racionais”¹⁰, a questão de o casamento ser a única meta legítima para uma mulher, a promoção de uma identidade feminina ativa e de um ideal profissional: esses temas, levantados por Wollstonecraft e outros na causa da mudança revolucionária, reverberam na escrita política — e na ficção — ao longo da década de 1790 e além. Nos anos 1790, mulheres radicais como Mary Hays, Charlotte Smith e a própria Wollstonecraft escreveram romances experimentais com heroínas ativas — e até mesmo pouco castas —, que expunham as limitações sufocantes do casamento convencional “feliz-para-sempre”; como reação, romances antirrevolucionários de autoras como Jane West ou Elizabeth Hamilton retomavam o ideal feminino virtuoso e doméstico, muitas vezes com enredos que demonstravam as catastróficas consequências de se adotar ideias radicais — ou de se ceder diante de “primeiras impressões”. Os esboços iniciais de *Primeiras impressões* não sobreviveram, de modo que não podemos saber precisamente como o romance original teria se encaixado nessa “guerra de ideias” ficcional. O que é evidente, no entanto, é a ampla semelhança entre o enredo de Austen e os enredos de alguns dos romances mais conservadores da década de 1790. No romance de Jane Austen, Elizabeth deve aprender a rever suas primeiras impressões, não apenas sobre Darcy, mas também sobre o inescrupuloso Wickham; na ficção conservadora, outras heroínas confiantes demais em sua capacidade de tomar decisões independentes e de enfrentar suas consequências aprendem que é um erro agir de modo tão assertivo — muitas delas (ao contrário de Elizabeth) sofrendo até a beira do abismo ou a própria ruína.

Mais de dez anos se passam entre a escrita de *Primeiras impressões* e a publicação de *Orgulho e preconceito*, em janeiro de 1813. Austen “esqueceu e enterrou” *Primeiras impressões*¹¹ para trazer a lume o romance como nós o conhecemos hoje, mais tarde, em um clima político diferente. No final da década de 1790, com o fracasso dos ideais revolucionários na França e com as políticas domésticas repressivas na Inglaterra, radicais ingleses perderam a confiança e emudeceram; durante a década seguinte, conforme continuavam as Guerras Napoleônicas, a atmosfera às vezes histericamente reacionária da virada do século deu lugar aos poucos a um consenso precariamente conservador, ao menos entre as classes médias cada vez mais confiantes em si mesmas. Mais uma vez, ideias sobre o papel das mulheres se tornavam parte crucial nessas mudanças sutis de opinião. Conservadores e tradicionalistas não podiam ignorar a nova feminilidade de Wollstonecraft. Ela seria violentamente desacreditada pela propaganda antirrevolucionária, que em geral descrevia Wollstonecraft e outras mulheres radicais como prostitutas, “mulheres sem atrativos” que defendiam e praticavam a “licenciosidade gálica”. Mas a ideia de que as mulheres pudessem vir a ser participantes ativas da cultura também tinha um efeito mais complicado e difundido: de uma forma bastante modificada, a feminilidade ativa foi apropriada pela causa conservadora dos valores familiares tradicionais, o “pequeno pelotão” de Burke.

O trabalho da autora evangélica Hannah More exemplifica esse processo. Em muitos aspectos, More é a opositora ideológica de Wollstonecraft. A própria More, assim como outros críticos da época, certamente apresentou as duas mulheres como a face aceitável e a inaceitável da condição feminina, e uma breve comparação entre as duas oferece um contexto bastante útil para diferenciar as sutilezas do tratamento que Austen dá à feminilidade em *Orgulho e preconceito*. Em suas *Restrições ao moderno sistema da educação feminina* (1799), More afirma com veemência a diferença sexual “natural”, reagindo implicitamente à crença de Wollstonecraft em uma identidade humana comum a ambos os sexos: “Cada sexo tem suas próprias qualidades, que se perderiam caso

fossem misturadas em um mesmo caráter comum”.¹² Na base dessa diferença, More faz um inflamado apelo às mulheres em nome de seu país convulsionado pela guerra:

Eu conclamaria [as mulheres] a dar um passo à frente e contribuir com suas plenas e belas parcelas para a salvação de nosso país. Mas eu as conclamaria para esse passo à frente sem abrir mão do refinamento de seu caráter, sem menoscar a dignidade de sua posição, sem macular a delicadeza de seu sexo.¹³

O impacto da nova feminilidade sobre o pensamento conservador é evidente no chamado à consciência feito por More, de um “passo à frente” rumo à consciência de seu papel central para a sobrevivência nacional. Mas, em oposição a Wollstonecraft, More se alinha com uma versão do tradicionalismo burkeano — como a expressão “dignidade de sua posição” sugere. Em vez da visão nova e contestadora de Wollstonecraft de uma meritocracia racional, More apela para as aflições das mulheres quanto às possíveis consequências do rompimento dos códigos estabelecidos da feminilidade. Ela descreve uma forma confortavelmente limitada de envolvimento e define as “qualidades” femininas em termos familiares demais. Suas palavras de ordem são aquelas dos livros de conduta, dos manuais populares que orientavam as jovens mulheres a um comportamento apropriadamente decoroso: obras como os *Sermões às jovens mulheres*, de James Fordyce, que o sr. Collins tenta ler para as irmãs Bennet (v. i, cap. xiv), e que Wollstonecraft ataca em *Direitos das mulheres* como capazes de “perseguir cada centelha natural da formação de uma menina”.¹⁴ Para More e outros autores de livros de conduta, a feminilidade consiste em “refinamento”, “delicadeza” e propriedade: “Propriedade, para uma mulher, é [...] o primeiro, o segundo e o terceiro requisito”.¹⁵ Tanto em More como na literatura de orientação em geral, tais termos possuem um sentido fundamentalmente moral, mas Wollstonecraft ainda desconfiava bastante deles por serem cúmplices de definições quase exclusivamente sexuais das mulheres, como seres decorativos, vulneráveis e que necessitavam de proteção. No primeiro trecho citado dos *Direitos das mulheres*, por exemplo, Wollstonecraft ataca o “falso refinamento” que reduz as mulheres a criaturas de sensibilidade em vez de criaturas de razão, e em sua crítica a Fordyce ela contrasta “a submissão feminina e a graça artificial” com a “verdadeira graça [que] brota de uma espécie de independência intelectual”.¹⁶ Em contraste com o ideal de Wollstonecraft da autonomia da mulher, a visão de More da atividade feminina é seriamente limitada pelo medo de macular “a delicadeza de seu sexo”. Mais adiante em *Restrições*, por exemplo, ela oferece uma imagem deprimente e abnegada da condição feminina:

Uma contenção habitual desde cedo é especialmente importante para o futuro caráter e para a felicidade da mulher. Um freio criterioso e incessante, mas firme e delicado, para seu temperamento e suas paixões pode por si só garantir sua paz e estabelecer seus princípios [...].

As meninas devem ser levadas a desconfiar do próprio julgamento; devem aprender a não resmungar diante das repreensões; devem se acostumar a esperar e a suportar as oposições [...]. É de importância decisiva para sua felicidade, mesmo hoje em dia, que elas logo adquiram um temperamento submisso e um espírito tolerante.¹⁷

Orgulho e preconceito pode muito bem ser lido como uma exploração crítica da posição de More de que a felicidade das mulheres depende de restrição e submissão. Já sugeri que a felicidade é a preocupação central do romance; e os termos-chave dos debates contemporâneos sobre as mulheres passam constantemente pelas distinções cuidadosas que Jane Austen faz dos graus e dos tipos de felicidade esperados não apenas por Elizabeth, mas também por toda uma gama de personagens femininas. Razão, emoção, paixão, propriedade, decoro, modéstia, delicadeza, elegância, independência: na forma em que aparece na obra de polemistas como Wollstonecraft e More, esse vocabulário conflituoso está sob escrutínio ao longo de *Orgulho e preconceito*. Como, então, podemos posicionar Elizabeth Bennet e as outras mulheres do romance em relação às versões de feminilidade evocadas?

Elizabeth está claramente muito mais próxima da feminilidade racional e da “independência intelectual” de Wollstonecraft do que do “temperamento submisso” e do “espírito tolerante” idealizados por More. Ela demonstra precisamente essa independência, afinal, ao rejeitar o sr. Collins — assim como sua definição estereotipada dela como uma criatura dotada de “modéstia” e “parcimônia”. Ao final da conversa dos dois, enquanto o sr. Collins continua insistindo que a recusa se deve meramente às convenções da coqueteria, Elizabeth faz uma súplica desesperada para ser levada a sério como uma mulher de integridade: “Não me considere neste momento um exemplo de *elegância feminina* desejando enfeitá-lo, mas uma *criatura racional* falando a verdade de seu coração” (v. i, xix, grifos meus). A oposição entre uma forma falsa de feminilidade e uma autonomia racional fortemente sentida, assim como a própria expressão “criatura racional”, vem diretamente de Wollstonecraft.

De modo similar, quando Elizabeth atravessa correndo os campos até Netherfield para ficar com Jane em sua doença, nós a admiramos por sua espontaneidade preocupada e por sua despreocupação em “macular a delicadeza de seu sexo”. Outras personagens ficam menos impressionadas com esforço tão impróprio em uma dama, e todo o acontecimento — crucial em tantos aspectos para o desenrolar do romance — dramatiza um importante debate sobre o que é e o que não é um comportamento “apropriado”. Mary Bennet, por exemplo, que fala como um manual de conduta em vez de um ser humano, entoa justamente a máxima de que “todo impulso sentimental deve ser guiado pela razão” (v. i, v. vii); enquanto Caroline Bingley racionaliza seu ciúme apelando a uma visão mais mundana e metropolitana da propriedade: “Isso [caminhar várias milhas desacompanhada com os pés enfiados na lama] me parece revelar um tipo abominável e arrogante de independência, uma indiferença provinciana para com o decoro” (v. i, cap. viii). A vivacidade de Elizabeth, sua “sensibilidade ativa” — para usar uma expressão de um romance de Wollstonecraft¹⁸ — garante nossa simpatia ainda mais firmemente através da justaposição a essas versões autorreferentes dos padrões de livros de conduta.

Mas, embora a caracterização de Elizabeth sugira uma tendência em direção à posição de Wollstonecraft e não à de More, seria pouco prudente identificar Jane Austen com o radicalismo de gênero de Wollstonecraft. O uso que Austen (e seus personagens) faz de termos politizados é sempre estratégico, restrito a condições particulares, sujeito a ajustes no contexto mais amplo do romance como um todo. No contraste entre Elizabeth como uma “criatura racional” e a imagem da “elegância feminina”, por exemplo, “elegância feminina” é uma expressão do sr. Collins, não dela. Isso sugere uma ignorância arrogante e classista da parte dele, ignorância do que a verdadeira elegância poderia ser, em vez de

uma definição fixa. Alguns capítulos adiante, a voz autoral descreve com aprovação a senhora Gardiner — que certamente é alguém racional — como “elegante” (v. ii, cap. ii). E, mais tarde ainda, ficamos sabendo que Pemberley, representando seu proprietário, tem “mais da verdadeira elegância” do que Rosings (v. iii, cap. i). As duas categorias não são na verdade incompatíveis no esquema pós-revolucionário feito por Austen: o atributo mais convencionalmente feminino, da classe dominante e da elegância pode coexistir com a reivindicação mais contenciosa da racionalidade.

A consequência mais importante da caminhada de Elizabeth até Netherfield é seu efeito sobre Darcy. Como Caroline Bingley reconhece bem demais, a “indiferença para com o decoro” de Elizabeth, sua “impaciência”, faz com que ela se torne ainda mais atraente. Quando Elizabeth chega, Darcy tem muitas dúvidas quanto à prudência daquela caminhada solitária, mas se mostra igualmente impressionado pelo “brilho que o exercício conferira à pele dela” (v. i, cap. vii). A estada de Elizabeth em Netherfield fornece a Darcy muitas oportunidades de experimentar seus atrativos intelectuais e físicos, e a visita é pontuada pelas disputas de teor sexual e pelos vislumbres que a autora dirige à crescente sujeição de Darcy: “Darcy nunca estivera tão enfeitiçado por outra mulher quanto estava por ela”; “Ele começava a sentir o risco de prestar atenção demais em Elizabeth”; “Atraíra-o mais do que ele gostaria” (v. i, caps. x, xi, xii). As reações ambíguas de Darcy apontam para um conflito no qual a individualidade feminina espontânea sobrepuja o que era considerado apropriadamente feminino e o status social. E isso ocorre porque se trata de uma fonte de poder sexual. Enquanto Wollstonecraft instava as mulheres a buscar outros objetivos, Jane Austen reconduz a nova feminilidade aos prazeres mais familiares da ficção romântica. Aqueles momentos privilegiados de acesso aos sentimentos privados de Darcy têm efeito estratégico sobre as expectativas românticas: lendo do ponto de vista de Elizabeth, sentimos prazer com a força dela, plenamente convencida de que o orgulho de Darcy terá de cair diante dos encantos de uma mulher com “independência intelectual”.

No entanto, para que o caso de amor seja satisfeito, essa independência intelectual também terá de ser ajustada: o preconceito de Elizabeth também terá de cair com o orgulho de Darcy. Como uma boa leitora das *Restrições* de More, Elizabeth precisa aprender a “desconfiar do próprio julgamento” e reconhecer o erro de suas primeiras impressões. Depois de ler a carta de Darcy, Elizabeth se castiga impetuosamente por julgar de forma equivocada tanto ele quanto Wickham:

Nem que estivesse apaixonada poderia ter sido tão miseravelmente cega. Mas minha loucura foi a vaidade, não o amor. — Satisfeita com o interesse de um, e ofendida com a indiferença do outro, logo quando nos conhecemos, eu mesma cortejei, conforme o caso, a predisposição e a ignorância, e mandei embora a razão. Só agora me conheço. (v. ii, cap. xiii)

E mais adiante, quando precisa convencer o pai de que Darcy é o homem que a fará feliz, Elizabeth sinceramente deseja que “suas opiniões anteriores tivessem sido mais *razoáveis*, e suas expressões mais *moderadas*” (v. iii, cap. xvii, grifos meus). Aqui Elizabeth se aproxima de um remorso moreano, lamentando a falta de “um freio criterioso e incessante, mas firme e delicado, para seu temperamento e suas paixões”, e a linguagem do doloroso autoconhecimento lembra os romances antirrevolucionários da

educação feminina, que dramatizam os conselhos disciplinares da literatura de conduta. Se fosse heroína de um romance antirrevolucionário padrão, o juízo equivocado que Elizabeth faz dos homens teria se baseado em um interesse romântico tolo, e poderia muito bem vir a causar sua ruína. Mas em *Orgulho e preconceito* é Lydia, não a heroína, que encena o melodrama convencional da paixão equivocada e autocomplacente. Se Elizabeth tem uma paixão, é por sua individualidade, não pelo homem errado. Ela se orgulha de estar acima da costumeira obsessão feminina por homens e casamento — assim como, quando planejam a viagem aos Lagos, ela se diferencia “da maioria dos viajantes” (v. ii, cap. iv). O choque do remorso inclui o reconhecimento de que ela esteve “miseravelmente cega” como a maioria das heroínas, e o castigo por haver cortejado “a predisposição e a ignorância” é se apaixonar como elas. Na verdade, Elizabeth vem a sofrer o que ela a certa altura descreve para Charlotte como “o maior dos infortúnios! Achar simpático um homem que você está decidida a odiar!” (v. i, cap. xviii). A astúcia do enredo romântico de Jane Austen faz com que seja muito difícil ler *Orgulho e preconceito* (*Razão e sensibilidade* e *Mansfield Park* talvez sejam outro caso) como um romance defensor do controle punitivo — ou mesmo da concessão resignada que More articula:

este mundo não é palco para exibição de talentos superficiais ou mesmo iluminados, mas para o sóbrio exercício da fortaleza, da temperança, da submissão, da diligência e do autossacrifício; [...] a vida não é um romance esplendoroso [...] [mas] uma história real, cujas páginas são muitas delas maçantes, obscuras e desinteressantes.¹⁹

Mais do que Elizabeth Bennet, tais expectativas limitadas descrevem a atitude e a experiência de Charlotte Lucas, para quem a vida não se revela um “romance esplendoroso”. De acordo com Charlotte, o casamento é para a mulher “a forma mais agradável de proteção contra a necessidade”, “embora a probabilidade de felicidade fosse incerta” (v. i, cap. xxii). Elizabeth, em contraste, acredita fortemente no casamento como um teste da integridade moral pessoal e na felicidade individual como uma meta legítima, e o idealismo é um de seus traços mais atraentes. Ela fica chocada quando Charlotte sacrifica “seus melhores sentimentos ao conforto mundano” (v. i, cap. xxii); e, contrariando os conselhos de sua irmã mais discreta e convencionalmente passiva, Jane, ela condena a “falta de expediente apropriado” que quase leva Bingley a “sacrificar a própria felicidade” e a de Jane aos caprichos alheios (v. ii, cap. i). A “predisposição e a ignorância” de Elizabeth podem ainda necessitar de algum redirecionamento corretivo, mas seu idealismo e sua prontidão para julgar de modo responsável permanecem intactos. E, quando ela reconhece Darcy como seu verdadeiro objeto de desejo, o enredo nos conta que o idealismo encontra sua satisfação apropriada. A individualidade de Elizabeth — seus “talentos iluminados”, para usar a terminologia de More — é provida de um “palco” apropriado quando ela se casa com Darcy e se torna senhora de todo o “conforto e a elegância do próprio lar em Pemberley” (v. iii, cap. xviii).

Ao contrário de More, portanto, *Orgulho e preconceito* realiza uma conexão muito clara entre uma “independência intelectual” (ligeiramente casta) e a felicidade individual das mulheres. Diferentemente de Wollstonecraft, contudo, o romance entende a “independência intelectual” das mulheres e suas oportunidades de um autoaperfeiçoamento racional como algo inteiramente compatível com o casamento “vantajoso”. Com seus pontos de vista

muito diferentes, tanto More quanto Wollstonecraft condenaram a ficção romântica por desviar as energias das mulheres de objetivos mais apropriados: para More, fantasias românticas afastam as mulheres de seu dever de reserva moral do país; para Wollstonecraft, reduzem as mulheres a “cortejadoras abjetas e escravas afetuosas”. O interesse por romances, ela argumenta, tende a “fazer das mulheres criaturas de sensibilidade”; “relaxa as outras forças mentais”.²⁰ Iniciado ainda na década de 1790, mas terminado no período pós-revolucionário, o romance de Austen assimilou ambas as posições e efetuou avanços. A obra ousa preencher o espaço entre o “romance esplendoroso” e a “história real”. De forma distinta de More, para quem a felicidade era um estado de coerção necessária, ou de Wollstonecraft, para quem ficaria adiada até um futuro revolucionário, a comédia romântica de Austen faz com que a satisfação seja tanto legítima quanto alcançável no presente. Em vez de condenar os prazeres da fantasia, *Orgulho e preconceito* direciona essas energias para um objetivo fantasioso cuidadosamente redefinido: através do ideal da “felicidade racional”, convence as mulheres de seu papel ativo em uma versão revitalizada do “pequeno pelotão” de Burke.

Até aqui, ao explorar *Orgulho e preconceito* como um romance pós-revolucionário, concentrei-me no gênero: Elizabeth como um equivalente da heroína “pós-feminista” do início do século XIX. Pretendo agora considerar o significado social mais amplo, a aliança de classe e os precedentes literários implícitos na união da nova feminilidade de Elizabeth e da família tradicional de Darcy. Apesar da independência intelectual, o casamento de Elizabeth é de certo modo absolutamente convencional — tanto assim que entusiasma a sra. Bennet muito mais do que os matrimônios de Lydia ou de Jane: “O de Jane não é nada perto desse seu — nada mesmo” (v. III, cap. XVII). Como boa filha, Elizabeth se casa com alguém de uma classe superior à sua e garante uma mobilidade ascendente, além de vantagens financeiras, para si mesma e para a família.

Casar com Darcy representa um exemplo particularmente impressionante dessa trajetória feminina padrão rumo à ascensão social. Na verdade, é possível afirmar que Elizabeth repete o sucesso espetacular de Pamela, a empregada que se casa com o patrão no romance epistolar *Pamela ou a virtude recompensada*, de Samuel Richardson, publicado em 1740. Pamela suporta ataques físicos, um rapto e uma tentativa de estupro do sr. B. durante tanto tempo e com tamanha firmeza moral que ele acaba se regenerando, apaixonando-se e fazendo dela sua esposa e senhora de suas propriedades. O livro foi um imenso sucesso. Indústrias se mobilizaram para produzir as tiragens, encenar o espetáculo, a balada e o serviço de chá do romance. E, como esse nível de popularidade revela, a própria figura de Pamela tornou-se uma espécie de mito cultural: a mulher virtuosa que regenera o libertino encarna o impacto dos valores da classe média sobre uma classe dominante corrupta e a possibilidade de acesso social mais amplo à riqueza e ao poder.

Apesar dos sessenta e poucos anos e das óbvias diferenças entre eles, *Pamela* e *Orgulho e preconceito* são parte da mesma tradição ficcional centrada na mulher de classe média. Ao contrário do sr. B., Darcy não é um libertino: a governanta de Pemberley o descreve de forma explícita “não como esses rapazes amalucados de hoje em dia, que só pensam em si mesmos” (v. III, cap. I). Mas, embora Elizabeth talvez não corresse perigo de ataques físicos diretos, a insultante rejeição que Darcy demonstra pela família dela e a interferência na felicidade de Jane são apenas modos mais sutis de violação. Ecoando Pamela, que não tem como “considerar [o sr. B.] um cavalheiro” e não pensa em aceitá-lo como marido devido à sua “brutalidade” sexual,²¹ Elizabeth recusa a primeira proposta de

Darcy com uma ferina crítica de seus modos — de certa forma, de sua própria identidade: “Você está enganado, senhor Darcy, ao supor que o modo da sua confissão me afetou de alguma forma além de me haver poupado da preocupação que eu poderia sentir por rejeitá-lo se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco” (v. ii, cap. xvi). Conforme ficamos sabendo mais tarde, são essas palavras que posteriormente irão “torturar” Darcy (v. iii, cap. xvi) e produzir o novo homem que recebe Elizabeth e os Gardiner em Pemberley. Como o sr. B. de Richardson, que, como todos os “homens de fortuna”, crescera “desacostumados do controle”,²² Darcy confessa ter sido “mimado” pelos pais, que “praticamente me ensinaram a ser egoísta e autoritário” (v. iii, cap. xvi). Assim como em *Pamela*, o desejo faz com que essa educação classista defeituosa abra-se para a possibilidade de correção; o choque da resistência e da crítica por parte da mulher de classe inferior estimula a masculinidade da classe superior à mudança: “Você me ensinou uma lição, dura a princípio, mas das mais proveitosas. Por você, fui merecidamente humilhado” (v. iii, cap. xvi). A lição para Elizabeth em *Orgulho e preconceito* é descobrir que ama o homem cujo orgulho social fez com que ela fosse preconceituosa com ele; a lição para Darcy é ajustar esse “orgulho equivocado” (v. iii, cap. x) e receber em seu “grupo familiar” mais íntimo as “relações baixas” de Elizabeth, os tios da Cheapside que um dia ele achou que “comprometeriam de modo bastante substancial a chance de [as irmãs Bennet] se casarem com homens de algum respeito no mundo” (v. i, cap. viii).

O “grupo familiar” de Elizabeth e Darcy em Pemberley representa o país: como no foco de Burke no “pequeno pelotão”, o grupo mais íntimo, doméstico, é tanto imagem quanto fonte da ordem nacional e da responsabilidade. No último capítulo de *Orgulho e preconceito*, o conjunto dos membros da família de Pemberley é cuidadosamente definido. Inclui Jane e Bingley, é claro, e Georgiana Darcy; o sr. Bennet é visitante regular, e Caroline Bingley, lady Catherine de Bourgh (ao fim e ao cabo) e até mesmo Lydia são eventualmente recebidas; apenas a sra. Bennet, Mary e Wickham permanecem afastados. Mas, “com os Gardiner, tiveram sempre a maior intimidade”, uma vez que haviam sido eles “as pessoas que, ao levá-la para passear em Derbyshire, haviam sido os artífices de sua união” (v. iii, cap. xix). No nível mais íntimo, portanto, essa comunidade ideal efetua uma aliança entre a elite tradicionalmente dominante e uma nova ordem, entre Darcy, membro da aristocracia proprietária da terra, e os Gardiner, figuras importantes em *Orgulho e preconceito* e representantes da crescente classe comercial e profissional cujos “voos da ambição” Wollstonecraft tanto admirava. A aliança é intermediada e garantida por Elizabeth. Em termos de status, ela mesma já é filha de um casamento da aristocracia proprietária, muito menos poderosa e financeiramente insegura, com o comércio; mais importante em termos de valores morais e culturais, seu individualismo feminino invade a definição satisfeita autossuficiente e exclusiva de Darcy quanto ao significado de um “bom berço”. A identidade de classe se torna função tanto das qualidades mentais e morais quanto da riqueza visível ou do nome tradicional. Quando os Gardiner são apresentados pela primeira vez, por exemplo, o senhor Gardiner é descrito como “um homem sensato, cavalheiresco”, e a voz narrativa claramente toma partido contra as “damas de Netherfield”, que “considerariam difícil acreditar que um homem que vivia do comércio, atento aos próprios depósitos, podia ser tão bem-educado e tão simpático” (v. ii, cap. ii, grifo meu).

A relação de Jane Austen com a elite tradicional não é, como se pensa às vezes, simplesmente uma apologia declarada. Seu próprio status social era precário, tanto como

mulher quanto como filha de uma família parcialmente dependente da ajuda de parentes mais ricos. Seus romances são atentos às complexidades e inseguranças dessa posição social, e preocupados com questões de respeitabilidade e responsabilidade; descrevem a constituição em rápida transformação da Inglaterra rural no momento em que as propriedades vinham sendo compradas, alugadas ou fundadas por aqueles que haviam feito dinheiro no comércio (como a família Bingley) e quando, ao mesmo tempo, uma nova classe média profissional à qual os Gardiner pertenciam ganhava ascendência cultural. Suas heroínas são agentes tanto da transformação quanto da consolidação. Operando na esfera privada, doméstica, são muito mais próximas dos novos valores profissionais da autoconfiança, do racionalismo e da integridade do que aquilo que Austen descreve como a superficialidade mercenária da classe que vive de renda. Através de Elizabeth e de Fanny, a forasteira dependente que se torna o centro moral de *Mansfield Park*, e até mesmo através de Emma, que é socialmente segura mas precisa aprender sobre o exercício da responsabilidade apropriada, Austen prescreve a reforma, o ajuste e a renovação de uma classe dominante perigosamente inconsciente de si mesma e portanto vulnerável. Por exemplo, na maravilhosa cena perto do final do romance em que Elizabeth precisa defender seu direito à felicidade contra a interferência de lady Catherine de Bourgh, lady Catherine é um alvo fácil. Ela é uma encarnação muito bem realizada de uma espécie de figura cômica: a caricatura de uma velha ordem, impotente diante da juventude e do desejo e incapaz de se transformar. O apelo que faz aos “ditames do dever, da honra e da gratidão” (v. iii, cap. xiv) tem pouca chance contra a racionalidade, a astúcia e inabalável crença de Elizabeth na autonomia de escolha:

Supondo que ele [Darcy] goste de mim, a minha recusa ao pedido faria com que ele quisesse transferir a afeição para a prima? Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos com que a senhora fundamenta esse pedido extraordinário são tão frívolos quanto o pedido em si é imprudente. (v. iii, cap. xiv)

“Frívolos” é a palavra-chave aqui. Coloca a arenga de lady Catherine sobre as noções burkeanas de honra em par com as ostentações de Rosings, e alinha sua versão inflexível da tradição com o esnobismo superficial de Caroline Bingley. Ao ousar julgar como “frívolos” os argumentos de lady Catherine, Elizabeth aciona um sistema de valores alternativo identificado com qualidades mentais como seriedade, “profundidade” e compromisso em vez da aparência superficial.

A vivacidade mental wollstonecraftiana de Elizabeth, seu costume de rir ironicamente e sua autoconsciência (ainda que imperfeita) podem assim ser identificados em termos culturais bastante precisos. Autoconsciente, racional, cética: Elizabeth é uma figura do Iluminismo integrada com habilidade, através dos mecanismos da comédia romântica, à tradicional hierarquia burkeana que os valores iluministas procuram dismantelar. A vitória de Elizabeth sobre lady Catherine é inevitável, mais do que revolucionária: valores tradicionais naquela forma já não eram o alvo como quando Wollstonecraft atacara Burke. Darcy, por outro lado, é muito menos fácil de suplantar. Ele é capaz de apreciar, de se adaptar e de acomodar as qualidades potencialmente revolucionárias que diferenciam Elizabeth de mulheres como Caroline Bingley — porque elas despertam seu desejo. No

final do romance, Elizabeth e Darcy entregam-se aos conhecidos prazeres dos casais confirmando o amor ao narrar sua origem. Elizabeth, caracteristicamente, fala por Darcy:

O fato é que você estava enjoado de cortesias, de deferências, de amabilidades oficiosas. Estava desiludido com as mulheres que sempre falavam e olhavam, e só pensavam na sua aprovação. Chamei sua atenção, e você se interessou porque eu era muito diferente delas. Se você não fosse de fato amável, teria me odiado por isso; mas, em vez dos esforços que você fez para disfarçar, os seus sentimentos foram sempre nobres e justos; e no seu coração você desprezava profundamente as pessoas que insistiam em cortejá-lo. Pois bem — já o poupei do trabalho de admitir; e, de fato, no final das contas, comecei a achar perfeitamente razoável.

O tom é divertido, carinhoso, irônico. Carrega de libido o sisudo vocabulário moral e político da nobreza, da amabilidade, da justiça, da razão e, ao fazer isso, cria conexões discretas entre histórias privadas e públicas. O retrospecto amoroso de Elizabeth reescreve o esnobismo insuportável de Darcy como mero “disfarce”; a cultura aristocrática se descobre basicamente “amável” afinal.

No capítulo anterior, Elizabeth conta a Jane a história de como seu amor se desenvolveu: “Foi acontecendo de modo tão gradual, mal sei dizer quando começou. Mas creio que a data precisa seja a primeira vez que vi sua bela propriedade em Pemberley” (v. iii, cap. xvii). A partir do momento em que o romance foi publicado, a crítica da *Pamela* de Richardson despertou para a possibilidade de que a “virtude” de Pamela não passava de um mercenário interesse próprio disfarçado de retidão moral. Questionamentos semelhantes foram feitos em relação à motivação de Elizabeth em *Orgulho e preconceito* — geralmente chegando à confortável conclusão de que ela é isenta de mácula de qualquer interesse ignóbil na riqueza de Darcy. Mas o romance é menos complacente do que alguns críticos: a narrativa irônica de Elizabeth sobre o processo de sua paixão é adequadamente autoconsciente quanto à impossibilidade de se distinguir com facilidade entre motivos desinteressados e a atração das vantagens materiais. Uma mistura de moralidade, prazer estético e poder social está no cerne da ficção da mobilidade social ascendente centrada na figura feminina: heroínas da classe média ou baixa (e suas leitoras) são seduzidas justamente pela perspectiva de “reformular”, e portanto participar do atraente poder do homem da classe superior. Em *Orgulho e preconceito*, a sedução é intelectual e estética, mais do que física, mas isso apenas torna tudo ainda mais efetivo. Quando Elizabeth vê Pemberley, o que a impressiona é a extensão da influência de Darcy:

Como irmão, como proprietário, como patrão, ela notava que a felicidade de muitas pessoas estava sob a guarda dele! — Quanto prazer e quanta dor estavam em seu poder propiciar! — Quanto bem e quanto mal ele poderia causar! [...] pensou em seu interesse por ela com um sentimento de gratidão mais profundo do que nunca; recordou seu ardor, e relevou sua expressão inadequada. (v. iii, cap. i)

O julgamento racional de Elizabeth é modificado pela perspectiva do poder efetivo; ela é seduzida a abandonar sua indignação de classe pelo pensamento de que, com o

casamento, seria possível para ela partilhar daquela posição de influência sobre a felicidade dos outros. O enredo do romance imediatamente a recompensa com o próprio Darcy, e ela fica “espantada com a diferença dos modos dele desde a última vez que se viram” (v. iii, cap. i). No nível pessoal, o confronto dá lugar ao compromisso que tornará possível a satisfação romântica. No nível público, por implicação, o antagonismo de classe se assenta em um consenso mutuamente benéfico.

A efetividade desse consenso é demonstrada quando Darcy, trabalhando em parceria com o senhor Gardiner, salva Lydia das piores consequências sociais de sua ligação com Wickham. Quando a senhora Gardiner conta a Elizabeth, o “orgulho equivocado” de Darcy primeiro levou-o a pensar que era “indigno de si” compartilhar o conhecimento do caráter e da atitude de Wickham (v. iii, cap. x). Adotando uma forma de agir mais aberta e dando aos outros acesso a esse conhecimento, Darcy é fundamental no resgate de Lydia — e de Wickham — para uma espécie de respeitabilidade. Wickham, vestígio da antiga figura do libertino, é desmoralizado quando a nova aliança entre a riqueza e influência de Darcy e a perícia profissional do senhor Gardiner vem garantir a moralidade e a ordem públicas.

Ao final do romance, então, Darcy foi convertido em uma figura de cômica reconciliação. Lady Catherine, representante da geração mais velha da aristocracia, teria frustrado a satisfação romântica de que depende a comédia. Darcy, o novo homem aristocrático, usa seu poder e seu conhecimento para restabelecer a harmonia social, uma harmonia simbolizada — como ao final da comédia shakespeariana — por múltiplos casamentos: Lydia e Wickham, Jane e Bingley, e o mais importante, é claro, o dele com Elizabeth. Ao fazê-lo, lembra outro herói de Samuel Richardson: não o perigosamente predatório sr. B., mas o protagonista de sua última obra, *Sir Charles Grandison* (1753-4), um romance que Austen admirava muito. Sir Charles é um modelo da nova sensibilidade masculina que gasta muito dinheiro e empenho moral tentando convencer outros personagens a se casar, para admiração irrestrita de todos à sua volta. Mas Austen, herdeira também de uma tradição de mulheres autoras, modifica significativamente o original richardsoniano. Sir Charles age por uma virtude masculina desinteressada e inatacável que lhe confere um caráter tedioso. Darcy age por amor a Elizabeth. “Seu coração suspirou ao cogitar que o fizera por ela”, e seus instintos são triunfantemente confirmados quando Darcy confessa que sua principal motivação ao salvar Lydia fora “o desejo de fazê-la feliz” (v. iii, cap. x, xvi). O amor romântico faz da felicidade individual a motivação e a meta da transformação moral e social. Como resultado da influência de Elizabeth, e na esperança de agradá-la, Darcy repensa seu orgulho, abre-se a novas alianças sociais e age de modo a garantir a respeitabilidade de Lydia. A recompensa para ele, quando Elizabeth aceita sua segunda proposta, é “a felicidade [...] como ele provavelmente jamais sentira antes” (v. iii, cap. xvi).

De modo que o poder de motivar e recompensar a transformação, tanto pessoal como social, está com a mulher. Como na *Pamela* de Richardson e no romance popular padrão, o herói aparece enfim apaixonado, e portanto digno de ser amado; através do desejo pela heroína, ele é transformado de figura agressiva e potencialmente ameaçadora em aliado e marido. A “independência intelectual” wollstonecraftiana de Elizabeth torna-a desejável para Darcy e traz a Pemberley o riso, a “naturalidade e a vivacidade”. A fórmula desse enredo parece dar às mulheres, e aos valores que elas representam, bastante poder e responsabilidade. Mas uma espécie de poder cuidadosamente limitado. A ordem social foi modificada, não radicalmente alterada. A realização pós-revolucionária de Jane Austen em *Orgulho e preconceito* é colocar a feminilidade revolucionária de Wollstonecraft a serviço do “grupo familiar” burkeano, escrevendo o que é ainda uma das mais perfeitas,

prazerosas e sutis — e portanto, talvez, mais perigosamente persuasivas — histórias de amor romântico.

referências bibliográficas

- burke, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora UnB, 1997.
- le faye, Deirdre (org.). *Jane Austen's letters*. 3ª ed. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.
- more, Hannah. *Strictures on the modern system of female education* (1799). In: *The works of Hannah More*, v. vii e viii. Londres, 1818.
- richardson, Samuel. *Pamela or Virtue rewarded* (1740). Harmondsworth: Penguin, 1997.
- southam, B. C. (org.). *Jane Austen: The critical heritage*. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1975.
- steiner, George. *After Babel: Aspects of language and translation*. Londres, Oxford: Oxford University Press, 1975.
- wollstonecraft, Mary. *Maria* (1798). In: Mary Wollstonecraft, *Mary and Maria*; Mary Shelley, *Matilda*. Harmondsworth: Penguin, 1996.
- _____. *Vindication of the rights of woman* (1792). Harmondsworth: Penguin, 1996.

notas

- 1 *Letters*, p. 203.
- 2 *Ibid.*, p. 201.
- 3 Southam, p. 46.
- 4 Steiner, p. 9.
- 5 *Letters*, p. 275.
- 6 Burke, pp. 170, 315, 135.
- 7 *Vindication*, p. 152.
- 8 *Ibid.*, pp. 150-1.
- 9 *Ibid.*, p. 151.
- 10 *Ibid.*, p. 81.
- 11 *Letters*, p. 202.
- 12 More, v. viii, p. 24.
- 13 *Ibid.*, v. vii, p. 4.
- 14 *Vindication*, p. 192.
- 15 More, v. vii, p. 6.
- 16 *Vindication*, p. 192.
- 17 More, v. vii, pp. 181, 183-4.
- 18 *Maria*, p. 114.
- 19 More, v. vii, pp. 195-6.
- 20 *Vindication*, pp. 224, 152.
- 21 Richardson, p. 78.
- 22 *Ibid.*, p. 463.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução e no prefácio. (n. e.)

Introdução*

tony tanner

Por que você gosta tanto da srta. Austen? Fiquei intrigada quanto a isso... Não tinha ouvido falar de *Orgulho e preconceito* até ler aquela sua frase, e então apanhei-o para ler. E o que achei do livro? Um daguerreótipo muito preciso de um rosto comum; um jardim cuidadosamente cercado, muito bem cultivado, com um canteiro de remates bem-feitos e flores delicadas; mas nenhum vislumbre de brilho, nenhuma fisionomia vívida, nenhum campo aberto, sem ar fresco, sem colinas azuis ou córregos de seixos. Dificilmente eu gostaria de conviver com as damas e cavalheiros dela, em suas casas elegantes mas opressivas.

Assim Charlotte Brontë expressou seu descontentamento com um dos romances ingleses mais populares de todos os tempos, em uma carta para G. H. Lewes escrita em 1848. Voltarei aos termos de sua crítica e ao significado de suas conotações mais adiante, mas a direção de sua reação negativa nos impulsiona a reconsiderar os motivos do apelo duradouro do romance e a relevância, caso haja alguma, que ainda pode ter para pessoas que vivem em condições sociais tão distintas. Nesta introdução, pretendo sugerir várias abordagens ao romance, que podem ajudar a esclarecer sua realização em termos de época e também sugerir por que essa realização poderia se tornar algo de mau gosto para uma romântica como Charlotte Brontë. Espero também que, mostrando modos distintos de observar o romance, sua relevância permanente para todos nós possa se tornar mais compreensível de imediato.

É de fato possível estabelecer a relevância de *Orgulho e preconceito* para a sociedade da época em questão, pois durante a década em que Napoleão estava efetivamente envolvendo, senão transformando, a Europa, Jane Austen compôs um romance no qual os acontecimentos mais importantes eram a mudança nos modos de um homem e na cabeça de uma jovem dama. Aparecem soldados, mas de forma secundária, no papel de oferecer distração às meninas, o que em um dos casos resulta em uma fuga. A impressão geral dada pelo livro é a de um pequeno setor da sociedade fechado no presente quase eterno em que muito pouco irá ou poderá se transformar. Na maior parte do tempo, as pessoas são fixas e repetitivas como as rotinas e os rituais sociais estabelecidos que dominam suas vidas. O dinheiro é um problema potencial (nunca concreto), e o processo da corte tem seus próprios dramas pessoais; mas tudo tende à direção da obtenção de casamentos satisfatórios — que é exatamente como tal sociedade garante sua própria continuidade e minimiza a possibilidade de qualquer coisa que se aproxime da transformação violenta. Naquele mundo, uma mudança de ideia — um ato através do qual a consciência demonstra alguma independência dos padrões de pensamento que predeterminavam a visão das coisas — pode de fato vir a parecer um acontecimento bastante importante, uma modificação interna equiparada no romance a uma modificação externa no comportamento de um indivíduo. Coloquemos da seguinte forma. Nas duas primeiras partes do livro, o sr. Darcy e Elizabeth acreditam tomar parte de uma ação que, se transformada em ficção, deveria se chamar *Dignidade e percepção*. Ainda precisam aprender que o romance tem um nome mais apropriado, *Orgulho e preconceito*. Pois o livro de Jane Austen é, de modo ainda mais importante, sobre prejulgamentos e rejugamentos. É um drama de reconhecimento — re-conhecimento, o ato através do qual a mente pode tornar a olhar para uma coisa e, se necessário, fazer revisões e alterações até vê-la como realmente é. Nesse sentido, relaciona-se tematicamente com os dramas de reconhecimento que constituem a grande tradição da tragédia ocidental — *Édipo rei*, *Rei Lear*, *Fedra* —, se bem que o drama agora é transposto para o modo cômico, como é mais

adequado em um livro que não trata da finalidade da morte individual, mas do andamento da vida social.

Não estou me esquecendo aqui do imenso encanto de Elizabeth Bennet, que tem muito a ver com o apelo do livro. Jane Austen escreveu em uma carta:

Devo confessar que acho Elizabeth uma criatura encantadora como jamais apareceu em letras impressas, e não sei como farei para suportar aqueles que nem ao menos gostarem dela...

E de fato sua combinação de energia e inteligência, sua resistência alegre em uma sociedade tendendo à conformidade sombria, teriam feito dela uma heroína digna de um romance de Stendhal, o que não pode ser dito de muitas heroínas inglesas. Mas neste ponto quero sugerir que uma parte importante do livro é a forma de abordar, na verdade de dramatizar, alguns aspectos do problema do conhecimento como um todo. Filósofos do século xviii trataram, evidentemente, daquilo que Locke chamou de “faculdades do discernimento de um homem” com rigor analítico incomum, considerando não apenas a questão sobre o que sabemos, mas o tema mais reflexivo de como sabemos o que sabemos e os limites impostos ao conhecimento pelo próprio processo e pelos instrumentos da cognição. John Locke afirma no início de seu *Ensaio sobre o entendimento humano* que:

Vale a pena buscar as ligações entre opinião e conhecimento; e examinar em que medida, em coisas sobre as quais não temos nenhum conhecimento exato, devemos regular nosso consentimento e moderar nossa persuasão.

E ele acrescenta, com um alerta que é importante para entender boa parte da literatura do século xviii: “Nossa empreitada aqui não é conhecer todas as coisas, mas aquelas que dizem respeito à nossa

conduta”. Locke mostrou como, graças aos “hábitos estabelecidos”, muitas vezes “consideramos percepção da nossa sensação o que é uma ideia formada por nosso julgamento”. Isso resume de modo bastante preciso as primeiras reações de Elizabeth diante de Darcy. Ela identifica suas percepções sensoriais como julgamentos, ou trata impressões como intuições. Em sua violenta condenação de Darcy e no crédito instantâneo que dá a Wickham, por mais que o primeiro seja compreensivo e o segundo, desculpável, Elizabeth é culpada de “Assentimento errôneo, ou erro”, como Locke intitula um de seus capítulos. Neste, ele aponta algumas das causas para que o homem caia em erro, e elas incluem “Hipóteses recebidas”, “Paixões ou inclinações predominantes” e “Autoridade”. Essas são as forças e influências com as quais cada consciência individual deve lutar no intuito de levar a batalha do indivíduo até a verdadeira visão, como faz a consciência de Elizabeth; e o fato de que grupos e sociedades inteiras podem viver sob o jugo do “Assentimento errôneo, ou erro”, muitas vezes com resultados intoleravelmente injustos e cruéis, apenas ajuda a garantir a continuada relevância deste conto feliz de uma moça que aprendeu a mudar de ideia.

O título original que Jane Austen escolheu para a obra que viria depois a se chamar *Orgulho e preconceito* foi *Primeiras impressões*, e creio que isso oferece uma pista importante para uma preocupação central da versão final. Não podemos saber quanto essas “primeiras impressões” apareciam na versão original, pois esta se perdeu. Já houve, é desnecessário dizer, uma porção de trabalhos acadêmicos sobre a suposta evolução do romance, e aqui quero citar *Jane Austen’s literary manuscripts*, de Brian Southam, já que sua pesquisa nesse campo é muito mais avançada que a minha. Ele sugere que o livro pode haver surgido como mais uma das primeiras peças burlescas de Jane Austen, embora acrescente que pouco tenha restado da forma final para comprovar tal origem.

O objetivo do burlesco está sugerido pelo título, pois a expressão “primeiras impressões” vem diretamente da terminologia da

literatura sentimental, e Jane Austen seguramente a encontrou em sir Charles Grandison, onde aparece com conotação definida sumariamente. Ela teria encontrado uso mais recente em *The mysteries of Udolpho* (1794), no qual se diz que a heroína, após resistir às “primeiras impressões”, viria a “adquirir aquela dignidade constante da mente, que sozinha é capaz de equilibrar as paixões”. Aqui, como é comum na ficção popular, “primeiras impressões” exhibe a força e a verdade das reações imediatas e intuitivas do coração, e do amor à primeira vista. Jane Austen já havia atacado esse conceito da sensibilidade em “Love” e “Friendship”, e em *Razão e sensibilidade* este é um traço profundamente arraigado do temperamento de Marianne [...]. Existe um impressionante retorno desse conceito em *Orgulho e preconceito*, ainda que em circunstâncias nada sentimentais.

Ele se refere às “primeiras impressões” de Elizabeth sobre a casa de Darcy, Pemberley, que são confirmadas e validadas pelo livro. Ela também está certa, podemos acrescentar, em suas primeiras impressões de figuras como o sr. Collins e lady Catherine de Bourgh. Mas está errada nas primeiras impressões de Wickham, e suas primeiras impressões de Darcy, ainda que em grande medida garantidas pela evidência de sua mudança de tom e de comportamento, são uma base inadequada para o julgamento rígido que ela então erige sobre eles.¹

O sr. Southam sugere que “o título original pode ter sido descartado após a publicação de um livro chamado *Primeiras impressões*, da sra. Holford, em 1801”, e repete a observação original de R. W. Chapman de que o novo título quase certamente veio das páginas finais de *Cecilia*, de Fanny Burney. Esse livro também trata de um rapaz muito orgulhoso, Mortimer Delville, que não consegue abrir mão de seu sobrenome de família, condição perversa pela qual Cecilia poderá vir a herdar uma fortuna do tio. A relação entre esse livro e o romance de Jane Austen também já foi abordada por outros críticos e aqui bastará citar o discurso do sábio dr. Lyster perto do final do livro:

“Todo esse caso infeliz”, disse o dr. Lyster, “foi resultado de orgulho e preconceito. Seu tio, o deão, começou tudo com o testamento arbitrário, como se uma ordem dele pudesse deter o curso da natureza! [...] Seu pai, o sr. Mortimer, continuou com a mesma parcialidade, preferindo a maldita gratificação do metal sonante, aos seus ouvidos o som favorito, à sólida felicidade do filho com uma esposa rica e merecedora. E, no entanto, lembre-se do seguinte: se você é infeliz por conta de orgulho e preconceito, o bem e o mal ficam maravilhosamente equilibrados, pois só orgulho e preconceito também hão de acabar com sua infelicidade.”

Mas, ainda que concorde que a expressão “primeiras impressões” possa ser mais do que um leve golpe nas convenções do romance sentimental, quero sugerir ainda outra possível implicação do título original de Jane Austen. Sem inferir em momento algum que ela lesse tanta filosofia contemporânea quanto ficção (embora em uma mulher tão inteligente isso fosse praticamente impossível), creio ser digno de nota que “impressões” é uma das palavras-chave da filosofia de David Hume, aquela à qual ele concede a proeminência como fonte de nosso conhecimento. Assim vem no início do *Tratado da natureza humana*:

Todas as percepções da mente humana dividem-se em dois tipos distintos, que chamarei de impressões e ideias. A diferença entre elas consiste nos graus de força e vivacidade com que atingem a mente e abrem caminho para nosso pensamento ou consciência. Podemos denominar essas percepções que entram com mais força e violência de impressões; e sob essa rubrica compreendo todas as nossas sensações, paixões e emoções, que fazem sua primeira aparição na alma. Por ideias, quero dizer a imagem difusa daquelas no pensamento e no raciocínio [...]. Existe outra divisão em nossa percepção, que será conveniente observar, que se estende tanto

sobre nossas impressões como sobre nossas ideias. É a divisão entre simples e complexas [...]. Observo que muitas de nossas ideias complexas nunca tiveram impressões correspondentes a elas, e que muitas de nossas impressões complexas nunca foram exatamente copiadas em ideias. Posso imaginar uma cidade como uma Nova Jerusalém, cujas ruas são de ouro e os muros, de rubis, ainda que nunca tenha visto uma. Vi Paris, mas posso afirmar que consigo formar uma ideia daquela cidade que a represente perfeitamente em todas as suas ruas e casas na real e justa proporção?

Elizabeth tem uma mente inquieta — sua vivacidade é de fato uma das qualidades que fazem com que conquiste Darcy — e suas impressões são relativamente vívidas, pois a qualidade da consciência que registra afeta a intensidade da impressão registrada. De modo similar, ela é capaz tanto de impressões quanto de ideias complexas — mais adiante voltarei a isso. O problema dela, nos termos de Hume, é que suas ideias complexas nem sempre são firmemente baseadas em impressões complexas obtidas das cenas diante de si. Aqui notamos a desconfiança que o século xviii tinha da imaginação, e que Jane Austen parcialmente subscreve, uma vez que era possível fazer acreditar em ideias sem base em impressões — ou confundir Nova Jerusalém e Paris. (Rebelando-se contra a filosofia e a psicologia do século xviii, Blake afirmaria a primazia da faculdade de divisar Nova Jerusalém e elevá-la até a mera percepção de Paris.)

Se desejamos entender nossas ideias, diz Hume, precisamos voltar às nossas impressões:

Por meio de que invento podemos lançar luz sobre essas ideias e torná-las precisas e determinadas aos olhos do nosso intelecto? Gerando impressões ou sentimentos originais, dos quais as ideias são copiadas.

Isso está na *Investigação acerca do entendimento humano*. Na *Investigação sobre os princípios da moral*, ele também reforça que:

Não se pode confiar irrestritamente nos sentidos; mas precisamos corrigir-lhes as evidências com a razão e, por considerações derivadas da natureza do meio, a distância do objeto e a disposição do órgão, para torná-los, dentro de sua esfera, critérios apropriados da verdade e da falsidade.

E “um falso contentamento pode frequentemente ser corrigido pela discussão e pela reflexão”. Impressões geram inclinações, e tais inclinações podem então vir a ser consideradas pela razão. Mas:

A razão, sendo fria e distanciada, não é motivo da ação, e apenas direciona o impulso recebido do apetite ou da inclinação, mostrando-nos os meios de atingir a felicidade ou evitar a angústia.

Mais uma citação:

Em cada situação ou incidente, há muitas circunstâncias particulares e aparentemente minuciosas que o homem de maior talento é, a princípio, apto a relevar, ainda que delas dependa inteiramente a justeza de suas conclusões e conseqüentemente a prudência de sua conduta [...]. A verdade é que um juiz inexperiente não pode ser juiz, caso seja absolutamente inexperiente.

Sem experiência, não há razão; sem impressões, não há experiência. Isso sugere a peculiar importância das “primeiras impressões”, porque, embora precisem de posterior correção, amplificação, complementação etc., constituem o início da experiência. Todas as citações de Hume acima parecem se aplicar apropriadamente a *Orgulho e preconceito*, e não creio que isso

precise ser explicitado. Pois Jane Austen, assim como Hume, mulher e homem, precisavam ser ambos experimentadores e juízes racionais: o primeiro sem o segundo tende ao erro; o último sem o primeiro é inútil senão impossível (como exemplificado pelos comentários sentenciosos de Mary Bennet: ela é inteiramente “fria e distanciada” da razão, e assim está longe de ser uma juíza racional). Tanto a experiência como a razão dependem das impressões, e as primeiras impressões assim se tornam os primeiros passos da vida humana em sua plenitude. Reforçar isso pode tornar o material adequado ao burlesco, embora como proposição geral não o seja intrinsecamente.

Acrescentar a essa proposição o lembrete de que as primeiras impressões, e em verdade toda impressão, podem vir a precisar de revisões subsequentes é apenas dizer que a vida humana em sua plenitude é um caso complexo, e Jane Austen nos faz bastante cientes dessa complexidade. Desde a problemática ironia da afirmativa da abertura — “É uma verdade universalmente reconhecida” — há constantes lembretes da mutabilidade daquilo que as pessoas chamam de “verdade”; pois o que é universalmente reconhecido pode mudar não apenas de sociedade em sociedade, mas de pessoa para pessoa, e a bem dizer dentro da mesma pessoa ao longo de um período de tempo. Há no livro todo um vocabulário associado ao processo de decisões, opiniões, convicções, reforçando ou sugerindo como são variáveis e instáveis as ideias, os julgamentos, os relatos e as versões de situações e pessoas. Depois de ver Darcy ao longo de uma noite inteira: “Definiram, assim, seu caráter. Ele era o homem mais orgulhoso e antipático do mundo”; Elizabeth perguntou a Wickham sobre lady Catherine e “admitiu que ele fizera um relato bastante racional do caso”; ela acredita ainda no relato que ele faz do modo como foi tratado por Darcy, e cabe a Jane sugerir que “alguém envolvido no caso possa ter intrigado um contra o outro”. Jane, contudo, tem sua própria miopia, pois em seu desejo de pensar bem de todo mundo enxerga simpatia no modo como é tratada pela srta. Bingley, enquanto Elizabeth vê a presunção da outra de forma mais exata. No entanto, Elizabeth é confiante demais, como quando afirma para sua

irmã hesitante: “Você me desculpe; — sabemos muito bem o que pensar”. Ela está “decidida” contra Darcy e durante algum tempo se compraz com Wickham, de quem, por determinado período, “todos gostavam”. Ela pergunta a Darcy se ele nunca se deixa “cegar pelo preconceito”, sem pensar que naquele exato momento ela mesma pode ser culpada de prejudicar a partir de uma classificação resultante de tal visão. Opiniões mudam constantemente conforme o comportamento das pessoas aparecem sob luzes diferentes. Elizabeth elabora uma “representação” de uma pessoa ou situação de certa maneira, enquanto Jane se prende à sua própria “ideia” das coisas. Será Jane quem, quando Darcy é condenado por todos como “o pior dos homens”, “recorria à tolerância e aventava a possibilidade de enganos”. Evidentemente não muito depois disso, a opinião de todos se vira contra Wickham. “Todo mundo declarou que se tratava do rapaz mais pervertido do mundo”, assim como a opinião de todo mundo rapidamente se reverteu a favor da família Bennet. “Os Bennet foram *rapidamente declarados* a família mais afortunada do mundo, embora poucas semanas antes, quando Lydia ainda era uma fugitiva, fossem *considerados por todos comprovadamente* fadados à desgraça” (grifos meus). A falibilidade de nossas “provas” e a precipitação de inúmeras de nossas “declarações” ficam amplamente demonstradas nesse romance. A “interpretação aflita” que se faz necessária nos acontecimentos sociais é examinada, e o “interesse” que subjaz a essa ou aquela leitura das coisas é aludido. Quando a sra. Gardiner “*lembrou-se de já ter ouvido falar* que o senhor Fitzwilliam Darcy *fora* um menino muito orgulhoso e mal-humorado”, ela toma isso, por algum tempo, como fato certo (grifos meus).

É evidentemente Elizabeth quem acaba desejando “que suas opiniões anteriores tivessem sido mais razoáveis, e suas expressões mais moderadas”. Em oposição a Jane, que ela chama de “tão honestamente cega”, Elizabeth tem mais “rapidez de observação”. Mas no caso de Darcy sua observação se prova precipitada demais. Não que possamos ou desejemos dizer que ela esteja errada em suas “primeiras impressões” de Darcy, por seus modos orgulhosos e paternalistas, e, em sua famosa proposta, insultante e indigna de um cavalheiro — como Elizabeth apropriadamente diz para nosso

enorme deleite. Mas ela tinha formado uma “ideia” fixa de Darcy como um todo com dados insuficientes, e ao acreditar na versão que Wickham faz dele — pura fabricação verbal — confia demais em evidências não confirmadas e, como se descobrirá, completamente falsas. (A capacidade linguística de fazer o preto parecer branco — e vice-versa — era uma verdade crucial da qual Jane Austen tinha plena consciência. Em uma sociedade que confiava tanto em conversas, esse é um perigo constante. Mas não é um perigo restrito a uma cultura altamente verbal. É, por exemplo, o erro fundamental de rei Lear ao acreditar na inflamada retórica amorosa de Goneril e Regana, e não reconhecer a coisa em si incorporada sem palavras em Cordélia. O erro de Elizabeth não é, obviamente, da mesma ordem, mas é da mesma espécie.)

No entanto, é importante observar que seu esclarecimento (*éclaircissement*) também acontece primeiramente através da linguagem — na forma da carta de Darcy. As passagens que descrevem a mudança de reação dela à carta estão entre as mais importantes do livro. Na verdade ela tem de escolher entre duas versões opostas e mutuamente excludentes — a de Wickham e a de Darcy. “De ambos os lados, eram meras assertivas.” Elizabeth a princípio havia sido cativada pelo aspecto físico que tornava plausível a versão de Wickham, mas aos poucos vai acreditando mais no modo de escrever confiável de Darcy — nesse ponto ela discrimina entre estilos. (Veja que Elizabeth imediatamente julga o sr. Collins insensato a partir do estilo pomposo de sua carta — neste caso, as primeiras impressões serão validadas.) Ela se dá conta de que “o caso era passível de sofrer uma guinada que [...] inocentaria [Darcy] por completo ao fim e ao cabo”. *O caso era passível de sofrer uma guinada* — eis essencialmente o problema que sempre confronta a consciência humana interpretativa que pode ora deixar as coisas de um modo, ora de outro, conforme ela age, séria ou jocosamente, com as versões variantes da realidade que é capaz de fazer proliferar: um mundo concreto — e suas diversas imagens mentais parciais. Mas, se esse é o problema da consciência, pode sempre ser também sua salvação, pois permite que uma pessoa mude sua versão ou interpretação das coisas. Até que ponto vai a tenacidade

de um homem em ater-se a uma versão fixa, e como essa tenacidade pode ser desastrosa quando se trata de uma versão fixa equivocada, é na verdade o tema de *Rei Lear*. Elizabeth pensa por algum tempo que sua versão equivocada lhe custou um par perfeito e uma casa grande, coisas cruciais para uma moça daquela sociedade.

Começava a compreender que ele era exatamente o homem, em termos de disposição e talentos, que mais lhe convinha. [...] Tratava-se de uma união que teria sido vantajosa para ambos [...]. Mas nenhum casamento feliz poderia agora ensinar à multidão admirada o que era a verdadeira felicidade conjugal.

Mas é claro que ela não terá de passar pela atribulação de Lear. Com uma leitura inteligente e justa da carta de Darcy, Elizabeth não só muda de ideia sobre ele: atinge um momento de intensa conscientização de si mesma.

Como tudo o que dizia respeito a ele então lhe pareceu diferente! [...] Sentiu-se absolutamente envergonhada de si mesma. — Não conseguia pensar mais em Darcy ou em Wickham sem se sentir cega, tendenciosa, preconceituosa, absurda. “Como pude ser tão desprezível!”, ela exclamou. “— Justo eu, que sempre me orgulhei do meu discernimento! [...] Só agora me conheço.”

Isso pode parecer um tanto excessivo — é parte do aperfeiçoamento de Darcy que ele reconheça a justiça de boa parte do que ela dissera sobre suas atitudes e seus modos. O importante é que, ao perceber o próprio orgulho e o próprio preconceito — note que ela usa as duas palavras referindo-se a si mesma —, Elizabeth pode agora começar a se livrar de ambos. Esse ato de reconhecimento é um dos momentos mais importantes da evolução da consciência. Muito de nossa literatura e de nossa experiência

sugere que a pessoa que nunca chega ao ponto de dizer “Só agora me conheço” ficará para sempre impedida de qualquer autoconhecimento — o efeito possível disso sobre a visão e a conduta dele não precisa ser aqui declarado. Se não conhecemos nem a nós mesmos, não conheceremos o mundo.

Não é surpresa que, após vagar sozinha por duas horas “deixando-se levar por todo tipo de pensamentos; reconsiderando os acontecimentos, apurando probabilidades”, como faz Elizabeth depois de receber a carta de Darcy, ela sinta “fadiga”. Pois de fato vinha passando por uma provação e um esforço crítico de rearranjar sua mobília mental. Como um dia escreveu F. Scott Fitzgerald: “Sentia-me impelido a pensar. Deus, se foi difícil! Grandes baús secretos em movimento”. O fato de que existem gastos internos de energia que são tão exaustivos quanto qualquer ímpeto de ação externa é uma verdade que Jane Austen, com sua posição restrita em uma sociedade bastante imóvel, soube apreciar de modo peculiar. A provação particular de Elizabeth é de fato bastante antiga, pois ela enfrentava pela primeira vez as discrepâncias problemáticas entre aparência e realidade, e os limites insuspeitados da cognição. É um tema tão antigo quanto *Édipo Rei* e, ainda que se trate apenas de reconhecer que um libertino é um libertino e um cavalheiro é um cavalheiro, na sociedade de Elizabeth, assim como na Grécia antiga, esses atos de reconhecimento são decisivos na obtenção da felicidade ou da desgraça.

A necessidade constante de estar alerta para a diferença entre aparência e realidade fica clara desde o início. Comparado com Bingley e Darcy, o sr. Hurst é “um discreto cavalheiro”. Como o sr. Hurst está sempre jogando cartas ou dormindo, dificilmente seria um personagem problemático. Wickham, evidentemente, é diferente. “Sua aparência contava muito a seu favor” e ele “conversava de modo muito simpático”. Era “muito superior a todos” os oficiais de seu regimento “em modos, no semblante, na aparência e no andar”. Não era do feitio de Elizabeth “questionar a veracidade de um rapaz de tão boa aparência como Wickham”. Ele “sempre seria para ela o modelo do agradável e amável”. Só depois de ler a carta de Darcy ela começa a mudar esse modelo. Como as palavras citadas acima

deixam claro (nenhuma delas com conotação ética pronunciada), Elizabeth havia portanto reagido aos modos de Wickham, ou àquela parte de seu ser que é visível nos acontecimentos sociais. Depois da carta, ela pensa melhor.

Quanto a seu verdadeiro caráter, se existia alguma informação a que ela poderia ter tido acesso, jamais sentira o desejo de investigar. Para ela, o semblante, a voz e os modos dele haviam-no estabelecido de uma vez na posse de todas as virtudes. Ela tentou se lembrar de algum exemplo de bondade, algum traço distinto de integridade ou benevolência da parte dele [...] mas não conseguia se lembrar de nenhum bem substancial senão a aprovação geral da vizinhança.

Elizabeth agora começa a pensar em “substância” como algo distinto de “aparência”, e a partir desse ponto o caráter de Darcy continuará crescendo em sua estima, ao passo que o de Wickham cai, a ponto de comentar com Jane: “Certamente houve muitas falhas na educação desses dois rapazes. Um ficou com toda a bondade, e o outro, com toda a aparência de bondade”. A pobre Jane, relutante em acreditar na existência da dubiedade e da intenção maliciosa das pessoas, gostaria de acreditar na bondade dos dois rapazes, mas Elizabeth com sua mente mais rigorosa afirma que “existe um certo mérito nos dois; mas só o bastante para perfazer um único homem bom; e ultimamente isso vem mudando bastante. Da minha parte, tendo a crer que o mérito cabe inteiramente ao senhor Darcy”. Mesmo aqui, como se vê, o senso de humor de Elizabeth não a abandonou; e é o que lhe permite desconcertar Wickham com uma ironia simpática. Quando ela volta de Rosings, ele pergunta se o “estilo habitual” de Darcy havia melhorado, acrescentando: “‘Pois eu não tenho esperanças’, continuou ele em tom mais grave e mais sério, ‘de que ele tenha melhorado em essência’”. Elizabeth, então já convencida da bondade essencial de Darcy, pôde assim responder implicitamente: “‘Oh! Não!’, disse Elizabeth. ‘Na essência, acredito,

ele continua o mesmo de sempre”. Wickham faz uma rápida e agitada retirada, acrescentando com débil insolência: “fico feliz de verdade em saber que ele foi sábio o bastante para ao menos adotar a aparência condizente com o que é certo”. A palavra volta mais adiante no mesmo capítulo, como que reforçando que agora Elizabeth despertou completamente para as possíveis disparidades entre aparência e substância.

O que constitui o “verdadeiro caráter” de uma pessoa é uma das preocupações do livro; a expressão ocorre mais de uma vez, geralmente associada à ideia de que é algo a ser “exposto” (e assim, pelo mesmo motivo, oculto). Em particular, Darcy escreve em suas cartas que o que Elizabeth pudesse sentir por Wickham “não me impedirá de revelar seu verdadeiro caráter”, e mais adiante na carta ele conta a tentativa de Wickham de seduzir Georgiana, “circunstância [...] que só mesmo uma obrigação como esta agora me levaria a revelar a qualquer pessoa”. As últimas palavras de Cordélia antes de ser banida são as seguintes:

Time shall unfold what plighted cunning hides/ Who covers faults, at last shame them derides.^{**}

“Revelar” uma realidade oculta é substituir a mera aparência pela substância. O fato de que a realidade pode ser dobrada e escondida — pois somos de tal forma que nos vemos obrigados a elaborar a partir das primeiras impressões, podendo estas ser cinicamente manipuladas — significa que é muito importante tomar cuidado com o que consideramos uma evidência convincente. É o erro tanto de Lear quanto de Otelo exigir o tipo errado de evidência, tornando-se assim vulneráveis aos que desejam fabricar um conjunto de falsas aparências. Mas na tragédia shakespeariana, e também em *Orgulho e preconceito*, o “verdadeiro caráter” tanto da boa pessoa quanto da má — de Cordélia e Iago, de Darcy e Wickham — é “desdobrado” ou revelado. O custo e o processo dessa revelação são muito diferentes em cada caso. Mas o tema perene é comum a ambos.

A esta altura podemos nos perguntar se Elizabeth tem algo além de evidências caligráficas para sua nova crença quanto aos méritos relativos de Darcy e Wickham. Obviamente se faz necessário algo mais para dar “substância” ao que poderiam ser meras “assertivas”. Existe, é claro, o papel magnânimo que ele desempenha na crise precipitada pela fuga romântica de Lydia e Wickham, mas a visão corrigida de Elizabeth já “aprendera a detectar” a afetação entediante dos modos de Wickham e a apreciar o mérito sólido de Darcy. A educação de sua visão, se podemos chamar assim, começa com a carta de Darcy, mas só se completa quando ela entra na casa dele e olha seu retrato. Isso ocorre durante a visita a Derbyshire, quando os Gardiner a convencem a ir com eles em um passeio por Pemberley, a bela propriedade de Darcy. Essa penetração física no interior de Pemberley, que é tanto uma analogia como um estímulo para sua penetração perceptiva da qualidade interior do proprietário, ocorre no início do volume iii, e depois do episódio da carta-proposta considero essa a cena mais importante do livro, e gostaria de analisá-la em mais detalhes.

A palavra “quadro” aparece com frequência no romance, muitas vezes no sentido de pessoas “imaginando” coisas — um baile, um casal, uma situação desejada — para si mesmas. Um exemplo importante disso é o seguinte: “Se as opiniões de Elizabeth fossem sempre as mesmas de sua família, ela não teria criado um quadro muito agradável da felicidade conjugal ou dos confortos do lar”. Essas figuras, portanto, são imagens mentais, ora derivadas de impressões, ora conjuradas pela imaginação. (Trata-se evidentemente de uma qualidade particular de Elizabeth que ela seja capaz de pensar fora da imagem da realidade oferecida por sua própria família.) Existem referências ainda mais literais a quadros — como quando a senhorita Bingley sugere a Darcy, com uma piada desdenhosa, que ele deveria pendurar retratos de alguns parentes socialmente inferiores (a ele) de Elizabeth em Pemberley, acrescentando que “Quanto ao quadro que você fez de Elizabeth, nem tente mandar fazer, pois que pintor faria justiça àqueles belos olhos?”. A relação entre retratos de fato e imagens mentais é sugerida quando Darcy está dançando com Elizabeth. Ela o havia

provocado com uma espirituosa descrição das características comuns de ambos. “Isso não parece descrever muito bem nem o seu próprio caráter, tenho certeza”, disse ele. “O quanto isso se aproxima do meu, não me arrisco a dizer. — Mas sem dúvida você acha que é um retrato fiel de si mesma.” Mais adiante na mesma festa ele diz: “Tenho motivos para acreditar”, respondeu ele gravemente, “que as impressões podem variar bastante a meu respeito; e gostaria, senhorita Bennet, que não esboçasse o meu caráter no presente momento, pois receio que o resultado não vá ser proveitoso para nenhum de nós”. A resposta dela é: “Mas, se eu não analisá-lo neste momento, talvez não venha a ter outra oportunidade”. Isso é mais do que mera brincadeira, porque, como não podemos literalmente internalizar outra pessoa, a exata imagem ou retrato do indivíduo que levaremos conosco é sempre algo de extrema importância. A metáfora do retrato permite que se sugira que a imagem seja construída com algum cuidado, para que a galeria mental não fique cheia de uma série de representações imprecisas e injustas.

Sabemos que a própria Jane Austen frequentava galerias de arte sempre que podia. Assim vem em uma carta a Cassandra, de 1811:

Mary & eu, depois de nos livrarmos do Pai & da Mãe dela, fomos ao Museu de Liverpool & à British Gallery, & eu gostei um bocado dos dois, embora minha preferência por Homens & Mulheres sempre me incline a preferir a companhia à paisagem.

E em 1813, quando vai a uma galeria de retratos, fica claro que ela tem seus próprios retratos ficcionais em mente. Novamente a carta é para Cassandra:

Henry e eu fomos à Exposição em Spring Gardens. Não é considerada uma boa coleção, mas eu gostei muito mesmo — especialmente (diga isso a Fanny) de um pequeno retrato da

senhora Bingley, muito parecido com ela. Fui na esperança de encontrar um da Cunhada, mas não havia nenhuma senhora Darcy; — talvez, contudo, possa encontrá-la na Grande Exposição a que devemos ir ainda, se tivermos tempo; — não tenho como achá-la na coleção de pinturas de Sir Joshua Reynolds que agora está no Pall Mall, & que também visitaremos. O da senhora Bingley é ela exatamente, tamanho, forma do rosto, traços & doçura; nunca houve nada tão parecido. Ela está com um vestido branco com detalhes verdes, o que me convenceu do que eu sempre supus: verde é a cor favorita dela. Ouso dizer que a da senhora D. é o amarelo.

Mais adiante ela acrescenta:

Estivemos na Exposição e no acervo de Sir J. Reynolds — e fiquei frustrada, pois também não havia nada semelhante à senhora D. em nenhum lugar. Só posso imaginar que o senhor D. estime demais qualquer Quadro dela para deixá-lo exposto aos olhos do público. — Posso imaginá-lo com esse tipo de sentimento — essa mescla de Amor, Orgulho & Delicadeza. — Tirando essa decepção, eu me diverti bastante entre os Quadros [...].

É digno de nota que Jane Austen não esperava encontrar um retrato reconhecível de Elizabeth na coleção de sir Joshua Reynolds. Para Reynolds, o artista, incluindo o retratista, “adquire uma ideia justa das formas belas; ele corrige a natureza com a natureza, o estado imperfeito com o mais perfeito”. Em seus *Discursos*, Reynolds enfatiza de modo tipicamente neoclássico as “formas centrais” e figuras genéricas que não são “a representação do indivíduo, mas de uma classe”. Essa abordagem neoclássica tende a minimizar as qualidades individuais de uma pessoa ou de uma coisa em favor de atributos mais genéricos ou em deferência a modelos clássicos.² Mas para Jane Austen, romancista e admiradora de Richardson, eram precisamente as qualidades individuais, que

diferenciavam agudamente até irmãs de uma mesma família, o que mais lhe interessava. Elizabeth não é um tipo; na verdade, ela tem aquela espécie de energia independente calculada para perturbar a atitude tipológica em relação às pessoas. Ela quer reconhecimento pelo que é, e não pelo que ela pode vir a representar (o interesse do sr. Collins por ela e por Charlotte é, ela sabe, inteiramente “imaginário” — ele a vê apenas como uma figura de esposa adequada, e é dispensado de acordo com seu próprio desinteresse). Ela tem a sorte de atrair o olhar mais sensível de Darcy, que está sempre olhando para ela, como que tentando lê-la por inteiro, ou capturar algo que lhe seja mais semelhante para sua memória — pois apenas ele dentre todos os homens do livro está preparado para fazer justiça a todas as qualidades reais que ela tem. É portanto correto que ela venha a obter pleno reconhecimento das qualidades reais que ele tem. E isso enfim acontece em Pemberley.

Quando passeiam pela propriedade, Elizabeth admira o bom gosto discreto — “não pareciam planejadas nem falsamente adornadas” — e “naquele momento ela sentiu que ser a senhora de Pemberley não era pouca coisa!”. Então foram levados pela casa, onde novamente a elegância e o verdadeiro bom gosto — “não havia nada excessivo ou despropositadamente fino” — despertam sua admiração, e ela retorna ao que considera uma oportunidade perdida. “E eu podia”, pensou ela, “ser senhora desse lugar!” Quem lhes mostra a casa é a sra. Reynolds, uma espécie de cicerone que pode ser culpada de “parcialidade” pela família, mas cujo testemunho sobre as qualidades da juventude de Darcy e Wickham exerce poder sobre Elizabeth. Ela é uma voz de dentro da casa, e portanto alguém que conhece Darcy desde o berço, e não, como Elizabeth, alguém que o conhece apenas socialmente. Ela mostra alguns pequenos retratos da família, inclusive de Darcy (“o melhor proprietário, e o melhor patrão”) e convida Elizabeth a ir até o grande retrato de Darcy, lá em cima, na galeria.

Elizabeth continuou andando até encontrar o único rosto cujas feições lhe seriam familiares. Por fim se deteve — e notou a impressionante semelhança com o senhor Darcy, com um sorriso no rosto, como se lembrava de tê-lo visto algumas vezes quando ele olhava para ela. Ficou parada por alguns minutos diante da pintura em penhorada contemplação [...]. Certamente nesse instante, na mente de Elizabeth, havia mais delicadeza para com o original do que jamais sentira mesmo no auge de sua relação [...]. Todas as ideias trazidas à tona pela governanta eram favoráveis ao seu caráter e, enquanto ela permaneceu diante da tela, onde ele estava representado, com seus olhos grandes fixos sobre ela, pensou em seu interesse por ela com um sentimento de gratidão mais profundo do que nunca; recordou seu ardor e relevou sua expressão inadequada.

Pode-se quase detectar aí o pensamento implícito — “e desse homem eu poderia ter sido a esposa”. É um pensamento que lhe ocorrerá de forma explícita no tempo devido.

De pé no centro da casa, contemplando as qualidades no rosto do retrato (qualidades destacadas e corroboradas até certo ponto pela governanta), Elizabeth completa o ato de reconhecimento que começara lendo a carta de Darcy. Vale notar que o melhor retrato é o maior, que fica em uma parte privada da casa, no andar de cima; lá embaixo Darcy só é visível em “miniatura”. Podemos imaginar que, quanto mais nos afastamos do interior da casa onde um homem é verdadeiramente conhecido, mais sujeito à incompreensão e ao não reconhecimento ele se torna. Diante da maior e mais exata imagem do verdadeiro Darcy, Elizabeth de fato completa sua jornada. Quando se encontrar com o original em seguida, ainda na propriedade, ela não terá mais dúvidas sobre seu verdadeiro valor. O resto do livro é, na verdade, dedicado quase por inteiro a fatores externos — o melodrama da fuga de Wickham com Lydia, que dará a Darcy oportunidade de revelar suas qualidades em ação. Mas tudo isso é apenas atraso, não avanço, em termos do romance. Pois a ação mais importante já acontece quando Elizabeth termina a

contemplação do retrato. Em resposta à pergunta de Jane sobre quando ela se deu conta pela primeira vez de que estava apaixonada por Darcy, Elizabeth responde: “creio que a data precisa seja a primeira vez em que vi sua bela propriedade em Pemberley”. Isso não é exatamente uma ironia, nem deve ser entendido como indicador de que no fundo Elizabeth não passe de outra materialista em uma sociedade que é mostrada como nitidamente materialista. Aqui a propriedade, a casa, o retrato, tudo o que fala do verdadeiro homem representam uma extensão visível de suas qualidades internas, de seu estilo genuíno. E, se Pemberley representa um ordenamento do espaço natural, social e doméstico, tudo o que o lar dos Bennet não é, quem culparia Elizabeth por admitir que ali se sentiria mais em casa? No entanto, é verdade que tal comentário só poderia ser feito no contexto de uma sociedade que compartilhava certos acordos básicos sobre a importância e o significado de objetos, residências e bens. Pode-se imaginar a reação de Charlotte Brontë a um comentário desse tipo. Mas esses são assuntos aos quais retornaremos.

Uma vez mencionada a importância central da carta de Darcy contendo o “relato [...] das minhas atitudes e motivos” para Elizabeth ler e reler atenciosamente, podemos aqui considerar a importância geral das cartas nesse romance. Tanta informação crucial aparece nelas — seja a pompa insípida mas cobiçosa do sr. Collins, a frieza competitiva da srta. Bingley ou o relato da sra. Gardiner sobre o papel de Darcy no casamento de Lydia e Wickham — que se chegou a especular se a obra não teria sido de fato inicialmente concebida como um romance epistolar. Segundo Brian Southam:

Em *Razão e sensibilidade*, vinte e uma cartas são mencionadas, citadas, ou reproduzidas textualmente, e em *Orgulho e preconceito* nada menos que quarenta e quatro, incluindo referências à “regular e frequente” correspondência entre Elizabeth e Charlotte Lucas, e outras comunicações regulares de Elizabeth e Jane com a sra. Gardiner, um confiável sistema de cartas organiza boa parte da

história na forma epistolar. Se essa reconstrução é plausível, sustenta minha teoria de que, assim como *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito* era originalmente um romance em cartas.

Por outro lado, a outros críticos chamou atenção o brilhantismo da maioria dos diálogos, e eles sugeriram que o romance tinha íntima afinidade com o teatro. Em um excelente ensaio intitulado “Leve, brilhante e cintilante”,³ Reuben Brower escreveu: “Analisando as ironias e os pressupostos, veremos como o diálogo é intensamente dramático, no sentido de definir personagens pelo modo como falam e pelo que falam deles”, e passava a mostrar o quanto era revelado, e com que sutileza, em passagens dialogadas. Walton Litz, em seu livro sobre Jane Austen,⁴ afirma que a estrutura em três partes é semelhante a uma peça de três atos, e acrescenta que em muitas passagens “somos lembrados da afinidade do romance com o melhor do teatro do século xviii”. Mas ele comenta ainda que o começo do romance é mais dramático que o fim.

Howard S. Babb mostrou que Jane Austen se vale da palavra desempenho nos primeiros diálogos, reunindo todas as suas implicações na grande cena em Rosings, onde o desempenho de Elizabeth ao piano se torna o centro de um enfrentamento dramático. Mas, após a cena em Rosings, quando começa a carta de Darcy e o movimento de Elizabeth rumo ao autoconhecimento, o termo desempenho silenciosamente desaparece do romance. A primeira metade de *Orgulho e preconceito* tem de fato um desempenho dramático, mas a segunda, uma mescla de narrativa, resumo e cena, conduz a trama à conclusão.

Como ele diz corretamente, isso mostra que Jane Austen se sentia capaz de tirar vantagem da representação cênica e da onisciência autoral com a narrativa em terceira pessoa, mas acho que existe outro aspecto interessante na combinação do dramático e do epistolar — especialmente se pensarmos, como observou o senhor

Babb, que a palavra “desempenho” se apaga depois que Elizabeth recebe a carta de Darcy.

Em essência, uma carta é escrita e lida longe do convívio social; isso é especialmente verdadeiro no grande esclarecimento epistolar de Darcy. A carta permite que ele formule coisas e transmita informações de um modo que não seria possível em qualquer ocasião social em que os modos públicos de diálogo necessariamente restringiam os mais privados. Uma carta é também uma transformação da ação em palavras sobre as quais se poderá refletir de um modo que seria impossível enquanto se está envolvido na ação. “Introspecção é retrospecção”, disse Sartre, e o mesmo vale para a escrita de uma carta, ainda que ao que tudo indique a carta seja escrita em meio a uma situação aflitiva. Combinando os modos dramático e epistolar, Jane Austen nos coloca com habilidade diante de uma verdade fundamental — de que somos ao mesmo tempo cênicos e reflexivos. É em seu desempenho no meio social que Elizabeth revela toda a sua vitalidade, vivacidade e astúcia, assim como seu genuíno magnetismo físico; é na reflexão privada (“A reflexão devia ser reservada para momentos solitários”) que ela amadurece seu julgamento, reconsidera as primeiras impressões e é capaz de mudar expressivamente sua imagem mental da realidade. É bastante apropriado, portanto, que, depois de nos brindar com um dos mais brilhantes “desempenhos” da ficção inglesa, Jane Austen tenha permitido que seu romance se afastasse rumo à reflexão após a carta de Darcy. Ela assim oferece sutilmente uma analogia de como — segundo ela — o indivíduo deveria se desenvolver. Pois, se o ser humano deve ser inteiramente humano, então a energia do desempenho deve ser acrescentada a sabedoria da reflexão.

A ideia do ser cênico ocupou bastante o pensamento recente, e a maioria das pessoas reconhece que a sociedade se mantém coesa de fato por uma série de rituais tacitamente reconhecidos em que todos desempenhamos uma série de papéis diferentes.⁵ Jane Austen certamente acreditava no valor dos rituais sociais de sua época — fossem eles apenas bailes, jantares ou entretenimentos noturnos — e devia vê-los, no máximo, como cerimônias e celebrações dos valores da comunidade. Ela tinha igual clareza quanto ao modo como

a falha de algum dos atores — insensibilidade, malícia, arrogância, tolice, e assim por diante — podia comprometer o ritual e transformar uma cerimônia a ser desfrutada em um pesadelo que causa sofrimento, como acontece com Elizabeth a cada constrangedora violação protocolar feita pela mãe. Mas, embora sejamos todos atores na maior parte do tempo nos passando por outras pessoas, haverá obviamente uma diferença entre os que não se dão conta do fato — que desaparecem sob seus papéis, por assim dizer — e os que a todo instante estão muito cientes de que aquele papel representado numa determinada situação não deve ser identificado inteiramente com eles mesmos, e de que todos têm facetas e dimensões de caráter que não se revelam a todo momento. O primeiro tipo pode às vezes parecer uma espécie de autômato, incapaz de reflexão e distanciamento, enquanto o último tipo pode com frequência desejar fazer um gesto de desligamento de todos os papéis que exigem que interprete, como a indicar que não se tornou irrefletidamente prisioneiro daquelas personas. Tais gestos expressam aquilo que Erving Goffman chama de “distanciamento do papel”.

Considerando os personagens do romance de Jane Austen sob essa luz, podemos ver que o sr. Bennet se tornou completamente cínico sobre os papéis sociais que lhe cabem. Ele extrai uma espécie de prazer amargo ao fazer gestos de desligamento desses papéis, para compensar as infelicidades familiares decorrentes de haver se casado com uma mulher sexualmente atraente, mas pouco inteligente (outro exemplo dos perigos da ação irrefletida baseada em primeiras impressões — Lydia é filha do pai tanto quanto da mãe).⁶ Ele abdica de fato de outro papel que principalmente a ele caberia interpretar, a saber, o papel de pai. (Jane Austen parece muito interessada nos efeitos sobre uma família de pais inaptos, ausentes ou adoentados — em geral indicadores de um perigoso lapso de autoridade central.) Ele se refugiou na zombaria da mesma forma como se refugia em sua biblioteca — ambos gestos de desligamento dos rituais necessários da família e da sociedade. A senhora Bennet, incapaz de refletir, perde-se em seu desempenho. Infelizmente ela tem uma visão bastante limitada do que seu papel lhe requer; faltam-lhe

tendências introspectivas, é incapaz de atentar para os sentimentos alheios e só se interessa por objetos materiais — chapéus, vestidos, uniformes — e por casamentos, mas não pelo encontro de duas mentes sinceras, e sim como modo de descartar um excesso de filhas. Em outro nível, lady Catherine de Bourgh não tem um pinga daquilo que Jane Austen chamou com apreço de “dignidade da posição”, mas apenas a desfaçatez da posição. Ela acha que sua posição lhe dá o direito de ditar a outra pessoa e impor seus “planos” a todos (uma palavra recorrente no livro). Ela nunca pensou muito, nem pouco, nas implicações de seu desempenho. Incapaz de refletir, ela faz com que os outros sofram. No outro extremo, Mary Bennet se vê como uma pessoa reflexiva e sábia mesmo antes de ter tido qualquer experiência; quando a reflexão precede o desempenho de forma tão portentosa, revela-se cômica e inútil. Darcy, é claro, pensou sobre todas as implicações de seu papel na sociedade, pelo menos ao final do livro. Sua altivez faz com que experimente o “distanciamento do papel”, como no primeiro baile, quando ele despreza Elizabeth mostrando seu alheamento desdenhoso por aquele ritual social do momento; mas, ao contrário de Wickham, ele não é cínico em relação aos papéis sociais; e ao final seu ser atuante se mostra em harmonia com seu ser reflexivo.

Jane Bennet é incapaz de se distanciar de seu papel, mas tem uma concepção tão generosa e elevada dos papéis que tem a desempenhar — filha, irmã, amante, esposa — que nos impressiona sempre sendo sensata e sincera. Praticamente o mesmo se poderia dizer de Bingley, cuja maleabilidade quase desfibrada nas mãos da vontade mais decisiva de Darcy indica não obstante que sua boa-fé natural se estende a uma propensão a desempenhar os papéis que lhe são oferecidos — obviamente uma fonte potencial de vulnerabilidade. Elizabeth é evidentemente especial. Ela é capaz de desempenhar todos os papéis que sua família e sua situação social requerem dela; além disso, desempenha muitos deles com um *esprit* ou uma ironia que revelam, de fato, um extravasamento potencial da personalidade, como se fosse sempre mais do que jamais poderia ser expresso em qualquer um de seus papéis. Elizabeth também é capaz de distanciar-se do papel, não no espírito do cinismo do pai,

mas segundo seu próprio espírito determinado de independência. Colocará a verdade para consigo mesma muito acima da verdade para com um papel. Assim, em duas das cenas que mais nos agradam, nós a vemos se recusar a assumir os papéis que pessoas em posições superiores a ela tentam lhe impor. Na primeira proposta aristocrática de Darcy ela se recusa a ficar no papel da mulher passiva e grata, como ele obviamente espera que ela faça; diante da imperiosa insistência de lady Catherine de que prometa que não irá se casar com Darcy, Elizabeth se recusa a ficar no papel complacente de pessoa socialmente inferior a que lady Catherine deseja relegá-la. A afirmação da livre escolha e sua resistência à futura tirania dos papéis impostos por forças socialmente superiores é um espetáculo que nos agrada hoje tanto quanto deve ter agradado aos contemporâneos de Jane Austen.

Tudo o que foi dito deixa claro que existem pelo menos dois tipos de personagens no livro — os que são plenamente definidos por seus papéis, às vezes até mesmo perdidos dentro deles, e aqueles que conseguem enxergar além deles e não perdem de vista o que estão fazendo. D. W. Harding usa os termos caráter e caricatura para expressar essa diferença e, após comentar que “na pintura deve ser mais raro que a caricatura e o verdadeiro retrato apareçam juntos em um mesmo grupo”, prossegue mostrando o que Jane Austen consegue por meio de sua cuidadosamente armada interação entre personagens e caricaturas, e o que ela deixa implícito sobre a sociedade em que tais interações são possíveis. (Exemplos disso são os encontros entre Elizabeth e o sr. Collins, Elizabeth e lady Catherine.)⁷ Existe uma importante conversa em que Elizabeth declara que compreende Bingley perfeitamente. Ele responde que ser tão transparente não é algo muito louvável. “Não costuma ser. Mas um caráter profundo e intrincado não necessariamente é mais ou menos estimável do que um caráter como o seu.” Bingley responde que não sabia que ela era uma “estudiosa do caráter”.

“Deve ser um estudo fascinante.”

“Sim; mas os intrincados são mais fascinantes. Pelo menos têm essa vantagem.”

“O interior”, disse Darcy, “em geral pode fornecer apenas alguns objetos para esse estudo. Em uma vizinhança provinciana você lida com uma sociedade bastante confinada e com pouca variedade.”

“Mas as pessoas em si são tão diferentes que sempre existe algo de novo a ser observado.”

O último comentário de Elizabeth não é inteiramente confirmado pelo livro, pois os Collins, as senhoras Bennet e as lady Catherine deste mundo não mudam. Mas pessoas “intrincadas” são capazes de mudar, tal como ela e Darcy. Marvin Mudrick examinou essa separação dos personagens de Jane Austen entre simples e intrincadas, e mostrou como é central em *Orgulho e preconceito*, e não é o caso de recapitular suas admiráveis observações aqui. De modo bem genérico, podemos dizer que obviamente é sempre provável que seja de certo modo opressivo para uma pessoa intrincada ver-se forçada a viver entre pessoas simples. Elizabeth possui uma dimensão da complexidade, uma consciência investigativa, um espectro mental e uma profundidade que quase a tornam uma figura isolada e presa em uma teia constritora de um pequeno número de pessoas simples. Darcy é apresentado como alguém tão intrincado quanto ela, para ser seu par, mas na verdade parece antes honrado e reservado. Ele não é o Benedito, de *Muito barulho por nada* para a Beatriz de Elizabeth. É no entanto capaz de apreciar o caráter intrincado de Elizabeth de modo que na prática pode salvá-la da incipiente claustrofobia de sua vida entre pessoas simples e oferecer mais espaço social e psicológico no qual se mover. (As pessoas simples e boas, Jane e Bingley, juntam-se a eles em Derbyshire — o resto fica para trás.)

Essa questão do espaço social é importante, mas outra palavra pode ser dita sobre o que podemos chamar de espaço ou espectro mental e seu efeito na linguagem. Podemos reconhecer pelo menos dois modos diferentes pelos quais as pessoas usam a linguagem neste livro. Algumas a empregam irrefletidamente como extensão

quase automática do restante de seu comportamento; são incapazes de falar, assim como de pensar, fora de sua situação social particular. (Considere-se, por exemplo, o espectro extremamente limitado das conversas da senhora Bennet, suas obsessivas repetições, seus desenvolvimentos previsíveis.) Outros, ao contrário, são capazes de usar a linguagem de modo refletido, e não apenas como reação quase condicionada a uma situação social. Tais pessoas parecem possuir maior liberdade de manobra dentro da linguagem, mais espaço conceitual onde se mover, e como resultado podem dizer coisas imprevisíveis que surpreendem tanto a nós quanto aos demais personagens do livro, e parecem capazes de alcançar conclusões próprias, independentes e refletidas. Obviamente essas pessoas são capazes de pensar fora de seu contexto social particular — assim a mente de Elizabeth e sua conversa não são limitadas ao que ela viu ou ouviu dentro da própria família.⁸ Não é surpresa que uma pessoa que obteve certa quantidade de independência intelectual desejará exercer o máximo de controle possível sobre a própria vida. Ele ou ela não se submeterá prontamente às situações e alianças que a sociedade torna obrigatórias — daí a incredulidade de Elizabeth quando Charlotte aceita sem pestanejar o papel de esposa do sr. Collins, para Elizabeth uma capitulação inconcebível às solicitações da conveniência social. Por outro lado, ela lutará por um máximo de controle pessoal (em desafio às pressões econômicas e familiares), como condiz com sua mente das mais sagazes e perspicazes e com suas habilidades linguísticas ricamente apuradas.

Já que o mesmo espaço é ocupado por pessoas que se valem de linguagem reflexiva ou irrefletida, a claustrofobia de alguém altamente sensível ao discurso pode ser grande demais, como testemunham as agonias de constrangimento pelas quais Elizabeth passa enquanto a mãe tagarela irrefletidamente. Isso leva a um desejo de escapar e, embora Jane Austen não pareça ter em mente como alguém pode renunciar inteiramente à sociedade, ela mostra o alívio que uma pessoa intrincada procura retirando-se na solidão, longe das angústias que podem ser causadas pela companhia constante de mentes mais limitadas. Assim, no fragmento de *The*

Watsons que Jane Austen escrevera entre *Primeiras impressões* e *Orgulho e preconceito*, a consciência isolada, porque mais complexa, da heroína Emma se alegra buscando refúgio no quarto de seu pai doente, longe da família lá embaixo.

No quarto dele, Emma ficava em paz, longe das pavorosas mortificações da Sociedade desigual, & da Discórdia familiar — de ter de suportar imediatamente a prosperidade Obstinada, a Arrogância pouco ilustre & a tolice desvirtuada, enxertadas numa Disposição impropícia. Ainda sofria com elas na Contemplação de suas existências; em lembrança & nas expectativas, mas no momento ela deixava de ser torturada por seus efeitos.

(Comparar com Elizabeth, que, “farta daquelas tolices, refugiou-se em seu próprio quarto, onde podia pensar com liberdade”.) Elizabeth tem a sorte de empreender uma fuga ainda mais permanente por intermédio do casamento com Darcy; “ela ansiou pelas delícias de quando trocariam aquela sociedade tão pouco agradável para ambos pelo conforto e pela elegância do próprio lar em Pemberley”. Pemberley é um sonho de espaço — tanto social quanto psíquico — grande o bastante para permitir um máximo de discurso refletido e controle pessoal.

Existe outro aspecto dos problemas que podem ocorrer em virtude da falta de espaço social. Em uma sociedade claramente estratificada como a descrita por Jane Austen, existem restrições invisíveis, fronteiras e abismos que pessoas adequadamente formais não ousariam atravessar. Existe um bom número de comentários maliciosos sobre pessoas que se dedicam ao comércio feito por membros da aristocracia da terra; uma das coisas que Darcy precisará fazer será aprender a apreciar os méritos de pessoas como os Gardiner. O absurdo e retraído servilismo do sr. Collins é um exemplo extremo do tipo de mentalidade, ou antes de desfaçatez, que tal sociedade pode exigir como condição de integração. É pertinente, portanto, questionar se Elizabeth pode ser

contida dentro dessa sociedade. Um dos processos pelos quais Darcy precisa passar é enfrentar o fato de que se tornará parente não só da senhora Bennet, mas também de Wickham, se casar com Elizabeth. Elizabeth está certa de que existe um “abismo intransponível entre eles” depois do casamento de Lydia e Wickham. “Diante de tal relação, ela não tinha como deixar de duvidar de que ele recuaria.” Lady Catherine insiste que “uma relação com você haveria de desonrá-lo aos olhos de todos”. Nessa sociedade, como em qualquer sociedade altamente estruturada, é uma questão portentosa quem tem “relação” com quem. Darcy já havia dissuadido Bingley de uma relação desabonadora com as Bennet, e a relação — de um ponto de vista externo — havia de fato se tornado mais infeliz ao final. A questão é: poderia Darcy superar a distância social que, aos olhos da sociedade (e aos próprios olhos até certo ponto), existe entre ele e Elizabeth?

Há uma pequena e curiosa cena entre Elizabeth e Darcy pouco antes de ele pedi-la em casamento pela primeira vez. Eles estão conversando, aparentemente sobre coisas triviais, como se Charlotte Lucas estaria morando perto da família ou longe se naquele momento vivia a cinquenta milhas da família e se tornara a sra. Collins. Darcy diz que é perto, Elizabeth, que é longe; é possível que ele esteja pensando se conseguiria fazer Elizabeth se mudar para uma distância conveniente de sua família socialmente indesejável. Elizabeth faz um comentário político: “Longe e perto devem ser relativos, e dependem de muitas circunstâncias variáveis”. Nesse ponto Darcy “aproximou dela sua cadeira”, e então, pouco depois, “passou por uma mudança de sentimento; recuou a cadeira, pegou um jornal da mesa”, e friamente mudou o rumo da conversa. Nesse pequeno avanço e recuo da cadeira, Darcy mimetiza, ainda que inconscientemente, sua incerteza quanto à possibilidade de superar a grande distância social que, como ele mesmo vê (e Darcy ainda tem orgulho), separa Elizabeth dele. Eles vivem em uma sociedade que dita certas “relações” e trabalha com empenho para evitar outras. Parte do drama está em ver se duas pessoas podem resistir às relações que a sociedade parece lhes prescrever (como lady Catherine e seu “plano racional” de casar a filha com Darcy,⁹ ou o

desejo da sra. Bennet de empurrar Elizabeth para o sr. Collins) e fazer uma nova relação entre eles, que não seja uma reação ao poder controlador da sociedade, mas uma relação feita livremente de acordo com os ditames do próprio juízo, da própria razão e de suas emoções. Uma das coisas mais gratificantes do livro é que Elizabeth e Darcy parecem demonstrar que ainda é possível para os indivíduos criar novas relações que desafiem a sociedade. O fato de que talvez haja um toque de conto de fadas na felicidade total dos dois na conclusão no mundo de sonhos de Pemberley não deveria nos privar do reconhecimento da importância de aferrar-se a tal possibilidade como algo essencial para uma sociedade saudável. Isto é, uma sociedade na qual o indivíduo possa experimentar a liberdade, assim como o compromisso.

Neste ponto, talvez valha a pena considerar ainda em mais detalhes que tipo de sociedade Jane Austen retrata em seu romance. Trata-se de uma sociedade que coloca o controle social do indivíduo acima do êxtase individual, a formalidade acima da informalidade, o apuro das vestimentas acima da desinibição corporal, e a consciência alerta acima dos estados mais românticos do sonho e do transe. Os planos e as estruturas do grupo — família, comunidade, sociedade — tendem a coagir e até predeterminar a volição e as aspirações do ser. Nenhum romancista poderia valorizar mais a consciência do que Jane Austen, e alguns dos diálogos entre Elizabeth (em especial) e Darcy requerem um alto grau de prontidão da consciência. Na verdade, este é justamente o ponto: nessa sociedade a experiência linguística quase chega a excluir a experiência corporal. É verdade que os homens vão caçar e as mulheres saem para caminhar, e os dois sexos podem se encontrar em um baile. Mas todas as transações importantes (e a maioria das desimportantes e perturbadoras) acontecem por intermédio da linguagem. Quando Darcy faz sua segunda e então bem-vinda proposta, lemos que: “embora não conseguisse olhar, ela ouviu tudo, e ele confessou sentimentos que [...] tornaram a ideia de sua afeição mais agradável a cada momento”. Nesse momento crucial o “amor” foi transformado em uma experiência completamente linguística. Isso é muito

apropriado em uma sociedade que atribui um alto valor à consciência.

Contatos e experiências físicas íntimas, quando não são negados, são minimizados. As mãos poderão até se tocar, embora seja mais provável que sejam os olhos que se encontrem através de um espaço social distinto. Os rostos podem se voltar uns para os outros ou se afastar, e Elizabeth a todo instante se vê sujeita a corar (ainda que o corpo tenha sua própria linguagem, talvez não seja totalmente irrelevante observar que Norman O. Brown, seguindo Freud, sugere que o enrubescimento é uma espécie discreta de ereção da cabeça). Em geral, o mais provável é que apareçam vestidos em vez de corpos, cumprimentos públicos em vez de abraços privados. É interessante comparar, por exemplo, a descrição de um baile importante de Jane Austen com uma de Tolstói. Em Jane Austen, dançar (coisa de que ela gostava muito, como sabemos por suas cartas) é uma ocasião quase exclusiva para conversar; de fato, o baile é um ritual social que permite algo que se aproxima da conversa privada em público, e há trocas importantes entre Darcy e Elizabeth enquanto dançam. Há movimento, há grupos; há tédio e excitação. (Em *The Watsons*, é interessante como Jane Austen descreve como é para uma menina entrar em um baile — o farfalhar dos vestidos no chão, o salão frio e vazio onde começam as primeiras conversas rígidas, o rumor das carruagens chegando, e assim por diante —, uma incursão incomum nas sensações privadas que, no entanto, não chega muito longe.) O que não vemos é a própria *fisicalidade* de um baile. A seguinte passagem de *Anna Kariênina* seria, por exemplo, inconcebível em Jane Austen. Kitty observa Anna e Vronsky no momento em que estão se apaixonando um pelo outro:

Ela via que eles sentiam-se como se estivessem sozinhos no salão de baile. E ficou impressionada pelo desconcertado olhar de submissão no rosto de Vronsky, geralmente todo firme e controlado

— uma expressão como a de um cachorro inteligente que reconhece ter feito algo errado.

Se Anna sorria, ele sorria em resposta. Se ficava pensativa, ele ficava sério. Alguma força sobrenatural arrastava o olhar de Kitty para o rosto de Anna. Estava encantadora em seu vestido preto simples, seus braços roliços estavam encantadores com seus braceletes, era encantador o pescoço firme com o colar de pérolas, eram encantadores os cachos rebeldes, encantadores e graciosos os movimentos à vontade de suas mãozinhas e de seus pezinhos, era encantador seu rosto adorável e animado: mas em todo aquele encanto havia algo terrível e cruel.

Kitty tem “certeza de que a desgraça se abateria”. No momento decisivo em que a desgraça se abate, determinando o resto de suas vidas, não há linguagem. É o corpo de Anna que fala a Vronsky, e numa língua que Kitty também sabe ler. A consciência racional é afogada em uma intensidade puramente física de consciência e respostas sensoriais. Estamos aqui muito longe do diálogo cintilante mantido por Elizabeth e seus pares, e nos aproximamos mesmo de algo como um estado de transe. O casal dança quase embriagado só com a presença e a proximidade um do outro. Não pretendo com isso apontar defeitos no romance de Jane Austen, pois ninguém gostaria que ele fosse diferente. Pretendo apenas apontar algumas características da sociedade dentro da qual ela escreveu e que por sua vez retrata — a saber, a minimização de todo um espectro de experiências físicas que muitas vezes transforma mais a vida do que a reflexão racional.

Conforme mencionamos, Jane Austen desconfia especialmente da proximidade imediata da atração sexual. Vale perguntar, portanto, o que é afinal o “amor”, na forma como aparece no livro. Como devemos antes de mais nada observar, se a sociedade de Jane Austen minimiza a dimensão corporal, faz o mesmo com a possibilidade de uma dimensão transcendental. Sua preocupação é com a conduta, quase nunca com a experiência religiosa.¹⁰ Sua sociedade é secular e materialista, e tais termos não são

necessariamente pejorativos. Era uma sociedade que valorizava os objetos e edifícios que constituíam sua estrutura; era bastante capaz de demonstrar uma declarada ou inverificada compaixão diante do desconhecido, mas na melhor das hipóteses se concentrava em apurar como homem e mulher podiam viver melhor e mais harmonicamente juntos. (O que pode acontecer em tal sociedade quando não se trata da melhor hipótese é o que Jane Austen revela sem pena.) Tudo isso obviamente influenciou a noção de “amor” e sua relação com o casamento. A sra. Gardiner reclama para Elizabeth que “essa expressão ‘violenta paixão’ é tão clichê, tão dúbia, tão indefinida, que não permite formar uma ideia a respeito”, e Elizabeth reformula sua interpretação da atitude de Bingley com relação a Jane como “uma inclinação promissora”. Antes no livro, Charlotte e Elizabeth discutem as estratégias conscientes que uma mulher deve empregar para garantir o afeto de um homem, e Charlotte obviamente demonstra o completo triunfo do cálculo consciente sobre a emoção espontânea com sua decisão de se casar com o sr. Collins. Ela confessa: “não sou uma romântica”, e pede apenas “um lar confortável”. É óbvio que a companhia do sr. Collins é “maçante”, mas aos olhos dela o prestígio do casamento como “proteção contra a necessidade” é muito mais importante do que o próprio homem com quem se dá o matrimônio. Como Elizabeth se dá conta ao vê-los casados, Charlotte sobreviverá recorrendo à desatenção seletiva, tirando sua satisfação da casa e se afastando o máximo possível do homem que a provê. A reação espontânea de Elizabeth quando fica sabendo do casamento é: “impossível”, mas o comentário não é apenas indecoroso, é excessivo. Em tal sociedade, a necessidade do “estabelecido” é bastante real, e, colocando a prudência acima da paixão, Charlotte faz apenas o que a realidade econômica de sua sociedade — que Jane Austen faz questão de deixar bem clara — simplesmente a obriga a fazer.

De fato, a paixão como tal dificilmente se diferencia da loucura nos termos do livro. A fuga de Lydia é vista como algo impensado, tolo e egoísta, mais do que como uma *grande passion*; e a paixão do sr. Bennet pela juventude e beleza da senhora Bennet é “imprudência”. Eis uma palavra-chave. A sra. Gardiner aconselha Elizabeth a não se

envolver com o empobrecido Wickham, mas quando parece que ele vai se casar com uma certa srta. King pelo dinheiro ela o descreve como “mercenário”. Quando Elizabeth pergunta “qual é a diferença, nos assuntos matrimoniais, entre ser mercenário e prudente?”, significa que simplesmente ela não aceita a solução de Charlotte como modelo de verdadeira “prudência”, e tampouco nós o aceitamos. Deve haver algo entre aquele tipo de prudência e a imprudência de seu pai. E uma das coisas que o livro se põe a fazer é definir um “modo de afeto” fundamentado de maneira racional — algo entre o exclusivamente sexual e o inteiramente mercenário. Assim, palavras como “gratidão” e “estima” são usadas para descrever os sentimentos cada vez mais fortes de Elizabeth por Darcy. Ela passa a perceber que a união deles dois “teria sido vantajosa para ambos; sua naturalidade e vivacidade haveriam de suavizar-lhe a mente, aprimorar-lhe os modos; e com o discernimento, o conhecimento do mundo e o nível de informação dele, ela haveria de se beneficiar, adquirindo importância”. Uma palavra importante aqui é “vantajosa”; a consciência penetrou tão fundo nas emoções que o amor decorre de cálculos e reflexões. O que diferencia a escolha de Elizabeth da de Charlotte não é sua maior impetuosidade — na verdade Charlotte é quem mais se precipita. É o fato de que se trata de uma escolha livre, não ditada pela pressão econômica (ainda que Pemberley seja um grande atrativo, como ela mesma prontamente admite); e se trata de uma escolha baseada antes na própria consciência, no conhecimento e na inteligência do que Charlotte consegue colocar em sua capitulação serena mas instantânea. Elizabeth ama pelos melhores motivos, e sempre há motivos para amar no mundo de Jane Austen. Considere-se a frase de Tolstói em *Ressurreição*: “A proposta de casamento de Nekhludov se baseava na generosidade e no conhecimento do que ocorrera no passado, mas Simonson a amava do jeito que ela era; *ele a amava simplesmente porque a amava*” (grifos meus). Tolstói concebe um mundo muito mais vasto que o de Jane Austen, tanto social quanto emocionalmente. Ele sabia que existem sentimentos tão intensos, diretos e tenazes, que reduzem a linguagem a tautologias quando se tenta evocá-los. O tipo de emoção envolvido

na notável frase grifada — não se deve confundir com luxúria ou volúpia, pois se trata de uma atração que não é puramente sexual — é um tipo que não se concebe ou se leva em conta no mundo de Jane Austen. E não se deve acusar a autora de ter uma visão tacanha, mas sim de destacar que em seus livros, e também na sociedade que eles refletem, a emoção é racional — capaz de ser conceituada e verbalizada — ou loucura.

E no entanto sentimos haver uma afinidade com o profundo e uma sensibilidade para o despertar do sentimento em Elizabeth que não ocorre graças ao que acima foi descrito como as emoções “fundamentadas de maneira racional” que Jane Austen preferiria. É esse excesso de algo que dança entre suas palavras deixando uma energia emocional e semântica; é o que brilha nos olhos dela e faz o sangue corar suas faces com tanta frequência; o que faz com que ela vá andando pelos campos e pulando as cercas quando ouve que Jane está doente em Netherfield. Depois desse esforço aflito ela parece “quase selvagem”, e aí temos de fato o começo de um problema. A palavra “selvagem” aplicada a Elizabeth — e a Lydia e a Wickham. No caso dos dois últimos, a “selvageria” obviamente não tem nada que a recomende, e é vista como total e repreensivelmente antissocial. A qualidade especial de Elizabeth mais frequentemente referida aparece como “vivacidade”; isso é o que falta a Darcy (sua compreensão das coisas — isto é, sua consciência racional — é aparentemente impecável), e é a principal qualidade que Elizabeth aportará ao casamento. É um limite tênue, e talvez não seja fixo, a partir do qual a vivacidade se torna selvageria, enquanto esta é uma ameaça para a sociedade e sem aquela a sociedade se torna entediante. Elizabeth também aparece descrita rindo (ela diferencia seu estado do estado de Jane dizendo que “ela só sorri; eu dou risada”) e o riso também é potencialmente anárquico, na medida em que pode agir como negação dos princípios e pressupostos, das regras e dos rituais, que mantêm a sociedade. (Sua famosa declaração: “Espero jamais ridicularizar o que é sábio e bom. Tolices e bobagens, caprichos e inconsistências me divertem, admito, e disso eu rio sempre que posso”, perfila-a na linhagem dos satiristas do século xviii que trabalharam para defender certos valores e

princípios chamando comicamente atenção para tudo o que se desviava deles. Mas o amor de Elizabeth pelo riso vai além de satisfazer uma verve satírica, e ela confessa que “adorava absurdos”. Uma noção de absurdo na vida pode vir a minar crenças que a sociedade tem sobre sua própria autoestima.)

Com sua vivacidade e sua risada, a princípio, não fica claro se Elizabeth acabará consentindo em ser encerrada dentro do espaço social altamente estruturado disponível para ela. Há um episódio sugestivo em que a senhora Hurst deixa Elizabeth e junta-se a Darcy e à srta. Bingley em um passeio. O caminho só permite que três pessoas caminhem lado a lado, e Darcy se dá conta da indelicadeza de deixar Elizabeth de fora daquela maneira. Ele sugere que tomem a aleia mais larga, mas Elizabeth responde, risonha:

“Não, não; fiquem onde estão. — Vocês formam um grupo encantador, e parecem estar perfeitos assim. O pitoresco da cena se estragaria com uma quarta pessoa. Adeus.”

Então ela correu alegremente para longe deles, satisfeita por se afastar [...].

Regras sociais, como receitas estéticas, tendem a fixar as pessoas em grupos. Elizabeth fica feliz de deixar o grupo, rindo, correndo, divertindo-se. É apenas um incidente passageiro, mas sugere a independência e a vivacidade de um temperamento que não se submete a nenhum agrupamento que seja inaceitavelmente restritivo. O casamento faz parte do agrupamento social e é também por si uma restrição. O aspecto onírico de Pemberley presumivelmente oferece uma amplidão que, embora ainda social, é vasta o bastante para oferecer um máximo campo de expansão tanto da vivacidade quanto da compreensão das coisas em que os dois haverão de se complementar, mais do que restringir um ao outro, e no qual a vivacidade nunca precise tentar se expressar como selvageria antissocial.

A certa altura diz-se que Elizabeth “extrapolou os limites do decoro”, e faz parte de seus atrativos que sua energia e vitalidade pareçam mantê-la naquela fronteira em que a restrição ameaça dar lugar a algo menos voluntariamente controlado. É, de fato, justamente o que a torna atraente para Darcy, pois, enquanto os “olhos críticos” e frios com que vê a sociedade imediatamente detectam falhas “na simetria de seu rosto”, ele fica “cativado” por seus modos “joviais e desembaraçados”, e deles cativo será a partir de então. Onde existe o que Darcy chama de “verdadeira superioridade intelectual”, ele defende que “o orgulho sempre será bem dosado”, e todo o seu comportamento é um exemplo de algo bem regulado. Mas uma “boa regulação” não garante uma boa sociedade; isso é o que esperamos de uma máquina eficiente, e o perigo para a sociedade descrita por Jane Austen é uma tendência que vai do orgânico para o mecânico. (Assim Elizabeth descobre que as “cortesias” de sir William Lucas “eram rançosas como suas informações”. Com suas repetições vazias, sir William é uma pálida sombra de alguns dos mais memoráveis autômatos de Dickens.) Em uma sociedade que ainda está viva sempre haverá alguma consciência, assim como uma atração, daquelas qualidades que tal sociedade teve de excluir para se manter. Ralph Ellison coloca a ideia na forma mais aguda quando o narrador de *Homem invisível* afirma que “a mente que concebeu um plano para viver não deve nunca perder de vista o caos contra o qual o padrão foi concebido”. Seria tolice dizer que Elizabeth é um espírito do caos, e Darcy, a encarnação do padrão. (Na verdade, por diversos aspectos, Elizabeth é melhor cidadã, pois traz a vida real aos valores e princípios que muitos apenas mantêm da boca para fora, ou mecanicamente observam em espírito de embotamento resignado.) Mas na aproximação gradual dos dois e no persistente desejo de Darcy por Elizabeth testemunhamos o eterno anseio pela simetria perfeita para o que é assimétrico, o apelo da “jovialidade” para o que é “bem dosado”, a irresistível atração do indivíduo que caminha livremente para o sustentáculo enrijecido do grupo. Na verdade pode-se dizer que a sociedade depende da tensão entre vivacidade e

regulação, e é o fato de a “união” deles ao final do livro ser tão feliz que gera a satisfação resultante do casal.

“Sua união” são as duas últimas palavras do livro, e testemunhamos, sugiro, qualidades aparentemente excludentes se unindo ao longo do livro. A certa altura, na presença do insuportável sr. Collins, diz-se que Elizabeth “tentava aliar cortesia e verdade em algumas poucas frases curtas”. A frase casual é um lembrete passageiro de que a cortesia é muitas vezes uma questão de mentir com consideração, e o apelo da outra parte de Elizabeth é sua determinação em se ater ao que ela mesma se refere como “o significado de princípios e integridade”. Conforme Jane Austen nos mostra, nem sempre é possível aliar cortesia e verdade nessa sociedade, e o fato de haver muitas vezes uma dicotomia entre as duas coisas produz essa mescla de conformidade aparente e angústia íntima experimentada pelos seus personagens mais sensíveis. Pemberley é, mais uma vez, aquele lugar de sonho onde tais uniões são possíveis. Dada a importância da “vivacidade” de Elizabeth — para Darcy, para a sociedade, para o livro —, existe talvez algo abjeto demais em seu recuo autoacusador e nas desculpas que ela pede a Darcy perto do final. Embora ele admita a Elizabeth que “por você, fui merecidamente humilhado”, chegamos a sentir que ela está um tanto desejosa demais de abandonar sua “vivacidade”. (Por exemplo, redefine sua “vivacidade” mental como “impertinência”.) Há o famoso momento perto do fim em que Elizabeth está prestes a fazer um comentário irônico sobre Darcy, “mas se conteve. Lembrou-se de que ele ainda precisava aprender a rir, e ainda era cedo demais para começar”. Alguém poderá especular se Darcy um dia aprenderá a rir de si mesmo (como a frase parece prometer) ou se essa não seria apenas a primeira de muitas contenções mais sérias e repreensões que Elizabeth será obrigada a impor a si mesma conforme assumir seu lugar no grupo social.

Mas trata-se de um livro feliz, e não nos é mostrado o esmorecimento da vivacidade sob o jugo da regulação, mas antes a felicidade da “união” dos dois. Em 1813, Jane Austen escreveu a Cassandra sobre *Orgulho e preconceito*:

Tive alguns ataques de desgosto [...]. O livro é leve & brilhante & cintilante demais; precisa de sombra, precisa ser esticado aqui e ali com um longo capítulo mais razoável, se é que isso é possível; caso não seja, de nonsense solene e especioso, tratando de algo sem ligação com a história; um ensaio sobre literatura, uma crítica a Walter Scott, ou a história de Buonaparté ou qualquer coisa que servisse de contraste, e levar o leitor com mais prazer até a vivacidade e o epigramatismo do estilo geral. Duvido que você concorde exatamente comigo. Conheço bem suas ideias rígidas.

Alguns críticos tomaram isso como sinal de que Jane Austen repudiava as próprias qualidades de leveza, brilho e cintilância; e é verdade que, ao escrever sobre Fanny Price em *Mansfield Park*, ela criou uma heroína não apenas com um dilema diferente, mas com uma disposição muito distinta, ao passo que deu toda a “vivacidade” à socialmente suspeita e afinal indesejável Mary Crawford. E não há dúvida de que existe uma vivacidade reduzida, uma desconfiança crescente de energia não socializada, nas obras seguintes de Jane Austen. No entanto, não creio que essa carta deva ser levada tão a sério como um sinal de repressão futura. É na verdade irônico, se pensarmos em livros repletos com o tipo de sentenciosidade que Mary Bennet adora citar, ou nas digressões sinuosas que podiam ser encontradas em muitas outras obras menos bem-acabadas da época. O menosprezo de Jane Austen pela vivacidade é aqui, seguramente, um falso menosprezo. Ela mesma ainda está sendo “cintilante”, e se suas obras posteriores vão adquirindo um tom mais sombrio podemos ficar felizes por ela nos ter dado esta em que o brilho e a cintilância da individualidade da heroína não são sacrificados ao severo decoro ou à persuasão manipuladora do grupo social. Elizabeth Bennet se diz humilhada, mas sempre nos lembraremos dela rindo.

Como se pode ver, estamos aqui nas imediações de um problema maior, a saber, o da relação e do ajuste entre a energia individual e

as formas sociais. Se fosse preciso fazer uma única redução binária da literatura, seria possível dizer que existem obras que reforçam a existência e a necessidade de limites; e obras que se concentram em tudo o que está dentro da esfera do indivíduo — do sexual ao imaginativo e ao religioso — que conspira para negar ou transcender os limites. Voltando aos termos da crítica de Charlotte Brontë a *Orgulho e preconceito* citada no início deste ensaio, notamos a preponderância do vocabulário dos limites — “preciso”, “um jardim cuidadosamente cercado, muito bem cultivado”, “remates bem feitos”, “casas elegantes mas opressivas”. O impulso de Brontë, por sua vez, era direcionado ao “campo aberto” e ao “ar” ilimitado conforme revelado por sua Jane Eyre.¹¹ No século xviii, contudo, o foco estava na necessidade ou inevitabilidade dos limites. Assim, Locke no primeiro capítulo de seu *Ensaio acerca do entendimento humano* diz:

Suspeitei que havíamos começado pelo lado errado, e em vão procurei satisfação na posse calma e segura de verdades que mais nos dizem respeito, enquanto deixávamos nossos pensamentos soltos no vasto oceano do Ser; como se toda aquela extensão ilimitada fosse natural e indubitável possessão de nossos entendimentos, na qual não haveria nada isento de suas decisões, ou que escapasse à sua compreensão. [...] Assim, se as capacidades de nossos entendimentos fossem bem consideradas, uma vez descoberta a extensão de nosso conhecimento e divisado o horizonte que impõe limites entre as partes iluminadas e as partes escuras das coisas — entre o que é compreensível e o que é incompreensível para nós —, os homens haveriam de, talvez com menos escrúpulos, concordar em reconhecer nossa ignorância acerca de umas, e empregariam seus pensamentos e discursos com mais proveito e satisfação em outras.

E também Hume:

Nada, à primeira vista, pode parecer mais ilimitado do que o pensamento do homem, que não apenas escapa a toda força e autoridade humanas, como também não está restrito nem dentro dos limites da natureza e da realidade [...]. E enquanto o corpo está confinado a um planeta, onde estremece de dor e dificuldade; o pensamento pode num instante nos transportar às regiões mais remotas do universo; ou mesmo além do universo, no caos ilimitado, onde supostamente a natureza jaz em total confusão [...]. Mas, embora nosso pensamento pareça possuir essa liberdade ilimitada, haveremos de encontrar, com exame mais detido, que está de fato confinada dentro de limites muito estreitos, e que toda a força criativa da mente não ultrapassa a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais fornecidos a nós pelos sentidos e pela experiência.

Transformando as palavras negativas das passagens acima em palavras positivas, e vice-versa, pode-se começar a estabelecer um vocabulário básico para descrever a epistemologia bastante distinta oferecida por todo o movimento que conhecemos como Romantismo. “O vasto oceano do Ser”, “regiões mais remotas do universo”, e mesmo “no caos ilimitado, onde supostamente a natureza jaz em total confusão” — eram esses os próprios domínios que a imaginação romântica se propunha a explorar; pois ela reivindicava para si uma “liberdade ilimitada” e se recusava a aceitar a noção de que o homem e sua mente estão confinados “dentro de limites muito estreitos”. Locke nos convida, no interesse da sanidade, a reconhecer e aceitar o “horizonte” que “impõe limites entre as partes iluminadas e as partes escuras das coisas”. Blake tomou a palavra “horizonte”, transformou-a em “Urizen” e fez dessa figura o símbolo mau de tudo o que restringia e atrelava o homem. Ele assim fez encarnar o Iluminismo na cabeça de Urizen e, se isso ocorreu às custas da própria sanidade, então, como outros românticos, Blake preferiu desfrutar da intensidade visionária de sua “loucura” a subscrever as noções aceitas de saúde mental. Outros românticos também preferiram atravessar o horizonte e as fronteiras e explorar

as “partes escuras das coisas”, e muitas vezes depararam nessa esfera com deslumbrantes iluminações.

Este não é o espaço apropriado para embarcar em um resumo do movimento romântico. O ponto é que Jane Austen formou-se dentro do pensamento do século xviii e era fundamentalmente fiel ao respeito pelos limites, pela definição e pelas ideias claras que ele inculcava. No entanto, entre os autores que publicaram obras no mesmo ano de *Orgulho e preconceito* estavam Byron, Coleridge, Scott e Shelley; as *Baladas líricas* de Wordsworth e Coleridge já tinham uma década de existência, e Keats publicaria apenas quatro anos mais tarde. Jane Austen estava escrevendo em uma época em que uma grande mudança da sensibilidade ocorria, e em que grandes mudanças sociais se passavam ou se tornavam iminentes, e até certo ponto estava ciente delas. Ela descrevera pelo menos uma romântica incipiente na figura de Marianne Dashwood em *Razão e sensibilidade*, e o tratamento dado a ela é uma ambígua mescla de simpatia e sátira. Na figura de Elizabeth Bennet, ela nos mostra a energia tentando encontrar um modo válido de existência dentro da sociedade. Mais uma citação de Blake me permitirá concluir o ponto que desejo explicitar. Em *Casamento do céu e do inferno*, Blake escreve: “Energia é a única vida, e vem do Corpo; e Razão é o limite ou circunferência externa da Energia. Energia é eterna Delícia”. Como eu disse, acho que a aversão desconfiada à energia que Jane Austen sentia aumentou em suas obras posteriores. Mas em *Orgulho e preconceito* ela nos mostra energia e razão se unindo, não tanto como uma reconciliação de opostos, mas como um casamento de forças complementares. Ela faz parecer que é possível unir vivacidade e regulação — energia e limites — em proveitosa harmonia, sem que um sacrifique o outro. Como reforçar uma coisa às custas da outra significa perda, tanto para o ser como para a sociedade, a imagem de congruência oferecida em *Orgulho e preconceito* é de relevância indelével. Talvez não seja de espantar que este livro tenha também se provado capaz de oferecer eterna delícia.

notas

- 1 Para mais discussões sobre a influência de sir Charles Grandison sobre Jane Austen, que se impregnara evidentemente da obra de Richardson que ela tanto admirava, ver o muito útil livro *Jane Austen and her predecessors*, de Frank Bradbrook.
- 2 É interessante especular quais pintores Jane Austen pode ter visto em Londres em 1813, além de Reynolds. As possibilidades incluíam Gainsborough e George Romney, embora retratos mais recentes tenham sido feitos por sir Thomas Lawrence (1769-1825), sir Henry Raeburn (1756-1823), John Hoppner (1758-1810) e John Zoffany (1723-1810). Lawrence se considerava um fiel seguidor dos *Discursos* de Reynolds, embora tenha dito certa vez que Reynolds “tinha o temperamento frio, era um filósofo pela ausência de paixões”. Existe uma doçura algo generalizada e uma pureza nos retratos de Lawrence de damas elegantes, ainda que talvez não seja a genuína generalidade neoclássica. Hoppner também era um pintor muito popular de belas mulheres e, provavelmente mais por inveja competitiva do que por verdadeiro ultraje, autor da estranha declaração de que “as damas de Lawrence demonstram uma berrante dissipação do gosto, e por vezes ultrapassam a moral, assim como a castidade profissional”. Talvez Raeburn — o “Velázquez escocês” — alcance uma individualidade um pouco maior do que Lawrence em seus retratos. Sir Walter Armstrong, em 1901, escreveu sobre seu trabalho: “Seus quadros são sempre bem focados. Nossos olhos invariavelmente são conduzidos de uma vez ao centro mais valioso, onde a personalidade do modelo está entronizada em meio aos acidentes de sua condição [...]”. As beldades de Lawrence talvez fossem elegantes demais para Jane Austen encontrar a sra. Bingley entre elas. Hoppner e Raeburn parecem ter abordado um espectro maior de damas, do ponto de vista de classe, e não é impossível que diante de algum desses retratos Jane Austen tenha encontrado uma imagem fiel de sua personagem.
- 3 Ver *Jane Austen: A collection of critical essays*, organizado por Ian Watt (Prentice Hall, 1963).
- 4 *Jane Austen: A Study of her artistic development*, de A. Walton Litz (Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1967).
- 5 O trabalho do sociólogo Erving Goffman aqui é relevante. Ver em especial seu livro *The presentation of self in everyday life* (Anchor, 1959), cujo primeiro capítulo intitula-se “Desempenhos”.
- 6 É a súbita fuga de Lydia, além do casamento remoto mas não dessemelhante do pai, que provoca Jane Austen a empreender o ataque mais direto às primeiras impressões. Ela está justificando a mudança de ideia de Elizabeth a respeito de Darcy.

“Se a gratidão e a estima são bons fundamentos para o afeto, a mudança dos sentimentos de Elizabeth não poderia ser considerada improvável ou falha. Mas se fosse de outro modo, se ao afeto que brotava dessas fontes faltasse razão ou naturalidade, em comparação com o que muitas vezes é descrito como o que surge no primeiro encontro, e antes mesmo de trocar duas palavras, nada pode ser dito em sua defesa, senão que ela de algum modo se submetera ao último método, em sua preferência por Wickham, e que o insucesso talvez a autorizasse a buscar agora o outro modo, menos interessante, de se afeiçoar.”

É bastante claro aqui que Jane Austen demonstra uma peculiar desconfiança do imediatismo pré-verbal da atração sexual. Nessa área em particular, ela obviamente achava que agir segundo as primeiras impressões só poderia terminar em desastre. Para algumas interessantes observações sobre a desconfiança que Jane Austen sentia em relação ao sexo, ver, *Jane Austen: Irony as defense and discovery*, de Marvin Mudrick (Princeton: Princeton University Press, 1952).

7 Ver “Character and caricature in Jane Austen”, em *Critical essays on Jane Austen*, organizado por B. C. Southam (Routledge, 1970).

8 Ver os trabalhos de sociolinguística de Basil Bernstein, em que ele faz distinções entre um código do discurso restrito, determinado pela posição particular da pessoa na estrutura social, e um código do discurso elaborado, que não sofre essa restrição.

9 “Era o grande desejo da mãe dele, assim como é o da mãe dela. Quando ainda estavam no berço, planejamos a união; e agora, no momento em que o desejo de duas irmãs se realizaria com o casamento deles, não há de ser impedido por uma moça de origem inferior, sem importância no mundo e sem nenhuma relação com a nossa família!”

O espetáculo de Elizabeth contrariando os desejos, planos e tramas da sociedade — controle posicional — é algo que nos mantém acreditando na possibilidade de algum nível de autonomia individual. (É um comentário razoavelmente brutal sobre o poder da sociedade de obrigar relações baseadas em respeitabilidade que os Bennet acreditem ser uma bênção quando se anuncia que Wickham se casará com Lydia após a fuga dos dois. “E eles deverão se casar! Mesmo ele sendo esse tipo de homem! [...] Que estranho! E ainda devemos nos sentir gratas por isso.” A penetrante sensibilidade de Elizabeth para as ironias daquela sociedade logo vê a estranheza de um casamento indesejável, tendo em vista o caráter do noivo, e absolutamente essencial, tendo em vista as rígidas regras da sociedade. A adequação pública vem sempre antes da felicidade privada. O fato da relação em si se tornou mais importante do que os indivíduos que a constituirão.)

10 Gilbert Ryle demonstrou em seu interessante ensaio “Jane Austen and the moralists”, no qual argumenta que as ideias de Shaftesbury influenciaram a

ética/ estética de Jane Austen, que, embora ela use muitas vezes a palavra “mente”, quase nunca usa a palavra “alma”.

- 11 Vale notar os nomes dos diversos lugares por onde Jane Eyre passa; eles formam uma progressão sugestiva — Gateshead, Lowood, Thornfield, Moor House, Marsh End, Ferndean. E em sua fuga para Rochester ela finalmente se vê em uma floresta sem nenhuma trilha. De uma casa inicialmente muito repressora, onde demonstra sua rebeldia perdendo a consciência e desmaiando como se sua “cabeça” estivesse presa por “portões”, ela parte para os espaços naturais sem cartografia — de “detrás de portões” para além dos limites sociais. No entanto, não se trata de uma progressão inequívoca, e na verdade Jane Eyre enfim reconhece a necessidade de limites — só que serão limites desenhados e ditados por ela mesma. Mas essa é uma outra história.

* Publicada na edição original do selo Penguin Classics de *Orgulho e preconceito*, em 1972.

** “O tempo há de revelar o que de astúcia oculta/ Quem as falhas disfarça, por fim a vergonha há de ridicularizar.” (n. t.)

Nota sobre o texto

A primeira edição de *Orgulho e preconceito* [*Pride and Prejudice*, P&P] foi publicada em janeiro de 1813, ao preço de 18 xelins. Nenhum manuscrito do romance sobreviveu, e não há registro de que Jane Austen tenha corrigido provas. Ela vendeu o original a Egerton em 1812 por 110 libras, conforme registra em carta de 29 de novembro a Martha Lloyd: “Vendi P&P. — Egerton deu 110 libras por ele. — Eu preferia que fossem 150, mas não pudemos ficar ambos satisfeitos, & eu não fiquei nada surpresa por ele não ter desejado arriscar muito”.¹ Quando recebeu um exemplar da primeira edição, Austen observou: “Há alguns poucos erros Tipográficos — & um ‘disse ele’ ou um ‘disse ela’ teria em alguns pontos tornado o Diálogo mais claro — mas

“Eu não escrevo para Elfos estúpidos

“Nem eles são lá tão Ingênuos”.

— O 2º volume* ficou mais curto do que eu desejaria — mas a diferença não está tanto na realidade quanto na aparência, pois há uma proporção maior de Narrativa naquela parte” (29 de janeiro de 1813).² Ela reparou também “no maior erro da Impressão [...] onde duas falas saíram como uma só” (4 de fevereiro de 1813).³ Vendidos os direitos, Austen não teve mais nada a ver com as edições subsequentes do romance e portanto, como observa Chapman, “a autoridade única da primeira edição é criticamente indiscutível”.⁴ A segunda edição, publicada em outubro de 1813, foi uma reimpressão integral da primeira, com pequenas variações de ortografia e pontuação. A terceira edição, publicada em 1817, foi refeita em dois volumes, dividindo o romance após o capítulo 32 (v. ii, cap. x), arranjo que persistiu até a edição de Chapman, de 1923,

restaurando a divisão original em três volumes. Nenhuma dessas edições corrigiu as falas misturadas do “erro” observado por Austen.

Esta edição de *Orgulho e preconceito* baseia-se no texto da primeira edição. Erros tipográficos óbvios e erros gramaticais e de pontuação foram corrigidos, mas não foi feita nenhuma tentativa de padronizar ou modernizar o texto: a pontuação original, variações de maiúsculas (Lady/ lady, por exemplo) e grafias alternativas, incluindo variantes de nomes próprios, foram mantidas. Aqui e ali, contudo, o texto pode parecer estranho para o leitor moderno. Em diversas ocasiões, por exemplo (especialmente no início do terceiro volume), “Philips” aparece como “Phillips”. De quando em quando, o leitor se dará conta de diferentes convenções de pontuação: há vírgulas, por exemplo, tipicamente colocadas entre sujeito e predicado (por exemplo, na página 198: “A felicidade ansiada por Catherine e Lydia, não dependia de um único acontecimento...”), ou ao final de frases que não são precedidas por vírgula (por exemplo, na mesma página: “um baile afinal, era sempre um baile”); frases parentéticas ou cláusulas são muitas vezes introduzidas por um travessão e encerradas com uma vírgula (por exemplo, na página 470: “O espanto com a chegada dele — sua chegada em Netherfield, a Longbourn, e o fato de ter vindo deliberadamente procurá-la outra vez — foi quase igual...”).

O erro de parágrafos que Austen observou e dois outros casos semelhantes foram corrigidos. Essas, e a maioria das demais emendas, seguem a edição de Chapman, embora eu não tenha adotado todas as mudanças introduzidas por ele no texto. Adotei, contudo, duas das cinco emendas feitas no exemplar de Cassandra Austen da primeira edição do romance, que veio a lume em 1937; as outras três estão descritas em notas das passagens em questão. Todas as alterações mais substantivas estão detalhadas na seção “Emendas ao texto” (p. 535 deste volume).

chapman, R. W. (org.). *Pride and prejudice*, v. ii. In: *The novels of Jane Austen*, 5 v. (1923), 3ª ed. Londres, Nova York e Toronto: Oxford University Press, 1965.

le faye, Deirdre (org.). *Jane Austen's letters*. 3ª ed. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.

notas

1 *Letters*, p. 197.

2 *Ibid.*, pp. 201-2.

3 *Ibid.*, p. 203.

4 Chapman, p. xii.

* *Orgulho e preconceito* foi lançado originalmente em três volumes. Para sinalizar a distribuição original dentro desta edição, os cabeçalhos da página à esquerda informam o volume e o número do capítulo da primeira edição e o cabeçalho da página à direita dará o número do capítulo da sequência numérica contínua. (n. e.)

Orgulho e preconceito

volume i

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa.

Por mais desconhecidos que sejam os sentimentos e as opiniões desse homem no momento em que chega a uma nova vizinhança, tal verdade está tão bem entranhada na mente das famílias da região que ele é considerado, imediatamente e por direito, propriedade de uma ou outra de suas filhas.

“Meu caro senhor Bennet”, disse-lhe a esposa certo dia, “já soube que alguém finalmente alugou Netherfield Park?”

O senhor Bennet respondeu que não.

“Pois então saiba”, ela continuou, “que a senhora Long acabou de sair daqui e me contou tudo.”

O senhor Bennet nem respondeu.

“Não lhe interessa saber quem alugou?”, exclamou a esposa impaciente.

“Você quer que eu saiba, e não me oponho a ouvir.”

Isso já era o suficiente para ela.

“Pois bem, meu querido, a senhora Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz muito rico do norte da Inglaterra; disse que ele chegou segunda-feira numa carruagem com quatro cavalos¹ para ver o lugar e gostou tanto que fechou na hora com o senhor Morris; e disse que ele deve se mudar antes da festa de são Miguel Arcanjo,² e alguns empregados já devem chegar no final da semana que vem.”

“Como ele se chama?”

“Bingley.”

“É casado ou solteiro?”

“Ora, solteiro, meu querido, é claro! Um rapaz solteiro e riquíssimo; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas

meninas!”

“Como assim? Que diferença isso faz para elas?”

“Meu caro senhor Bennet”, retrucou a esposa, “você às vezes é tão irritante! Já devia saber que estou pensando em casá-lo com uma delas.”

“É com esse intuito que ele veio morar aqui?”

“Intuito! Que bobagem, como você pode dizer uma coisa dessas? Mas é muito provável que ele venha a se apaixonar por uma delas, e portanto você deve visitá-lo assim que ele chegar.”

“Não vejo muito cabimento nisso. Você e as meninas podem ir, ou você pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois você é tão linda quanto qualquer uma delas, e o senhor Bingley pode achá-la a melhor do grupo.”

“Meu querido, estou lisonjeada. Certamente eu tive a minha cota de beleza, mas sei que não sou nada de mais hoje em dia. Uma mulher com quatro filhas adultas tem o dever de parar de pensar na própria beleza.”

“Na maioria dos casos, a mulher já não tem tanta beleza assim para pensar a respeito.”

“Mas, querido, você tem que ir mesmo visitar o senhor Bingley assim que ele chegar à região.”

“Isso é mais do que estou disposto a fazer, pode ter certeza.”

“Mas pense nas suas filhas. Uma delas poderia ocupar uma posição bem estabelecida na sociedade. Sir William e Lady Lucas certamente irão visitá-lo só por isso, pois você sabe que eles nunca visitam nenhum recém-chegado. Você deve mesmo ir, porque nós não poderemos visitá-lo se você não for antes.”

“Você está exagerando em seus escrúpulos. Ousaria dizer que o senhor Bingley ficará muito feliz em vê-la; e enviarei algumas linhas por seu intermédio garantindo-lhe meu consentimento sincero ao casamento dele com qualquer uma das meninas; embora devesse usar palavras mais abonadoras para a minha pequena Lizzy.”

“Gostaria muito que você não fizesse nada parecido. Lizzy não é em nada melhor que as outras; e garanto que sua beleza não chega nem à metade da beleza de Lydia. Mas você sempre a favorece.”

“Elas não têm nada que as recomende”, retrucou ele. “São tolas e ignorantes como todas as meninas; mas Lizzy é mais sagaz que as irmãs.”

“Senhor Bennet, como pode falar assim das próprias filhas? Você adora me irritar. Não tem pena dos meus nervos?”

“Você está enganada, minha cara. Tenho grande respeito pelos seus nervos. São meus velhos conhecidos. Ouço você falar deles há pelo menos vinte anos.”

“Ah! Você não sabe quanto eu sofro.”

“Mas espero que você consiga superar tudo isso, e que ainda viva o bastante para ver muitos rapazes com quatro mil libras por ano se mudarem para cá.”

“Mas de que adiantariam tantos se você não fosse visitá-los?”

“Pode contar com isso, minha cara; quando houver vinte deles, irei visitar todos.”

O senhor Bennet era uma mistura tão peculiar de sagacidade, humor sarcástico, discrição e caprichos que a experiência de vinte e três anos ainda era insuficiente para que a esposa entendesse seu caráter. Já a mente dela era bem menos difícil de destrinchar. Era uma mulher de pouca percepção, escassa instrução e dona de duvidoso temperamento. Quando contrariada, queixava-se dos nervos.³ O objetivo de sua vida era casar as filhas; seu passatempo eram as visitas e as novidades.

O senhor Bennet foi um dos primeiros a visitar o senhor Bingley. Desde o início tencionava fazê-lo, embora tivesse dito até o último momento à mulher que não devia ir; até chegar a tarde em que se deu de fato a visita ela não sabia que iria acontecer. Então passou o seguinte. Observando sua segunda filha enfeitar um chapéu, ele se dirigiu a ela dizendo:

“Espero que o senhor Bingley goste, Lizzy.”

“Não podemos saber do que o senhor Bingley gosta”, disse a mãe, ressentida, “porque não podemos visitá-lo.”

“Mas você está esquecendo, mamãe”, disse Elizabeth, “que iremos encontrá-lo socialmente,¹ e que a senhora Long prometeu apresentá-lo.”

“Não acredito que a senhora Long vá fazer uma coisa dessas. Ela tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta, hipócrita, e não tenho a menor consideração por ela.”

“Nem eu”, disse o senhor Bennet, “e fico contente de ver que você não conta com ela para ajudá-la.”

A senhora Bennet achou melhor nem comentar; mas, incapaz de se conter, começou a ralhar com uma das filhas.

“Pare de tossir assim, Kitty, por tudo que é mais sagrado! Tenha dó dos meus nervos. Assim eles ficam em pandarecos.”

“Kitty não sabe tossir discretamente”, disse o pai; “ela tosse dessa forma grosseira.”

“Eu não tusso porque gosto”, retrucou Kitty, chateada.

“Quando será o seu próximo baile, Lizzy?”

“Em duas semanas, a contar de amanhã.”

“É, isso mesmo”, exclamou a mãe, “e a senhora Long só volta um dia antes disso; então será impossível que o apresente, pois ela

mesma não o terá conhecido ainda.”

“Pois então, minha cara, você terá uma vantagem sobre sua amiga, e poderá apresentar o senhor Bingley a ela.”

“Impossível, senhor Bennet, impossível, pois eu também não o conheço; por que tanta provocação?”

“Aprecio muito a sua prudência. Conhecer alguém por duas semanas seguramente é muito pouco. Não se pode conhecer de fato um homem em quinze dias. Mas, se nós não arriscarmos, alguém o fará; e afinal a senhora Long e suas sobrinhas merecem uma oportunidade; portanto, como ela considerará isso um ato de generosidade, se você recusar a tarefa, eu a assumirei sozinho.”

As meninas olharam todas para o pai. A senhora Bennet disse apenas: “Bobagem, bobagem!”.

“O que essa enfática declaração significa?”, ele se exaltou. “Você considera as formas de apresentação² e a aflição nelas depositada uma bobagem? Não posso concordar com você nesse sentido. O que me diz, Mary? Pois você é uma mocinha dada a reflexões profundas, que lê grandes livros, e copia trechos deles.”³

Mary quis dizer algo sensato, mas não soube o quê.

“Enquanto Mary organiza suas ideias”, ele continuou, “voltemos ao senhor Bingley.”

“Estou cansada do senhor Bingley”, exclamou a esposa.

“Lamento ouvir isso; por que não me disse antes? Se eu soubesse disso esta manhã, certamente não teria ido visitá-lo. É muito azar; mas, como enfim acabei visitando, não podemos escapar do fato de que agora o conhecemos.”

A perplexidade das mulheres era justamente o que ele queria; a da senhora Bennet, talvez, sobretudo; embora passado o primeiro tumulto de euforia ela tenha começado a dizer que era o que esperava dele o tempo todo.

“Que bom que você fez isso, meu querido senhor Bennet! Mas eu sabia que conseguiria convencê-lo. Sabia que você amava demais as suas meninas para se recusar a uma visita. Ora, como estou satisfeita! Além do mais, é engraçado que você tenha ido hoje cedo e tenha ficado sem dizer uma palavra a respeito até agora.”

“Bem, Kitty, você pode tossir à vontade agora”, disse o senhor Bennet; e, ao dizer isso, saiu da sala, cansado dos arroubos da esposa.

“Mas que pai excelente vocês têm, meninas”, disse ela, quando a porta se fechou. “Não sei o que vão conseguir fazer para compensar a generosidade desse homem; nem eu, a bem da verdade. Na nossa idade, não é mais tão agradável, posso dizer, conhecer pessoas novas todo dia; mas, para o bem de vocês, seríamos capazes de qualquer coisa. Lydia, meu amor, apesar de ser a mais nova, ousou dizer que o senhor Bingley dançará com você no próximo baile.”

“Oh!”, exclamou Lydia, com firmeza. “Não estou com medo, pois, apesar de mais nova, sou a mais alta.”

Elas passaram o resto da noite em conjecturas sobre quanto demoraria para ele devolver a visita ao senhor Bennet, e decidindo quando poderiam convidá-lo para jantar.

Todas as coisas que a senhora Bennet, com auxílio das cinco filhas, lembrou-se de perguntar sobre o assunto não foram, contudo, suficientes para arrancar do marido qualquer descrição satisfatória do senhor Bingley. Atacaram-no de várias maneiras; com questionamentos descarados, suposições engenhosas e especulações remotas; mas ele esquivou-se de todas elas; e elas foram afinal obrigadas a aceitar a informação de segunda mão de sua vizinha Lady Lucas. O relato que ela fizera fora extremamente favorável. Sir William também o adorou. Ele era bastante jovem, maravilhosamente lindo, extremamente agradável e, para coroar tudo isso, pretendia ir ao próximo evento com um grupo grande. Nada podia ser mais aprazível! Gostar de dançar era um passo para se apaixonar; e havia muita gente esperançosa de conquistar o coração do senhor Bingley.

“Se eu puder ver uma das minhas filhas casada e feliz morando em Netherfield”, disse a senhora Bennet ao marido, “e todas as outras igualmente bem casadas, não quero mais nada da vida.”

Em poucos dias, o senhor Bingley devolveu a visita do senhor Bennet e ficou cerca de dez minutos com ele na biblioteca. Viera esperando que lhe deixassem ver as senhoritas de cuja beleza ele ouvira muito falar; porém, só viu o pai. As senhoritas tiveram melhor sorte, pois tiveram a vantagem de constatar com os próprios olhos, espiando por uma janela mais alta, que ele estava de casaca azul e chegara em um cavalo preto.

Um convite para jantar foi enviado logo depois; e a senhora Bennet já estava planejando os pratos que dariam pontos à sua excelência doméstica, quando chegou uma resposta com uma pronta recusa. O senhor Bingley teria que estar na cidade no dia seguinte, e

consequentemente não poderia aceitar a honra do convite delas etc. A senhora Bennet ficou bastante desconcertada. Não conseguia imaginar que assunto teria ele na cidade tão logo chegara a Hertfordshire; e começou a recear que ele vivesse sempre flinando de um lugar a outro e nunca se estabelecesse em Netherfield como devia. Lady Lucas dissipou um pouco seus temores dizendo que ele teria ido a Londres apenas reunir um grupo grande para o baile; e notícias chegaram dizendo que, de fato, o senhor Bingley levaria doze damas e sete cavalheiros ao baile. As meninas lamentaram a quantidade de damas; mas se consolaram na véspera do baile ao ouvir dizer que, em vez de doze, trouxera apenas seis com ele de Londres, cinco irmãs e uma prima. E, quando o grupo entrou no salão, eram apenas cinco pessoas no total, o senhor Bingley, suas duas irmãs, o marido da mais velha e outro rapaz.

O senhor Bingley tinha boa aparência e modos cavalheirescos; semblante agradável, comportamento tranquilo e sem afetação. Suas irmãs eram belas mulheres, de ar decidido. O cunhado, o senhor Hurst, era um cavalheiro discreto; mas o amigo, senhor Darcy, logo chamou a atenção no ambiente por seu porte distinto, alto e bonito de nobre; e o que corria entre todos ali, cinco minutos após sua chegada, era que dispunha de uma renda de dez mil libras por ano.¹ Os cavalheiros diziam que era um homem e tanto, as damas acharam-no muito mais bonito que o senhor Bingley e ele passou a ser visto com grande admiração até quase a metade da noite, quando seus modos despertaram um mal-estar que mudou a maré de sua popularidade; pois se descobriu que era orgulhoso, superior ao grupo, e impossível de agradar; e nem toda sua vasta propriedade em Derbyshire foi capaz então de salvá-lo de ter um semblante hostil e desagradável, indigno de ser comparado ao do amigo.

O senhor Bingley logo se apresentara às pessoas mais importantes do salão; animado e franco, não perdeu uma única dança, ficou contrariado pelo fato de o baile terminar cedo e comentou que realizaria um em Netherfield. Qualidades tão amáveis falam por si mesmas. Mas que contraste entre ele e o amigo! O senhor Darcy dançou apenas uma vez com a senhora Hurst e uma com a senhorita

Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer outra dama e passou o resto da noite andando pelo salão, falando de quando em quando com alguém do próprio grupo. Definiram, assim, seu caráter. Ele era o homem mais orgulhoso e antipático do mundo, e todos esperavam que nunca mais voltasse ali. Entre os mais beligerantes contra ele estava a senhora Bennet, cuja desaprovação de seu comportamento se aguçara em um ressentimento particular quando ele desdenhou de uma de suas filhas.

Elizabeth Bennet fora obrigada, devido à escassez de pares, a ficar duas danças sentada;² e, durante parte desse tempo, o senhor Darcy estivera de pé perto o bastante para que ela entreouvisse uma conversa dele com o senhor Bingley, que deixou seu par por alguns minutos para convencer o amigo a dançar.

“Venha, Darcy”, disse ele, “tenho que fazer você dançar. Odeio vê-lo parado sozinho feito um idiota. Seria muito melhor se você dançasse.”

“Seguramente não. Você sabe como detesto isso, a não ser que eu conheça bem minha parceira. Em uma reunião como esta, seria insuportável. Suas irmãs já têm par, e não há no salão nenhuma mulher cuja companhia não seria um castigo.”

“Eu não seria tão exigente assim”, exclamou Bingley. “Santo Deus! Juro pela minha honra que nunca vi tantas garotas bonitas na vida como esta noite; muitas delas são de uma beleza rara.”

“Você está dançando com a única garota bonita do baile”, disse o senhor Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

“Oh! É a criatura mais bela que eu já vi! Mas uma das irmãs dela está sentada logo atrás de você, e é muito bonita, e, ousado dizer, muito simpática. Deixe que eu peça a ela que o apresente à irmã.”

“De quem está falando?”, e virando-se, olhando para Elizabeth por um momento até cruzarem o olhar, ele baixou a vista e disse com frieza: “É razoável; mas não é bonita o bastante para me tentar; e no momento não estou disposto a me envolver com moças desdenhadas pelos outros homens. É melhor você voltar à sua parceira e desfrutar dos sorrisos dela, pois está perdendo seu tempo comigo.”

O senhor Bingley seguiu seu conselho. O senhor Darcy deixou o salão; e Elizabeth ficou com sentimentos não muito cordiais em relação a ele. No entanto, contou a história às amigas com presença de espírito; pois tinha um gênio divertido e entusiasmado, que se deliciava com qualquer coisa de ridículo.

A noite transcorreu de modo aprazível para toda a família. A senhora Bennet vira a filha mais velha ser muito admirada pelo grupo de Netherfield. O senhor Bingley dançou com ela duas vezes, e suas irmãs também gostaram dela. Jane sentiu-se grata por isso, tanto quanto a mãe, embora de modo mais discreto. Elizabeth ficou contente por Jane. Mary ouvira o próprio nome mencionado à senhorita Bingley como a garota mais prendada da região; e Catherine e Lydia tiveram a sorte de não ficar nenhuma dança sem par, que era tudo a que aprenderam a dar importância em um baile. Voltaram, portanto, bem-humoradas a Longbourn, a vila onde viviam, e da qual eram as moradoras mais importantes. Encontraram o senhor Bennet ainda acordado. Com um livro, ele se esquecia da hora; e no momento estava um bocado curioso com o evento daquela noite, que acendera esperanças tão esplêndidas. Ele preferiria que as opiniões da esposa sobre o recém-chegado tivessem sido frustradas; mas logo descobriu que ela tinha uma história muito diferente para contar.

“Oh! Meu querido senhor Bennet!”, disse ela ao entrar. “Foi uma noite das mais deliciosas, um baile excelente. Queria que você tivesse ido. Jane foi tão admirada, nada poderia ter sido melhor. Todos comentando como ela estava linda; e o senhor Bingley achou-a muito bonita, e dançou com ela duas vezes. Imagine só, meu querido; ele de fato dançou duas danças inteiras com ela; e ela foi a única criatura do salão que ele tirou duas vezes. Primeiro, ele tirou a senhorita Lucas. Fiquei irritada quando os vi juntos; mas ele não se encantou por ela, na verdade, ninguém se encanta, você sabe; e ele ficou impressionado com Jane quando ela chegou à pista. Quis saber quem era, foi apresentado e tirou-a para as duas danças seguintes. Então, ele dançou uma com a senhorita King, e outra com Maria Lucas, e depois de novo com Jane, então com Lizzy a *boulangier*.”³

“Se ele tivesse pena de mim”, exclamou o marido impaciente, “não teria dançado nem a metade disso! Pelo amor de Deus, não quero saber com quem dançou o quê. Oh! Que tivesse torcido o tornozelo logo na primeira!”

“Oh! Meu querido”, continuou a senhora Bennet, “eu adorei esse rapaz. Ele é um exagero de beleza! E as irmãs são moças encantadoras. Nunca vi na vida coisas tão lindas como aqueles vestidos delas. Arrisco dizer que a renda do vestido da senhora Hurst...”

Aqui ela foi novamente interrompida. O senhor Bennet se recusou a ouvir mais uma palavra sobre vestidos. Ela foi assim obrigada a buscar outro tipo de assunto, e relatou, com humor amargo e algum exagero, a grosseria chocante do senhor Darcy.

“Mas posso lhe garantir”, ela acrescentou, “que Lizzy não perdeu muito em não se encaixar no gosto dele; pois se trata de um homem antipático e horrível, que não vale a pena cativar. Tão convencido e presunçoso que se torna insuportável! Ficava andando de lá para cá, achando-se grande coisa! Não é bonito o bastante para se dançar com ele! Queria que você estivesse lá na hora, querido, para lhe passar uma daquelas suas descomposturas. Eu detesto esse homem.”

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que até então fora discreta nos elogios ao senhor Bingley, expressou para a irmã o quanto ele a impressionara.

“Ele é simplesmente tudo o que um rapaz deve ser”, ela disse, “sensato, bem-humorado, animado; e eu nunca vi alguém com modos tão simpáticos! — tão à vontade, de uma educação perfeita!”

“E ainda bonito”, respondeu Elizabeth, “coisa que um rapaz também deve ser, quando possível. Assim se completa seu caráter.”

“Fiquei tão lisonjeada por ter sido tirada para dançar de novo. Não esperava um elogio desses.”

“Não? Eu esperava. Mas essa é uma grande diferença entre nós duas. Os elogios sempre pegam você de surpresa; a mim, nunca. O que seria mais natural do que ele tirá-la para dançar de novo? O que ele poderia fazer ao perceber que você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra mulher na festa? Não pense que foi um galanteio da parte dele. Bem, ele sem dúvida é agradável, e lhe dou permissão para gostar dele. Você já gostou de outros muito mais tolos.”

“Lizzy!”

“Oh! Você é perfeitamente capaz, e sabe disso, de gostar das pessoas em geral. Não vê defeitos em ninguém. Todo mundo é bom e simpático aos seus olhos. Nunca vi você falar mal de um ser humano nesta vida.”

“Quem me dera não julgar precipitadamente os outros; mas eu sempre falo o que penso.”

“Eu sei; e é isso o mais estranho. Que, com todo o seu bom senso, você seja tão honestamente cega para as tolices e bobagens dos outros! Uma sinceridade fingida é um lugar-comum; — encontra-se a

toda hora. Mas sinceridade sem ostentação ou segundas intenções — tomar o bem do caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e não falar nada de mal — só você mesmo. E você gostou das irmãs dele também, não? Elas não têm as mesmas boas maneiras que ele.”

“Claro que não; a princípio. Mas elas são mulheres muito agradáveis quando se conversa com elas. A senhorita Bingley vai morar com o irmão e cuidar da casa; e, ou muito me engano, ela será uma vizinha encantadora.”

Elizabeth escutou em silêncio, mas não se convenceu; o comportamento delas no baile não fora calculado para agradar; com maior rapidez de observação e menos complacência de temperamento do que a irmã, e com um juízo nada assoberbado por qualquer atenção dada a si mesma, ela estava muito pouco disposta a aprová-las. Eram de fato damas muito finas;¹ não desprovidas de bom humor quando estavam satisfeitas, capazes de serem simpáticas na hora em que quisessem; mas muito orgulhosas e convencidas. Elas eram muito bonitas, haviam sido educadas em uma das primeiras escolas particulares de Londres,² tinham uma fortuna de vinte mil libras, estavam acostumadas a gastar mais do que deveriam e a se relacionar com pessoas de estirpe; portanto tinham todo o direito de ter um bom conceito de si mesmas, e um mau conceito dos outros. Pertenciam a uma família respeitável do norte da Inglaterra; uma circunstância mais profundamente gravada em suas lembranças do que o fato de a fortuna do irmão e a delas próprias ter sido amealhada no comércio.

O senhor Bingley herdara uma fortuna próxima a cem mil libras do pai, que pretendia comprar uma propriedade, mas não vivera o bastante para fazê-lo. — O senhor Bingley tencionava fazer o mesmo, e às vezes escolhia um condado; mas, embora dispusesse de uma boa casa e licença para caçar, suspeitava-se, entre aqueles que melhor conheciam a tranquilidade de seu temperamento, de que fosse acabar passando o resto da vida locatário de Netherfield e deixar a geração seguinte se encarregar da compra.

Suas irmãs viviam muito aflitas para que ele comprasse logo uma propriedade; mas, embora ele não fosse ali um inquilino qualquer, a senhorita Bingley estava disposta a presidir sua mesa, tanto quanto a

senhora Hurst, casada com um homem de mais estilo do que renda, que considerava a casa dele como sua, quando lhe convinha. O senhor Bingley atingira a maioridade havia apenas dois anos quando fora tentado por uma recomendação casual a dar uma olhada em Netherfield. Olhou de fora a dentro durante uma meia hora, gostou do estado geral e dos cômodos principais, ficou satisfeito com os elogios que o proprietário fez e fechou negócio imediatamente.

Entre ele e Darcy havia uma sólida amizade, apesar da grande diferença de caráter. — Bingley era caro a Darcy pela sociabilidade, pela franqueza e pela docilidade de seu temperamento, embora nada pudesse ser tão distante de sua própria disposição, com a qual não parecia insatisfeito. Com relação a Darcy, Bingley depositava a maior confiança, e de seu julgamento tinha a mais elevada opinião. Em termos de visão das coisas, Darcy era superior. Bingley não ficava muito atrás, mas Darcy era inteligente. Era ao mesmo tempo arrogante, reservado e exigente, e seus modos, ainda que educados, não eram convidativos. Nesse aspecto o amigo levava grande vantagem sobre ele. Enquanto Bingley tinha certeza de que iriam gostar dele aonde quer que fosse, Darcy estava sempre ofendendo alguém.

O modo como falavam do baile de Meryton foi bastante característico. Bingley nunca encontrara pessoas tão agradáveis ou garotas tão bonitas na vida; todos tinham sido muito generosos e atenciosos com ele, não houvera nenhuma formalidade, nenhuma rigidez, logo ele já conhecia todos no salão; quanto à senhorita Bennet, não podia conceber anjo mais lindo. Darcy, ao contrário, vira um grupo de pessoas sem a mínima beleza ou estilo, pelas quais não sentira o menor interesse, e nenhuma delas lhe dera atenção ou divertimento. A senhorita Bennet, ele admitia, era linda, mas sorria demais.

A senhora Hurst e a irmã concordaram que era esse o caso — mas ainda assim a admiraram e gostaram dela, dizendo que era uma menina doce, alguém a quem não fariam objeção a conhecer melhor. A senhorita Bennet foi então declarada uma menina doce, e o irmão delas sentiu-se autorizado por tal recomendação a pensar nela como bem quisesse.

À distância de uma curta caminhada de Longbourn vivia uma família de quem as Bennet eram especialmente íntimas. Sir William Lucas trabalhara no comércio de Meryton, onde amealhara razoável fortuna e se alçara à honra de um título de cavaleiro, por solicitação ao Rei, quando foi prefeito.¹ A honraria talvez lhe tenha influenciado demais. Começara a sentir desprezo pelo próprio negócio e por sua residência em uma cidadezinha comercial; deixando ambas as coisas para trás, mudara-se com a família para uma casa a cerca de uma milha de Meryton, denominada desde então Lucas Lodge, onde podia pensar à vontade na própria importância e, sem as amarras do comércio, ocupar-se exclusivamente em ser civilizado com todo mundo. Pois, ainda que enlevado por sua posição, aquilo não o deixou mais presunçoso; ao contrário, ele era atencioso com todos. Por natureza inofensivo, amistoso e solícito, sua nomeação em St. James tornara-o cortês.

Lady Lucas era uma mulher muito boa, não muito esperta para ser uma vizinha valiosa para a senhora Bennet. — Tinham várias filhas. A mais velha, uma moça sensata, inteligente, de uns vinte e sete anos, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as senhoritas Lucas e as senhoritas Bennet se encontrassem para conversar sobre um baile era algo absolutamente necessário; e a manhã seguinte à festa levou as primeiras a Longbourn para ouvir e contar.

“Você começou bem a noite, Charlotte”, disse a senhora Bennet com polida serenidade à senhorita Lucas. “Foi a primeira escolhida do senhor Bingley.”

“Sim; — mas parece que ele gostou mais da segunda escolhida.”

“Oh! — você se refere a Jane, imagino — porque ele dançou com ela duas vezes. Certamente que isso deixou claro que ele gostou dela — de fato, acho que gostou mesmo — ouvi alguém comentar — mas nem sei o que foi — algo sobre o senhor Robinson.”

“Talvez seja a conversa que entreouvi dele com o senhor Robinson; eu não contei? O senhor Robinson perguntou o que ele estava achando dos bailes de Meryton, se não achava que havia muitas mulheres bonitas no salão, e qual achava a mais bonita de todas. E a resposta dele para a última pergunta foi imediata — Oh! A senhorita Bennet mais velha, sem nenhuma dúvida, não há o que discutir quanto a isso.”

“Você jura?! — Bem, isso foi mesmo uma resposta decidida — parece até que... mas, seja como for, pode acabar não dando em nada, como você sabe.”

“O que eu ouvi foi muito melhor do que aquilo que você ouviu, não é, Eliza?”, disse Charlotte. “O senhor Darcy não merece ser ouvido tanto quanto o amigo, não? — Pobre Eliza! — apenas razoável.”

“Peço que não insista nisso com Lizzy, para que ela não se constranja com a péssima conduta dele; pois é um homem tão antipático que seria um grande azar ser cortejada por ele. A senhora Long me disse que ficou meia hora sentada ao seu lado e ele não abriu a boca.”

“Você tem certeza, madame? — não seria um engano?”, disse Jane. — “Tenho certeza de ter ouvido o senhor Darcy conversando com ela.”

“É — porque afinal ela perguntou o que ele estava achando de Netherfield, e ele não pôde deixar de responder; — mas ela disse que parecia muito irritado por alguém se dirigir a ele.”

“A senhorita Bingley me contou”, disse Jane, “que ele nunca fala muito, a não ser com seus conhecidos mais íntimos. Com eles, é muito simpático.”

“Não acredito em uma palavra dessa história, minha querida. Se fosse mesmo tão simpático, teria conversado com a senhora Long. Mas posso até imaginar como aconteceu; todo mundo está comentando que ele é orgulhoso, e ousa dizer que deve ter ouvido

falar que a senhora Long não tem carruagem, e que foi ao baile com uma alugada.”²

“Não me importo com o fato de ele não haver conversado com a senhora Long”, disse a senhorita Lucas, “mas gostaria que tivesse dançado com Eliza.”

“Da próxima vez, Lizzy”, disse Lady Lucas, “eu não dançaria com ele, se fosse você.”

“Acho que posso lhe prometer, madame, que nunca vou dançar com ele.”

“O orgulho dele”, disse a senhorita Lucas, “não me ofende tanto como o orgulho costuma fazer, pois existe uma desculpa para isso. Não deveria espantar que um rapaz tão distinto, de família, rico, com tudo a seu favor, tenha-se em tão alta conta. Se posso dizer assim, ele tem o direito de ser orgulhoso.”

“Isso lá é verdade”, retrucou Elizabeth, “e eu poderia facilmente perdoar o orgulho dele, se não tivesse ofendido o meu.”

“O orgulho”, observou Mary, que se sentira implicada na conversa pela solidez de suas reflexões, “é uma falha que creio comum. Por tudo o que li, estou convencida de que é de fato muito comum, de que a natureza humana tem uma inclinação para isso, e são raríssimas as pessoas que não alimentam uma sensação de autossatisfação por conta de uma qualidade ou outra, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora muitas vezes sejam usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. Orgulho está mais associado à opinião que temos de nós mesmos, vaidade ao que os outros pensam de nós.”

“Se eu fosse rico como o senhor Darcy”, exclamou o jovem Lucas, que viera com as irmãs, “não me importaria de ser orgulhoso. Teria muitos cães de caça,³ e beberia uma garrafa de vinho por dia.”

“Assim você beberia muito mais do que deveria”, disse a senhora Bennet; “e, se eu visse você fazendo isso, tiraria logo a garrafa da sua mão.”

O menino protestou que ela não deveria fazer isso; ela continuou dizendo que faria, e a discussão durou até o fim da visita.

As damas de Longbourn logo foram visitar as de Netherfield. A visita foi retribuída na forma devida. Os modos agradáveis da senhorita Bennet alimentaram a boa vontade da senhora Hurst e da senhorita Bingley; e, embora a mãe fosse considerada insuportável e as irmãs mais novas indignas de atenção ou palavra, um desejo de conhecê-las melhor foi expresso pelas duas mais velhas. Por Jane, tal atenção foi recebida com o maior prazer; mas Elizabeth ainda via presunção no tratamento que elas dedicavam às pessoas em geral, e talvez nem mesmo sua irmã fosse exceção; não conseguiu gostar delas, embora sua gentileza com Jane, tal como era, tivesse muito provavelmente nascido por influência da admiração que o irmão sentira. Era evidente para todos, sempre que se encontravam, que ele a admirava; e para ela era igualmente claro que Jane estava cedendo à preferência que começara a demonstrar por ele desde o início, e estava de certo modo muito apaixonada; mas Lizzy considerou com prazer que isso provavelmente não seria revelado ao mundo, uma vez que Jane reunia com grande firmeza uma compostura e uma leveza uniforme em seus modos, que a protegeriam da desconfiança dos impertinentes. Ela comentou isso com sua amiga, a senhorita Lucas.

“Talvez seja bom”, respondeu Charlotte, “conseguir se impor publicamente nesse caso; mas às vezes pode ser uma desvantagem se proteger tanto. Se uma mulher disfarça seu afeto com a mesma habilidade do objeto do afeto,¹ pode perder a oportunidade de assegurá-lo para si; e então não seria grande consolo que o mundo tampouco soubesse de tudo. Existe tanta gratidão e vaidade em quase todo relacionamento que não é seguro dar estímulo nenhum. Podemos até começar livremente — uma ligeira preferência é algo

muito natural; mas são poucas as pessoas que têm coragem o bastante para se apaixonar de verdade sem um incentivo. Em nove entre dez casos, é melhor que a mulher mostre mais afeição do que sente. Bingley sem dúvida gosta de sua irmã, mas pode ser que nunca faça nada além de gostar dela se Jane não o ajudar.”

“Mas ela o ajuda, tanto quanto a natureza dela permite. Se até eu percebi como ela olha para ele, só mesmo se for um simplório ele não descobrirá também.”

“Lembre-se, Eliza, ele não conhece a disposição de Jane como você.”

“Mas, se uma mulher tem preferência por um homem e não pretende revelar, ele tem que se aperceber disso.”

“Talvez ele tenha, se conseguir vê-la o bastante. Mas, embora Bingley e Jane se encontrem com razoável frequência, nunca passam muitas horas juntos; e, como sempre se encontram em grandes grupos, é impossível que cada momento se empregue em conversas a dois. Jane deveria aproveitar ao máximo cada meia hora em que puder dominar a atenção dele. Quando estiver segura dos sentimentos dele, haverá ocasião para ela se apaixonar o quanto quiser.”

“Seu plano seria bom”, respondeu Elizabeth, “se não houvesse em questão outra coisa além do desejo de ser bem casada; e se eu estivesse resolvida a arranjar um marido rico, ou qualquer marido, devo dizer que o adotaria. Mas esses não são os sentimentos de Jane; ela não está agindo com segundas intenções. No momento, não sabe ao certo nem o grau de seu próprio envolvimento nem se isso é plausível. Ela o conhece há duas semanas. Dançou quatro vezes com ele em Meryton; viu-o um dia na casa dele, e desde então jantou com ele quatro vezes. Não é o bastante para entender o caráter dele.”

“Não da forma como você pensa. Se ela só tivesse jantado com ele, já poderia saber se o senhor Bingley tem bom apetite; mas lembre-se de que passaram quatro noites juntos — e quatro noites podem surtir um grande efeito.”

“Sim; essas quatro noites permitiram que eles soubessem que ambos gostam mais de vinte e um do que de *commerce*;² mas,

quanto a qualquer outra característica importante, imagino que não tenha se revelado muita coisa.”

“Bem”, disse Charlotte, “desejo sucesso a Jane, do fundo do coração; e, se ela se casasse com ele amanhã, acho que teria boas chances de ser feliz, da mesma forma que se ficasse estudando o caráter dele por um ano. A felicidade no casamento é uma questão de pura sorte. Se a disposição das partes é sempre tão bem conhecida dos dois, ou se são semelhantes de antemão, não faz a menor diferença para a felicidade no final. As pessoas sempre ficam diferentes depois de passarem por períodos difíceis; e é melhor saber o mínimo possível dos defeitos da pessoa com quem você vai passar o resto da vida.”

“Você me faz rir, Charlotte; mas isso não é sério. Você sabe que não é, e jamais agiria assim.”

Ocupada em observar a atenção que o senhor Bingley dedicava à sua irmã, Elizabeth nem suspeitava que ela própria se tornava objeto de algum interesse aos olhos do amigo dele. O senhor Darcy a princípio sequer admitira que fosse bonita; olhara sem nenhuma admiração para ela no baile; e, quando se encontraram depois, fez-lhe apenas críticas. Mas, assim que admitiu claramente para si e seus amigos que ela não tinha um traço de beleza no rosto, começou a perceber que se tornava um rosto extraordinariamente inteligente, pela bela expressão de seus olhos escuros. A tal descoberta seguiram-se outras igualmente mortificantes. Embora ele tivesse notado com olhos críticos mais de uma falha na simetria de seu rosto, foi forçado a reconhecer que se tratava de uma pessoa interessante e agradável; e, apesar do que afirmara sobre seus modos não serem requintados, foi cativado por serem joviais e desembaraçados. Elizabeth não se dava conta de nada disso; — para ela, ele era apenas o homem que não era simpático com ninguém, e que não a achara bonita o bastante para dançar com ele.

Darcy passou a desejar saber mais a respeito dela e, no intuito de avançar até o ponto de conversar com ela, prestava atenção em sua conversa com os outros. Foi então que Lizzy percebeu que era isso que ele estava fazendo. Foi na casa de Sir William Lucas, onde um grupo grande estava reunido.

“O que será que o senhor Darcy quer”, ela disse a Charlotte, “ouvindo a minha conversa com o coronel Forster?”

“Essa é uma pergunta que só o senhor Darcy pode responder.”

“Mas se ele continuar fazendo isso vou deixar bem claro que estou vendo aonde ele quer chegar. Com aquele olhar satírico dele, se eu não for impertinente, logo vou começar a temê-lo.”

Quando em seguida ele se aproximou do grupo, embora sem aparentar qualquer intenção de falar, a senhorita Lucas desafiou a amiga a repetir o que estavam conversando, imediatamente provocando Elizabeth, que se virou para ele e disse:

“O senhor Darcy não acha que eu fiz bem agora há pouco ao instigar o coronel Forster a nos oferecer um baile em Meryton?”

“Enfaticamente; — mas esse é um assunto que sempre faz com que uma dama seja enfática.”

“Você é muito severo conosco.”

“Agora é a vez dela de ser provocada”, disse a senhorita Lucas. “Vou abrir o instrumento, Eliza, e você sabe o que isso significa.”

“Você é uma amiga muito estranha! — sempre quer que eu toque e cante na frente de qualquer pessoa ou de todo mundo! — Se a minha vaidade tivesse me levado para a música, você seria muito importante para mim; não sendo esse o caso, eu realmente preferiria não me sentar diante de quem deve ter o costume de ouvir os melhores intérpretes.” No entanto, como a senhorita Lucas insistiu, ela acrescentou: “Muito bem; se é preciso, que seja”. E, fitando gravemente o senhor Darcy: “Há um bom e velho ditado que vocês todos certamente conhecem: ‘Guarde o fôlego para soprar o mingau’³ — mas deixarei o meu para entoar uma canção”.

A apresentação foi agradável, ainda que não extraordinária. Depois de uma ou duas canções, e antes que ela pudesse responder aos vários pedidos para cantar de novo, foi avidamente sucedida ao piano por sua irmã Mary, que havendo trabalhado duro em busca de conhecimento e realizações, em consequência de ser a única filha sem atrativos da família, estava sempre impaciente para aparecer.

Mary não tinha gênio nem gosto; e, embora a vaidade lhe houvesse dado determinação, dera-lhe também um ar pedante e modos convencidos, o que comprometia um grau mais alto de excelência do

que ela já alcançara. Elizabeth, à vontade e sem afetações, fora ouvida com muito mais prazer, embora não tocasse nem a metade; e Mary, ao final de um longo concerto, ficou contente em arrancar elogios e agradecimentos com canções escocesas e irlandesas, a pedido de suas irmãs mais novas, que passaram a dançar avidamente a um dos cantos da sala, com algumas das irmãs Lucas e dois ou três oficiais.

O senhor Darcy ficou parado de pé perto deles, em silenciosa indignação com tal maneira de passar uma noite, excluindo toda e qualquer conversação, e estava absorvido demais nos próprios pensamentos para se dar conta da presença de Sir William Lucas, até que Sir William Lucas começou:

“Esta é uma diversão encantadora para os jovens, senhor Darcy! — Não há nada como a dança, afinal. — Considero um dos principais refinamentos das sociedades educadas.”

“Certamente, senhor — e tem a vantagem de estar também em voga entre as sociedades menos educadas do mundo. — Todo selvagem sabe dançar.”

Sir William apenas sorriu. “O seu amigo dança divinamente”, ele continuou após uma pausa, ao ver Bingley juntar-se ao grupo; — “e não duvido que o senhor seja adepto da mesma ciência, senhor Darcy.”

“O senhor me viu dançar em Meryton, creio.”

“Sim, de fato, e o prazer que senti ao vê-lo não foi pouco. O senhor frequenta os bailes em St. James?”

“Nunca, senhor.”

“O senhor não acha que seria uma grande deferência àquele lugar?”

“É uma deferência que não faço a lugar nenhum se puder evitar.”

“Tem uma casa na cidade, presumo.”

O senhor Darcy assentiu.

“Já tive intenção de me mudar para a cidade — pois me agrada a alta sociedade; mas não tinha certeza se o ar de Londres faria bem a Lady Lucas.”

Ele fez uma pausa na esperança de resposta; mas seu companheiro não estava disposto a dar nenhuma; e, ao ver Elizabeth

naquele momento vindo na direção deles, ocorreu-lhe fazer algo bem galante, e chamou por ela:

“Minha querida senhorita Eliza, por que não está dançando? — Senhor Darcy, me permita apresentar esta jovem dama como uma parceira deveras desejável. — Você não poderá recusar esta dança, tenho certeza, diante de tamanha beleza.” E, tomando a mão dela, ele a teria dado ao senhor Darcy, que, embora extremamente surpreso, receberia de bom grado, quando ela instantaneamente a retirou, e disse de forma um tanto intempestiva a Sir William:

“Na verdade, senhor, não tinha a menor intenção de dançar. — Espero que não tenha achado que eu vinha nessa direção para implorar por um parceiro.”

O senhor Darcy, com grave propriedade, pediu que lhe fosse dada a honra de sua mão; mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem Sir William jamais a demoveria de seu propósito com sua tentativa de persuasão.

“A senhorita Eliza dança tão magnificamente que é uma crueldade me negar a felicidade de vê-la; e, embora este cavalheiro não goste de diversões em geral, não terá qualquer objeção, tenho certeza, a nos conceder cerca de meia hora.”

“O senhor Darcy é todo cortesia”, disse Elizabeth, sorrindo.

“Ele é mesmo — mas considerando o incentivo, minha cara senhorita Eliza, não espanta a aquiescência; pois quem recusaria uma parceira assim?”

Elizabeth lançou um olhar enviesado e deu as costas. Sua resistência não a prejudicara com o cavalheiro, e ele passou a vê-la com mais boa vontade, quando assim se aproximou a senhorita Bingley:

“Acho que sei o que você está pensando.”

“Eu diria que não.”

“Você está pensando como seria insuportável passar muitas noites assim — com essa sociedade; e, na verdade, eu concordo com você. Nunca me senti tão entediada! Toda essa insipidez e ainda esse barulho; a fatuidade e a presunção de toda essa gente! — O que eu não daria para ouvir suas críticas a respeito!”

“A sua conjectura está completa errada, eu lhe garanto. Minha cabeça estava agradavelmente ocupada. Meditando sobre como é verdadeiramente grande o prazer conferido por um belo par de olhos no rosto de uma mulher bonita.”

A senhorita Bingley imediatamente fixou o olhar no rosto dele, e quis que o senhor Darcy contasse quem teria o mérito de inspirar tais reflexões. Ele respondeu sem pestanejar:

“A senhorita Elizabeth Bennet.”

“Senhorita Elizabeth Bennet!”, repetiu a senhorita Bingley. “Estou perplexa. Desde quando ela é a sua favorita? E quando devo lhe dar os parabéns?”

“É exatamente a pergunta que eu esperava que fizesse. A imaginação de uma dama é muito rápida; salta da admiração para o amor, e num instante do amor para o casamento. Sabia que diria isso.”

“Não, se está falando sério, vou considerar o assunto absolutamente decidido. Terá uma sogra encantadora de fato, que estará sempre com você em Pemberley.”

Ele escutou com absoluta indiferença enquanto a senhorita Bingley se divertia com aquilo, mas, quando sua serenidade a convenceu de que era mesmo verdade, ela desatou a fazer gracejos espirituosos.

Os bens do senhor Bennet consistiam quase inteiramente de uma propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano, e que, infelizmente para suas filhas, seria transmitida apenas a herdeiros homens, e iria para algum parente distante;¹ a fortuna da senhora Bennet, embora ampla para sua posição social, mal servia para compensar as deficiências da dele. O pai dela fora advogado em Meryton, e lhe deixara quatro mil libras.

Ela tinha uma irmã casada com um certo senhor Phillips,² que trabalhara para o pai delas e o sucedera nos negócios, e um irmão que morava em Londres, dono de um comércio bastante respeitável.³

A vila de Longbourn ficava a apenas uma milha de Meryton; uma distância bastante conveniente para as jovens damas, que geralmente eram tentadas a visitá-la três ou quatro vezes por semana, para cumprir o dever de ver a tia e passar na modista que ficava no caminho. As mais novas da família, Catherine e Lydia, iam com bastante frequência a tais passeios; com mentes mais desocupadas que as irmãs, quando nada de melhor lhes era oferecido, uma caminhada até Meryton pela manhã se fazia necessária para entretê-las e suprir a conversa da tarde; e, por mais escassas que fossem as novidades no interior em geral, elas sempre conseguiam ficar sabendo de alguma com a tia. Naquela ocasião, no entanto, estavam bem fornidas tanto de novidades quanto de felicidade com a recente chegada de um regimento de milícia à região;⁴ ficaria o inverno inteiro, e Meryton sediava o quartel-general.

As visitas à senhora Philips agora resultavam em informações muito interessantes. A cada dia acrescentavam algo de novo ao conhecimento que elas tinham dos nomes dos oficiais e suas

relações. Os alojamentos já não eram segredo, e aos poucos começaram a conhecer os próprios oficiais. O senhor Philips fora visitá-los, e isso abriu uma fonte de felicidade jamais conhecida pelas sobrinhas. Elas só faziam conversar sobre oficiais; e a grande fortuna do senhor Bingley, cuja menção animou a mãe, nada valia aos olhos delas em contraste com as insígnias do regimento.

Depois de escutar por uma manhã inteira as efusões das filhas sobre o assunto, o senhor Bennet observou, sereno:

“Do jeito que vocês falam, devem ser as meninas mais bobas do país. Eu já desconfiava, mas agora tenho certeza.”

Catherine ficou desconcertada e não respondeu nada; mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou a expressar sua admiração pelo capitão Carter, e sua esperança de encontrá-lo ao longo do dia, pois ele seguiria para Londres na manhã seguinte.

“Fico chocada, meu caro”, disse a senhora Bennet, “por você achar suas filhas bobas. Se eu fosse falar dos defeitos das filhas de alguém, das minhas é que não seria.”

“Se as minhas filhas são tontas, espero sempre saber reconhecê-lo.”

“Sim — mas acontece que são todas muito inteligentes.”

“Este é o único ponto em que, com muito orgulho, nós não concordamos. Eu esperava que nossos sentimentos coincidissem nos mínimos aspectos, mas devo discordar de você, pois penso que nossas duas filhas mais novas são de uma tolice incomum.”

“Meu caro senhor Bennet, você não pode esperar que as filhas tenham o mesmo discernimento do pai e da mãe. — Quando elas tiverem a nossa idade, ousa dizer que já não pensarão mais em oficiais da mesma forma que nós. Lembro-me de quando eu também gostava bastante de um uniforme vermelho — e até hoje ainda gosto, no fundo; e se um jovem coronel, com cinco ou seis mil de renda por ano,⁵ vier a querer uma das minhas meninas, não direi que não; achei o coronel Forster muito distinto de uniforme na outra noite na casa de Sir William.”

“Mamãe”, exclamou Lydia, “minha tia disse que o coronel Forster e o capitão Carter não visitam mais com tanta frequência a senhorita

Watson como quando chegaram; ela os encontra agora regularmente na biblioteca de Clarke.”⁶

A senhora Bennet foi impedida de dar sua resposta pela entrada de um criado com um bilhete para a senhorita Bennet; vinha de Netherfield, e o criado esperaria a resposta. Os olhos da senhora Bennet faiscaram de satisfação, e ela não parou de falar enquanto a filha lia:

“Bem, Jane, de quem é? O que diz? O que quer? Ora, Jane, ande logo e nos conte tudo; depressa, meu amor.”

“É da senhorita Bingley”, disse Jane, e então leu em voz alta.

“Minha querida amiga,

“Se você for cruel a ponto de se recusar a vir jantar aqui hoje comigo e Louisa, corremos o risco de nos odiarmos pelo resto de nossas vidas, pois um tête-à-tête entre duas mulheres sozinhas o dia todo jamais termina sem briga. Venha assim que receber este bilhete. Meu irmão e os cavalheiros jantarão com os oficiais. Sempre ao seu dispor,

“Caroline Bingley.”

“Com os oficiais!”, exclamou Lydia. “Por que nossa tia não comentou nada?”

“Jantar fora”, disse a senhora Bennet. “É muito azar.”

“Posso usar a carruagem?”, perguntou Jane.

“Não, querida, é melhor ir a cavalo, porque pode ser que chova; e então você teria que passar a noite.”

“Seria um grande plano”, disse Elizabeth, “se você tivesse a certeza de que eles não se ofereceriam para trazê-la em casa.”

“Oh! Mas os cavalheiros estarão com a carruagem do senhor Bingley para ir a Meryton; e os Hursts não possuem cavalos.”

“Prefiro ir de charrete.”

“Mas, minha cara, o seu pai não pode ficar sem os cavalos, tenho certeza. Eles são necessários no campo, não, senhor Bennet?”

“São necessários para o trabalho mais vezes do que consigo usá-los.”⁷

“Mas se eles estiverem sendo usados hoje”, disse Elizabeth, “o propósito de minha mãe estará atendido.”

Ela por fim arrancou do pai a informação de que as montarias estavam sendo usadas, portanto Jane foi obrigada a ir a cavalo, e a mãe levou-a até a porta com entusiasmados prognósticos de tempestade. Suas preces foram atendidas; Jane não tinha ido muito longe quando uma forte chuva desabou. As irmãs ficaram preocupadas com ela, mas a mãe achou muito bom. A chuva continuou a noite inteira, ininterruptamente; Jane certamente não poderia voltar.

“Boa ideia a que eu tive, de fato!”, disse a senhora Bennet mais de uma vez, como se o crédito pela chuva fosse todo seu. Até a manhã seguinte, no entanto, ela não estava ciente de todas as decorrências de sua trama. Mal haviam terminado o café da manhã quando um criado de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

“Minha adorada Lizzy,

“Não estou passando muito bem esta manhã, o que, imagino, se deva ao fato de ter me molhado toda ontem. Meus bons amigos não me deixarão voltar enquanto eu não melhorar. Fazem questão de que eu veja o senhor Jones — portanto não fique preocupada se ouvir dizer que ele esteve comigo — mas além da dor de garganta e de uma dor de cabeça não há nada de errado comigo.

“Cordialmente.”

“Bem, minha cara”, disse o senhor Bennet quando Elizabeth terminou de ler em voz alta o bilhete, “se a sua filha tivesse sofrido algum problema de saúde grave, se ela viesse a morrer, teria sido um grande consolo saber que foi em busca do senhor Bingley, e sob ordens suas.”

“Oh! Não acho que ela vá morrer. As pessoas não morrem de gripes à toa. Ela deve estar sendo bem tratada. Contanto que continue lá, está tudo bem. Eu iria visitá-la, se pudesse usar a carruagem.”

Elizabeth, sentindo-se realmente aflita, estava decidida a ir vê-la, mesmo sem contar com a carruagem; e, como não cavalgava, ir a pé era a única alternativa. Anunciou sua decisão.

“Como você pode ser tão boba”, exclamou a mãe, “de pensar numa coisa dessas, com toda essa lama! Você não estaria nada apresentável ao chegar lá.”

“Só preciso estar bem o bastante para ver Jane — que é tudo o que eu quero agora.”

“Você está me dizendo, Lizzy”, disse o pai, “que devo mandar atrelar os cavalos?”

“Não, não mesmo. Não tenho por que evitar a caminhada. A distância não é nada, quando se tem um motivo; só três milhas. Devo voltar para o jantar.”

“Admiro a sua bondade”, comentou Mary, “mas todo impulso sentimental deve ser guiado pela razão; e, na minha opinião, o empenho deve ser sempre proporcional à demanda.”

“Nós iremos até Meryton com você”, disseram Catherine e Lydia. — Elizabeth acatou a companhia, e as três jovens senhoritas partiram juntas.

“Se nos apressarmos”, disse Lydia enquanto caminhavam, “talvez consigamos ver o capitão Carter antes que ele vá embora.”

Em Meryton, elas se separaram; as duas mais jovens foram até o alojamento de uma das esposas dos oficiais, e Elizabeth continuou sozinha sua caminhada, atravessando campo após campo a passos rápidos, saltando passagens de cercas, pisando em poças com impaciência e descobrindo enfim a casa em seu campo de visão, com os tornozelos exaustos, as meias sujas e o rosto corado pelo calor do exercício.

Ela foi levada à sala onde estavam todos reunidos para o café da manhã, menos Jane, e onde sua aparição provocou um bocado de surpresa. — Que houvesse caminhado três milhas ainda tão cedo, naquele tempo ruim, e sozinha, era algo quase incrível para a senhora Hurst e a senhorita Bingley; e Elizabeth se convenceu de que elas passaram a desprezá-la por isso. Foi recebida, contudo, de modo muito educado por elas; e nos modos do irmão havia algo melhor do que educação; havia bom humor e generosidade. — O senhor Darcy falou muito pouco, e o senhor Hurst não falou nada. O primeiro ficou dividido entre a admiração do brilho que o exercício conferira à pele dela e a dúvida sobre o fato de a ocasião justificar ou não sua vinda desacompanhada até tão longe. O segundo pensava apenas em seu desjejum.

Suas indagações acerca da irmã não tiveram resposta muito favorável. A senhorita Bennet havia dormido mal e, embora já desperta, estava muito febril e não se sentia bem para sair do quarto. Elizabeth ficou contente de ser levada até ela sem mais delongas; e Jane, que em seu bilhete fora comedida apenas por receio de causar preocupação ou alguma inconveniência ao expressar o quanto ansiava por tal visita, ficou muito feliz quando ela entrou no quarto. Não se mostrou, no entanto, disposta a muita conversa e, quando a senhorita Bingley as deixou a sós, mal conseguiu expressar sua gratidão pela extraordinária bondade com que estava sendo tratada. Elizabeth escutou-a em silêncio.

Terminado o desjejum, as irmãs juntaram-se a elas; e Elizabeth começou a gostar delas, ao ver a afeição e a solicitude que demonstravam para com Jane. O boticário⁸ chegou e, examinando a paciente, disse, como era de esperar, que ela pegara um violento resfriado, e que precisava se tratar; aconselhou que voltasse para a cama, e prometeu enviar-lhe alguns remédios. O conselho foi prontamente seguido, pois os sintomas da febre haviam piorado, e a cabeça lhe doía intensamente. Elizabeth não saiu do quarto nem por um instante, tampouco as outras mulheres se ausentaram muito; com os cavalheiros fora, elas na verdade tinham pouco a fazer alhures.

Quando o relógio deu três horas, Elizabeth entendeu que era melhor partir; e muito a contragosto comunicou o fato. A senhorita Bingley ofereceu-lhe a carruagem, e ela só precisava de mais uma pequena insistência para aceitar quando Jane demonstrou tamanha consternação com sua partida que a senhorita Bingley viu-se obrigada a transformar a oferta do transporte em um convite para que por ora ela ficasse em Netherfield. Elizabeth consentiu, muito agradecida, e um empregado foi enviado a Longbourn para avisar a família de sua permanência e buscar algumas mudas de roupa.

Às cinco horas, as duas damas se retiraram para se trocar, e às seis e meia Elizabeth foi chamada para o jantar.¹ Às perguntas de praxe que sobrevieram, entre as quais percebeu com grande prazer a elevada solicitude do senhor Bingley, ela não teve como responder de modo favorável. Jane não estava nem um pouco melhor. As irmãs, ao ouvirem isso, repetiram três ou quatro vezes o quanto estavam tristes, como era terrível pegar um resfriado grave e como elas próprias detestavam ficar resfriadas; e então pararam de pensar no assunto — essa indiferença para com Jane quando não estava presente restituiu a Elizabeth sua antipatia original por elas.

O irmão, na verdade, era o único do grupo que Elizabeth conseguia ver com alguma simpatia. Sua aflição com o estado de Jane era evidente, e sua atenção para com ela, um alívio, o que evitou que se sentisse uma intrusa como acreditava ser aos olhos dos demais presentes. A não ser por ele, mal se davam conta dela. A senhorita Bingley estava completamente fascinada pelo senhor Darcy, e a irmã apenas um pouco menos; quanto ao senhor Hurst, sentado ao lado de Elizabeth, era um sujeito indolente, que vivia apenas para comer, beber e jogar cartas, e ao descobrir que ela preferia um prato simples a um ragu² não soube mais o que lhe dizer.

Terminado o jantar, Elizabeth voltou diretamente para Jane, e a senhorita Bingley começou a criticá-la assim que ela saiu da sala. Seus modos foram considerados de fato muito repreensíveis, um misto de orgulho e impertinência; não sabia conversar, não tinha estilo, bom gosto ou beleza. A senhora Hurst achou o mesmo, e acrescentou:

“Ela não tem nada, em suma, que a recomende, além de ter uma excelente disposição para caminhar. Nunca vou me esquecer de sua aparência esta manhã. Realmente parecia quase selvagem.”

“De fato, Louisa. Mal consegui me conter. Que absurdo aparecer assim! Por que sair correndo pelo campo, só porque a irmã ficou resfriada? E aquele cabelo todo desgrenhado, desmazelado!”

“Sim, e aquela anágua? Espero que você tenha visto a anágua, toda enlameada, tenho absoluta certeza; e o vestido que devia disfarçar a combinação não cumpria esse papel.”³

“O seu retrato parece bastante preciso, Louisa”, disse Bingley; “mas não percebi nada disso. A senhorita Elizabeth Bennet me parecia incrivelmente bem ao entrar na sala hoje cedo. Sua anágua enlameada me escapou completamente.”

“Você há de ter reparado, senhor Darcy, tenho certeza”, disse a senhorita Bingley; “e tendo a pensar que não gostaria de ver sua própria irmã fazendo uma aparição dessas.”

“Certamente que não.”

“Caminhar três ou quatro milhas, até cinco, ou o que seja, com os pés enfiados na lama, e sozinha, totalmente só! O que ela queria com isso? Parece revelar um tipo abominável e arrogante de independência, uma indiferença provinciana para com o decoro.”

“Revela um carinho pela irmã que eu acho bastante apreciável”, rebateu Bingley.

“Receio, senhor Darcy”, observou a senhorita Bingley, como que sussurrando, “que esta aventura afetou de alguma forma sua admiração por aqueles belos olhos.”

“De modo algum”, respondeu ele; “Ficaram ainda mais brilhantes com o exercício.” Uma pausa breve seguiu-se a essa fala, e a senhora Hurst retomou.

“Tenho uma consideração excessiva por Jane Bennet, ela é realmente um doce de menina, e desejo de todo coração que encontre uma boa posição na vida. Mas com um pai e uma mãe assim, e com essas relações tão baixas, receio que não haja nenhuma chance de isso acontecer.”

“Creio ter ouvido você dizer que o tio delas é advogado em Meryton.”

“Sim, e elas têm um outro, comerciante, que mora em algum lugar perto da Cheapside.”⁴

“Isso é o principal”, acrescentou a irmã, e ambas riram com vigor.

“Se elas tivessem tios suficientes para encher toda a Cheapside”, exaltou-se Bingley, “isso não as tornaria nem um pouco menos simpáticas.”

“Mas comprometeria de modo bastante substancial a chance de se casarem com homens de algum respeito no mundo”, retrucou Darcy.

A esta fala, Bingley nada respondeu; mas suas irmãs concordaram sinceramente, e se permitiram rir por algum tempo às custas dos parentes vulgares de sua querida amiga.

Com uma ternura renovada, contudo, foram até o quarto dela ao deixar a sala de jantar, e ficaram sentadas com ela até a hora do café.⁵ Jane ainda estava bastante mal, e Elizabeth não a abandonaria de forma alguma até bem tarde, quando sentiu o alívio de vê-la adormecer e quando lhe pareceu apropriado, ainda que agradável, que descesse a escada. Ao entrar na sala de estar, encontrou o grupo todo jogando /oo,⁶ e foi imediatamente convidada para juntar-se a eles; mas, desconfiando de que estivessem apostando alto, declinou, e usando a irmã como desculpa disse que ficaria o pouco tempo que poderia passar ali embaixo com um livro. O senhor Hurst olhou para ela com perplexidade.

“Você prefere ler a jogar cartas?”, comentou ele; “Isso é deveras peculiar.”

“A senhorita Eliza Bennet”, disse a senhorita Bingley, “despreza o baralho. Ela é uma grande leitora e não sente prazer em nada mais.”

“Não mereço nem o elogio nem a censura”, exclamou Elizabeth; “Não sou uma grande leitora, e sinto prazer em muitas coisas.”

“Cuidar de sua irmã tenho certeza de que lhe dá prazer”, disse Bingley; “E espero que esse prazer em breve seja ampliado ao vê-la curada.”

Elizabeth agradeceu-lhe de forma sincera, e então foi até a mesa onde havia alguns livros. Imediatamente ele se ofereceu para ir buscar outros; tudo o que houvesse em sua biblioteca.

“Quisera eu que minha coleção fosse maior para você aproveitá-la, e para o meu próprio bem; mas sou um sujeito preguiçoso e, mesmo

não tendo tantos, muitos deles sequer abri.”

Elizabeth garantiu-lhe que passaria perfeitamente bem com aqueles da sala.

“Espanta-me”, disse a senhorita Bingley, “o meu pai ter deixado uma coleção de livros tão pequena. — Que maravilhosa biblioteca você tem em Pemberley, senhor Darcy!”

“Não podia ser diferente”, ele respondeu, “é resultado do trabalho de muitas gerações.”

“E você também acrescentou muito a ela, está sempre comprando livros.”

“Não consigo entender como se pode negligenciar uma biblioteca de família em tempos como estes em que vivemos.”

“Negligenciar! Tenho certeza de que você não negligencia nada que possa acrescentar beleza àquele lugar tão nobre. Charles, quando você construir a sua casa, quero que tenha pelo menos a metade das belezas de Pemberley.”

“Quem me dera.”

“Mas realmente insisto em aconselhá-lo a comprar naquela região, e a tomar Pemberley como uma espécie de modelo. Não existe condado mais belo na Inglaterra do que Derbyshire.”

“Do fundo do meu coração, eu compraria Pemberley se Darcy me vendesse.”

“Estou falando do que é possível, Charles.”

“Palavra de honra, Caroline, creio que é mais fácil comprar Pemberley do que imitá-la.”

Elizabeth viu-se tão interessada no que se passava que prestou pouca atenção ao livro; e logo o pôs de lado completamente, aproximou-se da mesa de jogos e se posicionou entre o senhor Bingley e a irmã mais velha para observar a partida.

“A senhorita Darcy cresceu muito desde a primavera?”, perguntou a senhorita Bingley; “Será que já está do meu tamanho?”

“Imagino que sim. Ela está praticamente da altura da senhorita Elizabeth Bennet, talvez até mais alta.”

“Sinto muita vontade de revê-la! Nunca conheci alguém que me agradasse tanto. Aquela postura, aqueles modos! — e

extremamente talentosa para a idade. Toca piano com rara maestria.”

“Fico impressionado”, disse Bingley, “que as moças tenham paciência para se tornar tão prendadas como todas elas são.”

“Todas as moças? Meu querido Charles, como assim?”

“Sim, todas elas, penso eu. Todas pintam, bordam e tricotam.⁷ Creio não conhecer uma única moça que não faça tudo isso, e garanto que nunca ouvi ninguém se referir pela primeira vez a uma delas sem dizer que é muito prendada.”

“Sua lista dos talentos comuns de uma moça prendada”, disse Darcy, “é bastante verdadeira. O adjetivo é aplicado a muitas mulheres que o merecem apenas por saber tricotar ou bordar. Mas não concordo nem um pouco com você com relação às moças em geral. Não arrisco dizer que conheça mais do que meia dúzia, entre todas as minhas conhecidas, que sejam realmente talentosas.”

“Nem eu, tenho certeza”, disse a senhorita Bingley.

“Então”, observou Elizabeth, “a sua ideia de uma mulher de talento deve abarcar muita coisa.”

“Sim, abarca muita coisa.”

“Oh! Certamente”, exclamou sua fiel assistente, “nenhuma de nós pode ser considerada talentosa se não for muito além do que geralmente se vê por aí. Uma mulher deve ter um amplo conhecimento da música, do canto, do desenho e das línguas modernas para merecer tal qualificação,⁸ e, além de tudo isso, deve possuir certo quê em seu comportamento, seu modo de andar, seu tom de voz, sua entonação e suas expressões, ou o adjetivo só valerá pela metade.”

“Deve possuir tudo isso”, acrescentou Darcy, “e a tudo isso deve acrescentar algo mais substancial, o aperfeiçoamento de suas qualidades intelectuais por meio de muita leitura.”

“Já não me surpreende que conheça apenas seis mulheres prendadas. Chego a duvidar que você conheça uma única.”

“Você é assim tão severa com o próprio sexo a ponto de duvidar da possibilidade de tudo isso?”

“Nunca vi uma mulher assim, nunca vi tamanha capacidade, fineza, dedicação e elegância, como você descreve, reunidas em uma só

pessoa.”

A senhora Hurst e a senhorita Bingley se pronunciaram contra a injustiça daquela dúvida levantada, e ambas protestaram dizendo conhecer muitas mulheres que correspondiam àquela descrição, mas o senhor Hurst lhes chamou a atenção, reclamando, contrariado, da desatenção à sequência do jogo. De modo que se encerrou a conversa, e Elizabeth logo saiu da sala.

“Eliza Bennet”, disse a senhorita Bingley quando a porta foi fechada, “é uma dessas mocinhas que procuram se destacar aos olhos do sexo oposto subestimando o próprio; e com muitos homens, ouse dizer, isso funciona. Mas, na minha opinião, é um recurso vil, uma artimanha bastante mesquinha.”

“Indubitavelmente”, retrucou Darcy, a quem tal comentário era endereçado, principalmente, “existe uma mesquinhez em todas as artimanhas que as mulheres acabam empregando para cativar. Qualquer coisa que guarde afinidade com a ardileza é desprezível.”

A senhorita Bingley não ficou inteiramente satisfeita com a resposta, tanto que desistiu do assunto.

Elizabeth voltou a se juntar ao grupo e disse que a irmã havia piorado, e que não poderia deixá-la sozinha. Bingley insistiu que o senhor Jones fosse chamado imediatamente; enquanto as irmãs, convencidas de que um especialista da região não seria ajuda suficiente, sugeriram que mandassem um expresso buscar um médico mais eminente na cidade. Isso, ela não pôde aceitar; mas estava disposta a concordar com a proposta do irmão; e ficou combinado que o senhor Jones viria logo pela manhã, caso a senhorita Bennet não estivesse melhor a olhos vistos. Bingley sentiu-se bastante incomodado; as irmãs se declararam arrasadas. Consolaram sua infelicidade, contudo, com duetos após a ceia, enquanto ele não encontrou alívio melhor para seus sentimentos do que orientar sua governanta para que todos os esforços possíveis fossem empreendidos no auxílio à senhorita adoentada e à irmã dela.

Elizabeth passou a maior parte da noite no quarto com a irmã, e pela manhã alegrou-se por poder dar uma resposta razoável às perguntas que logo cedo recebeu do senhor Bingley por intermédio de uma criada, e algum tempo depois das duas elegantes damas que assessoravam as irmãs dele. Apesar da melhora, no entanto, pediu que enviassem um bilhete para Longbourn, instando a mãe a visitar Jane e fazer desse modo seu próprio juízo da situação. O bilhete foi enviado imediatamente, e seu conteúdo da mesma forma atendido. A senhora Bennet, acompanhada das duas filhas mais novas, chegou a Netherfield logo após o desjejum da família.

Se encontrasse Jane sob aparente perigo, a senhora Bennet teria se sentido muito infeliz; mas, satisfeita ao ver que a doença não era grave, não desejou que a filha se recuperasse de imediato, uma vez que isso provavelmente significaria deixar Netherfield. Ela não daria ouvidos, portanto, à proposta da filha de que a levassem para casa; tampouco o boticário, que chegou quase na mesma hora, achou que fosse minimamente recomendável. Depois de sentar um pouco com Jane, com a chegada da senhorita Bingley e a seu convite, a mãe e as três filhas foram todas se juntar a ela na sala. Bingley recebeu-as com votos de que a senhora Bennet não tivesse encontrado sua filha pior do que esperava.

“Na verdade, sim, senhor”, foi a resposta dela. “Ela está doente demais para ser transportada. O senhor Jones disse que não devemos nem pensar em removê-la. Precisamos abusar mais um pouco da sua boa vontade.”

“Removê-la!”, exclamou Bingley. “Nem pensar. Minha irmã, tenho certeza, não poderá nem ouvir falar nisso.”

“Não tenha dúvida, minha senhora”, disse a senhorita Bingley, com fria cortesia, “de que a senhorita Bennet receberá toda a atenção possível enquanto estiver conosco.”

A senhora Bennet foi efusiva nos agradecimentos.

“Tenho certeza”, ela acrescentou, “de que se não fosse por tão bons amigos não sei o que seria dela, pois está de fato muito doente e sofrendo imensamente, ainda que com a maior paciência do mundo, pois sempre foi assim, tem o gênio mais doce que já vi. Costumo dizer às minhas outras meninas que elas nem se comparam a Jane. Você tem uma bela sala, senhor Bingley, e uma vista encantadora para o caminho de cascalho. Não conheço outro lugar na região como Netherfield. Espero que não esteja pensando em ir embora, ainda que tenha alugado por pouco tempo.”

“Tudo o que eu faço é às pressas”, respondeu ele; “e portanto, se eu resolver partir de Netherfield, provavelmente será tudo resolvido em cinco minutos. No momento, contudo, considero-me bem estabelecido aqui.”

“É exatamente o que eu imaginava que você diria”, comentou Elizabeth.

“Você está começando a me compreender, não é?”, exclamou ele, virando-se para ela.

“Ah, sim! — eu o compreendo perfeitamente.”

“Gostaria de tomar isso como um elogio; mas receio que ser compreendido com tanta facilidade não seja algo louvável.”

“Não costuma ser. Mas um caráter profundo e intrincado não é necessariamente mais ou menos estimável do que um caráter como o seu.”

“Lizzy”, exclamou a mãe, “lembre-se de onde está, e não se deixe levar pelo comportamento selvagem que você infelizmente tem em casa.”

“Eu não tinha percebido”, retomou Bingley sem perder tempo, “que você era uma estudiosa do caráter humano. Deve ser um estudo fascinante.”

“Sim, mas os intrincados são mais fascinantes. Pelo menos têm essa vantagem.”

“O interior”, disse Darcy, “em geral pode fornecer alguns poucos objetos para esse estudo. Em uma vizinhança provinciana lida-se com uma sociedade bastante confinada e com pouca variedade.”

“Mas as pessoas em si são tão diferentes que sempre existe algo de novo a ser observado.”

“Sim, de fato”, exclamou a senhora Bennet, ofendida pelo modo de ele se referir à vizinhança provinciana. “Posso lhe garantir que isso acontece tanto no interior quanto na cidade.”

Todos ficaram surpresos; e Darcy, depois de olhar para ela por um momento, virou-se para o outro lado em silêncio. A senhora Bennet, que imaginou ter obtido uma vitória irrefutável sobre ele, continuou, triunfal:

“Não acho que Londres tenha nenhuma grande vantagem com relação ao interior, a meu ver, exceto pelas lojas e pelos lugares públicos. O interior é muito mais agradável, não é mesmo, senhor Bingley?”

“Quando estou no interior”, respondeu ele, “espero nunca mais ir embora; e quando estou na cidade é bem a mesma coisa. Cada um tem suas vantagens, e posso ser igualmente feliz em qualquer um deles.”

“Sim — isso porque você tem uma boa disposição. Mas aquele cavalheiro”, olhando para Darcy, “parece achar que o interior não tem nada de bom.”

“Na verdade, mamãe, a senhora se engana”, disse Elizabeth, com vergonha da mãe. “A senhora entendeu mal o senhor Darcy. Ele simplesmente disse que não existe tanta variedade de pessoas no campo como na cidade, o que você há de convir ser verdade.”

“De fato, minha querida, ninguém disse o contrário; mas, quanto a não haver tanta gente nessa região, creio que poucas vizinhanças são maiores do que a nossa. Frequentamos vinte e quatro famílias.”

Apenas sua atenção para com Elizabeth poderia explicar que Bingley mantivesse a postura. Sua irmã foi menos polida, e voltou os olhos na direção do senhor Darcy com um sorriso muito expressivo. Elizabeth, para dizer algo que desviasse a atenção da mãe, perguntou se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que ela saíra.

“Sim, ela veio ontem com o pai. Que homem simpático é Sir William, não é, senhor Bingley? Sempre com estilo! Tão fino e sociável! Ele tem sempre alguma coisa a dizer a qualquer pessoa. — É o que eu chamo de boa educação; e esses que se acham muito importantes e nunca abrem a boca estão é muito enganados.”

“Charlotte ficou para o jantar?”

“Não, ela teve que ir. Acho que precisavam dela para fazer as tortinhas de Natal. Quanto a mim, senhor Bingley, pessoalmente sempre prefiro empregadas que saibam fazer seu serviço. As minhas filhas tiveram outra criação.¹ Mas cada um faz o que acha melhor, e as Lucas são meninas muito boas, não tenho dúvidas disso. Pena que não sejam bonitas! Não que eu ache Charlotte tão sem graça — mas isso porque é nossa amiga.”

“Ela me pareceu ser uma moça muito simpática”, disse Bingley.

“Oh, sim, meu caro! — mas você há de convir que bastante comum. A própria Lady Lucas já disse isso muitas vezes, que invejava a beleza de Jane. Não gosto de me gabar das minhas filhas, mas sem dúvida quanto a Jane — não se vê por aí nenhuma mais bonita. É o que todo mundo diz. Sei que sou suspeita para falar. Mas, quando ela tinha quinze anos, já havia um cavalheiro, amigo de meu irmão Gardiner na capital, tão apaixonado por ela que minha cunhada achou que iria propor casamento antes que voltássemos para casa. Mas não propôs. Talvez a tenha achado muito nova. Mesmo assim, escreveu versos sobre ela, e eram bonitos.”

“E com isso foi-se a paixão”, complementou Elizabeth, impaciente. “Não foi a primeira vez, imagino, que isso aconteceu, e da mesma maneira. Quem teria descoberto a eficácia da poesia em afugentar o amor?”

“Eu pensei que a poesia fosse o alimento do amor”, disse Darcy.²

“De um amor benigno, decidido, vigoroso, sim. Tudo alimenta o que já está forte. Mas, se for apenas uma ligeira inclinação, acredito que um bom soneto seja capaz de deixá-la morrer à míngua.”

Darcy apenas sorriu; e a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth estremecer ao pensar que sua mãe pudesse se expor novamente. A senhora Bennet queria falar alguma coisa, mas nada lhe ocorria; e após um breve silêncio começou a repetir os agradecimentos ao

senhor Bingley por sua bondade com sua Jane, e a pedir desculpas pelo trabalho que tivera também com Lizzy. O senhor Bingley foi educado, sem afetação, o que forçou sua irmã mais nova a ser também gentil e dizer o que convinha à ocasião. Ela cumpriu seu papel, ainda que sem graça, mas a senhora Bennet ficou satisfeita, e em seguida pediu sua carruagem. A este sinal, a filha mais nova se aproximou. As duas meninas haviam ficado aos cochichos a visita inteira, e o resultado foi que a caçula cobrou do senhor Bingley a promessa feita quando se mudara, de dar um baile em Netherfield.

Lydia era uma menina forte, crescida, de quinze anos, com uma pele bonita e expressão bem-humorada; era a favorita da mãe, cujo afeto a levava a frequentar muito cedo a sociedade. Dona de uma vitalidade ruidosa e animalesca, tinha a si mesma em alta conta, o que a atenção dos oficiais, atraídos pelos bons jantares na casa do tio e pelo próprio jeito sociável dela, transformara em autoconfiança. Sentia-se portanto no direito de abordar o senhor Bingley sobre o assunto do baile e de abruptamente lembrá-lo da promessa, acrescentando que seria a coisa mais vergonhosa do mundo se ele não a cumprisse. A resposta ao súbito ataque soou como música aos ouvidos da mãe.

“Estou perfeitamente disposto, isso eu lhe garanto, a manter minha palavra, e assim que sua irmã se recuperar, se você quiser, poderá escolher até mesmo a data do baile. Mas você não vai querer dançar enquanto ela está doente.”

Lydia se declarou satisfeita. “Ah, sim — seria muito melhor esperar Jane melhorar, e até lá o capitão Carter provavelmente já terá voltado a Meryton. Quando você tiver dado o seu baile”, ela complementou, “vou insistir para eles darem o deles. Vou dizer ao coronel Forster que seria uma vergonha se não oferecessem um baile também.”

A senhora Bennet e as filhas então se foram, e Elizabeth voltou em seguida para Jane, deixando seu comportamento e o de suas parentes à mercê das observações das duas damas e do senhor Darcy; este último, contudo, não pôde ser convencido a se juntar às reprimendas contra ela, apesar de todos os comentários ferinos da senhorita Bingley sobre seus belos olhos.

X

O dia se passou em grande medida da mesma forma que o anterior. A senhora Hurst e a senhorita Bingley ficaram algumas horas durante a manhã com a doente, que continuava, ainda que lentamente, a se recuperar; e à tarde Elizabeth juntou-se ao grupo na sala de estar. A mesa de *loo*, contudo, não se formou. O senhor Darcy estava escrevendo, e a senhorita Bingley, sentada ao lado dele, observava o progresso da carta e diversas vezes chamava sua atenção com recados à irmã dele. O senhor Hurst e o senhor Bingley jogavam *piquet*,¹ e a senhora Hurst assistia à partida.

Elizabeth ocupava-se com um bordado, e estava bastante entretida com o que se passava entre Darcy e sua companhia. Os insistentes comentários da dama ora à caligrafia, ora sobre a linha que estava torta ou à extensão da carta, e a perfeita indiferença com que eram recebidos formavam um diálogo curioso, e em exato uníssono com as opiniões dela sobre ambos.

“A senhorita Darcy vai adorar receber essa carta!”

Ele nada respondeu.

“Você escreve com uma velocidade que nunca vi.”

“Você está enganada. Escrevo muito devagar.”

“Quantas cartas não deve escrever ao longo de um ano! Cartas comerciais! Como deve ser horrível ter de escrevê-las!”

“Sorte sua, então, caber a mim, e não a você, fazê-lo.”

“Por favor, não se esqueça de dizer à sua irmã que eu quero muito encontrá-la.”

“Eu já disse uma vez, como me pediu.”

“Acho que você não está gostando dessa pena. Permita-me arrumá-la. Sei preparar penas muito bem.”

“Obrigado — mas sempre preparo as minhas.”

“Como consegue escrever tão reto?”

Ele ficou em silêncio.

“Diga à sua irmã que adorei saber que ela evoluiu na harpa, e por favor se lembre de dizer que fiquei encantada com o lindo desenho que ela fez da mesa; achei infinitamente superior ao da senhorita Grantley.”

“Você me permite deixar o seu embevecimento para uma próxima carta? — desta vez não terei espaço para lhe fazer justiça.”

“Oh! Tanto faz. Vou encontrá-la em janeiro. Mas você sempre escreve cartas assim tão longas e encantadoras para ela, senhor Darcy?”

“Geralmente são longas; mas, se são ou não encantadoras, não cabe a mim decidir.”

“Para mim é uma regra que a pessoa que escreve cartas longas com facilidade não pode escrever mal.”

“Isso não chega a ser um elogio a Darcy, Caroline”, exclamou o irmão, “porque ele não escreve com facilidade. Esforça-se demais para usar palavras de quatro sílabas. — Não é, Darcy?”

“O meu estilo de escrita é muito diferente do seu.”

“Oh!”, exclamou a senhorita Bingley. “Charles escreve do modo mais sem capricho que se pode imaginar. Escreve só metade das palavras, e o resto são borrões.”

“As minhas ideias fluem tão depressa que não dá tempo de expressá-las — o que quer dizer que para os meus destinatários minhas cartas muitas vezes não contêm ideia nenhuma.”

“A sua humildade, senhor Bingley”, disse Elizabeth, “é de desarmar qualquer crítica.”

“Nada mais enganoso”, disse Darcy, “do que a aparente humildade. Em geral não passa de um erro de avaliação, e às vezes ostentação indireta.”

“E qual das duas você diria que foi essa minha exibição de modéstia?”

“Ostentação indireta; — pois você até se orgulha dos seus defeitos de escrita, por considerá-los frutos de uma rapidez de pensamento e negligência de execução que, se não é inestimável, você acha no mínimo interessante. A capacidade de fazer qualquer coisa com

pressa é sempre muito valorizada por seu possuidor, e muitas vezes sem a menor atenção às falhas no desempenho. Quando você disse à senhora Bennet hoje de manhã que se decidisse ir embora de Netherfield seria cinco minutos antes da partida, quis fazer disso uma espécie de panegírico, um elogio de si mesmo — e no entanto o que há de tão louvável em uma precipitação que necessariamente deixa muitos assuntos inacabados e não tem como ser uma vantagem nem para você nem para ninguém?”

“Não”, exclamou Bingley, “assim é demais, lembrar toda noite de todas as bobagens que foram ditas de manhã. E mesmo assim, palavra de honra, eu acredito que o que disse a meu respeito seja verdade, e acredito nisso neste momento. Pelo menos não encarno o papel da precipitação desnecessária só para me mostrar para as mulheres.”

“Eu diria que você acredita mesmo nisso; mas de modo algum acho que você sairia com essa pressa toda. Sua conduta seria tão dependente de acasos como a de qualquer homem que eu conheço; e se você estivesse à cavalo e um amigo dissesse: ‘Bingley, seria melhor ficar até a semana que vem’, você provavelmente ficaria, provavelmente não iria embora — e, diante de outra opinião, talvez ficasse um mês.”

“Com isso você provou apenas”, exaltou-se Elizabeth, “que o senhor Bingley não agiu segundo a própria disposição. Agora você o expôs muito mais do que ele mesmo.”

“Fico extremamente grato”, disse Bingley, “por você ter transformado o que o meu amigo disse em um elogio à delicadeza do meu temperamento. Mas receio que esteja dando à questão um viés que o cavalheiro de modo algum pretendia; pois ele certamente acha que o melhor seria, sob tais circunstâncias, simplesmente dizer não e partir o quanto antes.”

“Será que o senhor Darcy então considera o abrupto da sua intenção original desculpado pela sua obstinação em aferrar-se a ela?”

“Juro que não saberia explicar com exatidão a questão, Darcy que fale por si.”

“Você quer que eu dê satisfação sobre opiniões que atribui a mim, mas que nunca admiti ter. Deixando o caso correr, contudo, para seguir com sua representação, você deve se lembrar, senhorita Bennet, de que o amigo que quer que ele fique na casa e adie os planos de mudança apenas teria expressado um desejo, sem oferecer nenhum argumento a favor de sua conveniência.”

“Ceder prontamente — facilmente — à persuasão de um amigo não é um mérito para você.”

“Ceder sem convicção não serve de elogio à conduta de nenhum dos dois lados.”

“Você parece, senhor Darcy, não ceder à influência da amizade e do afeto. A consideração pelo solicitante muitas vezes faz com que prontamente se conceda diante de um pedido, sem que sejam necessários argumentos para convencer o outro. Não estou falando aqui especificamente do caso que imaginou a respeito do senhor Bingley. Podemos também esperar, talvez, até que a circunstância se apresente antes de discutirmos o discernimento da atitude dele. Mas em casos comuns, e em geral entre amigos, quando um quer que o outro mude de ideia sobre algo pouco relevante, você acharia errado alguém ceder ao desejo do outro sem precisar ser persuadido a tanto?”

“Não seria aconselhável, antes que sigamos adiante no assunto, definirmos com mais precisão o grau de relevância do pedido, assim como o grau de intimidade entre as partes envolvidas?”

“De jeito nenhum”, exclamou Bingley; “Vamos querer ouvir cada detalhe, vamos inclusive comparar alturas e medidas; porque isso teria muito mais peso na discussão, senhorita Bennet, do que você pode imaginar. Eu lhe garanto que, se Darcy não fosse um sujeito tão alto perto de mim, eu não o levaria em tanta conta. Posso dizer que não conheço nada mais pavoroso que ele em certas ocasiões e em determinados lugares; especialmente na casa dele em certas noites de domingo sem nada para fazer.”

O senhor Darcy sorriu; mas Elizabeth julgou perceber que ele antes se sentira ofendido; e portanto conteve o riso. A senhorita Bingley ressentiu-se calorosamente da indignidade com que ele fora tratado, passando uma descompostura no irmão por falar tais bobagens.

“Vejo aonde você quer chegar, Bingley”, disse o amigo. — “Você não gosta de discutir, e quer acabar com esta discussão.”

“Talvez eu queira. Discutir parece muito com disputar. Se você e a senhorita Bennet puderem continuar só depois que eu sair da sala, agradeço muito; e então você poderá falar o que quiser de mim.”

“O que você pede”, disse Elizabeth, “não será nenhum sacrifício da minha parte; e seria melhor para o senhor Darcy terminar a carta.”

O senhor Darcy aceitou o conselho e voltou à carta.

Quando terminou, pediu à senhorita Bingley e a Elizabeth o obséquio de um pouco de música. A senhorita Bingley foi de bom grado ao piano e, depois de perguntar educadamente se Elizabeth gostaria de ir primeiro, ao que educada e ainda mais veementemente esta recusou, sentou-se ela mesma.

A senhora Hurst cantou com a irmã, e enquanto estavam assim ocupadas Elizabeth não pôde deixar de notar ao percorrer as lombadas dos livros de música sobre o instrumento a frequência com que os olhos do senhor Darcy estavam postos sobre ela. Não imaginava que se poderia supor objeto da admiração de homem tão ilustre; no entanto, que estivesse olhando para ela por desgosto seria ainda mais estranho. Ela só podia concluir, no entanto, que chamava atenção por representar, segundo as ideias dele sobre o que era certo, algo de errado e repreensível, mais do que qualquer outra pessoa ali presente. Tal suposição não a incomodou. Ela não gostava dele a ponto de desejar obter sua aprovação.

Depois de tocar algumas canções italianas, a senhorita Bingley passou a algo de uma vivacidade escocesa; e pouco depois o senhor Darcy, aproximando-se de Elizabeth, disse:

“Você não está sentindo uma grande vontade, senhorita Bennet, de aproveitar uma oportunidade dessas para dançar o *ree/*?”²

Ela sorriu, mas não respondeu. Ele repetiu a pergunta, com certa surpresa diante do silêncio dela.

“Oh”, ela disse, “eu tinha ouvido da primeira vez; mas na hora não consegui decidir o que responder. Você gostaria, eu sei, que eu dissesse: ‘Sim’, para que tivesse o prazer de me desprezar, mas eu sempre sinto prazer em desbaratar esse tipo de armação, flagrando a pessoa em seu desdém premeditado. Estou portanto decidida a

lhe dizer que definitivamente não quero dançar o *reel* — e agora me despreze se quiser.”

“Na verdade, não quero.”

Elizabeth, que esperava confrontá-lo, ficou perplexa com o galanteio; mas havia um misto de delicadeza e coqueteria em seus modos que tornava difícil que ela confrontasse alguém; e Darcy nunca estivera tão enfeitiçado por outra mulher quanto estava por ela. Ele realmente acreditou que, não fosse a inferioridade de suas relações, estaria correndo sérios riscos.

A senhorita Bingley percebeu, ou suspeitou o bastante para sentir ciúme; e assim sua grande aflição pela recuperação da querida amiga Jane recebeu o auxílio de seu desejo de se livrar de Elizabeth.

Muitas vezes tentara incitar Darcy a antipatizar com a convidada, falando de um suposto casamento entre eles e prevendo a felicidade dele com tal aliança.

“Espero”, disse ela quando caminhavam pelo jardim no dia seguinte, “que você dê alguns conselhos à sua sogra, por ocasião desse acontecimento tão desejado, sobre as vantagens de controlar a língua; e, se você ainda puder dar conta de mais, tente demover as mais novas de correr atrás de oficiais. — E, se é que posso tocar em assunto tão delicado, tente controlar esse algo mais que sua dama possui, que beira o convencimento e a impertinência.”

“Você tem mais alguma contribuição para a minha felicidade doméstica?”

“Oh! Sim. — Deixe um lugar para os retratos do tio e da tia Philips na galeria em Pemberley. Coloque ao lado do seu tio-avô juiz. Tiveram a mesma profissão, você sabe; só que em linhas diferentes de atuação. Quanto ao quadro que você fez de Elizabeth, nem tente mandar fazer, pois que pintor faria justiça àqueles belos olhos?”

“Não seria fácil, de fato, captar sua expressão, mas a cor e o formato, e os cílios, tão incrivelmente bonitos, talvez possam ser copiados.”

Nesse momento encontraram, caminhando pela outra aleia, a senhora Hurst e a própria Elizabeth.

“Não sabia que vocês queriam passear”, disse a senhorita Bingley, um tanto confusa com a possibilidade de ter sido ouvida.

“Vocês foram muito grosseiros”, respondeu a senhora Hurst, “fugindo assim de nós sem dizer que iam sair.”

Então, tomando do braço livre do senhor Darcy, ela deixou Elizabeth caminhando sozinha. O caminho só dava para três. O senhor Darcy percebeu a desarmonia do grupo e disse no mesmo instante:

“Esse caminho não é largo o bastante para todos nós. Seria melhor caminharmos pela aleia.”

Mas Elizabeth, que não tinha a menor vontade de continuar com eles, respondeu, risonha:

“Não, não; fiquem onde estão. — Vocês formam um grupo encantador, e parecem estar perfeitos assim. O pitoresco da cena se estragaria com uma quarta pessoa.³ Adeus.”

Então ela correu alegremente para longe deles, satisfeita por se afastar, na esperança de poder retornar para casa em um dia ou dois. Jane já estava recuperada a ponto de querer sair do quarto por algumas horas naquela tarde.

Quando as damas saíram depois do jantar, Elizabeth correu até o quarto onde estava a irmã e, deixando-a bem protegida do frio, levou-a até a sala de estar; onde foi bem recebida pelas duas amigas com muitas declarações de satisfação; e Elizabeth jamais as vira tão simpáticas quanto durante a hora que passaram antes da chegada dos cavalheiros. A capacidade de conversação delas era notável. Podiam descrever um passatempo com precisão, contar uma anedota com humor e rir dos conhecidos com presença de espírito.

Mas, quando entraram os cavalheiros, Jane deixou de ser o assunto principal. Os olhos da senhorita Bingley instantaneamente se voltaram para Darcy, e ela já tinha o que dizer a ele antes mesmo que avançasse muitos passos. Darcy se dirigiu diretamente à senhorita Bennet, com uma saudação educada; o senhor Hurst também fez uma discreta mesura diante dela, e disse que estava “muito contente”; mas efusão e calor ficaram reservados apenas para a saudação de Bingley. Ele foi todo alegria e atenções. A primeira meia hora passou ajeitando a lenha acesa, para que ela não sofresse com a mudança de ambiente; e a seu pedido Jane se mudou para o outro lado da lareira, para ficar mais longe da porta. Então Bingley sentou ao lado dela, e mal conversou com outra pessoa. Elizabeth, ocupada no canto oposto, assistiu a tudo com grande prazer.

Terminado o chá, o senhor Hurst lembrou a cunhada do carteadado — mas em vão. Ela ficara sabendo que o senhor Darcy não queria jogar; e o senhor Hurst logo viu sua aberta petição rejeitada. Ela garantiu que ninguém estava interessado, e o silêncio de todo o grupo sobre o assunto pareceu justificá-la. O senhor Hurst não teria

então nada a fazer além de se esticar em um dos sofás e dormir. Darcy pegou um livro; a senhorita Bingley fez o mesmo; e a senhora Hurst, ocupada principalmente com suas pulseiras e anéis, participava vez por outra da conversa do irmão com a senhorita Bennet.

A atenção da senhorita Bingley se dedicava, na mesma medida, a seu livro e a observar o progresso do senhor Darcy na leitura do livro dele; e estava sempre fazendo uma pergunta ou vendo a página em que ele estava. Não conseguia conquistá-lo, contudo, com nenhuma conversa; e ele simplesmente respondia a suas perguntas e tornava a ler. Por fim, exausta de tentar se entreter com o próprio livro, que só escolhera por ser o segundo volume do livro dele, bocejou demoradamente e disse: “Como é agradável passar uma noite assim! Devo dizer que afinal não existe prazer maior que a leitura! De todo o resto, a pessoa se cansa mais depressa que de um livro! — Quando eu tiver uma casa só minha, quero morrer à míngua se não tiver uma excelente biblioteca”.

Ninguém comentou nada. Ela então bocejou novamente, pôs de lado o livro e percorreu com os olhos a sala em busca de alguma diversão; quando, escutando o irmão mencionar um baile à senhorita Bennet, virou-se de súbito para ele e disse:

“Por falar nisso, Charles, você estava pensando seriamente em dar um baile em Netherfield? — Eu devo aconselhá-lo, antes de decidir, a consultar o resto do grupo; Salvo engano, há entre nós alguém para quem um baile seria antes um castigo que um prazer.”

“Se você se refere a Darcy”, exclamou o irmão, “ele pode ir dormir se quiser, antes de começar a festa — mas, com relação ao baile, já está acertado; e, assim que Nicholls tiver bastante sopa com vinho quente,¹ vou começar a enviar os convites.”

“Eu gostaria muito mais se os bailes”, respondeu ela, “fossem feitos de outra maneira; mas existe algo de insuportavelmente entediante no processo normal desses encontros. Sem dúvida seria muito mais racional se o principal fossem as conversas em vez da dança.”

“Muito mais racional, minha cara Caroline, mas ousa dizer que sem a menor graça.”

A senhorita Bingley não disse nada, e em seguida se levantou e andou pela sala. Fazia uma bela figura, e caminhava com elegância; — mas Darcy, a quem tudo aquilo se dirigia, permaneceu inquebrantável com seu livro. No desespero de suas sensações, ela se decidiu por uma última tentativa; e, virando-se para Elizabeth, disse:

“Senhorita Eliza Bennet, deixe-me convencê-la a tomar o meu exemplo, e façamos um passeio pela sala. — Garanto que é muito relaxante depois de ficar sentada tanto tempo na mesma posição.”

Elizabeth ficou surpresa, mas concordou imediatamente. A senhorita Bingley tampouco deixou de obter sucesso no verdadeiro objetivo de sua cortesia; o senhor Darcy desviou os olhos da leitura. Atentara para aquela novidade da mesma forma que Elizabeth, e inconscientemente fechara o livro. Foi logo convidado a juntar-se a elas, mas declinou, comentando que só conseguia imaginar dois motivos para elas resolverem passear juntas pela sala, que sofreriam sua interferência se ele aceitasse o convite. “O que será que ele quer dizer com isso?” — a senhorita Bingley morria de curiosidade de saber a que se referia — e perguntou se Elizabeth havia entendido.

“Não entendi nada”, foi a resposta dela, “mas aposto que ele quer ser severo conosco, e o modo mais seguro de frustrá-lo é não tentar entender.”

A senhorita Bingley, no entanto, era incapaz de frustrar o senhor Darcy nas mínimas coisas, e insistiu portanto em uma explicação dos dois motivos dele.

“Não faço a menor objeção a explicá-los”, disse assim que ela deixou que falasse. “Ou vocês escolheram esse método de passar a noite porque querem trocar confidências e têm assuntos secretos a tratar, ou porque têm consciência da bela imagem que formam ao caminhar; — no primeiro caso, eu obstruiria por completo seu intuito; — no segundo, posso admirá-las muito melhor sentado junto ao fogo.”

“Oh! Que ultraje!”, exclamou a senhorita Bingley. “Nunca ouvi nada tão abominável! Como podemos castigá-lo pelo que disse?”

“Nada mais fácil, se essa é sua intenção”, disse Elizabeth. “Podemos todos criticar e castigar uns aos outros. Provoque-o — ria dele. — Íntimos como são, você deve saber o que fazer.”

“Mas eu juro pela minha honra que não somos. Garanto que a minha intimidade não me deu ainda isso. Provocar esse gênio tranquilo e essa força intelectual! Não, não mesmo — acho que nisso ele pode nos desafiar. E, quanto a rir dele, não vamos nos expor, por favor, a tentar rir sem motivo. É melhor o senhor Darcy se abraçar sozinho.”

“Não se pode rir do senhor Darcy!”, exclamou Elizabeth. “É uma qualidade incomum, e espero que continue sendo, pois para mim seria uma pena conhecer muita gente assim. Eu gosto mesmo de rir.”

“A senhorita Bingley”, disse ele, “está me concedendo um crédito indevido. Os mais sábios e melhores homens, não, suas melhores e mais sábias ações podem passar por ridículas para uma pessoa cujo primeiro objetivo na vida é a blague.”

“Certamente”, retrucou Elizabeth, — “existem pessoas assim, mas espero não ser uma delas. Espero jamais ridicularizar o que é sábio e bom. Tolices e bobagens, caprichos e inconsistências me divertem, admito, e disso eu rio sempre que posso. — Mas isso, imagino, é justamente o que lhe falta.”

“Talvez isso não seja possível a ninguém. Mas vem sendo um objetivo da minha vida evitar essas fraquezas que muitas vezes expõem uma forte compreensão ao ridículo.”

“Tais como a vaidade e o orgulho.”

“Sim, a vaidade é uma fraqueza de fato. Mas o orgulho — onde existe verdadeira superioridade intelectual, o orgulho sempre será bem dosado.”

Elizabeth virou o rosto para esconder um sorriso.

“Seu exame do senhor Darcy já terminou, eu presumo”, disse a senhorita Bingley; — “Diga logo então o resultado!”

“Estou perfeitamente convencida de que o senhor Darcy não possui nenhum defeito. E admite isso para si mesmo sem disfarces.”

“Não”, — disse Darcy, “não tenho tamanha pretensão. Tenho muitas falhas, mas espero que nenhuma de compreensão. Quanto ao meu temperamento, não diria a mesma coisa. — Creio ter um gênio

muito pouco condescendente — seguramente pouco demais para as conveniências do mundo. Não consigo esquecer as tolices e os vícios dos outros tão cedo quanto devia, tampouco as ofensas feitas a mim. Talvez meu temperamento possa ser chamado de ressentido. Se alguém cai no meu conceito, é uma queda definitiva.”

“Isso é de fato uma falha!”, exclamou Elizabeth. “O ressentimento implacável é uma sombra no caráter. Mas você escolheu bem a sua falha. — Realmente, não tenho como rir disso. Comigo você está a salvo.”

“Creio que existe, em todos os tipos de disposição, a tendência a um determinado tipo de maldade peculiar, algum defeito natural, que nem mesmo a melhor educação é capaz de suplantar.”

“E o seu defeito é uma propensão a odiar as pessoas.”

“E o seu”, respondeu ele com um sorriso, “é voluntariamente compreendê-las mal.”

“Vamos ouvir um pouco de música”, exclamou a senhorita Bingley, cansada de uma conversa da qual não tomava parte. “Louisa, você não se incomoda se eu acordar o senhor Hurst?”

A irmã não fez a menor objeção, e Darcy, após refletir um momento, não se arrependeu. Ele começava a sentir o risco de prestar atenção demais em Elizabeth.

De comum acordo entre as irmãs, Elizabeth escreveu à mãe na manhã seguinte, pedindo que lhes enviasse a carruagem ao longo do dia. Mas a senhora Bennet, que havia calculado que as filhas ficariam em Netherfield até a terça-feira seguinte, completando exatamente uma semana desde que Jane lá chegara, não conseguia se convencer a recebê-las com prazer antes disso. Sua resposta, portanto, não foi propícia, pelo menos não aos desejos de Elizabeth, pois ela estava impaciente para voltar para casa. A senhora Bennet mandou avisar que só teriam a carruagem na terça; e acrescentou no pós-escrito que, se o senhor Bingley e a irmã insistissem para ficarem mais, ela podia muito bem permitir que ficassem por lá. Contra ficar mais tempo, contudo, Elizabeth estava decidida — tampouco achava que viessem a ser convidadas; e temendo, ao contrário, que fossem desnecessariamente consideradas ainda mais intrusas, ela insistiu com Jane para pedir emprestada a carruagem do senhor Bingley; combinaram de mencionar seu desejo inicial de partir de Netherfield ainda pela manhã, e o pedido foi feito.

O aviso suscitou declarações de pesar; e falou-se do desejo de que ficassem pelo menos até o dia seguinte, para tentarem convencer Jane; e até a manhã seguinte, a partida das duas foi adiada. A senhorita Bingley lamentou a proposta do adiamento, pois o ciúme e o desprezo que sentia por uma delas era muito maior que a afeição que sentia pela outra.

O dono da casa ouviu com genuíno pesar que partiriam tão cedo, e por diversas vezes tentou persuadir a senhorita Bennet de que não seria seguro para ela — que ainda não estava inteiramente recuperada; mas Jane era firme ao fazer o que achava ser o certo.

Ao senhor Darcy foi uma informação bem-vinda — Elizabeth ficara em Netherfield já tempo o bastante. Atraía-o mais do que ele gostaria — e a senhorita Bingley fora grosseira com ela, e com ele vinha sendo ainda mais provocante que de costume. Por prudência, decidiu ser especialmente cuidadoso para que nenhum sinal de admiração lhe escapasse, nada que pudesse enlevá-la com a esperança de influir na felicidade dele; ciente de que, se uma ideia assim fosse sugerida, confirmaria de modo cabal seu comportamento ao longo do dia anterior. Firme em seu propósito, mal chegou a trocar dez palavras com ela durante todo o sábado e, embora tivessem ficado meia hora sozinhos, aferrou-se conscientemente ao livro e nem sequer olhou para ela.

No domingo, passados os afazeres da manhã, deu-se, para alívio de quase todos os presentes, a despedida. No final, a cortesia da senhorita Bingley para com Elizabeth aumentou bruscamente, assim como sua afeição por Jane; e quando se despediram, depois de deixar claro à última a satisfação que sempre sentiria em revê-la fosse em Longbourn ou em Netherfield, abraçando-a com ternura, chegou até a apertar a mão da primeira. — Elizabeth se despediu do grupo no melhor dos humores.

Não foram recebidas de forma tão cordial pela mãe. A senhora Bennet ainda divagava quando chegaram; achou que haviam agido muito mal causando aquele incômodo todo e tinha certeza de que o resfriado de Jane voltaria. — Mas o pai, ainda que lacônico em suas expressões de prazer, ficou realmente contente ao vê-las; ele havia percebido a importância das duas no círculo familiar. As conversas da noite, quando estavam todos juntos, perdiam muito de sua animação, e quase todo o sentido, na ausência de Jane e Elizabeth.

Encontraram Mary, como de costume, mergulhada em estudos do baixo contínuo¹ e da natureza humana; e tiveram que admirar algumas passagens e ouvir novas observações sobre a velha moral. Catherine e Lydia tinham informações diferentes para compartilhar. Muita coisa havia acontecido, e muito se falou no regimento desde a quarta-feira anterior; diversos oficiais haviam jantado recentemente com o tio, um soldado fora castigado e havia rumores de que o coronel Forster iria se casar.

“Espero, minha querida”, disse o senhor Bennet à esposa, quando estavam à mesa do café na manhã seguinte, “que você tenha pensado em um bom jantar para hoje, pois tenho motivos para crer que haverá mais gente além da nossa família.”

“Quem seria, meu querido? Não sei de ninguém que esteja vindo, a não ser que Charlotte Lucas apareça, e acredito que a minha comida seja boa o bastante para ela. Não imagino que tenha nada parecido lá na casa deles.”

“A pessoa a quem me refiro é um cavalheiro, e um forasteiro.” Os olhos da senhora Bennet faiscaram. “Um cavalheiro e ainda forasteiro! Com certeza é o senhor Bingley então. Ora, Jane — mas você não disse nada; sua malandrinha! Bem, certamente ficarei muito feliz de ver o senhor Bingley. — Mas — santo Deus! — que azar! Hoje não temos peixe. Lydia, meu amor, toque a sineta. Preciso falar agora com Hill.”

“Não é o senhor Bingley”, disse o marido; “mas uma pessoa que eu nunca vi na vida.”

Isso provocou perplexidade geral; e ele teve o prazer de ser avidamente interrogado pela esposa e pelas cinco filhas ao mesmo tempo.

Após divertir-se um pouco com a curiosidade delas, ele assim se explicou. “Há coisa de um mês recebi esta carta, e cerca de duas semanas atrás a respondi, pois achei um caso delicado, que demandava pronta atenção. É do meu primo, o senhor Collins, que, quando eu morrer, pode tirar de vocês a posse desta casa quando quiser.”

“Oh! Meu querido”, exclamou a mulher, “nem posso ouvir uma coisa dessas. Por favor, não fale mais desse homem odioso. Não me

parece a coisa mais impossível do mundo que seu dinheiro escape das mãos das suas próprias filhas;¹ e tenho certeza de que, se eu fosse você, teria tentado há muito tempo fazer algo a respeito.”

Jane e Elizabeth tentaram explicar à mãe a natureza da herança inalienável. Já haviam tentado várias vezes antes, mas era um assunto além da compreensão da senhora Bennet; e ela continuou reclamando amargamente da crueldade de tirar uma herança de uma família de cinco filhas em benefício de um homem sobre o qual ninguém sabia nada.

“É de fato uma iniquidade sem tamanho”, disse o senhor Bennet, “e nada poderá livrar o senhor Collins da culpa de herdar Longbourn. Mas, se vocês ouvirem o que diz a carta, talvez simpatizem mais com seu modo de se expressar.”

“Não, tenho certeza de que não vou simpatizar; e acho muito impertinente da parte dele escrever para você, e muito hipócrita. Odeio esses falsos amigos. Por que não continuou simplesmente discutindo com você, como o pai dele fazia?”

“Bem, de fato, parece que ele tem alguns escrúpulos filiais na cabeça, como vocês perceberão.”

Hunsford, cercanias de Westerham, Kent
15 de outubro

Estimado senhor,

A desavença existente entre o senhor e meu falecido pai, de honrada memória, sempre me foi incômoda e, como padeci o infortúnio de perdê-lo, passei a desejar muitas vezes preencher essa lacuna, mas por algum tempo me demoveram minhas próprias dúvidas, temendo que pudesse ser desrespeitoso à memória dele fazer as pazes com alguém de quem sempre prezou discordar. — “Veja só, senhora Bennet.” — No entanto, agora me decidi, pois após minha ordenação, ocorrida na Páscoa, tive a sorte de receber a proteção da muito honrada Lady Catherine de Bourgh, viúva de Sir Lewis de Bourgh, cuja generosidade e caridade me escolheram para ocupar a valiosa reitoria desta paróquia, onde será minha missão me

curvar com grande respeito à sua senhoria e estar sempre pronto a executar os rituais e cerimoniais instituídos pela Igreja Anglicana. Como pastor, sobretudo, sinto-me no dever de promover e estabelecer a bênção da paz em todas as famílias dentro do alcance de minha influência; e com tais pressupostos acredito poder esperar que minha atual demonstração de boa vontade seja altamente apreciada, e que a circunstância de ser o próximo herdeiro de Longbourn lhe seja auspiciosa, e não o leve a rejeitar o ramo de oliveira que lhe ofereço. Não posso sentir senão preocupação por ser eu um meio de prejudicar suas adoráveis filhas, e peço que me perdoe por isso, assim como lhe garanto toda a minha prontidão em reparar-lhes a todo custo, — mas voltarei a isso ainda aqui. Se o senhor não fizer objeção de me receber em sua casa, aguardo a satisfação de poder vê-lo e à sua família na segunda-feira, 18 de novembro, às quatro horas, e terei provavelmente que abusar de sua hospitalidade até a noite do sábado seguinte, o que poderei fazer sem qualquer inconveniência, pois Lady Catherine jamais objetaria a uma eventual ausência em um domingo, contanto que outro pastor se encarregue do serviço do dia. Sigo sendo, estimado senhor, com respeitosos cumprimentos à sua senhora e filhas, este que só lhe quer bem, seu amigo,

William Collins

“Portanto às quatro podemos esperar esse cavalheiro de paz”, disse o senhor Bennet enquanto dobrava a carta. “Ele me parece um rapaz muito consciencioso e educado, juro que parece; e duvido que não venha a ser importante conhecê-lo, especialmente se Lady Catherine for generosa a ponto de permitir que ele volte a nos visitar.”

“No entanto, o que diz sobre as meninas faz algum sentido; e, se ele estiver disposto a compensá-las de alguma forma, não serei eu quem o fará mudar de ideia.”

“Embora seja difícil”, disse Jane, “adivinhar como ele pensa em fazer essa reparação que diz nos ser devida, certamente tal desejo é positivo da parte dele.”

Elizabeth ficou mais impressionada com a extraordinária deferência para com Lady Catherine, e sua generosa intenção de batizar, casar e enterrar seus paroquianos sempre que fosse pedido.

“Ele deve ser uma figura rara, creio”, disse ela. “Não consigo defini-lo bem. — Há algo de muito pomposo em seu estilo. — E o que ele quer dizer com isso de se desculpar por ser o próximo herdeiro? — Não podemos contar que ele vá ajudar, mesmo que possa. — O senhor acha que se trata de um homem sensato?”

“Não, minha querida; acho que não. Espero que seja justamente o contrário. Há um misto de servilismo e presunção na carta dele que promete muito. Estou ansioso para conhecê-lo.”

“Em termos de composição”, disse Mary, “a carta não parece ter defeitos. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja totalmente nova, mas acho que foi bem colocada.”

Para Catherine e Lydia, nem carta nem autor interessaram minimamente. Era quase impossível que o primo viesse de uniforme vermelho, e fazia então algumas semanas que elas não desfrutavam da companhia de um homem que trajasse qualquer outra cor. Quanto à mãe, a carta do senhor Collins espantara um bocado de sua má vontade, e ela parecia disposta a enxergar nele certa compostura, o que deixou perplexos marido e filhas.

O senhor Collins demonstrou ser pontual, e foi recebido com grande educação por toda a família. Em verdade falou pouco; mas as damas estavam dispostas a conversar, e o senhor Collins não parecia precisar de muito estímulo, nem ser afeito ao silêncio. Era um rapaz alto, graúdo, de seus vinte e cinco anos. Tinha o ar grave e altivo, e seus modos eram bastante formais. Mal tomou assento, passou a elogiar a senhora Bennet por ter filhas tão lindas, disse que ouvira muito falar da beleza das senhoritas, mas que, no caso concreto, a verdade ia muito além da fama; e acrescentou que não se espantaria se estivessem todas bem casadas em um futuro próximo. Esse galanteio não calhou bem ao gosto de algumas ouvintes, mas a senhora Bennet, que não rejeitava um elogio, respondeu sem mais:

“O senhor é muito gentil, tenho certeza disso; e desejo do fundo do meu coração que isso se realize; pois do contrário elas estariam

desamparadas. As coisas tomaram um rumo estranho.”

“A senhora talvez esteja se referindo à herança inalienável.”

“Ah, senhor, de fato estou! Isso é muito grave para as minhas pobres meninas, o senhor há de convir. Não que a culpa seja sua, pois sei que na vida é tudo uma questão de sorte. Não há como saber quem ficará com uma herança alienada.”

“Estou ciente, minha senhora, das dificuldades das minhas belas primas — e poderia me estender nesse assunto, mas receio parecer abusado e precipitado. Porém, posso garantir às jovens senhoritas que vim preparado para admirá-las. Por ora não direi mais nada, talvez quando nos houvermos conhecido melhor...”

Ele foi interrompido com o chamado para o jantar; e as meninas trocaram sorrisos. Elas não foram os únicos objetos da admiração do senhor Collins. O salão, a sala de jantar e toda a mobília foram examinados e elogiados; e seus louvores a tudo tocaram o coração da senhora Bennet, mas pela mortificante suposição de que ele olhava tudo como quem avalia seus futuros bens. O jantar também, por sua vez, foi bastante elogiado; e ele quis saber a qual de suas belas primas se devia a excelente culinária. No entanto, foi censurado pela senhora Bennet, que lhe garantiu com alguma aspereza que eram bem capazes de pagar uma boa cozinheira. Ele implorou perdão por havê-la contrariado. Em tom ameno, a senhora Bennet declarou não estar nem um pouco ofendida; mas o senhor Collins continuou se desculpando ainda por uns bons quinze minutos.

Durante o jantar, o senhor Bennet pouco falou; mas, quando as empregadas tiraram os pratos, achou que era hora de conversar com seu convidado, e assim começou um assunto em que esperava que ele se soltasse, comentando que era muita sorte do primo ter caído nas graças de sua protetora. A atenção de Lady Catherine de Bourgh para com seus desejos, e a consideração demonstrada por seu conforto, pareciam-lhe notáveis. O senhor Bennet não podia ter escolhido assunto melhor. O senhor Collins foi eloquente em seus elogios à sua senhora. O assunto elevou-lhe ainda mais a solenidade dos modos, e dando-se ares de importância ele declarou nunca na vida ter testemunhado tal comportamento em uma pessoa daquela posição social, tamanha afabilidade e complacência, como as que ele mesmo experimentara da parte de Lady Catherine. Ela aprovara de bom grado os dois sermões que ele tivera a honra de pregar diante dela. Chamara-o já duas vezes para jantar em Rosings, e mandara buscá-lo no sábado anterior para completar sua mesa de *quadrille* à noite.¹ Lady Catherine era reconhecidamente orgulhosa, segundo muitas pessoas que a conheciam, mas ele mesmo jamais vira nela qualquer sentimento senão afabilidade. Sempre falara com o senhor Collins como se dirigiria a qualquer outro cavalheiro; não fizera a menor objeção quanto a ele se juntar à sociedade da região, nem ao fato eventual de visitar seus parentes por uma semana ou duas. Chegara a ponto de aconselhá-lo a se casar assim que fosse possível, desde que escolhesse com discernimento; e fora visitá-lo em seu humilde presbitério, onde aprovou todas as mudanças que ele vinha fazendo, chegando ela mesma a propor uma sugestão — prateleiras nos armários do andar de cima.

“Tudo isso é muito civilizado e apropriado, sem dúvida”, disse a senhora Bennet, “e me arrisco a afirmar que deve ser uma mulher muito simpática. Pena que as grandes damas não são mais como ela. Lady Catherine mora aqui por perto, senhor?”

“O jardim onde fica minha humilde residência é separado apenas por uma alameda de Rosing Park, residência da minha senhora.”

“Creio ter ouvido que ela era viúva, senhor. Ela tem família?”

“Apenas uma filha, herdeira de Rosings e de tantas outras propriedades.”

“Ah”, exclamou a senhora Bennet, balançando a cabeça, “então está melhor que as minhas meninas. E que tipo de jovem dama ela é? Bonita?”

“De fato, a mais encantadora das jovens damas. A própria Lady Catherine diz que, em termos de beleza genuína, a senhorita De Bourgh é de longe superior às mais belas de seu sexo; pois há em seus traços a marca das moças bem-nascidas. Infelizmente é de constituição debilitada, o que impediu que desenvolvesse seus muitos atributos que de outro modo ela não haveria frustrado, conforme me foi informado pela dama encarregada de sua educação, e que ainda mora com elas. Mas é absolutamente adorável, e muitas vezes se permite vir visitar meu humilde lar em seu pequeno faetonte com seus pôneis.”

“Ela foi apresentada ao rei? Não me lembro do nome dela entre as damas da corte.”

“Seu estado de saúde infelizmente impede que vá à cidade; e assim, como eu mesmo disse um dia a Lady Catherine, priva a corte britânica de seu mais brilhante ornamento. Minha senhora pareceu gostar da ideia, e vocês podem imaginar como fico feliz toda vez que posso oferecer esses pequenos e delicados elogios que as damas sempre apreciam. Mais de uma vez comentei com Lady Catherine que filha tão encantadora nasceu para ser duquesa, e que o título mais elevado, em vez de lhe conferir importância, seria adornado por ela. — Esse é o tipo de bagatela que agrada à minha senhora, e é o tipo de atenção que eu me considero particularmente obrigado a lhe dar.”

“Você tem toda razão”, disse o senhor Bennet, “e é uma felicidade possuir esse talento da lisonja delicada. Posso perguntar se essas atenções agradáveis provêm do calor do momento ou são resultado de estudo prévio?”

“Elas surgem principalmente do que está se passando no momento e, embora eu às vezes me entretenha pensando e compondo pequenos elogios elegantes que possam vir a se encaixar em qualquer ocasião, sempre gosto de lhes dar um ar tão espontâneo quanto possível.”

As expectativas do senhor Bennet estavam corretas. Seu primo era bizarro como ele esperava, e ele o ouvia com profundo deleite, mantendo ao mesmo tempo a pose mais resolutamente contida e, com exceção de um olhar de vez em quando para Elizabeth, ria satisfeito sozinho, sem precisar de companhia.

Na hora do chá, contudo, achou que a dose havia sido suficiente, e conduziu amavelmente seu hóspede novamente até a sala de estar; depois do chá também amavelmente convidou-o a ler em voz alta para as damas. O senhor Collins assentiu de pronto e buscou um livro; mas, ao erguê-lo para ler (tudo indicava que pertencia a uma biblioteca circulante), refreou-se, e desculpando-se declarou que jamais lia romances. — Kitty encarou-o incrédula, e Lydia mostrou-se perplexa. — Outros livros foram abertos, e após alguma deliberação ele escolheu os *Sermões* de Fordyce.² Lydia ficou boquiaberta ao vê-lo abrir o volume, e antes que ele, com monótona solenidade, lesse três páginas, ela o interrompeu:

“Você sabia, mamãe, que meu tio Philips falou que vai mandar Richard embora, e que se ele mandar o coronel Forster vai contratá-lo? Minha tia me contou no sábado. Amanhã vou andando até Meryton para saber melhor e perguntar quando o senhor Denny volta da cidade.”

As duas irmãs mais velhas mandaram-lhe conter a língua; mas o senhor Collins, bastante ofendido, pôs de lado o livro e falou:

“Tenho reparado que as jovens damas se interessam pouco por livros sérios, ainda que sejam escritos apenas para o benefício delas próprias. Espanta-me, confesso; — pois certamente não deve haver

nada mais vantajoso para elas do que a educação. Mas não irei mais importunar minha jovem prima.”

Então, virando-se para o senhor Bennet, ofereceu-se como adversário de gamão. Ele aceitou o desafio, comentando que o senhor Collins fora muito sábio ao deixar as meninas com suas diversões fúteis. A senhora Bennet e as filhas pediram desculpas pela interrupção de Lydia, e prometeram que não aconteceria de novo, caso ele quisesse continuar a leitura; mas o senhor Collins, depois de lhes garantir que não guardaria nenhum ressentimento da jovem prima e jamais tomaria seu comportamento como afronta, sentou-se a outra mesa com o senhor Bennet e preparou-se para o gamão.

O senhor Collins não era um homem sensato, e tal deficiência natural tampouco fora auxiliada pela educação ou pela sociedade; boa parte de sua vida se passara sob as ordens de um pai iletrado e mesquinho; e, embora ele tivesse passado por uma universidade, mal a frequentara, nem fizera qualquer conhecido importante.¹ A sujeição em que o pai o havia criado dera-lhe originalmente modos muito humildes, que agora eram em grande medida compensados pela arrogância de um intelecto fraco, que vivia isolado, e os sentimentos consequentes de uma súbita e inesperada prosperidade. Um acaso da sorte o recomendara a Lady Catherine de Bourgh quando a paróquia² de Hunsford ficara vaga; e o respeito que ele demonstrou pela alta posição, e sua veneração por ela como sua protetora, sua autoridade clerical, e seus direitos de reitor, faziam dele um misto simultâneo de orgulho e servilismo, arrogância e humildade.

Tendo agora uma boa casa e renda mais do que suficiente, ele pretendia se casar; e ao procurar se reconciliar com a família de Longbourn tinha uma esposa em seus planos, pois pretendia escolher uma das filhas, se as achasse lindas e amáveis como se dizia que eram. Esse era seu plano compensatório — sua reparação — por herdar a propriedade do pai delas; e achava-o um plano excelente, cheio de probabilidade e propriedade, e excessivamente generoso e desinteressado de sua parte.

O plano permaneceu o mesmo depois que as conheceu. — O rosto adorável da senhorita Bennet confirmou-lhe a opinião, e reforçou sua rígida adesão à prerrogativa da primogenitura; e na primeira noite ela foi sua escolhida. Na manhã seguinte, contudo, isso mudou; pois, em quinze minutos de tête-à-tête com a senhora Bennet antes do

desjejum, uma conversa sobre a casa paroquial, naturalmente dando vazão às esperanças dele, cuja futura dona poderia vir a ser encontrada em Longbourn, mostrou-lhe em meio a sorrisos satisfeitos e palavras de estímulo generalizadas um empecilho justamente no caso de Jane, por quem ele já se decidira. “Quanto às mais novas ela não saberia dizer — não teria como, definitivamente — não sabia de nenhum precedente; — a filha mais velha, ela era obrigada a dizer — sentia que lhe cabia suspeitar de que provavelmente estaria noiva muito em breve.”

O senhor Collins só precisou mudar de Jane para Elizabeth — e logo isso foi feito — enquanto a senhora Bennet atiçava o fogo. Elizabeth, igualmente a segunda em idade e beleza, era a sucessora natural de Jane.

A senhora Bennet torcia por suas suspeitas, e confiava poder em breve ter duas filhas casadas; e o homem de quem ela não podia nem ouvir falar um dia antes agora subia em suas graças.

A intenção de Lydia de ir caminhando até Meryton não foi esquecida; todas as irmãs, com exceção de Mary, concordaram em ir com ela; e o senhor Collins iria junto, a pedido do senhor Bennet, que estava muito aflito para se livrar logo dele e ter sua biblioteca só para si; pois para lá o senhor Collins o seguira após o desjejum, e ali continuaria, supostamente entretido com um dos maiores fólhos da coleção,³ mas em verdade conversando com o senhor Bennet, quase sem pausas, sobre sua casa e seu jardim em Hunsford. Tais atitudes causavam ao senhor Bennet um incômodo sem precedentes. Em sua biblioteca ele sempre tivera a garantia do ócio e da tranquilidade; e, embora preparado, como dissera a Elizabeth, para encontrar tolice e presunção em todos os demais cômodos da casa, acostumara-se ali a sentir-se livre e a salvo; por cortesia, portanto, prontificou-se a convidar o senhor Collins a se juntar às filhas na caminhada; e este, na verdade muito mais dado a passeios que à leitura, ficou imensamente satisfeito de fechar o livro e partir.

Entre pomposas nulidades de sua parte e concessões educadas das primas, o tempo passou até que chegaram a Meryton. A atenção das mais novas então se desviou dele. Seus olhos imediatamente passaram a vagar pela rua em busca de oficiais, e

até uma bela touca ou uma nova musselina⁴ na vitrine lhes desviaria o foco.

Mas a atenção de todas as senhoritas foi despertada por um rapaz que nunca tinham visto antes, de aparência muito distinta, caminhando com um oficial do outro lado da rua. O oficial era o próprio senhor Denny, cujo retorno Lydia fora apurar, e fez uma mesura ao passar por elas. Todas se impressionaram com o ar do forasteiro, todas se perguntaram quem poderia ser aquele, e Kitty e Lydia, decididas a descobrir se possível, foram abrindo caminho para atravessar a rua, sob o pretexto de precisarem de alguma coisa na loja em frente, e por sorte chegaram à calçada assim que os dois cavalheiros voltavam ao mesmo ponto onde estavam. O senhor Denny dirigiu-se diretamente a elas e pediu permissão para apresentar o amigo, senhor Wickham, que voltara da cidade com ele um dia antes e estava feliz em anunciar que ele assumiria um posto na corporação. Era só o que faltava; pois o rapaz só precisava de um uniforme para se tornar perfeitamente encantador. Sua aparência contava muito a seu favor; ele tinha todos os melhores atributos da beleza, lindas feições, boa estatura e boa prosa. À apresentação, seguiu-se da parte dele uma feliz disposição para conversar — uma solicitude ao mesmo tempo perfeitamente correta e despretensiosa; e o grupo todo ali de pé conversava de modo muito simpático quando ouviu-se o som de cascos se aproximando, e Darcy e Bingley foram vistos descendo a rua a cavalo. Ao notar as damas do grupo, os dois cavalheiros foram diretamente até elas e deram início às cortesias de praxe. Bingley foi o mais falante, e a senhorita Bennet, o principal objeto. Ele estava, conforme disse, a caminho de Longbourn com o propósito de saber dela. O senhor Darcy corroborou com uma mesura, e estava começando a se decidir por não deixar os olhos fixos em Elizabeth quando foi subitamente tomado de surpresa pela visão do forasteiro, e ela, por acaso atenta à expressão dos dois quando se viram, ficou assombrada com o efeito do encontro. Ambos mudaram de cor — um ficou branco, o outro, vermelho. O senhor Wickham, após uma pausa, tocou a aba do chapéu — saudação que o senhor Darcy mal devolveu. Qual podia ser o sentido daquilo? — Era possível imaginar; era impossível não querer saber.

Um minuto depois, o senhor Bingley, sem dar a entender ter percebido o que se passara, partiu montado ao lado do amigo.

O senhor Denny e o senhor Wickham acompanharam as jovens damas até a porta da casa do senhor Philips, e então se curvaram em despedida, apesar da insistência da senhorita Lydia de que deviam entrar, e também apesar da senhora Philips, que escancarou a janela da saleta e reiterou o convite em voz alta.

A senhora Philips ficava sempre contente ao ver as sobrinhas, e as duas mais velhas, ultimamente ausentes, foram recebidas de forma calorosa; ela estava afoita, expressando sua surpresa com a volta imprevista para casa, de que, como não fora sua carruagem que as levara, ela nem teria ficado sabendo não fosse o entregador do senhor Jones que encontrou na rua, que lhe contara que não iam mais mandar remédios a Netherfield porque as senhoritas Bennet já tinham ido embora, quando Jane chamou sua atenção para o senhor Collins e o apresentou a ela. Ela o recebeu com a maior lisura, que ele devolveu com muito mais, desculpando-se pela intrusão sem haverem sido apresentados, fato de que ele não podia se orgulhar, embora fosse justificado por sua relação com as senhoritas que o apresentaram. A senhora Philips ficou pasmada com todo aquele excesso de boas maneiras; mas sua contemplação de um forasteiro logo deu lugar a exclamações e perguntas sobre um outro, de quem, no entanto, ela só saberia dizer às sobrinhas o que já sabiam, que o senhor Denny o trouxera consigo de Londres e que seria tenente na região. Ela o observara por uma hora, disse, enquanto ele ficara pela rua, e se o senhor Wickham aparecesse Kitty e Lydia certamente teriam continuado com aquela ocupação, mas infelizmente ninguém passou pelas janelas além de uns poucos oficiais, que em comparação com o recém-chegado se tornaram “sujeitos estúpidos e desagradáveis”. Alguns deles jantariam com os Philips no dia seguinte, e a tia prometeu que faria o marido avisar o senhor Wickham e convidá-lo também se a família de Longbourn viesse à tarde. Isso foi combinado, e a senhora Philips declarou que teriam um gostoso e barulhento jogo de loteria⁵ e um pequeno jantar quente em seguida. A perspectiva desses prazeres era muito excitante, e ambas as partes se despediram na melhor das disposições. O

senhor Collins repetiu seu pedido de desculpas ao sair da sala, e lhe foi garantido com inquebrantável cortesia que eram absolutamente desnecessárias.

No caminho para casa, Elizabeth contou a Jane o que vira se passar entre os dois cavalheiros; mas, embora Jane pudesse defender qualquer um ou ambos, mesmo parecendo suspeitos, também não soube explicar melhor que a irmã esse estranho comportamento.

O senhor Collins deixou a senhora Bennet muito feliz ao dizer na volta o quanto havia admirado a educação e os modos da senhora Philips. Declarou que, com exceção de Lady Catherine e sua filha, ele nunca vira mulher mais elegante; pois ela não só o recebera com a maior cortesia como o incluía entre os convidados da noite seguinte, mesmo se tratando até então de um desconhecido. Algo que, ele supunha, talvez se pudesse atribuir à sua relação com elas, mas até então ele nunca vira tamanha deferência em toda a sua vida.

Como nenhuma objeção foi feita ao compromisso das jovens com a tia, e como todos os escrúpulos do senhor Collins de deixar o senhor e a senhora Bennet sozinhos uma noite foram firmemente contestados, a carruagem entregou-o com as cinco primas na hora marcada em Meryton; e as meninas tiveram o prazer de ouvir, ao entrar na sala, que o senhor Wickham aceitara o convite do tio delas e já estava na casa.

Quando a informação foi dada e todas já haviam escolhido onde sentar, o senhor Collins sentiu-se à vontade para olhar à volta e admirar, e ficou tão impressionado com o tamanho do lugar e a mobília que se declarou por um momento transposto ao pequeno salão de almoço de verão em Rosings; uma comparação que a princípio não provocou grande gratificação; porém, quando a senhora Philips ficou sabendo por ele o que era Rosings e quem era sua proprietária, quando ouviu a descrição de uma das salas de estar de Lady Catherine e descobriu que só o arco da lareira custara oitocentas libras,¹ ela sentiu toda a força do elogio, e dificilmente se ressentiria mesmo se a comparação fosse com o quarto de uma criada de lá.

Com uma descrição para ela de toda a grandiosidade de Lady Catherine e sua mansão, com eventuais digressões em louvor do próprio humilde presbitério e das melhorias que vinha recebendo, ele se manteve ocupado até que os cavalheiros juntaram-se ao grupo; encontrou na senhora Philips a mais atenciosa ouvinte, cuja opinião sobre a posição dele melhorou diante do que ouviu, e que estava resolvida a revender aquilo tudo às vizinhas assim que pudesse. Para as meninas, que não ouviam o primo e que não tinham nada a fazer senão desejar um instrumento e observar as imitações de porcelana

sobre a lareira,² o intervalo da espera pareceu muito demorado. Mas por fim o tempo passou. Os cavalheiros se aproximaram; e, quando o senhor Wickham entrou na sala, Elizabeth sentiu que não vinha pensando nele com admiração sem motivo. Os oficiais do condado eram em geral um grupo de homens bastante confiáveis, cavalheirescos, e os melhores deles estavam ali presentes; mas o senhor Wickham era muito superior a todos eles em modos, no semblante, na aparência e no andar, assim como eles por sua vez eram superiores ao gorducho tio Philips, de cara redonda e com hálito de vinho do Porto, que os seguia pela sala.

O senhor Wickham era o felizardo para quem todos os olhares femininos estavam voltados, e Elizabeth foi a felizarda junto a quem ele finalmente veio sentar; o modo simpático com que logo começou uma conversa, ainda que apenas sobre a noite úmida que estava lá fora e a probabilidade de chuva, fez com que ela achasse que o assunto mais comum, banal e corriqueiro podia se tornar interessante conforme a habilidade de quem o trata.

Com tais rivais na disputa, como o senhor Wickham e os oficiais, o senhor Collins parecia fadado a afundar em sua insignificância; para as mais jovens, certamente, ele não era nada; mas conseguiu de quando em quando uma ouvinte generosa na senhora Philips e foi, aos olhos atentos dela, abundantemente suprido de café e bolinhos.

Quando se formaram as mesas de jogo, ele teve a oportunidade de aceitar, e sentou-se com ela para jogar uíste.

“Ainda não sei muito bem como se joga”, ele disse, “mas vou gostar se puder melhorar, pois minha situação na vida...” — a senhora Philips gostou do comentário, mas não pôde esperar pelos motivos dele.

O senhor Wickham não jogava uíste, e muito amavelmente foi recebido na outra mesa entre Elizabeth e Lydia. A princípio pareceu haver o risco de Lydia monopolizar a atenção dele, pois era uma tagarela obstinada; mas, sendo na mesma medida apaixonada por loteria, ficou logo interessada demais no jogo, ávida por apostar e exclamando bem alto depois dos prêmios, para se distrair com alguém em particular. Liberado das exigências de praxe dos jogos, o senhor Wickham viu-se portanto à vontade para conversar com

Elizabeth, e ela mostrou-se muito interessada em ouvi-lo, embora o que quisesse saber fundamentalmente não tivesse esperanças de que ele fosse contar: a história de sua relação com o senhor Darcy. A curiosidade dela contudo foi inesperadamente satisfeita. O senhor Wickham começou o assunto sozinho. Perguntou sobre a distância entre Netherfield e Meryton; e, depois que ela respondeu, perguntou de modo hesitante quanto tempo fazia que o senhor Darcy estava lá.

“Cerca de um mês”, disse Elizabeth; e então, sem querer encerrar o assunto, acrescentou: “Ouvi dizer que ele é dono de uma grande propriedade em Derbyshire.”

“Sim”, respondeu Wickham; — “sua propriedade é de fato nobre. Cerca de dez mil libras por ano. Você não poderia encontrar pessoa mais capacitada para lhe dar essa informação do que eu — pois sou ligado a essa família de um modo peculiar desde a infância.”

Elizabeth não conseguiu disfarçar a surpresa.

“Pode ser surpreendente, senhorita Bennet, dizer isso depois do modo frio com que nos tratamos ontem, como você provavelmente reparou. — Você conhece bem o senhor Darcy?”

“Creio que já conheci o bastante”, exclamou calorosamente Elizabeth. — “Passei quatro dias na mesma casa que ele, e achei-o bastante antipático.”

“Não tenho direito a dar minha opinião”, disse Wickham, “quanto a ser simpático ou não. Não sou a pessoa certa para isso. Já o conheço há tempo demais e bem demais para ser um bom juiz. É impossível que eu seja imparcial. Mas acho que a sua opinião sobre ele causaria uma perplexidade geral — e talvez a senhorita não a expressasse de modo tão incisivo em outro lugar. — Aqui você está com a sua família.”

“Juro que não diria nada aqui que não pudesse dizer em qualquer outra casa da região, talvez com exceção de Netherfield. Não gostam mesmo dele em Hertfordshire. Todos detestam seu orgulho. Você não ouvirá ninguém por aqui falando bem dele.”

“Não posso fingir que lamento”, disse Wickham após uma breve interrupção, “o fato de que ninguém deva ser estimado mais do que merece; mas no caso dele acho que isso acaba acontecendo muito. O mundo fica cego com a fortuna e a posição dele, ou com medo

dos seus modos elevados e altivos, e o vê apenas como ele quer ser visto.”

“Eu o consideraria, mesmo o conhecendo assim superficialmente, homem de mau gênio.” Wickham apenas assentiu com a cabeça.

“Pergunto-me”, disse ele, na primeira oportunidade de falar, “se ficará na região por muito tempo.”

“Não faço ideia; mas não ouvi ninguém falar sobre isso enquanto estive em Netherfield. Espero que seus planos no condado não sejam afetados pela presença dele na região.”

“Oh! Não — eu não preciso fugir do senhor Darcy. Se quiser me evitar, ele que se vá. Não reatamos a amizade, e sempre me dói vê-lo, mas não tenho motivo para evitá-lo além daquilo que posso contar para o mundo todo saber; uma sensação de haver sido tratado muito injustamente, e o mais doloroso remorso por ele ser o que é. O pai dele, senhorita Bennet, o falecido senhor Darcy, foi um dos melhores homens que já existiram, e o melhor amigo que já tive; e nunca conseguirei estar na companhia deste senhor Darcy sem que me venham mil lembranças afetivas. O comportamento dele comigo foi escandaloso; mas acredito mesmo que possa lhe perdoar tudo e qualquer coisa, desde que não arruíne as expectativas e desgrace a memória de seu pai.”

Elizabeth viu aumentar seu interesse no assunto, e ouviu-o com todo o seu coração; a delicadeza do tema, porém, impedia maiores questionamentos.

O senhor Wickham começou a falar de assuntos mais genéricos, Meryton, a região, a sociedade, e pareceu gostar muito de tudo o que vira até então, especialmente desta última, com um galanteio sutil, mas muito inteligente.

“Foi principalmente a perspectiva de uma sociedade estável e boa”, acrescentou ele, “que me fez aceitar vir para o condado. Sei que é uma das corporações mais respeitáveis, os oficiais são os mais simpáticos, e meu amigo Denny me tentou ainda mais contando sobre os alojamentos e as grandes atenções e excelentes relações que Meryton oferecia. A sociedade, admito, é necessária para mim. Sou um homem a quem algo foi recusado, e meus ânimos não suportariam a solidão. Preciso de emprego e da sociedade. Uma

vida militar não era o que eu pretendia, mas as circunstâncias agora me abriram essa possibilidade. A igreja devia ter sido a minha carreira — fui criado para o clero, e a esta altura já deveria ser dono de uma posição importante se isso tivesse sido do agrado do cavalheiro de quem vínhamos falando.”

“Quem diria!”

“Sim — o falecido senhor Darcy me legara em herança a melhor paróquia que vagasse em suas terras. Ele foi meu padrinho, era muito apegado a mim. Eu não teria como agradecer sua generosidade. Tinha intenção de me deixar bem, e achou que tivesse deixado; mas, quando vagou a paróquia, foi dada a outra pessoa.”

“Santo Deus!”, exclamou Elizabeth; “mas como isso foi possível? Como puderam desrespeitar o testamento? — Por que você não tentou uma reparação na justiça?”

“A legação havia sido feita informalmente, o que não me permitiria esperanças com a lei. Um homem honrado não duvidaria dessa intenção, mas o senhor Darcy preferiu duvidar — ou tratá-la meramente como uma recomendação condicional, e declarou que eu havia inventado aquilo por extravagância, imprudência, em suma, sem qualquer fundamento. O fato é que a paróquia vagou dois anos depois, justamente quando eu estava na idade de tomar posse, e foi dada a outro homem; e não menos certo é o fato de que na verdade eu não fiz nada para merecer perdê-la. Tenho um temperamento ardente, sem reservas, e posso às vezes dizer o que penso dele e para ele sem medir palavras. Não me lembro de nada pior do que isso. Mas o fato é que somos dois homens muito diferentes, e ele me odeia.”

“Isso é deveras chocante! — Ele merece execração pública.”

“Mais dia, menos dia, ele a terá — mas não serei eu a desmascará-lo. Pela lembrança do pai dele, jamais o desafiarei ou exporei assim.”

Elizabeth congratulou-o por tais sentimentos, e o achou mais lindo do que nunca ao expressá-los.

“Mas quais poderiam”, disse ela, após uma pausa, “ter sido os motivos dele? — O que o teria induzido a se comportar de forma tão cruel?”

“Um desprezo completo e obstinado por mim — um desprezo que só posso atribuir em certa medida ao ciúme. Se o falecido senhor Darcy tivesse gostado menos de mim, o filho talvez pudesse se dar melhor comigo; mas o apego extraordinário de seu pai comigo irritava-o desde muito cedo. Ele não tinha o temperamento para suportar o tipo de competição em que vivíamos — o tipo de preferência que muitas vezes era dada a mim.”

“Não imaginava que o senhor Darcy fosse tão ruim assim — embora nunca tenha gostado dele, não havia pensado tão mal dele. — Eu achava que ele desprezava as pessoas em geral, mas não imaginava que fosse capaz de descer ao ponto de uma vingança mal-intencionada, de uma injustiça dessas, de tamanha desumanidade!”

Depois de refletir alguns minutos, no entanto, ela continuou: “Lembro-me que um dia ele estava se gabando em Netherfield de que seu ressentimento era implacável, de que seu temperamento era rancoroso. Deve ter um gênio terrível”.

“Não sei se posso julgar nesse caso”, respondeu Wickham, “não consigo ser justo com ele.”

Elizabeth novamente mergulhou em seus pensamentos, e após algum tempo exclamou: “Tratar dessa maneira o afilhado, o amigo, o favorito do pai dele!”. — Ela poderia ter acrescentado: “E também um rapaz como você, cujo rosto por si só é uma prova de amabilidade” — mas se conteve e disse: “E alguém que provavelmente foi seu companheiro desde a infância, alguém ligado a ele, como creio que ouvi você dizer, da maneira mais íntima!”.

“Nascemos na mesma paróquia, dentro da mesma propriedade, e grande parte da juventude passamos juntos; morando na mesma casa, dividindo as mesmas brincadeiras, os mesmos cuidados paternos. Meu pai começou na mesma profissão a que seu tio, o senhor Philips, confere tanto prestígio — mas largou tudo para cuidar da propriedade de Pemberley. Era pessoa da mais alta estima do senhor Darcy, amigo íntimo e confidente. O senhor Darcy sempre admitia que devia muito a meu pai por sua ativa supervisão, e quando, pouco antes da morte do meu pai, o senhor Darcy lhe fez voluntariamente uma promessa de garantir o meu futuro, estou

convencido de que ele sentia uma dívida de gratidão com ele, assim como afeição por mim.”

“Que estranho!”, exclamou Elizabeth. “Que coisa abominável! — Creio que o orgulho deste senhor Darcy não lhe permitiu ser justo com você! Se não por qualquer outro motivo, ele não devia ser tão orgulhoso a ponto de ser desonesto, — pois devo dizer que foi uma desonestidade.”

“É espantoso”, respondeu Wickham, — “como quase todas as atitudes dele podem ser atribuídas ao orgulho; — e o orgulho muitas vezes foi seu melhor amigo. Manteve-o mais próximo da virtude do que qualquer outro sentimento. Mas ninguém é sempre coerente; e em sua atitude para comigo havia impulsos ainda mais fortes que o orgulho.”

“Será possível que esse orgulho abominável já lhe tenha feito algum bem?”

“Sim. Muitas vezes seu orgulho o faz magnânimo e generoso, — a distribuir largamente seu dinheiro, a oferecer hospitalidade, a atender seus arrendatários e ajudar os pobres. O orgulho de sua família, e o orgulho filial, pois ele tem muito orgulho de seu pai, fizeram isso com ele. Não desgraçar a família, não deixá-la degenerar no que a notabilizou ou perder a influência da casa de Pemberley, são motivos poderosos. Ele tem ainda o orgulho fraterno, que, somado a certa afeição fraterna, faz dele um bom e zeloso guardião da irmã; e você sempre ouvirá dizer que ele é o melhor e mais atencioso irmão do mundo.”

“Que espécie de moça é a senhorita Darcy?”

Ele balançou a cabeça. — “Quem me dera poder dizer que ela é amável. É doloroso falar mal de um Darcy. Mas ela é em grande medida igual ao irmão — muito, muito orgulhosa. — Quando menina, era afetuosa e simpática, e gostava demais de mim; dediquei muitas horas a brincar com ela. Mas ela não significa mais nada para mim. É uma menina bonita, de quinze ou dezesseis, e sei que muito prendada. Desde a morte do pai, está em Londres, onde vive com uma dama que supervisiona sua educação.”

Depois de muitas pausas e muitas tentativas de outros assuntos, Elizabeth não pôde evitar de se voltar novamente para ele e dizer:

“Fico perplexa com a intimidade dele com o senhor Bingley! Como pode o senhor Bingley, que parece ser o bom humor em pessoa, e que é, realmente acredito, verdadeiramente amável, ser amigo de um homem desses? Como eles podem se dar bem? — Você conhece o senhor Bingley?”

“Nunca ouvi falar.”

“É um sujeito encantador, gentil, amável. Não deve conhecer o verdadeiro senhor Darcy.”

“Provavelmente não conhece; — mas o senhor Darcy sabe agradar quando quer. Não lhe faltam capacidades. Ele sabe ser uma boa companhia quando acha que vale a pena. Entre aqueles que lhe são todos iguais em posição, ele é um homem muito diferente do que é entre os menos prósperos. Seu orgulho jamais o abandona; mas entre os ricos ele é liberal, justo, sincero, racional e honrado, e talvez até simpático, — levando em conta toda a sua fortuna e aparência.”

A mesa de uíste logo em seguida se desfez, os jogadores se reuniram em torno de outra mesa, e o senhor Collins tomou lugar entre sua prima Elizabeth e a senhora Philips. — As perguntas de praxe sobre seu desempenho foram feitas por esta última. Não havia sido grande coisa; ele perdera todos os pontos; mas, quando a senhora Philips esboçou expressar sua preocupação com o caso, ele lhe garantiu com a maior gravidade que aquilo não tinha a menor importância, que ele considerava aquele dinheiro ninharia, e implorou que ela não se incomodasse.

“Sei muito bem, minha senhora”, disse ele, “que quando alguém se senta à mesa do jogo deve correr esse tipo de risco — e felizmente minha atual circunstância não me impede de perder cinco xelins. Sem dúvida muita gente não pode dizer o mesmo, mas graças a Lady Catherine de Bourgh estou hoje muito distante da necessidade de atentar para essas questões menores.”

A atenção do senhor Wickham foi despertada; e, depois de observar o senhor Collins por alguns instantes, ele perguntou a Elizabeth em voz baixa se o parente dela era íntimo da família de Bourgh.

“Lady Catherine de Bourgh”, ela respondeu, “muito recentemente deu a ele uma paróquia. Mal sei como o senhor Collins foi

apresentado a ela, mas com certeza ele não a conhecia muito bem.”

“E você deve saber, é claro, que Lady Catherine de Bourgh e Lady Anne Darcy eram irmãs; conseqüentemente, ela é tia do atual senhor Darcy.”

“Não, de fato, eu não sabia. — Não sabia do parentesco de Lady Catherine. Só antes de ontem fiquei sabendo da existência dela.”

“Sua filha, a senhorita de Bourgh, herdará uma fortuna muito grande, e acredita-se que ela e o primo unirão as propriedades.”

Essa informação provocou um sorriso em Elizabeth quando pensou na pobre senhorita Bingley. De fato seriam vãs suas atenções, e inúteis sua afeição pela irmã dele e os elogios que a ele fazia se o senhor Darcy já estivesse prometido a outra.

“O senhor Collins”, disse ela, “fala muito bem tanto de Lady Catherine quanto da filha; mas, devido a algumas peculiaridades que ele mencionou, imagino que a gratidão que sente por ela faz com que se engane e que, apesar de ser sua protetora, ela seja uma mulher arrogante e presunçosa.”

“Acredito que seja ambas as coisas no mais alto grau”, respondeu Wickham; “Não a vejo há muitos anos, mas lembro muito bem que nunca gostei dela e que seus modos eram autoritários e insolentes. Ela tem a reputação de ser sensata e inteligente; mas acho que se vale em parte dos poderes de sua posição e de sua fortuna, de seu estilo imperativo, e principalmente do orgulho do sobrinho, para quem qualquer um que queira conviver com ele deve levar em conta o que significa fazer parte da primeira classe.”

Elizabeth admitiu que ele fizera um relato bastante racional do caso, e os dois continuaram conversando mutuamente satisfeitos até o jantar pôr um fim ao carteado; e permitir que as demais damas partilhassem das atenções do senhor Wickham. Não era possível conversar em meio ao barulho daquele grupo de comensais da senhora Philips, mas os modos dele o recomendaram aos olhos de todos. O que quer que dissesse, dizia-o bem; e o que quer que fizesse, era sempre com graça. Elizabeth foi embora com a cabeça repleta de pensamentos sobre ele. Só conseguia pensar no senhor Wickham e no que ele lhe contara, em todo o caminho para casa; mas não houve sequer tempo de mencionar o nome dele, pois Lydia

e o senhor Collins não se calaram um segundo. Lydia falou incessantemente sobre o jogo de loteria, do peixe que perdera e do peixe que ganhara, e o senhor Collins descreveu a educação do senhor e da senhora Philips, declarando que não se importara minimamente com o que perdera no uíste, e enumerando todos os pratos do jantar; temendo a toda hora entediar as primas, tinha mais a dizer do que conseguiu até a carruagem chegar a Longbourn.

Elizabeth contou a Jane, no dia seguinte, o que se passara entre ela e o senhor Wickham. Jane ouviu perplexa e preocupada; — ela não conseguia acreditar que o senhor Darcy pudesse ser tão indigno da amizade do senhor Bingley; no entanto não era de seu feitio questionar a veracidade de um rapaz de tão boa aparência como Wickham. — A possibilidade de ele haver de fato suportado tamanha mesquinharia era o bastante para despertar seus sentimentos mais ternos; e não havia mais nada a ser feito senão pensar bem de ambos, defender a conduta de cada um e atribuir ao acaso ou ao engano tudo o mais que não pudesse ser explicado de outro modo.

“Ambos”, ela disse, “foram enganados, arrisco-me a dizer, de um modo ou de outro, mas não fazemos ideia de qual. Talvez alguém envolvido no caso possa ter incitado um contra o outro. É, em suma, impossível conjecturar sobre as causas ou circunstâncias que os afastaram sem atribuir culpa às duas partes.”

“De fato, isso é verdade; — e agora, minha querida Jane, o que você tem a dizer em defesa dessas pessoas envolvidas que provavelmente tinham interesses no caso? — Perdoamos também ou teremos que pensar mal de alguém?”

“Você pode brincar quanto quiser, mas suas risadas não me farão mudar de opinião. Minha amada Lizzy, pense na péssima situação em que isso coloca o senhor Darcy, tratar o favorito de seu pai dessa maneira, — alguém que o pai prometeu ajudar. — É impossível. Ninguém com um mínimo de humanidade, com algum valor em seu caráter, seria capaz de uma coisa assim. Será que até seus amigos mais íntimos estão totalmente enganados quanto a ele? Oh! Não.”

“Para mim, é muito mais fácil acreditar que o senhor Bingley esteja sendo ludibriado do que achar que o senhor Wickham tenha inventado uma história como a que ele mesmo me contou ontem à noite; com nomes, fatos, tudo dito sem nenhuma cerimônia. — Se não for esse o caso, que o senhor Darcy venha contradizê-lo. Além do mais, havia verdade na expressão dele.”

“É difícil de fato — é aflitivo. — Não sabemos o que pensar.”

“Você me desculpe; — sabemos muito bem o que pensar.”

Mas Jane só conseguia pensar com certeza em uma única coisa — que o senhor Bingley, se estivesse sendo ludibriado, sofreria muito quando o caso se tornasse público.

As duas jovens damas foram surpreendidas entre os arbustos¹ onde se dava a conversa pela chegada de algumas das próprias pessoas de quem falavam; o senhor Bingley e as irmãs vinham entregar pessoalmente o convite para o tão aguardado baile de Netherfield, que fora marcado para a terça-feira seguinte. As duas damas adoraram rever a querida amiga, disseram que fazia décadas que não se viam e se puseram a lhe perguntar o que fizera desde então. Ao resto da família, prestaram pouca atenção; evitando ao máximo a senhora Bennet, pouco falando com Elizabeth e nada dizendo às demais. Logo partiram novamente; erguendo-se de seus assentos com tanto vigor que surpreenderam o irmão e apressando-se rumo à saída para escapar das cortesias da senhora Bennet.

A perspectiva do baile em Netherfield era extremamente agradável para todas as mulheres da família. A senhora Bennet decidiu considerá-lo um galanteio à filha mais velha, e ficou especialmente lisonjeada por receber o convite do próprio senhor Bingley em vez de um cartão cerimonioso. Jane imaginou para si uma noite muito feliz na companhia das duas amigas, e com a atenção do irmão delas; e Elizabeth pensou com satisfação em dançar bastante com o senhor Wickham e em obter uma confirmação de tudo observando a expressão e o comportamento do senhor Darcy. A felicidade ansiada por Catherine e Lydia, não dependia de um único acontecimento, ou de uma pessoa em particular, pois, embora elas também, assim como Elizabeth, pretendessem dançar metade da noite com o senhor Wickham, não era ele o único par que as poderia satisfazer, e um

baile afinal, era sempre um baile. E até mesmo Mary garantiu à família que não tinha objeções quanto à festa.

“Contanto que possa ter as manhãs só para mim”, disse ela, “é o bastante. — Acho que não é nenhum sacrifício participar eventualmente de atividades noturnas. A sociedade tem direitos sobre todos nós; e eu me enquadro entre os que consideram intervalos de recreação e entretenimento algo desejável para todos.”

O entusiasmo de Elizabeth era tão forte na ocasião que, embora quase nunca conversasse com o senhor Collins sem necessidade, não pôde evitar de perguntar se ele pretendia aceitar o convite do senhor Bingley e, caso aceitasse, se acharia apropriado participar dos entretenimentos da noite; e ela ficou um tanto surpresa ao descobrir que ele não tinha nenhum escrúpulo quanto ao baile, e não temia eventuais reprimendas do arcebispo ou de Lady Catherine de Bourgh pelo fato de dançar.²

“De modo algum sou da opinião, posso lhe garantir”, disse ele, “de que um baile desses, oferecido por um rapaz de respeito, de caráter, possa conter qualquer aspecto negativo; e, quanto a mim, nada mais distante da minha disposição do que recusar uma dança, e espero ter a honra de segurar as mãos de todas as minhas belas primas ao longo da noite, e aproveito esta oportunidade de pedir sua mão, senhorita Elizabeth, especialmente para as duas primeiras danças — uma preferência que espero que minha prima Jane saiba atribuir a um bom motivo, e não a um desrespeito para com ela.”

Elizabeth sentiu-se profundamente frustrada. Estava decidida a fazer par com Wickham naquelas duas primeiras danças: — e, em vez disso, o senhor Collins! — Seu entusiasmo nunca se comprovara tão inoportuno. E no entanto não havia o que fazer. A felicidade do senhor Wickham e a sua seriam à força postergadas mais um pouco, e a proposta do senhor Collins foi aceita com toda a graciosidade de que ela se mostrou capaz. Tampouco recebeu bem o galanteio, pela ideia que continha de sugerir algo mais. — Agora lhe ocorria pela primeira vez: ela havia sido a escolhida entre as irmãs para ser a nova senhora do presbitério de Hunsford, para ajudar a completar a mesa de *quadrille* em Rosings na ausência de visita mais ilustre. A ideia logo se converteu em convicção ao observar as crescentes

cortesias que ele lhe dirigia e as frequentes tentativas de elogiar sua presença de espírito e vivacidade; e, embora tenha ficado mais perplexa do que embevecida por esse efeito de seus encantos, sua mãe sem demora sugeriu que aquele casamento seria algo extraordinariamente interessante. Mas Elizabeth preferiu não entender a sugestão, perfeitamente ciente de que uma discussão séria viria qualquer que fosse a resposta. O senhor Collins podia muito bem jamais fazer a proposta e, até que fizesse, não adiantava argumentar com ele.

Se não houvesse um baile em Netherfield para o qual era preciso se preparar, as duas senhoritas Bennet mais novas se encontrariam naquele momento em um estado lamentável, pois do dia do convite até o dia do baile foi tal a sequência de dias chuvosos que não puderam ir andando a Meryton uma única vez. Nada de tia, nada de oficiais, não tinham nem como ir atrás das novidades; — até os ornamentos dos sapatos para Netherfield tiveram de ser improvisados. Elizabeth também sentiu sua paciência testada por aquele tempo, que suspendeu totalmente os avanços de sua relação com o senhor Wickham; e só mesmo o baile da terça foi capaz de tornar a sexta, o sábado, o domingo e a segunda suportáveis para Kitty e Lydia.

Até o momento em que Elizabeth entrou na sala de estar em Netherfield e procurou em vão pelo senhor Wickham entre os grupos de fraques vermelhos ali reunidos, uma dúvida quanto à presença dele jamais lhe ocorrera. A certeza do encontro não fora confrontada por nenhuma de suas lembranças que, não à toa, poderiam tê-la prevenido. Vestira-se com mais capricho que de costume, havia se preparado com todo entusiasmo para a conquista de tudo o que permanecia sem ser subjugado no coração dele, confiante de que não seria mais do que era capaz de conquistar ao longo de uma noite. Mas subitamente surgiu-lhe a pavorosa suspeita de que ele podia ter sido omitido, com o propósito de agradar ao senhor Darcy, da lista dos oficiais convidados por Bingley; e, embora não tenha sido exatamente o caso, o fato cabal de sua ausência foi declarado por seu amigo, o senhor Denny, a quem Lydia avidamente se agarrara e que lhes contou que Wickham fora obrigado a ir à cidade a negócios um dia antes e ainda não tinha voltado; acrescentando, com um sorriso especioso:

“Imagino que esses negócios não o teriam obrigado a partir justo agora se ele não quisesse evitar certo cavalheiro aqui presente.”

Essa parte do comentário, embora Lydia não tivesse ouvido, não passou despercebida a Elizabeth e, confirmando que Darcy não era menos responsável pela ausência de Wickham do que ela supusera a princípio, com a instantânea frustração, seu desprezo com relação ao primeiro se acentuou tanto que ela mal conseguiu responder com razoável cortesia às educadas perguntas que ele logo em seguida se aproximou para fazer. — Atenção, tolerância e paciência com Darcy eram injúrias a Wickham. Ela estava resolvida a não entabular qualquer conversa com ele, e deu-lhe as costas com tamanho mau

humor que mal conseguiu falar com o senhor Bingley, cuja parcialidade cega a incomodava.

Mas Elizabeth não era de ficar cabisbaixa; e, embora todas as suas perspectivas estivessem arruinadas naquela noite, o fato não pesaria muito tempo em seu espírito; e, havendo contado toda a sua atribulação a Charlotte Lucas, a quem não via havia uma semana, logo foi capaz de fazer uma transição voluntária para as esquisitices do primo, e de apontá-lo para mostrar à amiga. As duas primeiras danças, contudo, trouxeram-na de volta à aflição; foram danças mortificantes. O senhor Collins, desengonçado e solene, a se desculpar em vez de dançar, e muitas vezes errando sem perceber, propiciou-lhe toda a vergonha e a angústia que um par desagradável pode proporcionar em duas danças. O momento em que se viu livre dele foi uma bênção.

Ela dançou em seguida com um oficial, e teve o alívio de conversar sobre Wickham e descobrir que todos gostavam dele. Passadas essas danças, voltou para junto de Charlotte Lucas, e estava conversando com ela quando foi abordada pelo senhor Darcy, tirando-a tão subitamente para dançar que, sem saber o que fazia, aceitou. Ele deu as costas imediatamente, e ela lamentou a própria falta de presença de espírito; Charlotte tentou consolá-la.

“Você vai achar o senhor Darcy muito simpático.”

“Deus me livre! — Seria o maior dos infortúnios! Achar simpático um homem que você está decidida a odiar! Não me deseje esse mal.”

Quando a dança começou, contudo, e Darcy se aproximou para tomar-lhe a mão, Charlotte não se conteve e sussurrou que não fosse simplória a ponto de deixar seu interesse por Wickham torná-la desagradável aos olhos de um homem de posição dez vezes superior. Elizabeth não respondeu, e tomou seu lugar no conjunto, impressionada com o respeito com que foi vista por dançar com o senhor Darcy, e lendo na expressão das vizinhas o mesmo espanto no olhar. Ficaram por algum tempo sem dizer nada; ela começou a imaginar que aquele silêncio duraria as duas danças, e a princípio estava decidida a não quebrá-lo; até que subitamente, imaginando que seria o maior castigo para seu par obrigá-lo a falar, ela fez uma

observação qualquer sobre a dança. Ele respondeu e tornou a calar. Após uma pausa de alguns minutos, Elizabeth se dirigiu a ele novamente, dizendo:

“É sua vez de dizer alguma coisa agora, senhor Darcy. — Eu falei da dança, e você deve fazer algum comentário gentil sobre o tamanho do salão, ou a quantidade de pares.”

Ele sorriu, e garantiu que diria qualquer coisa que ela quisesse.

“Muito bem. — Isso basta como resposta, por ora. — Talvez de quando em quando eu comente que os bailes particulares são muito mais agradáveis do que os públicos. — Mas agora podemos nos calar.”

“Então a senhorita conversa por obrigação quando dança?”

“Às vezes. É importante falar um pouco, você sabe. Seria estranho ficar completamente em silêncio por meia hora juntos e, para vantagem de alguns, a conversa deve se encaminhar de modo a que se venha a dizer o mínimo possível.”

“A senhorita está agindo conforme os próprios sentimentos no presente caso ou imagina estar contemplando os meus?”

“As duas coisas”, retrucou Elizabeth com malícia; “pois sempre vi uma grande semelhança em nosso pensamento. — Somos ambos misantropos, taciturnos, calados, a não ser quando esperamos dizer alguma coisa que impressione todo o salão, e que fique para a posteridade com o triunfo de um provérbio.”

“Isso não parece descrever muito bem o seu próprio caráter, tenho certeza”, disse ele. “O quanto isso se aproxima do meu, não me arrisco a dizer. — Mas sem dúvida você acha que é um retrato fiel de si mesma.”

“Não cabe a mim julgar minha própria pertinência.”

Ele nada respondeu, e ficaram novamente em silêncio até o final da dança, quando perguntou se Elizabeth e as irmãs costumavam ir a pé até Meryton. Ela respondeu afirmativamente e, incapaz de resistir à tentação, acrescentou: “Quando você nos encontrou naquele dia, havíamos acabado de fazer um novo conhecido.”

O efeito foi imediato. Um tom mais sombrio de arrogância se espalhou por seu semblante, mas ele nada disse, e Elizabeth, ainda

que se culpando pela própria fraqueza, não pôde continuar. Por fim Darcy prosseguiu, de modo contido, dizendo:

“O senhor Wickham é abençoado com modos muito agradáveis, que lhe granjeiam amizades — quanto a ser igualmente capaz de mantê-las, não estou tão certo.”

“Ele teve a infelicidade de perder a sua”, retrucou Elizabeth com ênfase, “e de um modo que provavelmente lhe causará sofrimento pelo resto da vida.”

Darcy não respondeu, e pareceu ansioso para mudar de assunto. Nesse momento Sir William Lucas se aproximou deles, tentando passar por entre os pares e chegar ao outro lado do salão; mas, ao reparar no senhor Darcy, ele parou com uma medida de suprema cortesia, cumprimentando-o por sua dança e sua parceira.

“Foi uma grande honra vê-los, meu caro senhor. Não é comum ver alguém dançar tão bem. É evidente que o senhor é um grande conhecedor. Permita-me dizer, contudo, que sua bela parceira não o desmerece, e espero que esse prazer se repita, especialmente quando certo acontecimento desejável, minha querida senhorita Eliza (piscando para a irmã dela e para Bingley), enfim ocorrer. Quantas congratulações ainda virão! Faço um apelo ao senhor Darcy — mas não me permita interrompê-lo, senhor. — Você não vai me agradecer por tirá-lo da encantadora conversa com aquela jovem dama, cujos olhos brilhantes estão até me repreendendo.”

A última parte dessa fala mal foi ouvida por Darcy; mas a alusão de Sir William ao amigo pareceu atingi-lo forçosamente, e seus olhos se voltaram com uma expressão muito séria para Bingley e Jane, que dançavam juntos. Recuperando-se, contudo, brevemente ele se virou para sua parceira e disse:

“A interrupção de Sir William me fez esquecer o que estávamos dizendo.”

“Creio que não estávamos dizendo nada. Sir William não poderia ter interrompido duas pessoas com menos a dizer um para o outro. — Tentamos dois ou três assuntos sem sucesso, e do que falaremos agora nem posso imaginar.”

“O que você acha dos livros?”, disse ele, sorrindo.

“Livros — Oh! Não. — Tenho certeza de que nunca lemos os mesmos, ou pelo menos não com os mesmos sentimentos.”

“Sinto muito que pense assim; mas, se for esse o caso, pelo menos não haverá falta de assunto. — Podemos comparar nossas diferentes opiniões.”

“Não — não vou falar de livros em um salão de baile; minha cabeça está sempre ocupada com outra coisa.”

“Você está sempre ocupada com o presente — não é?”, disse ele com expressão de dúvida.

“Sim, sempre”, ela respondeu, sem saber o que dizia, pois seus pensamentos divagaram para longe do assunto, e logo depois reapareceram de repente quando ela exclamou: “Lembrei-me de ouvi-lo dizer uma vez, senhor Darcy, que o senhor dificilmente perdoava, e que, uma vez despertado, o seu ressentimento era implacável. Imagino que o senhor seja muito cuidadoso para não criar muitos ressentimentos.”

“Sou”, disse ele, com voz firme.

“E nunca se deixa cegar pelo preconceito?”

“Espero que não.”

“Quem nunca muda de opinião deve ter certeza de haver julgado corretamente da primeira vez.”

“Posso saber o porquê dessas perguntas?”

“Meramente para ilustrar seu caráter”, disse ela, conseguindo afastar a gravidade. “Estou tentando entendê-lo.”

“E como está se saindo?”

Ela balançou a cabeça. “Não estou me saindo nada bem. Ouvi coisas tão díspares a seu respeito que fiquei absurdamente intrigada.”

“Tenho motivos para acreditar”, respondeu ele gravemente, “que as impressões podem variar bastante a meu respeito; e gostaria, senhorita Bennet, que não esboçasse meu caráter no presente momento, pois receio que o resultado não vá ser proveitoso para nenhum de nós.”

“Mas, se eu não analisá-lo neste momento, talvez não venha a ter outra oportunidade.”

“Longe de mim censurar o seu prazer”, retrucou ele, friamente. Ela não disse mais nada, e eles terminaram a dança seguinte e se separaram em silêncio; ambos insatisfeitos, embora em graus diferentes, pois no peito de Darcy havia um sentimento tão consideravelmente poderoso em relação a ela que conseguiu perdoá-la, direcionando toda a sua raiva contra outra pessoa.

Mal se haviam separado quando a senhorita Bingley se aproximou, e com uma expressão de desdém polido assim se dirigiu a ela:

“Pois bem, senhorita Eliza, fiquei sabendo que você gostou muito de George Wickham! — Sua irmã me contou agora sobre ele, e me fez mil perguntas; acho que o rapaz se esqueceu de lhe contar, entre tantas outras coisas, que era filho do velho Wickham, braço direito do falecido senhor Darcy. Permita-me aconselhá-la como amiga a não dar muita confiança ao que ele diz; pois, quanto ao senhor Darcy tê-lo tratado injustamente, é absolutamente falso; ao contrário, ele sempre foi incrivelmente bom para ele, mesmo depois que George Wickham tratou o senhor Darcy da maneira mais infame. Não sei dos detalhes, mas sei muito bem que o senhor Darcy não tem a mínima culpa, que não pode ouvir falar em George Wickham e que, embora meu irmão tenha achado que não poderia deixar de incluí-lo entre os oficiais convidados, ficou muito feliz ao descobrir que não poderia comparecer. Sua própria mudança para o interior é a coisa mais insolente, e me pergunto como conseguiu até mesmo imaginar uma coisa dessas. Tenho pena de você, senhorita Eliza, por essa descoberta da culpa do seu favorito, mas em verdade, se você pensar na ascendência dele, não se poderia mesmo esperar muito mais.”

“A culpa e a ascendência dele, pelo que você diz, são a mesma coisa”, disse Elizabeth, irritada; “pois não ouvi você acusá-lo de nada mais grave do que ser filho de um empregado do senhor Darcy, e isso, posso lhe garantir, ele mesmo me havia informado.”

“Perdão”, retrucou a senhorita Bingley, virando-se com desdém. “Desculpe a minha intromissão. — Pensei no seu bem.”

“Mas que insolente!”, disse Elizabeth consigo mesma. “Você está muito enganada se acha que vai me influenciar com esse ataque baixo. Nisso não vejo nada senão a sua própria deliberada ignorância

e a malícia do senhor Darcy.” Ela então foi até a irmã mais velha, que se incumbira de fazer perguntas sobre o mesmo assunto a Bingley. Jane a recebeu com um sorriso de delicada aquiescência, com o brilho de uma expressão feliz, que marcava claramente como estava satisfeita com as ocorrências da noite. — Elizabeth leu instantaneamente seus sentimentos, e naquele momento a preocupação com Wickham, o ressentimento contra os inimigos dele e tudo o mais deu lugar à esperança de Jane estar no bom caminho da felicidade.

“Eu gostaria de saber”, disse ela, com uma expressão tão sorridente quanto a da irmã, “o que você descobriu sobre o senhor Wickham. Mas talvez você estivesse muito entretida para pensar em outra pessoa; nesse caso, você tem o meu perdão.”

“Não”, respondeu Jane, “não me esqueci dele; mas não apurei nada de satisfatório para lhe contar. O senhor Bingley não conhece toda a história, e mostrou-se bastante desinformado das principais circunstâncias que ofenderam o senhor Darcy; mas ele jurou pela boa conduta, pela probidade e pela honra do amigo, e está absolutamente convencido de que o senhor Wickham merece muito menos atenção do senhor Darcy do que recebe; e sinto dizer que, segundo ele e a irmã, o senhor Wickham não é de modo algum um rapaz de respeito. Receio que ele tenha sido muito imprudente e merecido perder a consideração do senhor Darcy.”

“O senhor Bingley não conhece o senhor Wickham?”

“Não; nunca o tinha visto até aquele dia em Meryton.”

“Essa impressão, portanto, é a que ele recebeu do senhor Darcy. Isso já é mais do que satisfatório. Mas o que ele sabe sobre a paróquia?”

“Ele não se lembra exatamente das circunstâncias, embora tenha ouvido do próprio senhor Darcy mais de uma vez, mas acha que foi deixada para ele apenas condicionalmente.”

“Não duvido da sinceridade do senhor Bingley”, disse Elizabeth, calorosa; “mas você vai me perdoar não estar convencida só por essas afirmações. A defesa que o senhor Bingley fez do amigo, devo dizer, foi muito qualificada, mas, como ele não está a par de diversas partes da história, e o resto soube pelo próprio amigo, ousarei

continuar pensando de ambos os cavalheiros o mesmo que pensava antes.”

Ela então mudou o rumo da conversa para um assunto que interessava mais às duas, e sobre o qual não poderia haver diferença de sentimento. Elizabeth ouviu deliciada as felizes, ainda que modestas, esperanças de Jane com relação ao senhor Bingley, e disse tudo o que podia para aumentar sua confiança. Quando o próprio senhor Bingley se juntou a elas, Elizabeth saiu com a senhorita Lucas; a cujas perguntas depois das últimas danças ela mal respondeu, pois o próprio senhor Collins veio até elas e disse com grande exultação que acabara de ter a sorte de fazer a maior das descobertas.

“Descobri”, disse ele, “por um acidente peculiar que aqui neste salão está um parente próximo de minha protetora. Acabei de ouvir o próprio cavalheiro mencionar para a jovem que faz as honras desta casa os nomes da prima dele, senhorita de Bourgh, e da mãe dela, Lady Catherine. Que maravilha que ocorra uma coisa dessas! Quem diria que hoje eu iria — talvez — conhecer um sobrinho de Lady Catherine de Bourgh neste baile! — Sinto-me muito grato por haver descoberto a tempo de lhe prestar meus respeitos, e é o que vou fazer agora, acreditando que ele me perdoará por não me haver apresentado antes. Minha total ignorância do parentesco será minha defesa.”

“Você não está indo se apresentar ao senhor Darcy, não é?”

“Na verdade, estou. Pedirei perdão por não me haver apresentado antes. Acredito que ele seja sobrinho de Lady Catherine. Poderei lhe dizer que minha senhora estava muito bem quando a vi há uma semana.”

Elizabeth esforçou-se para tentar dissuadi-lo de tal plano; garantindo-lhe que o senhor Darcy consideraria sua abordagem sem ser apresentado uma liberdade impertinente, e não um elogio à sua tia; que não era minimamente necessário que qualquer um dos dois se apresentasse e, caso fosse, deveria caber ao senhor Darcy, de posição superior, vir procurá-lo. — O senhor Collins ouviu-a com ar de alguém determinado a seguir sua própria inclinação e, quando ela parou de falar, retrucou assim:

“Minha cara senhorita Elizabeth, tenho na mais alta conta seus excelentes juízos em todos os assuntos dentro do escopo da sua compreensão, mas me permita dizer que deve existir uma vasta diferença entre as formas de cerimônia estabelecidas para os leigos e as que regulam os clérigos; pois me deixe observar que considero o clero no mesmo nível de dignidade que a mais alta posição do reino — desde que ao mesmo tempo seja mantida uma adequada humildade de comportamento. Você deve portanto me permitir seguir os ditames da minha consciência neste caso que me levam a agir de acordo com o que entendo ser uma questão de dever. Perdão por não fazer uso do seu conselho, que em qualquer outro assunto será meu guia constante, embora no caso presente eu me considere mais preparado, por formação e hábitos de estudo, a decidir o que é certo do que uma jovem dama como você.” E, curvando-se em demorada medida, ele a deixou para abordar o senhor Darcy, cuja recepção de seus avanços ela observou com avidez, e cujo espanto pela abordagem ficou deveras evidente. O primo prefaciara sua fala com uma medida solene, e, embora ela não pudesse escutar uma palavra, sentiu como se ouvisse tudo e decifrou no movimento de seus lábios as palavras “desculpas”, “Hunsford” e “Lady Catherine de Bourgh”. Irritava-a vê-lo se expor diante daquele homem. O senhor Darcy encarava-o com espanto incontido e, quando por fim o senhor Collins deixou que falasse, ele respondeu com um ar de civilidade distante. O senhor Collins, contudo, não se viu desencorajado a seguir falando, e o desprezo do senhor Darcy pareceu aumentar enormemente com a duração do segundo discurso, ao final do qual ele apenas fez uma medida breve e foi para o outro lado. O senhor Collins então voltou para Elizabeth.

“Não tenho motivos, posso lhe garantir”, disse ele, “para não ficar satisfeito com a receptividade dele. O senhor Darcy pareceu gostar muito da minha atenção para com ele. Respondeu-me com a maior cortesia e até me elogiou, dizendo estar convencido do discernimento de Lady Catherine, pois certamente ela jamais faria um favor onde não houvesse mérito. De fato, um belo pensamento. No geral, gostei muito dele.”

Uma vez que Elizabeth não tinha mais nenhum interesse próprio a perseguir, sua atenção se voltou quase inteiramente à irmã e ao senhor Bingley, e o trem de reflexões agradáveis a que sua observações deram ensejo deixou-a quase tão feliz quanto Jane. Ela imaginava a irmã estabelecida naquela casa com toda a felicidade que um casamento por genuína afeição podia propiciar; e sentiu-se capaz, sob tais circunstâncias, até mesmo de gostar das duas irmãs Bingley. Os pensamentos da mãe, como constatou, inclinavam-se no mesmo sentido, e ela resolveu que não chegaria perto dela, para não ser obrigada a escutar demais. Quando sentaram para o jantar, ela achou uma infeliz perversidade ficarem perto uma da outra; e ficou muitíssimo contrariada ao ver que a mãe conversava com Lady Lucas aberta, livre e exclusivamente sobre esse assunto — a saber, a expectativa de que Jane em breve se casasse com o senhor Bingley. — Era um tema excitante, e a senhora Bennet parecia jamais se cansar de enumerar as vantagens do casal. O fato de ser um rapaz tão encantador, e tão rico, e morar só a três milhas dela foram os primeiros pontos pelos quais se felicitava; e também seria um alento pensar no quanto as duas irmãs gostavam de Jane, e que tinha certeza de que deviam desejar a aliança tanto quanto ela. Era, além do mais, algo bastante promissor para as outras filhas, uma vez que o casamento de Jane em grande medida as lançaria no caminho de outros homens ricos; e, por fim, era um grande prazer naquele ponto de sua vida poder consignar as filhas solteiras aos cuidados da irmã, e que ela já não se sentia mais obrigada a acompanhá-las além do que gostaria. Era necessário fazer dessas circunstâncias uma questão de prazer, pois, de outro modo, frequentava-se por mera questão de etiqueta; justamente a senhora Bennet, que jamais encontrara satisfação ficando em casa em qualquer ocasião de sua vida. Concluiu com os melhores votos de que Lady Lucas pudesse em breve ter a mesma sorte, ainda que evidente e triunfantemente acreditasse não haver a menor possibilidade de isso vir a ocorrer.

Elizabeth bem que tentou moderar a rapidez das palavras da mãe, convencê-la a descrever sua felicidade em sussurros menos audíveis; pois, para seu inexprimível embaraço, ela pôde perceber que o cerne da conversa era por acaso entre ouvido pelo senhor

Darcy, sentado diante delas. A mãe simplesmente ralhou com ela por falar bobagens.

“O que representa esse senhor Darcy para mim, me diga, para que eu o tema? Estou certa de não lhe dever nenhuma cortesia especial a ponto de não dizer nada que ele possa não gostar de ouvir.”

“Céus, fale mais baixo. — Que vantagem a senhora leva em ofender o senhor Darcy? — Não vai ficar bem aos olhos do amigo dele agindo assim.”

Nada do que ela disse, contudo, teve qualquer influência. A mãe continuaria emitindo suas opiniões em alto e bom som. Elizabeth ficou toda corada de vergonha e constrangimento. Não conseguia parar de olhar de relance para o senhor Darcy, embora cada olhar a convencesse do que ela mais temia; pois, ainda que ele não estivesse olhando para sua mãe o tempo inteiro, ela estava convencida de que sua atenção estava imperturbavelmente fixada no que ela dizia. A expressão de seu rosto mudou aos poucos do desprezo indignado para uma gravidade serena e inabalável.

Mas por fim a senhora Bennet ficou sem assunto; e Lady Lucas, que vinha bocejando diante da repetição de prazeres que não via possibilidade de partilhar, foi deixada ao consolo da galinha e do presunto frios. Elizabeth então se reanimou. Mas o intervalo de tranquilidade não foi longo; pois, terminado o jantar, cogitou-se que alguém cantasse, e ela se mortificou ao ver Mary, após mínima insistência, preparando-se para conceder tal privilégio ao grupo. Por meio de muitos olhares sugestivos e súplicas silenciosas, tentou evitar tamanha prova de gentileza, — mas em vão; Mary não entendeu; adorou a oportunidade de se mostrar e começou a cantar. Os olhos de Elizabeth ficaram vidrados na irmã com a mais dolorosa sensação; e acompanharam seu progresso através das várias estrofes com uma impaciência muito mal recompensada ao final da canção; pois Mary, interpretando a gratidão das mesas com uma esperança de que fosse obrigada a agraciá-los novamente, após meio minuto de pausa começou outra. Mary estava longe de ter a força necessária para tudo aquilo; sua voz era fraca e sua pose, afetada. — Elizabeth estava angustiada. Olhou para Jane, para ver o que achava daquilo; mas ela conversava polidamente com Bingley.

Olhou para as irmãs dele, e as viu zombando com sinais, e para Darcy, que permanecia impenetravelmente grave. Olhou para o pai, implorando que ele interferisse, do contrário Mary ficaria ali cantando a noite toda. O senhor Bennet entendeu e, quando Mary terminou a segunda canção, disse em voz alta à filha:

“Muito bem, filha. Você já nos encantou o bastante. Deixe as outras jovens damas aparecerem um pouco.”

Mary, embora fingindo não ouvir, ficou um tanto desconcertada; e Elizabeth, lamentando por ela, e lamentando as palavras do pai, receou que sua aflição não tivesse produzido nenhum bem. — Outros convidados então se apresentaram.

“Se eu”, disse o senhor Collins, “tivesse a sorte de conseguir cantar, teria imenso prazer, tenho certeza, de oferecer ao grupo uma ária; pois considero a música uma diversão absolutamente inocente e perfeitamente compatível com a profissão do sacerdócio. — Não quero no entanto afirmar com isso que se justifique dedicar tempo demais à música, pois por certo existem outras demandas. O reitor de uma paróquia tem muito o que fazer. — Em primeiro lugar, precisa fazer um acordo com relação ao dízimo que seja benéfico para ele e não seja ofensivo a seu protetor.¹ Precisa escrever os próprios sermões; e o tempo restante não dará conta de todas as tarefas da paróquia, e do cuidado e das melhorias de sua moradia, que ele deverá tornar a mais confortável possível. E não creio ser de importância menor que ele tenha modos atenciosos e conciliatórios para com todas as pessoas, especialmente aqueles a quem deve sua promoção. Não posso me eximir desse dever; tampouco poderia pensar bem de um homem que se omite na oportunidade de dar testemunho de seu respeito para com qualquer pessoa ligada a essa família.” E, com uma mesura para o senhor Darcy, concluiu seu discurso, pronunciado em voz tão alta que metade do salão pôde ouvir. Muita gente se virou para vê-lo. — Muita gente sorriu; mas ninguém pareceu se espantar mais do que o próprio senhor Bennet, enquanto sua esposa elogiava seriamente o senhor Collins pelo discurso tão sensato e comentava aos sussurros com Lady Lucas que ele era incrivelmente inteligente, o tipo certo de rapaz.

Para Elizabeth parecia que, se sua família houvesse combinado de se expor tanto ao ridículo quanto se expusera naquela noite, seria impossível que desempenhasse seus papéis com mais entusiasmo ou maior sucesso; pensou que seria sorte se Bingley e sua irmã houvessem perdido alguma parte de toda aquela exposição, e desejou que a sensibilidade dele não fosse do tipo que se abalava diante das tolices que devia ter testemunhado. No entanto, era péssimo que as duas irmãs dele e o senhor Darcy tivessem aquela oportunidade de ridicularizar seus pais, e ela não conseguia determinar se era mais intolerável o desdém silencioso do cavalheiro ou os sorrisos insolentes das damas.

No resto da noite, ela pouco se divertiu. Foi provocada pelo senhor Collins, que continuou perseverante ao lado dela e, embora não a convencesse a dançar novamente, tirou-lhe a oportunidade de dançar com outros. Em vão ela suplicou-lhe que se levantasse e dançasse com outra pessoa, e se ofereceu para apresentá-lo a qualquer dama do salão. Ele comentou que, no caso, ele era perfeitamente indiferente à dança; que seu principal objetivo era, por meio de suas delicadas atenções, recomendar-se junto a ela, e que portanto fazia questão de permanecer a seu lado a noite inteira. Não havia como discutir diante de tal plano. O grande alívio foi sua amiga, a senhorita Lucas, que muitas vezes se juntou a eles e de bom grado tomou para si a conversa com o senhor Collins.

Pelo menos ela se viu livre do ultraje da atenção distanciada do senhor Darcy; embora muitas vezes de pé a poucos passos dela, bastante desanimado, ele não se aproximava o suficiente para falar. Elizabeth achou que isso era uma provável consequência de suas alusões ao senhor Wickham, deliciando-se com o fato.

A família de Longbourn foi a última a ir embora; e por manobra da senhora Bennet tiveram que esperar, depois que todos os convidados já haviam partido, mais quinze minutos pelas carruagens, o que lhes deu tempo de testemunhar o vigor com que alguns membros da família se despediam. A senhora Hurst e a irmã mal abriram a boca senão para reclamar de fadiga, e estavam evidentemente impacientes para terem a casa de novo só para elas. Repeliram qualquer tentativa da senhora Bennet de puxar assunto, e

assim o grupo todo foi tomado de langor, ao qual os longos discursos do senhor Collins pouco serviram de alívio, cumprimentando o senhor Bingley e as irmãs dele pela elegância da festa e pela hospitalidade e cortesia que haviam sido a marca do comportamento de todos para com os convidados. Darcy não disse nada. O senhor Bennet, também em silêncio, divertia-se com a cena. O senhor Bingley e Jane estavam juntos, um pouco afastados do grupo, e conversavam a sós. Elizabeth observou o mesmo silêncio que a senhora Hurst ou a senhorita Bingley; e até mesmo Lydia estava exausta demais para dizer algo além da ocasional exclamação de “Deus, como estou cansada” seguida de um violento bocejo.

Quando por fim foram se levantando para ir embora, a senhora Bennet foi insistentemente cortês em sua esperança de rever em breve toda a família em Longbourn; e dirigiu-se em particular ao senhor Bingley, garantindo-lhe que ele traria uma grande felicidade para todos aparecendo para jantar com eles qualquer dia, sem a cerimônia de um convite formal. Bingley ficou todo contente e agradecido, e prontamente se comprometeu a visitá-la na primeira oportunidade, assim que voltasse de Londres, aonde seria obrigado a ir no dia seguinte por um breve período.

A senhora Bennet ficou amplamente satisfeita; e deixou a casa na ilusão deliciosa de que, tomadas as medidas necessárias para estabelecer o dote, providenciadas novas carruagens e um enxoval, ela sem dúvida veria sua filha morando em Netherfield dentro de três ou quatro meses. Que teria ainda outra filha casada com o senhor Collins, ela pensou com a mesma certeza, e considerável, mas não comparável, prazer. Elizabeth era sua filha menos querida; e, embora o homem e o casamento fossem bons o bastante para ela, o valor de ambos se eclipsava diante do senhor Bingley e de Netherfield.

XIX

O dia seguinte descortinou uma nova cena em Longbourn. O senhor Collins declarou-se formalmente. Resolvido a fazê-lo sem perda de tempo, uma vez que sua licença ia só até o sábado seguinte, e não sentindo nenhum acanhamento que o pusesse aflito mesmo na hora, procedeu de modo bastante apropriado, segundo todos os costumes que supunha fazer parte da regra do negócio. Ao encontrar a senhora Bennet, Elizabeth e uma das meninas, logo após o desjejum, dirigiu-se à mãe com as seguintes palavras:

“Posso contar, senhora, com a sua influência sobre sua bela filha Elizabeth quando solicito a honra de uma audiência privada com ela ainda esta manhã?”

Antes que Elizabeth tivesse tempo para qualquer coisa além de corar de surpresa, a senhora Bennet instantaneamente respondeu:

“Oh, meu caro! — Sim — certamente que sim. — Tenho certeza de que Lizzy ficará muito feliz — tenho certeza de que não haverá nenhuma objeção. — Venha, Kitty, quero que você suba já.” E, recolhendo seu bordado, apressava-se para sair, quando Elizabeth chamou:

“Minha senhora, não vá. — Eu lhe peço que fique. — O senhor Collins há de me perdoar. — Mas ele não tem nada para me dizer que não possa ser ouvido por todas. Eu vou com vocês.”

“Não, que bobagem, Lizzy. — Quero que você fique aí onde está.” E como Elizabeth parecia, muito contrariada e constrangida, prestes a ir embora, ela acrescentou: “Lizzy, insisto que fique e escute o senhor Collins”.

Elizabeth não podia se opor a tal injunção — e, após atentar brevemente para o fato de que seria melhor passar logo e sem alarde por aquilo, sentou-se de novo e tentou disfarçar seus

sentimentos, que se dividiam entre a aflição e a distração. A senhora Bennet e Kitty continuaram andando, e quando não estavam mais à vista o senhor Collins começou.

“Creia, minha cara senhorita Elizabeth, que sua modéstia, longe de lhe fazer um desserviço, antes se agrega a suas outras tantas perfeições. Você seria menos agradável aos meus olhos sem essa sua pequena relutância; mas quero deixar claro que tenho a permissão de sua mãe para lhe falar. Você não deve ter dúvidas sobre o propósito do que vou dizer, ainda que sua delicadeza natural o dissimule; minhas intenções foram muito claras para serem mal interpretadas. Praticamente no mesmo instante em que entrei na sua casa, vi em você a companheira para o resto da minha vida. Mas, antes que me deixe levar pelos sentimentos nesse assunto, talvez fosse aconselhável declarar meus motivos para me casar — mais do que isso, para vir para Hertfordshire com o desígnio de escolher uma esposa, como certamente fiz.”

A ideia do senhor Collins, com toda a sua solene compostura, deixando-se levar por sentimentos quase provocou risos em Elizabeth, que, desconcertada, perdeu a chance de usar uma breve pausa concedida por ele para impedi-lo de ir adiante, e portanto ele continuou: “Meus motivos para casar são, em primeiro lugar, que um clérigo em boa posição (como eu) deve dar o exemplo do casamento na paróquia. Em segundo, que estou convencido de que aumentará enormemente a minha felicidade; e em terceiro — o que talvez devesse ter mencionado antes — a indicação e os conselhos da nobre dama a quem tenho a honra de chamar minha protetora. Duas vezes ela se dignou a me dizer sua opinião (jamais solicitada!) sobre o caso; e foi justamente no sábado anterior à minha partida de Hunsford — em meio aos nossos pares na quadrilha, enquanto a senhora Jenkinson arrumava o escabelo da senhorita de Bourgh, que ela me disse: ‘Senhor Collins, o senhor deve se casar. Um clérigo deve se casar. — Escolha bem, escolha uma dama em minha honra; e, para a sua própria, deixe que ela seja um tipo de pessoa ativa, útil, não uma criada no luxo, mas alguém capaz de usar bem uma pequena renda. Esse é o conselho que lhe dou. Encontre essa mulher o quanto antes, traga-a a Hunsford, e irei visitá-la’. Permita-

me, por falar nisso, observar, minha bela prima, que não considero o favor e a generosidade entre as menores das vantagens que estão em meu poder oferecer. Você verá como são os seus modos indescritíveis; e creio que sua presença de espírito e vivacidade serão aceitáveis aos olhos dela, especialmente quando temperadas com o silêncio e o respeito que a posição dela inevitavelmente suscita. Era isso, em suma, que eu tinha a dizer em linhas gerais a favor do casamento; resta dizer por que minha visão foi atraída para Longbourn em vez de ficar na minha própria região, onde posso garantir que existem muitas moças simpáticas. O fato é que sendo eu, como sou, o próximo herdeiro desta propriedade depois da morte de seu estimado pai (que, não obstante, ele possa viver bem ainda muitos anos), não me dei por satisfeito enquanto não escolhi uma de suas filhas como esposa, para que seu prejuízo fosse o menor possível quando o melancólico acontecimento sobrevier — o qual, contudo, conforme já disse, pode ser que só ocorra daqui a muitos anos. Esses são meus motivos, minha bela prima, e confio que não me façam cair em sua estima. E agora nada mais me resta senão lhe garantir na linguagem mais entusiasmada a intensidade da minha afeição. À fortuna sou perfeitamente indiferente, e não farei exigências dessa natureza a seu pai, uma vez que sei muito bem que isso não poderia ser fornecido; e que quatro por cento de mil libras,¹ que só serão seus depois do falecimento de sua mãe, são tudo a que você tem direito. Quanto a isso, portanto, mantereis total silêncio; e você pode estar certa de que jamais um comentário mesquinho sairá dos meus lábios depois que estivermos casados.”

Era absolutamente necessário interrompê-lo agora.

“O senhor é muito afobado”, ela exclamou. “Está se esquecendo de que não respondi ainda. Deixe-me fazê-lo sem mais perda de tempo. Aceite o meu agradecimento pelo elogio que o senhor faz a mim. Entendo muito bem a honra da sua proposta, mas para mim é impossível fazer outra coisa senão declinar.”

“Você não precisa me dizer”, respondeu o senhor Collins, com um meneio formal, “que é comum entre as jovens damas sempre rejeitar o homem que secretamente desejam aceitar quando ele as aborda da primeira vez; e que às vezes a recusa se repete ainda uma

segunda ou até uma terceira vez. Não estou portanto nem um pouco desestimulado pelo que você acabou de dizer, e espero levá-la em breve para o altar.”

“Posso jurar, senhor”, exclamou Elizabeth, “que sua esperança me parece extraordinária diante de minha declaração. Garanto que não sou dessas moças (se é que existem essas tais moças) tão ousadas que arriscam sua felicidade na eventualidade de uma segunda proposta. Estou sendo absolutamente séria em minha recusa. — O senhor não poderia me fazer feliz, e estou convencida de que sou a última mulher no mundo capaz de fazê-lo feliz. — Não, se a sua amiga Lady Catherine me conhecesse, tenho certeza de que me acharia, sob todos os aspectos, desqualificada para a posição.”

“Não é certo que Lady Catherine pensaria isso”, disse o senhor Collins muito gravemente, “e não posso imaginar nada que minha senhora pudesse desaprovar em você. Pode ter a certeza de que, quando eu tiver a honra de encontrá-la novamente, falarei nos termos mais elevados de sua modéstia, parcimônia e outras estimáveis qualidades.”

“Na verdade, senhor Collins, todos esses elogios não serão necessários. O senhor só precisa me permitir julgar por mim mesma e acreditar no que digo. Desejo que o senhor seja muito rico e muito feliz e, ao recusar seu pedido, faço tudo o que está em meu poder para evitar o contrário. Ao me fazer a proposta, o senhor provavelmente satisfez uma delicadeza de sentimentos para com minha família, e poderá então tomar posse de Longbourn com a morte de meu pai sem nenhum peso na consciência. Esse assunto pode ser considerado, portanto, enfim resolvido.” E, levantando-se ao dizer isso, ela teria saído da sala, não houvesse o senhor Collins se dirigido a ela da seguinte maneira:

“Quando eu tiver a honra de falar novamente com você sobre esse assunto, espero receber uma resposta mais favorável do que esta que me deu agora; embora esteja longe de acusar você de crueldade no momento, porque sei que é um costume estabelecido do seu sexo rejeitar a primeira abordagem de um homem e que talvez neste momento você tenha dito apenas o bastante para

encorajar meu pedido segundo os ditames da verdadeira delicadeza do caráter feminino.”

“Realmente, senhor Collins”, exclamou Elizabeth com certo afeto, “o senhor me intriga profundamente. Se o que eu disse até aqui lhe pareceu de alguma forma um encorajamento, não sei se sou capaz de expressar minha recusa de um modo que lhe convença se tratar de um não.”

“Você há de me permitir acreditar, cá comigo, minha cara prima, que a sua recusa da minha proposta é mera questão de palavras. Os motivos que me levam a pensar assim são, em suma: — Não me parece que o meu pedido seja indigno da sua aceitação, ou que a posição que posso oferecer seja algo diferente de altamente desejável. Minha situação na vida, minha relação com a família De Bourgh e minha relação com a sua são circunstâncias altamente favoráveis; e você deveria levar em conta sobretudo que, apesar dos seus muitos atrativos, não é de forma alguma seguro que outra proposta de casamento lhe venha a ser feita outra vez. Seu dote é infelizmente pequeno demais, o que sem dúvida desfaria os efeitos de sua amabilidade e outras qualidades desejáveis. Devo portanto concluir que você não está seriamente pensando em me rejeitar, e decidi atribuir o seu não ao desejo de aumentar o meu amor, deixando-o em suspensão, segundo a prática usual da elegância feminina.”

“Posso lhe garantir, senhor, que não tenho nenhuma pretensão a um tipo de elegância que consiste em atormentar homens respeitáveis. Preferiria o elogio de me acreditar uma pessoa sincera. Agradeço mais uma vez pela honra que foi para mim a sua proposta, mas aceitá-la é absolutamente impossível. Todos os meus sentimentos dizem não. Como posso ser mais clara? Não me considere neste momento um exemplo de elegância feminina desejando enfeitiçá-lo, mas uma criatura racional falando a verdade de seu coração.”²

“Você é inteiramente encantadora!”, exclamou ele, com um ar de galanteria enviesada; “E estou convencido de que, quando sancionada pela autoridade expressa de seus excelentes pais, minha proposta não deixará de ser aceita.”

Diante de tamanha perseverança no autoengano voluntário, Elizabeth não conseguiu responder, e imediatamente e em silêncio se retirou; decidida, caso ele persistisse em considerar suas repetidas recusas como estímulos lisonjeiros, a recorrer ao pai, cuja negativa podia ser proferida do modo como devia ser, decisiva, e cuja atitude não podia ser confundida com a afetação e a coqueteria de uma mulher elegante.

O senhor Collins não foi deixado por muito tempo na contemplação silenciosa de seu bem-sucedido amor; pois a senhora Bennet, tendo ficado à toa no vestíbulo para apurar o final da conferência, assim que viu Elizabeth abrir a porta e passar por ela às pressas até a escada, entrou na sala e cumprimentou-o calorosamente, e a si mesma, pela feliz perspectiva da aliança próxima entre eles. O senhor Collins recebeu e devolveu os parabéns com o mesmo prazer, e então passou a relatar os detalhes da conversa, em consequência da qual ele confiava ter todos os motivos para sentir-se satisfeito, uma vez que a recusa que a prima lhe dera de pronto naturalmente deveria advir de seu recato envergonhado e da genuína delicadeza de seu caráter.

Tal informação, contudo, perturbou a senhora Bennet; — ela ficaria contente se pudesse sentir-se igualmente satisfeita com a filha ter desejado encorajá-lo ao recusar a proposta, mas não chegava a acreditar nisso, e não pôde deixar de dizer.

“Mas esteja certo, senhor Collins”, ela acrescentou, “de que Lizzy voltará a ser razoável. Conversarei diretamente com ela a esse respeito. É uma menina teimosa e tola, e não sabe o que é bom para ela; mas vou garantir que saiba.”

“Perdoe-me a interrupção, minha senhora”, exclamou o senhor Collins; “mas, se ela é de fato tola e teimosa, não sei mais se seria afinal uma esposa muito apropriada para um homem na minha situação, que naturalmente busca a felicidade no casamento. Se de fato persistir na recusa à minha proposta, talvez seja melhor não forçá-la a aceitar, pois, a julgar por esses defeitos de gênio, não poderia contribuir muito para a minha felicidade.”

“O senhor não me entendeu”, disse a senhora Bennet, aturdida. “Lizzy só é teimosa nesses assuntos. Em tudo o mais ela é a menina mais doce do mundo. Vou falar diretamente com o senhor Bennet, e logo isso estará acertado com ela, tenho certeza.”

Ela não lhe deu tempo para a resposta, pois no mesmo instante partiu atrás do marido, chamando-o em voz alta ao entrar na biblioteca.

“Oh! Senhor Bennet, precisamos do senhor aqui imediatamente; estamos em polvorosa. Você tem que ir lá e fazer Lizzy aceitar se casar com o senhor Collins, pois ela acabou de jurar que não vai aceitá-lo, e se você não se apressar é ele quem vai mudar de ideia e não mais aceitá-la.”

O senhor Bennet ergueu os olhos do livro quando ela entrou, e fixou-os no rosto da esposa com uma calma despreocupação que não foi sequer alterada pelo comunicado.

“Não tive a satisfação de entendê-la”, disse ele, quando a senhora Bennet terminou de falar. “Do que você está falando?”

“Do senhor Collins e de Lizzy. Lizzy disse que não vai aceitar se casar com o senhor Collins, e o senhor Collins está começando a achar que ele é que não vai mais aceitar Lizzy.”

“E o que eu devo fazer nesse caso? — Parece-me sem solução.”

“Fale você com Lizzy. Diga que faz questão de que ela se case com ele.”

“Pode trazê-la. Direi a ela minha opinião.”

A senhora Bennet tocou a sineta, e a senhorita Elizabeth foi chamada à biblioteca.

“Venha cá, filha”, exclamou o pai quando ela apareceu. “Mandei chamá-la para um assunto importante. Fiquei sabendo que o senhor Collins lhe fez uma proposta de casamento. É verdade?” Elizabeth respondeu que sim. “Muito bem — e essa proposta de casamento, você recusou?”

“Recusei, senhor.”

“Muito bem. Agora chegamos ao ponto. Sua mãe quer que você aceite. Não é isso, senhora Bennet?”

“Sim, ou nunca mais olho para ela.”

“Elizabeth, você tem diante de si uma infeliz alternativa. A partir de hoje será uma estranha para um de seus pais. — Sua mãe nunca mais olhará para você se *não* se casar com o senhor Collins; e eu, se aceitar se casar.”

Elizabeth não pôde conter o sorriso diante do desfecho do que tivera um começo tão diverso; mas a senhora Bennet, que se convencera de que o marido via o caso do modo como ela desejava, ficou extremamente frustrada.

“Como assim, senhor Bennet? O que pretende ao falar dessa maneira? Você me jurou que insistiria para ela aceitar o casamento.”

“Minha cara”, respondeu o marido, “tenho dois pequenos favores para lhe pedir. Primeiro, que me permita usufruir livremente do meu entendimento na atual circunstância; e, segundo, da minha biblioteca. Gostaria muito de ficar sozinho aqui assim que possível.”

Não foi aí, no entanto, apesar de sua frustração com o marido, que a senhora Bennet desistiu do caso. Ela conversou com Elizabeth ainda muitas vezes; ora persuadindo, ora ameaçando. Tentou atrair Jane para seu lado, mas Jane, com toda a brandura possível, declinou da interferência; — e Elizabeth, ora com toda sinceridade, ora alegre e divertida, resistiu às suas abordagens. Apesar de seus modos variarem, sua determinação permaneceu a mesma.

O senhor Collins, nesse ínterim, meditava solitário sobre o acontecido. Tinha-se em tão alta conta que não compreendia os motivos da prima ao rejeitá-lo; e, a não ser pelo orgulho ferido, não sofreu por mais nada. Seu interesse em Elizabeth era quase todo imaginário; e a possibilidade de ela merecer as censuras da mãe fez com que ele não sentisse nenhum remorso.

Enquanto a família se via nessa confusão, Charlotte Lucas veio passar o dia com elas. No vestíbulo encontrou Lydia, que, correndo para ela, exclamou num meio sussurro: “Que bom que você chegou, pois isto aqui está muito divertido! — Você não imagina o que já aconteceu hoje de manhã! — O senhor Collins propôs casamento a Lizzy, e ela não aceitou.”

Charlotte mal teve tempo de responder antes que Kitty se juntasse a elas trazendo a mesma notícia, e quando chegaram à sala do desjejum, onde a senhora Bennet estava sozinha, esta também

recomeçou o assunto, pedindo a compreensão da senhorita Lucas para tentar convencer a amiga Lizzy a concordar com o desejo de toda a família. “Reze, minha querida senhorita Lucas”, acrescentou em tom melancólico, “pois não há mais ninguém do meu lado, ninguém tomou o meu partido, foram cruéis comigo, ninguém tem pena dos meus nervos.”

Charlotte foi poupada da resposta pela entrada de Jane e Elizabeth.

“Eis que ela surge”, continuou a senhora Bennet, “despreocupada, não se importando conosco, como se estivéssemos em York, contanto que tudo seja feito segundo a vontade dela. — Mas eu estou lhe dizendo, senhorita Lizzy, se puser na cabeça isso de recusar toda proposta de casamento desse jeito, nunca vai arranjar marido — e eu lhe digo, não sei quem vai sustentar você quando seu pai morrer. — Eu não vou ter condições — e por isso estou avisando. — Você acabou para mim a partir de hoje. — Disse na biblioteca, você sabe, que nunca mais falaria com você, e verá que sou fiel à minha palavra. Não tenho nenhum prazer em conversar com filha minha que não cumpre seu papel. — Não que eu tenha prazer em conversar normalmente. Quem como eu sofre dos nervos não pode mesmo ser muito de conversa. Ninguém sabe o que sofro! — Mas é sempre assim. Se você não reclama, ninguém tem dó.”

As filhas escutaram em silêncio toda essa efusão, cientes de que qualquer tentativa de argumentar com a mãe, ou consolá-la, só faria aumentar sua irritação. Ela falou, portanto, sem interrupção nenhuma até que o senhor Collins se juntou a elas, vindo com um ar mais altivo do que nunca e, ao se dar conta dele, a senhora Bennet disse às meninas:

“Agora, eu insisto, todas vocês, fiquem quietas, o senhor Collins e eu precisamos de uma conversinha a sós.”

Elizabeth saiu da sala em silêncio, seguida por Jane e Kitty, mas Lydia continuou ali, decidida a ouvir tudo o que pudesse; Charlotte, retida primeiro pela cortesia do senhor Collins, cujas perguntas sobre ela e toda a família foram minuciosas, e então por certa curiosidade, ocupou-se de andar até a janela e fingir não estar ouvindo. Com voz pungente, a senhora Bennet então começou a planejada conversa.

“Oh, senhor Collins!”

“Minha cara senhora”, respondeu ele, “não toquemos nunca mais nesse assunto. Longe de mim”, ele continuou com uma voz marcada de desgosto, “guardar rancor pelo comportamento de sua filha. Resignar-se com o inevitável é o dever de todos nós; especialmente de um rapaz que teve a sorte que eu tive, de uma promoção ainda tão jovem; e creio estar resignado. Talvez principalmente pela dúvida sobre a minha plena felicidade se minha prima tivesse me honrado com sua mão; pois muitas vezes observei que a resignação é mais perfeita quando a bênção recusada começa a perder um pouco do seu valor em nossa estima. A senhora não há de considerar, espero, um desrespeito da minha parte para com a sua família, minha cara senhora, retirar meu pedido da mão de sua filha sem nem mesmo pedir que a senhora e o senhor Bennet intervenham com sua autoridade ao meu favor. Receio que minha conduta possa ser questionável ao aceitar minha dispensa dos lábios de sua filha em lugar de ouvi-la dos seus. Mas todos somos passíveis de erros. Seguramente era boa a minha intenção durante todo o caso. Meu objetivo era garantir uma companheira agradável para mim, com a devida consideração à vantagem que isso representaria para toda a sua família, e se os meus modos foram de alguma forma repreensíveis peço-lhe aqui as minhas desculpas.”

A discussão sobre a proposta do senhor Collins estava quase encerrada, e Elizabeth só teria que sofrer o desconforto de necessariamente estar presente, além de alguma eventual insinuação perversa da mãe. Quanto ao cavalheiro, seus sentimentos foram expressos em sua plenitude não pelo constrangimento ou pela desilusão, nem tentando evitá-la, mas pela postura rígida e pelo silêncio ressentido. Mal falou com ela, e a atenção assídua de que ele mesmo era tão cioso foi toda transferida pelo resto do dia à senhorita Lucas, cuja cortesia ao ouvi-lo foi um bem-vindo alívio para todas, e especialmente para a amiga.

A manhã seguinte não mostrou nenhuma diminuição no mau humor ou na indisposição geral da senhora Bennet. O senhor Collins também se encontrava no mesmo estado de orgulho irritado. Elizabeth esperava que o ressentimento lhe abreviasse a estadia, mas o plano dele não pareceu abalar-se minimamente. Sempre tencionara partir no sábado, e até sábado pretendia ficar.

Após o desjejum, as meninas foram caminhando até Meryton para apurar se o senhor Wickham já havia retornado e lamentar sua ausência no baile em Netherfield. Ele se juntou a elas na entrada da cidade e as acompanhou até a tia, onde se falou bastante sobre o pesar, a frustração e a preocupação de todos. — Para Elizabeth, no entanto, ele deliberadamente admitiu que a necessidade de sua ausência havia sido uma imposição.

“Descobri”, disse ele, “quando chegou a hora, que era melhor não me encontrar com Darcy; — que ficar na mesma sala, no mesmo grupo que ele, por tantas horas talvez fosse mais do que eu suportasse, e as cenas que disso poderiam resultar seriam desagradáveis não só para mim.”

Ela aprovou enfaticamente sua contenção, e ficaram à vontade para discutir em minúcias o caso e para fazer elogios um ao outro de modo bastante cortês enquanto Wickham e outro oficial as acompanhavam até Longbourn; durante a caminhada, ele ocupou-se especialmente dela. O fato de ele as acompanhar foi duplamente vantajoso; Elizabeth o viu como um elogio pessoal e uma ocasião perfeitamente aceitável para apresentá-lo ao pai e à mãe.

Pouco depois que chegaram, uma carta foi entregue à senhorita Bennet; vinha de Netherfield, e foi aberta imediatamente. O envelope continha uma folha elegante, pequena, de papel fino, bem preenchida pela bela caligrafia cursiva de uma dama; Elizabeth viu a expressão do rosto da irmã mudar enquanto lia, e viu como se demorou atentamente em algumas passagens. Jane se recompôs sem demora e, deixando a carta de lado, tentou juntar-se à conversa do grupo com sua alegria de sempre; mas Elizabeth sentiu que algo a afligia, tanto que desviou sua atenção até mesmo de Wickham; e, assim que ele e o companheiro se retiraram, um olhar de Jane convidou-a a subir com ela a escada. Quando chegaram ao quarto, Jane pegou a carta e falou:

“É de Caroline Bingley; o que ela diz me deixou bastante surpresa. O grupo todo foi embora de Netherfield e a esta altura está a caminho da cidade; sem nenhuma intenção de voltar. Você precisa ouvir o que ela diz.”

Então Jane leu em voz alta a primeira frase, que continha a informação de que haviam acabado de decidir acompanhar o irmão à cidade, e que pretendiam jantar aquela noite mesmo na Grosvenor Street,¹ onde o senhor Hurst tinha uma casa. O resto vinha nos seguintes termos. “Não lamentarei nada do que deixei para trás em Hertfordshire, exceto havê-la conhecido, minha caríssima amiga; mas esperemos em alguma oportunidade futura desfrutar de muitas memórias daquela deliciosa relação que tivemos, e nesse ínterim aliviemos a dor da separação por meio da mais incessante e franca correspondência. Conto com você para isso.” A tantas elevadas expressões, Elizabeth ouviu com toda a insensibilidade da descrença; e, embora a súbita partida do grupo a houvesse surpreendido, não notou nada a se lamentar, na verdade; não se

devia supor que o fato de elas não estarem mais em Netherfield impediria que o senhor Bingley estivesse; e, quanto à perda do convívio com elas, convenceu Jane de que logo deixaria de se importar, desfrutando da companhia dele.

“É uma pena”, disse Elizabeth após breve pausa, “que você não tenha conseguido encontrar suas amigas antes que fossem embora. Mas também não podemos esperar que o período de futura felicidade pelo qual anseia a senhorita Bingley chegará antes do que ela pensa, e que a deliciosa relação que vocês tiveram como amigas não se renove com ainda mais proveito como cunhadas? — O senhor Bingley não ficará retido em Londres por conta delas.”

“Caroline diz claramente que ninguém do grupo voltará a Hertfordshire este inverno. Deixe-me ler para você...”

“Quando meu irmão nos deixou ontem, ele imaginava que o negócio que o levara a Londres pudesse ser concluído em três ou quatro dias, mas, como temos certeza de que não será assim, e ao mesmo tempo estamos convencidas de que quando Charles vai à cidade perde toda a pressa de ir embora de novo, resolvemos ir ao encontro dele, para que não tivesse que passar suas horas de folga em um hotel sem conforto. Muitos dos meus conhecidos já estão lá para o inverno; quem me dera você, minha caríssima amiga, tivesse intenção de somar-se à multidão, mas disso não tenho esperanças. Sinceramente espero que o seu Natal em Hertfordshire seja pródigo das alegrias que as festas sempre trazem, e que sejam muitos os seus pretendentes, de modo a evitar que você sinta demais a perda dos três de quem nós a privaremos.”

“Aqui fica evidente”, acrescentou Jane, “que ele não volta mais no inverno.”

“Só está evidente que a senhorita Bingley não pretende que ele volte.”

“Por que você diz isso? Deve ser a vontade dele. — Ele é senhor de si mesmo. Mas você não ouviu tudo. Vou ler a passagem que me machucou mais. Não vou esconder nada de você.

“O senhor Darcy está impaciente para encontrar a irmã e, para confessar a verdade, nós também estamos tão ávidas quanto ele para revê-la. Realmente acho que Georgiana Darcy é incomparável

em beleza, elegância e atributos; e o afeto que ela inspira em Louisa e em mim é ampliado por uma coisa ainda mais interessante, que é a esperança que alimentamos de vir a tê-la como nossa cunhada. Não sei se já comentei com você o que penso desse assunto, mas não vou embora sem antes confessar, e acredito que você não achará uma insensatez minha. Meu irmão já a admira imensamente, ele terá muitas oportunidades de vê-la durante caminhadas mais íntimas, a família dela inteira deseja essa aliança tanto quanto a dele e, a parcialidade de irmã aqui não me engana, acho que Charles é perfeitamente capaz de conquistar o coração de qualquer mulher. Com todas essas circunstâncias a favor do enlace e sem nada que o impeça, você acha que estou errada, minha queridíssima Jane, em alimentar esperanças de um acontecimento que garantirá a felicidade de tantas pessoas?

“O que você achou dessa frase, Lizzy?”, disse Jane ao terminar de ler. “Não está clara o bastante? — Não declara expressamente que Caroline não espera nem deseja que seja eu a cunhada delas; que ela está perfeitamente convencida da indiferença do irmão e que, se desconfia da natureza dos meus sentimentos por ele, pretende (tão generosamente!) me deixar de sobreaviso? Pode haver alguma outra explicação?”

“Sim, pode; mas, para mim, trata-se de algo totalmente diferente. — Você quer ouvir?”

“Quero muito.”

“Vou dizer em poucas palavras. A senhorita Bingley notou que o irmão está apaixonado por você, e quer que ele se case com a senhorita Darcy. Ela foi atrás dele na cidade na esperança de mantê-lo por lá, e está tentando convencê-la de que ele não se importa com você.”

Jane balançou a cabeça.

“De verdade, Jane, você precisa acreditar em mim. — Ninguém que tenha visto vocês juntos poderá duvidar do sentimento dele. A senhorita Bingley, garanto que não duvida. Ela não é tão simplória. Se o senhor Darcy tivesse demonstrado por ela metade desse amor, já estaria preparando o enxoval. Mas o caso é esse. Nós não somos ricos o bastante, ou nobres o bastante, para eles; e ela está ainda

mais aflita para acertar a senhorita Darcy com o irmão pela crença de que, havendo um casamento entre as famílias, ela possa vir a ter menos problemas para conseguir um segundo; no que existe certamente alguma ingenuidade, e que só teria possibilidade de sucesso se a senhorita de Bourgh não estivesse em seu caminho. Mas, minha adorada Jane, você não deve pensar seriamente que, porque a senhorita Bingley lhe diz que o irmão admira tanto a senhorita Darcy, ele esteja menos ciente do seu valor agora do que quando se despediu de você na terça-feira, ou que esteja nas mãos dela o poder de persuadi-lo de que, em vez de apaixonado por você, ele está na verdade muito apaixonado pela amiga dela.”

“Se pensássemos o mesmo da senhorita Bingley”, respondeu Jane, “isso que você está dizendo me deixaria muito tranquila. Mas sei que seu pressuposto é injusto. Caroline é incapaz de enganar alguém deliberadamente; e tudo o que eu posso esperar nesse caso é que ela esteja enganando a si mesma.”

“Isso sim. — Você não poderia ter tido uma ideia mais feliz, já que a minha não lhe trará alívio. Considere-a completamente enganada. Agora o seu dever para com ela já está cumprido, então não precisa mais se afligir.”

“Mas, minha querida irmã, será que posso ser feliz, mesmo supondo o melhor, ao aceitar um homem cujas irmãs e cujos amigos todos desejam que se case com outra?”

“Você terá que decidir isso sozinha”, disse Elizabeth, “e se depois de amadurecer essa decisão achar que a tristeza de agradar as duas irmãs dele é igual ou maior que a felicidade de se casar com ele, eu a aconselho sem dúvida a rejeitá-lo.”

“Como pode falar assim?” — perguntou Jane, sorrindo. — “Você sabe que, apesar de ficar profundamente triste por não ter a aprovação delas, eu não pensaria duas vezes.”

“Não achei mesmo que você fosse; — e, sendo este o caso, não consigo sentir muita pena da sua situação.”

“Mas, se ele não voltar mais este inverno, não serei escolhida. Mil coisas podem acontecer em seis meses!”

A ideia de ele não voltar mais foi recebida por Elizabeth com desdém. Para ela, parecia apenas a sugestão dos desejos

interesseiros de Caroline, e não podia nem por um momento supor que esses desejos, embora aberta ou engenhosamente declarados, viessem a influenciar um rapaz tão independente.

Descreveu à irmã do modo mais imperativo possível o que sentia sobre o assunto, e teve logo o prazer de observar seu feliz efeito. Jane já não estava desesperada, e aos poucos foi levada a acreditar, embora o retraimento do afeto por vezes suplantasse a esperança, que Bingley voltaria a Netherfield e corresponderia a todos os desejos de seu coração.

Concordaram que a senhora Bennet deveria ficar sabendo apenas da partida da família, sem ser alarmada quanto às consequências da conduta do cavalheiro; mas até mesmo esse comunicado parcial a deixou extremamente preocupada, e ela lamentou como um acaso terrível que as damas acabassem precisando partir logo quando estavam todas ficando tão íntimas. Após lamentar, contudo, por algum tempo, ela se consolou ao pensar que muito em breve o senhor Bingley estaria de volta e iria jantar em Longbourn, e a conclusão de tudo foi a confortável declaração de que, embora ele tivesse sido convidado apenas para um simples jantar em família, ela providenciaria dois menus completos.²

Os Bennet foram jantar com os Lucas, e novamente durante boa parte do dia a senhorita Lucas teve a bondade de ouvir o senhor Collins. Elizabeth aproveitou a oportunidade para agradecer-lhe. “Assim ele fica de bom humor”, disse, “e lhe devo mais gratidão do que você imagina.” Charlotte garantiu à amiga que estava muito satisfeita por poder ser útil, o que mais do que pagava o pequeno sacrifício de seu tempo. Era muito amável, mas a generosidade de Charlotte foi ainda além do que Elizabeth imaginara; — seu objetivo era simplesmente garantir que ela não receberia nenhuma atenção do senhor Collins, desviando-a inteiramente para si mesma. Tal era o plano da senhorita Lucas; e tudo parecia favorável, tanto que, ao se despedirem à noite, ela estava praticamente certa de seu sucesso, não fosse o fato de que ele partiria de Hertfordshire muito em breve. Mas nisso Charlotte não fez justiça ao ardor e à independência do caráter dele, pois ele se viu impelido a fugir de Longbourn na manhã seguinte com admirável astúcia, e correu até Lucas Lodge e se atirou aos pés dela. Estava aflito para evitar que as primas soubessem, convicto de que, se o vissem saindo, fatalmente adivinhariam seu intento, e não queria que seu intento fosse conhecido até que sua realização pudesse ser pública; pois, embora sentindo como quase certo, e com motivos, pois Charlotte o encorajara razoavelmente a tanto, ele foi até relativamente tímido depois da desventura da quarta-feira. Sua recepção, no entanto, foi a mais lisonjeira possível. A senhorita Lucas avistou-o de uma janela do andar de cima quando ele chegava a pé em sua casa, e instantaneamente forjou um encontro casual na alameda. Mas ela nem sonhava que pudesse encontrar ali tanto amor e eloquência.

Em pouco tempo, assim que as longas falas do senhor Collins permitiram, tudo foi arranjado satisfatoriamente entre eles dois; e, quando entraram na casa, o senhor Collins pediu com sinceridade que ela escolhesse o dia em que ele seria o mais feliz dos homens; e, embora uma proposta devesse ser rechaçada no primeiro momento, a dama não sentia nenhuma disposição a arriscar sua felicidade. A estupidez de que ele era naturalmente dotado privava sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar que ele fosse adiante; e, para a senhorita Lucas, que o aceitara pelo único e desinteressado desejo de se estabelecer, não importava quando tal estabelecimento viria a ocorrer.

Foram logo pedir o consentimento de Sir William e Lady Lucas; que foi concedido com a mais alegre prontidão. A situação do senhor Collins tornava-o o melhor dos partidos para a filha, a quem eles poderiam oferecer um pequeno dote; e as perspectivas de ganhos futuros dele pareciam extremamente boas. Lady Lucas começou a calcular, com mais interesse do que jamais o caso até então despertara, quantos anos provavelmente viveria ainda o senhor Bennet; e Sir William emitiu sua opinião decidida de que, quando o senhor Collins tomasse posse de Longbourn, seria muito conveniente que ele e a esposa fizessem uma visita a St. James. A família inteira, em suma, ficou compreensivelmente exultante na ocasião. As filhas mais novas alimentaram esperanças de debutar¹ um ou dois anos antes do que em outras circunstâncias; e os rapazes sentiram-se aliviados da apreensão de Charlotte morrer solteirona. A própria Charlotte manteve-se razoavelmente serena. Marcara um ponto, e teria tempo para pensar a respeito. Suas reflexões em geral lhe causaram satisfação. Com certeza o senhor Collins não era sensato nem simpático; era socialmente maçante, e sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas ainda assim seria seu marido. Sem nunca haver sonhado muito alto com esposo e matrimônio, casar-se sempre fora seu objetivo; era a única saída honrada para mulheres bem-educadas de poucos recursos e, embora a probabilidade de felicidade fosse incerta, haveria de ser a forma mais agradável de proteção contra a necessidade. Essa era a proteção que ela agora obtinha; e, aos vinte e sete anos de idade, sem nunca ter sido linda,

sentia toda a sorte que tivera. A circunstância menos amena de toda a transação era a surpresa que a notícia deveria causar em Elizabeth Bennet, cuja amizade ela estimava mais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria intrigada, e provavelmente a repreenderia; e, embora sua decisão não pudesse ser abalada, seus sentimentos ficariam magoados com uma desaprovação da amiga. Resolveu dar-lhe pessoalmente a notícia, e portanto obrigou o senhor Collins, quando voltasse a Longbourn para o jantar, a não aludir ao que ocorrera com ninguém da família. Uma jura de segredo foi ciosamente declarada, mas a promessa não seria fácil de manter; pois a curiosidade despertada pela longa ausência, evidenciada por perguntas bastante diretas assim que ele retornou, exigiu esquivas engenhosas, e ele ao mesmo tempo teve de fazer um grande sacrifício, pois ansiava por tornar público seu amor bem-sucedido.

Uma vez que ele iniciaria sua jornada pela manhã cedo demais para encontrar a família, a cerimônia de despedida se deu quando as damas se recolheram à noite; e a senhora Bennet, com muita polidez e cordialidade, disse que ficariam muito felizes de vê-lo novamente em Longbourn sempre que seus demais compromissos lhe permitissem que viesse de visita.

“Minha cara senhora”, ele respondeu, “isso é particularmente gratificante para mim, porque é justamente o que eu esperava receber da senhora; e pode ter a certeza de que me valerei do convite assim que possível.”

Todos ficaram perplexos; e o senhor Bennet, que não tinha nenhuma pressa para esse retorno, disse de imediato:

“Mas não há o risco de Lady Catherine desaprovar, meu bom senhor? — É melhor negligenciar os parentes do que arriscar ofender sua protetora.”

“Meu caro senhor”, respondeu o senhor Collins, “fico muito grato pela sua amigável precaução, e o senhor pode contar que não darei um passo sem o conhecimento de minha senhora.”

“Precaução nunca é demais. Você pode arriscar qualquer coisa, menos desagradá-la; e, se achar que isso pode vir a ocorrer por conta de uma nova visita, o que acho extremamente plausível, fique

tranquilo em sua casa, esteja seguro de que não nos sentiremos nada ofendidos.”

“Saiba, meu caro senhor, que minha gratidão foi calorosamente tocada por sua afetuosa atenção; e juro que muito em breve o senhor receberá uma carta minha em agradecimento por isso, assim como por todas as tantas demonstrações da sua consideração durante a minha estada em Hertfordshire. Quanto a minhas belas primas, ainda que não seja necessário, pois minha ausência não será longa, tomo agora a liberdade de lhes desejar saúde e felicidades, inclusive para a minha prima Elizabeth.”

Com as cortesias de praxe, as damas se retiraram; todas igualmente surpresas ao descobrir que ele pretendia voltar em breve. A senhora Bennet quis entender com isso que ele pensava em voltar seu interesse para uma das mais novas, e Mary podia vir a se convencer a aceitá-lo. Ela estimava suas qualidades muito mais do que qualquer uma das outras; havia uma solidez em suas reflexões que muitas vezes a impressionava e, ainda que não fosse tão inteligente, ela pensou que, se estimulado a ler e se aperfeiçoar tomando-a como exemplo, ele poderia se tornar uma companhia agradável. Mas, na manhã seguinte, toda esperança nesse sentido se desfez. A senhorita Lucas chegou pouco após o desjejum, e em conversa particular com Elizabeth contou-lhe dos acontecimentos do dia anterior.

A possibilidade de que o senhor Collins cogitasse se apaixonar por sua amiga recentemente ocorrera a Elizabeth uma ou duas vezes; mas que Charlotte o estimulasse parecia quase tão improvável quanto ela mesma encorajá-lo, e sua perplexidade foi portanto tão grande que a princípio extrapolou os limites do decoro, e ela não conseguiu se segurar:

“Noiva do senhor Collins! Minha querida Charlotte — impossível!”

A expressão serena com que a senhorita Lucas contara sua história deu lugar a uma confusão momentânea ao receber uma censura tão direta; contudo, como ela já esperava por aquilo, logo retomou a compostura, e calmamente respondeu:

“Por que ficou surpresa, minha querida Eliza? — Achou que seria impossível o senhor Collins encontrar uma mulher interessada só

porque não foi feliz com você?”

Mas Elizabeth então já havia se recomposto, e com grande esforço conseguiu garantir a ela com razoável firmeza que a perspectiva dessa aliança era um grande alívio para ela, e desejou-lhe toda a felicidade que pudesse imaginar.

“Entendo como você se sente”, respondeu Charlotte. — “Você deve ter ficado surpresa, muito surpresa, — uma vez que o senhor Collins pretendia se casar com você. Mas, quando você tiver tempo para pensar no caso, espero que fique contente com o que fiz. Eu não sou uma romântica, você sabe. Nunca fui. Só quero um lar confortável; e, levando em conta o caráter, as relações e a posição do senhor Collins, estou convencida de que a minha chance de ser feliz com ele é muito boa, igual à da maioria das moças que se casam.”

Elizabeth respondeu discretamente: “Sem dúvida” — e, após uma pausa incomodada, voltaram para o resto da família. Charlotte não se demorou muito, e Elizabeth pôde então refletir sobre o que ouvira. Só depois de muito tempo ela se resignou com a ideia de um casal tão incongruente. A estranheza das duas propostas do senhor Collins em três dias não era nada comparada à do fato de ele ter sido aceito. Sempre achara que a opinião de Charlotte sobre o casamento não era exatamente igual à sua, mas nunca supusera possível quando fosse chamada a agir, que ela sacrificaria seus sentimentos ao conforto mundano. Charlotte, esposa do senhor Collins, que quadro mais humilhante! — E à dor de ver uma amiga se desgraçar e cair em seu conceito acrescentou-se a aflitiva convicção de que era impossível que essa amiga fosse minimamente feliz com a sina que escolhera.

Elizabeth estava sentada com a mãe e as irmãs, refletindo sobre o que ouvira, e duvidando estar autorizada a comentar, quando o próprio Sir William Lucas apareceu, a pedido da filha, para anunciar seu noivado à família. Com muitos cumprimentos a todos, e muito satisfeito consigo mesmo diante da perspectiva da união entre as casas, ele apresentou o assunto — a uma plateia não apenas atônita, como incrédula; pois a senhora Bennet, com mais insistência do que gentileza, contestou dizendo que ele devia estar enganado, e Lydia, sempre descuidada e muitas vezes grosseira, estrondosamente exclamou:

“Santo Deus! Sir William, como é possível uma história dessas? — O senhor não sabe que o senhor Collins quer casar com a Lizzy?”

Somente a complacência de um cortesão para suportar sem ira tal tratamento; mas Sir William levou sua boa educação até o fim; e, embora pedisse licença para afirmar a verdade de sua informação, escutou toda aquela impertinência com a mais tolerante cortesia.

Elizabeth, sentindo-se na obrigação de aliviá-lo de situação tão desagradável, então se apresentou confirmando o relato, mencionando que já sabia pela própria Charlotte; e conseguiu colocar ponto final em todas as exclamações da mãe e das irmãs com a sinceridade de seus votos de parabéns a Sir William, no que foi prontamente seguida por Jane, e fazendo uma série de comentários sobre a felicidade que se podia esperar para o casal, sobre o excelente caráter do senhor Collins e a conveniente distância de Hunsford a Londres.

A senhora Bennet na verdade estava atordoada demais para conseguir falar enquanto Sir Williams ficou ali; mas, assim que ele saiu, seus sentimentos tiveram um rápido extravasamento. Em

primeiro lugar, ela continuou não acreditando na história toda; em segundo, tinha certeza de que o senhor Collins fora enganado; em terceiro, garantia que eles nunca seriam um casal feliz; e em quarto, afirmava que o noivado ainda podia ser rompido. Duas inferências, contudo, foram claramente deduzidas do total; uma, que Elizabeth era o verdadeiro motivo da desgraça; e outra, que ela própria, a senhora Bennet, tinha sido barbaramente maltratada por todos; e basicamente nesses dois pontos ela ficou, pelo resto do dia. Nada lhe servia de consolo e nada era capaz de apaziguá-la. — Tampouco seu ressentimento iria embora até o final do dia. Uma semana se passaria até que conseguisse olhar para Elizabeth sem ralhar com ela, um mês até conseguir falar com Sir William ou com Lady Lucas sem ser rude, e muitos meses se passariam até que pudesse perdoar a filha.

As emoções do senhor Bennet foram muito mais tranquilas na ocasião, tanto que declarou que para ele a experiência tinha sido bastante gratificante; pois gostou de saber que Charlotte Lucas, que sempre achara razoavelmente sensata, era tão tola quanto sua esposa, e mais tola do que sua filha!

Jane confessou-se um tanto surpresa com o noivado; mas não falou tanto de sua perplexidade, mas do sincero desejo de que fossem felizes; nem mesmo Elizabeth conseguiu persuadi-la a considerar aquilo improvável. Kitty e Lydia não invejavam nem um pouco a senhorita Lucas, pois o senhor Collins era apenas um pastor; e aquilo as afetava apenas como mais uma notícia que poderiam espalhar em Meryton.

Lady Lucas não pôde se furtar ao triunfo de retrucar à senhora Bennet o conforto que era ter uma filha bem casada; e aparecia em Longbourn mais vezes que de costume para dizer como estava feliz, embora os olhares azedos da senhora Bennet e seus comentários grosseiros já fossem o bastante para agourar sua felicidade.

Entre Elizabeth e Charlotte passou a haver um comedimento que a ambas fazia calar sobre o assunto; e Elizabeth viu-se convencida de que nunca mais haveria verdadeira confiança entre elas. Sua decepção com Charlotte fez com que visse com olhos mais bondosos a própria irmã, sobre cuja retidão e delicadeza, tinha

certeza, sua opinião jamais seria abalada, e por cuja felicidade a cada dia ficava mais aflita, uma vez que Bingley já estava fora fazia uma semana e não havia notícias de seu retorno.

Jane respondera prontamente à carta de Caroline, e contava os dias para ter esperanças razoáveis de mais notícias. A prometida carta de agradecimento do senhor Collins chegou na terça-feira, endereçada ao pai, e escrita com toda a solenidade da gratidão proporcional ao que uma estada de doze meses teria propiciado. Após aliviar sua consciência sobre o assunto, ele continuava informando-os, com muitas expressões enlevadas, de sua felicidade ao obter a mão afetuosa da amável vizinha deles, a senhorita Lucas, e então explicava que era apenas no intuito de desfrutar de seu convívio que já se via disposto a corresponder com o bondoso desejo deles de vê-lo novamente em Longbourn, para onde ele esperava poder retornar na segunda-feira dali a quinze dias; pois Lady Catherine, acrescentava ele, tão vigorosamente aprovara o casamento que desejava que ocorresse o mais cedo possível, e ele considerava um argumento irrepreensível para que sua adorável Charlotte escolhesse o dia de fazê-lo o mais feliz dos homens.

O retorno do senhor Collins a Hertfordshire já não era mais motivo de satisfação para a senhora Bennet. Pelo contrário, ela se viu reclamando disso tanto quanto o marido. — Era muito estranho que ele ficasse em Longbourn em vez de em Lucas Lodge; além de ser muito inconveniente e extremamente trabalhoso. — Ela detestava visitas na casa quando sua saúde estava tão ruim, e os pretendentes, dentre todas as pessoas, são as mais desagradáveis. Tais foram os delicados murmúrios da senhora Bennet, e só davam lugar à aflição ainda maior da continuada ausência do senhor Bingley.

Nem Jane, nem Elizabeth, nenhuma se sentia à vontade com o assunto. Dias e mais dias se passaram sem trazer sequer outro boato a respeito dele além da história que correu brevemente por Meryton de que não voltaria mesmo até o fim do inverno; rumores que deixavam a senhora Bennet muito inflamada, e que ela jamais deixava de contradizer como a mais escandalosa mentira.

Até mesmo Elizabeth começou a temer não que Bingley fosse indiferente, mas que as irmãs dele houvessem triunfado em mantê-lo

à distância. Refratária como estava em admitir uma ideia tão destrutiva para a felicidade de Jane, e tão desairosa para a constância do pretendente, ela não podia impedir que o assunto retornasse a todo instante. Os esforços conjuntos de duas irmãs sem coração e de seu assoberbado amigo, auxiliados pelos atrativos da senhorita Darcy e pelas diversões londrinas, talvez tivessem sido demais, ela receava, para a força do sentimento dele.

Quanto a Jane, sua aflição com esse suspense era, obviamente, mais dolorosa que para Elizabeth; mas, sentisse o que fosse, preferiu disfarçar, e entre ela e Elizabeth, desde então, não houve mais alusão ao assunto. Mas a mãe não tinha a mesma delicadeza que a refreasse, quase a toda hora falava em Bingley, expressava impaciência com sua chegada, até mesmo exigindo que Jane admitisse que, se ele não voltasse, ela deveria se considerar muito desrespeitada. Jane precisou de toda a sua serena brandura para suportar esses ataques com razoável tranquilidade.

O senhor Collins voltou pontualmente em quinze dias, na segunda-feira, mas sua recepção em Longbourn não foi tão graciosa como quando fora apresentado. Ele estava feliz demais, contudo, para precisar de muita atenção; e, para a sorte de todos, os assuntos do casório tornaram mais amena sua companhia. A maior parte dos dias ele passava em Lucas Lodge, às vezes retornando a Longbourn apenas para pedir desculpas por sua ausência antes que a família se recolhesse.

A senhora Bennet estava de fato no estado mais lastimável. Qualquer menção a algo relacionado ao casamento a deixava agonizando de mau humor, e aonde quer que ela fosse tinha certeza de que todos falavam sobre aquilo. A mera visão da senhorita Lucas se tornara odiosa para ela. Como sua sucessora à frente daquela casa, encarava-a com ciumenta aversão. Sempre que Charlotte vinha visitá-las, acabava achando que era uma antecipação da hora da posse; e, sempre que ela falava em voz baixa com o senhor Collins, convenciam-se de que falavam de Longbourn, que seria expulsa da casa com as filhas assim que o senhor Bennet morresse. E disso reclamava amargamente ao marido.

“De verdade, senhor Bennet”, disse ela, “é muito duro pensar que Charlotte Lucas um dia será a dona desta casa, que serei forçada a dar lugar a ela, que chegarei a viver para vê-la tomar meu lugar aqui!”

“Minha cara, não se deixe levar por pensamentos sombrios. Esperemos pelo melhor. Esperemos que eu viva mais que você.”

Isso não serviu de grande consolo à senhora Bennet e, portanto, em vez de dar qualquer resposta, ela continuou como antes:

“Não suporto a ideia de que eles vão ficar com tudo isso. Se não fosse essa cláusula da herança, eu nem me importaria.”

“Com o que você não se importaria?”

“Eu não me importaria com coisa nenhuma.”

“Então devemos agradecer por você haver se preservado desse estado de tamanha insensibilidade.”

“Jamais poderei agradecer, senhor Bennet, por nada relacionado a essa cláusula da herança. Como alguém pôde ter essa ideia de tirar uma propriedade das próprias filhas, isso eu não consigo entender; e dar justamente ao senhor Collins! Por que ele e não qualquer outra pessoa?”

“Isso eu deixo para você determinar”, disse o senhor Bennet.

volume ii

A carta da senhorita Bingley chegou, dirimindo as dúvidas. Já a primeira frase trazia a garantia de que todos ficariam em Londres durante o inverno, e concluía com o pesar do irmão dela por não ter tido tempo de se despedir das amigas em Hertfordshire antes de deixar o interior.

A esperança havia acabado, e por inteiro; quando Jane conseguiu voltar para o resto da carta, pouco restava, além do afeto que a remetente declarava, para lhe servir de algum consolo. Os elogios à senhorita Darcy ocupavam a maior parte da carta. Seus muitos atrativos voltaram a ser abordados, e Caroline alegremente se gabava de sua intimidade cada vez maior, e arriscava uma previsão da realização dos desejos revelados na carta anterior. Ela escrevia também com grande satisfação pelo fato de seu irmão estar hospedado na casa do senhor Darcy, e mencionava com enlevo os planos deste último com relação à nova mobília.

Elizabeth, a quem Jane muito rapidamente comunicou o principal disso tudo, escutou com indignado silêncio. Seu coração se dividia entre a preocupação com a irmã e o ressentimento contra todos os outros. À informação de Caroline de que o irmão estava interessado na senhorita Darcy, não deu crédito. Que ele realmente gostava de Jane, ela não duvidava, como nunca duvidara; mas, por mais que sempre tivesse se disposto a gostar dele, não conseguia pensar sem raiva, e quase sempre com desdém, na desfaçatez de seu temperamento, naquela falta de expediente apropriado que agora fazia dele escravo da trama de seus pares, que o levaram a sacrificar a própria felicidade ao capricho de suas inclinações. No entanto, se a felicidade dele fosse o único sacrifício, ele poderia brincar como bem entendesse; mas a felicidade da irmã dela

também estava em jogo, como achava que ele devia saber. Era assunto, em suma, que se prestava a longas reflexões, forçosamente vãs. Elizabeth não conseguia pensar em outra coisa, e no entanto, se o interesse de Bingley realmente havia morrido, ou sido suprimido pela interferência alheia; se sabia ou não dos sentimentos de Jane, ou se não havia reparado; qualquer que fosse o caso, ainda que a opinião dela sobre ele substancialmente fosse afetada pela diferença, a situação da irmã permaneceria a mesma, e sua paz seguiria ferida.

Um ou dois dias se passaram até que Jane voltou a ter coragem de falar de seus sentimentos com Elizabeth; mas por fim, quando a senhora Bennet as deixou sozinhas, após um acesso de irritação mais longo do que de costume sobre o locatário de Netherfield, ela não pôde deixar de dizer:

“Oh! Se a minha querida mãe conseguisse se controlar; ela não faz ideia de como me machuca falando nele o tempo todo. Mas não vou me queixar. Há de passar logo. Acabarei me esquecendo dele, e será tudo como antes para nós.”

Elizabeth olhou para a irmã com incrédula solicitude, mas não disse nada.

“Você não acredita”, exclamou Jane corando um pouco; “Na verdade, não tem por que duvidar. Sempre lembrarei dele como o homem mais amável que já conheci, não mais do que isso. Não tenho que esperar nada, nem ter medo de nada, e não tenho nenhum motivo para criticá-lo. Graças a Deus! Esse problema eu não tive. Portanto, mais um pouco de tempo. — Tenho certeza de que tentarei superar.”

Com a voz mais forte, ela em seguida acrescentou: “Desde já me consola que não tenha sido mais do que um erro fantasioso da minha parte, e que não tenha causado mal nenhum a ninguém além de a mim mesma.”

“Minha querida Jane!”, exclamou Elizabeth, “você é boa demais. Sua delicadeza e falta de amor-próprio são realmente angelicais; nem sei o que dizer. Sinto como se eu nunca lhe tivesse feito justiça, nem a amado como você merece.”

A senhorita Bennet negou possuir todo esse mérito extraordinário, e atribuiu o elogio ao afeto caloroso da irmã.

“Não”, disse Elizabeth, “isso não é justo. Você prefere pensar que todo mundo é respeitável, e se magoa quando falo mal de alguém. Só estou dizendo que acho você perfeita, mas você se opõe. Não creia que eu vá acabar exagerando, ou que vá me valer do seu privilégio da boa vontade universal. Você não precisa disso. São muito poucas pessoas que eu realmente amo, e ainda menos as que tenho em alta conta. Quanto mais conheço o mundo, mais insatisfeita fico com ele; todo dia confirma minha crença da inconsistência de todo caráter humano, e na pouca confiança que se pode ter na aparência tanto do mérito quanto da razão. Tive dois exemplos recentemente; um, nem vou mencionar; outro é o casamento de Charlotte. É inconcebível! Sob todos os aspectos, é inconcebível!”

“Minha querida Lizzy, não se deixe abater por esses sentimentos. Isso pode arruinar a sua felicidade. Você assim perde de vista as diferenças de situação e de gênio. Pense na respeitabilidade do senhor Collins, na prudência e na firmeza do caráter de Charlotte. Lembre-se de que ela faz parte de uma família grande; que, pelo dinheiro, o noivo é um ótimo partido; e passe a acreditar, para o bem de todos, que talvez ela possa sentir alguma coisa como consideração ou estima pelo nosso primo.”

“Por você, eu seria capaz de tentar acreditar em praticamente qualquer coisa, mas ninguém ganharia nada com isso; pois, se eu estivesse convencida de que Charlotte sente algo por ele, só acharia que o juízo dela é ainda pior do que o coração. Minha querida Jane, o senhor Collins é tolo, arrogante, pomposo e tacanho; você sabe disso tão bem quanto eu; e você há de sentir, assim como eu sinto, que a mulher que se casar com ele não deve estar raciocinando direito. Não vá defendê-la, apesar de ser Charlotte Lucas. Não vá, pelo bem de uma única pessoa, querer mudar o significado de princípios e integridade, nem tentar convencer a si mesma ou a mim de que egoísmo é prudência e insensibilidade é garantia de felicidade.”

“Estou achando o seu linguajar pesado demais em relação aos dois”, respondeu Jane, “e espero que acabe se convencendo disso

ao vê-los felizes juntos. Mas já chega desse assunto. Você se referiu a uma outra coisa. Mencionou dois exemplos. Eu entendi, mas lhe peço, querida Lizzy, que não me incomode achando que ele tem culpa, nem dizendo que caiu no seu conceito. Não devemos nos melindrar imaginando haver ofensa intencional. Não devemos esperar que um rapaz cheio de vida vá ser sempre prudente e circunspecto. Muitas vezes somos enganadas simplesmente pela nossa própria vaidade. As mulheres imaginam que a admiração tem mais significados do que tem.”

“E os homens fazem de tudo para que elas continuem imaginando.”

“Se eles fazem de propósito, não têm justificativa; mas não creio que exista tanto propósito no mundo como as pessoas pensam.”

“Estou longe de atribuir a conduta do senhor Bingley a algum propósito”, disse Elizabeth; “mas, mesmo sem planos malignos ou para fazer a infelicidade alheia, ainda assim pode haver enganos, e pode haver angústia. Insensatez, necessidade da atenção das outras pessoas, falta de decisão, tudo pode ter entrado na conta.”

“E você acha então que foi alguma dessas coisas?”

“Sim; todas elas. Mas se eu continuar vou acabar falando coisas de que você não vai gostar, se disser o que penso sobre pessoas de quem você gosta. Interrompa-me enquanto é tempo.”

“Você ainda acha, então, que as irmãs o influenciaram.”

“Sim, em conluio com o amigo dele.”

“Não posso acreditar. Por que tentariam influenciá-lo? Todos só desejam a felicidade dele, e se ele estiver interessado em mim nenhuma outra mulher poderá lhe garantir o mesmo.”

“Sua primeira alegação é falsa. Podem desejar muitas coisas além da felicidade dele; podem desejar para ele mais dinheiro e uma melhor posição; podem desejar que se case com uma moça que tenha toda a importância do dinheiro, altas relações e orgulho.”

“Sem dúvida nenhuma, preferem que ele escolha a senhorita Darcy”, respondeu Jane; “Mas talvez por motivos mais nobres do que você supõe. Elas a conhecem há muito mais tempo do que a mim; não é de estranhar que gostem mais dela. Mas, quaisquer que sejam os desejos delas, é muito improvável que se oponham ao do irmão. Que irmã se sentiria no direito de fazê-lo, a não ser no caso

de alguma grave objeção? Se elas acreditassem que ele está apaixonado por mim, não haveriam de desejar a nossa separação; se ele estivesse, elas nem conseguiriam. Ao supor essa intenção, você os flagra em um delito estranho, e me deixa muito infeliz. Não me aflija com essa ideia. Não sinto vergonha por haver me enganado — ou, pelo menos, não é grave, não é nada se comparado ao que eu sentiria pensando mal dele e das irmãs. Deixe-me ver pelo aspecto mais favorável, de tal forma que isso possa ser compreendido.”

Elizabeth não foi capaz de se opor a esse desejo; e desde então o nome do senhor Bingley deixou de ser sequer mencionado entre elas.

A senhora Bennet ainda assim continuou conjecturando e remoendo a volta dele, que nunca chegava, e, embora quase nunca se passasse um dia sem que Elizabeth se desse conta claramente disso, parecia haver poucas chances de ela vir a pensar no caso com menor perplexidade. A filha tentou convencê-la de algo em que ela mesma não acreditava, que as atenções dele para com Jane haviam sido apenas efeito de uma afeição comum e passageira, que cessara quando ele deixara de vê-la; e, embora a plausibilidade da afirmação fosse admitida na hora, ela voltava com a mesma história todos os dias. O melhor consolo da senhora Bennet era que o senhor Bingley devia voltar no verão.

O senhor Bennet tratou o assunto de modo diferente. “Pois então, Lizzy”, disse ele um dia, “fiquei sabendo que sua irmã está sofrendo de amor. Ela merece os parabéns. A não ser pelo casamento, o que as moças mais gostam é de sofrer de amor de vez em quando. É algo para se ocupar, e dá a ela certa distinção das amigas. E você, quando será? Não há de querer se casar muito depois de Jane. Agora é sua vez. Aqui em Meryton há oficiais suficientes para todas as mocinhas do interior sofrerem. Que Wickham seja o seu homem. É um sujeito simpático, capaz de rejeitá-la admiravelmente.”

“Obrigada, senhor, mas eu ficaria satisfeita com alguém menos simpático. Nem todas podemos esperar ter a sorte de Jane.”

“É verdade”, disse o senhor Bennet, “mas é um alívio pensar que, qualquer um desse tipo que lhe sobrevenha, você sempre terá uma mãe afetuosa para exagerá-lo ao máximo.”

A convivência com o senhor Wickham foi fundamental para espantar a tristeza em que os últimos perversos acontecimentos haviam atirado a família de Longbourn. Viam-no sempre, e às suas outras qualidades acrescentou-se então uma sinceridade geral e irrestrita. Tudo o que Elizabeth já ouvira, suas queixas do senhor Darcy e tudo o que sofrera da parte dele, era agora sabido por todos e publicamente discutido; e todos se deleitaram ao lembrar que nunca haviam gostado mesmo do senhor Darcy, antes ainda de saber qualquer coisa daquilo.

A senhorita Bennet era a única criatura a supor que pudesse haver circunstâncias atenuantes no caso, desconhecidas da sociedade de Hertfordshire; com sua candura branda e serena, ela sempre recorria à tolerância e aventava a possibilidade de enganos — mas por todas as outras pessoas o senhor Darcy foi condenado como o pior dos homens.

Após uma semana de promessas de amor e planos de felicidade, o senhor Collins foi privado, pela chegada do sábado, da presença de sua adorável Charlotte. A dor da separação, contudo, foi aliviada, da parte dele, pelos preparativos para a recepção de sua noiva, pois, como ele tinha motivos para crer, logo que voltasse a Hertfordshire seria marcado o dia que o tornaria o mais feliz dos homens. Despediu-se dos parentes em Longbourn com a mesma solenidade de antes; desejou às belas primas saúde e felicidade mais uma vez, e prometeu ao pai delas outra carta de agradecimento.

Na segunda-feira seguinte, a senhora Bennet teve o prazer de receber seu irmão e a esposa, que vieram como sempre passar o Natal em Longbourn. O senhor Gardiner era um homem sensato, cavalheiresco, imensamente superior à irmã em gênio e educação. As damas de Netherfield considerariam difícil acreditar que um homem que vivia do comércio, atento aos próprios depósitos, podia ser tão bem-educado e tão simpático. A senhora Gardiner, muitos anos mais jovem que a senhora Bennet e a senhora Philips, era uma mulher afável, inteligente e elegante, a favorita de todas as sobrinhas de Longbourn. Entre as mais velhas, especialmente, havia uma ligação toda especial. As duas costumavam ficar com ela na cidade.

A primeira etapa dos afazeres da senhora Gardiner ao chegar foi distribuir presentes e descrever as últimas modas. Isso feito, seu papel deixava de ser atuante. Era sua vez de escutar. A senhora Bennet tinha muitas mágoas a relatar, e outro tanto do que reclamar. Todas haviam sido muito desrespeitadas desde a última vez que vira a cunhada. Duas de suas filhas estiveram a ponto de se casar, e afinal nada aconteceu.

“Jane não tem culpa”, continuou ela, “pois teria aceitado o senhor Bingley se pudesse. Mas Lizzy! Oh, minha cunhada, é muito duro pensar que ela podia estar casada com o senhor Collins a esta hora, não fosse sua própria perversidade. Ele propôs casamento nesta mesma sala, e ela o recusou. A consequência disso é que Lady Lucas terá uma filha casada antes de mim, e que Longbourn corre mais risco do que nunca de mudar de mãos. Os Lucas são pessoas muito astutas. Só pensam em obter vantagens. Sinto muito falar assim deles, mas é verdade. Fico muito nervosa e triste de ser tão contrariada pela minha própria família, e de ter vizinhas que pensam antes em si do que nos outros. Mesmo assim, a sua vinda agora é um grande consolo para mim, adorei saber isso que você contou, das mangas compridas.”

A senhora Gardiner, a quem a maior parte das notícias havia chegado antes, nas cartas que Jane e Elizabeth trocavam com ela, deu à cunhada uma resposta vaga, e por compaixão das sobrinhas mudou o rumo da conversa.

Mais tarde, a sós com Elizabeth, ela falou mais sobre o assunto. “Aparentemente era um bom partido para Jane”, disse ela. “Pena que acabou. Mas essas coisas acontecem demais! Quando um rapaz, pelo que você descreveu do senhor Bingley, apaixona-se por uma menina linda durante algumas semanas, se algum acaso os separa, ele rapidamente a esquece. Esse tipo de volubilidade é muito comum.”

“Parece um excelente consolo”, disse Elizabeth, “mas não se aplica a nós. Em nosso caso, não é algum acaso que os separa. Não é tão comum que a interferência alheia possa convencer um rapaz rico e independente a parar de pensar em uma moça por quem ele sentia violenta paixão até poucos dias antes.”

“Mas essa expressão ‘violenta paixão’ é tão clichê, tão dúbia, tão indefinida, que não permite formar uma ideia a respeito. É geralmente associada a sentimentos que surgem entre pessoas que se conhecem há meia hora como um apego forte e verdadeiro. Por favor, me diga, quão violenta era a paixão do senhor Bingley?”

“Nunca vi uma inclinação tão promissora. Ele já estava ficando desatento com as outras pessoas, totalmente absorvido por ela. A

cada vez que se encontravam, ficava mais certo e evidente. No baile em sua casa, ele ofendeu duas ou três outras moças ao não tirá-las para dançar, e eu mesma já falei com ele duas vezes e não obtive resposta. Existem sintomas melhores? A falta de civilidade não é a própria essência do amor?”

“Ah, sim! — desse tipo de amor que imagino que ele tenha sentido. Pobre Jane! Sinto muito por ela, porque, com o temperamento dela, não se recuperará tão cedo. Seria melhor que tivesse sido com você, Lizzy; logo estaria dando risada do caso. Mas será que conseguimos convencê-la a voltar para a cidade conosco? Uma mudança de ares pode vir a calhar — e talvez simplesmente sair um pouco de casa seja o melhor a fazer.”

Elizabeth ficou contentíssima com a proposta, e estava certa de que a irmã prontamente concordaria.

“Espero”, acrescentou a senhora Gardiner, “que ela não vá pensando em encontrar esse rapaz. Moramos em outra parte da cidade, nossos conhecidos são outros, muito diferentes, como você bem sabe, e saímos tão pouco de casa que é muito improvável que eles se encontrem, a não ser que ele realmente venha atrás dela.”

“E isso é praticamente impossível; pois ele agora está aos cuidados do amigo, e o senhor Darcy não poderia jamais visitar Jane nessa região de Londres! Minha querida tia, como pode imaginar uma coisa dessas? O senhor Darcy talvez tenha ouvido falar em lugares como a Gracechurch Street,¹ mas dificilmente um mês de abluções bastariam para limpá-lo de todas as impurezas se um dia ele por ali passasse; e pode confiar, o senhor Bingley não dá um passo sem ele.”

“Tanto melhor. Espero que eles não se encontrem mesmo. Mas Jane não se corresponde com a irmã dele? A irmã não poderá deixar de fazer uma visita.”

“A irmã cortará a amizade de vez.”

Mas, apesar da certeza que demonstrava colocando a questão, assim como a certeza ainda mais interessante de Bingley estar sendo impedido de ver Jane, Elizabeth sentiu tamanha preocupação com o assunto que se convenceu, pensando melhor mais tarde, de que talvez não se tratasse de um caso inteiramente perdido. Era

possível ainda, e por vezes ela considerou até mesmo provável, que o sentimento dele fosse reanimado, e que a influência dos amigos desse lugar à influência mais natural dos atrativos de Jane.

A senhorita Bennet aceitou o convite da tia com satisfação; e então os Bingley ocuparam seu pensamento apenas no sentido de que passou a esperar que, como Caroline não morava na mesma casa que o irmão, pudesse eventualmente passar uma manhã com ela sem o risco de encontrá-lo.

Os Gardiner ficaram uma semana em Longbourn; o que, com os Philips, os Lucas e os oficiais, fez com que não passassem um dia sem compromisso. A senhora Bennet contribuiu tanto para a diversão do irmão e da irmã que não sentaram para jantar só em família uma única noite. Quando o compromisso era em casa, vários oficiais também compareciam, entre os quais o senhor Wickham seguramente se contava; e, em tais ocasiões, a senhora Gardiner, que ficara desconfiada após as calorosas recomendações feitas por Elizabeth, observou-os bem de perto. Não os considerando, pelo que viu, seriamente apaixonados, a preferência que demonstravam um pelo outro era, no entanto, clara o bastante para deixá-la de sobreaviso; e ela resolveu conversar sobre o assunto com Elizabeth antes que saíssem de Hertfordshire, e mostrar a ela a imprudência de encorajar aquela relação.

Para a senhora Gardiner, Wickham propiciaria ainda outro prazer, sem relação com seus atributos gerais. Cerca de dez ou doze anos antes de se casar, ela vivera bastante tempo naquela região de Derbyshire onde ele nascera. Tinham, portanto, muitos conhecidos comuns; e, embora Wickham pouco tivesse passado por lá desde a morte do pai de Darcy, cinco anos antes, ainda foi capaz de lhe dar notícias mais recentes de velhos amigos do que ela poderia de outro modo obter.

A senhora Gardiner já estivera em Pemberley, e conhecera muito bem a fama do caráter do falecido senhor Darcy. Tratava-se, portanto, de um tema de conversação inexaurível. Comparando suas lembranças de Pemberley com a minuciosa descrição de Wickham, e prestando seu tributo de louvor ao caráter de seu falecido proprietário, ela agradava a ele e a si mesma. Ao ficar sabendo do

tratamento a que o atual senhor Darcy o submetera, ela tentou se recordar de alguma coisa na reputada índole daquele cavalheiro, quando ainda jovem, que combinasse com aquilo, e por fim, confiante, lembrou-se de já ter ouvido falar que o senhor Fitzwilliam Darcy fora um menino muito orgulhoso e mal-humorado.

O conselho da senhora Gardiner para Elizabeth foi pontual e bondosamente dado na primeira oportunidade propícia de falar com ela a sós; após dizer com sinceridade tudo o que pensava, ela continuou da seguinte maneira:

“Você é uma moça sensata demais, Lizzy, para se apaixonar só porque alguém a previne do contrário; e, portanto, não tenho receio de falar abertamente. De verdade, achei melhor que você fosse alertada. Não se envolva, nem tente se envolver com ele em uma relação que a falta de renda tornaria tão imprudente. Não tenho nada contra ele; é um rapaz, aliás, muito interessante; e, se ele tivesse de fato o que deveria ter, eu também acharia o melhor para você. Mas não sendo o caso — você não pode deixar sua fantasia acabar com você. Você tem bom senso, e todos esperamos que faça uso dele. Seu pai conta com sua decisão e sua boa conduta, tenho certeza. Não pode desapontar o seu pai.”

“Minha querida tia, isso está ficando mesmo sério.”

“Sim, e espero que você também pense seriamente.”

“Bem, então não tem com que se preocupar. Eu sei me cuidar, e do senhor Wickham também. Ele não vai se apaixonar por mim, se eu puder evitá-lo.”

“Elizabeth, agora você não está falando sério.”

“Perdão. Vou tentar mais uma vez. No momento não estou apaixonada pelo senhor Wickham; não, seguramente não estou. Mas ele é, sem comparação, o homem mais agradável que já conheci — e se ficar realmente apaixonado por mim — acredite, antes não tivesse ficado. Eu sei que isso é uma imprudência. — Oh, aquele abominável senhor Darcy! — A opinião que meu pai tem de mim muito me orgulha; e prefiro sofrer a pô-la em risco. Meu pai, no entanto, é favorável ao senhor Wickham. Em suma, querida tia, eu lamentaria muito ser a causadora da infelicidade de vocês, mas como se vê todos os dias que, quando há sentimento, os jovens

dificilmente se refreiam de imediato em assumir compromissos quando um não tem renda, como posso prometer ser mais sábia do que tantas criaturas, minhas companheiras, se me sentir tentada, e por que eu haveria de achar que seria sábio resistir? Tudo o que posso prometer, portanto, é que não terei pressa. Não terei pressa de achar que sou a primeira opção. Quando estiver com ele, não o desejarei. Em suma, darei o melhor de mim.”

“Talvez se você simplesmente o desestimulasse a vir tanto aqui. Para começar, não lembrando sua mãe de convidá-lo.”

“Como fiz outro dia”, disse Elizabeth, com um sorriso culpado; “É bem verdade, seria mais prudente evitar esse tipo de coisa. Mas também não pense que ele vem aqui tanto assim. É por sua causa que ele foi tantas vezes nosso convidado esta semana. Você conhece as ideias da minha mãe sobre a necessidade constante de companhia para os amigos. Mas na verdade, juro, vou tentar fazer o que achar mais sábio; e agora espero que esteja satisfeita.”

A tia garantiu que estava; e, depois que Elizabeth agradeceu pela bondade da opinião, separaram-se; um maravilhoso conselho na hora exata, sem nenhum ressentimento.

O senhor Collins voltou a Hertfordshire logo depois que os Gardiner partiram com Jane; mas, como ele passara a dormir nos Lucas, a senhora Bennet não achou sua chegada tão inconveniente. O casamento rapidamente se aproximava, e ela estava resignada a ponto de considerá-lo algo inevitável, e de repetidas vezes dizer, em um tom mal-humorado, “tomara que sejam felizes”. Quinta-feira seria o dia do casamento, e na quarta a senhorita Lucas fez sua visita de despedida; quando se levantou para ir embora, Elizabeth, envergonhada pelos votos feios e relutantes da mãe, e sinceramente abalada, acompanhou-a até a saída. Enquanto desciam juntas a escada, Charlotte disse:

“Vou esperar sempre notícias suas, Eliza.”

“Isso você certamente terá.”

“E tenho mais um favor para pedir. Você vai me visitar?”

“Vamos nos encontrar muitas vezes, espero, em Hertfordshire.”

“Creio que não sairei de Kent por algum tempo. Prometa, então, que irá a Hunsford.”

Elizabeth não pôde recusar, embora não previsse prazer algum na visita.

“Meu pai e Maria irão me visitar em março”, acrescentou Charlotte, “e espero que você concorde em viajar com eles. De verdade, Eliza, será tão bem-vinda quanto qualquer um deles.”

O casamento aconteceu; a noiva e o noivo partiram da porta da igreja diretamente para Kent e, como sempre, todo mundo tinha alguma coisa para dizer ou que ouviu dizer sobre o assunto. Elizabeth logo teve notícias da amiga; a correspondência entre as duas continuou regular e frequente como sempre fora; que fosse igualmente sem reservas, era impossível. Elizabeth jamais poderia se dirigir a ela sem sentir que não havia mais todo o conforto da intimidade e, embora resolvida a não arrefecer como correspondente, agiu mais em nome do que houvera, não tanto pelo que ainda havia. As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com um bocado de avidez; só podia ser curiosidade de saber o que ela diria sobre o novo lar, o que teria achado de Lady Catherine, e quão feliz ousaria se dizer; contudo, quando as cartas foram lidas, Elizabeth percebeu que Charlotte se expressava em cada ponto exatamente como havia previsto. Escrevia entusiasmada, parecia cercada de comodidades, e só mencionava o que pudesse elogiar. A casa, a mobília, a vizinhança, a estrada, estava tudo a seu gosto, e Lady Catherine havia sido muito simpática e gentil. Eram quadros do senhor Collins de Hunsford e Rosings racionalmente atenuados; e Elizabeth sentiu que precisaria esperar para ver com os próprios olhos se quisesse saber o resto.

Jane já escrevera algumas linhas à irmã para avisar que haviam chegado bem a Londres; e, quando escreveu pela segunda vez, Elizabeth esperava que pudesse dizer alguma coisa sobre os Bingley.

Sua impaciência pela chegada dessa segunda carta foi bem recompensada, como a impaciência geralmente é. Jane havia passado uma semana na cidade sem ver ou ouvir falar de Caroline. Isso, segundo ela supunha, devia ser porque a última carta que escrevera de Longbourn para a amiga teria acidentalmente se extraviado.

“Minha tia”, ela continuava, “irá amanhã àquela parte da cidade, e aproveitará para passar na Grosvenor Street.”

Quando escreveu de novo depois da visita, ela havia visto a senhorita Bingley. “Não diria que Caroline estivesse inspirada”, foram suas palavras, “mas ficou muito contente ao me ver, e me censurou por não avisar que estava em Londres. Eu estava certa, portanto; minha última carta não havia chegado a ela. Perguntei sobre o irmão, é claro. Ele estava bem, mas tão ocupado com o senhor Darcy que mal se encontravam. Descobri que a senhorita Darcy iria para o jantar. Eu bem que queria poder vê-la. Minha visita não durou muito, uma vez que Caroline e a senhora Hurst estavam de saída. Creio que virão em breve me visitar aqui.”

Elizabeth balançou a cabeça diante da carta. Convenceu-se de que só por acaso o senhor Bingley então saberia que a irmã dela estava na cidade.

Quatro semanas se passaram, e Jane não teve notícias dele. Ela conseguiu se convencer de que não lamentaria; mas não conseguiu mais ficar cega à desatenção da senhorita Bingley. Depois de esperar toda manhã por quinze dias, e inventando toda tarde uma justificativa nova para ela, a visita finalmente apareceu; mas a brevidade de sua permanência e, ainda mais do que isso, a alteração de seus modos, não permitiriam que Jane continuasse se iludindo. A carta que escreveu para a irmã na ocasião era a prova do que sentia.

“Minha queridíssima Lizzy será, tenho certeza, incapaz de tripudiar às minhas custas, com seu melhor juízo, quando eu confessar que andei completamente iludida quanto à estima da senhorita Bingley por mim. Porém, minha cara irmã, embora os acontecimentos tenham mostrado que você estava certa, não me julgue obstinada se eu continuar afirmando que, considerando o comportamento dela, minha confiança era tão natural quanto a sua suspeita. Não compreendo ainda agora os motivos dela para desejar alguma intimidade comigo, mas, se as mesmas circunstâncias se apresentassem novamente, tenho certeza de que seria novamente iludida. Só ontem Caroline veio me retribuir a visita; e nem um bilhete, nem uma linha, ela enviou todo esse tempo. Quando chegou, estava

muito evidente que não sentia nenhum prazer naquilo; deu uma desculpa vaga, formal, por não ter vindo antes, não disse uma palavra sobre querer tornar a me ver e se mostrou em todos os aspectos uma criatura tão alterada que, quando foi embora, eu mesma estava decidida a não continuar com a amizade. Pena, mas não posso deixar de culpá-la. Fez muito mal de me escolher da forma que escolheu; posso assegurar que todas as iniciativas de intimidade vieram da parte dela. Mas tenho pena dela, porque ela há de saber que fez mal, e porque tenho certeza de que a preocupação com o irmão é a causa de tudo. Não preciso me explicar além disso; e, embora saibamos que essa preocupação é desnecessária, mesmo assim, se ela sente de outro modo, isso explica bem a atitude dela comigo; e, tão merecidamente querido da irmã como ele é, qualquer preocupação que ela possa ter por conta dele seria algo natural e amável. Só posso me perguntar, no entanto, por que ela ainda tem tais receios agora, pois, se ele tivesse algum interesse por mim, já teríamos nos encontrado há muito, muito tempo. Ele sabe que estou na cidade, tenho certeza, por algo que ela mesma disse; mas, pelo modo como falou, era como se estivesse tentando se convencer de que ele estava realmente interessado na senhorita Darcy. Isso eu não entendo. Se não receasse julgá-la muito severamente, estaria quase tentada a dizer que existem fortes indícios de dubiedade em tudo isso. Hei de banir qualquer pensamento doloroso, e pensar apenas no que me faz feliz, seu carinho e a invariável bondade dos meus queridos tios. Mande-me logo notícias suas. A senhorita Bingley mencionou qualquer coisa sobre ele nunca mais voltar a Netherfield, que entregaria a casa, mas sem nenhuma certeza. Será melhor não comentarmos nada sobre isso. Fiquei muito feliz com as boas novas de nossos amigos em Hunsford. Vá visitá-los com Sir William e Maria. Tenho certeza de que será muito bem recebida por lá.

“Com carinho.”

A carta deixou Elizabeth um tanto abalada; mas seu ânimo se revigorou ao pensar que Jane não se deixaria mais enganar, ao menos pela irmã dele. Agora já não havia absolutamente mais nenhuma expectativa com relação a seu irmão. Não desejaria nem

mesmo voltar a receber as atenções dele. Seu caráter decaía a cada lembrança; e, como castigo para ele, além de uma possível vantagem para Jane, ela ardentemente desejou que de fato se casasse logo com a irmã do senhor Darcy, pois, segundo Wickham, ela o faria lamentar profundamente a troca.

A senhora Gardiner, a essa altura, lembrou Elizabeth de sua promessa quanto àquele cavalheiro, e pediu informações; Elizabeth respondeu de modo a contentar a tia, mas não tanto a si mesma. A aparente predileção dele passara, os cuidados sumiram, ele admirava outra pessoa. Elizabeth estivera atenta a tudo aquilo, mas era capaz de ver e escrever sem nenhuma dor concreta. Seu coração fora apenas tocado de leve, e sua vaidade, satisfeita de pensar que ela teria sido a escolha dele caso seu dote assim permitisse. A súbita aquisição de dez mil libras era o mais notável encanto da jovem dama com quem ele agora vinha sendo simpático; mas Elizabeth, menos arguta no caso dele que no de Charlotte, não questionou seu desejo de independência. Ao contrário, nada poderia ser mais natural; e, mesmo sendo capaz de supor que devia ter custado a ele abrir mão dela, estava disposta a admitir que fora uma medida sábia e desejável para ambos, e pôde sinceramente lhe desejar felicidade.

Tudo isso foi contado à senhora Gardiner; e, após relatar as circunstâncias, ela prosseguiu assim: — “Estou agora convencida, minha querida tia, de que nunca estive muito apaixonada; pois, se eu tivesse realmente experimentado aquela paixão pura e elevada, no momento odiaria até o nome dele e lhe desejaria todas as formas do mal. Mas meu sentimento por ele não é apenas cordial; é até mesmo imparcial diante da senhorita King. Não consigo odiá-la por mais que tente, nem estou minimamente disposta a pensar mal dela. Não pode haver nenhum amor nisso. Minha vigilância foi eficaz; e, embora eu fosse certamente me tornar um tanto mais interessante para todos os meus conhecidos se estivesse magoada e apaixonada por ele, não posso dizer que, comparativamente, eu lamente minha insignificância. A importância às vezes cobra um preço muito alto. Kitty e Lydia levaram muito mais a peito a deserção dele do que eu. Elas são verdes nos caminhos do mundo, e ainda não estão prontas

para a mortificante convicção de que os moços bonitos também precisam viver de alguma coisa, não só os feios.”

Assim, sem maiores acontecimentos na família de Longbourn além das caminhadas até Meryton, ora em meio à lama, ora no frio, janeiro e fevereiro se passaram. Março levaria Elizabeth a Hunsford. A princípio não pensara seriamente em ir até lá; mas Charlotte, como logo lhe fez saber, contava com isso, e aos poucos ela foi se acostumando com a ideia, cada vez com maior prazer e certeza. A ausência havia aumentado seu desejo de tornar a ver Charlotte, e enfraquecera sua antipatia pelo senhor Collins. Havia novidade envolvida, e portanto, como ficar em casa com uma mãe daquelas e irmãs nada interessantes não prometia grande coisa, uma pequena mudança de ares seria bem-vinda por si só. No caminho, além do mais, poderia se encontrar brevemente com Jane; e, em suma, conforme foi chegando a hora, passou a lamentar cada atraso da partida. Tudo enfim se deu sem sobressaltos e de acordo com o plano original de Charlotte. Ela iria com Sir William e a segunda filha. Ainda melhor com o acréscimo de última hora de uma noite que passariam em Londres, o plano então ficou tão perfeito quanto um poderia ser.

A única pena era deixar seu pai, que certamente sentiria saudades dela, e que, quando chegou a hora, queria tanto que Elizabeth não fosse que quase jurou responder se ela lhe escrevesse uma carta.

A despedida entre ela e o senhor Wickham foi perfeitamente amigável; ainda mais da parte dele. Sua atual pretendida não o fez esquecer que Elizabeth havia sido a primeira a despertar e receber sua atenção, a primeira a ouvi-lo e se compadecer, a primeira a ser admirada; e na hora de lhe dizer adeus, desejando-lhe que aproveitasse muito, lembrando o que deveria encontrar em Lady Catherine de Bourgh, e apostando que a opinião dele e dela — a

opinião deles sobre todo mundo — sempre seria a mesma, havia uma solicitude, um interesse que sentia que haveria de uni-los com grande consideração para sempre; e ela se despediu convencida de que, casado ou solteiro, ele sempre seria para ela o modelo do agradável e amável.

Sua companhia na viagem do dia seguinte não contribuiu para que parasse de pensar nele com simpatia. Sir William Lucas e a filha Maria, uma menina bem-humorada mas fútil como ele, não tinham nada a dizer que valesse a pena ouvir, e ela lhes deu ouvidos com o mesmo prazer com que se escuta o arrastar de uma cadeira. Elizabeth adorava absurdos, mas já conhecia Sir William havia tempo demais. Não havia nada de novo que ele pudesse contar sobre sua apresentação ao rei e sua nomeação como cavaleiro; e suas cortesias eram rançosas como suas informações.

Era uma viagem de menos de vinte e quatro milhas, e partiram cedo para chegar à Gracechurch-street ao meio-dia. Quando chegaram à porta do senhor Gardiner, Jane estava junto à janela da sala esperando por eles, e Elizabeth, olhando intensamente para ela, ficou feliz ao vê-la saudável e adorável como sempre. Na escada havia um grupo de meninos e meninas pequenos, cuja ansiedade com a chegada da prima impedira de esperar na sala de estar, e cuja timidez, como não a viam fazia doze meses, preveniu que descessem mais degraus. Foi tudo uma alegria e uma satisfação. O dia se passou agradavelmente; a manhã em passeios e compras, a tarde em um dos muitos teatros.

Elizabeth por fim conseguiu sentar-se com a tia. O primeiro assunto foi a irmã; e ela ficou mais triste do que espantada ao ouvir, em resposta às minuciosas indagações, que, embora Jane sempre tivesse lutado para manter o ânimo, passara por períodos de depressão. Era razoável, contudo, imaginar que não durariam muito. A senhora Gardiner contou-lhe inclusive os detalhes da visita da senhorita Bingley a Gracechurch-street, e repetiu conversas ocorridas diversas vezes entre Jane e ela, que davam prova de que aquela dama, do fundo do coração, desistira da amizade.

A senhora Gardiner então provocou a sobrinha comentando sobre a deserção de Wickham e cumprimentando-a por ter suportado tudo

tão bem.

“Mas, minha querida Elizabeth”, ela acrescentou, “que tipo de moça é a senhorita King? Eu lamentaria muito saber que nosso amigo é um mercenário.”

“Ora, querida tia, qual é a diferença, nos assuntos matrimoniais, entre ser mercenário e prudente? Onde termina a parcimônia e começa a avareza? No Natal você estava com medo de que ele se casasse comigo, pois seria imprudência; e, agora que ele está tentando conquistar uma moça que tem míseras dez mil libras, você diz que ele é mercenário.”

“Se você me dissesse que tipo de moça é a senhorita King, eu saberia o que pensar dele.”

“É uma ótima moça, creio. Não sei nada de mal a seu respeito.”

“Mas ele não prestava nenhuma atenção nela até o avô morrer e deixá-la em posse desse dinheiro.”

“Não — e por que haveria de ter prestado? Se minha afeição não lhe foi permitido ganhar por falta de dote, que chance teria no amor uma moça com quem ele nem se importava e que era igualmente pobre?”

“Mas parece uma indelicadeza dele voltar toda a atenção para ela logo após a morte do avô.”

“Um homem sob circunstâncias aflitivas não tem tempo para todo esse elegante decoro que os outros podem observar. Se ela não se incomoda, por que haveríamos de nos incomodar?”

“O fato de ela não se incomodar não justifica a atitude dele. Só mostra que ela também tem lá seus problemas — de juízo ou de sentimento.”

“Bem”, exclamou Elizabeth, “que seja como você preferir. Que ele seja então um mercenário, e ela seja uma tonta.”

“Não, Lizzy, não é questão de preferir ou não. Lamento muito, você sabe, por pensar mal de um rapaz que viveu tanto tempo em Derbyshire.”

“Oh! Mas se era só isso eu também tenho em péssima conta rapazes que vivem em Derbyshire; e seus amigos íntimos que vivem em Hertfordshire também não são muito melhores. Estou cheia de todos eles. Graças a Deus! Amanhã mesmo vou atrás de um homem

que não tenha nenhuma qualidade, nenhuma simpatia, nenhuma educação, nenhuma sensatez, nem nada que o recomende. Os estúpidos são os únicos que vale a pena conhecer, afinal.”

“Cuidado, Lizzy; essa sua conversa está me cheirando a frustração.”

Antes de se separarem, ao final da peça, ela teve a inesperada felicidade de ser convidada a acompanhar o tio e a tia em uma viagem de veraneio que pretendiam fazer.

“Ainda não decidimos aonde vamos”, disse a senhora Gardiner, “mas talvez até os Lagos.”¹

Nenhum plano poderia ser mais agradável para Elizabeth, que aceitou prontamente e de muito bom grado o convite. “Minha querida, minha tia querida”, ela exclamou, embevecida, “que delícia, que felicidade! A senhora agora me propicia uma vida nova, um novo vigor. *Adieu*, frustração e melancolia. O que são os homens diante das pedras e montanhas?² Oh, quantas horas de enlevo não passaremos! E, quando voltarmos, não será como outros viajantes, incapazes de dar uma ideia de como foi coisa alguma da viagem. Saberemos onde estivemos — recordaremos o que vimos. Lagos, montanhas, e rios não serão embaralhados na imaginação; tampouco quando tentarmos descrever uma cena em particular começaremos a discutir a localização exata. Que nossas primeiras efusões sejam menos insuportáveis que a da maioria dos viajantes.”

V

Na viagem do dia seguinte, tudo foi novo e interessante para Elizabeth; e seu humor estava disposto ao desfrute; pois vira a irmã tão bem que se haviam dissipado todos os temores por sua saúde, e a perspectiva da viagem para o norte era uma fonte incessante de prazer.

Quando saíram da estrada para tomar a alameda até Hunsford, todos ficaram procurando o Presbitério, e a cada curva esperavam vê-lo ao longe. A cerca dos jardins de Rosings era o limite de um dos lados. Elizabeth sorriu lembrando tudo o que já ouvira sobre quem morava ali.

Por fim divisaram o presbitério. O jardim em declive até a estrada, a casa no alto, a cerca em verde-claro e os loureiros das sebes, tudo ali tornava sugestiva a chegada do grupo. O senhor Collins e Charlotte apareceram na porta, e a carruagem parou junto ao portão pequeno, e seguiram por um breve caminho de cascalho até a casa, em meio a medidas e sorrisos de todos. Em pouco tempo desembarcaram, felizes por se encontrarem. A senhora Collins recebeu a amiga com todo prazer, e Elizabeth sentiu-se cada vez melhor por ter vindo ao ver-se tão afetuosamente acolhida. Reparou instantaneamente que os modos do primo não se haviam alterado com o casamento; sua cortesia formal continuava a mesma, e a deteve por alguns minutos para que ouvisse e respondesse às perguntas dele sobre toda a família. Foram então, sem mais delongas depois que ele apontou a entrada estreita, conduzidos ao interior da casa; e assim que adentraram o vestíbulo ele mais uma vez deu a todos com ostensiva formalidade boas-vindas a seu humilde lar, e reiterou incisivamente a sugestão da esposa de que ficassem à vontade.

Elizabeth preparara-se para vê-lo em sua glória; e ela não conseguia deixar de imaginar que, enquanto mostrava as boas proporções da sala, a aparência e a mobília, ele se dirigia particularmente a ela, como se quisesse que se desse conta do que perdera ao rejeitá-lo. Mas, embora tudo parecesse bem-arrumado e confortável, ela não conseguiu dar a ele o gosto de notar um único suspiro de arrependimento; e, mais do que isso, parecia intrigada com a amiga por conseguir manter aquele ar entusiasmado vivendo na companhia dele. Quando o senhor Collins dizia algo que não sem motivos pudesse vir a envergonhar a esposa, o que não era raro acontecer, ela involuntariamente se virava para Charlotte. Uma ou duas vezes ela notara um discreto rubor; mas em geral Charlotte sabiamente não dava ouvidos. Depois de ficarem sentados tempo o bastante para admirar cada peça de mobília da sala, do bufê ao anteparo da lareira, e de fazerem um relato da viagem e de tudo o que ocorrera em Londres, o senhor Collins convidou a todos para um passeio no jardim, que era grande e bem tratado, por ele mesmo. Trabalhar em seu próprio jardim era um de seus prazeres mais respeitáveis; e Elizabeth admirou a contenção no semblante de Charlotte ao falar de como o exercício era saudável e admitir que o incentivava a fazê-lo sempre que possível. Ali, à frente do grupo, por entre caminhos e travessas, e mal permitindo que pronunciassem os elogios que ele esperava, cada paisagem foi mostrada com uma minúcia que deixava a beleza inteiramente de lado. Ele sabia de cor o nome de cada propriedade em todas as direções, sabia quantas árvores havia na mais remota colina. Mas, de todas as paisagens de que seu jardim, ou mesmo o condado, quiçá todo o reino podia se gabar, nenhuma se comparava à perspectiva de Rosings, propiciada por uma clareira entre as árvores que margeavam o parque que vinha quase até a frente da casa dele. Era uma construção moderna, belíssima, bem situada em um aclave.

Do jardim, o senhor Collins os levaria para um passeio por seus dois prados, mas as damas, não dispondo de calçados apropriados para enfrentar os vestígios de uma geada branca, recuaram; e, enquanto Sir William foi com ele, Charlotte levou a irmã e a amiga para a casa, satisfeitíssima, provavelmente, por ter a oportunidade

de mostrar tudo sem a ajuda do marido. Era uma casa pequena, mas bem feita e confortável; tudo arranjado e disposto com uma ordem e uma limpeza pelas quais Elizabeth deu a Charlotte todo o crédito. Quando se esqueciam do senhor Collins, tudo realmente ganhava um ar muito aconchegante e, pelo evidente prazer de Charlotte, Elizabeth imaginou que muitas vezes a amiga precisava mesmo esquecê-lo.

Já ficara sabendo que Lady Catherine ainda estava no interior. Voltaram a falar disso durante o jantar, quando o senhor Collins se manifestou, observando:

“Sim, senhorita Elizabeth, você terá a honra de ver Lady Catherine de Bourgh domingo que vem, na igreja, e nem preciso dizer que ficará encantada com ela. Ela é a afabilidade e a complacência em pessoa, e não duvido de que você terá a honra de desfrutar de um pouco da atenção dela após a missa. Até arriscaria dizer sem hesitação que ela deve incluir você e minha cunhada Maria em todos os convites com que nos honrar durante sua estada. A atitude dela com a minha querida Charlotte é um encanto. Jantamos em Rosings duas vezes por semana, e ela nunca nos permite voltar caminhando. A carruagem de minha senhora é sempre oferecida. Na verdade, uma das carruagens de minha senhora, pois ela possui diversas.”

“Lady Catherine é de fato uma mulher muito respeitável e sensata”, acrescentou Charlotte, “e uma vizinha extremamente solícita.”

“É bem verdade, minha querida, é o que eu sempre digo. Ela é o tipo de mulher que não se pode deixar de tratar com a maior deferência.”

A noite se passou basicamente em conversas sobre novidades de Hertfordshire, e a contarem de novo o que já se haviam escrito; por fim, Elizabeth, na solidão de seu quarto, precisou meditar sobre o grau de contentamento de Charlotte para conseguir entender sua atitude para com o marido e sua serenidade ao suportá-lo, e acabou admitindo que a amiga agia muito bem. Pensou também em como seriam os dias seguintes, o tom ameno das atividades de praxe, as irritantes interrupções do senhor Collins e as alegrias da convivência em Rosings. Uma imaginação vigorosa logo completou todo o quadro.

Por volta da metade do dia seguinte, quando estava em seu quarto se arrumando para um passeio, um barulho súbito no andar de baixo pareceu colocar toda a casa em confusão; e, após escutar por um momento, ouviu alguém subindo a escada, correndo, com muita pressa, chamando por ela em voz alta.

“Oh, minha querida Eliza! Venha depressa, vamos até a sala de jantar, pois você precisa ver uma coisa! Não vou dizer o que é. Depressa, desça agora mesmo.”

Elizabeth fez perguntas em vão; Maria não diria mais nada, e lá se foram correndo até a sala de jantar, que dava para a alameda, apurar qual seria a maravilha; havia duas damas paradas em um faetonte baixo diante do portão do jardim.

“Era só isso?”, exclamou Elizabeth. “Eu esperava pelo menos que os porcos tivessem invadido o jardim, mas é apenas Lady Catherine e a filha!”

“Ora! Minha cara”, disse Maria, bastante chocada com o engano, “mas não é Lady Catherine. A mais velha é a senhora Jenkinson, que mora com elas. A outra é a senhorita De Bourgh. Olhe só para ela. É uma criatura pequenina. Quem diria que era tão magra e miúda!”

“Ela é incrivelmente rude por manter Charlotte do lado de fora com esse vento. Por que não entra?”

“Oh! Charlotte disse que ela quase nunca entra. É o maior dos favores quando a senhorita De Bourgh aceita entrar.”

“Gostei da aparência dela”, disse Elizabeth, tomada por outras ideias. “Parece doente e triste. — Sim, ela servirá bem para ele. Será uma boa esposa para ele.”

O senhor Collins e Charlotte estavam de pé junto ao portão conversando com as damas; e Sir William, para grande diversão de Elizabeth, estava no umbral, na mais sincera contemplação da grandeza diante de si, e a todo instante se curvava numa mesura quando a senhorita De Bourgh olhava para o seu lado.

Por fim, já não havia mais nada a ser dito; as damas seguiram viagem, e os demais voltaram para a casa. O senhor Collins, assim que as viu, parabenizou as duas moças pela boa sorte que tinham, o que Charlotte explicou dizendo que todo o grupo havia sido convidado para jantar em Rosings no dia seguinte.

O triunfo do senhor Collins em consequência do convite foi completo. A possibilidade de mostrar a grandiosidade de sua protetora para as visitas maravilhadas, e de deixá-las testemunhar a cortesia dela para com ele e a esposa, era exatamente o que havia desejado, e que uma oportunidade de fazê-lo viesse tão cedo era mais uma prova da condescendência de Lady Catherine, que ele não se cansava de admirar.

“Devo admitir”, disse o senhor Collins, “que não deveria me sentir tão surpreso por minha senhora nos convidar para o chá no domingo e para passar a tarde em Rosings. Eu já contava, pelo que conheço de sua afabilidade, que isso iria acontecer. Mas quem teria previsto tamanha consideração? Quem teria imaginado que receberíamos um convite para jantar lá (um convite que ainda por cima inclui todo o grupo) tão imediatamente após a chegada de vocês?”

“Fiquei menos surpreso com o que aconteceu”, respondeu Sir William, “pelo meu conhecimento dos verdadeiros modos dos grandes, conhecimento que minha experiência de vida me permitiu adquirir. Na Corte, essas provas de um bom berço não são raras.”

Não se falou de quase mais nada no resto do dia e na manhã seguinte além da visita a Rosings. O senhor Collins ficou cuidadosamente instruindo o grupo sobre o que deveriam esperar daquelas salas, dos tantos empregados e do esplêndido jantar, de modo a não ficarem completamente perplexos.

Quando as damas foram juntas tratar da toalete, ele disse a Elizabeth:

“Não se aflija, minha cara prima, com seus trajes. Lady Catherine jamais exigiria elegância no vestir da nossa parte, isso cabe a ela e à filha. Eu a aconselharia apenas a usar suas melhores roupas, a

ocasião não requer nada além disso. Lady Catherine não pensará pior de você por se vestir com simplicidade. Ela preza pela distinção de sua classe.”

Enquanto elas se vestiam, ele bateu duas ou três vezes em cada porta, para recomendar que se apressassem, uma vez que Lady Catherine não tolerava esperar para jantar. — Esses relatos formidáveis sobre a senhora, e seu estilo de vida, deixavam apavorada Maria Lucas, que até então pouco participara dos acontecimentos e aguardava ansiosa ser apresentada em Rosings, apreensão comparável à que sentira seu pai ao ser apresentado em St. James.

Como o tempo estava bom, fizeram uma agradável caminhada de cerca de meia milha através do parque. — Todo parque tem sua beleza e suas vistas; e Elizabeth viu muitas coisas que lhe agradaram, embora não se sentisse enlevada como o senhor Collins esperava que a cena lhe inspirasse e pouco se abalasse com a enumeração das janelas da casa ou com quanto originalmente Sir Lewis De Bourgh gastara só em vidraçaria.

Quando subiram as escadas até o vestíbulo, Maria foi ficando cada vez mais aturdida, e mesmo Sir William não parecia estar em sua mais perfeita calma. — A coragem de Elizabeth não lhe falhou na hora. Nunca ouvira falar de Lady Catherine em termos de algum talento extraordinário ou uma virtude miraculosa, e com a mera altivez por dinheiro e posição ela achava que conseguia lidar sem tremer.

Do vestíbulo, onde o senhor Collins mostrou, com ar embevecido, as belas proporções dos ornamentos banhados, todos seguiram os criados através de uma antecâmara até a sala onde estavam sentadas Lady Catherine, sua filha e a senhora Jenkinson. — Sua senhoria, em grande deferência, levantou-se para recebê-los e, como a senhora Collins combinara com o marido que a apresentação caberia a ela, cumprimentaram-se de modo apropriado, sem nenhuma daquelas justificativas ou agradecimentos que ele teria achado necessários.

Apesar de haver sido recebido em St. James, Sir William estava tão completamente transido com a grandiosidade de tudo à sua volta

que só teve coragem para fazer uma grande mesura, inclinando-se bastante, e sentar-se sem dizer palavra; sua filha, quase desmaiando de tão assustada, sentou-se na beira da cadeira sem saber para que lado olhar. Elizabeth sentiu-se à altura da situação, e pôde observar as três damas diante de si com toda a compostura. — Lady Catherine era uma mulher alta, grande, de traços fortemente marcados, que um dia devia ter sido bonita. Não tinha um ar conciliador, nem seus modos ao recebê-los deixava que as visitas esquecessem sua posição inferior. Não que se tornasse formidável pelo silêncio; mas tudo o que dizia era proferido com um tom tão autoritário e eivado de arrogância que fez Elizabeth se lembrar imediatamente do senhor Wickham; e, pelas observações daquele dia, ela passou a achar que Lady Catherine era exatamente como ele a havia descrito.

Quando, depois de analisar a mãe, em cuja expressão e conduta logo notou uma semelhança com o senhor Darcy, ela voltou seus olhos para a filha, chegou quase a endossar a perplexidade de Maria por ela ser tão magra e tão miúda. Entre elas não havia qualquer semelhança, nem de porte nem de traços. A senhorita De Bourgh era pálida e doentia; seu rosto, embora não fosse feio, era inexpressivo; e ela falou muito pouco, sempre em voz baixa, com a senhora Jenkinson, em cuja aparência não havia nada de notável e que se prestava exclusivamente a ouvir o que ela dizia e a posicionar o anteparo da lareira de modo a proteger o rosto dela.

Após alguns minutos sentados, foram todos chamados para junto das janelas, para admirar a vista, o senhor Collins ajudando a mostrar todas as belezas e Lady Catherine gentilmente informando que era muito mais bonito no verão.

O jantar foi algo de extraordinariamente belo, e lá estavam de fato todos os empregados e todas as baixelas que o senhor Collins prometera; e, como igualmente havia previsto, ele sentou-se à cabeceira da mesa, a pedido de sua senhoria, e pareceu sentir-se como se a vida não pudesse lhe oferecer nada mais grandioso do que aquilo. — Serviu-se, comeu e, alegremente deliciado, elogiou tudo; cada prato foi recomendado, primeiro por ele, e depois por Sir William, que a essa altura já estava recuperado a ponto de secundar

cada coisa que seu genro dizia de um modo que Elizabeth se perguntou se Lady Catherine seria capaz de suportar. Mas Lady Catherine parecia muito grata pela admiração excessiva deles e exibia os sorrisos mais graciosos, em especial quando alguém não conhecia um prato. O grupo não tinha muito o que conversar. Elizabeth esteve prestes a dizer alguma coisa a cada pausa, mas sentara entre Charlotte e a senhorita De Bourgh — aquela, ocupada ouvindo Lady Catherine, esta, muda o jantar inteiro. A senhora Jenkins empregava-se principalmente em observar como a senhorita De Bourgh comia pouco, insistindo que experimentasse outros pratos, temendo que ficasse indisposta. Maria achou que falar seria algo impensável, e os cavalheiros não fizeram outra coisa além de comer e pasmar.

Quando as damas voltaram à sala de estar, pouco havia a fazer senão ouvir Lady Catherine falar, o que ela fez sem interrupção até servirem o café, declarando sua opinião sobre todos os assuntos de um modo tão decisivo que comprovava que não estava acostumada a ter seus julgamentos contestados. Indagou com intimidade e minúcia sobre os assuntos domésticos de Charlotte, e deu a ela inúmeros conselhos relativos à administração de todos eles; disse-lhe como regular cada coisa em uma família pequena como a dela, e orientou-a sobre os cuidados que devia ter com as vacas e as aves em geral. Elizabeth descobriu que nada escapava à atenção daquela grande Lady que não pudesse lhe fornecer ocasião para ditar o que fazer aos outros. Nos intervalos de seu discurso ao senhor Collins, ela dirigiu uma série de perguntas a Maria e a Elizabeth, mas especialmente a esta última, cujas relações ela conhecia menos, e que, comentara com o senhor Collins, era uma moça bastante distinta e bonita. Fez-lhe várias perguntas, quantas irmãs tinha, se alguma estaria em vistas de se casar, se eram bonitas, bem-educadas, que tipo de carruagem tinha o pai, qual era o nome de solteira da mãe — Elizabeth sentiu toda a impertinência daquelas perguntas, mas respondeu a todas com tranquilidade. — Lady Catherine então comentou:

“A propriedade de seu pai está destinada por testamento ao senhor Collins, creio. Pelo seu bem”, virando-se para Charlotte, “eu fico

contente com isso; mas de outro modo não entendo por que privar o lado das mulheres de herança. Na família de Sir Lewis de Bourgh não acharam necessário fazer assim. — Senhorita Bennet, você toca e canta?”

“Um pouco.”

“Oh! Então — em algum momento teremos a felicidade de ouvi-la. Nosso piano é excelente, provavelmente melhor do que... Você há de experimentá-lo um dia. — Suas irmãs tocam e cantam?”

“Uma delas, sim.”

“Por que vocês todas não aprenderam? — Devem ter estudado. Todas as senhoritas Webb tocam e cantam, e o pai delas não tem a renda do seu. — Você desenha?”

“Não, nem um pouco.”

“Como? Nenhuma de vocês desenha?”

“Nenhuma.”

“Isso é muito estranho. Mas imagino que por falta de oportunidade. Sua mãe precisaria ter levado vocês à cidade toda primavera para tomar lições.”

“Minha mãe não teria feito nenhuma objeção a tanto, porém meu pai odeia Londres.”

“A governanta abandonou vocês?”

“Nunca tivemos governanta.”

“Sem governanta? Como isso é possível? Cinco filhas criadas em casa sem governanta? — Nunca ouvi tal coisa. Sua mãe deve ter sido uma verdadeira escrava da educação de vocês.”

Elizabeth quase não conseguiu conter o riso ao garantir que não havia sido exatamente assim.

“Então quem lhes ensinou? Quem cuidava de vocês? Sem governanta, sua educação deve ter sido negligente.”¹

“Comparada com a de algumas famílias, creio que foi; mas àquelas dentre nós que quiseram estudar nunca faltaram os meios. Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todas as aulas necessárias. Quem preferiu não estudar certamente também pôde.”

“Sim, sem dúvida; mas seria isso o que uma governanta teria evitado e, se eu tivesse conhecido sua mãe, teria aconselhado fortemente a contratar uma. É o que sempre digo: não se faz nada

em educação sem instrução constante e regular, e só mesmo uma governanta é capaz disso. É maravilhoso o número de famílias que eu pude ajudar nesse sentido. Sempre fico contente de poder indicar alguém a uma boa posição.² Quatro sobrinhas da senhora Jenkinson estão hoje muito bem situadas graças aos meus recursos; e outro dia mesmo recomendei uma moça, que casualmente havia sido mencionada, e a família está muito contente com ela. Senhora Collins, já lhe contei que Lady Metcalfe veio ontem me agradecer? Ela achou a senhorita Pope um tesouro. ‘Lady Catherine’, ela disse, ‘você me deu um tesouro.’ E suas outras irmãs já frequentam a sociedade, senhorita Bennet?”

“Sim, madame, todas elas.”

“Todas elas! — Como assim? Cinco ao mesmo tempo? Muito estranho! — E você é a segunda apenas. — As mais jovens já frequentam antes mesmo do casamento da mais velha! — Suas irmãs mais novas devem ser bastante jovens, não?”

“Sim, a mais nova não completou dezesseis. Talvez seja jovem demais para frequentar a sociedade. Mas, de verdade, madame, penso que seria duro demais com as caçulas privá-las da sociedade e dos divertimentos só porque a mais velha não tem recursos ou mesmo inclinação para casar cedo. — A caçula tem tanto direito aos prazeres da juventude quanto a mais velha. E ser impedida por um motivo desses! — Não é algo que promova muito o amor entre irmãs ou a fineza do espírito.”

“Juro por minha palavra”, disse a senhora, “você dá sua opinião muito categoricamente para uma pessoa tão jovem. Diga-me, quantos anos tem?”

“Com três irmãs mais novas crescidas”, respondeu Elizabeth sorrindo, “a senhora há de esperar que eu não o confesse.”

Lady Catherine pareceu bastante atônita por não receber uma resposta direta; e Elizabeth desconfiou ter sido a primeira criatura a ousar desafiá-la com tão digna impertinência.

“Você não deve ter mais de vinte, tenho certeza — portanto não precisa esconder a idade.”

“Vou fazer vinte e um.”

Quando os cavalheiros se juntaram a elas e o chá terminou, as mesas do carteador foram postas. Lady Catherine, Sir William e o senhor e a senhora Collins jogaram *quadrille*; e, como a senhorita De Bourgh optou por cassino,³ as duas meninas tiveram a honra de formar a mesa com a senhora Jenkinson. Era uma mesa incrivelmente maçante. Mal se pronunciou uma sílaba que não tivesse relação com a partida, exceto quando a senhora Jenkinson expressou seu receio de que a senhorita De Bourgh estivesse com muito calor ou muito frio, ou que talvez estivesse muito claro ou muito escuro para ela. Na outra mesa, muito mais coisas se passaram. Lady Catherine estava praticamente sempre falando — apontando os erros dos outros três ou narrando algum episódio sobre si mesma. O senhor Collins dedicou-se a concordar com tudo o que sua senhora dizia, agradecendo a ela a cada ponto vencido e desculpando-se caso ela achasse que ele ganhara demais. Sir William pouco falou. Ficava armazenando na memória as anedotas e os nomes dos nobres.

Lady Catherine e a filha jogaram até cansar, então as mesas se desfizeram, a carruagem foi oferecida ao senhor Collins, aceita com gratidão e imediatamente chamada. O grupo se reuniu junto à lareira para ouvir Lady Catherine dizer como seria o tempo no dia seguinte. Depois de tais instruções, a carruagem chegou e, com muitos votos de gratidão da parte do senhor Collins, e outras tantas medidas de Sir William, foram embora. Assim que deixaram a porta da casa, Elizabeth foi abordada pelo primo, que perguntou sua opinião sobre tudo o que vira em Rosings, opinião que, pelo bem de Charlotte, expressou de modo mais favorável do que realmente sentia. Mas esse elogio, que lhe custara uma boa dose de esforço, de modo algum satisfez o senhor Collins, que logo se sentiu obrigado a fazer ele mesmo o elogio de sua senhora.

Sir William ficou apenas uma semana em Hunsford; mas sua visita foi longa o bastante para convencê-lo de que a filha estava confortavelmente instalada e tinha um marido e uma vizinha de fato incomuns. Enquanto Sir William ficou ali, o senhor Collins dedicou suas manhãs a passear com ele em sua carruagem e a mostrar-lhe a região; mas, depois que ele se foi, a família inteira voltou a seus afazeres de costume, e Elizabeth sentiu-se grata ao descobrir que não veriam mais tanto o seu primo, pois a maior parte do tempo entre o desjejum e o jantar ele passava trabalhando no jardim ou lendo, escrevendo e olhando pela janela de sua biblioteca, que dava para a estrada. A sala onde estavam as damas ficava nos fundos. Elizabeth a princípio estranhou Charlotte não ter preferido que ficassem na sala de jantar; era maior e mais agradável; mas logo entendeu que a amiga tinha um excelente motivo para tanto, pois o senhor Collins sem dúvida ficaria muito menos em sua própria sala se elas estivessem igualmente animadas logo ali ao lado; e deu crédito a Charlotte pela opção.

Da sala de estar não viam nada da alameda, e ficavam sabendo graças ao senhor Collins notícias de carruagens que passavam e com que frequência a senhorita De Bourgh passeava em seu faetonte, o que ele nunca deixava de informar-lhes, embora acontecesse quase todos os dias. Não era raro que ela parasse no presbitério e conversasse por alguns minutos com Charlotte, mas quase nunca se convencia a descer.

Raramente passava um dia sem que o senhor Collins fosse a pé a Rosings, e mais raramente ainda sem que a esposa achasse necessário ir junto; e, se Elizabeth lembrou-se da existência de outras casas de família na região, foi porque não conseguia entender

o sacrifício de tantas horas. De quando em quando, eles tinham a honra de receber uma visita de sua senhora, e nada do que acontecia na sala escapava à sua observação durante toda a visita. Ela comentou seus afazeres, analisou o trabalho, aconselhou que fizessem diferente; encontrou defeitos na disposição da mobília e reparou em algumas negligências das empregadas; quando aceitou comer com eles, aparentemente foi apenas para observar que os pedaços de carne servidos pela senhora Collins eram grandes demais para a família.

Elizabeth logo notou que, embora a grande dama não fizesse parte da comissão de justiça do condado,¹ exercia ativamente uma magistratura em sua própria freguesia, de cujos mínimos detalhes era informada pelo senhor Collins; sempre que algum dos moradores mostrava qualquer disposição beligerante, por descontentamento ou extrema pobreza, ela partia em direção à vila para dirimir as diferenças, calar as queixas e fazer reprimendas até que houvesse harmonia e fartura.

Os jantares em Rosings se repetiam cerca de duas vezes por semana; e, com exceção da perda de Sir William, havendo agora apenas uma mesa de jogo à noite, o entretenimento em si foi uma cópia exata do primeiro. Seus outros compromissos eram raros; uma vez que o estilo de vida da vizinhança ia além das posses dos Collins. Isso no entanto não incomodou Elizabeth, e no geral ela passou seu tempo com bastante conforto; aproveitara algumas meias horas em conversas agradáveis com Charlotte, e o tempo estava tão bom para aquela época do ano que ela acabou se divertindo muito fora de casa. Seu passeio favorito, e aonde ela ia com frequência enquanto os demais visitavam Lady Catherine, era caminhar pelo horto aberto que margeava aquele lado do parque, onde havia um belo caminho coberto que só ela parecia valorizar e onde se sentia além do alcance da curiosidade de Lady Catherine.

Dessa forma tranquila, a primeira quinzena de sua visita logo passou. A Páscoa se aproximava, e uma semana antes a família de Rosings ganharia um acréscimo, o que em um círculo tão pequeno haveria de ser importante. Elizabeth ficara sabendo, assim que chegara, que o senhor Darcy devia chegar nas semanas seguintes e,

embora ela preferisse encontrar praticamente qualquer um de seus não muitos conhecidos, a chegada dele forneceria algo relativamente novo para os olhos nas reuniões em Rosings, e ela se espantou ao ver como eram infundados os planos da senhorita Bingley, pelo comportamento dele com a prima, a quem estava evidentemente destinado segundo Lady Catherine; que falou de sua vinda com a maior satisfação, referindo-se a ele em termos da maior admiração, e que pareceu quase irritada ao descobrir que ele já havia sido visto amiúde pela senhorita Lucas e por ela mesma.

A notícia logo chegou ao presbitério, pois o senhor Collins ficara caminhando a manhã inteira, observando os portões do parque na alameda Hunsford, para saber ao certo assim que se abrissem; e, depois de fazer uma mesura quando a carruagem entrou no parque, correu para casa com a preciosa informação. Na manhã seguinte, ele logo foi a Rosings prestar seus respeitos. Havia dois sobrinhos de Lady Catherine a quem se deviam, pois o senhor Darcy trouxera consigo um certo coronel Fitzwilliam, filho mais novo de seu tio, Lorde —, e para grande surpresa do grupo, quando o senhor Collins voltou, os cavalheiros o acompanharam. Charlotte os havia visto da sala do marido, atravessando a estrada, e imediatamente correu para a outra e contou às moças da honra que as aguardava, acrescentando:

“Devo agradecer a você, Eliza, por essa gentileza. O senhor Darcy jamais viria tão cedo me visitar.”

Elizabeth mal teve tempo de recusar o elogio, quando a chegada deles foi anunciada pela campainha da porta, e pouco depois os três cavalheiros entraram na sala. O coronel Fitzwilliam, que vinha à frente, tinha cerca de trinta anos, não era belo, mas pelo aspecto e pela postura se tratava de um verdadeiro cavalheiro. O senhor Darcy parecia exatamente o mesmo de Hertfordshire, e cumprimentou, com a reserva de costume, a senhora Collins; quaisquer que fossem seus sentimentos com relação à amiga dela, saudou-a com toda a compostura. Elizabeth fez uma ligeira mesura, sem dizer palavra.

O coronel Fitzwilliam rendeu-se às conversas sem cerimônias, com a prontidão e a calma de um homem bem-educado, e conversou agradavelmente; mas seu primo, depois de um discreto comentário

sobre a casa e o jardim feito à senhora Collins, sentou-se por algum tempo sem falar com ninguém. Aos poucos, contudo, sua cortesia foi despertando a ponto de perguntar a Elizabeth sobre a saúde de sua família. Ela respondeu como de costume e, após uma pausa momentânea, acrescentou:

“Minha irmã mais velha está em Londres há três meses. Você não chegou a se encontrar com ela por lá?”

Ela sabia perfeitamente que não; mas desejou ver se ele trairia alguma consciência do que se passara entre os Bingley e Jane; Elizabeth o achou um pouco confuso ao responder que não tivera a sorte de encontrar a senhorita Bennet. O assunto não foi adiante, e os cavalheiros pouco depois foram embora.

Os modos do coronel Fitzwilliam foram muito admirados no presbitério, e as damas todas acharam que ele aumentaria consideravelmente o prazer de seus compromissos em Rosings. Levaria alguns dias, contudo, até que fossem convidados a aparecer por lá, pois enquanto havia visitas na casa eles não eram mais necessários; e só no domingo de Páscoa, quase uma semana depois da chegada dos cavalheiros, foram honrados com tal atenção, e ainda assim foram convidados apenas na saída da igreja, para uma visita à noite. Na última semana viram muito pouco Lady Catherine ou a filha. O coronel Fitzwilliam aparecera no presbitério mais de uma vez nesse ínterim, mas o senhor Darcy só fora visto na igreja.

O convite foi logo aceito, e na hora marcada juntaram-se ao grupo na sala de estar de Lady Catherine. Ela recebeu-os com cortesia, mas era evidente que a companhia já não era de modo algum tão bem-vinda como quando ela não dispunha de mais ninguém; e ela se mostrou de fato quase exclusivamente absorvida pelos sobrinhos, falando com eles, em especial com Darcy, muito mais do que com qualquer outra pessoa na sala.

O coronel Fitzwilliam pareceu realmente contente em vê-las; qualquer coisa era um bem-vindo alívio para ele em Rosings; e a linda amiga da senhora Collins havia além do mais chamado bastante sua atenção. Ele agora estava sentado ao lado dela, e conversava muito agradavelmente sobre Kent e Hertfordshire, sobre viajar e ficar em casa, sobre novos livros e novas músicas, como Elizabeth nunca fizera antes naquela sala; e a conversa era tão espirituosa e fluente que chamou a atenção da própria Lady Catherine, assim como do senhor Darcy. Os olhos dele também se viram diversas vezes voltados para eles com uma expressão de curiosidade; e que a

senhora depois de algum tempo compartilhava esse sentimento foi mais abertamente admitido, pois ela não teve escrúpulos em proclamar:

“O que você está dizendo, Fitzwilliam? Sobre o que estão conversando? O que está contando à senhorita Bennet? Quero ouvir também.”

“Estamos falando de música, madame”, disse ele, quando não podia mais deixar de responder.

“Música! Então eu lhe peço que fale em voz alta. É o meu assunto favorito. Preciso participar desta conversa se estão falando de música. Creio haver poucas pessoas na Inglaterra que amam mais verdadeiramente a música do que eu, ou que tenham um gosto natural melhor que o meu. Se eu tivesse estudado, teria sido uma grande intérprete. Assim como Anne, se sua saúde permitisse que se dedicasse. Tenho certeza de que tocaria lindamente. Georgiana tem tocado, Darcy?”

O senhor Darcy fez então um elogio apaixonado das interpretações da irmã.

“Fico muito contente em ter boas notícias dela”, disse Lady Catherine; “e peço-lhe que transmita o seguinte: ela só chegará à excelência com muita prática.”

“Eu garanto à senhora”, ele respondeu, “que ela não precisa deste conselho. Toca constantemente.”

“Quanto mais, melhor. Nunca é demais; e, da próxima vez que lhe escrever, direi que ela não pode em hipótese alguma ser negligente com isso. Sempre digo às moças que não se chega à excelência na música sem o exercício constante. Eu já disse à senhorita Bennet várias vezes que ela jamais tocará realmente bem a não ser que estude mais; e, embora a senhora Collins não tenha instrumento em casa, é muito bem-vinda, conforme já deixei claro para ela, aqui em Rosings, todos os dias, para tocar o piano do quarto da senhora Jenkinson. Não incomodaria ninguém, você sabe, naquela parte da casa.”

O senhor Darcy pareceu um tanto envergonhado com a indelicadeza da tia, e não disse nada.

Depois do café, o coronel Fitzwilliam lembrou Elizabeth de sua promessa de tocar para ele; e ela sentou-se junto ao instrumento. O coronel sentou-se em uma cadeira junto dela. Lady Catherine ouviu metade de uma canção e depois voltou a falar, como antes, com o outro sobrinho; até que este se afastou dela e foi com sua determinação habitual em direção ao piano, posicionando-se de modo a ter uma visão completa da bela expressão da intérprete. Elizabeth reparou no que ele estava fazendo, e na primeira pausa possível virou-se com um sorriso astuto e disse:

“Você quer me assustar, senhor Darcy, vindo assim de perto me ouvir tocar? Não vou me acovardar, mesmo que sua irmã toque tão bem. Tenho essa mania de não me deixar assustar com a opinião alheia. Minha coragem sempre me socorre quando há uma tentativa de me intimidar.”

“Não vou dizer que esteja enganada”, ele respondeu, “porque você não acha realmente que eu tinha qualquer intenção de intimidá-la; e já tenho o prazer de conhecê-la há tempo o bastante para saber que gosta muito de às vezes expressar opiniões que na verdade não são suas.”

Elizabeth riu muito daquela descrição, e disse ao coronel Fitzwilliam: “Seu primo lhe dará uma boa ideia a meu respeito, e lhe ensinará a não acreditar em nada do que eu digo. Tive um azar especial ao encontrar uma pessoa tão capaz de expor meu verdadeiro caráter em uma parte do mundo por onde eu contava passar deixando a impressão de um certo mérito. Na verdade, senhor Darcy, é muito mesquinho da sua parte comentar tudo o que ficou sabendo contra mim em Hertfordshire — e, permita-me dizer, também não foi nada político — pois provocará retaliações, e algumas coisas podem vir à tona que deixarão seus parentes chocados só de ouvir.”

“Não tenho medo de você”, ele disse, sorridente.

“Por favor, quero ouvir todas as suas acusações contra ele”, exclamou o coronel Fitzwilliam. “Adoraria saber como ele se comporta com estranhos.”

“Você vai ouvir — porém, prepare-se para algo bastante espantoso. A primeira vez na vida que nos vimos em Hertfordshire,

você deve saber, foi durante um baile, e o que acha que ele fez? Dançou só quatro vezes! Sinto incomodá-lo, mas é verdade. Dançou só quatro vezes mesmo com a escassez de cavalheiros; e, por experiência própria garanto, diversas moças ficaram sentadas sem par. Senhor Darcy, você não pode negar os fatos.”

“Eu ainda não havia tido a honra de conhecer nenhuma dama da festa além do meu próprio grupo.”

“É verdade; e jamais alguém poderia ser apresentado durante um baile. Bem, coronel Fitzwilliam, o que devo tocar agora? Meus dedos estão às suas ordens.”

“Talvez”, disse Darcy, “eu tenha avaliado mal a situação, talvez devesse ter pedido para ser apresentado, mas não sou a melhor pessoa para falar bem de mim mesmo a desconhecidos.”

“Será que devemos perguntar a seu primo o motivo disso?”, disse Elizabeth, ainda se dirigindo ao coronel Fitzwilliam. “Será que devemos perguntar por que um homem de juízo e educação, que conhece o mundo, não seria a melhor pessoa a falar bem de si mesmo a desconhecidos?”

“Isso eu mesmo posso responder”, disse Fitzwilliam, “nem precisa perguntar a ele. É porque ele não se daria ao trabalho.”

“Certamente eu não tenho o talento que algumas pessoas têm”, disse Darcy, “a facilidade para conversar com quem nunca viu antes. Não consigo nunca captar o tom do que estão falando, nem me fazer parecer interessado no assunto, como vejo muitas vezes acontecer.”

“Meus dedos”, disse Elizabeth, “não se movem sobre este piano do modo magistral como os de muitas mulheres que já vi. Não têm a mesma força ou rapidez, nem alcançam a mesma expressão. Mas sempre considere isso culpa minha — porque nunca me dei ao trabalho de praticar. Não é uma questão de acreditar ou não que meus dedos sejam tão capazes quanto os de qualquer pianista superior.”

Darcy sorriu e disse: “Você está inteiramente certa. Empregou seu tempo de modo muito mais proveitoso. Ninguém que tenha tido o privilégio de ouvi-la colocaria qualquer reparo em sua execução. Nenhum de nós dois agimos tendo em vista uma plateia.”

Aqui foram interrompidos por Lady Catherine, que se aproximara para saber o que tanto conversavam. Elizabeth imediatamente voltou a tocar. Lady Catherine veio e, após ouvir por alguns minutos, disse a Darcy:

“A senhorita Bennet não estaria tão enferrujada se estudasse mais, se pudesse ter tido um professor de Londres. Ela tem uma boa noção de técnica, mas seu gosto não é como o de Anne. Anne teria sido ótima pianista se sua saúde permitisse que ela estudasse.”

Elizabeth olhou para Darcy no intuito de ver como ele recebia os elogios à prima; mas nem naquele momento nem em nenhum outro ela conseguiu perceber qualquer sintoma de amor; e, do comportamento geral dele em relação à senhorita De Bourgh, ela deduziu este consolo para a senhorita Bingley: caso ela também fosse sua parente, teria a mesma probabilidade de se casar com ele que a prima.

Lady Catherine continuou fazendo comentários sobre o desempenho de Elizabeth, mesclando muitas instruções sobre execução e bom gosto. Elizabeth acolheu tudo com a tolerância da cortesia; e a pedidos dos cavalheiros continuou ao piano até que a carruagem da senhora estivesse a postos para levá-los todos para casa.

Elizabeth estava sentada sozinha na manhã seguinte, escrevendo para Jane; o senhor Collins e Maria haviam saído para fazer compras na vila, quando levou um susto com a campainha da porta, sinal certo de visita. Como não ouvira nenhuma carruagem, achou provável que fosse Lady Catherine, e em virtude de tal apreensão estava escondendo a carta pela metade para escapar de perguntas impertinentes; quando a porta se abriu e para sua grande surpresa o senhor Darcy, e mais ninguém senão o senhor Darcy, entrou na sala.

Ele pareceu atônito também por encontrá-la sozinha, e pediu desculpas pela intrusão, fazendo-a ver que até onde sabia todas as damas estariam em casa.

Então sentaram-se, e depois de algumas perguntas sobre Rosings ele pareceu prestes a mergulhar em um silêncio profundo. Foi absolutamente necessário, portanto, pensar em alguma coisa, e lembrando-se nessa urgência de quando ela o vira pela última vez em Hertfordshire, e sentindo-se curiosa por saber o que diria agora da súbita partida do grupo dele, ela comentou:

“E não é que vocês foram embora de Netherfield subitamente em novembro passado, senhor Darcy! Deve ter sido uma surpresa muito agradável para o senhor Bingley vê-los todos atrás dele tão cedo; pois, se bem me lembro, foi no dia seguinte. Ele e as irmãs estavam bem, eu presumo, quando você saiu de Londres.”

“Sim, perfeitamente — obrigado.”

Ela descobriu que não receberia outra resposta — e, após breve pausa, acrescentou:

“Creio haver entendido que o senhor Bingley não tem planos de voltar nunca mais a Netherfield?”

“Jamais ouvi isso dele; mas é provável que nunca venha a passar muito tempo lá no futuro. Tem muitos amigos, e está em uma fase da vida em que o número de amigos e de compromissos está sempre aumentando.”

“Se ele pretende ficar pouco tempo em Netherfield, seria melhor para os vizinhos que desistisse de vez do lugar, pois poderíamos vir a ter uma família estabelecida lá. Mas talvez o senhor Bingley não queira tanto a casa pela conveniência da vizinhança, mas pela própria conveniência, e devamos esperar que decida manter ou abandonar a casa segundo o mesmo princípio.”

“Não me surpreenderia”, disse Darcy, “se ele a abandonasse assim que um candidato a comprador fizesse uma oferta.”

Elizabeth não respondeu. Estava com medo de continuar falando do amigo dele; e, não tendo mais o que dizer, sentiu-se então decidida a não se dar ao trabalho de achar algum assunto para ele.

O senhor Darcy entendeu a sugestão, e logo começou com: “Parece uma casa bem confortável. Creio que Lady Catherine investiu bastante nesta residência depois que o senhor Collins veio para Hunsford”.

“Acredito que sim — e me parece que ela não poderia ter empregado sua generosidade a alguém mais grato.”

“O senhor Collins também parece ser um homem de muita sorte na escolha da esposa.”

“Sim, de fato; os amigos dele podem bem comemorar o encontro de uma das poucas mulheres sensatas que o teriam aceitado, ou que o fariam feliz se o aceitassem. Minha amiga possui um excelente entendimento das coisas — embora eu não tenha certeza se considero seu casamento com o senhor Collins a coisa mais sábia que já fez. Ela no entanto parece perfeitamente feliz e, sob a luz da prudência, trata-se seguramente de um casamento muito bom para ela.”

“Deve ser muito agradável para ela morar tão perto da casa da família e dos amigos.”

“Você acha perto? São quase cinquenta milhas.”

“E o que são cinquenta milhas se a estrada for boa? Pouco mais de meio dia de viagem. Sim, eu acho perto.”

“Eu não teria considerado a distância uma das vantagens desse casamento”, exclamou Elizabeth. “Jamais diria que o senhor Collins mora perto dos pais dela.”

“Isso é prova do seu próprio apego a Hertfordshire. Qualquer coisa além da região de Longbourn, imagino, pareceria longe.”

Quando ele falou, parecia haver uma espécie de sorriso, que Elizabeth imaginou entender; ele devia achar que ela estava pensando em Jane e em Netherfield, e ela corou ao responder:

“Não quero dizer que a mulher deva morar perto demais da família. Longe e perto devem ser relativos, e dependem de muitas circunstâncias variáveis. Quando há dinheiro para tornar irrisória a despesa da viagem, a distância não é um problema. Mas não é esse o caso. O senhor e a senhora Collins possuem uma renda confortável, mas não que permita viagens frequentes — e tenho certeza de que minha amiga só consideraria perto dos pais metade dessa distância.”

O senhor Darcy aproximou dela sua cadeira e disse: “Você não tem direito a esse apego tão forte a um único lugar. Não há de ter vivido sempre em Longbourn.”

Elizabeth pareceu surpresa. O cavalheiro passou por uma mudança de sentimento; recuou a cadeira, pegou um jornal da mesa e, olhando de relance por sobre a folha, disse com voz mais fria:

“Está gostando de Kent?”

Um breve diálogo sobre o interior se seguiu, de ambos os lados calmo e conciso — e logo se encerrou com a entrada de Charlotte e da irmã, que chegavam de um passeio. O tête-à-tête surpreendeu as duas. O senhor Darcy relatou o equívoco que ocasionara sua intrusão e o encontro apenas com a senhorita Bennet, e após alguns minutos sentado sem dizer nada a ninguém foi embora.

“Qual pode ser o significado disso?”, disse Charlotte, assim que ele foi embora. “Minha querida Eliza, ele deve estar apaixonado por você, ou jamais teria aparecido para nos visitar com tamanha intimidade.”

Mas, quando Elizabeth contou do silêncio em que ele permanecera, não pareceu muito provável, nem mesmo para a boa vontade de Charlotte, que fosse esse o caso; e após muito conjecturar elas só

puderam supor que a visita se deveria à dificuldade de encontrar algo para fazer, o que era mais provável naquela época do ano. Todos os esportes de campo haviam encerrado atividades. Dentro de casa havia Lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar, mas os cavalheiros não conseguiriam ficar a portas fechadas para sempre; e na proximidade do presbitério, nos prazeres da caminhada até ali ou nas pessoas que ali viviam, os dois primos encontraram uma tentação que os fez caminhar até lá quase todos os dias. Apareciam em horas diferentes da manhã, às vezes separados, às vezes juntos, e de quando em quando acompanhados da tia. Estava claro para todos que o coronel Fitzwilliam vinha pelo prazer da companhia, certeza que o recomendou ainda mais aos olhos de todos; e Elizabeth se lembrou, com o prazer que sentia ao lado dele, além de sua evidente admiração por ela, de seu favorito anterior, George Wickham; e, embora ao compará-los houvesse menos suavidade cativante nos modos do coronel Fitzwilliam, ela acreditou que este tivesse uma cabeça mais ilustre.

Mas por que o senhor Darcy vinha tanto ao presbitério era mais difícil de entender. Não seria pela companhia, uma vez que sempre sentava dez minutos sem abrir a boca; e, quando falava, parecia efeito da necessidade mais do que da escolha — um sacrifício à propriedade, não um prazer para si mesmo. Ele raramente parecia de fato animado. A senhora Collins não sabia o que fazer com ele. Uma risada do coronel Fitzwilliam, às custas da estupidez dele, provou que em geral devia ser diferente daquilo, o que ela não teria ficado sabendo pelo que dele conhecia; e como ela queria acreditar que essa diferença era efeito do amor, e que o objeto desse amor era sua amiga Eliza, sentou-se disposta a trabalhar seriamente na apuração dos fatos. — Ela observou-o sempre que estavam em Rosings, e sempre que ele vinha a Hunsford; mas sem muito sucesso. Certamente ele olhava bastante para sua amiga, mas a expressão daquele olhar era ambígua. Era um olhar parado, sério, imutável, mas ela com frequência duvidava se haveria ali tanta admiração, pois às vezes parecia apenas distração.

A senhora Collins sugerira uma ou duas vezes a Elizabeth a possibilidade de ele estar interessado nela, mas Elizabeth sempre ria

diante da ideia; e a senhora Collins não achava certo insistir no assunto, com o risco de despertar esperanças que só poderiam terminar em frustração; pois, na opinião dela, não havia dúvidas de que todo o desprezo da amiga desapareceria se ela supusesse que ele estava em suas mãos.

Em seus planos bondosos para Elizabeth, ela às vezes a imaginava casando-se com o coronel Fitzwilliam. Ele era, além de qualquer comparação, o homem mais agradável; certamente a admirava, e sua situação na vida era a mais favorável; mas, para contrabalançar tais vantagens, o senhor Darcy tinha considerável influência na igreja, e seu primo não devia ter nenhuma.

X

Mais de uma vez Elizabeth, em seus passeios pelo parque, inesperadamente encontrou o senhor Darcy. — Sentiu toda a perversidade do acaso que o levava aonde ninguém mais seria levado; e, para evitar que isso voltasse a acontecer, teve o cuidado de informá-lo da primeira vez que ali era seu lugar favorito. — Que isso viesse a ocorrer pela segunda vez, portanto, foi muito estranho! — E no entanto ocorrera uma segunda, e mesmo uma terceira vez. Parecia uma má vontade deliberada, ou uma penitência voluntária, pois nessas ocasiões não eram apenas aquelas poucas perguntas formais, pausas estranhas e depois ir embora, ele na verdade achou necessário voltar e caminhar ao lado dela. Nunca falava muito, nem ela se dava ao trabalho de conversar ou de ouvir demais; mas ocorreu-lhe no terceiro encontro que ele fazia estranhas perguntas desconexas — sobre o prazer dela por estar em Hunsford, sobre o amor que ela tinha pelos passeios solitários e sobre a opinião dela sobre a felicidade do senhor e da senhora Collins; ao mencionar Rosings e comentar que ela não conhecera perfeitamente a casa, ele pareceu achar que sempre que voltasse a Kent ficaria hospedada lá também. Isso parecia implícito nas palavras dele. Estaria pensando no coronel Fitzwilliam? Elizabeth supôs que, se ele pretendia dizer alguma coisa com aquilo, devia aludir ao que poderia vir a acontecer a esse respeito. Isso a perturbou um pouco, e ela ficou muito contente ao se ver junto ao portão da cerca diante do presbitério.

Estava um dia ocupada a caminhar, relendo a última carta de Jane, detendo-se em algumas passagens que provavam que a irmã não escrevera com genuíno entusiasmo, quando, em vez de ser mais uma vez surpreendida pelo senhor Darcy, ela distinguiu ao reparar

melhor que o coronel Fitzwilliam vinha em sua direção. Guardando imediatamente a carta e forçando um sorriso, ela disse:

“Eu não sabia que o senhor também fazia esse caminho.”

“Estou dando a volta no parque”, respondeu ele, “como costume fazer todos os anos, e pretendia terminar com uma visita ao presbitério. Você ainda vai muito longe?”

“Não, eu viro logo mais adiante.”

E, de fato, ela virou, e eles foram caminhando juntos até o presbitério.

“É verdade que vão embora no sábado?”, disse ela.

“Sim — se Darcy não mudar de ideia outra vez. Mas estou por conta dele. Ele decide esses assuntos como preferir.”

“E, se ele não estiver satisfeito com a decisão, tem pelo menos o grande prazer do poder de escolha. Não conheço ninguém que pareça gostar mais do poder de fazer as coisas à sua maneira do que o senhor Darcy.”

“Ele gosta mesmo de fazer tudo a seu próprio modo”, respondeu o coronel Fitzwilliam. “Mas todo mundo é assim. Ele apenas possui mais recursos do que a maioria das outras pessoas para tanto, porque é rico, e a maioria é pobre. Estou sendo muito sincero. Como filho mais novo, você sabe, devo me preparar para o sacrifício e a dependência.”

“Na minha opinião, o caçula de um conde deve conhecer muito pouco dessas duas coisas. Ora, convenhamos, o que já sacrificou ou do que tanto pode depender? Quando a falta de dinheiro o impediu de ir aonde bem entendesse ou de conseguir o que desejava?”

“São questões particulares — e talvez eu não possa mesmo dizer que passei por muitas dificuldades dessa natureza. Mas, em questões de grande monta, posso sofrer pela falta de dinheiro. Caçulas não se casam com quem bem entender.”

“A não ser que gostem de mulheres ricas, e creio que muitas vezes eles gostam.”

“Nossos gastos costumam nos tornar muito dependentes, e não há muitos em minha posição que possam se permitir casar sem pensar no dinheiro.”

“Será”, pensou Elizabeth, “que ele está se referindo a mim?”, e corou ao pensar nisso; porém, recompondo-se, disse em tom espirituoso: “Diga-me, quanto costuma custar o caçula de um conde? A não ser que o primogênito seja muito fraco, vocês não devem sair por mais de cinquenta mil.”

Ele respondeu no mesmo espírito, e o assunto acabou. Para interromper um silêncio que pudesse levá-lo a pensar que se abalara com o ocorrido, logo em seguida ela disse:

“Imagino que seu primo o traga consigo só para ter alguém à disposição. Pergunto-me afinal por que ele não se casa, o que garantiria esse tipo de conveniência para sempre. Mas talvez a irmã por ora lhe baste e, como ela se encontra sob sua tutela exclusiva, ele pode fazer com ela o que bem entender.”

“Não”, disse o coronel Fitzwilliam, “esse privilégio ele compartilha comigo. Temos juntos a guarda da senhorita Darcy.”

“É mesmo? Você também? E que tipo de tutores vocês são? Sua atribuição lhe dá muito trabalho? Jovens damas da idade dela são às vezes um tanto difíceis de lidar, e se ela tiver o mesmo genuíno espírito dos Darcy é provável que seja também muito voluntariosa.”

Enquanto falava, reparou que ele olhava seriamente para ela, e pelo modo como imediatamente perguntou por que achava que a senhorita Darcy lhe daria algum trabalho convenceu-a de que de alguma forma ela chegara bastante perto da verdade. Ela então respondeu diretamente:

“Você não precisa se alarmar. Nunca ouvi nada que a desabonasse; e ousou dizer que seja uma das criaturas mais afáveis do mundo. É também a grande favorita de algumas damas que conheço, senhora Hurst e senhorita Bingley. Creio já ter ouvido você dizer que também as conhece.”

“Conheço-as um pouco. O irmão delas é um homem simpático, com a distinção de um cavalheiro — é um grande amigo de Darcy.”

“Oh! Sim”, disse Elizabeth, rispidamente. — “O senhor Darcy é de uma bondade incomum para com o senhor Bingley, e demonstra um grau prodigioso de cuidados com ele.”

“Cuidados com ele! — Sim, realmente acho que Darcy tenha esses cuidados nos assuntos mais complicados. Uma coisa que ele disse

durante a viagem para cá me fez achar que Bingley deve muito a ele. Mas, a senhorita há de me perdoar, não tenho direito de supor que a pessoa em questão fosse Bingley. É mera conjectura.”

“Como assim?”

“Trata-se de uma circunstância que Darcy, é claro, não desejaria que todos soubessem, porque se a notícia chegasse à família da moça seria algo desagradável.”

“Pode confiar que não comentarei com ninguém.”

“E lembre-se de que não tenho motivos para supor se tratar de Bingley. O que ele me contou foi apenas o seguinte: ele estava satisfeito consigo mesmo por recentemente ter salvado um amigo das inconveniências de um casamento muito imprudente, mas sem mencionar nomes ou qualquer outro detalhe, e eu apenas desconfiei se tratar de Bingley por achar que ele era o tipo de rapaz que se mete em uma encrenca desse tipo, e por saber que eles estiveram juntos durante todo o verão passado.”

“O senhor Darcy lhe disse os motivos de haver interferido no caso?”

“Entendi que havia objeções bastante fortes contra a dama em questão.”

“E de que artifícios ele se valeu para separá-los?”

“Comigo ele não fala de seus ardis”, disse Fitzwilliam sorrindo. “Ele me contou apenas isso que lhe contei.”

Elizabeth não respondeu, e seguiu caminhando, com o coração tomado de indignação. Após observá-la por um instante, Fitzwilliam perguntou por que estava tão pensativa.

“Estou pensando no que você vinha me dizendo”, disse ela. “A conduta do seu primo não combina com a minha intuição. Por que ele haveria de ser o juiz nesse caso?”

“Você está disposta a considerar uma impertinência da parte dele interferir?”

“Não entendo como o senhor Darcy se viu no direito de decidir sobre a propriedade da inclinação de um amigo, ou por que, com base apenas em seu próprio julgamento, ele haveria de determinar e direcionar a melhor maneira de esse amigo ser feliz.” “Contudo”, continuou ela, recompondo-se, “como desconhecemos os detalhes,

não é justo condená-lo. Não se deve supor que tenha exercido tanta influência no caso.”

“Não se trata de uma suposição descabida”, disse Fitzwilliam, “mas diminui a honra do triunfo de meu primo de modo bastante infeliz.”

Isso foi dito jocosamente, mas pareceu a ela um retrato tão perfeito do senhor Darcy que ela não se permitiu responder; e então, mudando abruptamente o rumo da conversa, passaram a amenidades até chegarem ao presbitério. Lá, sozinha em seu próprio quarto, assim que o visitante foi embora, conseguiu pensar sem ser interrompida em tudo o que ouvira. Não era possível que se tratasse de outras duas pessoas senão das que ela conhecia. Não poderia haver no mundo dois homens sobre quem o senhor Darcy tivesse tão ilimitada influência. De que ele estivera envolvido nas medidas tomadas para separar o senhor Bingley de Jane, ela jamais duvidara; mas sempre atribuíra à senhorita Bingley o papel principal no planejamento e na execução dessas medidas. Era sua própria vaidade que o desencaminhava, ele era a causa, seu orgulho e seu capricho eram a causa de tudo o que Jane sofrera, e ainda continuava a sofrer. Ele arruinara temporariamente qualquer esperança de felicidade no coração mais generoso e apaixonado do mundo; e ninguém saberia dizer até quando duraria o mal que havia infligido.

“Havia algumas fortes objeções contra a moça”, foram as palavras do coronel Fitzwilliam, e essas fortes objeções seriam provavelmente o tio dela, que era advogado no interior, e um outro que era comerciante em Londres. “Quanto à própria Jane”, exclamou, “não poderia haver sequer possibilidade de qualquer objeção. Amável e bondosa como ela é! Com toda a sua profunda compreensão das coisas, sua mente privilegiada, seus modos cativantes. Tampouco contra meu pai se poderia contestar qualquer coisa, ainda que lá com suas peculiaridades, um homem de capacidades que nem o senhor Darcy poderia desprezar, e de uma respeitabilidade que provavelmente não conseguiria nunca atingir.” Quando pensou em sua mãe, no entanto, sua segurança hesitou um pouco, mas não conceberia que objeções desse teor tivessem peso substantivo para o senhor Darcy, cujo orgulho, ela estava convencida, sentiria como

ferida muito mais profunda a falta de pompa nas relações do amigo do que sua falta de juízo; e por fim decidiu-se de uma vez que ele devia ter sido governado, em parte, pelo pior tipo de orgulho e, em parte, pelo desejo de guardar o senhor Bingley para sua irmã.

A agitação e as lágrimas ocasionadas pelo assunto deram-lhe uma dor de cabeça; que piorou tanto ao anoitecer que, acrescentada à sua indisposição para rever o senhor Darcy, ela resolveu não ir com o grupo a Rosings, onde tomariam chá. A senhora Collins, vendo que ela realmente não estava bem, não insistiu para que fosse, e na medida do possível evitou que o marido a pressionasse, mas o senhor Collins não conseguiu disfarçar uma apreensão com o eventual desagrado que sentiria Lady Catherine se ela ficasse em casa.

Quando foram todos embora, Elizabeth, como se pretendesse mesmo chegar ao máximo da exasperação com o senhor Darcy, resolveu ocupar-se do exame de todas as cartas que Jane lhe escrevera desde que chegara a Kent. Não continham, em verdade, nenhuma queixa, nem recordavam acontecimentos passados ou traziam qualquer notícia de um sofrimento presente. Mas em todas as cartas, em quase todas as linhas, sentia-se a falta daquela alegria que costumava caracterizar seu estilo e que, oriunda de uma mente serena e em paz consigo mesma, e generosamente disposta em relação a todas as pessoas, praticamente nunca se anuviava. Elizabeth reparou que cada frase continha uma ideia de contrariedade, algo a que não atentara à primeira leitura. A vergonhosa admissão do senhor Darcy da infelicidade que fora capaz de infligir dera-lhe uma ideia mais precisa dos sofrimentos da irmã. Serviu-lhe de consolo pensar que a estada dele em Rosings terminaria dali a dois dias e, alívio ainda maior, que em menos de duas semanas ela própria estaria de novo ao lado de Jane, contribuindo para a recuperação de seu ânimo, com tudo o que o afeto é capaz de propiciar.

Ela não conseguia pensar em Darcy partindo de Kent sem lembrar que o primo dele também partiria; mas o coronel Fitzwilliam havia deixado claro que não tinha nenhuma intenção nesse sentido e, simpático como era, ela não quis ficar infeliz por causa dele.

Enquanto chegava a esse ponto, ela foi subitamente despertada pelo toque da campainha da porta, e sentiu uma pequena palpitação ao pensar que podia ser o próprio coronel Fitzwilliam, que já aparecera uma vez tarde da noite, e podia ser que viesse agora para saber como ela estava. Mas tal ideia foi logo banida, e seu humor se

viu abalado de outra forma quando, para seu absoluto espanto, viu o senhor Darcy entrar na sala. De modo apressado, ele imediatamente começou a perguntar sobre sua saúde, atribuindo a visita ao desejo de querer saber se ela se sentia melhor. Elizabeth respondeu com fria formalidade. Ele sentou-se por alguns instantes, e então se levantou e ficou caminhando pela sala. Ela viu-se surpresa, mas não disse uma palavra. Após vários minutos de silêncio, o senhor Darcy veio em direção a ela todo agitado, e começou assim:

“Em vão tentei lutar contra isso. Mas de nada adiantou. Não posso reprimir meus sentimentos. Permita que eu lhe diga como são ardentes o meu amor e a minha admiração por você.”

A perplexidade de Elizabeth foi além de qualquer expressão. Arregalou os olhos, corou, duvidou e ficou calada. Para ele, foi estímulo suficiente, e a declaração de tudo o que sentia, havia muito tempo, por ela, veio imediatamente em seguida. Ele falou bem, mas havia sentimentos alheios aos do coração a serem detalhados, e ele não era tão eloquente no campo da ternura quanto no do orgulho. A noção que tinha da inferioridade dela — de que ele estava se rebaixando — dos obstáculos familiares que o juízo sempre opusera à inclinação, foram abordados com um ardor que parecia consequência do fato de que se sentia ferido, mas que pouco reforçava sua proposta.

Apesar de seu desgosto profundamente arraigado, ela não pôde ficar insensível à lisonja que representava a afeição daquele homem e, embora suas intenções não tenham variado um instante sequer, a princípio sentiu pena da dor que lhe causaria; até que, levada ao ressentimento pela linguagem que ele empregou em seguida, Elizabeth perdeu toda a compaixão, ficou furiosa. Tentou, contudo, controlar-se para responder com paciência, assim que ele terminasse. Ele concluiu mostrando a força daquele sentimento que, apesar de todas as tentativas, descobrira ser impossível dominar; e expressando sua esperança de que agora seria recompensado pela aceitação de seu pedido. Assim que disse isso, ela pôde ver claramente que ele não tinha nenhuma dúvida quanto à resposta favorável. Ele falara com apreensão e angústia, mas sua aparência expressava a mais genuína segurança. Tal circunstância só fez deixá-

la ainda mais exasperada e, quando ele terminou, o rubor tomou suas faces e ela disse:

“Em casos assim, o costume estabelecido, creio, é expressar um agradecimento pelos sentimentos declarados, mesmo que não sejam recíprocos. Esse agradecimento é natural e, se sentisse gratidão, eu agora agradeceria. Mas não sinto — nunca desejei que tivesse boa opinião a meu respeito, e é seguramente muito a contragosto que o senhor concede a que tem de mim. Sinto muito se infligi alguma dor. Foi algo inteiramente inconsciente, no entanto, e espero que essa dor não perdure. Os sentimentos que, segundo me diz, durante muito tempo o impediram de admitir a sua consideração por mim não terão dificuldade em superá-la após esta explicação.”

O senhor Darcy, que estava apoiado no aparador da lareira com os olhos fixos no rosto dela, pareceu captar suas palavras com ressentimento e surpresa. Ficou pálido de raiva, e a agitação mental era visível em cada traço de seu rosto. Esforçava-se para manter a aparência serena, e não abria mais a boca até acreditar-se recuperado. Para Elizabeth, essa pausa foi terrível. Só aos poucos, com uma voz de calma forçada, ele disse:

“E essa é a única resposta pela qual terei a honra de esperar! Talvez eu desejasse saber por que, se não for abusar da sua cortesia, fui assim rejeitado. Mas isso não tem tanta importância.”

“Eu também poderia desejar saber”, respondeu ela, “por que com tão evidente intuito de me ofender e insultar preferiu contar que gostava de mim contra sua vontade, contra seu juízo, e mesmo contrariando seu próprio caráter? Não seria razão suficiente para alguma falta de cortesia da minha parte, se é que lhe faltei com a educação? Mas tenho ainda outros motivos. Sabe que eu tenho. Ainda que meus sentimentos já não estivessem de antemão decididos contra você, se fossem meramente indiferentes, ou ainda que tivessem sido favoráveis, acha que alguma consideração me tentaria a aceitar o homem que foi o instrumento da ruína, talvez eterna, da felicidade da minha tão amada irmã?”

Quando ela pronunciou tais palavras, o senhor Darcy mudou de cor; mas a emoção foi breve, e ele escutou sem tentar interrompê-la.

“Tenho todos os motivos do mundo para pensar mal de você. Não há nada que justifique o papel injusto e mesquinho que desempenhou. Você não teria coragem, não pode negar ter sido o principal, senão o único, instrumento da separação deles dois, da exposição de um à censura do mundo por capricho e instabilidade, e da outra ao ridículo pelas esperanças frustradas, além de impor aos dois uma angústia do pior tipo.”

Ela fez uma pausa e notou com evidente indignação que ele escutava como quem não se abalava minimamente por qualquer sentimento de remorso. Chegava a olhar para ela com um sorriso de afetada incredulidade.

“Vai negar o que fez?”, ela repetiu.

Com fingida tranquilidade ele então respondeu: “Não tenho intenção de negar que fiz tudo o que estava ao meu alcance para separar o meu amigo da sua irmã, nem de que fiquei contente por haver conseguido. Pensei antes nele do que em mim.”

Elizabeth não quis aparentar haver reparado nessa observação, mas seu significado não lhe escapou, nem era provável que a satisfizesse.

“Mas não se trata apenas desse caso”, ela continuou, “meu desgosto não se baseia apenas nisso. Muito antes do ocorrido, minha opinião sobre você já estava formada. Seu caráter se revelou no relato que ouvi do senhor Wickham meses atrás. E sobre isso, o que teria a dizer? A que ato imaginário de amizade recorreria para se defender? Ou que distorção pode aqui impor aos outros?”

“Você demonstra um interesse ávido pelos assuntos desse cavalheiro”, disse Darcy em tom menos tranquilo, e com um timbre mais intenso.

“Quem sabe dos infortúnios que ele passou inevitavelmente acaba se interessando por ele.”

“Os infortúnios que ele passou!”, repetiu Darcy com desdém; “sim, claro, ele passou por muitos infortúnios.”

“E pelo senhor infligidos”, exclamou Elizabeth de forma enérgica. “Você o reduziu ao atual estado de pobreza em que se encontra, essa pobreza relativa. Tirou os privilégios dele, que bem sabia estarem destinados a ele. Você o privou dos melhores anos da vida,

de uma independência que não era só devida a ele, como merecida. Foi o senhor quem fez tudo isso! E ainda assim reage à menção de tais infortúnios com desdém e escárnio.”

“Então esta”, exclamou Darcy, saindo a passos rápidos da sala, “é a sua opinião sobre mim! Esta é a estima que tem por mim! Obrigado por explicar com tanta precisão. Minhas falhas, segundo esse cálculo, são de fato graves! Mas talvez”, acrescentou ele, detendo-se a meio caminho, e virando-se para ela, “tais ofensas pudessem ter sido relevadas, não tivesse sido o seu orgulho ferido pela minha honesta confissão dos escrúpulos que evitaram há tempos qualquer decisão séria da minha parte. Tais acusações amargas talvez tivessem sido suprimidas se eu tivesse disfarçado com mais cuidado meu conflito — e a levasse galantemente a acreditar que eu estivesse sendo impelido por uma inclinação descabida e ingênua — com a razão, com a reflexão, com tudo. Mas tenho aversão a toda sorte de disfarces. Nem tenho vergonha dos sentimentos que lhe confessei. São naturais e justos. Esperava que eu me alegrasse com a inferioridade da sua família? Que eu me felicitasse pela perspectiva de me relacionar com pessoas cuja posição na vida é tão decididamente abaixo da minha?”

Elizabeth sentiu sua raiva crescer a cada instante; contudo, tentou ao máximo manter a compostura ao dizer:

“Está enganado, senhor Darcy, ao supor que o modo da sua confissão me afetou de alguma forma além de me haver poupado da preocupação que eu poderia sentir por rejeitá-lo se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco.”

Ela notou que ele não contava com isso, mas ficou calado, e continuou:

“Eu não me sentiria tentada a aceitar sua proposta mesmo que o senhor a fizesse de qualquer outra maneira.”

Mais uma vez, ele estava obviamente perplexo; e olhou para ela com uma expressão mesclada de incredulidade e mortificação. Ela prosseguiu:

“Desde o início, posso dizer que desde o primeiro instante, quando o conheci, fui levada à mais plena convicção da sua arrogância; sua presunção e seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros

formaram a base da minha reprovação, sobre a qual os acontecimentos sucessivos construíram uma inabalável antipatia; e menos de um mês depois de havê-lo conhecido eu já achava que seria o último homem do mundo com quem aceitaria me casar.”

“Já chega, madame. Entendo perfeitamente seus sentimentos, e só me resta agora me envergonhar dos meus. Perdoe-me por haver tomado tanto do seu tempo, e aceite meus melhores votos de saúde e felicidade.”

E com essas palavras ele rapidamente deixou a sala, e Elizabeth ouviu quando em seguida abriu a porta da frente e saiu da casa.

O tumulto em sua cabeça era dolorosamente grande. Não conseguiu se manter de pé, e de pura fraqueza sentou e chorou por meia hora. Sua perplexidade ao refletir sobre o que acontecera aumentava a cada vez que revia os fatos. Uma proposta de casamento do senhor Darcy! Ele, apaixonado por ela havia tantos meses! Tão apaixonado a ponto de querer se casar com ela apesar de todas as objeções que o levaram a impedir o amigo a se casar com a irmã dela, e que viriam a aparecer pelo menos com a mesma força no caso dele, era quase inacreditável! Era gratificante haver inspirado mesmo sem intenção um sentimento tão forte. Mas o orgulho dele, seu abominável orgulho, a vergonhosa confissão do que fizera com respeito a Jane, a imperdoável segurança com que o admitira, embora não pudesse justificá-lo, e o modo insensível como se referiu ao senhor Wickham, sem negar sua crueldade para com ele, logo suplantaram a pena que a consideração por seu afeto momentaneamente suscitara.

Ela permaneceu nessas agitadíssimas reflexões até que o rumor da carruagem de Lady Catherine lembrou-a de que não queria que Charlotte a visse assim e a conduziu às pressas para o quarto.

Elizabeth acordou na manhã seguinte com os mesmos pensamentos e reflexões com que aos poucos havia fechado os olhos na noite anterior. Não conseguia se recuperar ainda da surpresa do que havia ocorrido; era impossível pensar em qualquer outra coisa e, totalmente indisposta para qualquer atividade com o grupo, ela resolveu, logo após o desjejum, tomar ar e fazer um pouco de exercício. Ia em direção a seu passeio favorito quando a lembrança do fato de que o senhor Darcy também às vezes aparecia por ali a deteve e, em vez de entrar no parque, ela tomou a alameda, que a levou para longe da barreira da estrada. A cerca do parque ainda era o limite de um dos lados, e logo ela entrou por um dos portões da propriedade.

Havendo caminhado por aquela parte da alameda duas ou três vezes antes, sentiu-se tentada, pela manhã tão aprazível, a parar junto ao portão e olhar o parque. Nas cinco semanas que então completava em Kent o campo havia passado por grandes mudanças, e a cada dia aumentava o verdor das primeiras árvores. Ela estava a ponto de retomar sua caminhada quando viu de relance um cavalheiro naquela espécie de arvoredos que bordejava o parque; ele vinha em sua direção; temendo se tratar do senhor Darcy, recuou ostensivamente. Mas a pessoa que vinha estava agora perto o bastante para vê-la, e avançando às pressas pronunciou o nome dela. Ela se virara de costas para ele, mas ao ouvir chamar seu nome, embora fosse uma voz que se comprovou ser do senhor Darcy, ela tornou a se virar para o portão. A essa altura ele também chegara ali e, estendendo uma carta, que instintivamente ela pegou, disse com expressão de altiva compostura:

“Estou andando há algum tempo por esses bosques na esperança de encontrá-la. Você me daria a honra de ler essa carta?” — E então, com uma ligeira mesura, embrenhou-se campo afora e logo desapareceu.

Sem nenhuma expectativa de satisfação, mas com a mais intensa curiosidade, Elizabeth abriu a carta, e para seu espanto cada vez maior encontrou no envelope duas folhas de papel de carta, bastante cheias de uma caligrafia miúda. — O próprio envelope estava cheio. — Seguindo seu caminho pela alameda, ela então começou a ler. Vinha datada de Rosings, às oito horas da manhã, e dizia o seguinte:

“Não se preocupe, senhora, ao receber esta carta, com apreensões de que possa conter qualquer repetição daqueles sentimentos ou a renovação das mesmas propostas que tanto a repugnaram na noite passada. Escrevo sem nenhuma intenção de incomodá-la ou de me humilhar, insistindo em desejos que, para a felicidade de ambos, tão cedo não serão esquecidos; os esforços que a redação e a leitura desta carta devem ocasionar deveriam ter sido evitados, não fosse uma exigência do meu caráter de que tudo seja escrito e lido. Você deve, portanto, perdoar a liberdade que tomo ao pedir sua atenção; seus sentimentos, bem o sei, haverão de ser contrariados, mas apelo aqui ao seu senso de justiça.

“Duas ofensas de naturezas muito distintas, e de modo algum de igual magnitude, você atribuiu a mim na noite passada. A primeira foi que, ignorando os sentimentos de ambas as partes, eu havia separado o senhor Bingley de sua irmã — e a outra, que eu havia, desafiando diversas alegações em contrário, desafiando a honra e a humanidade, arruinado a prosperidade imediata e destruído as perspectivas futuras do senhor Wickham. — Deliberada e libertinamente relegar meu companheiro de juventude, reconhecido favorito de meu pai, um rapaz que na prática dependia da nossa proteção e que fora criado de modo a contar efetivamente com isso, seria uma depravação com a qual a separação de dois jovens cujo afeto era fruto de apenas poucas semanas não se pode comparar. Mas da severidade das acusações da noite passada, proferidas de modo tão expansivo, com respeito a cada uma das circunstâncias, espero no futuro estar garantido depois da leitura do relato que se

segue das minhas atitudes e motivos. Se, na explicação daqueles que cabem a mim explicar, eu me vir na necessidade de relatar sentimentos que venham a ser ofensivos aos seus, só posso dizer que lamento. — Tal necessidade deve ser obedecida — e recorrer a mais desculpas seria absurdo. — Não fazia muito tempo de minha chegada a Hertfordshire quando percebi, assim como outras pessoas, que Bingley gostava da sua irmã mais do que de qualquer outra moça na província. — Mas até a noite do baile em Netherfield eu não sentia nenhuma apreensão quanto à seriedade dos sentimentos dele. — Eu já o vira apaixonado antes. — Naquele baile, enquanto tinha a honra de dançar com você, fiquei sabendo pela primeira vez, por uma informação casualmente obtida de Sir William Lucas, que as atenções de Bingley para com sua irmã haviam dado ensejo a uma expectativa geral quanto ao casamento dos dois. Ele falou do assunto como algo que certamente aconteceria, faltando apenas decidir a data. A partir de então passei a observar com atenção o comportamento do meu amigo; e pude perceber que seu interesse pela senhorita Bennet ia além de tudo o que eu já testemunhara da parte dele. Observei também sua irmã. — Seu olhar e seus modos eram francos, continuavam alegres e cativantes, mas sem nenhum sintoma de um interesse em particular, e pelo que notei naquela noite saí convencido de que, embora recebesse a atenção dele com prazer, ela não as estimulava com nenhuma intervenção sentimental. — Se quanto a isso você não tem nenhuma dúvida, o erro deve ser meu. Seu maior conhecimento da própria irmã sugere que seja este último o caso mais provável. — Caso seja, se fui levado a me enganar e a infligir alguma dor a ela, seu ressentimento não foi despropositado. Mas não terei escrúpulos em afirmar que a serenidade da expressão e dos ares de sua irmã era tal que dava ao mais agudo observador a convicção de que, por mais que seu gênio fosse amável, seu coração não era fácil de tocar. — Que eu desejava acreditar na indiferença dela é um fato certo — mas ousar dizer que minhas investigações e decisões não são geralmente influenciadas por meus medos e esperanças. — Não concluí que ela era indiferente por mera vontade minha; — passei a acreditar nisso mediante uma convicção imparcial, tão sincera quanto

eu desejava racionalmente que fosse. — Minhas objeções ao casamento não foram apenas essas, que na noite passada admiti haverem no meu próprio caso exigido a maior força da paixão para colocar de lado; a pouca importância da família não seria um mal tão grande para meu amigo quanto para mim. — Mas essas eram outras causas de repugnância; — causas que, embora ainda existentes, e existindo no mesmo grau em ambos os casos, eu me dispusera a esquecer, pois não se colocavam de forma imediata diante de mim. — Tais causas precisam ser declaradas, ainda que de maneira sucinta. — A situação da família de sua mãe, embora censurável, nada seria se comparada à total falta de educação quase sempre revelada por ela mesma, por suas três irmãs mais novas e eventualmente até mesmo por seu pai. — Perdoe-me. — Não é fácil para mim ofendê-la. Mas, entre suas preocupações com os defeitos de seus parentes mais próximos, e o desprazer desta representação que faço deles, que lhe sirva de consolo considerar que se portar de modo a evitar qualquer censura é um elogio constantemente feito a você e sua irmã mais velha, o que é honroso para o juízo e a disposição de ambas. — Direi apenas mais o seguinte, que o que se passou naquela noite confirmou minha opinião sobre ambas as partes, e acentuou todas as indicações que já me haviam levado a proteger meu amigo do que calculo que seria uma aliança muito infeliz. — Ele partiu de Netherfield para Londres no dia seguinte, como, tenho certeza, há de se lembrar, com o desejo de retornar em breve. — Meu papel deve portanto aqui ser explicado. — A inquietação das irmãs dele viria a se somar à minha; a coincidência de sentimentos logo foi descoberta; e, igualmente cientes de que não se podia perder tempo para afastar seu irmão dali, resolvemos às pressas nos juntar a ele em Londres. — Fomos portanto juntos — e lá de fato me ocupei da tarefa de mostrar ao meu amigo certos males de tal escolha. — Passei seriamente a descrevê-los e reforçá-los. — Porém, embora esses protestos possam ter abalado ou postergado a determinação dele, não creio que teriam afinal impedido o casamento, não fossem apoiados pela garantia que não hesitei em lhe dar da indiferença de sua irmã. Até então ele acreditava que ela correspondia ao seu afeto com sincero, ou

mesmo igual, interesse. — Mas Bingley é naturalmente muito modesto, e confia mais no meu juízo do que no dele. — Convencê-lo, portanto, de que havia se iludido não foi difícil. Para persuadi-lo a não voltar mais a Hertfordshire, uma vez despertada aquela convicção, não foi preciso muito. — Não me culpo pelo que fiz até então. Existe apenas uma parte da minha conduta em toda a situação que não me satisfaz refletir; é que concordei em adotar alguns artifícios para esconder dele que sua irmã estava na cidade. Eu mesmo sabia, assim como sabia a senhorita Bingley, mas seu irmão ignora o fato até hoje. — É provável que talvez eles pudessem se encontrar sem consequências indesejáveis; — mas o interesse dele não me parecia arrefecido o suficiente a ponto de poder vê-la sem algum risco. — Talvez essa omissão, esse disfarce, tenha sido algo indigno da minha parte. — No entanto, está feito, e com a melhor das intenções. — Sobre este assunto, nada mais tenho a dizer, nem mais do que me desculpar. Se magoei os sentimentos de sua irmã, foi sem que o soubesse; e, embora os motivos que me guiaram possam naturalmente lhe parecer insuficientes, não consigo ainda condená-los. — Com respeito à outra acusação, mais pesada, de haver prejudicado o senhor Wickham, só poderei refutá-la expondo toda a história da relação dele com minha família. Do que ele me acusou particularmente, não sei; mas da verdade do que vou contar tenho mais de uma testemunha de inatacável retidão. O senhor Wickham é filho de um homem muito respeitável, que durante muitos anos foi administrador das propriedades de Pemberley; e cuja boa conduta no desempenho de suas atribuições naturalmente fez com que meu pai quisesse ajudar a ele e George Wickham, que era seu afilhado; sua generosidade foi portanto estendida sem restrições. Meu pai sustentou-o na escola, e depois em Cambridge; — auxílio fundamental, pois seu próprio pai, sempre pobre em virtude das extravagâncias da esposa, teria sido incapaz de lhe dar a formação de um cavalheiro. Meu pai não só gostava da companhia desse rapaz, cujos modos sempre foram cativantes; tinha-o ainda na mais alta conta e, esperando que a igreja fosse sua vocação, pretendia prover o seu ingresso. Quanto a mim, já fazia muitos e muitos anos que pensava de modo muito diferente a seu respeito. A

propensão ao vício — a falta de princípios que ocultava cuidadosamente do conhecimento de seu melhor amigo — não poderia passar despercebida aos olhos de um rapaz quase da mesma idade e que tivera oportunidade de vê-lo em momentos mais desguarnecidos, dos quais o senhor Darcy não poderia saber. Aqui sinto novamente incomodá-la — o quanto, só você mesma saberá dizer. Mas, quaisquer que tenham sido os sentimentos despertados pelo senhor Wickham, minha desconfiança quanto à sua natureza não me impedirá de revelar seu verdadeiro caráter. Isso é ainda mais um motivo. Meu excelente pai morreu há cerca de cinco anos; a relação dele com o senhor Wickham foi constante até o fim, e em seu testamento ele recomendou particularmente a mim que auxiliasse em seu desenvolvimento da melhor maneira que a vocação dele pudesse permitir e, se ele se ordenasse, desejou que a renda de uma considerável propriedade da família ficasse para ele assim que estivesse disponível. Legou-lhe ainda uma renda de mil libras. O próprio pai dele não sobreviveu muito ao meu, e seis meses depois desses acontecimentos o senhor Wickham me escreveu informando que, havendo finalmente decidido não se ordenar, esperava que eu não considerasse descabida sua expectativa de receber vantagens pecuniárias mais imediatas, em lugar do posto, do qual não poderia se beneficiar. Tinha intenção, acrescentava, de estudar direito, e que eu devia saber que portanto essas mil libras lhe seriam insuficientes. Quem dera fosse verdade, mas não acreditei que fosse sincero; de todo modo, estava perfeitamente disposto a concordar com sua proposta. Eu sabia que o senhor Wickham não devia se ordenar. O negócio então foi feito. Ele abdicou de qualquer assistência da igreja, ainda que viesse a estar em situação de receber alguma, e aceitou em troca disso três mil libras. Nossa relação então me pareceu encerrada. Passei a tê-lo em péssima conta para convidá-lo a vir a Pemberley ou admitir sua companhia na cidade. Ali creio que na maior parte do tempo ele vivia, mas o estudo do direito era mero pretexto e, vendo-se então livre de qualquer impedimento, passou a desfrutar uma vida de ócio e dissipação. Por cerca de três anos pouco soube dele; mas, com o falecimento daquele que ocupava o posto a ele destinado, o senhor Wickham voltou a me procurar por

carta. Encontrava-se, garantiu-me e não tive dificuldade em acreditar, em péssima situação. Achava o estudo do direito deveras infrutífero, e estava agora absolutamente decidido a entrar para o clero, caso eu lhe oferecesse o posto em questão — oferta sobre a qual ele achava que não haveria nenhuma dúvida, assim como estava seguro de que eu não teria outra pessoa a quem ajudar e de que não poderia ter esquecido as intenções do meu reverenciado pai. Dificilmente você me culparia por haver recusado concordar com tais solicitações, ou por haver resistido a cada vez que se repetiram. O ressentimento foi proporcional ao apuro de sua situação — e ele foi sem dúvida tão agressivo ao falar abusivamente de mim aos outros quanto em suas respostas diretas a mim. Depois desse período, abandonadas as aparências, tornamo-nos dois estranhos. Não sei do que ele viveu. Mas no verão passado lamentavelmente voltei a ter notícias dele. Devo agora mencionar uma circunstância que eu mesmo bem gostaria de esquecer, e que só uma obrigação como esta agora me levaria a revelar a qualquer pessoa. Dito isso, não tenho dúvidas quanto à sua descrição. Minha irmã, que é mais de dez anos mais nova que eu, foi deixada sob minha guarda e do sobrinho de minha mãe, o coronel Fitzwilliam. Há cerca de um ano, ela foi tirada da escola para ser educada em Londres; no verão passado foi com a senhora encarregada de sua formação até Ramsgate;¹ assim como o senhor Wickham, sem dúvida que não por acaso; pois sabia-se de um envolvimento anterior dele com essa senhora Younge, sobre cujo caráter infelizmente nos enganamos; e, com conivência e apoio dela, ele veio a se declarar a Georgiana, cujo coração sentimental guardava ainda a forte impressão da bondade que ele lhe dedicara na infância, a ponto de minha irmã acreditar-se apaixonada por ele e consentir em ser raptada. Tinha ela então apenas quinze anos, o que a isenta de culpa; e, após admitir sua imprudência, sinto-me feliz em acrescentar, ela mesma me pôs a par do plano. Juntei-me a eles inesperadamente um ou dois dias antes da premeditada fuga, e então Georgiana, incapaz de suportar a ideia de magoar e ofender um irmão que sempre considerou um pai, confessou tudo. Você pode imaginar como me senti e como reagi. A consideração pela imagem e pelos sentimentos de minha irmã evitou

qualquer exposição pública, mas escrevi ao senhor Wickham, que partiu de Ramsgate imediatamente, e a senhora Younge viu-se evidentemente dispensada. O principal objetivo do senhor Wickham era sem sombra de dúvidas o dinheiro de minha irmã, cuja renda é de trinta mil libras; mas não posso deixar de supor que a esperança de se vingar de mim fosse um forte estímulo. Tal vingança teria sido de fato completa. Essa, senhora, é a fiel narrativa de cada um dos acontecimentos que nos envolveram, e se não a rejeitar como absolutamente falsa há de, espero, absolver-me doravante da acusação de crueldade para com o senhor Wickham. Ignoro de que forma, sob que espécie de falsidade ele se impôs a você; mas o sucesso dele talvez não seja de estranhar, já que você até então ignorava todas essas coisas. Desmascará-lo não estava ao seu alcance, tampouco desconfiar seria sua inclinação. Você talvez possa se perguntar por que não lhe disse tudo isso ontem à noite. Mas ontem eu não estava em plena posse das minhas faculdades para saber o que podia ou não revelar. Para atestar a verdade disto que deixo aqui relatado, recorro especialmente ao testemunho do coronel Fitzwilliam, que graças a nossa proximidade de parentesco e constante intimidade e, mais do que isso, alguém que, como um dos executores do testamento de meu pai, inevitavelmente sabe de cada detalhe dessas transações. Se a ojeriza que você sente por mim pode vir a tornar minhas declarações inócuas, você não poderá refutá-las pelo mesmo motivo em se tratando de meu primo; e, até que haja ocasião de consultá-lo, tentarei encontrar uma oportunidade de colocar esta carta em suas mãos ao longo da manhã. Acrescento apenas: Deus a abençoe.

“Fitzwilliam Darcy.”

Se Elizabeth, quando Darcy lhe entregou a carta, não esperava que contivesse uma renovação de sua proposta, tampouco tinha qualquer expectativa sobre seu conteúdo. Mas, diante do que encontrou ali, pode-se muito bem imaginar com que avidez ela leu tudo e as emoções contraditórias que aquilo despertou. Seus sentimentos enquanto lia mal podiam ser definidos. Com espanto, ela entendeu pela primeira vez que ele achava que haveria desculpas para o que fizera; e prontamente se convenceu de que não podia haver explicação a dar que certa dose de pudor não faria esconder. Com forte preconceito contra tudo o que ele pudesse dizer, começou a ler o relato que ele fizera dos acontecimentos em Netherfield. Leu com uma avidez que mal lhe permitia exercer seu poder de compreensão e, impaciente para saber o que trazia a próxima frase, mal conseguia esperar pelo fim da que tinha diante dos olhos. Que ele acreditasse na indiferença da irmã dela, Elizabeth instantaneamente considerou mentira, e com o relato das reais e piores objeções ao casamento dos dois ela ficou irritada demais para desejar lhe fazer a menor justiça. Ele não expressava nenhum remorso satisfatório pelo que fizera; seu estilo não era penitente, mas altivo. Tudo era orgulho e insolência.

Mas, quando esse assunto deu lugar ao relato do caso do senhor Wickham, quando ela viu, de forma um tanto mais clara, a conexão entre os acontecimentos, que se fosse verdadeira derrubaria toda boa opinião sobre seu valor e que guardava preocupante afinidade com a própria história que ele contara de si mesmo, os sentimentos dela sofreram mais agudamente, tornando-se ainda mais difíceis de definir. Espanto, apreensão e até mesmo horror passaram a oprimi-la. Desejou desacreditá-lo inteiramente, exclamando várias vezes:

“Isso só pode ser mentira! Não pode ser! Deve ser a mais grosseira falsidade!” — e depois de haver lido a carta inteira, ainda que sem reter nada das duas últimas páginas, afastou-a de si bruscamente, recusando-se a olhar para ela, jurando jamais vê-la de novo.

Nesse estado mental perturbado, com pensamentos que não se detinham em coisa alguma, ela se pôs a caminhar; mas não adiantou; em trinta segundos a carta foi novamente desdobrada e, recompondo-se o melhor que podia, ela voltou à leitura mortificante de tudo o que se relacionava a Wickham, e obrigou-se a examinar o significado de cada frase. A história de sua relação com a família de Pemberley era exatamente igual à que ele próprio já havia contado; e a generosidade do falecido senhor Darcy, embora ela antes não soubesse até que ponto chegara, também correspondia às palavras dele. Até esse ponto um relato confirmava o outro: mas, ao chegar ao testamento, a diferença era imensa. O que Wickham dissera sobre o posto a ele destinado ainda estava fresco em sua lembrança, e quando ela recordou suas exatas palavras foi impossível não sentir que havia uma crassa duplicidade de um lado ou de outro; e, por alguns instantes, confiou que seus desejos não a induziram a engano. Mas, quando leu e releu com atenção mais cerrada os detalhes imediatamente subsequentes à abdicação de Wickham de todas as pretensões ao posto destinado a ele e do recebimento, em vez do cargo, da considerável quantia de três mil libras, mais uma vez ela se viu obrigada a hesitar. Baixou a carta, ponderou cada circunstância com o que considerou ser imparcialidade — estimou a probabilidade de cada declaração — sem muito sucesso. De ambos os lados, eram meras assertivas. Leu novamente. Cada linha provava mais claramente que o caso, que ela acreditara impossível de se tratar de alguma maquinação de modo a tornar a conduta do senhor Darcy menos infame, era passível de sofrer uma guinada que o inocentaria por completo ao fim e ao cabo.

A extravagância e a dissipação que ele não receava atribuir ao senhor Wickham deixaram-na extremamente chocada; ainda mais por ela não ter provas de se tratar de uma injustiça. Elizabeth nunca ouvira falar dele antes de sua entrada na milícia do condado, na qual se engajara convencido por um rapaz que, encontrando-o por acaso

na cidade, retomara com ele um contato superficial. Sobre sua vida pregressa, nada se sabia em Hertfordshire senão o que ele próprio havia contado. Quanto a seu verdadeiro caráter, se existia alguma informação a que ela poderia ter tido acesso, jamais sentira o desejo de investigar. Para ela, o semblante, a voz e os modos dele haviam-no estabelecido de uma vez na posse de todas as virtudes. Ela tentou se lembrar de algum exemplo de bondade, algum traço distinto de integridade ou benevolência da parte dele, que o pusessem a salvo dos ataques do senhor Darcy; ou que, pelo menos, pela predominância da virtude, reparassem aqueles erros casuais, como ela tentaria classificar o que o senhor Darcy descrevera como ociosidade e vício contínuos ao longo de muitos anos. Mas nenhuma lembrança desse tipo lhe veio em socorro. Ela conseguia vê-lo instantaneamente diante de si, com todo seu encanto e educação; mas não conseguia se lembrar de nenhum bem substancial senão a aprovação geral da vizinhança e o interesse que seu poder social lhe granjeara na missa. Depois de uma pausa considerável nesse ponto, ela retomou a leitura. Porém, infelizmente, a história que se seguia a respeito das intenções dele para com a senhorita Darcy havia sido corroborada pelo que se passara entre o coronel Fitzwilliam e ela mesma na manhã anterior; e por fim ela soubera da verdade em todos os detalhes do próprio coronel Fitzwilliam — de quem recebera anteriormente a informação de sua íntima preocupação em todos os assuntos referentes à prima dele e de cujo caráter ela não tinha motivos para questionar. A certa altura ela quase foi procurá-lo, mas a ideia foi adiada pela estranheza da situação, e por fim inteiramente abandonada pela convicção de que o senhor Darcy jamais teria arriscado tal proposta se não estivesse bem seguro da confirmação do primo.

Ela se lembrava perfeitamente de tudo o que se passara durante sua conversa com o senhor Wickham na primeira noite, na casa do senhor Philips. Muitas das expressões dele ainda estavam frescas em sua lembrança. Agora ela se dava conta da impropriedade das confissões feitas por ele a uma desconhecida, e ficou intrigada com esse fato lhe haver passado despercebido antes. Reparou na indelicadeza com que ele se impôs, e com a inconsistência entre

suas declarações e sua conduta. Lembrou-se de que ele se gabara de não temer encontrar o senhor Darcy — que o senhor Darcy podia ir embora da província, mas ele continuaria ali; e no entanto não fora ao baile em Netherfield logo na semana seguinte. Lembrou-se também de que até a partida da família de Netherfield ele só havia contado sua história para ela; mas, depois que todos partiram, a história passou a ser comentada em toda parte; pois que ele então abandonara toda discrição e escrúpulo em atacar o caráter do senhor Darcy, embora tivesse garantido a ela que seu respeito pelo falecido pai o impediria de expor o filho.

Como tudo o que dizia respeito a ele então lhe pareceu diferente! Suas atenções para com a senhorita King eram então consequência de intuits estritos e odiosamente mercenários; e a mediocridade de seu dote já não era prova da moderação dos desejos dele, mas de sua avidez por abocanhar qualquer coisa. O comportamento dele com ela mesma não podia agora se justificar por nenhum motivo tolerável; ou ele se enganara a respeito de seu dinheiro, ou estivera alimentando sua própria vaidade ao encorajar o interesse que ela acreditara demonstrar do modo mais incauto. Os mínimos empenhos a favor dele passaram a esvanecer cada vez mais dentro dela; e, a justificar ainda vez mais o senhor Darcy, ela não podia deixar de lembrar que o senhor Bingley, quando indagado por Jane, havia tempos afirmara a isenção do amigo no caso; por mais orgulhosos e repulsivos que fossem seus modos, ela jamais presenciara, desde que o conheceu, e agora que sua relação ultimamente vinha se tornando mais frequente, franqueando-lhe uma espécie de intimidade com ele, nada que traísse qualquer imoralidade ou injustiça da parte dele — nada que revelasse costumes irreligiosos ou imorais. Que fosse estimado e respeitado por seus parentes — que até Wickham admitisse seu mérito como irmão, e que ela mesma já o tivesse ouvido diversas vezes falar afetuosamente da irmã de modo a comprovar que era capaz de algum sentimento afável. Que sua atitude tivesse sido conforme Wickham representara, tamanha violação de tudo o que é correto, dificilmente poderia ter sido ocultado do mundo; e que existisse a amizade entre uma pessoa

capaz de tal coisa e um homem tão amável como o senhor Bingley era algo incompreensível.

Sentiu-se absolutamente envergonhada de si mesma. — Não conseguia pensar mais em Darcy ou em Wickham sem se sentir cega, tendenciosa, preconceituosa, absurda.

“Como pude ser tão desprezível!”, ela exclamou. — “Justo eu, que sempre me orgulhei do meu discernimento! — Eu que me gabei das minhas capacidades! Que tantas vezes desdenhei da ingenuidade generosa de minha irmã e exaltei minha vaidade com uma desconfiança inútil e imperdoável. — Que descoberta humilhante! — E, no entanto, como mereço essa humilhação! — Nem que estivesse apaixonada poderia ter sido tão miseravelmente cega. Mas minha loucura foi a vaidade, não o amor. — Satisfeita com o interesse de um, e ofendida com a indiferença do outro logo quando nos conhecemos, eu mesma cortejei, conforme o caso, a predisposição e a ignorância, e mandei embora a razão. Só agora me conheço.”

De si mesma para Jane — de Jane para Bingley, seus pensamentos tomaram um rumo que logo lhe trouxe à lembrança o fato de que a explicação do senhor Darcy lhe parecera insuficiente; e ela tornou a lê-la. O efeito da segunda leitura foi amplamente distinto. — Como pudera não dar crédito às afirmações dele em um caso, quando se sentira obrigada a dar no outro? — Ele se dissera inteiramente alheio aos sentimentos da irmã dela; — e ela não podia deixar de se lembrar qual sempre fora também a opinião de Charlotte. — Nem tampouco podia negar que era exata a descrição que ele fizera de Jane. — Ela também achara que os sentimentos da irmã, embora ardorosos, pouco haviam afluído, e que havia uma espécie de aquiescência constante em seu aspecto e em seus modos, nem sempre acompanhada de grande sensibilidade.

Quando ela chegou ao ponto da carta em que sua família era mencionada em termos tão mortificantes, ainda que fossem merecidas as censuras, sua sensação de vergonha foi intensa. A acusação era exata e impossível de negar, e as circunstâncias a que ele aludia em particular, ocorridas durante o baile de Netherfield, confirmando a desaprovação inicial da parte dele, tiveram para ele o mesmo impacto que para ela. O elogio feito a ela e à irmã não

passou despercebido. Serviu de alívio, mas não compensou o desprezo evocado pelo resto da família; — e, enquanto ela considerava a possibilidade de que a frustração de Jane na verdade fosse resultado da ação de seus parentes mais próximos, e refletia sobre o prejuízo causado ao crédito delas duas pela impropriedade da conduta dos pais, sentiu-se deprimida como nunca antes em sua vida.

Depois de vagar pela alameda por duas horas, deixando-se levar por todo tipo de pensamentos; reconsiderando os acontecimentos, apurando probabilidades e reconciliando-se consigo mesma da melhor forma possível, com uma mudança tão súbita e importante, a fadiga e a lembrança de sua longa ausência fizeram com que aos poucos ela voltasse para dentro; e ela entrou em casa desejando parecer alegre como sempre e resolvida a reprimir tais reflexões que de outro modo a impediriam de conversar.

Disseram-lhe no mesmo instante que os dois cavalheiros de Rosings haviam procurado por ela enquanto esteve fora; o senhor Darcy ficara apenas uns instantes para se despedir, mas o coronel Fitzwilliam estivera com eles pelo menos uma hora, esperando que ela voltasse, e por pouco não fora caminhar até encontrá-la. — Elizabeth mal conseguiu disfarçar sua satisfação com o desencontro; na verdade, preferia que fosse assim. O coronel Fitzwilliam estava fora de questão. Ela só conseguia pensar na carta.

Os dois cavalheiros deixaram Rosings na manhã seguinte; e o senhor Collins, que havia ficado esperando por eles perto da guarita para fazer as medidas da despedida, acabou voltando para casa com a boa-nova da ótima saúde que aparentavam e de seu relativo bom humor após a melancolia provocada pela súbita partida de Rosings. A Rosings então foi ele, mais que depressa, consolar Lady Catherine e a filha; e, ao voltar, trouxe consigo, com grande satisfação, um recado da senhora dizendo que se sentia tão entediada que ficara com vontade de convidá-los todos para jantar.

Elizabeth não poderia ver Lady Catherine sem se lembrar de que, se assim o tivesse desejado, a essa altura, podia já ter sido apresentada a ela como alguém da família; tampouco conseguia parar de pensar, com um sorriso, em como a senhora haveria de ficar indignada. “O que ela teria dito? — como teria reagido?”, entretinha-se perguntando a si mesma.

O primeiro assunto foi a redução do grupo em Rosings. — “Garanto a vocês que sinto muitíssimo”, disse Lady Catherine; “creio que ninguém sente mais do que eu a partida de amigos. Mas sou especialmente apegada a esses rapazes; e sei que eles também são muito apegados a mim! — Ficaram tristíssimos com a partida! Mas sempre ficam. O querido coronel manteve a presença de espírito até a hora da despedida; porém Darcy pareceu sentir mais agudamente, creio que mais do que no ano passado. Ele gosta cada vez mais de Rosings, sem dúvida.”

O senhor Collins tinha um elogio, uma alusão que cabia aí, pela qual recebeu um sorriso bondoso da mãe e da filha.

Lady Catherine comentou, depois do jantar, que a senhorita Bennet parecia desanimada, e dando por certo imediatamente o motivo,

supondo que ela também não quisesse voltar para casa tão cedo, acrescentou:

“Mas, se este é o caso, você tem que escrever para sua mãe pedindo para ficar um pouco mais. A senhora Collins ficaria muito contente com a sua companhia, tenho certeza.”

“Sinto-me muito grata pelo generoso convite”, respondeu Elizabeth, “mas não está em meu poder aceitá-lo. — Preciso estar na cidade no sábado.”

“Ora, mas assim você ficará conosco apenas seis semanas. Eu esperava que ficasse dois meses. Eu disse à senhora Collins antes da sua vinda. Não há motivo para partir tão cedo. A senhora Bennet seguramente poderá ficar longe de você mais quinze dias.”

“Mas meu pai, não. — Ele me escreveu na semana passada apressando-me para voltar.”

“Oh! Seu pai certamente não sentirá sua falta se sua mãe não se importar. — Os pais quase nunca se importam muito com as filhas. E, se vocês ficarem mais um mês completo, poderei levar uma de vocês até Londres, pois é para onde irei no início de junho, passar uma semana; e, como Dawson não se incomoda de usar a caleche, haverá bastante espaço para uma de vocês — e na verdade, se o tempo estiver fresco, eu não me incomodaria de levar vocês duas, pois nenhuma ocupa muito espaço.”

“É muita bondade sua, senhora; mas acredito que devemos nos ater a nosso plano original.”

Lady Catherine pareceu resignar-se.

“Senhora Collins, é preciso enviar um criado com elas. Você sabe que sempre digo o que penso, e não posso suportar a ideia de duas moças viajando sozinhas nas diligências postais.¹ É muito inadequado. Você precisa mandar alguém com elas. É meu maior desgosto no mundo, esse tipo de coisa. — As moças devem sempre ser protegidas e atendidas, de acordo com sua posição na vida. Quando minha sobrinha Georgiana foi a Ramsgate no verão passado, fiz questão de que fossem dois criados com ela. Não seria apropriado que a senhorita Darcy, filha do senhor Darcy de Pemberley e Lady Anne, viajasse de outra maneira. — É preciso ter muita atenção a esse tipo de coisa. Você pode mandar John com as

damas, senhora Collins. Fico contente por ter lembrado; pois não seria nada recomendável que você as deixasse ir sozinhas.”

“Meu tio enviará um empregado para nós.”

“Oh! — O seu tio! — Quer dizer que ele tem um empregado? — Fico muito contente por você ter alguém para cuidar dessas coisas. Onde trocarão de cavalo? — Oh! Em Bromley, é claro. — Basta mencionar o meu nome no hotel Bell e serão atendidas.”

Lady Catherine ainda tinha muitas outras perguntas a respeito da viagem e, como ela não respondia a tudo, era preciso prestar atenção, o que Elizabeth achou ser sorte sua, pois, com a cabeça tão cheia, poderia muito bem se esquecer de onde estava. A reflexão devia ser reservada para momentos solitários; assim que ficou sozinha, ela voltou a refletir com grande alívio; e não passou um dia sem seus passeios solitários, durante os quais pôde se permitir toda a delícia das recordações desagradáveis.

Elizabeth estava a ponto de saber a carta do senhor Darcy quase inteira de cor. Analisou cada frase, e seus sentimentos para com o autor eram profundamente distintos a cada vez. Quando se lembrou do estilo da abordagem dele, ainda estava tomada de indignação; mas, quando considerou o modo como fora injusta ao condená-lo e censurá-lo, sua raiva voltou-se contra si mesma; os sentimentos frustrados dele tornaram-se objeto de compaixão. A afeição dele despertou nela uma gratidão, e o caráter dele, em linhas gerais, respeito; mas ela não conseguia aprová-lo; tampouco por um momento se arrependeu de tê-lo rejeitado, ou quiçá sentir a mínima vontade de tornar a vê-lo. Em seu próprio comportamento anterior, havia uma fonte constante de tormentos e remorsos; e, nos infelizes defeitos de sua família, um motivo de desconsolo ainda mais pesado. Não havia remédio para tais defeitos. O pai, satisfeito em dar risada delas, jamais se daria ao trabalho de refrear a exacerbada frivolidade das filhas mais novas; e sua mãe, cujos modos também estavam longe de serem apropriados, era inteiramente insensível ao mal. Elizabeth muitas vezes se juntava a Jane na tentativa de conter as imprudências de Catherine e Lydia; mas, como estas eram apoiadas pela complacência da mãe, que chance haveria de alguma melhora? Catherine, de personalidade fraca, irritadiça, e

completamente sob o controle de Lydia, sempre sentia como afronta o conselho das irmãs; e Lydia, voluntariosa e indiscreta, mal lhes dava ouvidos. Elas eram ignorantes, ociosas e fúteis. Enquanto houvesse um oficial em Meryton, com ele flertariam; e, enquanto Meryton ficasse à distância de uma caminhada de Longbourn, continuariam indo até lá.

A angústia com relação a Jane era outra de suas principais preocupações, e a explicação do senhor Darcy, restaurando a boa opinião que ela tinha a respeito de Bingley, acentuou a sensação do que Jane havia perdido. O afeto dele se provara sincero, e sua conduta, isenta de toda culpa, a não ser talvez uma confiança inata em seu amigo. Com que pesar então ela pensou na situação tão desejável por todos os aspectos, tão repleta de vantagens, tão promissora de felicidade, de que Jane fora privada pela loucura e falta de decoro da própria família!

Quando a tais lembranças somou-se a revelação do caráter de Wickham, foi possível acreditar sem esforço que seu espírito alegre que antes raramente se deprimia estava agora bastante afetado, a ponto de tornar quase impossível para ela parecer razoavelmente entusiasmada.

Os compromissos em Rosings foram tão frequentes ao longo da última semana de sua estada quanto haviam sido a princípio. Até mesmo a última noite tiveram de passar por lá; e Lady Catherine mais uma vez indagou minuciosamente os detalhes da viagem, forneceu orientações sobre o melhor método de fazer as malas e foi tão insistente quanto à necessidade de colocar os vestidos do único modo correto que Maria se viu obrigada, na volta, a desfazer todo o trabalho da manhã e rearranjar a bagagem.

Quando partiram, Lady Catherine, com grande deferência, desejou-lhes uma boa viagem e as convidou para voltar a Hunsford no ano seguinte; a senhorita De Bourgh não se deu ao trabalho de uma reverência e apenas estendeu a mão para ambas.

No sábado de manhã Elizabeth e o senhor Collins encontraram-se para o desjejum minutos antes das outras pessoas; e ele aproveitou a oportunidade para fazer as mesuras de despedida que considerava indispensáveis e necessárias.

“Não sei, senhorita Elizabeth”, disse ele, “se a senhora Collins já lhe agradeceu a gentileza de nos visitar, mas tenho certeza de que não irá embora desta casa sem antes receber os agradecimentos da parte dela. O privilégio da sua companhia foi muito importante, eu lhe asseguro. Sabemos que não há muito a oferecer em nossa humilde morada. Nosso modo de vida singelo, nossos cômodos pequenos, nossos poucos criados e o pouco que vemos do mundo hão de tornar Hunsford extremamente entediante para uma jovem dama como a senhorita; mas espero que saiba que agradecemos muito a deferência, e que fizemos tudo o que estava a nosso alcance para evitar que passasse seu tempo de modo desagradável.”

Elizabeth foi ávida em demonstrar sua gratidão e a garantia de que fora feliz. Passara seis semanas de grande deleite; o prazer de estar com Charlotte e a generosa atenção que eles lhe haviam dedicado fizeram com que ela na verdade se sentisse obrigada a agradecer. O senhor Collins sentiu-se grato; e com solenidade ainda mais sorridente respondeu:

“É o maior prazer para mim ouvir que passou seu tempo sem desconfortos. Seguramente fizemos o nosso melhor; tivemos a sorte maior de poder apresentá-la à mais alta sociedade, e graças a essa nossa relação com Rosings, pelos diversos modos frequentes de trocarmos o cenário humilde de nosso lar, creio que possamos nos orgulhar de que sua visita a Hunsford não há de ter sido tão maçante. Nossa situação em relação à família de Lady Catherine é

de fato uma espécie de vantagem extraordinária e uma bênção de que poucos podem se gabar. Você viu como é nosso relacionamento. Viu como somos sempre convidados. Na verdade, devo admitir que, com todas as desvantagens deste humilde presbitério, eu não teria pena de nossas hóspedes, uma vez que serão partícipes da nossa intimidade com Rosings.”

Palavras não bastavam para o enlevo de seus sentimentos; ele sentiu-se compelido a caminhar pela sala enquanto Elizabeth tentava aliar cortesia e verdade em algumas poucas frases curtas.

“Você poderá, na verdade, levar notícias muito favoráveis a nosso respeito para Hertfordshire, minha cara prima. Tenho pelo menos esse orgulho, de que poderá fazê-lo. Da grande consideração com que Lady Catherine trata a senhora Collins você mesma foi diariamente testemunha; e no geral não parece que sua amiga acabou se casando com um infeliz qualquer — mas nesse ponto é melhor calar. Só faço questão de lhe garantir, minha querida senhorita Elizabeth, que do fundo do coração desejo-lhe cordialmente uma felicidade igual à do nosso casamento. Minha querida Charlotte e eu somos uma só cabeça com um único pensamento. Existe em tudo a mais notável semelhança de caráter e ideias entre nós. Parecemos ter sido feitos um para o outro.”

Elizabeth disse que seguramente era uma grande felicidade quando isso acontecia, e com igual sinceridade acrescentou que não duvidava dos confortos daquele lar e ficava feliz por tudo aquilo. Contudo não lamentou quando a enumeração de todos eles foi interrompida pela entrada daquela que os motivara. Pobre Charlotte! — era melancólico deixá-la naquela companhia! — Mas ela escolhera aquilo de olhos abertos; e, embora lamentasse que suas visitas fossem embora, ela não pareceu lhes pedir compaixão. Seu lar e suas tarefas da casa, sua paróquia e suas galinhas, e todos os afazeres correlatos não tinham ainda perdido o encanto.

Por fim a carruagem chegou, os baús foram atados, as bagagens, acondicionadas, e avisaram que estava tudo pronto. Após uma afetuosa despedida entre as amigas, Elizabeth foi acompanhada até a carruagem pelo senhor Collins, e enquanto caminhavam pelo jardim ele a incumbia de encaminhar suas melhores recomendações a toda

a família, sem se esquecer de agradecer pela gentileza com que fora recebido em Longbourn no inverno, e seus cumprimentos ao senhor e à senhora Gardiner, ainda que não os conhecesse. Então estendeu-lhe a mão para subir, Maria veio atrás, e a porta estava prestes a ser fechada, quando de repente ele lembrou, com alguma consternação, que elas haviam se esquecido de deixar um recado para as damas de Rosings.

“Mas”, ele acrescentou, “certamente vocês hão de querer que seus humildes respeitos sejam comunicados a elas, com seus agradecimentos pela generosidade demonstrada enquanto estiveram lá.”

Elizabeth não fez objeção; — a porta então foi finalmente fechada, e a carruagem partiu.

“Até que enfim!”, exclamou Maria, após alguns minutos de silêncio, “parece que chegamos ontem ou antes de ontem! — e no entanto quantas coisas aconteceram!”

“Muitas coisas de fato”, disse sua companheira, com um suspiro.

“Jantamos nove vezes em Rosings, além de tomarmos chá duas vezes! — Quanta coisa tenho para contar!”

Elizabeth acrescentou para si mesma: “E quanta coisa eu tenho para disfarçar”.

A viagem transcorreu sem muita conversa ou sobressalto; e, quatro horas depois de saírem de Hunsford, chegaram à casa do senhor Gardiner, onde deveriam ficar por alguns dias.

Jane parecia bem, e Elizabeth teve pouca chance de analisar seu humor em meio a tantos compromissos que a bondade de sua tia reservara para elas. Mas Jane voltaria para casa com a irmã, e em Longbourn haveria tempo o bastante para observá-la.

Não foi sem esforço, contudo, que Elizabeth conseguiu esperar até Longbourn para contar à irmã sobre a proposta do senhor Darcy. Saber que poderia revelar algo que impressionaria muito Jane e que haveria de, ao mesmo tempo, insuflar o que ela racionalmente ainda não abandonara da própria vaidade era uma grande tentação à sua franqueza, que nada poderia conter, a não ser o estado de indecisão em que se encontrava quanto ao conteúdo do que devia comunicar; e seu temor de, uma vez abordado o assunto, acabar repetindo

alguma coisa sobre Bingley que pudesse agravar ainda mais a tristeza da irmã.

Corria a segunda semana de maio quando as três senhoritas partiram juntas pela Gracechurch-street em direção à cidade de —, em Hertfordshire; e, conforme se aproximavam da hospedaria onde a carruagem do senhor Bennet viria buscá-las, elas logo notaram, graças à pontualidade do cocheiro, Kitty e Lydia olhando pela janela da sala de jantar no andar de cima. As duas meninas estavam no local havia uma hora, alegremente entretidas com visitas à modista em frente, observando o sentinela em seu posto¹ e temperando uma salada de pepino.

Após as boas-vindas às irmãs, elas triunfantemente mostraram a mesa posta com carne fria como só a despesa de uma hospedaria costuma servir, exclamando: “Não é uma graça? Não é uma surpresa agradável?”.

“Nossa intenção é que vocês também comam conosco”, acrescentou Lydia; “mas vocês precisam nos emprestar o dinheiro, pois acabamos de gastar o nosso na loja aí em frente.” Então, mostrando as compras: “Olha só isso, comprei esta touca. Não achei muito bonita; mas pensei que tanto podia comprar como não comprar. Vou desmanchá-la assim que chegar em casa, e ver se consigo melhorá-la um pouco”.

E, quando as irmãs disseram que era feia, ela acrescentou, inteiramente indiferente: “Oh! Mas as outras duas ou três eram muito mais feias; e por isso eu comprei um pouco de um cetim de um colorido mais bonito para enfeitá-la, e acho que vai ficar razoável. Além do mais, não vai ter muita importância o que usar neste verão depois que eles forem embora de Meryton, e isso será daqui quinze dias.”

“Eles vão embora mesmo?”, exclamou Elizabeth, com a maior satisfação.

“Eles se mudarão para perto de Brighton;² eu quero tanto que o papai nos leve para lá no verão! Seria um programa tão delicioso, e posso dizer que não iria custar quase nada. Além do mais, a mamãe também gostaria de ir! Pensem só que verão horrível passaríamos em outro lugar se não formos!”

“Sim”, pensou Elizabeth, “seria um programa delicioso, de fato, e perfeitamente adequado para nós todas. Santo Deus! Brighton, e todo um acampamento cheio de soldados só para nós, que já ficamos transtornadas com um pobre regimento de milícia e com os bailes mensais de Meryton.”

“Agora eu tenho notícias para lhe dar”, disse Lydia quando elas sentaram à mesa. “O que você acha que é? São ótimas notícias, grande novidades, e a respeito de uma certa pessoa de quem todas nós gostamos.”

Jane e Elizabeth se entreolharam e disseram ao garçom que ele não precisava ficar ali. Lydia deu risada e disse: “Ah, sim, a formalidade e a discrição de vocês duas. Achem que o garçom não deve ficar sabendo, como se ele se importasse! Imagino que deva ouvir coisas muito piores do que o que vou contar. Mas que sujeito feioso! Fico feliz que tenha ido embora. Nunca vi um queixo tão comprido na vida. Bem, agora vamos às novidades: é sobre o nosso querido Wickham; o garçom não merecia saber disso, não é mesmo? Já não existe nenhum risco de Wickham se casar com Mary King. É isso! Ela foi morar com o tio em Liverpool; foi de vez. Wickham está salvo.”

“E Mary King está salva!”, acrescentou Elizabeth; “Salva de uma relação imprudente do ponto de vista financeiro.”

“Ela foi uma grande tola de ir embora, se é que gostava dele.”

“Mas espero que não tenham existido sentimentos mais fortes de nenhum dos lados”, disse Jane.

“Tenho certeza de que da parte dele não havia. Eu diria que nunca deu a menor importância para ela. E quem moveria uma palha por uma criaturinha sardenta como aquela?”

Elizabeth ficou chocada ao pensar que, embora ela mesma fosse incapaz de expressões tão ríspidas, a rispidez do sentimento não era tão distinta da que seu próprio peito abrigara, e supostamente com generosidade!

Assim que todas terminaram de comer e as mais velhas pagaram, pediram a carruagem; e, após algumas tratativas, todo o grupo, com suas caixas, malas e bagagens e o indesejado acréscimo das compras de Kitty e Lydia, foi acomodado.

“Que gostoso irmos assim apertadas!”, exclamou Lydia. “Estou contente de ter comprado a minha touca, nem que seja só pela diversão de ter outra caixa! Bom, agora vamos ficar bem à vontade e confortáveis, e conversar e dar risadas o caminho inteiro até em casa. E, antes de mais nada, queremos saber o que aconteceu com vocês duas desde que foram embora. Viram homens simpáticos? Flertaram? Eu tinha muita esperança de que uma pelo menos voltasse com marido. Jane logo será uma senhora, é o que eu digo. Está com quase vinte e três! Deus, que vergonha eu sentiria se não estivesse casada aos vinte e três! Tia Philips quer tanto que vocês arranjem maridos, nem imaginam quanto. Ela falou que era melhor Lizzy ter aceitado logo o senhor Collins; já eu acho que não teria a menor graça. Jesus! Como eu gostaria de me casar antes de vocês; assim eu é que as acompanharia em todos os bailes. Quem me dera! Como nos divertimos outro dia na casa do coronel Forster! Kitty e eu fomos passar o dia lá, e a senhora Forster prometeu que haveria um pequeno baile à noite; (por falar nisso, a senhora Forster e eu somos muito amigas!) e então ela convidou as irmãs Harrington, mas Harriet estava doente, e Pen teve que ir sozinha; aí, o que vocês acham que fizemos? Vestimos o senhor Chamberlayne com roupas de mulher para fazê-lo se passar por uma dama — imagine a diversão! Ninguém sabia, só o coronel e a senhora Forster, e Kitty e eu, e também tia Philips, porque tivemos que pedir um vestido dela; e vocês não calculam como ele ficou bem! Quando Denny, Wickham, Pratt e mais outros dois ou três homens chegaram, a princípio não o reconheceram. Deus, como eu ria! Eu e a senhora Forster. Achei que fosse morrer. Isso fez com que os homens desconfiassem de alguma coisa, e então eles logo descobriram o que havia de errado.”

Com esse tipo de histórias de suas festas e ótimas piadas, Lydia, auxiliada pelos apartes e palpites de Kitty, tratou de divertir as irmãs durante todo o caminho até Longbourn. Elizabeth prestava o mínimo de atenção que lhe era possível, mas não havia como escapar das frequentes menções ao nome de Wickham.

A recepção em casa foi a mais calorosa. A senhora Bennet vibrou ao ver Jane com sua beleza intacta; e mais de uma vez durante o jantar o senhor Bennet disse espontaneamente a Elizabeth:

“Estou contente com a sua volta, Lizzy.”

O grupo na sala de jantar era grande, pois quase todos os Lucas vieram buscar Maria e saber das novidades, e diversos foram os assuntos de que se ocuparam; lady Lucas perguntava a Maria, do outro lado da mesa, sobre o bem-estar e as galinhas da filha mais velha; a senhora Bennet estava duplamente entretida: por um lado ouvia de Jane, sentada um pouco abaixo da mãe, um relato das últimas modas, e de outro repassava tudo às Lucas mais novas; e Lydia, com uma voz bem mais alta do que qualquer outra pessoa, enumerava os múltiplos prazeres da manhã a qualquer um que quisesse ouvi-la.

“Oh! Mary”, ela disse, “queria que você tivesse ido conosco, pois foi tão divertido! No caminho, Kitty e eu fechamos as cortinas e fingimos que não havia ninguém lá dentro; e eu teria ido assim o caminho inteiro se Kitty não tivesse enjoado; e, quando chegamos ao George, acho que nos comportamos lindamente, pois recebemos as três com a melhor refeição fria do mundo e, se tivesse ido, você também teria ganhado. Depois quando viemos embora foi tão divertido! Achei que nem caberíamos todas. Quase morri de tanto dar risada. E viemos muito contentes até chegar em casa! Conversando, rindo alto, tão alto que dava para ouvir a dez milhas de distância!”

A isso, Mary muito gravemente respondeu: “Longe de mim, minha querida irmã, depreciar o seu prazer. Sem dúvida teria sido ótimo para a maioria das mentes femininas. Mas confesso que a mim nada disso me encanta. Preferiria infinitamente um livro”.

Mas da resposta Lydia não ouviu nenhuma palavra. Raramente dava ouvidos a alguém por mais de meio minuto, e nunca prestava

atenção ao que Mary dizia.

À tarde Lydia insistiu com o resto das moças para que fossem caminhar até Meryton e ver como estava todo mundo; mas Elizabeth se opôs firmemente ao programa. O problema não era que as senhoritas Bennet não conseguiam parar em casa metade de um dia sem sair atrás de algum oficial. Havia outro motivo para sua recusa. Temia ver Wickham novamente, e estava decidida a evitá-lo o máximo possível. O consolo que representaria para ela aquela transferência do regimento seria de fato inexprimível. Em quinze dias todos teriam ido embora, e uma vez longe dali ela esperava não mais se sentir atormentada por conta dele.

Não fazia muitas horas que estava em casa quando descobriu que o projeto de ir a Brighton, a que Lydia aludira na hospedaria, vinha sendo frequentemente discutido entre seus pais. Elizabeth logo viu que o pai não tinha a menor intenção de ceder; mas suas respostas foram ao mesmo tempo tão vagas e dúbias que a mãe, embora tantas vezes contrariada, nunca desistia de obter sucesso no fim das contas.

A impaciência de Elizabeth para pôr Jane a par do que lhe acontecera já não podia ser contornada; e afinal decidida a suprimir qualquer detalhe concernente à irmã, e preparando-a para ser surpreendida, relatou-lhe na manhã seguinte o principal da cena transcorrida entre ela e o senhor Darcy.

O espanto da senhorita Bennet logo foi atenuado pela forte parcialidade entre as irmãs, que tornava qualquer paixão suscitada por Elizabeth perfeitamente natural; e toda a surpresa em breve se desfez em outras emoções. Lamentou que o senhor Darcy tivesse expressado seus sentimentos de modo tão pouco recomendável para si próprio; mas lamentou ainda mais a infelicidade que a recusa da irmã haveria de causar a ele.

“A certeza que demonstrou de obter sucesso foi um erro”, disse ela; “e certamente não deveria ter sido demonstrada; mas imagine como isso deve ter aumentado sua frustração.”

“De fato”, respondeu Elizabeth, “sinto muito por ele; mas o senhor Darcy tem outros sentimentos que provavelmente aliviarão logo o que sente por mim. Você não me culpa, no entanto, por ter dito não?”

“Culpar você? Oh, não.”

“Mas me culpa por ter falado com tanta emoção a respeito de Wickham.”

“Não — eu não sabia que você estava enganada ao dizer o que disse.”

“Mas agora ficará sabendo, porque vou lhe contar o que aconteceu logo no dia seguinte.”

Então contou sobre a carta, repetindo todo seu conteúdo no que dizia respeito a George Wickham. Que duro golpe foi para a pobre Jane! Quem diria que pelo mundo afora existisse tamanha maldade

na raça humana, aqui concentrada em um único indivíduo. Nem mesmo a revelação de Darcy, ainda que gratificante para seu sentimento, foi capaz de consolá-la daquela descoberta. Esforçou-se piamente em provar a possibilidade de haver engano, e tentar isentar um lado sem culpar o outro.

“Não vai adiantar”, disse Elizabeth. “Você nunca será capaz de fazer com que ambos tenham razão sobre qualquer coisa. Faça sua escolha, mas você deverá se satisfazer com um só. Existe certo mérito nos dois; mas só o bastante para perfazer um único homem bom; e ultimamente isso vem mudando bastante. Da minha parte, tendo a crer que o mérito cabe inteiramente ao senhor Darcy, mas a escolha cabe a você fazer.”

Levou algum tempo, contudo, até que Jane abrisse um sorriso.

“Não sei o que me deixou mais chocada”, ela disse. “Wickham é o grande vilão! É quase inacreditável. E pobre senhor Darcy! Minha querida Lizzy, pense em como ele deve ter sofrido. Tamanha frustração, e ainda sabendo de sua péssima opinião sobre ele! E ter que contar uma coisa dessas sobre a irmã! É realmente muito aflitivo. Tenho certeza de que você também acha.”

“Oh, não, meu remorso e minha compaixão desaparecem ao vê-la tão cheia das duas coisas. Eu sei que vai querer justificá-lo tão plenamente que a cada momento fico mais despreocupada e indiferente. A profusão dos seus sentimentos faz com que eu economize os meus; e, se você continuar lamentando por ele, meu coração ficará leve como uma pena.”

“Pobre Wickham; com aquela expressão de bondade no rosto! Toda aquela franqueza e gentileza nos modos.”

“Certamente houve muitas falhas na educação desses dois rapazes. Um ficou com toda a bondade, e o outro, com toda a aparência de bondade.”

“Nunca achei o senhor Darcy tão desprovido da aparência de bondade como você costumava achar.”

“E no entanto eu me considerava de uma inteligência ímpar por minha antipatia cabal com relação a ele, e sem nenhum motivo. É um estímulo para o próprio gênio, um arroubo de sagacidade sentir uma antipatia dessas. É possível ser hostil o tempo todo e não dizer uma

única coisa justa sobre um homem; mas não se consegue rir sempre desse homem sem deparar de quando em quando com algo espirituoso.”

“Lizzy, quando você leu a carta, tenho certeza de que não tinha como tratar o assunto da mesma forma como pode agora.”

“De fato, eu não tinha como. Já me sentia bastante desconfortável. Estava muito incomodada, posso dizer que até mesmo infeliz. E, sem ter alguém com quem conversar sobre o que estava sentindo, sem Jane para me consolar e dizer que eu não tinha sido fraca e fútil e absurda como eu sabia que tinha sido! Oh! Como eu queria estar com você!”

“É uma pena que tenha usado expressões tão fortes ao falar de Wickham ao senhor Darcy, pois agora elas parecem inteiramente imerecidas.”

“Certamente. Mas a infelicidade das palavras amargas é uma consequência natural dos preconceitos que eu vinha alimentando. Existe uma questão sobre a qual quero pedir seu conselho. Quero que me diga se devo ou não tornar público o que ficamos sabendo sobre o caráter de Wickham.”

A senhorita Bennet fez uma pequena pausa e então respondeu: “Seguramente não é o caso de expô-lo desse modo terrível. Qual é a sua opinião?”

“Que não se deve fazê-lo. O senhor Darcy não me autorizou a tornar público o que me comunicou. Ao contrário, todos os detalhes relativos à irmã dele me foram confiados, na medida do possível, mediante sigilo; e, se eu tentar esclarecer as pessoas omitindo essa parte da conduta dele, quem acreditará? O preconceito geral contra o senhor Darcy é tão violento que seria a morte para metade da boa gente de Meryton tentar vê-lo sob uma luz favorável. Não estou à altura da tarefa. Wickham logo irá embora; e assim não terá qualquer relevância para ninguém aqui saber quem ele realmente é. Algum dia tudo será descoberto, e então vamos poder dar risada da estupidez de todos que ainda não sabiam. No momento não direi nada a respeito.”

“Você tem toda a razão. Levar seus erros a público pode arruiná-lo para sempre. Agora talvez ele esteja arrependido do que fez, ávido

por restabelecer o próprio caráter. Não façamos com que se desespere.”

O tumulto na cabeça de Elizabeth amainou com a conversa. Livrara-se de dois dos segredos que lhe oprimiam havia quinze dias, e tinha a certeza de que Jane seria uma ouvinte de boa-fé sempre que quisesse voltar a abordá-los. Porém havia algo pairando sob a superfície que a prudência proibia revelar. Ela não ousava relatar a outra metade da carta do senhor Darcy, nem explicar à irmã quão sinceramente fora correspondida pelo amigo dele. Ali havia um conhecimento de que ninguém poderia partilhar; e ela estava ciente de que nada senão um perfeito entendimento entre as partes poderia justificar essa última penhora de mistério. “E então”, ela disse, “se esse acontecimento tão improvável ocorrer, só poderei dizer o que o próprio Bingley talvez possa dizer de um modo muito mais agradável. A liberdade de contar a verdade não será minha até que tenha perdido todo valor!”

Ela estava agora, acomodada de volta à casa, à vontade para observar o verdadeiro estado de espírito da irmã. Jane não estava feliz. Ainda alimentava uma terna afeição por Bingley. Jamais havendo até então sequer fantasiado apaixonar-se antes, seu afeto tinha todo o calor de uma primeira paixão e, segundo sua idade e sua disposição, maior constância do que as primeiras paixões costumam alardear; ela estimava tanto a lembrança dele, e ainda o preferia dentre todos os homens, que seu melhor juízo e toda a consideração pelos sentimentos de seus amigos foram exigidos para moderar a intensidade daquelas mágoas, que poderiam ser nocivas à sua própria saúde e ao bem-estar daqueles que a cercavam.

“Bem, Lizzy”, disse um dia a senhora Bennet, “qual é a sua opinião agora a respeito desse episódio infeliz de Jane? Da minha parte, estou resolvida a não tocar mais no assunto com ninguém. Foi o que eu disse à minha irmã Philips outro dia. Mas não consegui apurar se Jane chegou a vê-lo em Londres. Bem, esse rapaz não a merece — e acho que não existe a menor possibilidade de amarrá-lo agora. Não se ouve nem mais dizer que voltará a Netherfield no verão; e isso eu perguntei a todo mundo, todos que poderiam saber.”

“Eu acredito que ele nunca mais voltará a morar em Netherfield.”

“Ora, bem, seja como for. Ninguém mais quer que ele venha mesmo. Embora eu vá dizer para sempre que tratou minha filha extremamente mal; e, se eu fosse ela, isso não ficaria assim. Bem, meu consolo é que tenho certeza de que Jane vai morrer com o coração partido, e ele vai se arrepender do que fez.”

Mas Elizabeth, como não podia se consolar com tal expectativa, nada respondeu.

“Bem, Lizzy”, continuou a mãe logo em seguida, “quer dizer que os Collins levam uma vida muito confortável, não é mesmo? Ora, ora, só espero que dure. E o que costumam servir? Charlotte é uma excelente administradora, eu diria. Se tiver a metade da esperteza da mãe, deve estar fazendo muita economia. Eu diria que não existe nada de extravagante na casa deles.”

“Não, nada mesmo.”

“Isso é boa administração, escreva o que estou dizendo. Sim, sim. Eles tomam cuidado para não extrapolar o orçamento. Jamais passarão apuros por dinheiro. Bom proveito para eles! E imagino que falem sempre de Longbourn, que será deles quando seu pai morrer. Eles já devem se considerar donos, eu diria, toda vez que pensam no assunto.”

“Esse é um assunto que eles nunca abordariam na minha frente.”

“Não. Seria estranho se abordassem. Mas não tenho dúvida de que entre eles devem conversar bastante a respeito. Bem, se eles se sentem à vontade com uma propriedade que não é legalmente deles, que seja. Eu teria vergonha de morar em uma propriedade herdada por alienação.”

A primeira semana depois da volta logo passou. A segunda começou. Era a última da permanência do regimento em Meryton, e todas as jovens damas da vizinhança estavam cabisbaixas. A depressão era universal. Apenas as senhoritas Bennet mais velhas ainda conseguiam comer, beber, dormir e seguir em frente com seus afazeres cotidianos. Muito amiúde eram censuradas por tal insensibilidade por Kitty e Lydia, cujas angústias eram extremadas e que não conseguiam compreender corações tão empedernidos em pessoas da própria família.

“Santo Deus! O que será de nós? O que vamos fazer?!”, elas costumavam exclamar no amargor da desgraça. “Como pode rir assim, Lizzy?” A mãe amorosa partilhava de todo esse pesar; lembrava o que ela própria havia passado em ocasião similar, vinte e cinco anos antes.

“O que eu sei é que”, ela disse, “chorei por dois dias quando o regimento do coronel Millar foi embora. Senti meu coração partir.”

“O meu também vai ficar assim”, disse Lydia.

“Se pelo menos pudéssemos ir a Brighton!”, comentou a senhora Bennet.

“Oh, sim! — se pudéssemos ir a Brighton! Mas papai se mostrou tão casmurro.”

“Um banho de mar me recuperaria para sempre.”

“E tia Philips também acha que seria ótimo para mim”, acrescentou Kitty.

Tais eram as espécies de lamúrias a ressoar eternamente pela casa de Longbourn. Elizabeth tentou achar graça delas; mas toda ideia de prazer se perdeu na vergonha. Sentiu de novo a justiça das

objeções do senhor Darcy; e nunca se vira antes tão disposta a perdoar a interferência dele sobre a opinião do amigo.

Mas a melancolia das perspectivas de Lydia logo passou; pois ela recebeu um convite da senhora Forster, esposa do coronel do regimento, para acompanhá-la até Brighton. Essa amiga inestimável era uma mulher bastante jovem, casada muito recentemente. A semelhança de humor e espirituosidade criara a afinidade entre ela e Lydia, e após uma amizade de três meses as duas já eram íntimas.

O arrebatamento de Lydia na ocasião, sua adoração pela senhora Forster, a satisfação da senhora Bennet e a mortificação de Kitty foram indescritíveis. Inteiramente alheia ao sentimento da irmã, Lydia pairava pela casa embalada em um êxtase incessante, exigindo congratulações de todos e rindo e falando com mais agressividade do que nunca; ao passo que a azarada Kitty continuou na saleta remoendo sua sina em termos tão pouco razoáveis quanto irritadiços.

“Não entendo como a senhora Forster não me convidou para ir com Lydia”, ela disse, “embora eu não seja exatamente amiga dela. Tenho o mesmo direito de ser convidada que Lydia, e até mais, pois sou dois anos mais velha.”

Em vão Elizabeth tentou fazer com que fosse razoável, e Jane, com que se resignasse. Quanto à própria Elizabeth, o convite não lhe despertava os mesmos sentimentos que na mãe e em Lydia, pois o considerava uma sentença de morte de qualquer possibilidade de que esta última viesse um dia a ter bom senso; e, por mais detestável que considerasse tal atitude, não pôde deixar de aconselhar em segredo o pai que não a deixasse ir. Mostrou a ele todas as impropriedades do comportamento de Lydia, a escassa vantagem que podia advir da amizade com uma mulher como a senhora Forster e a probabilidade de que se tornasse ainda mais imprudente em Brighton, onde as tentações eram muito maiores do que em casa. Ele escutou atentamente a tudo, e então disse:

“Lydia não sossegará enquanto não se expuser em algum lugar público, e não podemos esperar que isso ocorra com menos custos ou inconveniências para a família do que na atual circunstância.”¹

“Se o senhor soubesse”, disse Elizabeth, “o grande prejuízo que todas nós podemos vir a sofrer quando os modos descuidados e

imprudentes de Lydia se tornarem de conhecimento público; ou melhor, que já sofremos, tenho certeza de que julgaria o caso de modo diferente.”

“Já sofreram?”, repetiu o senhor Bennet. “Como? Ela já assustou algum pretendente seu? Pobrezinha da Lizzy! Mas não fique abatida. Não vale a pena sofrer por esses melindrosos que não toleram um pouco de absurdo. Vamos, quero ouvir a lista de patetas que se afastaram por conta das loucuras da nossa Lydia.”

“Na verdade, o senhor está enganado. Não estou chorando nenhuma mágoa. Não me refiro a nenhum prejuízo em particular, mas a malefícios de um modo geral, de que estou reclamando agora. Nossa posição, nossa respeitabilidade no mundo, há de ser afetada pela volatilidade selvagem, pela arrogância e pelo desdém por qualquer limite que marcam o caráter de Lydia. O senhor me desculpe — mas preciso falar claramente. Se o senhor, meu querido pai, não se der ao trabalho de coibir esse gênio exuberante dela e de ensinar que suas atuais intenções não poderão ser para sempre sua única ocupação na vida, muito em breve não haverá mais conserto. Seu caráter se cristalizará assim, e aos dezesseis anos ela será uma coquete rematada, ridicularizada, expondo toda a família ao ridículo. E coquete no pior e mais cruel sentido da coqueteria; desprovida de qualquer interesse senão sua juventude e aparência; e, com sua ignorância e sua cabeça oca, totalmente incapaz de se proteger do desprezo universal que o afã por ser admirada haverá de despertar. E Kitty também corre o mesmo risco. Ela vai aonde Lydia for. Fútil, ignorante, preguiçosa e absolutamente incontrolável! Oh! Meu querido pai, o senhor não é capaz de notar que elas seriam censuradas e desprezadas onde quer que as conheçam, e que as irmãs delas seriam muitas vezes envolvidas no vexame?”

O senhor Bennet percebeu que ela falava com todo o coração; e, amorosamente tomando sua mão, disse em resposta:

“Não se aflija, meu amor. Onde quer que você e Jane sejam conhecidas, hão de ser respeitadas e valorizadas; e não estarão em desvantagem por terem algumas — ou melhor dizendo, três irmãs bastante tolas. Não haverá paz em Longbourn enquanto Lydia não for a Brighton. Que ela então vá. O coronel Forster é um homem

sensato, e há de mantê-la longe de qualquer travessura mais grave; por sorte ela é pobre demais para ser objeto de qualquer ataque. Em Brighton terá ainda menos importância como coquete do que aqui. Os oficiais hão de encontrar outras mulheres mais dignas de seu interesse. Esperemos, portanto, que essa estada por lá mostre a ela sua própria insignificância. De todo modo, se ainda conseguir ficar pior do que já está, estaremos autorizados a trancafiá-la pelo resto da vida.”

Diante de tal resposta, Elizabeth foi obrigada a se contentar; mas sua opinião continuou sendo a mesma, e ela abandonou a companhia do pai frustrada e desgostosa. Não era seu temperamento, contudo, alimentar suas aflições remoendo sempre o mesmo assunto. Ela estava segura de haver cumprido seu dever, e atormentar-se diante do mal inevitável, ou exacerbá-lo pela ansiedade, não era muito de seu feitio.

Se Lydia e a mãe tivessem tomado conhecimento da conferência de Elizabeth com o pai, a volubilidade de todas elas somadas não daria conta de expressar toda a sua indignação. Na imaginação de Lydia, uma visita a Brighton encarnava todas as possibilidades da felicidade terrena. Com o criativo olhar da fantasia, via as ruas daquele alegre balneário repletas de oficiais. Via-se a si mesma como objeto da atenção de dezenas e dezenas deles, ainda desconhecidos. Via toda a glória do acampamento; suas barracas estendendo-se em fileiras em perfeita uniformidade, repletas de rapazes e de alegria, reluzentes e vermelhas; e, para completar a visão, ela se via sentada sob uma delas, flertando ternamente com pelo menos seis oficiais ao mesmo tempo.

Se soubesse que sua irmã pretendia arrancá-la de tais perspectivas e realidades como aquelas, o que não haveria de sentir? Elas só eram compreendidas pela mãe, que talvez tivesse sentido um dia quase a mesma coisa. A ida de Lydia a Brighton era tudo o que a consolava da melancólica convicção de que o próprio marido não pretendia ir ele mesmo jamais.

Mas ambas ignoravam inteiramente o que havia se passado; e seus enlevos continuaram quase sem interrupção até chegar o dia em que Lydia partiria de casa.

Elizabeth veria então o senhor Wickham uma última vez. Já o tendo encontrado muitas vezes desde que voltara, boa parte de sua inquietude havia passado; os motivos de sua anterior predileção por ele também não se faziam mais presentes. Chegara até mesmo a detectar na própria gentileza dele, que a princípio lhe agradara, uma afetação e algo semelhante a repulsa e fastio. Seu comportamento em relação ela, sobretudo, agora representava uma fonte a mais de desprazer, pois a inclinação que ele logo demonstrou de renovar as atenções que haviam marcado o momento anterior da relação entre ambos só podiam servir, depois do que ocorrera, para provocá-la ainda mais. Ela perdeu então toda a consideração por ele ao ser novamente escolhida como objeto daquelas galanterias frívolas e descabidas; e, embora firmemente as reprimisse, não podia deixar de sentir uma censura contida na convicção dele de que, por mais que houvesse se ausentado e qualquer que fosse o motivo dessa ausência, a vaidade dela seria gratificada e sua preferência, garantida no momento em que ele renovasse suas atenções.

No derradeiro dia da presença do regimento em Meryton, Wickham jantou com outros oficiais em Longbourn; e Elizabeth estava tão pouco disposta a se despedir dele com bom humor que, ao lhe responder uma pergunta sobre o tempo que ela passara em Hunsford, mencionou que o coronel Fitzwilliam e o senhor Darcy haviam ambos passado três semanas em Rosings, e perguntou a ele se conhecia o primeiro.

Wickham pareceu surpreso, contrariado, inquieto; mas, recobrando-se rapidamente com um sorriso, respondeu que outrora costumava encontrá-lo com frequência; e, ao comentar que se tratava de um homem bastante cavalheiresco, perguntou o que Elizabeth achava dele. A resposta dela foi calorosamente favorável ao coronel. Com um ar de indiferença ele logo em seguida acrescentou: “Quanto tempo você disse que ele ficou em Rosings?”.

“Quase três semanas.”

“E você se encontrou com ele com frequência?”

“Sim, quase todos os dias.”

“Ele tem modos muito distintos dos do primo.”

“Sim, muito diferentes. Mas acho que o senhor Darcy melhora conforme se vai conhecendo.”

“De fato!”, exclamou Wickham com uma expressão que a ela não passou despercebida. “E posso saber como?”, mas, reprimindo-se, acrescentou em tom mais alegre: “Será no trato com as pessoas que ele melhorou? Dignou-se a agregar ditames da cortesia a seu estilo habitual? Pois eu não tenho esperanças”, continuou ele em tom mais grave e mais sério, “de que ele tenha melhorado em essência.”

“Oh! Não!”, disse Elizabeth. “Na essência, acredito, ele continua o mesmo de sempre.”

Enquanto ela falava, Wickham parecia não saber se devia se alegrar com suas palavras ou suspeitar de seu significado. Havia alguma coisa no semblante dela que o fazia escutar com uma atenção apreensiva e aflita, enquanto ela acrescentava:

“Quando disse que ele melhora conforme se vai conhecendo, não quis dizer que sua forma de pensar ou seus modos estejam melhorando, mas que, conhecendo-o melhor, compreende-se melhor o seu temperamento.”

O receio de Wickham então transpareceu em sua pele corada e em seu olhar agitado; por alguns minutos, ele ficou calado; até que, afugentando o próprio constrangimento, virou-se novamente para ela e disse em seu tom mais gentil:

“Você, que sabe tão bem o que eu sinto com relação ao senhor Darcy, rapidamente há de compreender como fico feliz de verdade em saber que ele foi sábio o bastante para ao menos adotar uma aparência condizente com o que é certo. Seu orgulho, nesse sentido, pode vir a ser útil, senão para ele mesmo, para muita gente, pois isso deve impedi-lo de tornar a incorrer em atitudes vis como as que eu sofri de sua parte. Temo apenas que essa espécie de precaução, a que, imagino, você esteja aludindo, seja adotada apenas em visitas à tia, cuja boa opinião e juízo ele preza com reverência. O temor que sente por ela sempre funcionou, eu bem sei, quando estão juntos; e boa parte disso se deve ao desejo dele de encaminhar seu casamento com a senhorita De Bourgh, tarefa que, tenho certeza, leva muito a peito.”

Elizabeth não conseguiu conter um sorriso, mas respondeu apenas com uma ligeira inclinação da cabeça. Reparou que ele pretendia envolvê-la no velho assunto de seus queixumes, e isso ela não estava disposta a permitir. O resto da noite se passou, da parte dele, com a aparência alegre de costume, mas sem mais nenhuma tentativa de deferência para com Elizabeth; e se despediram, por fim, com cortesias recíprocas e um provável desejo recíproco de nunca mais voltarem a se ver.

Quando o grupo de desfez, Lydia voltou com a senhora Forster a Meryton, de onde partiriam em viagem bem cedo na manhã seguinte. Sua separação da família foi tão ruidosa quanto patética. Kitty foi a única que de fato derramou lágrimas; mas chorou de raiva e inveja. A senhora Bennet foi prolixa em seus votos de felicidade à filha, e imperiosa na imposição de que não perdesse a oportunidade de aproveitar o máximo que pudesse; conselho que, havia todos os motivos para se acreditar, seria atendido; dada a clamorosa felicidade da própria Lydia ao despedir-se, os adeuses mais gentis de suas irmãs foram proferidos sem que ela ouvisse.

XIX

Se as opiniões de Elizabeth fossem sempre as mesmas de sua família, ela não teria criado um quadro muito agradável da felicidade conjugal ou dos confortos do lar. Seu pai, cativo da juventude e da beleza, e daquela aparência de bom humor que a juventude e a beleza costumam conferir, casara-se com uma mulher de poucas luzes e mentalidade tacanha, e logo no início do casamento abdicara de qualquer afeto genuíno por ela. Respeito, estima e confiança haviam sumido para sempre; e todas as suas aspirações à felicidade doméstica foram abolidas. Mas o senhor Bennet não parecia disposto a procurar consolo para uma frustração que sua própria imprudência acarretara em nenhum daqueles prazeres que tantas vezes consolam os desafortunados em sua loucura ou seu vício. Ele gostava do campo e de livros; e desses dois prazeres extraía o principal de seus deleites. À esposa, ele era grato simplesmente na medida em que sua ignorância e suas tolices ajudavam a distraí-lo. Não é o tipo de felicidade que um homem em geral espera da esposa; mas, onde faltam outras formas de entretenimento, o verdadeiro filósofo tira benefícios das que lhe são dadas.

Elizabeth, contudo, jamais fora cega às impropriedades do comportamento do pai como marido. Sempre lamentara tal atitude; mas, respeitando suas qualidades e grata pelo tratamento afetuoso que lhe dedicava particularmente, ela procurava esquecer o que não conseguiria relevar e bania de seus pensamentos a contínua falha dos deveres e do decoro conjugal que, expondo a esposa ao desprezo das próprias filhas, era nele altamente repreensível. Mas ela mesma jamais sentira de modo tão intenso quanto agora as desvantagens que acometem filhas de casamento tão inapropriado, nem nunca antes se dera conta tão completamente dos malefícios de

talentos tão mal empregados; talentos que se adequadamente utilizados poderiam ao menos ter preservado a respeitabilidade das filhas dele, ainda que insuficientes para dilatar a mentalidade da esposa.

Depois de alegrar-se com a partida de Wickham, Elizabeth não encontrou muitos outros motivos de satisfação na ausência do regimento. As festas fora de casa se tornaram menos variegadas que antes; e em casa ela tinha uma mãe e uma irmã cujos lamentos constantes diante do tédio de tudo a sua volta mergulhavam o círculo familiar em profunda melancolia; e, embora Kitty fosse aos poucos retornando a seu juízo natural, com a retirada dos elementos perturbadores de seu cérebro, a irmã mais nova, de cujo humor se podiam esperar riscos ainda maiores, muito provavelmente recrudesceria ainda mais sua tolice e sua confiança naquela situação duplamente perigosa de um acampamento de soldados em um balneário. Em geral, contudo, ela se deu conta, como já lhe ocorrera algumas vezes antes, de que um acontecimento pelo qual se anseia com desejo impaciente depois de ocorrido nem sempre traz toda a satisfação com que se contava. Era portanto necessário eleger algum outro momento para o início da verdadeira felicidade; ter algum outro ponto onde fixar seus desejos e esperanças e, ao novamente desfrutar o prazer da expectativa, consolar-se pelo presente e preparar-se para uma nova frustração. A viagem aos Lagos tornou-se o objeto de seus pensamentos mais felizes; seria o melhor consolo por todas as horas contrariadas que o descontentamento da mãe e de Kitty tornava inevitáveis; e, se ela pudesse incluir Jane no programa, então ficaria tudo perfeito.

“Mas por sorte”, pensava ela, “eu tenho o que almejar. Se todo o plano estivesse perfeito, seria frustração na certa. Mas, levando comigo essa fonte de remorso incessante pela ausência de minha irmã, posso bem esperar ter todas as minhas expectativas de prazer realizadas. Um programa em que todas as partes prometem deleite jamais poderá ser bem-sucedido; uma pequena contrariedade peculiar evita uma frustração geral.”

Quando Lydia foi embora, havia prometido escrever sempre e com detalhes à mãe e a Kitty; mas suas cartas foram longamente

aguardadas e eram sempre muito breves. À mãe, contava pouco mais do que haverem acabado de voltar da biblioteca, acompanhadas por tais e tais oficiais, e que vira acessórios lindos que a deixaram louca; que tinha agora um novo vestido e uma nova sombrinha, que bem gostaria de descrever melhor, mas estava com muita pressa e precisava ir, porque a senhora Forster havia chamado e elas iriam ao acampamento; — e da correspondência com a irmã ficava-se sabendo ainda menos — pois suas cartas para Kitty, embora mais longas, eram repletas de entrelinhas que não poderiam vir a público.

Após os primeiros quinze dias de sua ausência de três semanas, a saúde, o bom humor e a alegria começaram a reaparecer em Longbourn. Tudo exibia um aspecto mais feliz. Retornavam as famílias que estiveram passando o inverno na cidade, e as melhores roupas e atividades de verão voltaram a surgir. A senhora Bennet havia retomado sua serenidade ranzinza, e em meados de junho Kitty estava recuperada a ponto de conseguir ir a Meryton sem chorar; fato que continha uma promessa tão feliz que Elizabeth chegou a torcer para que, até o Natal, ela pudesse se tornar razoável a ponto de não mencionar o nome de um oficial mais do que uma vez por dia, a não ser que, por alguma combinação cruel e malévola do departamento de guerra, outro regimento fosse transferido para Meryton.

A data marcada para o início da viagem pelo norte agora se aproximava rapidamente; porém, a apenas quinze dias da partida, chegou uma carta da senhora Gardiner que ao mesmo tempo adiava seu início e encurtava sua duração. Negócios impediriam o senhor Gardiner de viajar até quinze dias depois da data marcada para julho, e precisaria voltar a Londres dentro de um mês; como isso deixava pouco tempo para irem tão longe e ver tudo o que haviam se proposto, ou pelo menos com a tranquilidade e o conforto que haviam imaginado, viam-se obrigados a desistir dos Lagos e optar por uma excursão mais reduzida; segundo o novo plano, não deveriam passar de Derbyshire. Naquele condado, havia o bastante para ocupar boa parte das três semanas que teriam; e para a senhora Gardiner havia um interesse mais forte e especial. A cidade

onde ela passara alguns anos de sua vida, e onde agora passariam alguns dias, provavelmente era um grande objeto de sua curiosidade, tanto quanto as celebradas paisagens lacustres de Matlock, Chatsworth, Dovedale e Peak.¹

Elizabeth ficou decepcionada ao extremo; já contava poder ver os Lagos; e ainda assim achava que haveria tempo de sobra. Porém, contentar-se era seu mister — e sem dúvida seu temperamento era propício à felicidade; e logo tudo ficou bem novamente.

À simples menção de Derbyshire ocorreram-lhe muitas ideias correlatas. Era impossível ver a palavra sem pensar em Pemberley e em seu dono. “Mas sem dúvida”, ela disse, “posso entrar na propriedade dele impunemente e roubar algumas lascas de madeira fossilizada sem que ele perceba.”

O período de expectativa então duplicou-se. Faltavam quatro semanas para a chegada do tio e da tia. Mas se passaram as semanas e o senhor e a senhora Gardiner, com os quatro filhos, por fim apareceram em Longbourn. As crianças, duas meninas de seis e oito anos e dois meninos mais novos, ficariam sob a responsabilidade da prima Jane, que era a favorita de todos, e cujo bom senso constante e temperamento terno eram perfeitamente adaptados para atendê-los em tudo — ensiná-los, diverti-los e amá-los.²

Os Gardiner ficaram apenas uma noite em Longbourn e partiram na manhã seguinte com Elizabeth em busca de novidades e aventuras. Uma diversão estava garantida — eram os três bons companheiros de viagem; afinidade que compreendia disposição e bom temperamento diante dos reveses — alegria para realçar cada prazer — e afeto e inteligência com que amparar uns aos outros no caso de alguma decepção longe de casa.

Não é objetivo desta obra fornecer uma descrição de Derbyshire, nem de nenhuma das paisagens inesquecíveis atravessadas no trajeto até lá; Oxford, Blenheim, Warwick, Kenelworth, Birmingham etc. são bastante conhecidas.³ Um pequeno rincão de Derbyshire é tudo o que por ora nos importa. À pequena cidade de Lambton, cenário de antiga residência da senhora Gardiner, e onde ela recentemente descobrira que alguns conhecidos ainda viviam,

rumaram então, depois de verem boa parte das maravilhas da região; e, a cinco milhas de Lambton, Elizabeth soubera pela tia, situava-se Pemberley. Não ficava diretamente em seu caminho, mas estava a mais de uma ou duas milhas de onde se encontravam. Ao comentar na noite anterior sobre o local, a senhora Gardiner expressou o desejo de visitar novamente a propriedade. O senhor Gardiner declarou igual disposição, e Elizabeth foi consultada sobre sua aprovação.

“Meu amor, você não gostaria de conhecer um lugar sobre o qual já ouviu tanto falar?”, disse-lhe a tia. “Um local com o qual também alguns de seus conhecidos têm relação. Wickham passou ali a mocidade, você sabe.”

Elizabeth afligiu-se. Sentia que não tinha nada a fazer em Pemberley, e viu-se obrigada a demonstrar desinteresse em conhecer. Devia admitir que estava cansada de mansões;⁴ depois de haver visitado tantas, tapetes finos ou cortinas de seda não lhe davam nenhum prazer de fato.

A senhora Gardiner tripudiou sobre sua tolice. “Se fosse apenas uma bela casa bem mobiliada”, disse ela, “eu mesma não me daria ao trabalho de visitar; mas o terreno é muito aprazível. Alguns dos melhores bosques ingleses estão ali.”

Elizabeth não disse mais nada — mas seus pensamentos não aquiesciam. A possibilidade de encontrar o senhor Darcy enquanto visitava sua propriedade lhe ocorreu de imediato. Seria um desastre! Ela corou só de pensar; e achou melhor falar abertamente com a tia do que correr esse risco. Mas a isso também se impunham objeções; e ela por fim decidiu que seria seu último recurso, caso suas investigações privadas sobre a ausência da família fossem respondidas de modo desfavorável.

Assim, ao retirar-se para a noite, perguntou à criada se Pemberley era um belo lugar, qual era o nome do proprietário e, sem alarde, se a família estaria em casa para passar o verão. Uma bem-vinda negativa seguiu-se à última pergunta — e então, livre de suas preocupações, sentiu-se à vontade para demonstrar uma grande curiosidade de ver a casa com seus próprios olhos; e quando voltaram ao assunto na manhã seguinte, e mais uma vez lhe

perguntaram sua opinião, ela prontamente respondeu, com um ar adequado de indiferença, que não teria na verdade nenhuma objeção ao programa.

A Pemberley, portanto, iriam todos.

volume iii

Elizabeth, ainda na estrada, viu com certa perturbação o despontar da floresta de Pemberley na paisagem; e, quando por fim viraram na guarita da propriedade, seu ânimo estava exaltado.

O parque era enorme, e abrigava grande variedade de paisagens. Entraram pela parte mais baixa e seguiram na carruagem mais algum tempo por entre belos arvoredos, que se estendiam por um largo trecho.

A cabeça de Elizabeth estava cheia demais para conversar, mas ela viu e admirou-se com cada vista e aspecto relevante do lugar. Foram subindo por uma ladeira não muito inclinada por oitocentos metros, e em seguida se viram no topo de um considerável aclave, onde cessavam as árvores e a visão era instantaneamente capturada pela casa de Pemberley, situada do outro lado de um vale, por onde serpenteava uma estrada um tanto acidentada. Era um edifício de pedra, grande, bonito, projetado do alto da elevação do terreno, recortado contra um fundo de altas colinas cobertas de bosques; — e pela frente, o estuário de um curso d'água de certa relevância natural, que não aparentava ser um lago artificial. Suas margens não pareciam planejadas nem falsamente adornadas. Elizabeth apreciou muitíssimo. Nunca antes vira um lugar tão privilegiado pela natureza, ou onde a beleza natural fora tão pouco prejudicada por algo de gosto duvidoso.¹ Foram todos calorosos em sua admiração; e naquele momento ela sentiu que ser a senhora de Pemberley não era pouca coisa!

Desceram a colina, atravessaram a ponte e foram de carruagem até a porta; e, enquanto observava a casa mais de perto, voltaram-lhe todos os temores de encontrar seu dono. Temia que a criada houvesse se enganado. Ao pedirem para conhecer o lugar, foram

recebidos no vestíbulo; e Elizabeth, enquanto esperavam a governanta, teve chance de refletir sobre o local onde estava afinal.

Chegou a governanta; uma mulher respeitável, idosa, muito menos fina e mais gentil do que Elizabeth pensara encontrar. Acompanhou-os até a sala de jantar. Era uma sala grande, bem espaçosa, lindamente decorada. Elizabeth, após uma breve inspeção, foi até a janela para apreciar a vista. A colina coroada de árvores por onde haviam descido, parecendo mais inclinada pela distância, era algo de genuinamente belo. Toda a disposição da paisagem era linda; e ela observou todo o cenário, o rio, as árvores espalhadas pelas margens, os meandros tortuosos vale adentro, tudo até onde a vista alcançava, com prazer. Ao passarem aos outros cômodos, aqueles objetos ganhavam novas posições; mas de todas as janelas havia beleza para os olhos. As salas eram amplas e formosas, e a mobília, adequada à riqueza do proprietário; porém, Elizabeth reparou, admirada pelo bom gosto, que não havia nada excessivo ou despropositadamente fino;² havia menos esplendor, e mais da verdadeira elegância, do que na mobília de Rosings.

“E eu podia”, pensou ela, “ser senhora deste lugar! Familiarizada com essas salas! Em vez de olhá-las como uma forasteira, podia desfrutá-las como dona, e receber meu tio e minha tia como minhas visitas. — Mas não”, recompôs-se, — “isso nunca: eu não poderia manter relações com meu tio e minha tia: não teria nem permissão de convidá-los.”

Essa foi uma boa lembrança — poupou-a de qualquer remorso.

Elizabeth queria muito saber da governanta se o patrão estava mesmo fora, mas não teve coragem. Aos poucos, contudo, a pergunta acabou sendo feita pelo tio; e ela se virou assustada quando a senhora Reynolds respondeu que estava, acrescentando: “Mas deve chegar amanhã, com um grande grupo de amigos.” Que alegria sentiu Elizabeth por sua própria viagem não haver sido atrasada por mais um dia!

A tia então chamou-a para ver um quadro. Ela se aproximou e viu a imagem do senhor Wickham, suspensa entre várias outras miniaturas, sobre o console. A tia perguntou, sorrindo, o que tinha achado do quadro. A governanta veio até elas e disse que era o

retrato de um jovem cavalheiro, filho do empregado do falecido patrão, que fora criado às custas do próprio senhor. — “Ele agora entrou no Exército”, ela acrescentou, “mas infelizmente parece que se revelou uma pessoa bastante tempestuosa.”

A senhora Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso, que Elizabeth não devolveu.

“E aquele”, disse a senhora Reynolds, apontando para outro retrato, “é o meu patrão — está muito parecido. Foi feito na mesma época que o outro — há coisa de oito anos.”³

“Ouvi dizer que o seu patrão é ótima pessoa”, disse a senhora Gardiner, olhando para o quadro; “e tem um belo rosto. Mas, Lizzy, você pode nos dizer se está parecido ou não.”

O respeito da senhora Reynolds por Elizabeth pareceu aumentar diante da insinuação de que ela conhecia seu patrão.

“A senhorita conhece o senhor Darcy?”

Elizabeth corou e disse: “Um pouco”.

“E você não acha que ele é um cavalheiro muito bonito, madame?”

“Sim, muito bonito.”

“Não conheço nenhum mais bonito; mas na galeria lá de cima você verá um retrato melhor, maior do que esse. Esta sala era a favorita do meu falecido patrão, e esses pequenos retratos continuam no mesmo lugar onde estavam antes. Ele gostava muito deles.”

Elizabeth se deu conta de que era por isso que o retrato do senhor Wickham estava entre eles.

A senhora Reynolds então chamou-lhes a atenção para um retrato da senhorita Darcy, feito quando ela tinha apenas oito anos.

“E a senhorita Darcy é tão bonita quanto o irmão?”, perguntou a senhora Gardiner.

“Oh! Sim — é a moça mais linda que já existiu; e tão prendada! — Toca e canta o dia inteiro. Na sala ao lado está o novo piano que acabou de chegar para ela — presente do meu patrão; ela deve vir amanhã com ele.”

O senhor Gardiner, cujos modos eram tranquilos e agradáveis, estimulava-lhe a comunicação com perguntas e comentários; a senhora Reynolds, fosse por orgulho ou apego, demonstrava, evidentemente, muito prazer em falar de seu patrão e da irmã.

“Seu patrão costuma ficar muito em Pemberley nesta época do ano?”

“Não tanto quanto eu gostaria, senhor; mas ousou dizer que talvez passe metade do tempo aqui; e a senhorita Darcy fica sempre nos meses de verão.”

“Exceto”, pensou Elizabeth, “quando vai a Ramsgate.”

“Se o seu patrão se casasse, você poderia vê-lo mais.”

“Sim, senhor; mas não sei quando será isso. Não conheço ninguém boa o bastante para ele.”

O senhor e a senhora Gardiner sorriram. Elizabeth não pôde deixar de dizer: “Que a senhora pense assim, tenho certeza, depõe muito a favor dele”.

“Estou apenas dizendo a verdade, e o que todos que o conhecem diriam”, respondeu a outra. Elizabeth pensou que aquilo já estava indo longe demais; e escutou com espanto cada vez maior a governanta dizer ainda: “Ele nunca levantou a voz para mim na vida, e eu o conheço desde os quatro anos”.

Eis um grande elogio, o mais extraordinário, e o mais contrário às ideias que ela tinha sobre ele. Que ele não era um homem de bom gênio, sempre fora sua mais firme opinião. Sua atenção mais aguda foi despertada; agora queria saber mais, e ficou grata ao tio por dizer:

“Existem muito poucas pessoas de quem se pode dizer isso. Você tem sorte de ter um patrão assim.”

“Sim, senhor, eu sei que tenho. Se saísse por aí procurando, não encontraria outro melhor. Mas sempre reparei que quem tem bom gênio em criança tem bom gênio quando é adulto; e ele sempre foi o menino mais doce, mais generoso do mundo.”

Elizabeth quase a encarou. “Seria mesmo assim o senhor Darcy?”, pensou.

“O pai era um homem excelente”, disse a senhora Gardiner.

“Sim, madame, ele era mesmo; e o filho vai ser igual a ele — a mesma bondade com os pobres.”

Elizabeth escutou, imaginou, duvidou, e estava impaciente para ouvir mais. Nenhum outro assunto da senhora Reynolds poderia interessá-la agora. Em vão, explicou os temas das pinturas, o

tamanho dos quartos e o preço dos móveis. O senhor Gardiner, divertindo-se muito com tanta parcialidade, ao que ele atribuía aquele excesso de elogios ao patrão, logo retomou o assunto; e ela falou com energia dos muitos méritos dele enquanto subiam juntos a grandiosa escadaria.

“Ele é o melhor proprietário, e o melhor patrão”, disse ela, “que já existiu. Não como esses rapazes amalucados de hoje em dia, que só pensam em si mesmos. Nenhum arrendatário ou criado daqui diria nada contra seu bom nome. Há quem diga que ele é orgulhoso; mas eu juro que nunca vi nada disso. Para mim, é só porque ele não tagarela sem parar como outros rapazes.”

“Agora ele aparece sob luzes muito mais amáveis!”, pensou Elizabeth.

“Essa bela versão”, sussurrou-lhe a tia, enquanto caminhavam, “não combina com a atitude dele no caso de nosso pobre amigo.”

“Talvez tenhamos sido enganadas.”

“Não é muito provável; sabemos de fonte segura.”

Ao chegarem ao espaçoso salão do andar de cima, foram conduzidas a uma bela sala de estar, recentemente mobiliada com elegância ainda maior e mais delicadeza do que os cômodos de baixo; e foram informadas de que haviam acabado de terminar a sala só para agradar a senhorita Darcy, que gostara de ficar ali em sua última temporada em Pemberley.

“Certamente ele é um bom irmão”, disse Elizabeth, caminhando na direção das janelas.

A senhora Reynolds já imaginava o prazer da senhorita Darcy quando entrasse ali. “E ele sempre foi assim”, ela acrescentou. — “Se existe uma coisa que dará prazer à irmã, ele providencia para que seja feito imediatamente. Não há nada que não faça por ela.”

A galeria de quadros, e dois ou três dos quartos principais, era tudo o que faltava ser mostrado. Na primeira havia pinturas muito boas; mas Elizabeth não entendia nada de arte; e depois do que vira lá embaixo voluntariamente se desviou para olhar alguns desenhos da senhorita Darcy, a pastel, cujos temas eram geralmente mais interessantes e mais compreensíveis.

Na galeria havia muitos retratos de família, mas pouco continham que fixasse a atenção de uma desconhecida. Elizabeth continuou andando até encontrar o único rosto cujas feições lhe seriam familiares. Por fim se deteve — e notou a impressionante semelhança com o senhor Darcy, com um sorriso no rosto, como se lembrava de tê-lo visto algumas vezes quando ele olhava para ela. Ficou parada por alguns minutos diante da pintura em penhorada contemplação e ainda voltou ao quadro antes que saíssem da galeria. A senhora Reynolds informou que o retrato fora feito enquanto o pai ainda era vivo.

Certamente nesse instante, na mente de Elizabeth, havia mais delicadeza para com o original do que jamais sentira mesmo no auge de sua relação. Os louvores suscitados por ele da parte da senhora Reynolds não eram desprovidos de valor. Que elogio é mais valioso que o de uma criada inteligente? Como irmão, como proprietário, como patrão, ela notava que a felicidade de muitas pessoas estava sob a guarda dele! — Quanto prazer e quanta dor estavam em seu poder propiciar! — Quanto bem e quanto mal ele poderia causar! Todas as ideias trazidas à tona pela governanta eram favoráveis ao seu caráter e, enquanto ela permaneceu diante da tela onde ele estava representado, com seus olhos grandes fixos sobre ela, pensou em seu interesse por ela com um sentimento de gratidão mais profundo do que nunca;⁴ recordou seu ardor e relevou sua expressão inadequada.

Quando todas as partes abertas a visitação foram mostradas, eles desceram pela escadaria e despedindo-se da governanta foram levados pelo jardineiro, que os esperava junto à porta da entrada.

Enquanto caminhavam pelo gramado em direção ao rio, Elizabeth virou-se para ver de novo a casa; o tio e a tia também pararam e, enquanto o primeiro especulava sobre a data da construção, o próprio dono da casa de repente surgiu na estrada que dava nos estábulos dos fundos.

Estava a cerca de vinte metros de distância dela, e tão abrupta foi sua aparição que foi impossível deixar de notá-lo. Seus olhares instantaneamente se cruzaram, e as faces de ambos ficaram tomadas do rubor mais intenso. Ele ficou absolutamente espantado,

e por um instante imóvel de surpresa; mas logo se recobrando, avançou na direção do grupo e falou com Elizabeth, senão com a mais perfeita serenidade, pelo menos com perfeita cortesia.

Ela se virara instintivamente; mas, detendo-se diante da aproximação dele, recebeu seus cumprimentos com um constrangimento impossível de conter. Se essa aparição ou sua semelhança com a figura que haviam acabado de ver no quadro não bastassem para garantir aos outros dois que estavam agora diante do senhor Darcy, a expressão surpresa do jardineiro, contemplando o patrão, imediatamente confirmou a opinião dos tios. Ficaram um tanto afastados enquanto ele conversava com a sobrinha, que, perplexa e confusa, mal ousava erguer os olhos até o rosto dele, e não soube o que responder quando ele perguntou sobre sua família. Espantada com a diferença dos modos dele desde a última vez que se viram, cada frase que ele pronunciava aumentava seu embaraço; e, a cada vez que pensava na impropriedade de haver sido flagrada ali, sentia-se mais incomodada como nunca antes na vida. Ele tampouco parecia mais à vontade; quando falou, o tom não era mais sedado como de costume; e ele perguntou tantas vezes e tão apressadamente quando tinha saído de Longbourn e quanto tempo ficaria em Derbyshire que revelou a distração de seus pensamentos.

Por fim, começaram a lhe faltar ideias; e, após alguns momentos sem dizer nada, subitamente recobrou-se e despediu-se.

Os tios então se juntaram a ela, e expressaram sua admiração pelo aspecto do rapaz; mas Elizabeth não conseguiu ouvir uma palavra e, inteiramente absorta pelos próprios sentimentos, apenas os seguiu em silêncio. Estava tomada pela vergonha e pela aflição. Sua ida até lá havia sido a coisa mais infeliz e mais descabida do mundo! Como ele não haveria de achar estranho aquilo! Quão deplorável sua visita pareceria a um homem tão vaidoso! Era como se ela houvesse se atirado no caminho dele outra vez! Oh! Por que ela viera afinal? Ou por que ele viera um dia antes do previsto? Se houvessem saído dez minutos antes, estariam fora do alcance da visão dele, pois estava claro que o senhor Darcy havia acabado de chegar e tinha deixado seu cavalo ou sua carruagem naquele exato momento. Ela corou mais uma vez com a perversidade do acaso. E a atitude dele, tão

nitidamente transformada — qual seria o significado daquilo? O simples fato de haver falado com ela foi inacreditável! — mas falar com aquela cortesia, e perguntar da família! Nunca antes ela vira seus modos tão pouco majestosos, nunca antes ele falara com tamanha gentileza como naquele encontro inesperado. Tão contrastante com sua última conversa nos jardins de Rosings, quando deixara com ela sua carta! Ela não sabia o que pensar, nem como reagir àquilo.

Haviam agora adentrado uma bela alameda à beira d'água, e cada passo revelava um trecho de terreno ainda mais nobre ou uma visão mais bela dos arvoredos de que se aproximavam; mas levou algum tempo até que Elizabeth se desse conta de qualquer dessas coisas; e, embora respondesse mecanicamente às perguntas insistentes de seu tio e sua tia e parecesse dirigir o olhar aos objetos que eles indicavam, ela não era capaz de distinguir nenhum aspecto da paisagem. Seus pensamentos estavam todos presos a um único ponto da casa de Pemberley, qualquer que fosse, onde estaria então o senhor Darcy. Ela ansiava por saber o que se passava na cabeça dele naquele momento; de que modo ele pensaria nela, e se, desafiando a tudo, ela ainda lhe seria cara. Talvez ele tivesse sido cortês apenas porque se sentira à vontade; embora na voz dele houvesse algo que não parecia nada à vontade. Se sentira mais dor ou prazer ao vê-la, Elizabeth não teria como dizer, mas certamente não a vira com serenidade.

Aos poucos, contudo, os comentários de seus tios sobre sua distração a despertaram, e ela sentiu necessidade de se mostrar mais presente aos olhos deles.

Entraram no bosque e, dando adeus ao rio por algum tempo, subiram por um aclave; de onde, em pontos nos quais os espaços entre as árvores davam aos olhos poder de divagar, havia muitas vistas encantadoras do vale, das colinas do outro lado, com a longa fileira de árvores cobrindo às vezes partes do curso d'água. O senhor Gardiner expressou seu desejo de completar a volta em toda a propriedade, mas receava que fosse demais para uma única caminhada. Com um sorriso triunfante, o jardineiro disse-lhes que o perímetro era de dez milhas. Isso resolveu a questão; e eles

tomaram o caminho de antes; que os trouxe novamente, após algum tempo, por um declive com árvores pensas, até a beira d'água, em um dos trechos mais estreitos. Atravessaram por uma pequena ponte, que combinava com o aspecto geral da paisagem; era o trecho menos exuberante de todos que haviam visto até então; e o vale, ali reduzido a uma baixada, dava lugar apenas a um fio de água e uma passagem estreita por entre arbustos que o bordejavam. Elizabeth queria explorar seus meandros; mas, depois de atravessarem a ponte e perceberem a distância que estavam da casa, a senhora Gardiner, que não era muito afeita a caminhadas, já não conseguia dar mais um passo e só pensava em voltar à carruagem o quanto antes. A sobrinha foi, portanto, obrigada a acatar, e retomaram o rumo da casa do outro lado do rio pelo caminho mais curto; mas o progresso foi lento, pois o senhor Gardiner, embora raramente pudesse permitir o desfrute, gostava muito de pescar, e ficou tão entretido com aparições ocasionais de uma truta na água e conversando com o jardineiro a respeito, que só avançava lentamente. Enquanto divagavam em tal morosidade, foram mais uma vez surpreendidos, e a perplexidade de Elizabeth foi a mesma de antes, ao notar que o senhor Darcy se aproximava deles a uma pequena distância. Sendo o caminho desse lado menos protegido que do outro, eles puderam vê-lo primeiro. Elizabeth, embora perplexa, estava ao menos mais preparada do que antes para um encontro, e resolveu demonstrar calma e falar tranquilamente, se é que de fato ele pretendia abordá-los. Por alguns momentos, ela achou que provavelmente ele tomaria outro caminho. Essa ideia durou o tempo em que uma curva do caminho ocultou-o da vista deles; passada a curva, ele estava bem ali diante. De um relance, ela descobriu que o senhor Darcy não havia perdido nada da cortesia recente; e, para fazer frente à polidez dele, Elizabeth começou, assim que se encontraram, a comentar a beleza do lugar; mas ainda não havia ido muito além das palavras “delicioso” e “encantador” quando lembranças infelizes se interpuseram, e ela achou que seus elogios de Pemberley poderiam ser interpretados maliciosamente. Mudou de cor e não disse mais nada.

A senhora Gardiner estava parada logo atrás; e, nessa pausa, ele perguntou a ela se lhe daria a honra de apresentar seus amigos. Esse foi um golpe de cortesia para o qual ela não estava nem um pouco preparada; e mal conseguiu conter um sorriso diante do fato de ele agora procurar conhecer algumas das pessoas contra as quais seu orgulho se revoltara em sua proposta para ela. “Qual não será sua surpresa”, ela pensou, “quando souber quem são eles! Ele agora deve achar que são pessoas importantes.”

A apresentação, no entanto, foi feita imediatamente; e, quando mencionou o parentesco, ela olhou furtivamente para ele, para ver como reagia; e por certo esperava que fugiria rapidamente daquela companhia tão deplorável. Que o senhor Darcy ficara surpreso com o parentesco era evidente; ele ali persistiu, no entanto, com bravura e, longe de ir embora, voltou com eles e entabulou uma conversa com o senhor Gardiner. Elizabeth só podia sentir-se satisfeita, só podia sentir-se triunfante. Foi um consolo que ele ficasse sabendo que ela tinha alguns parentes de quem não havia necessidade de se envergonhar. Escutou com a maior atenção tudo o que se passava entre eles, e glorificou-se com cada expressão, cada frase do tio, que demonstravam sua inteligência, seu bom gosto ou suas boas maneiras.

A conversa logo se encaminhou para a pescaria, e ela ouviu o senhor Darcy convidá-lo, com a maior cortesia, para pescar ali quando quisesse enquanto permanecesse na vizinhança, oferecendo ainda um suprimento de caniços e mostrando as partes do rio onde geralmente havia mais peixes. A senhora Gardiner, que caminhava de braços dados com Elizabeth, exibiu-lhe um olhar que expressava seu encanto. Elizabeth não disse nada, mas aquele olhar fez com que se sentisse extremamente grata; o mérito era todo seu. Sua estupefação, contudo, era extrema; e o tempo todo ela repetia para si mesma: “Por que ele está tão diferente? Qual será o motivo? Não pode ser por minha causa, não posso ser eu a causa dessa suavidade nos modos dele. Minhas censuras em Hunsford não haveriam de provocar uma mudança assim. É impossível que ainda me ame”.

Depois de caminhar desse modo por algum tempo, as duas damas à frente e os dois cavalheiros atrás, retomando suas posições após descerem até a beira do rio para inspecionar melhor uma curiosa planta aquática, houve uma pequena alteração. Começou com a senhora Gardiner, que, extenuada do exercício da manhã, sentiu que o braço de sua sobrinha não era o melhor para apoiá-la e recorreu ao braço do marido. O senhor Darcy tomou seu lugar junto a Elizabeth, e passaram a caminhar juntos. Após um breve silêncio, a dama falou primeiro. Queria que ele soubesse que lhe haviam garantido que estaria ausente antes daquela visita, e apropriadamente começou por comentar que a chegada dele havia sido deveras inesperada — “Pois sua governanta”, ela acrescentou, “nos informou que certamente só voltaria amanhã; e, de fato, antes de sairmos de Bakewell, achávamos que o senhor não estaria de volta à região”. Ele admitiu a veracidade de tudo aquilo; e disse que voltara para resolver negócios com seu administrador algumas horas antes do grupo com o qual vinha viajando. “Chegarão amanhã cedo”, continuou o senhor Darcy, “e entre eles há pessoas conhecidas suas — o senhor Bingley e as irmãs dele.”

Elizabeth respondeu apenas com um discreto arquear de sobrancelha. Seus pensamentos foram instantaneamente levados de volta ao tempo em que o nome do senhor Bingley fora mencionado pela última vez entre eles; e, se ela pudesse julgar pela expressão dele, seus pensamentos não deviam estar ocupados de modo diverso.

“Existe ainda uma outra pessoa no grupo”, continuou ele após uma pausa, “que deseja conhecê-la especialmente — você me permitiria, ou seria pedir demais, apresentar-lhe minha irmã durante sua estada em Lambton?”

A surpresa de tal pedido foi de fato grande; grande demais para ela saber como assentir. Ela imediatamente sentiu que, qualquer que fosse o desejo que a senhorita Darcy tivesse de conhecê-la, devia ser por obra do irmão, o que sem dúvida era algo satisfatório; era gratificante saber que o ressentimento dele não o fizera pensar mal dela.

Então passaram a caminhar em silêncio; ambos imersos em profundos sentimentos. Elizabeth agora estava incomodada; aquilo era impossível; mas sentiu-se lisonjeada e satisfeita. O desejo de lhe apresentar a irmã era um elogio dos maiores. Logo tomaram certa dianteira e, quando chegaram à carruagem, o senhor e a senhora Gardiner estavam ainda a cerca de duzentos metros para trás.

Ele então a convidou a entrar na casa — mas Elizabeth disse que não estava cansada, e ficaram juntos de pé no gramado. Nesse ínterim, muita coisa podia ter sido dita, e o silêncio foi estranho. Ela queria falar, mas parecia haver um embargo em cada assunto. Por fim se lembrou de que ele estivera viajando, e puseram-se a conversar sobre Matlock e Dove Dale com bastante afinho. Porém o tempo e sua tia se moveram devagar — e sua paciência e suas ideias estavam quase esgotadas antes que o tête-à-tête terminasse. Quando o senhor e a senhora Gardiner chegaram, foram todos instados a entrar na casa e aceitar alguma coisa; mas o convite foi recusado e eles se despediram com a mais perfeita polidez. O senhor Darcy ofereceu a mão às damas para subirem na carruagem e, quando partiram, Elizabeth viu-o caminhar lentamente em direção à casa.

As observações do tio e da tia então começaram; e ambos disseram que ele era infinitamente superior a tudo o que esperavam. “Porta-se com a mais perfeita cortesia, educadamente e sem afetação”, disse o tio.

“Existe nele, sem dúvida, algo um pouco suntuoso”, respondeu a tia, “mas apenas em sua atitude, e não lhe quadra mal. Posso agora dizer, como a governanta, que, embora algumas pessoas possam chamá-lo de orgulhoso, eu mesma não vi nada disso.”

“Fiquei mais que surpreso pelo comportamento dele conosco. Mais do que cortês; foi realmente atencioso; e não havia nenhuma necessidade de toda essa atenção. Elizabeth e ele mal se conhecem.”

“Certamente, Lizzy”, disse a tia, “ele não é bonito como Wickham; ou melhor, não tem aquela expressão de Wickham, mas seus traços são perfeitos. Como pôde dizer que ele era antipático?”

Elizabeth se desculpou como pôde; disse que havia gostado mais dele em Kent do que antes, e que nunca o vira tão simpático como naquela manhã.

“Mas talvez ele tenha exagerado um pouco na cortesia”, devolveu o tio. “Os nobres muitas vezes são assim; e portanto não virei pescar, fiando-me em sua palavra, pois no outro dia ele pode mudar de ideia e me expulsar de sua propriedade.”

Elizabeth percebeu que se equivocavam inteiramente quanto ao caráter dele, mas não disse nada.

“Pelo que vimos dele”, prosseguiu a senhora Gardiner, “eu não diria mesmo que teria sido capaz de agir de modo tão cruel com ninguém, como fez com o pobre Wickham. Não parece uma pessoa de má-fé. Pelo contrário, quando fala, há algo de agradável no modo como move os lábios. E há certa dignidade em seu semblante, que não dá uma ideia negativa de seu coração. Mas seguramente a boa senhora que nos mostrou a casa pintou-lhe com um caráter reluzente! Não consegui deixar de rir alto algumas vezes. Mas ele deve ser um patrão liberal, imagino, e isso para uma criada é a maior de todas as virtudes.”

Elizabeth então sentiu-se obrigada a dizer algo sobre a atitude dele para com Wickham; e portanto os fez saber, do modo mais reservado que pôde, que segundo ouvira de parentes dele em Kent seus atos eram passíveis de interpretação bastante distinta; e que seu caráter não era de modo algum tão falho, nem o de Wickham tão afável, como se pensava em Hertfordshire. Em confirmação a isso, ela relatou os detalhes de todas as transações pecuniárias em que os dois estiveram envolvidos, sem na verdade revelar quem lhe contara, mas declarando ser alguém de confiança.

A senhora Gardiner ficou surpresa e preocupada; mas, como estavam então chegando ao cenário de seus antigos prazeres, todos os pensamentos deram lugar ao encanto da recordação da mocidade; e viu-se entretida demais em mostrar ao marido todos os recantos interessantes do entorno para pensar em qualquer outra coisa. Mesmo exausta pela caminhada da manhã, depois do jantar ela saiu novamente em busca de seus antigos conhecidos, e sua

noite foi ocupada pela satisfação de reatar laços de amizade interrompidos por muitos anos.

Os acontecimentos do dia haviam sido interessantes demais para que Elizabeth prestasse muita atenção àquelas novas amizades; e ela só conseguia pensar, e pensar com enlevo, na cortesia do senhor Darcy e, sobretudo, em seu desejo de apresentá-la à irmã.

Elizabeth havia combinado que o senhor Darcy traria a irmã para visitá-la no dia seguinte à sua chegada a Pemberley; e ficou resolvida a não arredar pé da hospedaria na manhã inteira em questão. Mas sua conclusão se provou falsa; pois, ainda naquela manhã em que ela mesma chegara em Lambton, chegaram as visitas. Ela e os tios estiveram passeando pela vila com alguns dos novos amigos, e haviam voltado à hospedaria para trocar-se para o jantar com essa mesma família quando o barulho de uma carruagem os atraiu para a janela, e viram um cavalheiro e uma dama em um coche de duas rodas, subindo a rua. Elizabeth reconheceu imediatamente a carruagem, imaginou de que se tratava e expressou aos tios sua grande surpresa, informando-os da honra que a esperava. O tio e a tia muito se admiraram; e o constrangimento dos modos dela ao falar, além das próprias circunstâncias do momento e das muitas circunstâncias do dia anterior, abriram-lhes uma nova perspectiva do caso. Nada antes sugerira aquilo, mas agora eles achavam que a única explicação para toda aquela atenção da parte dele seria supor algum interesse em sua sobrinha. Enquanto tais ideias começavam a brotar em suas cabeças, a perturbação dos sentimentos de Elizabeth aumentava. Estava bastante perplexa com seu próprio descontrole; mas, entre outras tantas causas de inquietação, temia sobretudo que a parcialidade do irmão tivesse falado demais a seu favor com a irmã; e, desejosa de agradar mais do que seria comum, naturalmente desconfiava que todos os seus atributos agradáveis não seriam o bastante.

Afastou-se da janela, temendo ser vista; e enquanto caminhava pelo quarto de um lado para o outro, tentando se recompor, notou

uma expressão intrigada de surpresa nos tios, que só fez tudo piorar ainda mais.

A senhorita Darcy e o irmão apareceram, e deu-se por fim a temida apresentação. Elizabeth viu com espanto que sua nova conhecida estava tão constrangida quanto ela. Desde que chegara a Lambton, ouvira dizer que a senhorita Darcy era extremamente orgulhosa; mas, ao observá-la por alguns poucos minutos, convenceu-se de que era apenas extremamente tímida. Foi difícil extrair-lhe qualquer palavra além de monossílabos.

A senhorita Darcy era alta e mais encorpada que Elizabeth; e, embora tivesse pouco mais de dezesseis, já era mulher feita, e sua aparência era feminina e graciosa. Não era tão bonita quanto o irmão, mas seu rosto expressava inteligência e bom humor, e seus modos eram perfeitamente desprestiosos e gentis. Elizabeth, que esperava encontrar nela uma observadora sagaz e desembaraçada como o senhor Darcy, ficou muito aliviada ao perceber uma disposição tão distinta.

Haviam chegado não fazia muito tempo quando Darcy lhe disse que Bingley também devia chegar a qualquer momento para visitá-la; e ela mal teve tempo de expressar sua satisfação e de se preparar para receber essa visita, quando o passo apressado de Bingley se fez ouvir da escada, e em um segundo ele entrou na sala. Toda a raiva de Elizabeth contra ele passara havia muito; porém, se ainda sentisse algum resquício, dificilmente teria resistido diante da cordialidade sem afetação com que ele se expressou quando a viu novamente. Perguntou de forma amistosa, ainda que genericamente, sobre sua família e aparentou e falou com a mesma tranquilidade bem-humorada com que sempre a tratara.

Aos olhos do senhor e da senhora Gardiner, ele pareceu um personagem tão interessante quanto para ela. Havia muito que desejavam conhecê-lo. Todo o grupo diante deles, na verdade, chamava muita atenção. As suspeitas que acabavam de surgir, de haver algo entre o senhor Darcy e a sobrinha, fizeram com que os observassem com olhar investigativo; e a partir do apurado em suas investigações extraíram a plena convicção de que pelo menos um dos dois ali sabia o que era amor. Quanto ao que a dama sentia,

pairava ainda alguma dúvida; mas que o cavalheiro transbordava de admiração era bastante evidente.

Elizabeth, por sua vez, tinha muito com que lidar. Queria assegurar-se do que sentia cada uma das visitas, queria se recompor, ser simpática com todos; e nesse intuito, no que mais temia falhar, poderia ter certeza absoluta de sucesso, pois aqueles a quem pretendia agradar estavam de antemão a seu favor. Bingley disposto, Georgiana ávida e Darcy decidido a gostar dela.

Ao olhar para Bingley, naturalmente pensou na irmã; e oh!, como desejou ardentemente saber se os pensamentos dele também não apontavam para a mesma direção. Chegou a questionar se ele não estaria um pouco mais calado do que antes, e uma ou duas vezes satisfez-se em imaginar que talvez estivesse olhando para ela tentando perceber alguma semelhança. Porém, ainda que isso fosse imaginário, não pôde deixar de reparar na atitude dele para com a senhorita Darcy, alçada à condição de rival de Jane. Nenhum olhar de nenhuma das partes sugeria um afeto especial. Nada do que se passou ali entre eles poderia justificar as esperanças da irmã dele. Nesse ponto ela ficou logo satisfeita; e ocorreram duas ou três mínimas situações antes que as visitas fossem embora que, em sua interpretação aflita, indicavam que pensava em Jane com ternura e um desejo de dizer mais que teria levado à menção do nome dela, fosse ele mais ousado. O senhor Bingley comentou com ela, enquanto os outros conversavam, com uma voz que expressava genuíno remorso, que “fazia muito tempo desde a última vez em que tivera o prazer de vê-la”; e, antes que ela pudesse responder, acrescentou: “Já faz mais de oito meses. Não nos vemos desde 26 de novembro, quando estávamos todos dançando juntos em Netherfield”.

Elizabeth gostou da lembrança tão exata; e depois ele aproveitou para perguntar, quando ninguém mais estava por perto, se todas as irmãs estavam em Longbourn. Não havia nada de mais na pergunta, nem no comentário anterior, mas seu olhar e o modo como a fizera lhe emprestavam significado.

Não houve muitas oportunidades para olhar para o próprio senhor Darcy; mas, sempre que o via de relance, havia uma expressão de

aquiescência generalizada, e em tudo o que ele dizia Elizabeth notava uma inflexão inteiramente desprovida de soberba ou desdém para com seus companheiros, de modo a convencê-la de que a melhora nos modos dele que ontem testemunhara, ainda que sua existência viesse a se provar temporária, havia ao menos resistido mais um dia. Quando Elizabeth o viu daquela forma, buscando conhecer e cortejando a boa opinião das pessoas com quem o menor contato alguns meses antes lhe teria sido deplorável; quando ela o viu assim tão gentil, não apenas com ela, mas com os próprios parentes que abertamente desdenhara, e se lembrou da última cena no presbitério de Hunsford, a diferença, a mudança era tão grande e irrompeu com tamanho ímpeto em sua mente que ela mal conseguiu ocultar seu espanto. Nunca, mesmo na companhia dos amigos dele em Netherfield ou de suas parentes nobres em Rosings, ela o vira tão sequioso de agradar, tão despojado de arrogância ou de uma reserva inflexível como agora, quando nada de importante poderia resultar do sucesso de suas tentativas e até mesmo o conhecimento daqueles a quem sua atenção se dirigia soaria ridículo e censurável aos olhos das damas de Netherfield e Rosings.

As visitas permaneceram com eles mais de meia hora, e quando se levantaram para ir embora o senhor Darcy chamou a irmã para se juntar a ele no convite feito ao senhor e à senhora Gardiner e à senhorita Bennet para jantar em Pemberley antes que partissem. A senhorita Darcy, embora com o retraimento de alguém que não estava acostumada a fazer convites, prontamente obedeceu. A senhora Gardiner olhou para a sobrinha, desejando saber se ela, a quem o convite era especialmente dirigido, consideraria aceitar, mas Elizabeth havia virado o rosto. Presumindo, contudo, que sua esquiva proposital se deveria antes ao constrangimento momentâneo do que a qualquer desgosto quanto à proposta, e vendo em seu marido, que gostava de frequentar a sociedade, a mais perfeita disposição de aceitá-la, ela previu uma resposta positiva da sobrinha, e marcaram então o jantar para dali a dois dias.

Bingley expressou grande prazer pela certeza de tornar a ver Elizabeth, tendo ainda muito para dizer a ela e muitas perguntas a fazer sobre todos os amigos de Hertfordshire. Elizabeth, supondo

que ele se referisse ao desejo de ouvi-la falar da irmã, ficou contente; e, levando isso e mais alguns outros motivos em conta, viu-se, assim que as visitas foram embora, capaz de considerar a última meia hora satisfatória, embora não a tivesse, enquanto passava, aproveitado tanto. Precisando ficar sozinha, e temendo interrogatórios e palpites do tio e da tia, ela ficou com eles apenas até ouvir uma opinião favorável de Bingley, e foi às pressas se trocar.

Mas Elizabeth não precisava temer a curiosidade do senhor e da senhora Gardiner; eles não tinham intenção de obrigá-la a contar nada. Era evidente que conhecia o senhor Darcy muito melhor do que eles imaginavam; era evidente que ele estava apaixonado por ela. Os dois viram muitas coisas interessantes, mas nada que justificasse o interrogatório.

Puseram-se então a pensar bem do senhor Darcy; e, até onde chegara sua relação com ele, não havia nenhum defeito que pudessem encontrar. Não tinham como deixar de se comover com sua polidez, e a julgar pelo que sentiam e pelo relato da criada, sem mais nada ter em vista, o círculo de Hertfordshire que o conhecera não teria reconhecido ali o mesmo senhor Darcy. Havia agora, entretanto, um interesse em acreditar na governanta; e logo se deram conta de que a autoridade de uma empregada que o conhecia desde os quatro anos de idade, e cujos próprios modos emanavam respeitabilidade, não deveria ser descartada intempestivamente. Tampouco ocorrera qualquer coisa, segundo os amigos de Lambton, que pudesse pôr em xeque o valor de seu testemunho. Não tinham do que acusá-lo senão de orgulhoso; o que provavelmente era, e, se não o fosse, por certo esse orgulho lhe seria atribuído pelos moradores daquela pequena província onde sua família não frequentava ninguém. Era, contudo, reconhecidamente generoso, muito bom para os pobres.

Com respeito a Wickham, os viajantes logo descobriram que não era tido em grande estima; pois embora não soubessem muito a respeito de sua principal queixa, a contenda com o filho de seu patrão, era fato sabido por todos que deixara, ao partir de Derbyshire, muitas dívidas para trás, que o senhor Darcy posteriormente viria a saldar.

Quanto a Elizabeth, seus pensamentos se voltavam essa noite para Pemberley mais do que na noite anterior, e a noite toda, embora tivesse passado arrastada, não foi o bastante para determinar seus sentimentos em relação a uma só pessoa naquela mansão; ela ficou duas horas acordada na cama tentando entender o que sentia. Certamente não era ódio. Não; o ódio passara havia muito tempo, tanto que já sentia vergonha por ter, por assim dizer, antipatizado com ele antes. O respeito criado pela convicção das qualidades valiosas dele, ainda que a princípio admitidas a contragosto, deixou por algum tempo de repugnar os sentimentos dela; e era agora elevado a uma espécie de natureza mais amistosa, pelo testemunho tão favorável, e ressaltando aquela disposição muito amável que lhe havia aparecido no dia anterior. Mas sobretudo, acima do respeito e da estima, havia um motivo por trás da boa vontade dela que não podia ser desconsiderado. Era gratidão. — Não apenas por um dia ter sido amada por ele, mas por ele ainda amá-la a ponto de esquecer toda a petulância e acrimônia de seus modos ao rejeitá-lo, e todas as acusações injustas que fizera ao lhe dizer não. Ele que, ela se convencera, deveria evitá-la como sua maior inimiga, parecia, naquele encontro accidental, o mais interessado em preservar a relação e, sem nenhuma demonstração indelicada de afeto ou qualquer peculiaridade no tratamento por conta do que só aos dois dizia respeito, mostrava-se interessado na boa opinião dos tios dela e fazia questão de apresentá-la à irmã. Tamanha transformação em um homem tão orgulhoso era não apenas espantosa, como excitava sua gratidão — pois ao amor, amor ardente, devia ser atribuída; e como tal sua impressão sobre ela era de uma espécie que devia ser estimulada, por meios sempre agradáveis, ainda que não pudesse ser exatamente definida. Ela o respeitava, estimava, era grata a ele, sentia um verdadeiro interesse em seu bem-estar; e só queria saber o quanto desejava que aquele bem-estar dependesse dela, e quando, pela felicidade de ambos, faria valer o poder, que imaginava ainda possuir, de fazer com que ele renovasse sua proposta.

Ficara acertado aquela noite, entre a tia e a sobrinha, que a gentileza da senhorita Darcy ao vir visitá-los no mesmo dia de sua chegada a Pemberley, tendo feito, e tarde, o jejum apenas, devia

ser devolvida, ainda que não pudesse ser igualada, com alguma demonstração de polidez da parte deles; e sendo assim seria de bom alvitre visitá-la em Pemberley na manhã seguinte. Elas, portanto, iriam. — Elizabeth estava contente, mas, quando perguntou a si mesma o motivo, não teve muito o que dizer em resposta.

O senhor Gardiner saiu logo após o desjejum. O convite para pesca fora renovado no dia anterior, e o combinado era que ele se encontraria com alguns dos cavalheiros em Pemberley ao meio-dia.

Convencida como estava de que a senhorita Bingley não gostava dela por ciúme, Elizabeth não pôde deixar de sentir quão indesejada sua aparição em Pemberley devia ser para ela, e estava curiosa para ver com quanta cortesia a dama em questão retomaria a amizade.

Ao chegar à casa, foram conduzidas através do vestíbulo até o salão, cuja face norte tornava o ambiente adorável no verão. As janelas que davam para o terreno da propriedade propiciavam uma visão revigorante dos bosques das altas colinas de detrás da casa e dos belos carvalhos e das castanheiras espanholas que juncavam o campo.

Naquela sala foram recebidas pela senhorita Darcy, que ali estava sentada com a senhora Hurst e a senhorita Bingley, além da senhora com quem vivia em Londres. A recepção de Georgiana foi bastante gentil; mas constrangida, o que, embora procedesse da timidez e do receio de errar, facilmente daria a quem se sentisse inferior a impressão de que ela era orgulhosa e reservada. A senhora Gardiner e a sobrinha, contudo, souberam lhe fazer justiça, e dela tiveram pena.

Pela senhora Hurst e pela senhorita Bingley, foram recebidas com uma mera reverência; e quando se sentaram houve uma pausa na conversa, incômoda como costumam ser essas pausas, que durou alguns momentos. Quem primeiro interrompeu o silêncio foi a senhora Annesley, uma mulher simpática, gentil e agradável, cuja tentativa de iniciar algum tipo de discurso mostrou-a mais verdadeiramente educada que as outras; e entre ela e a senhora Gardiner, com uma ajuda ocasional de Elizabeth, a conversa seguiu adiante. A senhorita Darcy parecia tomar coragem para participar; e

às vezes arriscava uma breve sentença quando havia menos risco de ser ouvida.

Elizabeth logo se deu conta de estar sendo observada de perto pela senhorita Bingley, e de que não podia dizer uma palavra, especialmente à senhorita Darcy, sem atrair sua atenção. Tal percepção, no entanto, não a teria impedido de tentar falar com ela, não fosse o fato de estarem sentadas a uma distância inconveniente; mas não lamentou ter sido poupada da necessidade de falar muito. Estava à mercê dos próprios pensamentos. Esperava a qualquer momento que os cavalheiros chegassem por aquela porta. Desejava e temia que o dono da casa estivesse entre eles; e, se mais desejava ou mais temia, não era capaz de determinar. Após quinze minutos assim sentada, sem ouvir a voz da senhorita Bingley, Elizabeth foi despertada por uma fria pergunta sobre a saúde da família. Respondeu com igual indiferença e concisão, e a outra não disse mais nada.

A variação seguinte oferecida pela visita deveu-se à entrada de criados com carne fria, torta e uma seleção de todas as melhores frutas da estação; mas isso só ocorreria depois de muitos olhares sugestivos da senhora Annesley à senhorita Darcy, para lembrá-la das obrigações de seu posto. Agora todo o grupo tinha o que fazer; pois, embora nem todas pudessem falar, podiam ao menos comer; e as belas pirâmides de uvas, nectarinas e pêssegos¹ logo as reuniram em redor da mesa.

Enquanto assim entretida, Elizabeth teve uma boa oportunidade de decidir se mais temia ou desejava que o senhor Darcy aparecesse pelos sentimentos que a dominaram quando ele entrou na sala; e então, embora um momento antes houvesse acreditado que seus desejos predominavam, começou a lamentar que ele tivesse vindo.

O senhor Darcy passara algum tempo com o senhor Gardiner, que, com dois ou três outros cavalheiros da casa, estava ocupado junto ao rio, e ali o deixara ao saber que as damas da família pretendiam visitar Georgiana ainda aquela manhã. Assim que ele apareceu, Elizabeth resolveu-se pela prudência de mostrar-se perfeitamente à vontade e desinibida; — decisão das mais necessárias, mas talvez não das mais fáceis de levar a cabo, pois via brotar a desconfiança

de todo o grupo contra eles, e dificilmente alguém ali teria deixado de perceber a atitude dele ao entrar na sala. O semblante mais fortemente marcado por essa curiosidade atenta era o da senhorita Bingley, apesar dos sorrisos que estampava no rosto sempre que se referia a algum de seus objetivos; pois que o ciúme ainda não a levara ao desespero, e seu interesse pelo senhor Darcy de modo algum se esgotara. A senhorita Darcy, com a chegada do irmão, viu-se mais disposta a conversar; e Elizabeth notou que ele estava ansioso para que as duas se conhecessem melhor, e estimulou, sempre que possível, todas as tentativas de conversa entre elas. A tudo isso a senhorita Bingley também estava atenta; e, na imprudência da raiva, aproveitou a primeira oportunidade para dizer, com cortesia desdenhosa:

“Diga-me, senhorita Eliza, a milícia já foi transferida de Meryton? Deve ter sido uma grande perda para a sua família.”

Na presença de Darcy ela não ousou tocar no nome de Wickham; mas Elizabeth compreendeu na hora que era nele sobretudo que ela pensava; e diversas lembranças ligadas a ele afligiram-na por um momento; porém, esforçando-se vigorosamente para repelir o comentário maldoso, respondeu à pergunta em tom razoavelmente despreocupado. Enquanto falava, um relance involuntário mostrou-lhe Darcy com rubor acentuado, encarando-a seriamente, e a irmã dele confusa e incapaz de levantar a cabeça. Se a senhorita Bingley soubesse a dor que infligia à querida amiga, sem dúvida teria evitado a alusão; mas pretendia apenas provocar Elizabeth, incluindo na conversa um homem por quem achava que ela se interessava, de modo a fazê-la revelar um ponto fraco que a prejudicaria aos olhos de Darcy, e talvez lembrá-lo de todas as loucuras e bizarras que ligavam parte daquela família à corporação. Jamais uma sílaba fora pronunciada à senhorita Bingley sobre a tramada fuga da senhorita Darcy. A nenhuma criatura jamais aquilo fora revelado, exceto a Elizabeth; e, de todas as pessoas, era dos Bingley que o irmão estava especialmente ansioso por ocultar o segredo da irmã, devido àquele mesmo desejo que havia muito Elizabeth atribuíra a ele, de que a família do amigo se tornasse a família da irmã. Certamente o senhor Darcy planejava aquilo e, mesmo que não fosse sua intenção

interferir para separá-lo da senhorita Bennet, é provável que acrescentasse algo à grande preocupação com o bem-estar do amigo.

A atitude controlada de Elizabeth, contudo, logo tranquilizou as emoções dele; e como a senhorita Bingley, irritada e contrariada, não ousou pronunciar o nome de Wickham, Georgiana também se recuperou a tempo, embora não cedo o bastante para voltar a dizer qualquer coisa. O irmão, cujo olhar ela temia encontrar, mal se deu conta do envolvimento dela no caso, e as próprias circunstâncias que visavam a afastar os pensamentos dele de Elizabeth pareciam havê-los fixados ainda mais sobre ela, e de forma ainda mais calorosa.

A visita não se prolongou muito depois da pergunta e da resposta acima mencionadas; e, enquanto o senhor Darcy as acompanhava até a carruagem, a senhorita Bingley descarregava seus sentimentos na forma de críticas à pessoa, ao comportamento e ao vestido de Elizabeth. Mas Georgiana não se juntou a ela. A recomendação do irmão era o suficiente para garantir sua simpatia: o julgamento dele não podia estar equivocado, e ele falara de Elizabeth em termos que a Georgiana só restava achá-la adorável e afável. Quando Darcy retornou ao salão, a senhorita Bingley não se conteve e repetiu parte do que vinha dizendo à irmã dele.

“Eliza Bennet não estava nada bem esta manhã, senhor Darcy”, ela exclamou; “nunca vi na minha vida alguém mudar tanto desde o inverno. Está com a pele escura e áspera!² Louisa e eu estávamos comentando que quase não a reconhecemos.”

Por menos que o senhor Darcy tivesse apreciado o comentário, contentou-se em responder com toda a tranquilidade que não notara nenhuma diferença além do fato de ela estar mais bronzeada — consequência nada extraordinária de viajar durante o verão.

“Quanto a mim”, ela retomou, “devo confessar que nunca a achei bonita. O rosto é muito magro; a pele, sem brilho; e os traços não têm beleza nenhuma. O nariz não tem personalidade; sem nada de marcante no formato. Os dentes são razoáveis, mas comuns; e quanto aos olhos dela, que já ouvi dizerem que são bonitos, nunca percebi nada de extraordinário. Ela tem um olhar áspero e agressivo,

que não me agrada nem um pouco; e tem esse ar de autossuficiência sem estilo que é insuportável.”

Convencida como estava a senhorita Bingley de que Darcy gostava de Elizabeth, esse não teria sido o melhor método de recomendar a si mesma; mas pessoas irritadiças nem sempre são sábias; e, vendo-o por fim algo incomodado, ela obteve todo o sucesso que esperava obter. Ele permanecia, contudo, decididamente calado; e, determinada a fazê-lo falar, ela continuou:

“Lembro a primeira vez em que a vi em Hertfordshire, como todos ficamos surpresos ao saber que ela era considerada bonita; e lembro-me particularmente de você dizendo uma noite, depois que elas foram jantar em Netherfield: ‘Essa aí, bonita?! — eu diria é que a mãe dela é muito esperta’. Mas depois parece que ela melhorou a seus olhos, e creio tê-lo ouvido dizer uma vez que agora ela ficou bonita.”

“Sim”, respondeu Darcy, que já não conseguia mais se conter, “mas isso foi logo que a conheci, pois já faz vários meses que a considero uma das mulheres mais lindas que conheço.”

Ele então foi embora, e a senhorita Bingley ficou com a satisfação de havê-lo forçado a dizer algo que não feriu mais ninguém além de si mesma.

A senhora Gardiner e Elizabeth conversaram na volta sobre tudo o que ocorrera durante a visita, com exceção justamente daquilo que mais interessava às duas. Os olhares e a atitude de todos foram discutidos, com exceção da pessoa que mais lhes atraíra a atenção. Conversaram sobre a irmã dele, suas amigas, sua casa, suas frutas, sobre tudo menos ele mesmo; embora Elizabeth ansiasse por saber o que a senhora Gardiner achava dele, e a senhora Gardiner fosse se sentir muito grata se a sobrinha começasse o assunto.

Elizabeth ficara um bocado frustrada de não encontrar uma carta de Jane assim que chegaram a Lambton; e tal frustração se renovaria a cada uma das manhãs seguintes; mas, no terceiro dia, a aflição acabou e sua irmã se redimiou com a chegada de duas cartas de uma vez, uma das quais com um carimbo atestando extravio. Elizabeth não se surpreendeu, pois Jane havia escrito muito às pressas o endereço.

Preparavam-se para uma caminhada quando as cartas chegaram; e os tios, deixando-a para que lesse com calma, saíram sozinhos. A carta extraviada devia ser lida antes; fora escrita havia cinco dias. De início trazia um relato de todas as atividades e compromissos sociais, com aquelas típicas novidades da província; mas na segunda metade, datada do dia seguinte e escrita em evidente agitação, trazia informações mais importantes. A saber:

“Depois de tudo isso dito, minha adorada Lizzy, aconteceu uma coisa muito inesperada e séria; mas espero não deixá-la preocupada — saiba que estamos todos bem. O que tenho a dizer se refere à pobre Lydia. Uma carta expressa chegou ontem à meia-noite, quando estávamos todos dormindo, do coronel Forster, informando que ela havia fugido para a Escócia¹ com um de seus oficiais; a bem dizer, com Wickham! — Imagine nossa surpresa. Sinto muito, muito mesmo. Tanta imprudência de ambas as partes! — Mas estou disposta a esperar pelo melhor, e que o caráter dele tenha sido apenas incompreendido. Impulsivo e exagerado, posso acreditar que seja, mas o que ele fez agora (e esperemos assim) não demonstra maldade em seu coração. Pelo menos a escolha foi desinteressada, pois ele há de saber que meu pai não poderá deixar nada para ela. Nossa mãe está tristemente pesarosa. Meu pai aceitou melhor.

Como agradeço por nunca termos contado o que se diz contra ele; nós mesmas também precisamos esquecer. Imagina-se que tenham fugido no sábado por volta da meia-noite, mas só deram pela falta ontem às oito da manhã. A carta expressa foi enviada então. Minha querida Lizzy, eles devem ter passado a dez milhas de nós. O coronel Forster nos disse que Wickham deve aparecer em breve por aqui. Lydia escreveu algumas linhas à esposa dele, informando sua intenção. Preciso concluir, pois não posso ficar longe de minha pobre mãe. Estou com medo de que você não consiga entender, nem eu sei ao certo o que escrevi.”

Sem permitir-se o tempo de refletir, e mal sabendo o que sentia, Elizabeth, ao terminar de ler a carta, instantaneamente pegou a outra, e abrindo com máxima impaciência leu o seguinte: fora escrita um dia depois da conclusão da primeira.

“A esta altura, minha querida irmã, você há de ter recebido minha carta apressada; espero que esta seja mais inteligível, ainda que não esteja mais apurada pelo tempo; minha cabeça está tão confusa que não posso responder pela minha coerência. Querida Lizzy, não sei bem o que escrever, mas tenho más notícias, que não podem esperar mais. Por mais imprudente que um casamento entre o senhor Wickham e nossa pobre Lydia possa ser, estamos ansiosas pela confirmação de que tenha de fato ocorrido, pois há muitos motivos para temer que eles não tenham ido à Escócia. O coronel Forster veio ontem, havendo partido de Brighton no dia anterior, algumas horas depois da carta expressa. Embora o bilhete de Lydia à senhora F. desse a entender que estivessem indo a Gretna Green, algo que Denny dissera sobre achar que W. não pretendia ir tão longe, nem se casar com Lydia, foi repetido ao coronel F., que, na mesma hora compreendendo o perigo, partiu de B. no intuito de seguir o rastro deles. Ele conseguiu seguir o rastro deles facilmente até Clapham,² mas só até ali; pois, quando chegou ao local, eles haviam tomado uma carruagem alugada e dispensado a que os trouxera de Epsom. Tudo o que se sabe daí em diante é que foram vistos seguindo pela estrada de Londres. Não sei o que pensar. Após averiguar em todos os lugares possíveis daquele lado da cidade, o coronel F. veio a Hertfordshire, ansiosamente procurando por eles

em todas as encruzilhadas e hospedarias de Barnet e Hatfield, mas sem sucesso, ninguém vira tais pessoas de passagem.³ Com a mais generosa preocupação conosco ele veio a Longbourn e nos expôs suas apreensões de modo a nos fazer crer que falava de coração. Estou sinceramente triste por ele e pela senhora F.: mas ninguém poderá culpá-los. Nossa angústia, minha querida Lizzy, é muito grande. Meu pai e minha mãe esperam pelo pior, mas não consigo imaginá-lo como alguém maldoso a esse ponto. Muitas circunstâncias podem vir a tornar preferível que eles tenham se casado em privado⁴ na cidade do que tenham prosseguido com o plano inicial; e mesmo que ele fosse capaz de levar a termo tais desejos, mesmo contrariando uma moça bem relacionada como Lydia, o que não é provável, será possível que ela esteja assim tão perdida? — Impossível. Lamentei, no entanto, ouvir do coronel F. que ele não contava com o casamento; balançou a cabeça quando expressei tal esperança, e disse que temia que W. não fosse confiável. Minha mãe está muito mal e não sai do quarto. Se conseguisse sair, talvez fosse melhor, mas não creio que isso vá acontecer; e, quanto a meu pai, nunca em minha vida o vi tão abalado. Estão todos com raiva da pobre Kitty por acobertar o caso; mas, como era um segredo das duas, ela nem hesitou. Estou muito feliz, querida Lizzy, por você ter sido poupada de algumas dessas cenas aflitivas; mas, agora que o primeiro impacto passou, posso admitir que não vejo a hora do seu regresso? Não sou, no entanto, assim tão egoísta a ponto de pressionar, caso lhe seja inconveniente. *Adieu*. Tomo outra vez da pena para fazer o que acabei de lhe dizer que não faria, mas as circunstâncias são de tal ordem que não posso deixar de implorar que todos vocês venham para cá o mais depressa possível. Conheço meu tio e minha tia tão bem que não tenho receio de fazer este pedido, embora ainda tenha outro a fazer ao primeiro. Meu pai está indo a Londres com o coronel Forster neste momento para tentar encontrá-la. O que ele pretende fazer, juro que não sei; mas a excessiva aflição em que ele estava não permitia que tomasse a melhor atitude ou a mais segura, e o coronel Forster precisa voltar a Brighton amanhã à tarde. Diante de tais exigências, o conselho e o

apoio de meu tio seriam tudo no mundo; ele imediatamente compreenderá como me sinto, e conto com sua bondade.”

“Oh! Tio, onde está meu tio?”, chamou Elizabeth, erguendo-se de um salto ao terminar a carta, ansiosa para encontrá-lo, sem perder um minuto de um tempo tão precioso; mas, ao chegar à porta, esta foi aberta por um criado, e o senhor Darcy apareceu. O rosto pálido e o movimento impetuoso dela deixaram-no preocupado, e antes mesmo que se recuperasse para falar, ela, para quem a situação de Lydia ocupava todos os pensamentos, exclamou apressada: “Perdão, mas preciso ir. Preciso encontrar o senhor Gardiner imediatamente, é um assunto impreterível; não há um instante a perder.”

“Santo Deus! O que aconteceu?”, exclamou ele, com mais emoção que polidez; depois, recompondo-se: “Não a deterei mais um minuto, mas deixe que eu, ou um criado, vá procurar o senhor e a senhora Gardiner. Você não parece estar muito bem; — não pode ir sozinha.”

Elizabeth hesitou, mas sentiu os joelhos bambos e se deu conta de como seria improdutivo tentar ela mesma ir atrás dos tios. Chamando de volta o criado, portanto, ela o encarregou, ainda que em tom tão ofegante que a tornou quase ininteligível, de buscar o senhor e a senhora imediatamente.

Quando o criado saiu da sala, ela sentou, incapaz de se equilibrar, e aparentemente sentindo-se tão mal que foi impossível para Darcy deixá-la sozinha ou deixar de dizer em tom de gentileza e comiseração: “Deixe-me chamar a empregada. Não há nada que possa tomar ou que eu possa lhe dar para fazê-la sentir-se melhor? — Uma taça de vinho; — quer que eu lhe sirva? — Você está muito mal.”

“Não, obrigada”; ela retrucou, tentando recuperar-se. “O problema não é comigo. Estou muito bem. Só estou aflita por uma notícia terrível que acabei de receber de Longbourn.”

Ela rompeu em lágrimas ao aludir ao fato, e por alguns minutos não conseguiu dizer palavra. Darcy, em penalizado suspense, só conseguiu externar indistintamente sua preocupação, e a observou em compassivo silêncio. Aos poucos, ela voltou a falar. “Acabei de receber uma carta de Jane, com essa notícia terrível. Que não pode

mais continuar ignorada de todos. Minha irmã mais nova abandonou todos os amigos — ela fugiu; — atirou-se nas garras de — do senhor Wickham. Fugiram juntos de Brighton. Você o conhece bem demais para imaginar o resto. Ela não tem dinheiro, parentes importantes, nada que possa tentá-la a — ela está perdida para sempre.”

Darcy ficou imóvel de espanto. “E pensar que eu”, ela acrescentou, em voz ainda mais agitada, “poderia ter evitado tudo isso! — Eu sabia quem ele era. Se tivesse contado uma parte apenas à minha família — só uma parte do que eu fiquei sabendo para minha própria família! Se conhecessem o caráter dele, isso não teria acontecido. Mas agora já é tarde, tarde demais.”

“Estou muito, muito triste”, exclamou Darcy; “triste — chocado. Mas é mesmo verdade tudo isso? Tem certeza absoluta?”

“Ah, sim! — Eles partiram de Brighton juntos no domingo à noite, e foram localizados quase em Londres, mas depois sumiram; certamente não foram para a Escócia.”

“O que já foi feito, o que foi tentado, para resgatá-la?”

“Meu pai foi a Londres e Jane me escreveu pedindo que meu tio vá imediatamente ajudar, e nós devemos partir, espero, em meia hora. Mas não há nada a fazer; sei muito bem que não podemos fazer nada. Como lidar com um homem desses? Como será possível até mesmo encontrá-los? Não tenho nenhuma esperança. É algo absolutamente terrível.”

Darcy balançou a cabeça em silenciosa aquiescência.

“Quando os meus olhos foram abertos para o verdadeiro caráter dele! — Oh! Se eu soubesse o que devia bem saber, o que eu não teria feito! Mas eu não sabia — tive receio de ir longe demais. Maldito, maldito equívoco!”

Darcy nada respondeu. Mal parecia dar ouvidos a ela, e andava de um lado para o outro pela sala em profunda meditação; o cenho franzido, o ar taciturno. Elizabeth logo notou e em um instante compreendeu. Seu poder estava se esgotando; tudo se esgotaria diante daquela demonstração de fraqueza familiar, tamanha confirmação da mais profunda desgraça. Ela não podia ficar surpresa ou condená-lo, mas a convicção do autocontrole

demonstrado por ele não lhe trouxe nenhum consolo ao coração, nem serviu de paliativo à sua aflição. Foi, ao contrário, justamente calculado para fazê-la compreender seus próprios desejos; e ela jamais antes sentira de forma tão sincera como agora, quando todo amor seria vão, que poderia ter amado aquele homem.

Mas o egoísmo, ainda que se intrometesse, não haveria de absorvê-la inteiramente. Lydia — a humilhação e a desgraça que ela trazia para todos logo absorveriam qualquer outra consideração particular; e, cobrindo o rosto com o lenço, Elizabeth logo se viu alheia a todo o resto; e após uma pausa de vários minutos só voltou a se dar conta da situação com a voz dele, que, de um modo que embora revelasse compaixão traía também censura, dizia: “Receio que deseje há muito a minha ausência, tampouco tenho o que alegar em favor da minha permanência, senão minha sincera, embora inútil, preocupação. Quem dera houvesse algo que eu pudesse dizer ou fazer que pudesse lhe servir de consolo nessa aflição. — Mas não quero mais atormentá-la com desejos vãos, que pudessem parecer propositadamente apenas solicitar sua gratidão. E este caso nefasto ainda irá, receio, privar minha irmã do prazer de vê-la em Pemberley hoje à noite”.

“Ah, sim. Peço-lhe a gentileza de nos desculpar com a senhorita Darcy. Diga-lhe que assuntos urgentes nos obrigaram a voltar para casa imediatamente. Esconda-lhe a infeliz verdade o máximo possível. — Sei que não será por muito tempo.”

Ele prontamente confirmou que guardaria segredo — de novo expressou sua tristeza por aquelas atribulações, exprimiu o desejo de um desfecho mais feliz do que então havia razões para esperar e, pedindo-lhe que transmitisse seus cumprimentos aos tios, com um único olhar, sério, de partida, foi-se embora.

Assim que ele saiu da sala, Elizabeth sentiu como era improvável que voltassem a se ver naqueles termos tão cordiais que haviam marcado seus diversos encontros em Derbyshire; e ao considerar com olhar retrospectivo toda a relação dos dois, tão cheia de contradições e variedade, suspirou diante da perversidade daqueles sentimentos que agora buscavam promover sua continuidade e anteriormente se teriam comprazido com seu fim.

Se a gratidão e a estima são bons fundamentos para o afeto, a mudança dos sentimentos de Elizabeth não poderia ser considerada improvável ou falha. Mas, se fosse de outro modo, se ao afeto que brotava dessas fontes faltasse razão ou naturalidade, em comparação com o que muitas vezes é descrito como o que surge no primeiro encontro, e antes mesmo de trocar duas palavras, nada pode ser dito em sua defesa senão que ela de algum modo se submetera ao último método em sua preferência por Wickham, e que o insucesso talvez a autorizasse a buscar agora o outro modo, menos interessante, de se afeiçoar. Seja como for, Elizabeth lamentou que o senhor Darcy tivesse partido; e nesse primeiro exemplo do que a infâmia de Lydia haveria de provocar angustiou-se ainda mais ao refletir sobre o infeliz assunto. Jamais, depois da segunda carta de Jane, ela alimentara esperanças de que a intenção de Wickham fosse casar com ela. Ninguém além de Jane, pensou consigo, ainda contava com isso. Surpresa foi o que ela menos sentiu então. Enquanto só conhecia o conteúdo da primeira carta, ela ficara inteiramente surpresa — espantada que Wickham fosse mesmo se casar com uma moça com quem era impossível unir-se por dinheiro; e como Lydia poderia havê-lo atraído parecia incompreensível. Mas agora era tudo bastante natural. Para uma relação como aquela, ela devia ter encantos suficientes; e, embora achasse que Lydia não fosse se envolver deliberadamente com a fuga sem intenção de se casar, não lhe seria difícil acreditar que nem sua virtude nem seu juízo evitariam que se tornasse uma presa fácil.

Nunca se dera conta, enquanto o regimento permanecera em Hertfordshire, de que Lydia tivesse qualquer predileção por ele, mas estava convencida de que a Lydia bastava um estímulo para se afeiçoar a alguém. Ora um, ora outro oficial era seu favorito, conforme a atenção que cada um lhe dedicava. Suas paixões haviam sido sempre volúveis, porém jamais sem objeto. O malefício da negligência e o equívoco da indulgência com que trataram a menina. Oh! Como os sentiu então agudamente.

Estava ansiosa para voltar logo para casa — para ouvir, para ver, para estar no lugar certo, para dividir com Jane as agruras que agora deviam recair exclusivamente sobre a irmã em uma família tão

desconcertada; um pai ausente, uma mãe incapaz de qualquer esforço e demandando constante assistência; e, embora quase certa de que nada houvesse a fazer por Lydia, a interferência do tio parecia de extrema importância, e até o momento em que ele entrou na sala a angústia de sua impaciência foi severa. O senhor e a senhora Gardiner voltaram logo alarmados, imaginando, pelo recado do criado, que a sobrinha estivesse subitamente passando mal; — mas, depois de aliviá-los quanto a isso, ela comunicou com toda a urgência o motivo do chamado, lendo em voz alta as duas cartas, e acentuando o pós-escrito da última, com trêmula energia. — Embora Lydia nunca tivesse sido a favorita dos tios, o senhor e a senhora Gardiner ficaram profundamente abalados. Não apenas Lydia, mas todos estavam envolvidos; e, depois de algumas exclamações de surpresa e horror, o senhor Gardiner imediatamente prometeu todo o auxílio que estivesse em seu poder. — Elizabeth, embora não esperasse outra coisa, agradeceu com lágrimas de gratidão; e, com os três unidos por um mesmo espírito, todas as providências para a viagem foram tomadas sem demora. Partiriam o quanto antes. “E o que faremos com a visita a Pemberley?”, exclamou a senhora Gardiner. “John disse que o senhor Darcy estava aqui quando você mandou nos chamar — é isso mesmo?”

“Sim. E eu disse a ele que não poderíamos honrar nosso compromisso. Isso já está acertado.”

“Isso já está acertado”; repetiu consigo mesma, correndo para o quarto para se aprontar. “Será que já estão a ponto de poder lhes revelar a verdade? Ah, se eu soubesse o pé da situação!”

Mas eram desejos vãos; ou na melhor das hipóteses serviriam apenas para entretê-la na pressa e na confusão da hora seguinte. Se Elizabeth estivesse com tempo livre para ficar à vontade, teria visto que qualquer esforço seria inútil para alguém tão desgraçada como ela; mas também tinha tarefas junto da tia, entre outras, bilhetes a redigir para todos os amigos de Lambton com falsas desculpas pela partida tão súbita. Uma hora, contudo, durou todo o processo; e, nesse ínterim, com o senhor Gardiner já havendo acertado a conta da hospedaria, nada mais restava senão partir; e Elizabeth, depois

de toda a angústia daquela manhã, viu-se, antes do que imaginara, sentada na carruagem a caminho de Longbourn.

V

“Voltei a pensar no assunto, Elizabeth”, disse o tio, enquanto deixavam a cidade; “e de fato, após sérias considerações, estou agora muito mais inclinado a concordar com sua irmã mais velha do que antes nesse caso. Parece-me muito improvável que um rapaz agiria com tais intenções contra uma moça que está longe de ser desamparada ou sem amigos, e que estava na verdade hospedada com a família do coronel do regimento dele, de modo que estou fortemente inclinado a esperar o melhor. Como ele poderia pensar que os amigos dela não interviriam de alguma forma? Como poderia pensar que o regimento o receberia de volta depois dessa afronta ao coronel Forster? A tentação não compensaria o risco.”

“Você realmente acha isso?”, exclamou Elizabeth, animada por um momento.

“Juro”, disse a senhora Gardiner, “que começo a ter a mesma opinião do seu tio. Seria mesmo uma violação grande demais da decência, da honra e do interesse próprio que ele fosse culpado disso. Não consigo pensar tão mal de Wickham. E você consegue, Lizzy, enganar-se a ponto de acreditar que fosse capaz de tal coisa?”

“Talvez não a ponto de negligenciar os próprios interesses. Mas de qualquer outra negligência, sim, posso acreditar que ele seria capaz disso. Se, de fato, for o caso. Mas não me arriscaria a ter esperanças. Por que afinal eles não foram à Escócia, se era mesmo essa a intenção?”

“Em primeiro lugar”, respondeu o senhor Gardiner, “não existe absolutamente nenhuma prova de que não tenham ido à Escócia.”

“Oh! Mas a troca da carruagem por uma de aluguel é um forte indício! E, além disso, não havia sinal deles na estrada de Barnet.”

“Bem, então — supondo que estejam em Londres. Pode ser que tenham ido para lá no intuito de se esconderem, e sem nenhum outro propósito excepcional. Não é provável que nenhum dos dois tenha muito dinheiro; e podem ter se dado conta de que poderiam se casar de forma mais econômica, ainda que menos diligente, em Londres do que na Escócia.”

“Mas por que tanto mistério? Por que esse medo de serem localizados? Por que haveriam de se casar em segredo? Oh! Não, não, isso não é provável. O melhor amigo dele, segundo o relato de Jane, estava convencido de que ele jamais pretendia se casar com ela. Wickham jamais se casaria com uma mulher sem dinheiro. Ele não poderia se dar a tal luxo. E o que Lydia tem, que atrativos ela teria, além da juventude, da saúde e do bom humor para fazê-lo abrir mão das oportunidades de se beneficiar com um bom casamento? Quanto à apreensão de cair em desgraça na corporação por conta de uma fuga desonrosa com ela, não sou capaz de avaliar; pois desconheço os efeitos que tal atitude possa vir a ocasionar. Mas, quanto à sua outra objeção, receio que dificilmente venha a ter importância. Lydia não tem irmãos para tomar suas dores; e pode ser que ele imagine, pela atitude de meu pai, por sua indolência e pela pouca atenção que sempre pareceu prestar ao que se passava na família, que ele pouco faria e pouco haveria de pensar no assunto, como qualquer outro pai em um assunto desses.”

“Mas você diria que Lydia está tão apaixonada a ponto de consentir viver com ele fora do casamento?”

“É o que parece, e é realmente a coisa mais chocante”, respondeu Elizabeth, com lágrimas nos olhos, “que o senso de decência e virtude de uma irmã nesse ponto seja passível de dúvida. Mas, de fato, não sei o que dizer. Talvez eu não esteja lhe fazendo justiça. Mas ela é muito jovem; nunca lhe ensinaram a pensar em coisas sérias; e ao longo dos últimos seis meses, ou melhor, doze meses, ela não se importou com nada além de diversão e vaidade. Deixaram que ela passasse o tempo do modo mais ocioso e frívolo, e que adotasse qualquer opinião que lhe aparecesse pela frente. Desde que o regimento ficou aquartelado em Meryton, nada além de amor, flertes e oficiais passou pela cabeça dela. Vinha fazendo tudo o que

estava a seu alcance, por meio de pensamentos e conversas sobre o assunto, para conceder maior — como direi? — suscetibilidade aos próprios sentimentos; que naturalmente já eram vigorosos o bastante. E todos sabemos que Wickham possui todos os encantos pessoais e traquejos capazes de cativar uma mulher.”

“Mas você viu que Jane”, disse a tia, “não pensa mal de Wickham a ponto de acreditá-lo capaz de tal empenho.”

“De quem Jane pensa mal? E quem, qualquer que fosse sua conduta pregressa, ela acreditaria capaz de tal temeridade até prova em contrário? Mas Jane sabe, tanto quanto eu, quem Wickham realmente é. Ambas sabemos que ele sempre foi um libertino em todos os sentidos da palavra. Que não tem integridade nem honra. Que é tão falso e trapaceiro quanto insinuante.”

“E você realmente sabe de tudo isso?”, exclamou a senhora Gardiner, cuja curiosidade sobre o teor do que estava sendo dito se acendera.

“Sei, de fato”, respondeu Elizabeth, corando. “Eu lhe contei outro dia sobre a atitude infame dele para com o senhor Darcy; e você, a senhora mesma, da última vez em Longbourn, ouviu os termos com que ele se referiu ao mesmo senhor, que demonstrara tamanha indulgência e generosidade para com ele. E existem ainda outras circunstâncias que não posso tomar a liberdade — que não vale a pena mencionar; mas as mentiras dele sobre toda a família de Pemberley são incontáveis. Pelo que Wickham dissera da senhorita Darcy, eu estava pronta para encontrar uma menina orgulhosa, reservada e antipática. Mas ele mesmo sabia que se tratava justamente do contrário. Sabia decerto que era amável e despretensiosa, conforme vimos que ela era.”

“Mas Lydia não sabe de nada disso? Será que ignora o que você e Jane parecem compreender tão bem?”

“Oh, sim! — e isso, isso é o pior de tudo. Até chegar a Kent e descobrir tantas coisas através do senhor Darcy e de seu parente, o coronel Fitzwilliam, eu mesma ignorava a verdade. E, quando voltei para casa, o regimento iria deixar Meryton dentro de uma ou duas semanas. Como era esse o caso, nem Jane, a quem contei tudo, nem eu achamos necessário tornar público o que sabíamos; pois de

que serviria para qualquer pessoa desfazer a boa opinião que toda a vizinhança tinha sobre ele? E, mesmo quando ficou acertado que Lydia viajaria com a senhora Forster, a necessidade de abrir seus olhos para o caráter dele jamais me ocorreu. A possibilidade de que ela corresse algum risco de ser enganada nem passou pela minha cabeça. Que tais consequências então adviriam, como você pode facilmente imaginar, era a última coisa que eu esperava.”

“Quando foram a Brighton, portanto, você não tinha nenhum motivo, suponho, para acreditar que os dois se gostassem.”

“Nem remotamente. Lembro que não havia qualquer sintoma de afeto de nenhuma das partes; e, se algo do tipo fosse perceptível, você deve saber que a nossa família não é do tipo que ignoraria tal sinal. Assim que Wickham ingressou na corporação, ela logo demonstrou admiração por ele; mas todas nós também demonstramos. Todas as moças de Meryton e das redondezas perderam a cabeça por ele nos dois primeiros meses; mas ele nunca a distinguiu com qualquer atenção particular, e assim, depois desse período moderado de admiração extravagante e desabrida, a atração dela por ele arrefeceu, e outros rapazes do regimento que a trataram com mais distinção passaram a ser seus favoritos.”

Pode-se facilmente acreditar que, mesmo não havendo nenhuma novidade além dos receios, das esperanças e das conjecturas do trio sobre esse interessante assunto, exaustivamente discutido, nada mais foi capaz de afastá-los do caso por muito tempo durante toda a viagem. Dos pensamentos de Elizabeth, aquilo não esteve nunca ausente. Ali fixado pela mais aguçada das angústias, o remorso, ela não conseguiria encontrar nenhuma pausa de tranquilidade ou esquecimento.

Viajaram o mais depressa que puderam; e, passando uma noite na estrada, chegaram a Longbourn na hora do jantar do dia seguinte. Foi um conforto para Elizabeth que Jane não estivesse extenuada por uma longa espera.

As crianças dos Gardiner, atraídas pela visão da carruagem, esperavam na escada da entrada assim que os cavalos adentraram

a propriedade; e, quando a carruagem parou diante da porta, a alegre surpresa que iluminou seus rostos e se espalhou por seus corpos em uma profusão de cabriolas e piruetas foi o primeiro sinal aprazível das boas-vindas.

Elizabeth desapeou de um salto; e, depois de dar em cada um deles um beijo rápido, apressou-se até o vestíbulo, onde Jane, que vinha correndo do quarto da mãe, imediatamente a encontrou.

Elizabeth, enquanto a abraçava afetuosamente, em meio às lágrimas que enchiam os olhos das duas, não perdeu um só momento e perguntou se tinham alguma notícia dos fugitivos.

“Ainda não”, respondeu Jane. “Mas, agora que o meu querido tio chegou, espero que tudo transcorra bem.”

“Meu pai está na cidade?”

“Sim, ele foi na terça-feira, quando lhe escrevi.”

“E você tem mais notícias dele?”

“Só recebemos uma carta. Ele me escreveu algumas linhas na quarta, dizendo que chegara em segurança e passando-me seu endereço, uma vez que implorei para que assim o fizesse. Ele apenas acrescentou que não voltaria a escrever enquanto não tivesse algo de importante para contar.”

“E minha mãe? — Como ela está? Como vocês todas estão?”

“Minha mãe está razoavelmente bem, acredito; embora seu humor esteja bastante abalado. Está lá em cima, e terá grande satisfação ao ver vocês todos. Ela não sai do quarto. Mary e Kitty, graças aos céus, estão muito bem.”

“Mas e você — como está?”, exclamou Elizabeth. “Está pálida. Quanta coisa deve ter passado!”

A irmã, contudo, garantiu que estava perfeitamente bem; e a conversa, transcorrida enquanto o senhor e a senhora Gardiner se ocupavam das crianças, então chegou ao fim com a aproximação do resto do grupo. Jane correu até os tios e deu-lhes as boas-vindas, agradecendo a ambos, alternando sorrisos e lágrimas.

Quando estavam todos na sala, as perguntas que Elizabeth já havia feito foram obviamente repetidas pelos demais, e logo ficaram sabendo que Jane não tinha nenhuma notícia para lhes dar. Contudo, a ardente esperança pelo melhor, que a benevolência de seu

coração sugeria, ainda não lhe havia desertado; ela ainda esperava que tudo terminasse bem, e que a cada manhã pudesse chegar uma carta, de Lydia ou do pai, que explicasse seus paradeiros e talvez anunciasse o casamento.

A senhora Bennet, a cujos aposentos todos acorreram após alguns minutos de conversa, recebeu-os exatamente como era de esperar; com lágrimas e arrufos de remorso, invectivas contra a vilania da conduta de Wickham e queixas pelos próprios sofrimentos e maus-tratos. Culpou a todos, exceto aquela a quem se devia principalmente a culpa por sua indulgência imprudente com os erros da filha.

“Se eu tivesse conseguido”, disse ela, “levar a cabo minha intenção de ir a Brighton com toda a família, isso não teria acontecido; mas, minha querida Lydia, coitada, não tinha ninguém para cuidar dela. Por que os Forster deixaram que ela sumisse de suas vistas? Tenho certeza de que houve alguma grande negligência da parte deles, pois ela não é o tipo de moça que faria uma coisa dessas se estivesse sendo bem vigiada. Sempre achei que eles eram incapazes de tomar conta dela; mas não me deram ouvidos, como sempre acontece. Minha pobre menina! E agora o senhor Bennet está fora, e sei que duelará com Wickham onde quer que o encontre, e então acabará morto, e o que será de nós? Os Collins nos expulsarão daqui antes mesmo que ele esfrie na sepultura; e, se você não for bondoso conosco, meu irmão, não sei o que haveremos de fazer.”

Todos exclamaram contra tais ideias terrificantes; e o senhor Gardiner, após garantir a todos sua afeição por ela e por toda a sua família, disse-lhe que pretendia ir a Londres já no dia seguinte e ajudaria o senhor Bennet em qualquer empreitada para resgatar Lydia.

“Não se deixe levar por apreensões inúteis”, acrescentou ele; “embora seja bom estar preparada para o pior, não é o caso de contar com isso. Não passou ainda uma semana desde que eles saíram de Brighton. Dentro de poucos dias, pode ser que nos cheguem notícias deles e, até que saibamos que não estão casados e que não têm nenhum plano de fazê-lo, não desesperemos dando o caso por perdido. Assim que chegar à cidade, procurarei meu

cunhado e o farei ir comigo até nossa casa em Gracechurch Street, e pensaremos juntos no que fazer.”

“Oh! Meu irmão querido”, respondeu a senhora Bennet, “isso é exatamente o que eu mais queria que acontecesse. Então, agora, quando chegar a Londres, encontre-os, onde quer que estejam; e, se não estiverem ainda casados, faça com que se casem. Quanto ao enxoval, não deixe que esperem por conta disso, mas diga a Lydia que ela terá todo o dinheiro que quiser para comprá-lo depois de casada. E, acima de tudo, evite que o senhor Bennet duele. Conte-lhe sobre o estado lastimável em que estou — que estou perdendo a cabeça de tão apavorada; com tremores, palpitações por todo o corpo, espasmos pelos flancos, dores de cabeça e o coração tão apressado que não consigo dormir de noite ou de dia. E diga à minha querida Lydia para não decidir nada sobre o enxoval até me encontrar, pois ela não conhece as melhores lojas. Oh, irmão, como você é bondoso! Sei que vai conseguir tudo isso!”

Mas o senhor Gardiner, embora novamente reforçasse seu sincero empenho na causa, não podia deixar de recomendar a ela moderação, tanto nas esperanças quanto nos receios; e, depois de conversar com a senhora Bennet nesses termos até que o jantar fosse servido, deixaram-na extravasar todos os seus sentimentos na empregada, que lhe servia na ausência das filhas.

Embora o irmão e a cunhada estivessem convencidos de que não era na verdade o caso para tal isolamento do resto da família, não tentaram se opor, pois sabiam que ela não era prudente o bastante para controlar a língua na frente da criadagem enquanto todos aguardavam à mesa, e julgaram ser melhor mesmo que apenas uma empregada, a de mais confiança, soubesse de todos os receios e anseios em questão.

Na sala de jantar, logo foram acompanhados por Mary e Kitty, que estavam ocupadas demais, cada uma em seu quarto, para aparecer antes. Uma saía dos livros, outra da toalete. Os rostos de ambas, no entanto, estavam razoavelmente serenos; sem nenhuma alteração visível, exceto pela perda da irmã favorita ou, no caso de Kitty, pela raiva de ver-se envolvida no caso, que dotara seu tom de voz de uma irritabilidade ainda maior que a de costume. Quanto a Mary,

mostrava-se senhora de si o bastante para sussurrar a Elizabeth com uma expressão de grave reflexão, assim que se sentaram à mesa.

“Trata-se de um caso deveras infame; e sobre o qual provavelmente muito se falará. Mas devemos resistir à maré da maldade e verter sobre os peitos feridos de cada uma de nós o bálsamo do consolo fraternal.”

Então, percebendo que Elizabeth não fazia menção de responder, ela acrescentou: “Por mais infeliz que o caso seja para Lydia, podemos tirar disso uma lição proveitosa; que a perda da virtude para a mulher é irreversível — que um passo em falso a envolve em uma ruína sem termo — que sua reputação é tão frágil quanto sua beleza — e que sua cautela contra um indivíduo desmerecedor do outro sexo nunca é demasiada”.¹

Elizabeth ergueu os olhos de espanto, mas estava aflita demais para retrucar. Mary, todavia, continuou a se consolar com tais máximas morais extraídas do mal diante delas.

À tarde, as duas senhoritas Bennet mais velhas conseguiram ficar meia hora sozinhas; e Elizabeth logo se valeu da oportunidade para fazer mais perguntas, que Jane se mostrou igualmente ávida em satisfazer. Depois de se juntar à lamentação geral sobre as terríveis consequências do caso, que Elizabeth considerava praticamente certas e a senhorita Bennet não conseguia afirmar serem totalmente impossíveis, retomou o assunto, dizendo: “Mas me diga tudo a respeito, tudo o que ainda não sei. Dê todos os detalhes. O que o coronel Forster disse? Eles não suspeitavam de nada antes de a fuga acontecer? Hão de ter visto os dois juntos alguma vez.”

“O coronel Forster admitiu que algumas vezes desconfiou de alguma predileção, especialmente da parte de Lydia, mas nada que inspirasse maiores cuidados. Lamento tanto por ele. Sua atitude foi extremamente atenciosa e gentil. Ele estava vindo para cá para nos demonstrar sua atenção antes mesmo de saber que Lydia e Wickham não tinham ido à Escócia: quando essa preocupação veio à tona, apressou a viagem.”

“E Denny estava convencido de que Wickham não se casaria? Ele sabia da intenção deles de fugir? O coronel Forster chegou a se

encontrar com Denny?”

“Sim; mas quando perguntou Denny negou saber qualquer coisa sobre o plano, e não disse o que realmente achava sobre isso. Não tornou a mencionar sua opinião de que não se casariam — daí minha inclinação a achar que pudesse ter sido mal interpretado antes.”

“E até a vinda do próprio coronel Forster ninguém aqui suspeitou, imagino, que eles não houvessem fugido para se casar?”

“Como uma ideia dessas poderia passar pela nossa cabeça? Eu me sentia um tanto contrariada — um pouco receosa quanto à felicidade da minha irmã casada com ele, pois sabia que sua conduta não fora sempre a mais correta. Meu pai e minha mãe nada sabiam a esse respeito, apenas pensaram que seria necessariamente um casamento dos mais imprudentes. Kitty então confessou, com um triunfo natural por saber mais do que o resto de nós, que na última carta Lydia a preparara para tal decisão. Ela já sabia, ao que parece, que eles estavam apaixonados havia algumas semanas.”

“Mas não antes de irem a Brighton?”

“Não, creio que não.”

“E o coronel Forster parecia não gostar de Wickham? Ele conhece seu verdadeiro caráter?”

“Devo admitir que dessa vez ele não falou tão bem de Wickham quanto antes. Acha que se trata de uma pessoa imprudente e extravagante. E, desde que esse episódio infame ocorreu, dizem que Wickham deixou Meryton com muitas dívidas; mas espero que não seja verdade.”

“Oh, Jane, se nós não tivéssemos sido tão discretas, se tivéssemos contado o que sabíamos a respeito dele, isso não teria acontecido!”

“Talvez tivesse sido mesmo melhor”, respondeu a irmã. “Mas expor as falhas do passado de qualquer pessoa sem saber quais eram suas intenções no presente parecia algo injustificável. Agimos com a melhor das intenções.”

“O coronel Forster contou os detalhes do bilhete de Lydia para a esposa?”

“Ele trouxe o bilhete para nos mostrar.”

Jane então pegou-o de dentro do diário e estendeu-o a Elizabeth. Eis o conteúdo:

“Minha querida Harriet,

“Você há de dar risada quando souber aonde estou indo, e não consigo deixar de rir também com a surpresa que há de sentir amanhã cedo, assim que der por minha falta. Estou indo a Gretna Green e, se não puder adivinhar com quem, vou achar que é uma simplória, pois só existe um homem no mundo que eu amo, e ele é um anjo. Jamais seria feliz sem ele, portanto não pense mal da minha partida. Não precisa escrever a Longbourn sobre isso se não quiser, pois tornará ainda maior a surpresa quando eu mesma escrever e assinar como Lydia Wickham. Que grande peça há de ser! Mal consigo escrever de tanto rir. Peço-lhe que me desculpe com Pratt, por não manter meu compromisso de dançar com ele hoje à noite. Diga-lhe que espero que me perdoe assim que souber de tudo, e diga que dançarei com ele no próximo baile em que nos encontrarmos, com o maior prazer. Mandarei buscar minhas roupas assim que chegar a Longbourn; mas gostaria que pedisse a Sally que remende um enorme rasgão em meu vestido usado de musselina antes de fazer as malas. Adeus. Transmita minhas lembranças ao coronel Forster, espero que brindem à nossa boa viagem.

“Sua amiga afetuosa,

“Lydia Bennet”

“Oh, Lydia insensata, insensata!”, exclamou Elizabeth ao terminar. “Que carta é essa, escrita em um momento como esse. Mas pelo menos mostra que ela falava seriamente quanto ao objetivo da viagem. O que quer que ele a tenha convencido a fazer depois, ao menos para ela a infâmia não era a princípio premeditada. Meu pobre pai! Como isso o deve ter atingido!”

“Nunca vi ninguém tão abalado. Ele não conseguiu falar durante dez minutos. Minha mãe adoeceu imediatamente, e a casa se tornou uma grande confusão!”

“Oh! Jane!”, exclamou Elizabeth. “Você acha que a criadagem toda já não sabia da história toda ao final daquele dia?”

“Não sei. — Espero que não. — Mas seria muito difícil ter cautela naquela situação. Minha mãe estava histérica e, embora eu tenha me empenhado em lhe prestar toda assistência ao meu alcance, receio não ter feito tanto quanto poderia! Mas o horror diante do que podia ter acontecido quase me fez perder os sentidos.”

“Sua assistência exigiu demais de você. Não parece bem. Oh! Se eu estivesse aqui... Você teve que cuidar de tudo e suportar toda essa aflição sozinha.”

“Mary e Kitty foram muito boas, e teriam dividido comigo todas as obrigações, tenho certeza, mas não achei apropriado que o fizessem. Kitty é frágil e delicada, e Mary estuda tanto que suas horas de descanso não deviam ser interrompidas. Minha tia Phillips veio a Longbourn na terça-feira, depois que meu pai partiu; e foi generosa, ficando comigo até quinta. Foi de grande serventia e consolo para todas nós, e lady Lucas mostrou-se muito generosa; passou a pé na quarta de manhã para prestar apoio e oferecer seus préstimos, ou de qualquer uma das filhas, se pudessem nos ser de alguma valia.”

“Teria sido melhor que ficasse em casa”, exclamou Elizabeth; “talvez até tivesse boa intenção, mas, diante de tal infortúnio, deve-se ver os vizinhos o mínimo possível. A ajuda é impossível; a solidariedade, insuportável. Que tripudiem de nós à distância e contentem-se com isso.”

Ela então passou a indagar as medidas que o pai pretendia tomar, enquanto estivesse na cidade, para o resgate da filha.

“Ele pretendia, creio”, respondeu Jane, “ir a Epsom, onde trocaram de cavalos pela última vez, falar com os cocheiros e tentar apurar se sabiam alguma coisa a respeito deles. Seu principal objetivo era descobrir o número da carruagem alugada que os trouxera de Clapham. Viera com outro passageiro de Londres; e, como ele pensava que a circunstância de um cavalheiro viajando com uma dama podia ser digna de nota, pretendia averiguar em Clapham. Se conseguisse localizar de alguma forma a casa onde o cocheiro deixara o passageiro, pretendia fazer perguntas por lá, e esperava não ser impossível descobrir o posto e o número da carruagem. Não sei se ele tinha alguma outra intenção em mente: mas estava com

tanta pressa de partir, e em um estado de espírito tão agitado, que tive dificuldade de apurar até mesmo esse tanto.”

Todo o grupo esperava uma carta do senhor Bennet na manhã seguinte, mas o correio passou sem trazer uma única linha. A família sabia que, na maioria das ocasiões, ele era um missivista negligente e esparso, mas em tais circunstâncias todos esperavam algum empenho. Foram forçados a concluir que não devia ter nenhuma novidade agradável para lhes comunicar, mas mesmo quanto a isso ficariam contentes de poder ter certeza. O senhor Gardiner estivera apenas aguardando a chegada das cartas para ir embora.

Depois que ele se foi, a família teve certeza pelo menos de receber constantemente informações sobre o que se passava, e o tio prometeu ao partir que convenceria o senhor Bennet a voltar para Longbourn assim que possível, para grande consolo da irmã, que considerava essa a única garantia de que o marido não seria morto em um duelo.¹

A senhora Gardiner e as crianças ficariam em Hertfordshire por mais alguns dias, uma vez que achava que sua presença teria serventia para as sobrinhas. Ela ajudaria a cuidar da senhora Bennet, e foi um grande consolo para elas, em suas horas de descanso. A outra tia também as visitou com frequência, e sempre, conforme dizia, no intuito de animá-las e estimulá-las, mas, como nunca vinha sem contar alguma novidade sobre as extravagâncias ou irregularidades de Wickham, raramente ia embora sem deixá-las ainda mais desanimadas do que quando as encontrava.

Toda Meryton parecia esforçar-se para denegrir o rapaz que apenas três meses antes havia sido considerado praticamente um anjo. Diziam que ele contraía dívidas com todos os comerciantes do lugar, e suas intrigas, todas honradas com o título de sedução, eram estendidas às famílias de todos os comerciantes. Todo mundo

declarou que se tratava do rapaz mais pervertido do mundo; e passaram a confessar que sempre desconfiaram de sua aparência de bondade. Elizabeth, embora não desse crédito a metade do que diziam, achou por bem voltar a considerar ainda mais certa a ruína da irmã; e mesmo Jane, que acreditava ainda menos nisso tudo, viu-se quase sem esperanças, especialmente porque àquela altura, caso tivessem ido mesmo à Escócia, algo em que ela jamais perdera as esperanças, provavelmente já deveriam ter recebido notícias.

O senhor Gardiner deixou Longbourn no domingo; na terça-feira, sua esposa recebeu dele uma carta; dizia-lhes que logo na chegada encontrara o cunhado e o convencera a acompanhá-lo a Gracechurch Street. Que o senhor Bennet estivera em Epsom e Clapham antes de sua chegada, mas lá não obtivera qualquer informação satisfatória; e que estava então decidido a investigar nos principais hotéis da cidade, uma vez que o senhor Bennet achava possível que eles pudessem haver ali se hospedado assim que chegaram a Londres, antes de procurar onde se instalar. O próprio senhor Gardiner não esperava sucesso de nenhuma dessas empreitadas, mas, como seu cunhado estava afoito, pretendia ajudá-lo mesmo assim. Acrescentou que o senhor Bennet não parecia nada disposto a deixar Londres, e prometeu escrever novamente muito em breve. Havia ainda um pós-escrito a esse respeito:

“Escrevi ao coronel Forster instando-o a apurar, se possível, com os amigos mais íntimos do rapaz no regimento, se Wickham tinha algum parente ou amigo que provavelmente soubesse em que parte da cidade ele agora se escondia. Se houver alguém a quem se possa interrogar com chance de obter uma pista, seria de suma relevância. Por ora não temos nada que possa nos orientar. O coronel Forster fará, arrisco-me a dizer, tudo o que estiver a seu alcance para nos obsequiar. Mas, pensando bem, talvez Lizzy possa nos dizer quem seriam seus parentes vivos melhor do qualquer outra pessoa.”

Elizabeth não teve dificuldade em entender de onde provinha tal deferência por sua autoridade no caso; mas não estava a seu alcance fornecer qualquer informação satisfatória de tal natureza, conforme supunha o comentário do tio.

Ela jamais ouvira falar de qualquer parente que ele tivesse, exceto pai e mãe, ambos mortos havia muitos anos. Era possível, contudo, que alguns de seus companheiros de regimento pudessem ser capazes de dar mais informações; e, embora não esperasse ardentemente nada daquilo, tal solicitação era algo a ser tentado.

Todos os dias em Longbourn eram agora dias de aflição; mas a parte mais aflita de cada dia era quando passava o correio. A chegada de cartas era o primeiro grande objeto de impaciência a cada manhã. Através delas, algo de bom ou ruim seria dito, haveria de ser comunicado, e esperava-se que o dia seguinte trouxesse uma notícia importante.

Mas, antes de mais uma carta do senhor Gardiner, chegou uma para o pai, de um endereço diferente, do senhor Collins; a qual, como recebera instruções de abrir toda a correspondência que chegasse para ele durante sua ausência, Jane prontamente pôs-se a ler; e Elizabeth, que sabia como as cartas dele sempre eram curiosas, olhou por sobre o ombro da irmã e leu também. Dizia o seguinte:

“Meu caro senhor,

“Sinto-me na obrigação, por nosso parentesco e minha posição na vida, de prestar-lhe minhas condolências pela pesarosa aflição que o senhor está sofrendo, da qual fomos ontem informados por carta de Hertfordshire. Esteja certo, meu caro senhor, de que a senhora Collins e eu nos compadecemos do senhor e de toda a sua respeitável família na presente vicissitude, que deve ser da espécie mais amarga, uma vez que se origina de uma causa que tempo algum poderá remover. Nenhum argumento da minha parte mitigará tão severo infortúnio; ou haverá de consolá-lo, diante de tal circunstância que deve afligir especialmente ao pai dentre todas as pessoas. A morte de sua filha teria sido uma bênção comparada a isso. O que é o mais lamentável, pois não há motivos para supor, conforme minha querida Charlotte me informou, que tal licenciosidade do comportamento de sua filha proceda de um grau faltoso de indulgência, embora, ao mesmo tempo, para seu consolo e da senhora Bennet, tenda a pensar que a própria disposição dela devia

ser naturalmente má, ou ela não poderia ser culpada de tal enormidade em tão tenra idade. De todo modo, o senhor merece tristemente nossa compaixão, opinião em que me acompanham não apenas a senhora Collins, como igualmente lady Catherine e a filha, a quem relatei o caso. Elas concordam comigo ao entender que tal passo em falso de uma filha haverá de prejudicar a sorte de todas as outras, pois quem, como a própria lady Catherine disse com toda condescendência, haverá de se relacionar com uma família assim? E tal consideração leva-me além do mais a refletir com aumentada satisfação sobre certo acontecimento de novembro passado, pois, fosse de outro modo, eu estaria envolvido em toda a sua tristeza e desgraça. Permita-me aconselhá-lo, portanto, meu caro senhor, para se consolar o máximo possível, a repudiar a filha indigna para sempre de sua afeição e deixá-la colher os frutos de sua própria ofensa hedionda.

“Sigo à disposição, meu caro senhor, etc. etc.”

O senhor Gardiner não tornou a escrever até haver recebido um resposta do coronel Forster; e então viu-se sem nada de natureza agradável para contar. Não se sabia de nenhum parente de Wickham com quem tivesse qualquer relação, e era certo que ele não tinha ninguém próximo que estivesse vivo. Suas relações anteriores haviam sido numerosas; mas, desde que entrara na milícia, aparentemente não demonstrava amizade particular com ninguém. Não havia portanto ninguém que pudesse ser indicado como provável fonte de notícias a seu respeito. E, no estado calamitoso de suas finanças, havia um forte motivo para tanto segredo, além do temor de ser descoberto pela família de Lydia, pois circulara a informação de que ele deixara para trás dívidas de jogo que chegavam a cifras consideráveis. O coronel Forster acreditava que seriam necessárias mais de mil libras para saldar suas contas em Brighton. Ele devia um bocado na cidade, mas as dívidas de jogo eram ainda mais formidáveis. O senhor Gardiner não tentou esconder tais detalhes da

família em Longbourn; Jane ouviu-os horrorizada. “Um jogador!”, exclamou ela. “Isso é totalmente inesperado. Eu não fazia ideia de tal fato.”

O senhor Gardiner acrescentou em sua carta que elas podiam esperar pela volta do pai no dia seguinte, que seria um sábado. Desiludido pelo insucesso de todas as suas empreitadas, cedera às instâncias do cunhado para que voltasse ao seio da família e deixasse ao encargo dele tudo o que pudesse sugerir como aconselhável para a continuidade da busca. Quando a senhora Bennet ficou sabendo disso, não expressou tanta satisfação quanto as filhas esperavam, considerando a aflição que antes sentira pela vida dele.

“O quê? Ele está vindo para casa sem a pobre Lydia?!”, ela exclamou. “Seguramente não partirá de Londres antes de encontrá-los. Quem enfrentará Wickham e o forçará a se casar com ela se ele voltar?”

Como a senhora Gardiner começou a sentir saudades de casa, foi arranjado que ela e as crianças voltariam a Londres ao mesmo tempo em que o senhor Bennet viria de lá. O cocheiro, portanto, levou-as na primeira etapa do trajeto e trouxe o patrão de volta a Longbourn.

A senhora Gardiner foi embora ainda perplexa com Elizabeth e seu amigo de Derbyshire, que as recebera naquela parte do mundo. O nome dele jamais fora mencionado diante deles pela sobrinha; e aquela espécie de semiexpectativa que a senhora Gardiner formara da chegada de uma carta dele terminou em nada. Elizabeth não recebera nenhuma notícia de Pemberley desde que voltara.

A atual infelicidade da família tornou desnecessária qualquer outra desculpa para seu estado de espírito desanimado; nada, portanto, podia ser corretamente deduzido a partir daquilo, embora Elizabeth, que àquela altura estava na medida do possível acostumada aos próprios sentimentos, estivesse perfeitamente ciente de que, se não tivesse encontrado Darcy, poderia ter suportado o horror da infâmia de Lydia um pouco melhor. Teria sido poupada, pensou, de metade de suas noites de insônia.

Quando o senhor Bennet chegou, conservava a mesma aparência de serenidade filosófica de costume. Falou pouco, como sempre fora seu hábito; não mencionou o caso que o levara à cidade e passou-se algum tempo até que as filhas tivessem coragem de conversar com ele.

Só à tarde, quando ele se juntou a elas para o chá, Elizabeth arriscou tocar no assunto; e então, depois de ela expressar brevemente seu pesar pelo que ele devia ter sofrido, ele respondeu: “Não diga mais nada sobre isso. Quem deveria sofrer senão eu mesmo? Foi resultado da minha atitude, e devo admiti-lo”.

“O senhor não precisa ser tão severo consigo mesmo”, respondeu Elizabeth.

“É bom que você me advirta contra tal pecado. A natureza humana é tão propensa a nele recair! Não, Lizzy, deixe-me ao menos uma vez na vida admitir o quanto sou culpado. Não temo sucumbir diante dessa impressão. Logo passará.”

“O senhor supõe que eles estejam em Londres?”

“Sim; onde mais poderiam se esconder tão bem?”

“E Lydia costumava falar que queria ir a Londres”, acrescentou Kitty.

“Então ela está feliz”, disse o pai, asperamente; “e por lá deve continuar morando por mais algum tempo.”

Então, após um breve silêncio, ele continuou: “Lizzy, não guardo nenhum rancor pelo conselho que você me deu em maio, que, considerando os acontecimentos, revelava grande discernimento.”

Foram interrompidos pela senhorita Bennet, que viera buscar o chá para a mãe.

“Eis aí uma encenação”, exclamou ele, “que faz bem; confere elegância ao infortúnio! Um dia desses farei o mesmo; sentarei em minha biblioteca, de touca e camisola, e darei o máximo de trabalho que puder a vocês — ou, talvez, possa deixar para fazer isso quando Kitty fugir.”

“Eu não vou fugir, papai”, disse Kitty, irritadiça; “se um dia for a Brighton, vou me comportar melhor do que Lydia.”

“Você em Brighton?! — eu não a deixaria ir sozinha nem até East Bourne, nem por cinquenta libras! Não, Kitty, pelo menos aprendi a

ser precavido, e você há de sentir os efeitos da mudança. Nunca mais um oficial entrará aqui em casa, nem de passagem pela vila. Os bailes estão terminantemente proibidos, a não ser que você vá com suas irmãs. E você não vai mais sair de casa até provar que passou dez minutos do dia agindo de modo racional.”

Kitty, que levou tais ameaças a sério, começou a chorar.

“Ora, ora”, disse ele, “não fique tão tristonha. Se for uma boa menina nos próximos dez anos, eu mesmo a levarei para ver uma revista de tropa.”

Dois dias após o retorno do senhor Bennet, enquanto Jane e Elizabeth caminhavam por entre as sebes dos fundos da casa, viram a criada andando em sua direção e, concluindo que vinha chamá-las a pedido da mãe, caminharam ao encontro dela; porém, em vez do pedido esperado, assim que se aproximaram, ela disse à senhorita Bennet: “Com sua licença, madame, sinto interrompê-las, mas eu esperava que vocês tivessem boas notícias de Londres, de modo que tomei a liberdade de vir perguntar”.

“Como assim, Hill? Não tivemos notícia nenhuma da cidade.”

“Cara madame”, exclamou a senhora Hill, com grande espanto, “então você não sabe que chegou uma carta expressa para o patrão da parte do senhor Gardiner? O correio já está esperando há meia hora, e o patrão está neste momento com a carta.”

Prontamente acorreram as moças para dentro, ávidas por uma chance de falar com o pai. Atravessaram correndo o vestíbulo até a copa; de lá, foram à biblioteca; — mas o pai não se encontrava em nenhum desses lugares; e estavam a ponto de procurá-lo no andar de cima junto à mãe quando foram interpeladas pelo mordomo, que lhes disse:

“Se estão procurando pelo patrão, madames, ele foi caminhar até o pequeno arvoredo.”

De posse dessa informação, no mesmo instante elas passaram outra vez pelo corredor e saíram correndo pelo gramado atrás do pai, que deliberadamente se dirigia ao horto que ocupava um dos lados da propriedade.

Jane, que não era tão ligeira nem tão habituada às carreiras como Elizabeth, logo ficou para trás, enquanto a irmã, com a respiração ofegante, alcançou o pai e ansiosamente exclamou:

“Oh, papai, quais são as novidades? Alguma notícia? Recebeu notícias do meu tio?”

“Sim, recebi uma carta expressa dele.”

“Bem, e quais são as notícias que ele manda? Boas ou ruins?”

“O que haveria de bom que pudéssemos esperar?”, disse ele, tirando a carta do bolso; “mas talvez você queira lê-la mesmo assim.”

Impaciente, Elizabeth tomou-a da mão dele. Jane enfim chegou.

“Leia em voz alta”, disse o pai, “pois eu mesmo mal consegui entender de que se trata.”

“Gracechurch-street, segunda-feira, 2 de agosto¹

“Meu caro cunhado,

“Por fim consigo enviar-lhe notícias sobre minha sobrinha, e de tal natureza que, no geral, espero que lhe deem alguma satisfação. Logo depois que me deixou no sábado, tive a sorte de descobrir o lugar de Londres onde eles estavam. Os detalhes, deixo-os para quando nos encontrarmos. Basta por ora saber que foram localizados, estive com os dois.”

“Então de fato foi como eu sempre esperei”, exclamou Jane; “eles estão casados!”

Elizabeth continuou a ler:

“Estive com os dois. Eles não se casaram, nem pude apurar qualquer intenção de se casarem; mas, se estiver disposto a levar a cabo as tratativas que me arrisquei a fazer em seu nome, espero que dentro em breve venham a fazê-lo. Tudo que peço é que garanta à sua filha, por acordo, uma quinta parte das cinco mil libras legadas às suas filhas após a sua morte e a de minha irmã; e, além disso, que se comprometa a fornecer a ela, enquanto estiver vivo, cem libras por ano. São condições com as quais, considerando tudo o mais, não hesitei em concordar, na medida em que me vi incumbido, em seu nome. Enviarei tudo isso por carta expressa, pois não há

tempo a perder para sua resposta. Você facilmente há de compreender, por esses detalhes, que as circunstâncias do senhor Wickham não são tão desesperadas como geralmente se acredita. O mundo se enganou a esse respeito; e estou muito feliz em dizer que haverá um pouco de dinheiro, mesmo depois de saldadas todas as dívidas dele, para prover minha sobrinha, além da própria renda que lhe cabe. Se, como concluo que vá ser o caso, você me conceder carta branca para agir em seu nome ao longo de todas as tratativas, imediatamente orientarei Haggerston a preparar os papéis do acordo. Não é de modo algum o caso de vir à cidade novamente; portanto, fique tranquilo em Longbourn e conte com minha diligência e atenção. Envie sua resposta o quanto antes, e tome o cuidado de escrever explicitamente. Achamos melhor que minha sobrinha se case aqui, o que espero que você aprove. Ela chegará hoje mesmo. Escreverei outra vez assim que algo de novo seja decidido. Às suas ordens etc.

“Edward Gardiner.”

“Será possível!?”, exclamou Elizabeth, assim que terminou. “Será mesmo que ele se casará com ela?”

“Wickham não é afinal tão desprezível quanto havíamos pensado”; disse a irmã. “Meu querido pai, dou-lhe os parabéns.”

“E o senhor já respondeu a carta?”, disse Elizabeth.

“Não; mas isso deverá ser feito sem mais delongas.”

Enfaticamente ela instou-o para que não perdesse mais tempo e escrevesse logo.

“Oh! Meu querido pai”, ela exclamou, “volte e escreva imediatamente. Considere a importância de cada momento neste caso.”

“Permita-me escrever para o senhor”, disse Jane, “se lhe for incômodo fazê-lo.”

“É de fato um grande incômodo”, ele respondeu; “mas é preciso escrever.”

E, assim dizendo, ele deu meia-volta com elas, e caminharam em direção à casa.

“E se o senhor me permite perguntar”, disse Elizabeth, “os termos, imagino, deverão ser aceitos?”

“Aceitos?! Sinto vergonha por ele ter pedido tão pouco.”

“E eles deverão se casar! Mesmo sendo esse tipo de homem!”

“Sim, sim, eles precisam casar. Não há nada mais a ser feito. Mas existem duas coisas que eu gostaria muito de saber: — uma é quanto dinheiro o seu tio teve de dar para conseguir isso; e a outra, como farei para pagá-lo de volta.”

“Dinheiro? Meu tio?”, exclamou Jane. “O que o senhor quer dizer?”

“Quero dizer que nenhum homem em seu juízo perfeito se casaria com Lydia por cem libras por ano enquanto eu estiver vivo e cinquenta depois que eu morrer.”

“Isso é bem verdade”, disse Elizabeth; “embora não tivesse me ocorrido antes. Saldando as dívidas dele, e ainda sobrando alguma coisa! Oh! Deve ser coisa de meu tio! Generoso, bondoso, receio que ele tenha se comprometido.² Pouco dinheiro não pagaria tudo isso.”

“Não”, disse o pai, “Wickham seria um tolo se casasse por menos de dez mil libras por ano. Eu lamentaria ter de pensar tão mal dele, logo no início de nossa relação.”

“Dez mil libras! Deus queira que não! Como poderíamos pagar metade disso?”

O senhor Bennet não respondeu, e todos, imersos em pensamentos, continuaram em silêncio até chegar à casa. O pai então foi à biblioteca para escrever, e as moças entraram na copa.

“E eles se casarão de fato!”, exclamou Elizabeth, assim que ficaram sozinhas. “Que estranho! E ainda devemos nos sentir gratas por isso. Haverão de se casar, e apesar de serem mínimas as possibilidades de felicidade, e apesar do caráter dele, somos obrigadas a nos alegrar! Oh, Lydia!”

“Consolo-me pensando”, respondeu Jane, “que ele não se casaria com Lydia se não tivesse uma genuína afeição por ela. Embora nosso generoso tio tenha feito algo para livrá-lo, não acredito que dez mil libras, ou qualquer coisa do gênero, tenham sido adiantadas. Ele também tem filhos, e ainda pode vir a ter mais. Como poderia dispor de cinco mil, que fosse, dessa forma?”

“Se um dia ficarmos sabendo o montante das dívidas de Wickham”, disse Elizabeth, “e de quanto ele tomará como dote de nossa irmã, saberemos exatamente o que o senhor Gardiner fez por eles, pois Wickham não possui nenhum vintém. A generosidade dos meus tios jamais poderá ser recompensada. O fato de haverem-na levado para casa e oferecido sua proteção pessoal e seu apoio é tamanho sacrifício em nome dela que nem mesmo anos de gratidão não seriam o bastante. A esta altura ela deve estar com eles! Se tal bondade não pesar na consciência dela, ela não merecerá jamais ser feliz! Que encontro será esse, quando ela vir nossa tia!”

“Devemos tentar nos esquecer de tudo o que se passou de ambos os lados”, disse Jane: “Espero mesmo e acredito que serão felizes. O consentimento de Wickham em se casar com ela é uma prova, quero crer, de que passou a pensar direito. A mútua afeição que sentem lhes dará estabilidade; e creio não ser exagero dizer que acabarão se estabelecendo tranquilamente, e viverão de modo tão racional que com o tempo farão esquecer as imprudências do passado.”

“A conduta dos dois foi tal”, retrucou Elizabeth, “que nem você, nem eu, nem ninguém jamais poderá esquecer. É inútil falar a respeito.”

Então ocorreu às moças que a mãe com toda probabilidade ignorava inteiramente o que havia acontecido. Foram à biblioteca, portanto, e perguntaram ao pai se ele não queria que elas fossem lhe contar tudo. Ele estava escrevendo e, sem erguer a cabeça, retrucou friamente:

“Façam como quiserem.”

“Podemos levar a carta do tio e ler para ela?”

“Levem o que quiserem, e saiam daqui.”

Elizabeth pegou a carta da escrivainha dele, e subiram juntas a escada. Mary e Kitty estavam ambas com a senhora Bennet: um único anúncio, portanto, serviria para todas. Após uma breve preparação para as boas-novas, a carta foi lida em voz alta. A senhora Bennet mal conseguiu se conter. Assim que Jane leu o trecho em que o senhor Gardiner mencionava a expectativa de que Lydia se casaria em breve, a alegria da mãe extravasou, e cada frase seguinte só fez aumentar-lhe a exuberância. Ela agora estava

tomada por uma excitação de prazer tão violenta quanto antes estivera inquieta de preocupação e contrariedade. Saber que a filha se casaria era o bastante. Não lhe perturbava mais nenhum temor pela felicidade dela, nem a humilhava qualquer recordação de seu descaminho.

“Minha querida, oh, Lydia querida!”, ela exclamou. “Isto é realmente uma alegria! — Ela vai casar! — Voltarei a vê-la! — Ela se casará aos dezesseis! — Meu bom, valoroso irmão! — Eu sabia que seria assim — sabia que ele daria um jeito em tudo. Que saudades dela! E do querido Wickham também! Mas o enxoval! E o enxoval?! Escreverei à minha cunhada Gardiner sobre isso. Lizzy, querida, corra até seu pai e pergunte quanto ele dará para ela. Espere, fique, eu mesma vou. Toque a campainha, Kitty, chame Hill. Vou me vestir agora mesmo. Minha querida, minha querida Lydia! — Como ficaremos felizes quando nos encontrarmos de novo!”

A filha mais velha tentou conter um pouco a violência de tais enlevos, desviando os pensamentos da mãe para os compromissos que a atitude do senhor Gardiner impusera a toda a família.

“Pois devemos atribuir este desfecho feliz”, acrescentou ela, “em grande medida, à generosidade dele. Estamos convencidas de que ele se comprometeu a ajudar o senhor Wickham com dinheiro.”

“Ora”, exclamou a mãe, “pois muito bem; quem haveria de fazê-lo senão o próprio tio? Se ele já não tivesse a família dele, eu e as minhas filhas haveríamos de ficar com todo o seu dinheiro, como vocês sabem, e é a primeira vez que aceitamos alguma coisa dele, com exceção de alguns presentes. Pois bem! Estou muito feliz. Em pouco tempo, terei uma filha casada. Senhora Wickham! Como soa bem. E ela completou dezesseis em junho passado. Minha querida Jane, estou tão alvoroçada que tenho certeza de que não conseguirei escrever; de modo que vou ditar, e você escreve. Vamos combinar com seu pai sobre o dinheiro depois; mas as coisas devem ser encomendadas imediatamente.”

Ela então estava prestes a entrar nos detalhes de algodão, musselina e cambraia, e logo começaria a ditar inúmeras encomendas se Jane, ainda que com certa dificuldade, não a tivesse convencido a esperar até que o pai pudesse ser consultado. O

atraso de um dia, ela comentou, não teria grande importância; e a mãe estava contente demais para se mostrar obstinada como de costume. Outros planos ainda passavam por sua cabeça.

“Irei a Meryton”, ela disse, “assim que terminar de me vestir, e contarei as boas, as excelentes notícias, à minha irmã Philips. E quando voltar poderei visitar Lady Lucas e a senhora Long. Kitty, desça e peça para trazerem a carruagem. Um pouco de ar me fará muito bem, tenho certeza. Meninas, o que vocês querem de Meryton? Oh, lá vem Hill. Minha querida Hill, já sabe das boas-novas? A senhorita Lydia vai se casar; e vocês todas terão uma poncheira para alegrar o casamento.”

A senhora Hill instantaneamente expressou sua alegria. Elizabeth recebeu os parabéns ao lado das outras, e então, farta daquelas tolices, refugiou-se em seu próprio quarto, onde podia pensar com liberdade.

A situação da pobre Lydia, na melhor das hipóteses, era ruim o bastante; mas ela devia ao menos sentir-se grata por não ser ainda pior. Era o que Elizabeth sentia; e embora, pensando em perspectiva, não houvesse motivos para esperar nenhuma felicidade racional ou prosperidade material para a irmã; pensando retrospectivamente no pior que temiam duas horas atrás apenas, reconheceu todas as vantagens do que haviam conseguido.

O senhor Bennet desejara muitas vezes, antes desse período de sua vida, que, em vez de haver gastado toda a sua renda, tivesse reservado uma quantia anual para melhor prover as filhas e a esposa, caso ela lhe sobrevivesse. Agora ele o desejava mais do que nunca. Tivesse cumprido seu dever nesse mister, Lydia não precisaria estar em dívida com o tio por nenhuma questão de honra ou crédito que agora lhe estavam comprando. A satisfação de conquistar um dos mais indignos varões da Grã-Bretanha e torná-lo seu marido poderia então ter aguardado ocasião mais propícia.

Encontrava-se gravemente preocupado com o fato de que uma questão assaz desvantajosa para todos fosse encaminhada às custas exclusivas do cunhado, e estava decidido, caso fosse possível, a descobrir o exato montante de seu auxílio e desobrigá-lo desse ônus o quanto antes.

Logo que o senhor Bennet se casara, a parcimônia lhe parecera perfeitamente inútil; pois, decerto, eles haveriam de ter um filho. Sobre esse filho homem recairia a cláusula de herança da propriedade assim que atingisse a maioridade, e a viúva e as crianças menores ficariam destarte garantidas. Cinco filhas sucessivamente vieram ao mundo, mas todavia o filho ainda estava por vir; e a senhora Bennet, por muitos anos após o nascimento de Lydia, tinha certeza de que viria. Havia por fim desistido de tal acontecimento, mas já era tarde demais para poupar. A senhora Bennet não tinha queda para a economia, e apenas o amor do marido pela independência evitara que extrapolassem sua renda.

Cinco mil libras por ano foram destinadas pelo contrato de casamento à senhora Bennet e às filhas. Mas as proporções em que seriam divididas entre elas dependeria da deliberação dos pais. Esse

era um ponto, pelo menos com relação a Lydia, que agora deveria ser estabelecido, e o senhor Bennet não poderia hesitar diante da proposta que tinha diante de si. Considerando a gratidão do reconhecimento da generosidade do cunhado, ainda que expressa do modo mais sucinto, ele então passou para o papel sua integral aprovação de tudo o que fora feito, e sua concordância em corroborar as tratativas feitas em seu nome. Jamais supusera, caso Wickham concordasse em se casar com sua filha, que isso viesse a ser feito com tão poucas inconveniências para si mesmo quanto pelo presente acordo. Mal chegaria a gastar dez libras por ano pelas cem que pagaria a eles; pois, com as despesas e a mesada, e os contínuos presentes em dinheiro que lhe dava por intermédio da mãe, os gastos de Lydia quase chegavam àquela mesma quantia.

Também, que tudo se desse mediante tão pouco empenho de sua parte foi outra mais que bem-vinda surpresa; pois seu maior desejo no momento era ter o mínimo de trabalho possível no caso. Terminadas as primeiras efusões de raiva que sua busca por ela provocaram, o senhor Bennet naturalmente retomou sua indolência anterior. A carta foi logo despachada; pois, embora procrastinasse para assumir tarefas, era expedito nas execuções. Solicitava conhecimento de mais detalhes de sua dívida com o cunhado; porém, estava irritado demais com Lydia para enviar-lhe alguma palavra sua.

As boas-novas rapidamente se espalharam pela casa; e, com proporcional velocidade, pela vizinhança. Foram recebidas nesta última com decoro filosófico. Seguramente as conversas teriam rendido mais se a senhorita Lydia Bennet tivesse caído na vida na cidade; ou, na variante mais feliz, houvesse sido afastada do mundo em alguma casa suspeita no campo.¹ Mas ainda assim havia muito o que falar do casamento; e os votos bonachões de parabéns pelo bom passo, que as velhas senhoras de Meryton antes desejavam com malícia, perderam pouco entusiasmo com a mudança das circunstâncias, pois com um marido daqueles seu sofrimento era tido como coisa certa.

Fazia quinze dias que a senhora Bennet não descia a escada, mas nesse dia feliz ela retomou seu lugar à cabeceira da mesa, e com

opressivo bom humor. Nenhum sentimento de vergonha quebrantaria seu triunfo. O casamento de uma filha, que sempre fora o principal objetivo de seus anseios desde que Jane tinha dezesseis anos, estava agora prestes a se realizar, e suas palavras e pensamentos orbitavam exclusivamente em torno dos preparativos de núpcias elegantes, finas musselinas, novas carruagens e criadas. Ela estava em busca pela vizinhança de uma casa adequada para a filha e, sem saber ou pensar em qual seria a renda do casal, recusou muitas por considerá-las insuficientes em termos de tamanho e importância.

“Haye-Park talvez sirva”, disse ela, “se os Goulding saíssem, ou a casa grande em Stoke, se a sala de estar fosse maior; mas Ashworth fica muito afastada! Eu não suportaria viver a dez milhas dela; e, quanto a Purvis Lodge, os sótãos são péssimos.”

O marido deixou-a falar sem interrompê-la na presença dos criados. Mas, assim que se retiraram, ele disse: “Senhora Bennet, antes que escolha alguma, ou todas essas casas, para seu genro e sua filha, cheguemos a um acordo. Ao menos em uma casa desta região eles jamais serão recebidos. Não encorajarei o desaforo desses dois recebendo-os em Longbourn”.

Uma longa discussão seguiu-se a tal afirmativa; mas o senhor Bennet foi firme: logo iniciou-se outra briga; e a senhora Bennet ficou sabendo, com espanto e horror, que o marido não adiantaria nem um guinéu para o enxoval da filha. Alegou então que ela não receberia dele nenhuma demonstração de afeto que fosse. A senhora Bennet não conseguia compreender. Que a raiva dele pudesse chegar a tal ponto de ressentimento inconcebível, de recusar à filha um privilégio sem o qual o casamento mal parecia válido, era mais do que ela julgava ser possível. Sentia-se mais atingida pela desgraça que a falta de um enxoval haveria de infligir ao casamento da filha, do que pela vergonha da fuga e dos quinze dias em que vivera com Wickham.

Elizabeth lamentou então profundamente, na aflição do momento, o fato de haver sido levada a revelar ao senhor Darcy seus receios com relação à irmã; pois, como o casamento muito em breve traria o desfecho adequado à fuga dos dois, poderiam esperar disfarçar seu

início desabonador de todos aqueles que não estivessem imediatamente envolvidos.

Não receava que tais fatos viessem a se espalhar por intermédio dele. Havia poucas pessoas com cuja descrição ela pudesse contar com mais segurança; mas ao mesmo tempo não havia nenhuma outra cujo conhecimento da frivolidade de uma irmã a teria mortificado tanto. Mas não por receio de sofrer individualmente qualquer desvantagem com isso; pois, de qualquer modo, parecia haver um abismo intransponível entre eles. Ainda que o casamento de Lydia se realizasse nos termos mais honrosos, não se devia supor que o senhor Darcy viesse a se relacionar com uma família a que, a todas as outras objeções, acrescentava-se agora uma aliança e uma relação do tipo mais estreito com o homem que ele mais justificadamente desprezava.

Diante de tal relação, ela não tinha como deixar de duvidar de que ele recuaria. O desejo de conquistar seu afeto, que ele próprio lhe confessara em Derbyshire, não poderia racionalmente sobreviver a tamanho golpe. Sentiu-se humilhada, magoada; arrependida, embora mal soubesse por quê. Receou perder sua estima quando já não podia esperar se beneficiar dela. Queria ter notícias dele quando lhe parecia mais improvável que escrevesse. Estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele quando não era provável que voltassem a se encontrar.

Que triunfo seria para ele, como ela muitas vezes pensava, se pudesse saber que as propostas que ela orgulhosamente desdenhara havia meros quatro meses seriam agora, de bom grado e alegremente, aceitas! Ele era generoso, ela não duvidava, como o mais generoso dos homens. Porém, sendo mortal, haveria de ser um triunfo.

Ela começava a compreender que ele era exatamente o homem, em termos de disposição e talentos, que mais lhe convinha. O temperamento e a compreensão que ele tinha das coisas, ainda que diferentes dos seus, teriam satisfeito todos os seus anseios. Tratava-se de uma união que teria sido vantajosa para ambos; sua naturalidade e vivacidade, haveriam de suavizar-lhe a mente, aprimorar-lhe os modos; e, com o discernimento, o conhecimento do

mundo e o nível de informação dele, ela haveria de se beneficiar, adquirindo importância.

Mas nenhum casamento feliz poderia agora ensinar à multidão admirada o que era a verdadeira felicidade conjugal. Uma união de tendência diversa, excluindo a possibilidade da outra, estava prestes a se formar dentro da família delas.

Como Wickham e Lydia haveriam de se manter em razoável independência, ela não conseguia sequer conjecturar. Mas quão pouca felicidade poderia caber a um casal que apenas se aproximara por suas paixões serem mais fortes que suas virtudes, ela podia facilmente imaginar.

O senhor Gardiner logo escreveu novamente ao cunhado. Respondeu em poucas linhas as perguntas do senhor Bennet, reforçando sua determinação em promover o bem-estar de qualquer pessoa da família; e concluiu com súplicas de que o assunto nunca mais voltasse a ser mencionado. O principal propósito da carta era informá-los de que o senhor Wickham resolvera abandonar a milícia.

“Em grande medida, era também meu desejo que ele assim o fizesse”, acrescentava, “assim que o casamento fosse acertado. E creio que você há de concordar comigo em considerar uma remoção daquela corporação algo altamente recomendável, tanto por ele quanto por minha sobrinha. É intenção do senhor Wickham entrar para o corpo regular do Exército; e, entre seus antigos colegas, há ainda alguns em condições e dispostos a ajudá-lo nas Forças Armadas. Foi-lhe prometido um posto no regimento do general —, ora lotado no norte. É uma vantagem que seja bem distante desta parte do reino. Parece promissor, e espero que, entre gente estranha, onde poderão zelar pelo próprio caráter, ambos venham a se mostrar mais prudentes. Escrevi ao coronel Forster para informá-lo de nosso atual acordo e pedir que ele salde as dívidas com os vários credores do senhor Wickham em Brighton e arredores, garantindo-lhe pronto reembolso, pelo que empenhei minha palavra. E peço que você também se prontifique a fazer o mesmo com os credores de Meryton, dos quais anexarei uma lista, segundo informações do próprio Wickham. Ele confessou todas as suas

dívidas; espero que pelo menos não tenha nos enganado. Haggerston tem nossos endereços, e tudo estará terminado dentro de uma semana. Eles então se juntarão ao regimento, a não ser que antes sejam convidados para ir a Longbourn; e fiquei sabendo pela senhora Gardiner que minha sobrinha deseja muito encontrar todos vocês antes de deixar o sul, e pede respeitosamente que seja lembrada pelo senhor e pela mãe. — A seu dispor etc.

“E. Gardiner.”

O senhor Bennet e as filhas perceberam todas as vantagens da transferência de Wickham com a mesma clareza que o senhor Gardiner. Porém a senhora Bennet não ficou assim tão satisfeita. A mudança de Lydia para o norte, justamente quando esperava desfrutar do prazer e do orgulho de sua companhia, pois a mãe não desistira de forma alguma de seu plano de trazê-la para morar em Hertfordshire, seria uma grave decepção; e, além do mais, seria uma pena que Lydia fosse levada para longe de uma praça onde era bem conhecida de todos e na qual tinha tantos favoritos no regimento.

“Ela gosta tanto da senhora Forster”, disse a mãe, “seria um choque mandá-la para longe! E há vários dos rapazes, também, de quem ela gosta muito. Os oficiais podem não ser tão simpáticos no regimento do general —.”

O pedido da filha, pois era o que devia ser considerado, de ser aceita novamente no seio da família antes de se mudar para o norte, recebera a princípio uma cabal recusa. Mas Jane e Elizabeth, que concordaram em desejar, pelo bem dos sentimentos e da reputação da irmã, que ela fosse recebida pelos pais por ocasião do casamento, instaram-no tão séria ainda que racional e discretamente a receber os dois em Longbourn logo depois de casados, que ele foi convencido a pensar como elas, e a agir conforme desejavam. E a mãe teve a satisfação de saber que seria capaz de exhibir a filha casada na vizinhança antes que fosse banida para o norte. Quando o senhor Bennet tornou a escrever ao cunhado, portanto, enviou-lhe a permissão para que ela viesse; e assim ficou combinado que, encerrada a cerimônia, o casal iria a Longbourn. Elizabeth ficou surpresa, contudo, que Wickham consentisse em tal arranjo e, se

dependesse apenas dela, um encontro com ele teria sido a última coisa que ela desejaria.

Chegou o dia do casamento da irmã; e Jane e Elizabeth provavelmente se emocionaram mais do que a própria Lydia. A carruagem foi enviada para buscar os noivos em —, que deveriam retornar à hora do jantar. A chegada do casal vinha sendo aguardada com apreensão pelas irmãs mais velhas; especialmente Jane, que atribuía a Lydia sentimentos que ela mesma teria se tivesse feito o que a outra fez, estava apavorada com a perspectiva do que a irmã haveria de sofrer.

Eles chegaram. A família estava reunida na sala para recebê-los. A senhora Bennet era toda sorrisos quando a carruagem parou diante da porta; o marido parecia impenetravelmente solene; as filhas, preocupadas, aflitas, inquietas.

A voz de Lydia se fez ouvir no vestíbulo; a porta foi escancarada, e ela correu sala adentro. A mãe se adiantou, abraçou-a e a recebeu embevecida; estendeu a mão com um sorriso afetuosos para Wickham, que vinha atrás da esposa, e desejou seus melhores votos aos dois com um entusiasmo que não deixava dúvidas sobre a felicidade que teriam.

A recepção do senhor Bennet, a quem eles então se dirigiram, não foi tão cordial. Sua expressão chegou a ganhar austeridade; e ele mal abriu a boca. A postura despreocupada do jovem casal, na verdade, já era o bastante para provocá-lo. Elizabeth ficou indignada, e até mesmo a senhorita Bennet mostrou-se chocada. Lydia continuava a mesma Lydia; indócil, despuerada, fogosa, ruidosa e destemida. Foi de irmã em irmã pedindo parabéns, e quando por fim todos se sentaram correu avidamente os olhos pela sala, reparou em pequenas mudanças, e comentou com uma risada que fazia muito tempo que não voltava ali.

Wickham mostrou-se tão pouco incomodado quanto ela, porém seus modos eram sempre tão agradáveis que, se seu caráter e seu casamento fossem exatamente como deveriam, seus sorrisos e seu desembaraço ao reivindicar seu lugar na família teriam agradado a todos ali. Elizabeth jamais acreditara que ele fosse capaz de tamanha insolência; no entanto, sentou-se decidida consigo mesma a, no futuro, impor limites ao despudor de homens despudorados. Ela corou, e Jane corou; porém, as faces dos dois que causaram toda a confusão não sofreram qualquer alteração de cor.

Não houve trégua na conversa. A noiva e a mãe não conseguiam parar de falar; e Wickham, que acabou se sentando ao lado de Elizabeth, começou a indagar sobre seus conhecidos na região com uma desenvoltura bem-humorada à qual ela se viu incapaz de corresponder. Pareciam possuir apenas as recordações mais felizes do mundo. Nada do passado era lembrado com pesar; e a própria Lydia deliberadamente trouxe à baila assuntos a que as irmãs teriam evitado sequer aludir.

“E pensar que faz três meses”, ela exclamou, “que eu fui embora; parece no máximo quinze dias; mas aconteceu tanta coisa nesse tempo. Santo Deus! Quando eu fui, não fazia ideia de que ia casar antes de voltar! Se bem que acharia ótimo se acontecesse.”

O pai ergueu os olhos. Jane estava aflita. Elizabeth lançou um olhar cheio de significado para Lydia; mas ela, que nunca via nem ouvia nada que não queria, continuou alegremente: “Oh, mamãe, o povo daqui sabe que eu casei? Acho que não; cruzamos com William Goulding na charrete dele, e eu queria porque queria que ele soubesse, então baixei o vidro do lado dele, tirei a luva e apoiei a mão no caixilho para que ele pudesse ver a aliança; e então agradei e sorri como se não fosse grande coisa.”

Elizabeth não conseguiu mais suportar aquilo. Levantou-se e saiu às pressas da sala; e não voltou mais até ouvi-los passar para a sala de jantar. Então juntou-se ao grupo só o suficiente para ver Lydia, que, com ansiosa afetação, aproximou-se pelo lado direito da mãe e disse à irmã mais velha: “Ah! Jane, vou pegar o seu lugar agora, e você vai mais para lá, porque agora sou uma mulher casada”.

Não era o caso de supor que o tempo viesse a conferir a Lydia o pudor a que ela se mostrara tão imune desde o princípio. Ela ansiava por encontrar a senhora Phillips, as Lucas e todo o resto da vizinhança, e por ouvir todo mundo chamá-la de “senhora Wickham”; nesse ínterim, após o jantar, foi mostrar sua aliança e se gabar para a senhora Hill e as duas empregadas.

“Bem, mamãe”, disse ela quando voltaram à sala, “o que a senhora achou do meu marido? Ele não é um homem encantador? Tenho certeza de que minhas irmãs devem estar com inveja. Só espero que tenham metade da sorte que eu tive. Elas precisam ir a Brighton. Lá é o lugar para arranjar marido. Que pena, mamãe, que não fomos todas.”

“Isso é uma grande verdade; se dependesse de mim, teríamos ido todas. Mas, minha querida Lydia, não gostei nada dessa ideia de você ir morar tão longe. Precisava ser assim?”

“Oh, céus! Sim; — não há nada de mal nisso. Vou gostar muito. Você e papai, e minhas irmãs, irão me visitar lá. Passaremos todo o inverno em Newcastle, e tenho certeza de que haverá bailes, e cuidarei para que todas arranjem bons pares.”

“Com certeza isso será o melhor de tudo!”, disse a mãe.

“E depois, quando você voltar, poderá deixar uma ou duas das minhas irmãs comigo; e estou certa de que arranjarei maridos para elas antes que o inverno termine.”

“Obrigada pela parte que me toca”, disse Elizabeth; “mas não me agrada muito o seu modo de arranjar marido.”

As visitas não deveriam ficar mais de dez dias. O senhor Wickham havia recebido sua comissão antes ainda de sair de Londres, e devia juntar-se ao regimento ao fim de duas semanas.

Ninguém senão a senhora Bennet lamentava a brevidade da estadia; e ela tratou de aproveitar o tempo ao máximo, fazendo visitas com a filha e promovendo reuniões em sua casa. Tais reuniões eram frequentadas por todos; evitar uma família era mais desejável para quem pensava do que para quem não o fazia.

O afeto de Wickham por Lydia era justamente como Elizabeth esperava que seria; distinto daquele que Lydia sentia por ele. Mal teria precisado da presente observação dos dois para se dar conta,

por razões objetivas, de que a fuga havia sido ocasionada pela força do amor dela, mais do que dele; e teria se perguntado, já que ele não se importava muito com a irmã, se Wickham teria resolvido fugir com ela se não tivesse certeza de que a fuga era necessária diante da aflição das circunstâncias; e, sendo esse o caso, ele não era rapaz que resistisse à oportunidade de ter uma companhia.

Lydia gostava excessivamente dele. Era sempre o seu querido Wickham; ninguém podia competir com ele. Em tudo, era o melhor do mundo; e ela tinha certeza de que ele caçaria mais aves do que qualquer pessoa no país em primeiro de setembro.¹

Um dia, pouco depois da chegada, sentada com as duas irmãs mais velhas, ela disse a Elizabeth:

“Lizzy, acho que nunca contei a você como foi o casamento. Você não estava por perto quando contei tudo à mamãe e às outras. Não ficou curiosa de saber como foi?”

“Na verdade, não”, respondeu Elizabeth; “acho que o melhor é falar o mínimo possível nesse assunto.”

“Ah! Você é tão estranha! Mas eu preciso contar como foi. Nós nos casamos, você sabe, na igreja de St. Clement, pois Wickham estava hospedado naquela paróquia.² E o combinado foi que estaríamos todos lá às onze da manhã. Meu tio, minha tia e eu iríamos juntos; e os outros deviam nos encontrar na igreja. Bem, na segunda-feira de manhã eu estava muito agitada! Estava com medo, você sabe, de que alguma coisa acontecesse e tivéssemos que cancelar, de modo que fiquei muito nervosa. E ainda por cima minha tia ficava o tempo todo me orientando e falando, enquanto eu me vestia, como se estivesse lendo um sermão. De todo modo, eu só ouvia uma palavra de cada dez que ela dizia, pois só pensava, você deve imaginar, no meu querido Wickham. Só queria saber se ele iria para a igreja com sua casaca azul.

“Bem, e então o desjejum foi servido como sempre às dez; e achei que não fosse terminar nunca; pois, cá entre nós, você há de me entender, meus tios foram terrivelmente desagradáveis o tempo todo que passei com eles. Não sei se você vai acreditar, mas não pus os pés fora de casa, mesmo tendo ficado lá por quinze dias. Nenhuma festa, nenhum programa, nada. Claro que Londres estava vazia, mas

pelo menos o Little Theatre³ estava aberto. Bem, assim que a carruagem parou diante da porta, meu tio teve de resolver negócios com aquele horrível senhor Stone. E você sabe, quando eles começam não param mais de falar. Bem, fiquei tão apavorada que não sabia mais o que fazer, pois eu entraria na igreja com meu tio; e, se passasse do meio-dia, não poderíamos mais casar naquele dia. Mas, por sorte, ele voltou depois de dez minutos, e então fomos todos embora. Mas depois lembrei que, se ele não pudesse entrar comigo, o casamento não precisaria ser cancelado, pois o senhor Darcy também poderia ter me levado ao altar.”

“O senhor Darcy?!”, repetiu Elizabeth, cheia de espanto.

“Ah, sim! — ele havia ficado de ir à igreja com Wickham, você sabe. Mas o que estou dizendo?! Esqueci! Não podia ter contado isso. Prometi que não diria nada! O que Wickham vai pensar? Era para ser segredo!”

“Se era para ser segredo”, disse Jane, “não diga mais nenhuma palavra sobre o assunto. Pode acreditar que não vamos perguntar mais nada.”

“Oh! Seguramente”, disse Elizabeth, embora ardesse de curiosidade; “não faremos mais perguntas.”

“Muito obrigada”, disse Lydia, “pois se vocês perguntassem eu certamente acabaria contando tudo, e Wickham ficaria zangado.”

Diante de tal encorajamento, Elizabeth viu-se obrigada a se afastar da tentação, saindo dali correndo.

Mas viver na ignorância quanto àquele assunto era impossível; ou pelo menos era impossível não tentar obter informações. O senhor Darcy estivera presente no casamento da irmã dela. Era uma cena protagonizada por pessoas entre as quais ele não teria nada a fazer, e aonde seria menos tentado a estar. Conjecturas quanto ao significado daquilo percorreram seu cérebro de forma apressada e tempestuosa; porém nenhuma delas a satisfez. As que mais lhe agradaram, lançando sobre a atitude dele uma luz mais favorável, pareciam as mais improváveis. Ela não conseguiria suportar tamanho suspense; e, abruptamente tomando uma folha de papel, escreveu uma breve carta à tia, pedindo explicações do que Lydia deixara

escapar caso isso fosse compatível com o segredo pretendido sobre a questão.

“Você há de facilmente compreender”, acrescentou, “o motivo da minha curiosidade em saber o que uma pessoa sem relação com nenhuma de nós, e (relativamente falando) estranha à família, haveria de estar fazendo com vocês em tal ocasião. Peço-lhe que me escreva de imediato e me explique tudo isso — a não ser que seja o caso, por razões convincentes, de manter o assunto em segredo, como Lydia parece achar necessário; e então deverei tentar me contentar com a ignorância.”

“Não que eu vá conseguir, de fato”, acrescentou consigo mesma, ao terminar a carta; “e, minha querida tia, se não me contar de modo honroso, certamente terei de recorrer a truques e estratagemas para descobrir.”

O delicado senso de honra de Jane não lhe permitiria falar a Elizabeth em particular a respeito do que Lydia revelara por descuido; Elizabeth achou melhor assim; — até que seus questionamentos recebessem resposta, ela preferiria ficar sem uma confidente.

X

Elizabeth teve a satisfação de receber uma resposta para sua carta tão cedo quanto foi possível. Mal pôs as mãos no envelope, saiu às pressas até o pequeno arvoredo, onde seria menos provável que fosse interrompida, sentou-se em um dos bancos e preparou-se para ficar feliz; pois a extensão da carta convenceu-a de que não conteria uma recusa.

“Gracechurch-street, 6 de setembro

“Minha querida sobrinha,

“Acabo de receber sua carta, e dedicarei a manhã inteira a respondê-la, pois prevejo que algumas poucas palavras não darão conta do que tenho a lhe dizer. Devo confessar que fiquei surpresa com seu pedido; não esperava isso de você. Mas não pense que estou aborrecida, quero dizer apenas que não imaginei que justamente você acharia necessário fazer tais perguntas. Se preferir não me entender, perdoe-me a impertinência. Seu tio ficou tão surpreso quanto eu — e nada senão a crença de que você é parte interessada teria permitido que ele agisse como agiu. Mas, se você é de fato inocente e ignora o que quero dizer, permita-me ser mais explícita. No mesmo dia em que voltei de Longbourn para casa, seu tio teve uma visita muito inesperada. O senhor Darcy apareceu e ficou trancado com ele por várias horas. Tudo já havia terminado antes de eu chegar; de modo que minha curiosidade não foi atizada de forma tão atroz quanto a sua parece ter sido. Ele viera contar ao senhor Gardiner que havia descoberto onde sua irmã e o senhor Wickham estavam, e que os encontrara e conversara com ambos; com Wickham diversas vezes, e uma vez com Lydia. Se bem me

lembro, ele partira de Derbyshire um dia depois de nós, e viera a Londres decidido a buscar os dois. O motivo confessado era sua convicção de se dever a ele o fato de a sordidez de Wickham não haver se tornado pública, e por isso era impossível que qualquer moça de caráter o amasse e nele confiasse. Generosamente, atribuiu tudo a seu orgulho equivocado, e confessou que antes achara indigno de si expor suas ações privadas aos olhos do mundo. Seu caráter devia falar por si. Considerou, portanto, ser seu dever intervir e tentar remediar um mal ocasionado por sua culpa. Se tinha outro motivo para tanto, tenho certeza de que não haveria de envergonhá-lo. Fazia alguns dias que estava na cidade quando conseguiu encontrá-los; porém, ele dispunha de algo para orientar sua busca, que era mais do que nós tínhamos então; e a consciência disso foi outra razão para que ele resolvesse nos acompanhar. Existe uma dama, ao que parece, uma certa senhora Younge, que há algum tempo foi governanta da senhorita Darcy e que fora dispensada do serviço por alguma desaprovação, embora ele não dissesse qual. Ela então se mudou para uma casa grande na Edward-street,¹ e desde então se mantém alugando cômodos. Essa senhora Younge era, ele sabia, íntima conhecida de Wickham; e ele foi se encontrar com ela para saber dele assim que chegou a Londres. Mas só dois ou três dias depois conseguiu o que queria. Ela não trairia a confiança de Wickham, suponho, sem suborno e corrupção, pois realmente sabia onde estava o amigo. Wickham havia de fato ido procurá-la assim que eles chegaram à cidade, e ela os teria recebido na casa, eles teriam se hospedado com ela. Contudo, por fim, nosso bom amigo encontrou o endereço buscado. Estavam na — Street. Ele viu Wickham, e depois insistiu para ver Lydia. Seu principal objetivo, conforme admitiu, era persuadi-la a abandonar a situação infame em que se encontrava e retornar para seus entes queridos enquanto eles ainda podiam ser convencidos a aceitá-la de volta, oferecendo-lhe ajuda no que fosse preciso. Mas ele descobriu que Lydia estava absolutamente decidida a permanecer onde estava. Não se importava com nenhum ente querido, não queria ajuda dele, não queria nem ouvir falar em deixar Wickham. Estava certa de que iriam se casar mais dia, menos dia, e não importava muito quando. Como

eram tais os sentimentos dela, só restava, pensou ele, garantir e apressar o casório, o que, em sua primeira conversa com Wickham, rapidamente soube que jamais fora a intenção deste. Ele admitiu que fora obrigado a deixar o regimento por conta de algumas dívidas de jogo bastante prementes; e demonstrou escrúpulos ao não atribuir todas as más consequências da fuga de Lydia exclusivamente à levandade dela. Pretendia renunciar imediatamente à sua comissão; e, quanto à futura posição, mostrou-se pouco capaz de conjecturar. Ele precisaria ir para algum lugar, mas não sabia qual, e sabia que não teria como se sustentar. O senhor Darcy perguntou-lhe por que afinal não se casava logo com Lydia. Ainda que o senhor Bennet não fosse muito rico, seria capaz de fazer algo por ele, e a situação dele haveria de se beneficiar com o casamento. Mas descobriu, em resposta a essa pergunta, que Wickham ainda alimentava esperanças de fazer fortuna com um casamento mais eficaz em algum outro lugar. Nas circunstâncias em que se encontrava, no entanto, ele provavelmente cederia à tentação de uma solução imediata. Encontraram-se diversas vezes, pois havia muito a ser discutido. Wickham obviamente queria mais do que poderia conseguir; mas por fim resignou-se ao que era razoável. Tudo acertado entre eles, o passo seguinte do senhor Darcy foi informar o seu tio de tudo isso, e assim ele veio pela primeira vez a Gracechurch-street, na tarde anterior ao meu retorno. Mas o senhor Gardiner não estava, e o senhor Darcy ficou sabendo, após algumas perguntas, que seu pai ainda estava com ele, mas que deixaria a cidade na manhã seguinte. Ele não considerou seu pai alguém com quem pudesse se consultar de modo tão apropriado quanto seu tio, e portanto postergou o encontro até a partida do outro. Não deixou seu nome e, até o dia seguinte, só se sabia que um cavalheiro havia aparecido para tratar de negócios. No sábado, ele voltou. Seu pai já havia partido, seu tio estava em casa e, como eu disse antes, conversaram bastante em particular. Encontraram-se novamente no domingo, e então eu também o vi. Tudo só ficou combinado na segunda-feira: na primeira oportunidade, a carta expressa foi enviada a Longbourn. Mas nosso visitante se revelou extremamente teimoso. Imagino, Lizzy, que a teimosia seja afinal o verdadeiro defeito de seu

caráter. Ele já foi acusado de muitos defeitos em diversas ocasiões; mas creio ser esse o mais verdadeiro. Nada devia ser feito sem que ele mesmo o fizesse; embora eu tenha certeza (e não digo isso para que você me agradeça, portanto não diga nada) de que o seu tio sozinho teria cuidado perfeitamente de tudo. Discutiram o caso por um longo tempo, o que era mais do que o cavalheiro ou a dama teriam merecido. Mas por fim seu tio foi obrigado a ceder, e em vez de poder ser útil à sobrinha viu-se forçado a concordar em apenas ficar com o crédito pelo feito, o que era amargamente contrário à sua disposição natural; e de fato creio que a carta que você enviou hoje de manhã foi para ele motivo de grande prazer, pois requeria uma explicação que tiraria dele os louros emprestados e devolveria o louvor a quem de direito. Mas, Lizzy, isso não deve chegar aos ouvidos de ninguém além de você, ou no máximo de Jane. Você sabe muito bem, imagino, o que foi feito pelos jovens. As dívidas de Wickham a serem pagas, resultam, creio, em uma quantia superior a mil libras, mais de mil além do que foi estabelecido como dote para ela, e a nova posição que ele assumirá foi adquirida do mesmo modo. O motivo de tudo isso haver sido efetuado exclusivamente por ele é o que expliquei acima. Devia-se a ele, à sua discrição, e à falta da devida consideração, o fato de o caráter de Wickham ter sido tão incompreendido, e conseqüentemente o fato de este haver sido bem recebido e aceito em confiança. Talvez haja nisso alguma verdade; embora eu duvide que apenas a discrição dele, ou a discrição de qualquer um, possa responder por tal decisão. Mas apesar de todas essas belas palavras, minha querida Lizzy, você pode ficar descansada em perfeita segurança de que seu tio jamais teria cedido se não acreditássemos que ele agia com outro interesse no caso. Quando tudo isso passou, ele voltou aos seus, que ainda estavam em Pemberley; mas ficou combinado que retornaria a Londres quando o casamento acontecesse, e todas as questões financeiras deveriam ser enfim acertadas. Creio agora haver lhe contado tudo. Trata-se de algo que você me diz ter lhe causado grande surpresa; espero apenas que não lhe propicie nenhum descontentamento. Lydia veio para cá; e Wickham era sempre recebido em casa. Ele pareceu exatamente o mesmo de quando o conheci em

Hertfordshire; mas não lhe diria o quanto me desagradou a atitude de Lydia durante o tempo em que esteve conosco, se não tivesse ficado sabendo, pela carta de Jane da quarta-feira passada, que o comportamento dela ao voltar para casa foi da mesma natureza, e portanto o que estou lhe contando agora não chegará a lhe causar um novo desgosto. Falei muito seriamente com ela diversas vezes, mostrando toda a perversidade do que havia feito e toda a infelicidade que trouxera à família. Se ela me ouviu, foi por acaso, porque tenho certeza de que não me escutou. Senti-me por vezes muito insultada, mas então me lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane, e por causa delas era paciente com Lydia. O senhor Darcy foi pontual no retorno e, conforme a informação de Lydia, compareceu ao casamento. Jantou conosco no dia seguinte e deveria deixar a cidade na quarta ou na quinta-feira. Não fique muito zangada comigo, minha querida Lizzy, se aproveito a oportunidade de dizer (o que não tive coragem de dizer antes) como gostei dele. A atitude dele conosco foi, em todos os aspectos, tão agradável quanto na ocasião em que estivemos em Derbyshire. Sua visão das coisas e suas opiniões, tudo me agradou; não lhe falta nada senão certa vivacidade, e isso, com um bom casamento, a esposa pode lhe dar. Achei-o muito astuto; — mal tocou no seu nome. Mas a astúcia parece estar na moda. Peço-lhe que me perdoe se sou muito confiada, ou pelo menos não me castigue demais a ponto de não me receber nunca em P. Jamais seria completamente feliz sem antes dar a volta completa no parque. Um pequeno faetonte, com um belo par de pôneis, é tudo o que peço. Mas devo interromper a prosa. As crianças me aguardam há meia hora.

“Sempre, sempre ao seu dispor,

“Sra. Gardiner”

O conteúdo da carta lançou Elizabeth em um alvoroço de humores no qual era difícil decidir se a maior parte era satisfação ou sofrimento. As suspeitas vagas e infundadas que haviam produzido incerteza quanto ao que o senhor Darcy podia ter feito para apressar o casamento de Lydia, que ela temia estimular por ser um esforço de bondade grande demais para ser plausível e ao mesmo tempo

receava ser verdade devido ao peso da obrigação, provaram-se na grande maioria verdadeiras! Ele os seguira deliberadamente até a cidade, tomara para si todos os encargos e mortificações implicados em tal busca; na qual fora necessário suplicar a uma mulher que ele devia abominar e desprezar, e onde se vira obrigado a encontrar, encontrar com frequência, conversar e convencer, e por fim subornar, o homem que ele mais desejava evitar, cujo nome meramente pronunciar era para ele um castigo. Fizera tudo aquilo por uma menina de quem nem mesmo gostava, por quem não tinha sequer admiração. Seu coração suspirou ao cogitar que o fizera por ela. Mas essa esperança foi em breve interrompida por outras considerações, e em seguida ela sentiu que mesmo sua vaidade era insuficiente para justificar tal esperança de afeição da parte dele por uma mulher que já o havia rejeitado quando era preciso superar um sentimento tão natural como a repulsa a qualquer relação com Wickham! Cunhado de Wickham! Toda espécie de orgulho haveria de se rebelar contra tal associação. Seguramente o senhor Darcy fizera demais. Ela se envergonhava ao pensar quanto. Mas ele alegara uma razão para interferir na qual se podia acreditar sem grandes esforços. Era razoável que sentisse ter agido mal; era generoso, e tinha os meios de exercer a generosidade; e, embora ela não se colocasse como principal incentivo, podia, talvez, acreditar que um interesse remanescente por ela pudesse ter ajudado em uma causa em que a paz de espírito devia estar substancialmente envolvida. Era doloroso, doloroso demais, saber que tinham uma dívida de gratidão com alguém que jamais poderia ser recompensado. Deviam a recuperação de Lydia, de seu caráter, tudo a ele. Oh! Como ela lamentava todos os sentimentos ingratos que estimulava, cada frase ferina que já lhe dirigira. Sentia vergonha de si mesma; mas estava orgulhosa dele. Orgulhosa pois, em uma questão que envolvia compaixão e honra, ele fora capaz de dar o seu melhor. Lera e relera os elogios que a tia lhe fizera. Foi bastante difícil; mas gostou. Sentiu até certo prazer, embora misturado com remorso, ao perceber como os tios se convenceram sem demora de que ainda existiam afeto e confiança entre ela e o senhor Darcy.

Foi tirada do banco, e de suas reflexões, pela aproximação de alguém; e, antes que partisse em outra direção, foi abordada por Wickham.

“Estou interrompendo o seu passeio solitário, minha querida cunhada?”, disse ele ao juntar-se a ela.

“Certamente”, ela respondeu com um sorriso; “mas tal interrupção não é necessariamente indesejada.”

“Eu lamentaria muito se de fato o fosse. Sempre fomos bons amigos; e agora somos ainda melhores.”

“É verdade. Vem mais alguém?”

“Não sei. A senhora Bennet e Lydia foram com a carruagem até Meryton. Pois então, minha querida cunhada, fiquei sabendo por nossos tios que você esteve em Pemberley.”

Ela respondeu afirmativamente.

“Quase invejo o seu prazer, embora eu acredite que seria demais para mim, do contrário poderia passar por lá a caminho de Newcastle. E você encontrou a velha criada, imagino? Pobre Reynolds, ela sempre gostou muito de mim. Mas claro que não deve ter tocado em meu nome.”

“Tocou, sim.”

“E o que ela disse?”

“Que você entrara no Exército, e que ela receava que... não se saíra muito bem. A uma distância como essa, você sabe, as coisas ficam estranhamente distorcidas.”

“Seguramente”, ele respondeu, mordendo o lábio. Elizabeth esperava assim havê-lo silenciado de vez; mas logo em seguida ele prosseguiu:

“Fiquei surpreso de encontrar Darcy em Londres no mês passado. Cruzamos o caminho um do outro na rua diversas vezes. Não imagino o que andaria fazendo por lá.”

“Quem sabe se preparando para se casar com a senhorita de Bourgh”, disse Elizabeth. “Devia ser algo particular, para fazê-lo ir até lá nesta época do ano.”

“Indiscutivelmente. Você o encontrou quando esteve em Lambton? Creio ter ficado sabendo pelos Gardiner que sim.”

“Sim; ele nos apresentou à irmã.”

“E você gostou dela?”

“Gostei muito.”

“Fiquei sabendo, na verdade, que ela melhorou muito nesses últimos dois anos. Quando a vi pela última vez, não prometia muito. Fiquei muito contente que tenha gostado dela. Espero que ela esteja bem.”

“Creio que ficará; já passou pela idade mais difícil.”

“Vocês passaram por Kympton?”

“Não me lembro.”

“Digo porque é a propriedade que devia ter sido minha. Que lugar delicioso! Um presbitério excelente! Teria me contentado em todos os aspectos.”

“E você teria gostado de preparar também os sermões?”

“Muitíssimo. Teria considerado parte dos meus deveres, e logo o esforço não seria nada. O importante é não se amofinar; — no entanto, é certo que seria perfeito para mim! A tranquilidade, o isolamento daquela vida teriam correspondido a todas as minhas ideias de felicidade! Mas não era para ser. Darcy chegou a comentar algo sobre o caso quando você esteve em Kent?”

“Fiquei sabendo, e de fonte segura, tão confiável quanto ele, que a paróquia lhe foi legada apenas condicionalmente, e se assim desejasse o atual proprietário.”

“Você soube então. Sim, foi algo nesse sentido; eu havia comentado antes, você há de se lembrar.”

“Ouvi dizer também que houve um tempo em que redigir sermões não lhe parecia algo tão aprazível como parece ser no presente; e que você na verdade chegou a declarar sua decisão de não se ordenar, e que portanto o acordo foi comprometido.”

“Você ouviu falar disso! De fato existe algum fundamento. Você deve se lembrar que comentei esse ponto com você da primeira vez em que falamos sobre o assunto.”

Estavam agora quase diante da porta da casa, pois ela caminhara depressa para se livrar dele; e não querendo provocá-lo, em consideração à irmã, disse apenas em resposta, com um sorriso bem-humorado:

“Vamos, senhor Wickham, agora somos cunhados, você sabe. Não brigemos pelo passado. No futuro, espero que concordemos sempre.”

Ela estendeu-lhe a mão; ele beijou-a com apaixonada galanteria, embora estivesse um tanto desconcertado, e entraram na casa.

O senhor Wickham ficou perfeitamente satisfeito com essa conversa, tanto que nunca mais se deu ao trabalho de, ou provocou sua querida cunhada ao, tocar no assunto; e ela ficou satisfeita ao descobrir que dissera o bastante para mantê-lo em silêncio.

O dia da partida dele e de Lydia logo chegou, e a senhora Bennet foi forçada a se submeter a uma separação que, considerando que o marido de modo algum haveria de concordar com seus planos de irem todos a Newcastle, provavelmente duraria ainda pelo menos um ano inteiro.

“Oh! Minha querida Lydia”, exclamou ela, “quando nos encontraremos de novo?”

“Oh, céus! Não sei. Não nos próximos dois ou três anos.”

“Escreva-me sempre, minha querida.”

“Sempre que possível. Mas você sabe que mulheres casadas nunca têm muito tempo para escrever. Minhas irmãs poderão me escrever mais. Elas não terão mais nada para fazer.”

As despedidas do senhor Wickham foram muito mais afetuosas que as da esposa. Ele sorriu, fez pose de fino e disse muitas coisas bonitas.

“Que sujeito admirável”, disse o senhor Bennet assim que eles foram embora, “nunca vi coisa igual. Força o sorriso, faz caras e bocas e nos conquista a todos. Estou extraordinariamente orgulhoso dele. Desafio até o próprio Sir William Lucas a conseguir um genro mais precioso.”

A perda da filha deixou a senhora Bennet assaz cabisbaixa por vários dias.

“Sempre pensei”, disse ela, “que não há nada pior do que se separar dos entes queridos. A pessoa fica desamparada.”

“Essa é a consequência, a senhora sabe, de casar uma filha”, disse Elizabeth. “A senhora deveria se dar por satisfeita por ter as outras quatro solteiras.”

“Não é nada disso. Lydia não está me deixando porque casou; mas só porque o regimento do marido fica longe. Se fosse mais perto, ela não iria tão cedo.”

Mas o desânimo em que se encontrava por conta do fato seria brevemente amenizado, e outra vez lhe vieram à mente as agitações da esperança, graças a uma notícia que então começara a circular. A governanta de Netherfield recebera ordens de preparar a casa para a chegada do patrão, que viria caçar dentro de um ou dois dias e devia ficar várias semanas. A senhora Bennet ficou em polvorosa. Olhava para Jane e sorria, balançando a cabeça.

“Ora, ora, então o senhor Bingley está vindo, minha irmã” (pois quem primeiro lhe deu a notícia foi a senhora Phillips). “Bem, pois tanto melhor. Não que eu me importe. Ele não tem relação nenhuma conosco, você sabe, e tenho certeza de que eu mesma não quero vê-lo nunca mais. Mas, no entanto, ele é bem-vindo em Netherfield quando quiser. E quem sabe o que pode acontecer? Mas não temos nada com isso. Você sabe, minha irmã, faz tempo que combinamos de não tocar no assunto. Mas então: é certo mesmo que ele vem?”

“Pode contar com isso”, respondeu a outra, “pois a senhora Nicholls estava em Meryton ontem à noite; eu a vi passando e saí para averiguar; e ela me disse que é mesmo verdade. Ele chega, o mais tardar, na quinta-feira; muito provavelmente na quarta. Ela me disse que estava indo ao açougue encomendar mais carne para quarta-feira, e levava três casais de patos prontos para o abate.”

A senhorita Bennet não conseguiu evitar empalidecer ao saber que ele vinha. Fazia meses que não tocava no nome dele com Elizabeth; mas, assim que ficaram sozinhas, ela disse:

“Vi como olhou para mim aquele dia, Lizzy, quando minha tia nos contou; e sei que pareci me afligir. Mas não vá pensar que é por algum motivo bobo. Só fiquei confusa na hora porque percebi que olhavam para mim. Garanto que essa notícia não me causa dor, nem prazer. Só fico contente porque ele vem sozinho; porque assim

praticamente não o encontraremos. Não que eu tema por mim, mas abomino os comentários alheios.”

Elizabeth não soube o que fazer em seguida. Se não o tivesse encontrado em Derbyshire, podia supô-lo capaz de vir sem outra intenção que a alegada caçada; mas ainda achava que ele gostava de Jane, e hesitou entre as maiores probabilidades, a de ele estar vindo com o aval do amigo ou a de ter tomado coragem bastante para vir por conta própria.

“Mesmo assim é algo penoso”, ela às vezes pensava, “que esse pobre homem não possa vir para uma casa da qual é legalmente inquilino sem despertar tanta especulação! Vou deixá-lo em paz.”

Apesar do que a irmã havia declarado e de fato acreditava serem seus sentimentos sobre a expectativa da chegada de Bingley, Elizabeth pôde facilmente perceber a alteração do humor de Jane. Mais abalada, mais hesitante, do que ela jamais vira antes.

O assunto que fora tão fervorosamente discutido entre os pais cerca de doze meses atrás era de novo trazido à baila.

“Assim que o senhor Bingley chegar, meu caro”, disse a senhora Bennet, “você irá visitá-lo, evidentemente.”

“Não, não. Você me obrigou a visitá-lo no ano passado e me prometeu que, se eu fosse, ele se casaria com alguma das minhas filhas. Mas isso não deu em nada, e não farei outra visita à toa.”

A esposa o fez ver como seria absolutamente necessário tal providência da parte de todos os cavalheiros da região assim que ele voltasse a Netherfield.

“Trata-se de uma etiqueta que eu desprezo”, disse ele. “Se quiser nos frequentar, ele que nos procure. Sabe onde moramos. Não passarei o meu tempo correndo atrás dos meus vizinhos toda vez que eles vão embora e depois voltam.”

“Bem, eu só sei que seria abominavelmente rude se você não fosse visitá-lo. Mas isso não evitará que eu o convide para jantar aqui, estou decidida. Convidarei a senhora Long e os Goulding também. Isso formaria uma mesa de treze, contando conosco, de modo que haverá um lugar para ele.”

Consolada por tal decisão, ela parecia mais apta a suportar a falta de cortesia do marido; embora fosse deveras mortificante saber que,

em consequência disso, todos os outros vizinhos poderiam ver o senhor Bingley antes deles. Quando se aproximou o dia da chegada dele:

“Estou começando a lamentar que ele venha afinal”, disse Jane à irmã. “Não há de ser nada; serei capaz de encontrá-lo com perfeita indiferença, mas não sei se conseguirei suportar ouvir as pessoas falando disso eternamente. Minha mãe não faz por mal; mas ela não sabe, ninguém sabe como me dói ouvir o que ela diz. Só serei feliz depois de encerrada essa estadia em Netherfield!”

“Eu gostaria de poder dizer algo que a confortasse”, respondeu Elizabeth; “mas está inteiramente fora do meu alcance. Você deve saber disso; e nem posso, como é de costume, recomendar paciência a quem está sofrendo, pois paciência você sempre teve de sobra.”

O senhor Bingley chegou. A senhora Bennet, por intermédio da criadagem, tramara para obter a primeira notícia do fato, e assim começou um novo período de ansiedade e agitação que podia durar indefinidamente. Ela contou os dias até que o convite para o jantar pudesse ser enviado, desiludida da possibilidade de encontrá-lo antes. Mas, na terceira manhã depois de sua chegada a Hertfordshire, ela o viu pela janela da sala de estar, pastando adentro, galopando em direção à casa.

As filhas foram avidamente chamadas para partilhar de sua alegria. Jane continuou irredutível em seu lugar à mesa; mas Elizabeth, para satisfazer a mãe, foi até a janela — olhou para fora, — viu o senhor Darcy ao lado dele e sentou-se novamente junto à irmã.

“Há outro cavalheiro com ele, mamãe”, disse Kitty; “quem será?”

“Algum conhecido, minha querida, imagino; garanto que não sei quem é.”

“Ora!”, retrucou Kitty, “parece aquele homem que sempre estava com ele. Senhor alguma coisa. Aquele alto, arrogante.”

“Santo Deus! É o senhor Darcy! — sou capaz de jurar. Bem, como é amigo do senhor Bingley, será sempre bem-vindo aqui em casa; mas, de outro modo, eu diria que sinto ódio só de olhar para ele.”

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e preocupação. Ela não sabia os detalhes do encontro ocorrido em Derbyshire, e portanto

temeu pelo constrangimento que a irmã pudesse estar passando ao vê-lo pela primeira vez depois da carta em que ele se explicara. Ambas sentiam-se bastante incomodadas. Uma sentia pela outra e, evidentemente, cada uma por si mesma; e a mãe falando que não gostava do senhor Darcy, e que resolvera ser cortês apenas por se tratar de um amigo do senhor Bingley, sem que nenhuma das filhas lhe desse ouvidos. Mas Elizabeth tinha motivos de inquietação que Jane nem suspeitava, jamais tivera coragem de mostrar à irmã a carta da senhora Gardiner ou mesmo confessar a própria mudança do sentimento que nutria por ele. Para Jane, ele seria apenas um homem cujo pedido de casamento a irmã rejeitara e de cujos méritos subestimara o valor; mas, para seu melhor juízo, era ele a pessoa a quem toda a família devia o maior dos benefícios, e por quem ela sentia algo, senão igualmente terno, ao menos tão plausível e verdadeiro quanto o que Jane sentia por Bingley. O espanto com a chegada dele — sua chegada a Netherfield, a Longbourn, e o fato de ter vindo deliberadamente procurá-la outra vez — foi quase igual ao de quando testemunhara a alteração do comportamento dele em Derbyshire.

A cor que havia fugido de seu rosto voltou por meio minuto com um brilho a mais, e um sorriso de prazer deu luz a seus olhos quando pensou durante esse período de tempo que o afeto e o desejo dele ainda persistiam inabalados. Mas ela não contaria com isso.

“Vejam como ele se comporta”, disse consigo; “para depois ter qualquer esperança.”

Pôs-se a trabalhar intensamente, tentando manter a calma, e sem ousar erguer os olhos, até que a curiosidade aflita levou-os ao rosto da irmã enquanto a criada se aproximava da porta. Jane pareceu mais pálida do que de costume, porém mais serena do que Elizabeth esperava. Quando os cavalheiros apareceram, voltou-lhe o rubor das faces; mas os recebeu com razoável desembaraço e, apropriadamente, sem qualquer sinal de ressentimento ou qualquer complacência desnecessária.

Elizabeth falou com ambos apenas o mínimo que a cortesia permitia, e tornou a sentar-se com seu trabalho com uma avidez que nem sempre era exigida. Arriscara apenas um olhar de relance para

Darcy. Ele parecia sério como de costume; e, na opinião dela, mais como costumava parecer em Hertfordshire do que quando o vira em Pemberley. Mas talvez ele não pudesse ser na presença da mãe dela o mesmo que fora diante do tio e da tia. Foi sua dolorosa, mas não improvável, conjectura.

Bingley, igualmente, ela viu apenas por um instante, e nesse breve período lhe pareceu ao mesmo tempo animado e constrangido. Foi recebido pela senhora Bennet com um exagero de cortesia que deixou as duas irmãs envergonhadas, especialmente em comparação à polidez fria e cerimoniosa do tratamento dedicado ao amigo dele.

Elizabeth, em particular, que sabia que a mãe devia a ele a salvação da filha favorita da irremediável infâmia, sentiu-se dolorosamente magoada e contrariada com aquela deselegância tão mal aplicada.

Darcy, depois de perguntar a ela como estavam o senhor e a senhora Gardiner, pergunta que ela não conseguiu responder sem hesitar, mal tornou a abrir a boca. Ele não estava sentado perto dela; talvez fosse esse o motivo do silêncio; mas não fora assim em Derbyshire. Lá ele havia conversado com seus tios sempre que não podia falar com ela. Mas agora vários minutos se passavam sem que se ouvisse o som de sua voz; e quando às vezes, incapaz de resistir ao impulso da curiosidade, ela erguia os olhos até o rosto dele, notava que ele ora olhava para Jane, ora para ela, e outras vezes para coisa nenhuma, para o chão. Mais consideração e menos ansiedade de agradar do que da última vez em que se encontraram estavam claramente expressas. Ela ficou decepcionada e irritada consigo mesma por ficar assim.

“Como se eu pudesse esperar outra coisa!”, pensou. “Mas por que veio então?”

Ela não tinha vontade de conversar com mais ninguém além dele; e diante dele quase não tinha coragem de falar.

Perguntou pela senhorita Darcy, mas não conseguiu ir além disso.

“Faz muito tempo, senhor Bingley, que o senhor foi embora”, disse a senhora Bennet.

Ele prontamente concordou.

“Comecei a temer que o senhor não fosse voltar nunca mais. Disseram que abandonaria de vez a casa depois da festa de São Miguel Arcanjo; o que eu espero que não seja verdade. Muita coisa aconteceu na região desde que o senhor foi embora. A senhorita Lucas se casou e se mudou. É uma das minhas filhas. Imagino que o senhor tenha ficado sabendo; na verdade, o senhor há de ter visto nos jornais. Deu no *Times* e no *Courier*, que eu saiba; mas não saiu como era para ser. Só dizia: ‘Recém-casados, George Wickham, à esquerda, com a senhorita Lydia Bennet’, sem nenhuma sílaba sobre o pai, ou sobre onde vivia, nada. Era incumbência do meu irmão Gardiner, nem imagino como ele foi publicar algo tão sem graça. O senhor leu?”

Bingley respondeu que sim, e parabenizou-a. Elizabeth não ousou erguer os olhos. A expressão do senhor Darcy, portanto, ela não teria como dizer qual foi.

“É com certeza uma maravilha ter uma filha tão bem casada”, continuou a mãe; “mas ao mesmo tempo, senhor Bingley, é muito duro vê-la tirada de mim para tão longe. Eles se mudaram para Newcastle, um lugar bem ao norte, ao que parece, e lá haverão de morar, não sei por quanto tempo. É lá que está o regimento dele; pois creio que o senhor ficou sabendo que ele deixou a milícia do condado e alistou-se no Exército regular. Graças a Deus! Ele tem alguns amigos, embora talvez não sejam tantos quanto mereceria ter.”

Elizabeth, que sabia que também isso era dirigido ao senhor Darcy, ficou tão angustiada de vergonha que mal conseguiu permanecer sentada. Contudo, isso fez com que ela se empenhasse a falar um pouco, como nada antes fora capaz de fazer de modo tão eficaz; e perguntou a Bingley se ele pretendia ficar no campo mais algum tempo. Algumas semanas, ele acreditava.

“Quando o senhor tiver matado todas as suas aves, senhor Bingley”, disse a mãe, “faço questão de que venha para cá e atire em quantas quiser na propriedade do senhor Bennet. Tenho certeza de que ele ficará imensamente feliz em convidá-lo, e há de guardar para o senhor as nossas melhores perdizes.”

A angústia de Elizabeth aumentou diante do despropósito de comentário tão impertinente! Se a mesma bela perspectiva surgisse novamente, como a que as deixara lisonjeadas no ano anterior, exatamente tudo, ela estava convencida, haveria de se encaminhar para a mesma conclusão vexatória. Naquele instante ela percebeu que anos de felicidade não compensariam o que Jane e ela passavam naqueles momentos de doloroso constrangimento.

“O maior desejo do meu coração”, disse consigo mesma, “é nunca mais estar na companhia de nenhum desses dois. A convivência com eles não proporciona nenhum prazer capaz de reparar tamanha desgraça! Quisera eu nunca mais voltar a vê-los!”

No entanto a angústia que anos de felicidade não poderiam compensar logo foi sensivelmente aliviada com a observação de que a beleza da irmã reacendera a admiração do antigo pretendente. Assim que ele entrou, falou muito pouco com ela; mas a cada cinco minutos parecia lhe dar mais atenção. Achou-a tão linda quanto no ano anterior; tão amável e sem qualquer afetação, ainda que não mais tão loquaz. Jane estava aflita para que não se notasse nenhuma diferença, e plenamente convencida de que conversara como sempre fizera. Mas sua mente estava tão absorta em si mesma que nem sempre ela se dava conta de que estava em silêncio.

Quando os cavalheiros se levantaram para ir embora, a senhora Bennet atentou para a cortesia que pretendia fazer, e eles foram convidados e se comprometeram a vir jantar em Longbourn dentro de alguns dias.

“O senhor me deve mesmo uma visita, senhor Bingley”, ela acrescentou, “pois quando foi a Londres no inverno passado havia prometido vir jantar com a nossa família assim que voltasse. Não esqueci, como o senhor vê; e garanto que fiquei muito decepcionada porque o senhor não voltou e honrou seu compromisso.”

Bingley sentiu certo embaraço diante de tal observação, e disse a seu favor haver sido impedido por outros afazeres. Então eles se foram.

A senhora Bennet estivera bastante inclinada, naquele dia, a convidá-los para ficar e jantar ali com eles; porém, embora sua mesa

sempre fosse farta, achou que só um jantar de no mínimo dois pratos haveria de ser o bastante para um homem com quem ela tinha planos tão promissores ou satisfaria o apetite e o orgulho de um outro que tinha uma renda de dez mil por ano.

Assim que eles partiram, Elizabeth saiu para recobrar seu estado de espírito; ou, dito de outro modo, para divagar sem que a interrompessem sobre assuntos que tornariam seu humor ainda pior. Ficara perplexa e irritada com a atitude do senhor Darcy.

“Se foi só para ficar calado, sério e indiferente”, disse consigo mesma, “por que ele veio afinal?”

Ela não chegava a nenhuma conclusão satisfatória.

“Ele continuou amável e simpático com meus tios quando os encontrou em Londres; por que não comigo? Se tem medo de mim, por que veio até aqui? Se já não se importa comigo, por que ficou calado? Que homem intrigante! Não pensarei mais nele.”

A decisão dela foi involuntariamente mantida durante um breve período de tempo graças à aproximação da irmã, que se juntou a ela com um olhar contente, que demonstrava haver ficado mais satisfeita com as visitas do que Elizabeth.

“Agora”, ela disse, “que passou esse primeiro encontro, sinto-me perfeitamente à vontade. Sei dos meus limites, e nunca mais ficarei constrangida quando ele vier. Estou contente que ele venha jantar aqui na terça-feira. Então as pessoas verão publicamente que, de ambas as partes, podemos nos encontrar apenas como conhecidos comuns e indiferentes.”

“Sim, muito indiferentes”, disse Elizabeth, risonha. “Oh, Jane, tenha cuidado.”

“Minha querida Lizzy, você não pode achar que sou tão fraca a ponto de correr qualquer risco agora.”

“Acho que há um risco muito grande, sim, de fazer ele ficar apaixonado por você como sempre foi.”

Elas voltariam a encontrar os cavalheiros apenas na terça; e a senhora Bennet, nesse ínterim, permitiu-se tramar seus planos de felicidade, que o bom humor e a gentileza casual de Bingley, em meia hora de visita, haviam revivido.

Na terça-feira, um grupo numeroso reuniu-se em Longbourn; e os dois, que eram aguardados com a maior ansiedade, para crédito de sua pontualidade de rapazes da sociedade, chegaram em boa hora. Quando passaram à sala de jantar, Elizabeth ficou atenta para ver se Bingley tomaria o lugar que, em todas as festas anteriores, sempre lhe pertencera, ao lado de Jane. A mãe, prudente e ocupada das mesmas ideias, evitou convidá-lo a sentar a seu lado. Ao entrar na sala, ele pareceu hesitar; mas Jane por acaso estava olhando ao redor, e por acaso sorriu: foi o bastante. Ele se pôs ao lado dela.

Elizabeth, com uma sensação de triunfo, olhou na direção de seu amigo. Ele devolveu o olhar com nobre indiferença, e ela teria imaginado que Bingley recebera dele a sanção para ser feliz se não tivesse notado que os olhos dele também se voltavam para o senhor Darcy com uma expressão sorridente mas preocupada.

A atitude dele para com sua irmã durante o jantar era de uma admiração que, embora mais contida do que antes, convenceu Elizabeth de que, se dependesse inteiramente dele, a felicidade de Jane, assim como a dele, estaria rapidamente garantida. Ainda que ela não ousasse contar com isso, sentiu prazer ao observar-lhe a atitude. Era todo o entusiasmo que caberia em seu estado de espírito; pois ela não estava de bom humor. O senhor Darcy sentou-se à maior distância dela que a disposição à mesa poderia proporcionar. Ao lado de sua mãe. Sabia que aquela posição dificilmente seria agradável a ambos, e não permitiria que nenhum dos dois parecessem satisfeitos. Não estava perto o bastante para escutar nada do que diziam, mas podia ver que raramente se falavam e que se tratavam formal e friamente sempre que trocavam palavras. A deselegância da mãe tornava a ideia daquilo que deviam a ele ainda mais doloroso nos pensamentos de Elizabeth; e ela teria, eventualmente, dado qualquer coisa para ter o privilégio de dizer a

ele que sua generosidade não era ignorada ou desdenhada por todos da família.

Ela esperava que a noite propiciasse alguma oportunidade de aproximá-los; que a visita inteira não se passasse sem lhes permitir conversar um pouco mais do que a mera cerimônia da saudação na entrada. Aflito e inquietante, o período passado no salão antes que os cavalheiros entrassem foi tão extenuante e tedioso que ela quase cometeu uma indelicadeza. Ansiava pela entrada deles como se todas as suas possibilidades de prazer naquela noite dependessem disso.

“Se ele não vier até mim, então”, disse consigo, “desistirei dele para sempre.”

Entraram os cavalheiros; e ela achou que ele parecia prestes a corresponder às suas esperanças; porém, infelizmente, formou-se um grupo de mulheres ao redor da mesa onde a senhorita Bennet preparava o chá e Elizabeth servia o café em uma confederação tão cerrada que não havia sequer um lugar perto dela onde coubesse uma cadeira. E, quando os cavalheiros se aproximaram, uma das meninas achegou-se dela mais perto do que nunca, e disse, com um sussurro:

“Os homens não virão nos separar, já decidi. Não queremos nada deles, não é mesmo?”

Darcy dirigira-se a outro ponto do salão. Ela acompanhou-o com os olhos, sentiu inveja de todos com quem ele falou, mal teve paciência para ajudar com o café; e então sentiu raiva de si mesma por ter sido tão tola!

“Um homem que já foi rejeitado uma vez! Como pude ser tola a ponto de esperar que ele voltasse a declarar seu amor? Será que existe algum entre eles disposto a uma demonstração de fragilidade tão grande como fazer uma segunda proposta à mesma mulher? Nenhuma indignidade é tão odiosa ao sentimento deles!”

Sentiu-se um pouco reanimada, contudo, quando ele mesmo trouxe de volta sua xícara de café; e ela aproveitou o ensejo para dizer:

“Sua irmã ainda está em Pemberley?”

“Sim, ela deve ficar lá até o Natal.”

“Sozinha? Todos foram embora?”

“A senhora Annesley ficou com ela. Os demais ficarão em Scarborough¹ pelas próximas três semanas.”

Ela não conseguiu pensar em mais nada que dizer; mas, se ele quisesse conversar com ela, podia ter mais sucesso. O senhor Darcy ficou de pé ao lado dela, no entanto, por alguns minutos, em silêncio; e, por fim, quando a menina tornou a cochichar no ouvido de Elizabeth, ele foi embora.

Quando retiraram o serviço de chá e preparavam-se as mesas de jogo, todas as damas se levantaram, e Elizabeth estava esperando que ele em breve viesse se juntar a ela quando todas as suas perspectivas foram baldadas ao vê-lo cair nas garras da mãe, com seu faro para jogadores de uíste, e em poucos momentos ele já estava sentado com o resto do grupo à mesa. Ela então deu por perdida toda esperança de deleite. Estavam confinados pelo resto da noite em mesas diferentes, e ela não tinha mais com que contar, senão que os olhos dele frequentemente procurassem o lado dela do salão, de modo a torná-lo um jogador tão inepto quanto ela.

A senhora Bennet havia planejado ficar com os dois cavalheiros de Netherfield até a ceia; mas a carruagem deles havia, infelizmente, sido pedida antes que as demais, e ela não teve a oportunidade de detê-los.

“Bem, meninas”, ela disse, assim que ficaram sozinhas, “o que acharam de hoje? Eu achei que tudo transcorreu incrivelmente bem, é o que lhes digo. Uma refeição bem feita como eu nunca vi. O veado assado estava no ponto — e todos disseram que nunca viram quartos tão gordos. A sopa estava cinquenta vezes melhor do que a dos Lucas na semana passada; e até o senhor Darcy admitiu que as perdizes estavam notavelmente bem preparadas; e imagino que ele tenha dois ou três cozinheiros franceses no mínimo. E, minha querida Jane, nunca vi você tão bonita. A senhora Long também achou, pois eu perguntei se ela não achava. E o que pensa que ela disse depois? ‘Ah, senhora Bennet, finalmente a veremos em Netherfield.’ Ela disse isso mesmo. Acho que a senhora Long é uma das melhores criaturas que já existiram — e as sobrinhas são meninas muito bem-comportadas e nem um pouco bonitas: gosto imensamente delas.”

A senhora Bennet, em suma, estava de ótimo humor; vira o bastante da atitude de Bingley com Jane para se convencer de que ela finalmente o conquistara; e suas expectativas de vantagens para a família, naquele bom humor, iam tão além do razoável que ela ficou bastante frustrada quando, no dia seguinte, não o viu ali de novo para fazer o pedido de casamento.

“Foi um dia muito agradável”, disse a senhorita Bennet a Elizabeth. “O grupo me pareceu bastante seletivo, todos combinaram muito bem. Espero que nos encontremos mais vezes.”

Elizabeth sorriu.

“Lizzy, não faça mais isso. Você não pode duvidar de mim. Isso acaba comigo. Garanto que agora sei aproveitar a conversa agradável e sensível de um rapaz sem desejar nada além disso. Fiquei muito satisfeita com os modos dele agora, com o fato de que nunca teve nenhuma intenção de cativar minha afeição. Simplesmente foi abençoado com essa imensa doçura no trato e com um desejo de agradar a todos mais forte do que qualquer outro homem.”

“Você está sendo muito cruel”, disse a irmã. “Não me deixa sorrir, mas me provoca sorrisos o tempo todo.”

“Às vezes é tão difícil que acreditem em nós!”

“E às vezes é impossível!”

“Mas por que afinal você quer me convencer de que eu sinto algo diferente do que estou admitindo sentir?”

“Essa é uma pergunta que eu dificilmente saberia responder. Todo mundo adora ensinar, mas só se pode ensinar o que não vale a pena aprender. Perdoe-me; mas, se você insistir nessa indiferença, não venha me fazer sua confidente.”

Poucos dias depois, o senhor Bingley fez outra visita, e dessa vez sozinho. O amigo havia partido para Londres naquela manhã, mas deveria voltar dentro de dez dias. Ficou com elas mais de uma hora, aparentando notável bom humor. A senhora Bennet convidou-o para jantar; mas, com muitas expressões de pesar, ele confessou que já tinha compromisso.

“Da próxima vez”, disse ela, “espero que tenhamos mais sorte.”

Ele ficaria extremamente feliz em qualquer outra ocasião etc. etc.; e, se ela lhe desse licença, voltaria muito em breve para visitá-los.

“O senhor poderia vir amanhã?”

Sim, ele não tinha nada em mente para o dia seguinte; e o convite foi aceito de bom grado.

Ele veio, e chegou tão cedo que as moças ainda não haviam se aprontado. A senhora Bennet correu até o quarto da filha, de camisola e com metade do cabelo desarrumado, exclamando:

“Minha querida Jane, depressa, desça logo. Ele chegou — o senhor Bingley já chegou. — É ele mesmo. Depressa, depressa. Aqui, Sarah, venha ajudar a senhorita Bennet já, ajude-a com o vestido. O cabelo de Lizzy não tem importância.”

“Nós desceremos assim que possível”, disse Jane; “mas acho que Kitty será mais rápida que nós, pois já havia subido meia hora antes.”

“Oh! O que importa Kitty! O que ela tem a ver com isso? Ande logo com isso, depressa! Onde está a sua faixa, querida?”

Mas, quando a mãe saiu, Jane não se deixou convencer a descer sem uma das irmãs.

A mesma ansiedade para deixá-los a sós foi novamente visível naquela tarde. Após o chá, o senhor Bennet retirou-se em sua biblioteca, como tinha por hábito, e Mary subiu para seu instrumento.

Com dois dentre cinco obstáculos assim removidos, a senhora Bennet ficou olhando e piscando para Elizabeth e Catherine durante um bom tempo sem que elas sequer notassem. Elizabeth não olharia mesmo para ela; e, quando Kitty finalmente olhou, disse com a maior inocência: “O que foi, mamãe? Por que está piscando para mim? O que devo fazer?”.

“Nada, criança, nada. Não pisquei para você.” Ela então permaneceu mais cinco minutos ali sentada; porém, incapaz de desperdiçar ocasião tão preciosa, ergueu-se subitamente e disse a Kitty:

“Venha, meu amor, quero falar com você”, e retirou-a da sala. Jane instantaneamente olhou para Elizabeth, revelando seu incômodo com tamanha premeditação e suplicando-lhe que não cedesse às instâncias da mãe. Dentro de poucos minutos, a senhora Bennet entreabriu a porta e chamou:

“Lizzy, querida, quero falar com você agora.”

Elizabeth foi obrigada a ir.

“É melhor deixarmos os dois sozinhos, você me entende”; disse a mãe assim que ela chegou ao corredor. “Kitty e eu vamos subir e ficar no meu quarto.”

Elizabeth nem tentou argumentar com a mãe, mas permaneceu em silêncio no corredor até que ela e Kitty chegassem lá em cima, e então voltou para a sala de estar.

Os planos da senhora Bennet para aquele dia foram ineficazes. Bingley mostrou-se perfeitamente encantador, mas não o professado pretendente de sua filha. À vontade e bem-disposto, provou-se uma agradável companhia para passar a tarde; e suportou as impertinências descabidas da mãe, dando-lhe ouvidos em todos os seus comentários tolos com uma tolerância e um domínio das expressões particularmente gratificantes à filha.

Nem precisou de convite para jantar; e, antes de ir embora, firmou-se o compromisso, principalmente entre ele e a senhora Bennet, de que voltaria na manhã seguinte para caçar com o marido.

Depois desse dia, Jane não falou mais em indiferença. As irmãs não trocaram nenhuma palavra sobre Bingley; mas Elizabeth foi se deitar com a feliz convicção de que logo tudo estaria concluído, a

não ser que o senhor Darcy, conforme o combinado, voltasse a tempo. Mas na verdade ela estava quase convencida de que tudo aquilo vinha ocorrendo com o consentimento daquele cavalheiro.

Bingley foi fiel à palavra empenhada; ele e o senhor Bennet passaram juntos a manhã seguinte, mantendo o compromisso. Este último descobriu no outro uma companhia muito mais agradável do que esperava. Não havia nenhuma presunção ou veleidade em Bingley que pudessem torná-lo ridículo, ou que o fizessem calar-se contrariado; e mostrou-se mais comunicativo e menos excêntrico, como nunca o senhor Bennet vira antes. Bingley evidentemente voltou com ele para jantar; e durante a noite, mais uma vez, isolando-os de todos, a senhora Bennet pôs em funcionamento seu plano de deixá-lo a sós com a filha. Elizabeth, que precisava escrever uma carta, foi fazê-lo na mesa da copa logo após o chá; pois, como todo mundo iria jogar cartas, não haveriam de querer que ela ficasse para se contrapor aos planos da mãe.

Mas ao voltar para a sala, terminada a carta, ela viu, para sua infinita surpresa, que havia motivos para crer que a mãe tivesse sido bastante engenhosa. Ao abrir a porta, notou que a irmã e Bingley estavam juntos ao pé do fogo, como que envolvidos em uma conversa franca; e, como se isso ainda não levantasse suspeitas, seus rostos, que ambos viraram e rapidamente afastaram, tudo revelavam. A posição dos dois era bastante constrangedora; mas a de Elizabeth, pensou consigo, era ainda pior. Ninguém pronunciou uma sílaba sequer; e Elizabeth estava prestes a ir embora de novo quando Bingley, que assim como elas se havia sentado,¹ levantou-se de repente e, sussurrando algumas palavras à irmã, saiu às pressas da sala.

Jane não tinha segredos para Elizabeth, sempre que a confissão fosse aprazível; e, abraçando-a instantaneamente, admitiu, com a mais viva emoção, que era a criatura mais feliz do mundo.

“É muito!”, acrescentou. “Mais que muito. Eu não mereço. Oh! Quem dera todos fossem tão felizes quanto eu!”

Os parabéns de Elizabeth foram proferidos com tal sinceridade, tal entusiasmo, tamanho prazer, que as palavras não eram capazes de expressar tudo. Cada frase de bondade foi uma fonte de alívio para

a felicidade de Jane. Mas por ora ela não se permitiria ficar mais com a irmã, ou dizer metade do que ainda podia ser dito.

“Preciso ir agora mesmo contar para minha mãe”; ela exclamou. “De modo algum eu poderia ignorar sua solicitude afetuosa; ou deixar que ela fique sabendo por alguém além de mim. Ele já foi conversar com meu pai. Oh! Lizzy, e saber que o que eu tenho para contar a ela dará tanta alegria para toda a família! Como hei de suportar tanta felicidade?”

Ela então foi correndo ter com a mãe, que deliberadamente interrompera a partida e estava no andar de cima com Kitty.

Elizabeth, que havia ficado sozinha, sorriu diante da rapidez e da facilidade com que enfim fora acertado um assunto que lhes causara tantos meses de suspense e contrariedade.

“E assim”, pensou consigo mesma, “termina toda a circunspecção aflita dos conhecidos dele! Toda falsidade e todos os artifícios da irmã dele! Com o final mais feliz, mais prudente e mais razoável!”

Dentro de poucos minutos, Bingley juntou-se a ela, depois de encerrada a conversa com o pai, que fora breve e sem rodeios.

“Onde está sua irmã?”, disse ele afobado, ao abrir a porta.

“Lá em cima com minha mãe. Acredito que ela vá descer em breve.”

Ele então fechou a porta e, vindo até ela, pediu-lhe as bênçãos e o afeto de cunhada. Elizabeth sincera e ardentemente expressou sua alegria com a perspectiva da relação dos dois. Eles se apertaram as mãos com grande cordialidade; e então, até que a irmã descesse, ela teve de ouvir tudo o que ele tinha a dizer sobre a felicidade que sentia e sobre a perfeição de Jane; e, apesar de serem palavras de um apaixonado, Elizabeth realmente acreditou que todas as esperanças de felicidade dele eram racionalmente embasadas, pois tinham por fundamento a excelente compreensão, a mais do que excelente disposição de Jane e uma semelhança geral de sentimentos e gostos entre os dois.

Foi uma noite de alegria incomum para todos; a satisfação da senhorita Bennet conferiu um novo brilho de doce entusiasmo a seu rosto, tornando-a mais linda do que nunca. Kitty esboçava um sorriso e esperava que sua vez chegasse logo. A senhora Bennet não

conseguia encontrar termos para o seu consentimento, ou para exprimir sua aprovação, que fossem calorosos o bastante para dar conta do que sentia, embora não falasse com Bingley de outra coisa durante meia hora; e, quando o senhor Bennet se juntou ao grupo para o jantar, a voz e os modos dele demonstraram claramente como estava feliz.

Nenhuma palavra, no entanto, escapou de seus lábios em alusão a isso até que a visita fosse embora ao final da noite; mas, assim que Bingley saiu, ele se virou para a filha e disse:

“Jane, meus parabéns. Você há de ser uma mulher muito feliz.”

Jane foi correndo até ele, beijou-o, e agradeceu pela sua bondade.

“Você é uma boa menina”; respondeu ele, “e sinto uma grande satisfação em pensar que estará muito bem casada e feliz. Não tenho dúvidas de que vocês se darão muito bem juntos. Os gênios não diferem em nada. São ambos tão cordiais que nada jamais se resolverá intempestivamente; tão tranquilos que todos os criados haverão de enganá-los; e tão generosos que sempre gastarão mais do que podem.”

“Espero que não. A imprudência e a negligência em questões de dinheiro seriam imperdoáveis no meu caso.”

“Gastar mais do que podem! Meu caro senhor Bennet”, exclamou a esposa, “do que você está falando? Como, se ele tem uma renda de quatro ou cinco mil por ano, muito provavelmente ainda mais que isso?” Então, dirigindo-se à filha: “Oh! Minha querida, minha querida Jane, estou tão feliz! Tenho certeza de que não vou conseguir pregar os olhos hoje à noite. Eu sabia que seria assim. Sempre falei que isso um dia enfim aconteceria. Tinha certeza de que você não devia ser tão bonita à toa! Lembro que da primeira vez que o vi, quando ele veio pela primeira vez a Hertfordshire no ano passado, pensei que era muito provável que vocês fossem ficar juntos. Oh! Ele é o rapaz mais lindo que já vi na vida!”

Wickham e Lydia foram esquecidos. Jane era indiscutivelmente a filha favorita. Naquele momento, ela não se importava com nenhuma outra. As mais novas logo começaram a aproveitar para demonstrar interesse por objetos de desejo que no futuro a irmã poderia lhes franquear.

Mary pediu para ter acesso à biblioteca de Netherfield; e Kitty implorou incisivamente para que promovessem bailes por lá todo inverno.

Bingley, desde então, como era de esperar, passou a visitar Longbourn diariamente; chegando muitas vezes antes do desjejum e sempre ficando até depois do jantar; a não ser que algum vizinho cruel, detestado até não mais poder, tivesse feito um convite para jantar que ele se visse obrigado a aceitar.

Elizabeth tinha agora pouco tempo para conversar com a irmã; pois, enquanto ele estivesse presente, Jane não dividia atenções com mais ninguém; mas descobriu-se bastante útil para ambos naqueles momentos de separação que necessariamente às vezes aconteciam. Na ausência de Jane, ele sempre ficava com Elizabeth, pelo prazer de conversar com ela; e, quando Bingley ia embora, Jane procurava na irmã o mesmo alívio.

“Fiquei muito feliz”, disse ela, certa tarde, “porque ele me disse que ignorava completamente que eu estivesse na cidade na primavera passada! Eu não achava que isso fosse possível.”

“Foi o que suspeitei”, respondeu Elizabeth. “Mas qual foi a explicação que ele deu?”

“Deve ter sido obra das irmãs dele. Elas certamente não gostavam de sua relação comigo, o que eu não estranho, uma vez que ele podia ter escolhido um casamento muito mais vantajoso sob vários aspectos. Mas, quando elas virem, como eu confio que verão, que o irmão está feliz comigo, acabarão ficando contentes, e voltaremos a nos dar bem; embora jamais possamos ter o que um dia tivemos juntas.”

“Esse é o discurso mais impiedoso”, disse Elizabeth, “que eu já ouvi você fazer. Boa menina! Eu ficaria muito irritada, de fato, se visse você sendo enganada outra vez pela falsa amizade da senhorita Bingley.”

“Você acredita, Lizzy, que quando foi a Londres em novembro passado ele na verdade já me amava, mas, só porque estava convencido de que eu era indiferente, evitou voltar?”

“Ele deve ter se enganado, certamente; mas isso revela acima de tudo a modéstia dele.”

Isso naturalmente ensejou um panegírico dela sobre o retraimento dele, e o pouco valor que atribuía às próprias qualidades.

Elizabeth ficou contente ao descobrir que ele não revelara a interferência do amigo, pois, embora Jane tivesse o coração mais generoso e perdulário do mundo, ela sabia que era uma circunstância que haveria de prejudicá-lo aos olhos dela.

“Sou certamente a criatura mais afortunada que já existiu!”, exclamou Jane. “Oh! Lizzy, por que eu fui a escolhida da família e abençoada dessa forma acima de todas! Se ao menos pudesse ver você tão feliz como eu! Se existisse mais alguém assim para você!”

“Se me desse quarenta homens assim, eu jamais seria tão feliz quanto você. Sem a sua disposição, a sua bondade, eu jamais poderia ter a sua felicidade. Não, não, deixe-me andar sozinha; e, quem sabe, se eu tiver muita sorte, talvez encontre outro senhor Collins a tempo.”

O novo estado de coisas na família de Longbourn não podia permanecer em segredo por muito tempo. A senhora Bennet teve o privilégio de cochichar para a senhora Phillips, que por sua vez arriscou-se, sem pedir licença, a fazer o mesmo para todas as vizinhas em Meryton.

Os Bennet foram rapidamente declarados a família mais afortunada do mundo, embora poucas semanas antes, quando Lydia ainda era uma fugitiva, fossem considerados por todos comprovadamente fadados à desgraça.

Certa manhã, por volta de uma semana depois do noivado de Bingley com Jane, quando ele e as mulheres da família estavam todos sentados na sala de jantar, sua atenção foi subitamente atraída até a janela pelo som de uma carruagem; e todos viram uma caleche de duas parelhas adentrando a propriedade. Era cedo demais para visitas, e além do mais a equipagem não correspondia à de ninguém na vizinhança. Os cavalos eram postais;¹ e nem a carruagem nem a libré do criado que a precedia lhes era familiar. Como era inquestionável, contudo, que alguém vinha, Bingley rapidamente convenceu a senhorita Bennet a evitar o constrangimento de tal intrusão e ir caminhar com ele por entre os arbustos. Ambos saíram, e as conjecturas das três remanescentes continuaram, ainda que com pouca satisfação, até que a porta foi escancarada, e a visita entrou. Era lady Catherine de Bourgh.

Todas esperavam ser surpreendidas; mas o espanto foi além das expectativas; e, para a senhora Bennet e Kitty, embora ela lhes fosse totalmente desconhecida, o susto foi menor do que para Elizabeth.

Ela entrou na sala com um ar ainda mais antipático do que de costume, não respondeu à saudação de Elizabeth senão com uma ligeira inclinação da cabeça e sentou-se sem dizer palavra. Elizabeth havia mencionado seu nome para a mãe na entrada, ainda que nenhum pedido de apresentações tivesse sido feito.

A senhora Bennet, estupefata, ainda que lisonjeada pela convidada importante, recebeu-a com a maior cortesia. Depois de sentar-se por um momento em silêncio, ela disse muito rigidamente a Elizabeth:

“Espero que esteja bem, senhorita Bennet. Aquela senhora suponho que seja sua mãe.”

Elizabeth respondeu sucintamente que era.

“E aquela imagino que seja uma de suas irmãs.”

“Sim, madame”, disse a senhora Bennet, deliciada de poder falar com lady Catherine em pessoa. “Ela é minha segunda mais nova. A mais nova de todas acabou de se casar, e a mais velha deve estar em algum lugar da propriedade, caminhando com um rapaz que acredito que muito em breve também fará parte da família.”

“Sua propriedade é muito pequena”, devolveu lady Catherine após breve silêncio.

“Não é nada se comparada a Rosings, minha senhora, ousou dizer; mas garanto que é muito maior do que a de Sir William Lucas.”

“Esta sala deve ser bastante inconveniente nas noites de verão; as janelas dão todas para oeste.”

A senhora Bennet garantiu que nunca ficava ali depois de jantar; e então ela acrescentou:

“Se sua senhoria me permite, gostaria de saber se o senhor e a senhora Collins estavam bem quando os deixou.”

“Sim, muito bem. Estive com eles na noite de anteontem.”

Elizabeth então esperou que ela tirasse uma carta de Charlotte, uma vez que parecia ser o único motivo plausível da visita. Mas nenhuma carta apareceu, e ela se viu profundamente intrigada.

A senhora Bennet, com grande cortesia, perguntou à senhora se haveria algo que lhe pudesse servir; mas lady Catherine, resoluta e não muito educadamente, declinou aceitar qualquer coisa; e então se levantou e disse a Elizabeth:

“Senhorita Bennet, parece haver um pouco de natureza aprazível de um dos lados do gramado. Eu ficaria contente de passear por ali, se me fizer companhia.”

“Vá, minha querida”, exclamou a mãe, “e mostre à senhora as diferentes trilhas. Acho que ela vai gostar do eremitério.”²

Elizabeth obedeceu e, correndo até o próprio quarto para buscar a sombrinha, voltou à companhia da nobre visita no andar de baixo. Ao passarem pelo vestíbulo, Lady Catherine abriu as portas da sala de jantar e do salão e, declarando após brevíssima inspeção parecerem cômodos razoáveis, seguiu em frente.

A carruagem continuava diante da porta, e Elizabeth viu que a dama de companhia esperava lá dentro. Continuaram em silêncio pelo caminho de cascalho que levava ao arvoredor; Elizabeth estava resolvida a não fazer nenhum esforço para conversar com uma mulher que se mostrava ainda mais insolente e antipática do que de costume.

“Como pude achar que ela era como o sobrinho?”, pensou consigo ao olhar para o rosto dela.

Assim que ganharam o bosque, Lady Catherine começou do seguinte modo:

“Você não terá dificuldade, senhorita Bennet, para entender o motivo da minha viagem até aqui. O seu próprio coração, sua própria consciência, haverão de lhe dizer.”

Elizabeth a olhou com genuíno espanto.

“Na verdade, a senhora se engana, madame. Não consigo de forma alguma atinar com o motivo dessa honra de vê-la aqui.”

“Senhorita Bennet”, retrucou a senhora, em tom irritado, “há de saber que não se deve brincar comigo. Mas, ainda que prefira não ser sincera, logo verá que eu sou. Meu caráter sempre foi celebrado pela sinceridade e franqueza e, em uma questão tão momentosa como esta, certamente agora não será de outro modo. Uma notícia das mais preocupantes chegou até mim há dois dias. Disseram-me que não apenas sua irmã estava prestes a fazer um casamento deveras vantajoso, mas que você também, senhorita Elizabeth Bennet, muito provavelmente, logo em seguida se casaria com meu sobrinho, meu próprio sobrinho, o senhor Darcy. Embora eu tenha certeza de que isso não deve passar de uma escandalosa mentira; embora eu não queira ofendê-lo a ponto de supor que seja possível se tratar de uma verdade, resolvi viajar até aqui e revelar a você meus sentimentos.”

“Se a senhora acredita que é impossível que seja verdade”, disse Elizabeth, corando de espanto e desdém, “pergunto-me por que então se deu ao trabalho de vir de tão longe. O que a senhora poderia pretender com isso?”

“Insistir para que tal notícia seja desmentida publicamente.”

“A sua vinda a Longbourn para me ver e ver minha família”, disse Elizabeth, friamente, “seria antes uma confirmação dessa notícia; se é que, de fato, a notícia algum dia existiu.”

“Se? Então finge ignorar? Não foi algo industriosamente posto em circulação por vocês mesmas? Não sabia que essa notícia se espalhou?”

“Nunca ouvi dizer que tivesse se espalhado.”

“E você é capaz de igualmente declarar que não tem fundamento?”

“Não posso fingir ter a mesma franqueza da senhora. A senhora pode vir a perguntar coisas que posso preferir não responder.”

“Isso é intolerável. Senhorita Bennet, insisto em uma resposta. Ele, o meu sobrinho, pediu afinal sua mão em casamento?”

“A senhora já disse que isso seria impossível.”

“Deveria ser; há de ser, enquanto ele ainda estiver de posse de suas faculdades. Mas os seus artifícios e as suas artimanhas, em um momento de paixão, podem tê-lo feito esquecer tudo o que ele deve a si mesmo e a toda a família. Você pode tê-lo seduzido a tanto.”

“Se o fiz, seria a última a confessá-lo.”

“Senhorita Bennet, você sabe quem eu sou? Não estou acostumada a esse tom de voz. Sou praticamente a parente mais próxima que ele tem no mundo, e tenho direito de saber quais são as mais íntimas intenções dele.”

“Mas a senhora não tem o direito de saber das minhas, tampouco essa atitude jamais me levaria a ser mais explícita.”

“Vejamos se agora serei compreendida corretamente. Esse casamento, a que você tem a presunção de aspirar, jamais poderá ocorrer. Nunca. O senhor Darcy está comprometido com minha filha. E então, o que tem a dizer?”

“Apenas o seguinte: se ele está de fato comprometido, a senhora não tem nenhum motivo para supor que me pediria em casamento.”

Lady Catherine hesitou por um momento, e então respondeu:

“O compromisso entre eles é peculiar. Desde a infância, foram destinados um ao outro. Era o grande desejo da mãe dele, assim como é o da mãe dela. Quando ainda estavam no berço, planejamos a união: e agora, no momento em que o desejo de duas irmãs se

realizaria com o casamento deles, não há de ser impedido por uma moça de origem inferior, sem importância no mundo e sem nenhuma relação com a nossa família! Você não tem consideração pelo desejo da família dele? Pelo compromisso tácito com a senhorita De Bourgh? Despreza toda noção de propriedade ou consideração? Não me ouviu dizer que desde a mais terna infância ele foi destinado à prima?”

“Ouvi, e já tinha ouvido antes. Mas o que isso tem a ver comigo? Se não existe outra objeção ao meu casamento com seu sobrinho, certamente eu não mudaria de ideia só por saber que a mãe e a tia queriam que ele se casasse com a senhorita De Bourgh. Vocês duas fizeram o que podiam para planejar o casamento. O resto dependerá de terceiros. Se o senhor Darcy não está ligado à prima por honra ou inclinação, por que não haveria de poder fazer outra escolha? E, se eu for a escolhida, por que não haveria de poder aceitá-lo?”

“Pois a honra, o decoro, a prudência, não, o interesse a proíbe. Sim, senhorita Bennet, o interesse; pois não espere ser aceita pela família ou pelos amigos dele se deliberadamente agir de forma contrária ao desejo de todos nós. Será censurada, desdenhada e desprezada por todas as pessoas relacionadas a ele. Sua aliança será uma desgraça; seu nome jamais será sequer mencionado por qualquer um de nós.”

“Esses são pesados infortúnios”, respondeu Elizabeth. “Mas a esposa do senhor Darcy há de ter fontes extraordinárias de felicidade necessariamente associadas à posição, de modo que poderia, pondo tudo na balança, não ter motivos para se arrepender.”

“Mas que menina obstinada, teimosa! Você me dá vergonha! Essa é a gratidão que demonstra pela atenção que lhe dediquei na primavera passada? Não mereço nada por isso?”

“Vamos sentar. Você há de entender, senhorita Bennet, que vim aqui resolvida a levar a cabo meu propósito; e dele não serei dissuadida. Não estou acostumada a me submeter aos caprichos de ninguém. Não é meu hábito carregar frustrações.”

“Isso só torna a posição da senhora no momento ainda mais lamentável; mas não terá qualquer efeito sobre mim.”

“Não me interrompa. Escute calada. Minha filha e meu sobrinho foram feitos um para o outro. Descendem pelo lado materno da mesma linhagem nobre; e, do lado do pai, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, ainda que sem título. As fortunas de ambos os lados são esplêndidas. Eles são destinados um para o outro segundo o desejo manifesto de cada membro das duas casas; e quem pretende separá-los? As pretensões arrivistas de uma moça sem berço, relações ou fortuna. E isso vai continuar assim? Não, não vai. Se você pensasse no seu próprio bem, não iria querer sair da esfera onde foi criada.”

“Casando com seu sobrinho, eu não sairia dessa esfera. Ele é um cavalheiro; eu sou filha de um cavalheiro; até aí somos iguais.”

“Verdade. Você é filha de um cavalheiro. Mas quem é sua mãe? Quem são seus tios e tias? Não pense que ignoro a posição deles.”

“Qualquer que seja a posição dos meus parentes”, disse Elizabeth, “se o seu sobrinho não fizer objeção, pouco importa quem eles sejam para a senhora.”

“Diga-me de uma vez por todas: você está noiva dele?”

Embora Elizabeth, meramente para não acatar uma ordem de Lady Catherine, não tivesse intenção de responder a essa pergunta, não pôde deixar de dizer, após refletir por um momento:

“Não estou.”

Lady Catherine pareceu satisfeita.

“E promete que nunca aceitará tal compromisso?”

“Não farei nenhuma promessa desse tipo.”

“Senhorita Bennet, estou chocada e perplexa. Esperava encontrar uma moça mais razoável. Mas não se engane de achar que eu voltarei atrás. Não irei embora até que você me dê a garantia que estou pedindo.”

“E eu certamente não lhe darei nunca. Não serei intimidada a fazer nada tão absolutamente descabido. A senhora quer que o senhor Darcy se case com sua filha; mas, se eu lhe promettesse o que a senhora quer, isso tornaria o casamento deles mais provável? Supondo que ele goste de mim, minha recusa ao pedido faria com que quisesse transferir a afeição para a prima? Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos com que a senhora fundamenta

esse pedido extraordinário são tão frívolos quanto o pedido em si é imprudente. A senhora está profundamente enganada quanto ao meu caráter se pensa que posso ser manobrada por esse tipo de persuasão. O quanto o seu sobrinho aprova a sua interferência nos assuntos dele, não sei dizer; mas certamente a senhora não tem nenhum direito de se intrometer nos meus. Devo pedir-lhe, portanto, para não ser mais importunada sobre esse assunto.”

“Espere um pouco, por favor. Ainda não terminei. A todas as objeções que já avengei, tenho ainda outra a acrescentar. Não desconheço os detalhes da fuga infame de sua irmã caçula. Sei de tudo; que o casamento do rapaz com ela foi um negócio arranjado às custas do seu pai e dos seus tios. E uma moça dessas será aparentada com meu sobrinho? E o marido dela, o filho do empregado de seu falecido pai, também será seu parente? Por tudo o que é mais sagrado! — o que você tem na cabeça? As sombras de Pemberley serão assim maculadas?”

“Agora a senhora não tem mais nada a dizer”, ela respondeu, ressentida. “A senhora me insultou de todos os modos possíveis. Suplico-lhe que voltemos para casa.”

E ela se levantou enquanto assim dizia. Lady Catherine também se levantou, e elas voltaram. A senhora estava imensamente furiosa.

“Você não tem o menor respeito, portanto, pela honra e pelo nome do meu sobrinho! Menina insensível, egoísta! Não vê que uma relação com você haveria de desonrá-lo aos olhos de todos?”

“Lady Catherine, eu não tenho mais nada a lhe dizer. A senhora sabe o que eu sinto.”

“Está então resolvida a tomá-lo para si?”

“Eu não diria uma coisa dessas. Só estou resolvida a agir do modo pelo qual, na minha opinião, possa constituir minha felicidade, sem relação com a senhora ou qualquer outra pessoa inteiramente estranha a mim.”

“Muito bem. Você se recusa, então, a me obedecer. Recusa-se a obedecer aos ditames do dever, da honra e da gratidão. Está decidida a arruiná-lo perante a opinião de todos os amigos, e expô-lo ao desprezo do mundo.”

“Nem dever, nem honra, nem gratidão”, respondeu Elizabeth, “nada disso tem qualquer poder sobre mim no momento. Nenhum desses princípios seriam violados se eu me casasse com o senhor Darcy. E, quanto ao ressentimento da família dele, ou quanto à indignação do mundo, se o primeiro fosse despertado pelo casamento dele comigo, isso não me preocuparia minimamente — e o mundo em geral costuma ter o bom senso de não desprezar por tão pouco.”

“Eis sua verdadeira opinião! Essa é a sua decisão final! Muito bem. Saberei como agir daqui em diante. Não pense, senhorita Bennet, que sua ambição será algum dia satisfeita. Eu vim lhe fazer um teste. Esperava que você fosse razoável; mas pode contar que farei valer meu ponto de vista.”

Dessa forma Lady Catherine falou até que chegassem à porta da carruagem, quando, virando-se abruptamente, acrescentou:

“Não me despedirei de você, senhorita Bennet. Nem cumprimentarei sua mãe. Vocês não merecem tanta atenção. Fui profundamente contrariada.”

Elizabeth não respondeu; e, sem tentar convencer a senhora a voltar para a casa, entrou calmamente sozinha. Ouviu a carruagem se afastar enquanto subia a escada. A mãe veio impaciente a seu encontro na porta da sala, perguntar por que Lady Catherine não voltou a entrar para descansar um pouco.

“Ela achou melhor não entrar”, disse a filha. “Precisava ir.”

“Que mulher bonita! E essa visita, que prodigiosa cortesia! Pois ela só veio, imagino, para nos contar que os Collins estão bem. Acho que devia ser o caminho dela para algum outro lugar, e assim, de passagem por Meryton, deve ter pensado em visitá-la. Imagino que ela não tinha nada em especial para lhe dizer, não é, Lizzy?”

Elizabeth foi obrigada a forjar uma pequena mentira; pois a confissão do conteúdo da conversa teria sido impossível.

A inquietação de espírito em que essa visita extraordinária lançou Elizabeth não seria facilmente superada; nem ela seria capaz de, por muitas horas, fazer outra coisa senão pensar no fato incessantemente. Lady Catherine, ao que parecia, dera-se ao trabalho de vir de Rosings com o exclusivo propósito de romper o suposto compromisso com o senhor Darcy. Era sem dúvida um plano bem engenhoso! Mas de onde se originara a notícia sobre eles, Elizabeth mal podia imaginar; até que se lembrou de que ele era amigo íntimo de Bingley e, sendo ela irmã de Jane, talvez fosse o bastante, em uma época em que a expectativa de um casamento tornava todas as pessoas ávidas por outro, para passar a ideia adiante. Elizabeth não se havia esquecido de que o casamento da irmã faria com que ficassem juntos mais amiúde. E os vizinhos da casa dos Lucas, portanto (pois, pela comunicação deles com os Collins, a notícia, ela concluía, havia chegado a lady Catherine), haviam simplesmente confirmado, como coisa quase certa e imediata, o que ela mesma desejava como algo possível em algum momento do futuro.

Relembrando as expressões de lady Catherine, contudo, ela não podia deixar de sentir alguma inquietação quanto aos possíveis efeitos da persistência daquela intervenção. Pelo que dissera sobre a decisão de evitar o casamento, ocorreu a Elizabeth que ela devia ter em mente falar com o sobrinho a respeito; e como ele reagiria a tal representação dos perigos associados a uma relação com ela, isso não ousava prever. Não conhecia o grau exato de afeição dele pela tia, ou sua confiança em seu juízo, mas era natural supor que tivesse a senhora em muito mais alta conta do que ela mesma era capaz de ter; e era certo que, enumerando as desgraças

decorrentes de um casamento com alguém cujas relações imediatas eram tão diferentes das dele, a tia acabaria atingindo o sobrinho em seu ponto mais fraco. Com os padrões que ele tinha de dignidade, provavelmente acharia que os argumentos, segundo os quais Elizabeth apareceria como fraca e ridícula, continham bastante bom senso e razões consistentes.

Se ele já estivesse hesitante quanto ao que devia fazer, o que muitas vezes parecera provável, o conselho e as instâncias de uma parente tão próxima podiam muito bem decidir tudo e fazer com que ele fosse feliz de uma vez, como só a dignidade imaculada poderia torná-lo. Nesse caso ele não voltaria nunca mais. Lady Catherine poderia vê-lo ao passar por Londres; e ele abriria mão do compromisso assumido com Bingley de voltar a Netherfield.

“Se, portanto, uma desculpa por não manter a promessa chegasse ao amigo dentro de poucos dias”, ela seguiu pensando, “saberei como entendê-la. Abrirei mão de toda expectativa, de toda esperança quanto à fidelidade dele. Se ele se satisfizer apenas lamentando me perder quando poderia obter meu afeto e minha mão, logo deixarei de lamentar havê-lo perdido sem remorso algum.”

A surpresa do resto da família, ao ficar sabendo quem havia feito uma visita, foi muito grande; mas todos resignadamente se contentaram com o mesmo tipo de suposição que aplacara a curiosidade da senhora Bennet; e Elizabeth foi assim poupada de muita inconveniência por esse assunto.

Na manhã seguinte, quando ela descia a escada, o pai veio a seu encontro, saindo da biblioteca com uma carta na mão.

“Lizzy”, disse ele, “eu ia mesmo procurá-la; venha até o meu escritório.”

Ela foi atrás dele; e sua curiosidade de saber o que ele tinha para lhe dizer foi acentuada pela suposição de que tinha algo a ver com a carta que trazia. Subitamente ocorreu-lhe que podia ser de lady Catherine; e previu com desgosto todas as explicações decorrentes.

Ela foi atrás do pai até a lareira, e ambos sentaram. Ele então disse:

“Recebi hoje de manhã uma carta que me deixou absolutamente pasmado. Como em sua maior parte ela lhe diz respeito, você deve ficar sabendo do conteúdo. Não sabia que tinha duas filhas prestes a se casar. Deixe-me parabenizá-la por essa importante conquista.”

As faces de Elizabeth subitamente coraram diante da convicção de se tratar de uma carta do sobrinho, em vez de uma da tia; e ela ficou indecisa entre sentir-se satisfeita por ele enfim se retratar ou ofendida porque a carta não viera endereçada a ela mesma; foi quando o pai continuou:

“Você parece ciente. As moças costumam demonstrar grande argúcia nessas questões; mas creio poder desafiar até mesmo a sua sagacidade a tentar descobrir o nome de seu admirador. A carta é do senhor Collins.”

“Do senhor Collins?! E o que ele pode ter a dizer?”

“Algo muito a propósito, é claro. Começa parabenizando pela aproximação das núpcias da minha filha mais velha, do que parece haver tomado conhecimento por alguma das bem-intencionadas e fofoqueiras moças da família Lucas. Não vou abusar da sua paciência lendo o que ele diz desse assunto. O que está relacionado a você é o seguinte: ‘Uma vez oferecidos nossos sinceros parabéns, da senhora Collins e meus, por este feliz acontecimento, permita-me agora acrescentar uma breve sugestão sobre outro assunto, do qual tomamos conhecimento pela mesma fonte. Sua filha Elizabeth, acredita-se, não portará por muito tempo o sobrenome Bennet depois que a irmã mais velha fizer o mesmo, e o parceiro que escolheu para a vida inteira é alguém que pode ser plausivelmente considerado um dos personagens mais ilustres desta terra’.

“Você pode imaginar, Lizzy, a quem ele pode estar se referindo? ‘Esse jovem cavalheiro é abençoado de modo peculiar com tudo o que um coração mortal pode mais desejar — esplêndidas propriedades, parentesco nobre e extenso apadrinhamento. E, apesar de todas essas tentações, permita-me avisar minha prima Elizabeth e o senhor, dos males que podem advir de uma aceitação precipitada da proposta do cavalheiro em questão, da qual, evidentemente, vocês estariam inclinados a tirar imediata vantagem.’

“Você faz ideia, Lizzy, de quem seria esse cavalheiro? Mas agora vem.

“Meu motivo para alertá-lo é o seguinte. Temos razões para imaginar que a tia dele, lady Catherine de Bourgh não vê esse casamento com bons olhos.’

“Eis que o cavalheiro é o senhor Darcy! Pois bem, Lizzy, acho que lhe causei uma surpresa. Collins, ou as Lucas, poderiam ter lançado mão de qualquer outro dentro do nosso círculo de amizades cujo nome não seria tão evidentemente falso, segundo o que elas contaram. O senhor Darcy, que não olha para nenhuma mulher senão para reparar em uma mancha, e que provavelmente nunca olhou para você na vida! Não é admirável?”

Elizabeth tentou entrar na brincadeira do pai, mas só foi capaz de forçar o sorriso mais relutante. Nunca o humor dele fora utilizado de modo tão desagradável para ela.

“Você não está achando divertido?”

“Oh, sim! Continue, por favor.”

“Após mencionar a probabilidade desse casamento ontem à noite com a senhora, ela imediatamente, com sua condescendência habitual, expressou o que pensava na mesma ocasião; quando se tornou aparente que, em virtude de alguma objeção familiar contra minha prima, ela jamais daria seu consentimento ao que definiu como uma desgraça. Considerei meu dever prontamente divulgar essa informação a minha prima, para que ela e seu nobre pretendente estejam cientes do que pode lhes esperar e não se precipitem em um casamento que não foi propriamente sancionado.’ O senhor Collins ainda acrescenta: ‘Estou verdadeiramente exultante pelo caso infeliz de minha prima Lydia haver sido abafado tão depressa, e só lamento que o fato de haverem vivido juntos antes do casamento tenha se tornado de conhecimento geral. Não devo, contudo, negligenciar os deveres da minha posição, ou refrear-me ao declarar meu espanto, ao saber que vocês receberam o jovem casal em sua casa assim que se casaram. Isso foi apologia do vício; e, se eu fosse o reitor de Longbourn, teria sido incansável opositor de tal atitude. O senhor certamente deveria perdoá-los como cristão, mas jamais recebê-los, ou permitir que seus nomes fossem mencionados

na sua frente'. Isso é o que ele chama de perdoar como cristão! O resto da carta é só sobre a situação de sua querida Charlotte, e a expectativa dele de um novo ramo de oliveira. Mas, Lizzy, parece que você não gostou. Espero que não se melindre e finja estar ofendida com uma conversa à toa dessas. Pois, afinal, para que viver senão para fazer rir nossos vizinhos e dar risada deles quando chega a nossa vez?"

"Oh!", exclamou Elizabeth. "Eu me diverti muito. Mas isso tudo é tão estranho!"

"Sim — é o que torna tudo divertido. Se elas tivessem mencionado qualquer outro homem, não teria sido tanto; mas, com a indiferença dele e a sua antipatia, o caso ficou deliciosamente absurdo! Mesmo abominando escrever, não deixarei de responder ao senhor Collins por nada. Não, quando eu leio uma carta assim, não consigo deixar de preferir Collins a Wickham, por mais que valorize o despudor e a hipocrisia do meu genro. Por favor, Lizzy, o que lady Catherine disse sobre isso tudo? Ela veio mesmo recusar o consentimento?"

A essa pergunta, a filha respondeu meramente com uma risada; e, como fora feita sem qualquer desconfiança, ela nem se incomodou quando ele a repetiu. Elizabeth nunca tivera tanta dificuldade para fazer seus sentimentos parecerem o que não eram. Foi preciso rir quando ela teria preferido chorar. O pai mortificava-a da forma mais cruel com o que dissera sobre a indiferença do senhor Darcy, e ela nada podia fazer senão assombrar-se diante de tamanha falta de argúcia, ou temer que talvez não fosse o pai que enxergava de menos, mas que ela tivesse imaginado demais.

Em vez de receber alguma carta de desculpas do amigo, como Elizabeth esperava que ocorresse com o senhor Bingley, ele conseguiu trazer Darcy consigo a Longbourn poucos dias depois da visita de Lady Catherine. Os cavalheiros chegaram cedo; e, antes que a senhora Bennet tivesse tempo de dizer que elas estiveram com a tia dele, o que fez Elizabeth ceder a um pavor momentâneo, Bingley, que queria ficar a sós com Jane, propôs que fossem todos caminhar. Elas concordaram. A senhora Bennet não tinha o hábito de caminhar, e Mary nunca tinha tempo para isso, mas as outras cinco pessoas saíram juntas. Bingley e Jane, no entanto, logo deixaram os outros abrir distância. Ficaram para trás, enquanto Elizabeth, Kitty e Darcy tiveram de se entreter sozinhos. Muito pouco se falou entre os três; Kitty tinha medo demais dele para falar; Elizabeth secretamente formulava uma resolução desesperada; e talvez ele também estivesse fazendo o mesmo.

Caminharam em direção aos Lucas, pois Kitty queria visitar Maria; e, como Elizabeth não achou ser de interesse de todos, quando Kitty os deixou, ela seguiu corajosamente sozinha com ele. Agora era o momento de executar sua decisão e, aproveitando que sua coragem estava em alta, ela disse sem pensar duas vezes:

“Senhor Darcy, sou uma criatura muito egoísta; e, no intuito de aliviar meus próprios sentimentos, não leve a mal o quanto eu possa estar ferindo os seus. Não posso mais deixar de agradecer pela sua prova incomparável de bondade com minha pobre irmã. Desde que fiquei sabendo, sinto-me extremamente ansiosa para lhe confessar toda a minha gratidão. Se o resto da família também soubesse, garanto que não seria apenas a minha gratidão que o senhor ouviria expressa.”

“Eu sinto muito, lamento profundamente”, respondeu Darcy, em tom de surpresa e emoção, “que você tenha sido informada de algo que, sob luz equivocada, pode vir a lhe deixar contrariada. Não pensei que pudesse confiar tão pouco na senhora Gardiner.”

“Você não deve culpar minha tia. A insensatez de Lydia acabou me revelando antes que você estivera envolvido no caso; e, é claro, eu não pude me conter até ficar sabendo dos detalhes. Deixe-me agradecer-lhe mais e mais, em nome de toda a minha família, pela generosa compaixão que o induziu a se dar a tanto trabalho, e suportar tantos desgostos para que ninguém descobrisse.”

“Se você quer me agradecer”, respondeu ele, “que seja apenas por si mesma. Que o desejo de fazê-la feliz pode ter sido um estímulo que me levou a agir, não haverei de negar. Mas sua família não me deve nada. Por mais que os respeite, creio, pensei apenas em você.”

Elizabeth estava envergonhada demais para dizer palavra. Após uma breve pausa, seu companheiro acrescentou: “Você é generosa demais para brincar comigo. Se os seus sentimentos ainda são como eram em abril, diga-me de uma vez. Minha afeição e meu desejo permanecem inalterados, mas diga uma palavra e me calarei para sempre sobre esse assunto.”

Elizabeth, sentindo toda a compreensível estranheza e a aflição da posição dele, então forçou-se a falar; e imediata ainda que não tão fluentemente fez com que entendesse que os sentimentos dela haviam passado por uma transformação essencial desde o período a que ele aludira, de modo a receber com gratidão e prazer a presente confirmação. A felicidade que essa resposta lhe causou foi imensa, como ele provavelmente jamais sentira antes; e ele se expressou na ocasião da forma sensível e calorosa que só um homem violentamente apaixonado é capaz de fazer. Se Elizabeth tivesse conseguido olhá-lo de frente, poderia ter reparado como ele ficou bem com a expressão de prazer deliciado que se espalhara por seu rosto; porém, embora não conseguisse olhar, ela ouviu tudo, e ele confessou sentimentos que, ao provar quão importante ela era para ele, tornaram a ideia de sua afeição mais agradável a cada momento.

Caminharam sem saber em que direção. Havia coisas demais para pensar, e sentir, e dizer, para dar atenção a qualquer outro objeto. Ela logo ficaria sabendo que deviam aquele bom entendimento aos esforços da tia dele, que o visitara de fato ao passar por Londres, e lá lhe contara da viagem feita a Longbourn, do propósito e do conteúdo da conversa com Elizabeth; detendo-se enfaticamente nas expressões desta última, que, segundo apurou a senhora, denotavam peculiar perversidade e segurança, acreditando que isso a ajudaria em sua tentativa de obter do sobrinho uma promessa que ela se recusara a fazer. Mas, para a infelicidade daquela senhora, o efeito disso fora exatamente o contrário.

“Isso me fez sentir esperança”, disse ele, “como eu nunca me permitira sentir antes. Conhecia o seu temperamento bem o bastante para ter certeza de que, se estivesse absoluta e irrevogavelmente decidida contra mim, você o teria admitido a Lady Catherine, franca e abertamente.”

Elizabeth corou e riu ao responder: “Sim, você conhece o bastante da minha franqueza para achar que eu seria capaz disso. Depois de ofendê-lo abominavelmente na sua frente, eu não haveria de ter escrúpulos de ofendê-lo diante de seus parentes.”

“O que você disse a meu respeito que não fosse merecido? Pois, embora as suas acusações fossem infundadas, formadas sobre premissas equivocadas, a minha atitude com você na época fez por merecer as mais severas censuras. Foi imperdoável. Não consigo pensar nisso sem repulsa.”

“Não brigemos para saber quem tem a maior culpa por aquela noite”, disse Elizabeth. “A conduta de nenhum de nós dois, estritamente examinada, será irrepreensível; mas desde então, espero, ambos melhoramos em termos de cortesia.”

“Não posso reconciliar-me comigo mesmo assim tão facilmente. A lembrança do que eu disse então, da minha conduta, dos meus modos, das minhas expressões durante toda a noite, agora, e já faz vários meses, é algo indizivelmente doloroso para mim. A sua censura, tão bem aplicada, eu jamais esquecerei: ‘Se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco’. Essas foram suas palavras. Você não sabe, não é capaz de conceber, como elas

me torturaram; — embora tenha levado algum tempo, confesso, até que eu admitisse em sã consciência que eram palavras justas.”

“Eu certamente estava muito longe de imaginar que fossem causar uma impressão tão forte. Não fazia a mínima ideia de que seriam sentidas dessa maneira.”

“Posso facilmente acreditar. Você me achava então desprovido de qualquer sentimento apropriado, tenho certeza de que achava. Jamais esquecerei a sua mudança de expressão quando disse que, mesmo que eu fizesse o meu pedido de qualquer outra maneira, não se sentiria tentada a aceitá-lo.”

“Oh! Não repita o que eu disse. Essas lembranças não servirão para nada. Eu garanto que há algum tempo elas me envergonham profundamente.”

Darcy mencionou a carta. “Quando leu”, disse ele, “logo melhorou sua opinião sobre mim? Enquanto lia, acreditou no conteúdo?”

Elizabeth explicou quais haviam sido os efeitos da carta, e como aos poucos todos os preconceitos foram sendo superados.

“Eu sabia”, disse ele, “que o que escrevi lhe causaria dor, mas era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Havia uma parte em especial, a abertura, que eu lamentaria que você viesse a reler. Lembro-me de algumas expressões capazes de fazê-la me odiar com razão.”

“A carta certamente será queimada, se acha essencial para a preservação do meu afeto; mas, embora ambos tenhamos motivos para pensar que minhas opiniões não sejam completamente inabaláveis, elas não são tampouco, assim espero, tão volúveis quanto se pode supor.”

“Quando escrevi essa carta”, respondeu Darcy, “eu me considerava perfeitamente calmo e sereno, mas desde então estou convencido de que foi escrita em pavorosa amargura.”

“A carta talvez comece amarga, mas não termina assim. A despedida é pura caridade. Mas não pense mais nela. Os sentimentos da pessoa que a escreveu, e da pessoa que a recebeu, são agora tão diferentes do que eram então que toda circunstância desagradável associada a ela deve ser esquecida. Devia aprender

um pouco da minha filosofia. Pensar no passado apenas na medida em que a lembrança der prazer.”

“Não poderei lhe dar crédito por essa filosofia. Suas recordações devem ser tão totalmente desprovidas de censura que o contentamento delas decorrente não é filosófico, mas algo muito melhor: ignorante.¹ Mas no meu caso isso não é possível. Recordações dolorosas haverão de se impor, as quais não podem e não devem ser repelidas. Fui a vida inteira um egoísta na prática, ainda que não em princípio. Quando criança, ensinaram-me o que era certo, mas não fui ensinado a corrigir meu temperamento. Deram-me bons princípios, mas me deixaram segui-los com orgulho e arrogância. Infelizmente, primogênito (e por muitos anos filho único), fui mimado por meus pais, que embora fossem bons (especialmente meu pai, pura benevolência e afabilidade) permitiram, encorajaram e praticamente me ensinaram a ser egoísta e autoritário, a não me importar com qualquer pessoa fora do meu próprio círculo familiar, a pensar mal de todo o resto do mundo, a desejar pelo menos pensar mal da razão e do valor dos demais se comparados aos meus. Fui assim dos oito aos vinte e oito; e poderia ter continuado a ser assim se não fosse por você, minha querida e adorável Elizabeth! O que eu não lhe devo por isso! Você me ensinou uma lição, dura de fato a princípio, mas das mais proveitosas. Por você, fui merecidamente humilhado. Abordei-a sem nenhuma dúvida da sua resposta. Você me mostrou como eram insuficientes todas as minhas pretensões de agradar a uma mulher digna de ser agradada.”

“Você estava convencido de que eu deveria aceitá-lo?”

“De fato estava. O que não irá pensar da minha vaidade? Imaginei ser o que você queria, que você esperava a minha abordagem.”

“Meus modos devem ter sido censuráveis, mas minha intenção não foi, eu lhe garanto. Nunca pretendi enganá-lo, mas muitas vezes meu estado de espírito me induz ao erro. Como você deve ter me odiado depois daquela noite!”

“Odiá-la?! Talvez eu tenha ficado irritado a princípio, mas minha irritação logo se dirigiu a quem merecia.”

“Quase receio perguntar o que pensou de mim; quando nos encontramos em Pemberley. Você me culpou por ir até lá?”

“De modo algum; fiquei apenas surpreso.”

“Sua surpresa não pode ter sido maior que a minha, por você ainda se interessar por mim. Minha consciência me dizia que eu não merecia tão extraordinária cortesia, e confesso que não esperava receber mais do que me cabia.”

“Minha intenção naquele momento”, respondeu Darcy, “era lhe mostrar, por toda cortesia em meu poder, que eu não era tão ruim a ponto de me ressentir do passado; e esperava obter o seu perdão, atenuar sua má impressão de mim, fazendo você ver que suas censuras haviam sido atendidas. Quando outros desejos se apresentaram, não sei dizer, mas creio que meia hora depois de vê-la ali.”

Ele então lhe contou do prazer de Georgiana ao conhecê-la, e da decepção que sentiu com a súbita interrupção da amizade; o que naturalmente o levou a expor à irmã a causa de tal interrupção, e Elizabeth assim ficou sabendo que a decisão dele de sair de Derbyshire em busca de Lydia havia sido tomada ainda antes que ele deixasse a hospedaria, e que a gravidade e a consideração então demonstradas por ele se originaram do próprio conflito implicado pela empreitada.

Ela tornou a expressar sua gratidão, mas era um assunto doloroso demais para levar adiante.

Depois de andar por várias milhas a esmo, absortos demais para se darem conta do caminho, notaram por fim, ao olhar para o relógio, que era hora de voltar para casa.

“O que deve ter acontecido com o senhor Bingley e Jane?!”, foi a pergunta que desviou a discussão para os outros. Darcy estava contente com o noivado dos dois; fora o primeiro a saber pelo amigo.

“Devo perguntar se isso o pegou de surpresa?”, disse Elizabeth.

“De forma alguma. Quando fui embora, achei que fosse logo acontecer.”

“Isso quer dizer que deu sua permissão. Imagino que sim.” E, embora ele reagisse ao termo, ela achou que havia sido justamente o caso.

“Na noite anterior à minha viagem para Londres”, ele disse, “confessei a ele o que acreditava que devia ter feito havia muito

tempo. Conte-lhe tudo o que me levava a interferir, de modo absurdo e impertinente, nesse caso. Ele ficou muito surpreso. Nunca desconfiara minimamente de nada. Disse-lhe ainda que achava que havia me enganado ao supor, como fizera, que a sua irmã era indiferente a ele; e, quando facilmente percebi que o interesse dele não se havia abalado, não tive dúvidas sobre a felicidade dos dois.”

Elizabeth não conseguiu segurar o riso diante da facilidade com que ele direcionava seu amigo.

“Você disse isso a partir de sua própria observação”, disse ela, “quando contou a ele que minha irmã o amava, ou meramente a partir do que eu disse na primavera passada?”

“Da minha própria observação. Observei-a de perto durante as duas últimas vezes em que vim aqui; e fiquei convencido da sua afeição.”

“E imagino que sua garantia tenha dado a ele imediata convicção.”

“De fato. Bingley é de uma modéstia sem qualquer afetação. Sua humildade o impedira de confiar no próprio julgamento em matéria tão aflitiva para ele, mas sua confiança no meu tornou tudo mais fácil. Fui obrigado a confessar uma coisa, que por algum tempo, e não sem motivo, deixou-o ofendido. Não pude me permitir ocultar dele que sua irmã estivera em Londres por três meses no inverno passado, que eu ficara sabendo e propositadamente não lhe havia contado nada. Ele ficou irritado. Mas a irritação dele, estou convencido, não durou mais do que a dúvida que tinha quanto aos sentimentos dela. Ele me perdoou do fundo do coração.”

Elizabeth quis comentar que o senhor Bingley tinha um amigo encantador; de valor inestimável para alguém que se deixava conduzir tão facilmente; mas se conteve. Lembrou-se de que ele ainda precisava aprender a rir, e ainda era cedo demais para começar. Prevendo a felicidade de Bingley, que obviamente haveria de ser menor apenas que a dele próprio, ele continuou falando até que chegaram à casa. No vestíbulo, separaram-se.

“Minha querida Lizzy, até onde vocês foram caminhar?”, foi a pergunta com que Elizabeth foi recebida por Jane assim que entrou na sala, e por todos quando sentou à mesa. Ela só precisou dizer em resposta que eles haviam andado a esmo, até que ela mesma não sabia mais onde estavam. Corou ao falar; mas nem isso, nem nada, despertou qualquer suspeita.

A tarde passou tranquilamente, sem nenhum acontecimento extraordinário. Os noivos declarados conversaram e riram, os ainda não declarados se calaram. Darcy não tinha o temperamento de alguém cuja felicidade extravasava em júbilo; e Elizabeth, agitada e confusa, antes *sabia* estar feliz do que *sentia* a própria felicidade; pois, além do constrangimento imediato, havia outros perigos diante de si. Ela já previa o que aconteceria na família quando sua situação se tornasse conhecida; estava ciente de que ninguém gostava dele além de Jane; e ainda receava que para os demais se tratava de uma antipatia que nem toda a fortuna e a importância dele poderiam superar.

À noite ela abriu seu coração para Jane. Embora a desconfiança estivesse longe de ser um hábito comum da senhorita Bennet, aqui ela se mostrou verdadeiramente incrédula.

“Você deve estar brincando, Lizzy. Não pode ser! — noiva do senhor Darcy! Não, não, você não vai me enganar com isso. Sei que é impossível.”

“Parece que de fato não começou nada bem! Minha única esperança era você; e tenho certeza de que ninguém mais acreditará em mim se nem você acreditar. E no entanto, de fato, estou falando sério. Não disse nada além da verdade. Ele ainda me ama, e estamos noivos.”

Jane olhou para ela hesitante. “Oh, Lizzy! Não pode ser. Eu sei como você o despreza.”

“Você não sabe nada. Isso deve ser completamente esquecido. Talvez nem sempre tenha gostado tanto dele quanto agora. Mas nesses casos uma boa memória é imperdoável. Esta é a última vez que eu mesma me lembrarei disso.”

A senhorita Bennet ainda parecia profundamente perplexa. Elizabeth garantiu outra vez, e mais seriamente, que dizia a verdade.

“Santo Deus! É mesmo verdade! Então agora eu acredito”, exclamou Jane. “Minha querida, minha Lizzy querida, eu lhe daria — eu lhe darei então meus parabéns — mas você tem certeza? Desculpe a pergunta — você tem mesmo certeza de que poderá ser feliz com ele?”

“Não há nenhuma dúvida quanto a isso. Já está combinado entre nós que seremos o casal mais feliz do mundo. Mas você ficou contente, Jane? Vai gostar de tê-lo como cunhado?”

“Muito, gostarei muito. Nada poderia dar a Bingley, ou a mim mesma, mais satisfação. Nós já chegamos a falar sobre isso, e conviemos que era impossível. E você realmente o ama o bastante? Oh, Lizzy! Faça tudo, mas não case sem amor. Você tem plena certeza de que sente o que deveria sentir?”

“Oh, sim! Você mesma irá perceber que eu sinto mais do que devia depois que lhe contar tudo.”

“Como assim?”

“Bem, devo confessar que eu o amo mais do que a Bingley. Receio que você se aborreça comigo.”

“Minha irmã mais querida, agora fale sério. Quero conversar muito seriamente. Conte-me tudo o que preciso saber, sem demora. Pode me dizer há quanto tempo você o ama?”

“Foi acontecendo de modo tão gradual, mal sei dizer quando começou. Mas creio que a data precisa seja a primeira vez em que vi sua bela propriedade em Pemberley.”

Mais um pedido de que ela falasse sério, contudo, resultou no efeito desejado; e ela logo satisfez Jane com suas solenes garantias de afeição. Uma vez convencida, a senhorita Bennet não tinha nada mais a desejar.

“Agora estou muito feliz”, disse ela, “pois você será tão feliz quanto eu. Sempre tive consideração por ele. Não fosse por outro motivo, pelo amor que ele sente por você, creio que sempre gostei dele; mas agora, como amigo de Bingley e seu marido, só mesmo Bingley e você me são mais caros do que ele. Mas, Lizzy, você foi muito discreta, muito reservada comigo. Me contou tão pouco sobre o que houve em Pemberley e Lambton! Fiquei sabendo o pouco que sabia por outra pessoa, não por você.”

Elizabeth contou os motivos de tanto segredo. Não queria mencionar Bingley; e o estado abalado dos próprios sentimentos fizeram-na igualmente evitar o nome do amigo. Mas agora ela não esconderia mais da irmã o papel dele no casamento de Lydia. Tudo foi revelado, e passaram metade da noite conversando.

“Ó céus!”, exclamou a senhora Bennet, de pé diante da janela na manhã seguinte. “Se não é aquele antipático do senhor Darcy aqui outra vez com o nosso querido senhor Bingley! Que chateação! O que será que ele pretende vindo aqui todo dia agora? Não sei, mas ele podia ir caçar ou fazer qualquer outra coisa, em vez de nos incomodar com sua companhia. O que vamos fazer com ele? Lizzy, vá caminhar com ele de novo, para que ele não fique atrapalhando Bingley.”

Elizabeth não conseguiu segurar o riso diante de proposta tão conveniente; no entanto ficou realmente contrariada com o fato de sua mãe sempre se referir a ele com tal epíteto.

Assim que eles entraram, Bingley olhou para ela de modo tão expressivo, e apertou-lhe a mão com tanto fervor, que não restou dúvida da boa notícia que recebera; e logo em seguida ele disse em voz alta: “Senhor Bennet, o senhor não tem por aí mais alamedas por onde Lizzy possa se perder outra vez hoje?”.

“Aconselho o senhor Darcy, e Lizzy, e Kitty”, disse a senhora Bennet, “a ir até o monte Oakham esta manhã. É uma bela caminhada, longa, e o senhor Darcy não conhece a vista de lá.”

“Pode ser muito bom para todos”, respondeu o senhor Bingley; “mas tenho certeza de que seria demais para Kitty. Não é mesmo,

Kitty?”

Kitty admitiu que preferia ficar em casa. Darcy declarou grande curiosidade de conhecer a vista do monte, e Elizabeth consentiu em silêncio. Quando ela subiu para se arrumar, a senhora Bennet foi atrás dela, dizendo:

“Sinto muito, Lizzy, que você seja obrigada a ficar sozinha com esse antipático. Mas espero que não se importe: é pelo bem de Jane, você sabe; e ela não tem oportunidade de conversar com ele, só de vez em quando. De modo que essa inconveniência será por pouco tempo.”

Durante a caminhada, combinaram que o pedido seria feito ao senhor Bennet ao longo daquela noite. Elizabeth incumbiu-se de contar ela mesma à mãe. Não saberia dizer como ela haveria de reagir; imaginando que talvez nem toda a riqueza e a grandiosidade dele fossem o bastante para superar a aversão que ela sentia. Mas, fosse ela violentamente contra o casamento ou violentamente favorável, o certo era que seus modos seriam da mesma forma inadequados e reveladores de sua destemperança; e ela mal conseguiria suportar que o senhor Darcy tivesse que escutar tanto os seus enlevos de alegria quanto a veemência de sua desaprovação.

À noite, logo que o senhor Bennet se retirou para sua biblioteca, ela viu o senhor Darcy também se levantar e segui-lo, e sua agitação ao vê-lo foi imensa. Não temia que o pai se opusesse, mas ele ficaria infeliz, e que fosse por seu intermédio, que ela, sua favorita, desagradasse o pai com sua escolha, que o enchesse de temores e remorsos por conceder sua mão, era uma reflexão odiosa, e ela ficou angustiada até que o senhor Darcy voltasse a aparecer, quando, olhando para ele, sentiu-se um pouco aliviada com seu sorriso. Em poucos minutos, ele se aproximou da mesa onde ela estava com Kitty; e, enquanto fingia admirar seu trabalho, disse com um sussurro: “Vá falar com seu pai, ele a está esperando na biblioteca”. Ela foi sem demora.

O pai estava de pé, andando pela sala, com expressão grave e aflita. “Lizzy”, disse ele, “o que está fazendo? Você perdeu o juízo,

ao aceitar este homem? Não o odiou desde sempre?”

Quão sinceramente ela desejou que suas opiniões anteriores tivessem sido mais razoáveis, e suas expressões mais moderadas! Isso teria poupado explicações e declarações que eram extremamente constrangedoras de se fazer; mas eram agora necessárias, e ela confirmou ao pai, não sem alguma confusão, sua afeição pelo senhor Darcy.

“Ou, em outras palavras, você está decidida a tomá-lo para si. Ele é rico, seguramente, e você poderá ter roupas mais finas e carruagens mais belas que as de Jane. Mas isso a fará feliz?”

“O senhor tem alguma outra objeção”, disse Elizabeth, “além de achar que sou indiferente a ele?”

“Nenhuma. Todos sabemos que é um homem orgulhoso e desagradável; mas isso não seria nada se você gostasse dele.”

“Eu gosto, eu gosto mesmo dele”, ela respondeu, com lágrimas nos olhos, “eu o amo. Na verdade, o orgulho dele não é algo inapropriado. Ele é perfeitamente amável. O senhor não o conhece de verdade; de modo que lhe peço que não me magoe falando dele nesses termos.”

“Lizzy”, disse o pai, “eu já dei a ele o meu consentimento. Ele é o tipo de homem, na verdade, a quem eu jamais ousaria recusar qualquer coisa que resolvesse pedir. E agora dou-o a você. Mas permita-me aconselhá-la a pensar melhor. Conheço o seu gênio, Lizzy. Sei que não poderia ser feliz, nem respeitável, a não ser que tivesse genuína estima por seu marido; a não ser que o considerasse um ser superior. Seus talentos vigorosos colocariam você em grande perigo em um casamento desigual. Dificilmente você escaparia do descrédito e da angústia. Minha criança, não me dê o desgosto de vê-la incapaz de respeitar o seu parceiro para o resto da vida. Não sabe o que está prestes a fazer.”

Elizabeth, ainda mais abalada, foi sincera e solene em sua resposta; e aos poucos, com repetidas garantias de que o senhor Darcy era realmente o objeto de sua escolha, com explicações da mudança gradual por que passara sua estima por ele, relacionando sua absoluta certeza de que a afeição dele não nascera de um dia para o outro, mas que sobrevivera ao teste de muitos meses de

suspense e, enumerando com energia todas as boas qualidades dele, ela conseguiu vencer a incredulidade do pai e reconciliá-lo com a ideia do casamento.

“Bem, minha querida”, disse ele, quando ela parou de falar, “não tenho mais nada a dizer. Sendo esse o caso, ele a merece. Eu não abriria mão de você, minha Lizzy, para ninguém menos digno.”

Para completar a impressão favorável, ela então contou o que o senhor Darcy fizera voluntariamente por Lydia. Ele escutou com assombro.

“Esta é, de fato, uma noite de espantos! Então Darcy fez tudo; arranjou o casamento, deu o dinheiro, pagou as dívidas do rapaz e conseguiu um posto para o sujeito! Tanto melhor. Isso me poupará um mundo de trabalho e economias. Se tivesse sido coisa do seu tio, eu precisaria e iria mesmo pagá-lo; mas esses pretendentes jovens e intempestivos fazem tudo do jeito deles. Eu me oferecerei para pagá-lo amanhã; ele há de esbravejar e clamar sobre o amor que sente por você, e o assunto acabará ali mesmo.”

Ele então se lembrou do constrangimento de alguns dias antes, quando lera a carta do senhor Collins; e, depois de rir por algum tempo, permitiu por fim que a filha se fosse — dizendo, quando ela saía da biblioteca: “Se houver mais algum rapaz esperando para falar de Mary ou Kitty, pode mandar entrar, pois agora estou livre”.

Elizabeth sentiu-se então aliviada de um peso muito grande na consciência; e, após refletir em silêncio por meia hora sozinha em seu quarto, viu-se capaz de juntar-se aos outros com razoável serenidade. Era ainda tudo muito recente para regozijos, mas a noite se passou tranquilamente; não havia agora mais nada de essencial a temer, e o conforto da calma e da familiaridade viria com o tempo.

Mais tarde, quando a mãe subiu para o quarto, ela foi atrás e fez o importante comunicado. O efeito foi deveras extraordinário; pois, assim que ouviu, a senhora Bennet ficou imóvel e foi incapaz de pronunciar uma única sílaba. Apenas muitos e muitos minutos depois ela entendeu o que havia escutado; mas como algo que retrospectivamente levava em conta o que aquilo representava em termos de vantagem para a família e não que se concretizava na forma de um pretendente para uma delas. Ela começou aos poucos

a se recuperar, remexeu-se na cadeira, levantou, sentou novamente, devaneou e benzeu-se.

“Santo Deus! Deus me abençoe! Imagine! Pobre de mim! O senhor Darcy! Quem iria imaginar! E é mesmo verdade? Oh! Minha doce Lizzy! Como você será rica e importante agora! Tanto dinheiro para gastar em compras, tantas joias, e que carruagens não há de ter! O de Jane não é nada perto desse seu — nada mesmo. Estou tão satisfeita — tão feliz. E que homem encantador! — Tão bonito! Tão alto! — Oh, minha querida Lizzy! Peço desculpas por haver antipatizado tanto com ele antes. Espero que ele releve. Querida, querida Lizzy. Uma casa em Londres! Tudo o que há de mais elegante! Três filhas casadas! Dez mil libras por ano! Oh, Senhor! O que será de mim? Vou enlouquecer.”

Foi o bastante para provar que a aprovação dela não precisava ser posta em dúvida: e Elizabeth, contente por tal efusão haver sido ouvida apenas por ela mesma, logo saiu. Mas, antes que se passassem três minutos que estava só em seu quarto, a mãe apareceu.

“Minha filha mais querida”, ela exclamou, “não consigo pensar em mais nada! Dez mil libras por ano, e muito provavelmente mais! É quase um lorde! E consiga uma licença especial.¹ Vocês precisam casar com uma licença especial. Mas, meu amor, diga qual é o prato de que o senhor Darcy mais gosta, vou mandar fazer para amanhã.”

Foi um triste presságio do que poderia vir a ser a atitude da mãe com o cavalheiro; e Elizabeth percebeu que, embora já fosse dona de seu afeto mais fervoroso, e segura do consentimento de seus pais, algo ainda deixava a desejar. Mas o dia seguinte transcorreu melhor do que ela esperava; pois a senhora Bennet foi tomada de tamanha reverência diante de seu futuro genro que nem arriscou falar com ele, a não ser quando podia lhe demonstrar qualquer amabilidade ou reforçar a deferência por alguma opinião dele.

Elizabeth teve a satisfação de ver o pai se esforçar para conhecê-lo melhor; e o senhor Bennet logo garantiu que ele subia cada vez mais em sua estima.

“Admiro imensamente meus três genros”, disse ele. “Wickham talvez seja o meu favorito; mas acho que vou acabar gostando do

seu marido tanto quanto do de Jane.”

Com o humor de Elizabeth logo retomando sua jovialidade habitual, ela pediu que o senhor Darcy contasse como fora que se apaixonara por ela. “Como começou para você?”, perguntou ela. “Sei que foi em frente, muito graciosamente, depois de haver começado; mas o que fez se apaixonar por mim para começo de conversa?”

“Não sei precisar a hora, ou o lugar, ou o olhar, ou as palavras, que lançaram as bases. Faz muito tempo. Eu já estava no meio antes de me dar conta de que havia começado.”

“À minha beleza, você a princípio resistiu, e quanto aos meus modos — a minha atitude com você sempre foi no mínimo quase indelicada, e era mais comum que eu lhe falasse desejando magoá-lo do que não. Agora seja sincero; você me admirou pela minha impertinência?”

“Pela vivacidade da sua mente, sim.”

“Pode chamar de impertinência de uma vez. Não era muito menos do que isso. O fato é que você estava enjoado de cortesias, de deferências, de amabilidades oficiosas. Estava desiludido com as mulheres que sempre falavam e olhavam e só pensavam na sua aprovação. Chamei sua atenção, e você se interessou, porque era muito diferente delas. Se você não fosse de fato amável, teria me odiado por isso; mas, em vez dos esforços que fez para disfarçar, os seus sentimentos foram sempre nobres e justos; e no seu coração você desprezava profundamente as pessoas que insistiam em cortejá-lo. Pois bem — já o poupei do trabalho de admitir; e, de fato, no fim das contas, comecei a achar perfeitamente razoável. Seguramente você não conhecia nenhuma qualidade minha — mas ninguém pensa nisso quando se apaixonava.”

“Não havia bondade na sua atitude afetuosa para com Jane quando ela adoeceu em Netherfield?”

“Minha querida Jane! Quem não teria feito pelo menos isso por ela? Mas, se quiser, considere isso uma virtude. Minhas boas qualidades estão sob a sua proteção, e você pode exagerá-las o quanto quiser; e, em troca, caberá a mim encontrar oportunidades de provocá-lo e confrontá-lo sempre que possível; e começarei diretamente perguntando por que foi tão relutante em ir direto ao ponto. Por que ficou tão tímido comigo quando veio nos visitar da primeira vez e depois jantou aqui? Por que, principalmente, quando veio, pareceu não se importar comigo?”

“Porque você estava séria e calada, e não me deu nenhum estímulo.”

“Mas eu estava constrangida.”

“E eu também estava.”

“Você podia ter conversado mais comigo quando veio jantar.”

“Alguém menos apaixonado por você talvez pudesse.”

“Pena que você tenha sempre uma resposta razoável, e que eu seja razoável o bastante para sempre aceitá-la! Mas imagino por quanto tempo teria continuado apaixonado se tivesse sido deixado em paz. Fico me perguntando quando teria resolvido falar se eu não tivesse vindo falar com você! Minha decisão de agradecer pela sua bondade com Lydia certamente teve grande impacto. Impacto demais até, receio; pois o que será da moral se o nosso bem nasceu de uma quebra de promessa, pois eu não devia ter tocado no assunto? Não funcionará.”

“Você não precisa se angustiar. A moral estaria perfeitamente salvaguardada. As tentativas injustificáveis de Lady Catherine para nos separar foram os meios de remover todas as minhas dúvidas. Não devo minha presente felicidade ao seu desejo ávido de expressar sua gratidão. Não estava com humor para esperar qualquer abertura sua. A informação da minha tia me deu esperança, e eu estava resolvido a ficar sabendo de tudo de uma vez.”

“Lady Catherine foi infinitamente útil, o que há de deixá-la feliz, pois ela adora ser útil. Mas, diga-me, por que veio até Netherfield? Teria

sido meramente para vir a cavalo até Longbourn e ficar todo constrangido? Ou tinha algo mais sério em mente?”

“Meu verdadeiro propósito era ver você, e avaliar, caso me fosse possível, se poderia ter esperanças de fazê-la me amar. Meu motivo declarado, ou o que eu dizia a mim mesmo, era ver se sua irmã ainda gostava de Bingley e, caso gostasse, confessar a ele o que então confessei.”

“Será que um dia você terá coragem de anunciar a Lady Catherine o que irá acontecer?”

“Falta-me antes tempo do que coragem, Elizabeth. Mas isso precisa ser feito e, se me der uma folha de papel, será feito prontamente.”

“E, se eu não tivesse uma carta para escrever, poderia me sentar ao seu lado e ficar admirando a sua caligrafia como outra dama um dia fez. Mas eu também tenho uma tia a quem não posso mais negligenciar.”

Por sua relutância em confessar o quanto sua intimidade com o senhor Darcy fora superestimada, Elizabeth ainda não havia respondido a longa carta da senhora Gardiner, mas agora, tendo para comunicar aquilo que ela sabia que seria tão bem-vindo, viu-se quase envergonhada ao perceber que o tio e a tia já haviam perdido três dias de felicidade, e imediatamente escreveu o seguinte:

“Eu teria agradecido antes, minha tia querida, como devia mesmo ter feito, por seu longo, generoso e satisfatório relato detalhado; mas, para falar a verdade, eu estava muito aborrecida para escrever. A senhora supôs mais do que realmente existia. Mas agora pode supor à vontade; pode dar asas à fantasia, permitir que a imaginação voe tanto quanto for possível e, a não ser que a senhora pense que já estou de fato casada, não haverá de errar por muito. A senhora precisa voltar a escrever muito em breve, e elogiá-lo ainda mais do que elogiou na última carta. Obrigada, mais uma vez, por não irmos aos Lagos. Como pude ser tão tola a ponto de ter desejado que fôssemos! Sua ideia dos pôneis é deliciosa. Daremos a volta na propriedade todos os dias. Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez outra pessoa já tenha dito isso antes, mas nenhuma com tanta justiça. Sou ainda mais feliz que Jane; ela só sorri, eu dou

risada. O senhor Darcy deseja todo o amor do mundo, do que lhe sobrar depois do que é dedicado a mim. Vocês são todos bem-vindos em Pemberley para o Natal. A seu dispor etc.”

A carta do senhor Darcy para Lady Catherine foi diferente; e ainda mais diferente dessas duas foi a que o senhor Bennet enviou ao senhor Collins, em resposta à última que este lhe enviara.

“Caro senhor,

“Devo incomodá-lo para dar parte de mais núpcias. Elizabeth em breve se casará com o senhor Darcy. Console Lady Catherine o melhor que puder. Mas, se eu fosse você, ficaria do lado do sobrinho. Ele tem mais a oferecer.

“Cordialmente etc.”

Os parabéns da senhorita Bingley ao irmão pela aproximação do casamento foram o que havia de mais afetuoso e insincero. Ela escreveu até mesmo a Jane na ocasião, expressando sua satisfação e repetindo todas as declarações anteriores de afeto. Jane não se deixou enganar, mas foi afetada; e, embora não tivesse nenhuma confiança nela, não pôde evitar de escrever-lhe uma resposta muito mais bondosa do que sabia que ela merecia.

A alegria que a senhorita Darcy expressou ao receber semelhante notícia foi tão sincera quanto a do irmão ao enviá-la. Quatro páginas de papel não foram suficientes para conter todo o seu prazer e seu genuíno desejo de ser amada pela cunhada.

Antes que pudesse chegar resposta do senhor Collins, ou outros votos de parabéns a Elizabeth, da parte da esposa, a família de Longbourn ficou sabendo que os Collins estavam vindo para a casa dos Lucas. O motivo dessa súbita mudança ficou logo evidente. Lady Catherine havia ficado tão irritada com o conteúdo da carta do sobrinho que Charlotte, realmente feliz pelo casamento, estava aflita para ir embora dali enquanto a tempestade não passasse. Naquele momento, a chegada da amiga foi um prazer sincero para Elizabeth, embora durante seus encontros ela às vezes pensasse que era um prazer pelo qual pagava caro, quando via o senhor Darcy exposto a toda espécie de solene e obsequiosa cortesia do marido da amiga. Ele contudo suportou aquilo com admirável tranquilidade. Ouviu Sir William Lucas parabenizá-lo por levar embora a joia mais brilhante da

região e expressar a esperança de se encontrarem frequentemente na corte em St. James com decorosa serenidade. Se Darcy deu de ombros, foi só quando Sir William já não estava mais à vista.

A vulgaridade da senhora Philips foi outra e talvez a mais alta taxa cobrada à tolerância dele; e, embora a senhora Philips, assim como a irmã, continuasse extasiada demais para falar com ele com a mesma familiaridade que o bom humor de Bingley ensejava, sempre que falou, foi vulgar. Tampouco o respeito por ele, ainda que a fizesse mais quieta, de forma alguma tornou-a mais elegante. Elizabeth fez o que pôde para protegê-lo da atenção frequente das duas, e via-se a todo instante ansiosa para ficar a sós com ele ou com aqueles de sua família com quem ele pudesse conversar sem mortificação; e, embora os sentimentos incômodos despertados por tudo isso tirassem do período do noivado boa parte do prazer, acrescentavam esperança ao futuro; e ela ansiou pelas delícias de quando trocariam aquela sociedade tão pouco agradável para ambos pelo conforto e pela elegância do próprio lar em Pemberley.

XIX

Feliz para seus sentimentos maternos foi o dia em que a senhora Bennet se viu livre das duas filhas mais meritórias. Com que orgulho satisfeito ela mais tarde visitaria a senhora Bingley e falaria sobre a senhora Darcy, pode-se imaginar. Eu gostaria de poder dizer, em benefício de sua família, que a realização de seu mais profundo desejo de casar tantas filhas tivera efeito tão feliz a ponto de torná-la uma mulher razoável, afável e bem informada pelo resto da vida; mas pode ter sido sorte do marido, que talvez não soubesse apreciar uma felicidade doméstica tão incomum, que ela ainda fosse eventualmente nervosa e invariavelmente fútil.

O senhor Bennet sentia muita falta da segunda filha; seu afeto por ela fazia com que saísse de casa com mais frequência do que qualquer outra coisa. Ele adorava ir a Pemberley, em especial quando menos se esperava.

O senhor Bingley e Jane continuaram em Netherfield apenas mais um ano. A vizinhança da mãe e dos conhecidos em Meryton não era desejável, nem mesmo com o bom gênio dele ou com o coração afetuoso dela. O desejo das irmãs dele foi então satisfeito; ele comprou uma propriedade em um condado vizinho a Derbyshire, e Jane e Elizabeth, além de todas as demais fontes de felicidade, passaram a viver a menos de trinta milhas uma da outra.

Kitty, para sua própria vantagem material, passava a maior parte do tempo com as duas irmãs mais velhas. Convivendo em sociedade tão superior à que ela estava acostumada, seus progressos foram grandes. Não demonstrava mais o mesmo gênio indomável de Lydia e, removida a influência do exemplo da irmã, ela se tornou, com a atenção e a administração devidas, menos irritadiça, menos ignorante e menos insípida. Para evitar o prejuízo do convívio com

Lydia, ela foi cuidadosamente afastada e, embora a senhora Wickham sempre a convidasse para ir ficar com ela, com a promessa de bailes e rapazes, o pai jamais consentia.

Mary foi a única filha que permaneceu em casa; e foi necessariamente impedida da busca de realizações pelo fato de a senhora Bennet ser em grande medida incapaz de ficar sozinha. Mary foi obrigada a misturar-se mais com o mundo, mas continuava tirando lições de moral de cada visita matinal; e, como já não se mortificava com comparações entre a beleza das irmãs e a sua própria, o pai desconfiava que ela se submetera à mudança sem grande relutância.

Quanto a Wickham e Lydia, o caráter de ambos não sofreu nenhuma revolução com o casamento das irmãs. Ele suportou filosoficamente a convicção de que Elizabeth devia agora saber de toda ingratidão e falsidade que ele demonstrara antes de conhecê-la; e, apesar de tudo, não se sentia completamente sem esperanças de que Darcy podia ainda ser convencido a lhe propiciar fortuna. A carta de congratulações que Elizabeth recebeu de Lydia pelo casamento explicava que tal esperança, da parte da esposa, senão por ele mesmo, ainda era alimentada. Eis a carta em questão:

“Minha querida Lizzy,

“Desejo-lhe muitas alegrias. Se você ama o senhor Darcy a metade do que eu amo o meu querido Wickham, deve estar muito feliz. É um grande conforto saber que ficou tão rica e, quando não tiver nada para fazer, espero que pense em nós. Tenho certeza de que Wickham gostaria muito de um lugar na corte, e não acho que teremos dinheiro o bastante para conseguir isso sem ajuda. Qualquer lugar serve, de uns trezentos ou quatrocentos por ano; mas não comente com o senhor Darcy se achar melhor.

“Atenciosamente etc.”

Elizabeth achou melhor não comentar mesmo; conseguiu dar um basta a todas essas tentativas e expectativas em sua resposta. Auxílios, no entanto, como estava em seu poder oferecer, praticando o que se poderia chamar de economia com suas próprias despesas pessoais, ela lhes enviava com frequência. Sempre fora evidente para ela que uma renda como a daqueles dois, sob gestão de

peessoas tão extravagantes em suas necessidades e descuidadas do futuro, haveria de ser insuficiente para sustentá-los; e, sempre que eram transferidos, Jane ou ela eram certamente solicitadas em alguma pequena ajuda para acertarem suas contas. O modo de vida dos dois, mesmo depois que a restauração da paz¹ permitiu que fossem para uma casa, era instável ao extremo. Estavam sempre mudando de lugar em lugar atrás de algo mais barato, e sempre gastando mais do que deviam. O amor que ele tinha por ela logo afundou na indiferença; o dela por ele durou um pouco mais; e, apesar da juventude e dos modos dela, ainda conservou a reputação que o casamento lhe dera.

Embora Darcy jamais pudesse recebê-lo em Pemberley, por Elizabeth ele viria a ajudá-lo ainda mais na profissão. Lydia eventualmente visitava a irmã, quando Wickham ia passar algum tempo em Londres ou em Bath; e, quanto aos Bingley, ambos iam visitá-los com frequência e ficavam tanto tempo que superava até mesmo o bom humor de Bingley, que chegava a sugerir que se fossem.

A senhorita Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento de Darcy; mas, como achava aconselhável manter o direito de visitar Pemberley, deixou de lado todo o ressentimento; passou a gostar mais do que nunca de Georgiana, tornou-se quase tão atenciosa com Darcy quanto antes e pagou com juros toda a cortesia que devia a Elizabeth.

Pemberley então passou a ser o lar de Georgiana; e a amizade entre as cunhadas foi exatamente o que Darcy esperava ver. Foram capazes de se amar mutuamente, tão bem quanto pretendiam. Georgiana tinha de Elizabeth a opinião mais elevada do mundo; embora às vezes ouvisse com uma surpresa que beirava a preocupação o modo informal e brincalhão como ela falava com seu irmão. Ele, que sempre inspirara nela um respeito quase maior do que sua afeição, passara a ser visto às vezes como objeto da mais franca zombaria. Para ela, aquilo era uma novidade que nunca lhe ocorrera antes. Por instrução de Elizabeth, ela passou a entender que uma mulher pode tomar certas liberdades com o marido que um

irmão nem sempre permitiria em uma irmã mais de dez anos mais nova.

Lady Catherine ficou extremamente indignada com o casamento do sobrinho; e conforme externou, com toda a genuína franqueza de seu caráter, em sua resposta à carta que anunciava o noivado, escrevera a ele em linguajar tão abusivo, em especial a respeito de Elizabeth, que por algum tempo a relação esteve encerrada. Mas aos poucos, persuadido por Elizabeth, ele se convenceu a relevar os insultos e a buscar reconciliação; e assim, após certa resistência da parte da tia, o ressentimento dela passou, fosse por sua afeição por ele ou por sua curiosidade de ver como a esposa se comportava; e concordou em ir visitá-los em Pemberley, apesar da poluição que os bosques haviam sofrido não só pela presença da nova dona como pelas visitas do tio e da tia da cidade.

Com os Gardiner, tiveram sempre a maior intimidade. Darcy, assim como Elizabeth, realmente os amava; e ambos sempre demonstraram a mais calorosa gratidão pelas pessoas que, ao levá-la para passear em Derbyshire, haviam sido os artífices de sua união.

Emendas ao texto

Ver também Nota sobre o texto, p. 95.

- p. 108, l. 2-3: “*Quando será o seu próximo baile, Lizzy*”; a primeira edição e as seguintes atribuem esta fala a Kitty, mas, como Chapman¹ observa, claramente pertence ao senhor Bennet. Na primeira edição, aqui se inicia uma nova linha que deveria ter recebido recuo de parágrafo.
- p. 109, l. 3: “*meu querido senhor Bennet?*” na primeira edição; “*meu querido senhor Bennet!*” na atual. Um erro tipográfico comum. O texto emendado segue Chapman.
- p. 151, l. 18: *filha* na primeira edição; *filhas* segue a terceira edição e Chapman. Tanto Kitty quanto Lydia estão presentes.
- p. 176, l. 8: *andar de cima* na primeira edição; *andar de cima* na atual. Embora aspas invertidas às vezes fossem usadas para o discurso indireto, não há aqui indicação de onde essas aspas foram abertas, de modo que parece mais provável se tratar de erro tipográfico. Não corrigido por Chapman.
- p. 244, l. 24: *continua* na primeira edição; *continuava* na atual, que segue Chapman.
- p. 265, l. 5: *Lucy* na primeira edição; *Lucas* na atual.
- p. 287, l. 28: *impertinência?* na primeira edição; *impertinência* na atual, que segue Chapman.
- p. 343, l. 33-6: “*Muitas coisas [...] tenho para contar!*”: impresso na primeira edição como uma única fala. A emenda segue a terceira edição e Chapman. Claramente é Maria, não Elizabeth, que se preocupa com o número de jantares.
- p. 364, l. 2: *da parte dela* na primeira edição; *da parte dele* na atual, de acordo com correção feita na segunda edição e nas seguintes.
- p. 412, l. 14: *risco?* na primeira edição; *risco.* na atual, que segue a terceira edição e Chapman.
- p. 480, l. 7-8: “*Às vezes é tão difícil [...] às vezes é impossível!*”: impresso como um único parágrafo na primeira edição, na segunda e na terceira. Austen comentou o erro em uma carta a Cassandra (4 de fevereiro de 1813), anotando em seu exemplar da primeira edição: “O erro mais crasso de

Impressão que eu já vi está na Página 220 — vol. 3, em que duas falas foram transformadas em uma só”.²

- p. 488, l. 13: *amigos* na primeira edição; *amigo* na atual, que segue Chapman. O contexto deixa claro que Elizabeth só pode estar pensando em Darcy.
- p. 493, l. 28: *família?* na primeira edição; *família!* na atual, que segue a terceira edição e Chapman.
- p. 502, l. 4: *ter feito o mesmo* na primeira edição; *fizer o mesmo* na atual, que segue a segunda edição e as seguintes.
- p. 524, l. 5: *conhece* na primeira edição; *conhecia* na atual, que segue Chapman. Toda a conversa se refere ao passado.

referências

- chapman, R. W. (org.). *Pride and prejudice*, v. ii. In: *The novels of Jane Austen*, 5 v. (1923), 3ª ed. Londres, Nova York e Toronto: Oxford University Press, 1965.
- le faye, Deirdre (org.). *Jane Austen's letters*. 3ª ed. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.
- chapman, R. W. “Jane Austen’s text: Authoritative manuscript corrections”, *TLS*, 13 de fevereiro, 1937, p. 116.

notas

¹ Chapman, p. 391

² *Cartas*, p. 203

Notas

A primeira edição da Penguin de *Orgulho e preconceito* (1972), editada com a excelente introdução de Tony Tanner, tinha apenas quatro notas explicativas. Tanner argumentava que notas extensas eram desnecessárias, uma vez que “referências a acontecimentos pontuais ou a outros autores são quase inteiramente inexistentes”, e que isso significava que o romance atingira “um elemento de atemporalidade [...] mesmo que inequivocamente reflita uma espécie de sociedade em um determinado momento histórico” (*Pride and prejudice*, Harmondsworth: Penguin, 1972, p. 397). Mas o pleno desfrute e compreensão da comédia “atemporal” de Austen depende da capacidade de entender e interpretar detalhes sociais reveladores, familiares do público contemporâneo como pertencentes àquele “tipo específico de sociedade” — uma sociedade que cada vez mais parece estranha e alheia aos leitores modernos. A cultura dentro da qual as heroínas de Austen fazem suas escolhas é uma cultura de aspiração social e consumismo, na qual essas ambições sociais e esse consumismo são por si só temas vivos da moral e da política — em especial para as mulheres. Interpretar aquela cultura, e aqueles debates, depende de atenção aos detalhes significativos da linguagem, do comportamento, da indumentária, do estilo de vida. Fiz portanto notas explicativas o mais abrangentes possível para esta edição, na tentativa de fornecer ao leitor moderno a oportunidade de interpretar os personagens de Austen e o tecido social do mesmo modo como nós (muitas vezes sem perceber) constantemente interpretamos nosso próprio ambiente social.

Gostaria de lembrar aqui *The Jane Austen handbook*, organizado por J. David Grey (Londres: The Athlone Press, 1986), que foi de valor inestimável para a preparação destas notas.

notas gerais

1. classe social

É correto dizer que Jane Austen escreve sobre a aristocracia apenas se esse termo for utilizado num sentido mais abrangente. Se “aristocracia” for empregado mais precisamente, para se referir à classe das famílias estabelecidas, proprietárias de terra, então os principais personagens de Austen vêm principalmente dos círculos mais inferiores daquela classe ou de suas margens. Vários articulistas cunharam termos para se referir a esse grupo mais marginal e heterogêneo. Nancy Armstrong, por exemplo, fala em “uma aristocracia de classe média”;^a e David Springs adota a expressão proveitosa de Alan Everitt “pseudoaristocracia”^b para descrever o grupo compreendido por comércio e profissionais, que aspiravam ao estilo de vida da tradicional aristocracia rural, e cuja renda em ascensão muitas vezes significava que podiam comprar seu ingresso adquirindo uma propriedade — como os Bingley procuram fazer no início do romance. Como indica Edward Copeland, Austen menciona a riqueza baseada na terra, como no caso de Darcy, em termos de renda anual: um sintoma de uma classe intensamente interessada na renda como meio e sinal de obtenção de status — e de sobrevivência. Para as mulheres, evidentemente, a mobilidade social ascendente só podia ser alcançada através do casamento.

Os críticos contemporâneos de Austen estavam bastante cientes das mudanças nas definições da ordem social, uma consciência que muitas vezes se evidenciava através de tentativas aflitivas de definir um status quo, mais do que de receber bem as mudanças. Clara Reeve, por exemplo, em seu *Plans of education*, publicado em 1792, descreveu a seguinte hierarquia, defendendo que “os graus de posição e fortuna” deviam ser observados na educação das crianças:

A nobreza desta terra é rica e poderosa, mas existe uma distinção entre os diferentes graus e títulos, e também entre a velha e a nova nobreza, que as famílias antigas entendem bem.

A ordem seguinte é a das antigas famílias ricas e importantes; algumas das quais recusaram os títulos que acharam indignos de aceitar; cujas famílias são mais antigas, e cujas fortunas são muitas vezes maiores do que as da nobreza.

Na terceira classe, eu colocaria aqueles que obtiveram grande riqueza por alguma profissão ou vocação, e cuja riqueza, embora conquistada, substitui o berço e o mérito, e as realizações, aos olhos do mundo e deles mesmos. Refiro-me apenas às fortunas que cresceram e ficaram enormes como vemos nos dias de hoje [...]

Em quarto, coloco a aristocracia inferior, que só possui centenas de libras, enquanto as classes acima possuem milhares de libras por ano. Nesta classe, todas as bênçãos e os confortos da vida podem ser encontrados, e aqueles que sabem desfrutá-los, com virtude e moderação, são os mais sábios e felizes dentre todos os homens. — Mas existe um cancro que frequentemente destrói suas fortunas e sua felicidade; uma tola ambição de imitar seus superiores, nos modos, na vaidade, na experiência.

Mas, em quinto lugar, os homens de profissões liberais, direito, físicas e divinas; a esses é possível acrescentar ainda os empregados públicos do governo, e os oficiais do Exército e da Marinha. Nessa classe eu incluiria todos os comerciantes eminentes. O caráter do comerciante britânico é um dos mais respeitáveis do mundo [...].

Há muitas dessas profissões honrosas que podem se dar ao luxo de gastar o mesmo que as classes acima mencionadas; mas eles são os melhores e mais prudentes dos homens, provedores de suas famílias, e evitam todas as demonstrações inúteis e impertinentes de sua riqueza.^c

Os romances de Austen são intervenções, de um ponto de vista relativo, nessa situação de mobilidade social ascendente e contestação da hierarquia e, como Reeve, Austen se interessa especialmente pela classe dos profissionais responsáveis e dos comerciantes — a nova meritocracia representada em *Orgulho e preconceito* pelos Gardiner.

referências

- armstrong, Nancy. *Desire and domestic fiction: A political history of the novel*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1987.
- butler, Marilyn. "History, politics and religion". In: Grey, pp. 190-208
- copeland, Edward. "Jane Austen and the consumer revolution". In: Grey, pp. 77-92.
- reeve, Clara. *Plans of education; with remarks on the system of other writers*. Londres: 1792.
- spring, David. "Interpreters of Jane Austen's social world: Literary critics and historians". In: Jane Todd (org.). *Jane Austen: New perspectives, women and literature*, v. 3. Nova York e Londres: Holmes and Meier, 1983, pp. 53-72.

2. alusões literárias

A relação entre *Orgulho e preconceito* e outros textos literários é ampla e especificamente alusiva, de modo que parece mais apropriado lidar com ela em uma nota geral (ver também o prefácio, que trata da ressonância política da ficção feita por mulheres no período).

Austen escreveu a Cassandra em 1798: "nossa família [...] é de grandes leitores de Romance & sem nenhuma vergonha disso" (18 de dezembro de 1798).^d Como outra carta demonstra, Austen lia e relia uma imensa quantidade da ficção de sua época. De modo que, embora, como indica Tanner, Austen não se refira explicitamente a outros autores em *Orgulho e preconceito* (com uma exceção: ver nota i, xiv, 5), o romance é impregnado dos personagens, das situações e das estruturas da ficção da época — especialmente dos romances de Samuel Richardson e da ficção pós-richardsoniana escrita por mulheres. A alusão mais direta é o próprio título, claramente tomado do final de *Cecília* (1782), de Frances Burney, e a primeira proposta de Darcy lembra a proposta de Mortimer Delville à heroína naquele romance. Darcy também pode ser visto como uma versão do senhor B. de *Pamela* (1740), de Richardson, assim como uma reconstrução mais atraente do herói ideal em *Sir Charles Grandison* (1753-4) — um dos romances favoritos de Austen.

referências

- butler, Marilyn. *Jane Austen and the war of ideas*, 1975. Reimpressão, Oxford: Clarendon, 1987.
- doody, Margaret Anne. "Jane Austen's reading". In: Grey, pp. 347-63.
- harris, Jocelyn. *Jane Austen's art of memory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- johnson, Claudia. *Jane Austen: Women, politics, and the novel*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1988.
- kelly, Gary. "Jane Austen and the English novel of the 1790". In: Mary Anne Schofield e Cecilia Macheski (orgs.). *Fetter'd or free? British women novelists 1670-1815*. Athens, Ohio e Londres: Ohio University Press, 1986, pp. 285-306.
- lascelles, Mary. "Reading and response". In: *Jane Austen and her art*. Oxford: Clarendon, 1939, pp. 41-83.
- moler, Kenneth L. *Jane Austen's art of allusion*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1968.

notas explicativas

volume i

capítulo i

- 1 No original, *chaise and four*: carruagem fechada de quatro rodas geralmente puxada por dois ou quatro cavalos (neste último caso, conforme indicado pelo termo *four*), a *chaise* era comum entre as famílias. Levava três pessoas que iam todas voltadas para a frente. Uma renda de pelo menos oitocentas libras por ano, mas de preferência mil, era necessária para mantê-la. Aqui a carruagem e o número de cavalos são indícios da riqueza de Bingley. (Ver nota i, iv, 1)^e
- 2 A festa de São Miguel Arcanjo acontece no dia 29 de setembro.
- 3 Definições e casos de distúrbios "nervosos" proliferaram ao longo do século xviii, graças em parte aos avanços do vocabulário da sensibilidade e da autoconsciência. Eram associados principalmente às mulheres, consideradas mais delicadas e portanto mais suscetíveis emocional e fisicamente do que os homens. A sugestão de Jane Austen de que a sra. Bennet de fato sofra de hipocondria aut centrada é uma visão totalmente contrária, por exemplo, à visão de Mary

Wollstonecraft de que as mulheres eram manipuladas socialmente para se considerarem criaturas de sensibilidade nervosa. (Ver também v. i, cap. xx.)

capítulo ii

- 1 Tais encontros se referem a bailes públicos, realizados em salas de reunião que podiam ter sido construídas para esse propósito, mas muitas vezes, em cidades comerciais como Meryton, eram anexas a hospedarias. (Ver nota i, iii, 2.)
- 2 As regras hierárquicas rígidas que governavam as relações sociais estipulavam que indivíduos deviam ser formalmente apresentados. (Cf. p. 209, em que o sr. Collins inapropriadamente assume o direito de se dirigir a Darcy; e 489, em que lady Catherine chega a Longbourn.)
- 3 Referência à prática comum de copiar passagens da leitura em um caderno e exemplo do recorrente interesse do romance pelas realizações femininas. (Ver também notas i, viii, 7 e i, ix, 1.)

capítulo iii

- 1 A renda de Darcy coloca-o entre as quatrocentas famílias mais ricas do país (ver G. E. Mingay. *English landed society in the Eighteenth century*. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1963, pp. 19-24; e nota geral 1.)
- 2 As regras para bailes e festas se baseavam originalmente nas “Regras a serem observadas em Bath”, de Beau Nash, que a partir de 1706 regulava as reuniões públicas. Os pares eram trocados (quando fosse o caso — e alguns salões insistiam nisso) depois de duas danças, e pares do mesmo sexo não eram admitidos “sem permissão do mestre de cerimônias; nem se podia permitir enquanto houvesse número igual de damas e cavalheiros” (Thomas Wilson, *A companion to the ball room*, 1816, p. 222). A recusa de Darcy em dançar é portanto especialmente hostil. Quando uma mulher recusava um convite à dança era considerado algo muito rude que aceitasse qualquer outro par na mesma dança — como a heroína de Frances Burney descobre em *Evelina*.
- 3 Animada dança importada da França e dançada, como a maioria das danças do interior, por uma longa fileira de pares. Durante o século xix era geralmente a quinta e última dança da quadrilha.

capítulo iv

- 1 Os Bingley são muito ricos. As fortunas independentes das irmãs Bingley, de vinte mil libras, reverteriam em rendas disponíveis de mil libras por ano (em comparação, o capital total das irmãs Bennet era de mil libras); a fortuna de Bingley, de “quase cem mil libras”, reverteria em cinco mil libras por ano, renda comparável às da aristocracia abonada de Mingay. Mas esse dinheiro foi feito no comércio, e os Bingley pretendem consolidar a fortuna e garantir a respeitabilidade comprando terras. (Ver G. E. Mingay, *English landed society in the Eighteenth century*, Londres: Routledge e Kegan Paul, 1963, pp. 19-24; e Nota geral 1.)
- 2 Internatos para meninas proliferaram durante os séculos xviii e xix. As anuidades variavam de doze a cem libras, e um currículo típico se limitava a um espectro de matérias “polidas”: inglês, francês, geografia, às vezes história, redação, desenho, dança e música. Tais escolas eram frequentemente criticadas em tratados de educação feminina por estimular aspirações inapropriadas em garotas de classes baixas cujos pais podiam pagar pela educação, e por expor as meninas à “sociedade perniciosa daquelas que não têm tantos princípios quanto elas” — o que incluía professoras e alunas. (Thomas Gisborne, *An enquiry into the duties of the female sex*, 1797, 6ª edição, 1805, p. 38. Ver também notas i, ix, 1 e ii, vi, 1.)

capítulo v

- 1 O rei George iii, que reinou de 1760 a 1811 e morreu em 1820. O prefeito era o dirigente de uma corporação municipal ou o corpo regente de um distrito, geralmente eleito a cada ano dentre os próprios conselheiros. Antes da reforma dos governos locais, em 1835, os distritos variavam muito de tamanho e procedimentos políticos, e o titular da prefeitura tinha, segundo o Código Constitucional de Jeremy Bentham, “no caos inglês tantas funções diferentes associadas quantas eram as cidades em que se encontrasse um funcionário de tal denominação”. (*Works*, organização de John Bowring, Edimburgo, William Tait, vol. ix, 1843, p. 613.)
Um exemplo do olhar preciso e satírico para os mecanismos de mobilidade social: o reconhecimento real da influência local de sir William e sua importância como comerciante o estimulam a tentar ingressar na “pseudoaristocracia” (ver nota geral 1).
- 2 Novamente, transporte usado como índice de riqueza — ou, aqui, a relativa falta dela.
- 3 Interessante exemplo de sonho de consumo masculino. Grupos de cães dedicados à caça da raposa eram um fenômeno relativamente recente por volta de 1750.

capítulo vi

- 1 A questão acerca de ser prudente ou não para as mulheres admitir o afeto era uma preocupação frequente da literatura de aconselhamento; por exemplo, *A father's legacy to his daughters* (1774), de John Gregory, um dos livros de conduta mais populares da época, diz: “Se você o ama, permita-me aconselhá-la a jamais revelar a ele a extensão do seu amor,

nem mesmo depois de casada. Isso já mostra suficientemente sua preferência, e é tudo o que ele tem direito de saber” (pp. 87-8).

- 2 Jogos de cartas nos quais os jogadores precisam fazer apostas sobre sua chance de fazer a melhor mão com as cartas recebidas ou disponíveis. O vinte e um envolve mais riscos e requer menos atenção estratégica às jogadas dos outros. Mas o significado da comparação talvez esteja simplesmente no jogo de associações de “comércio”. Alistair M. Duckworth argumentou que em *Orgulho e preconceito* os jogos de cartas “são engenhosamente integrados na estrutura antitética do romance, de modo a expor os extremos da conformidade social e a liberdade individual”, com jogos cuidadosamente escolhidos para se encaixar nas famílias que os jogam (“Spillikins, paper ships, riddles, conundrums, and cards: Games in Jane Austen’s Life and Fiction”. In: John Halperin (org.). *Jane Austen: Bicentenary Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 283).
- 3 O modo de falar de Elizabeth, como seu comportamento, alterna-se entre o discurso polido e um modo mais coloquial — o que Caroline Bingley chamaria de “uma indiferença provinciana para com o decoro” (v. i, cap. viii).

capítulo vii

- 1 O patrimônio dos Bennet está legado “in fee tail male”, um acordo legal que garantia que apenas homens poderiam herdá-lo. Em muitos casos, eram redigidos contratos de legação complexos para evitar pleno usufruto da herança por parentes distantes, tais como o senhor Collins.
- 2 Ver Nota sobre o texto, sobre a manutenção das grafias variantes dos nomes próprios na primeira edição.
- 3 A senhora Bennet é da classe profissional em ascensão. Seu irmão e seu cunhado, um homem de negócios e um advogado, exemplificam a respeitabilidade conquistada por mérito. Em contraste, a promoção para oficiais das Forças Armadas com quem o senhor Philips mantém relações de visita dependeria muito de apadrinhamento ou status social.
- 4 Durante a maior parte da vida adulta de Austen (1793-1815), a Inglaterra esteve em guerra com a França pós-revolucionária. As milícias eram forças militares móveis, estabelecidas em reação ao medo de uma invasão, que se deslocavam de lugar em lugar, principalmente no sul da Inglaterra. Eram assim diferenciados do Exército “regular”, que tinha acampamentos fixos por todo o país. Essa prática de manter grandes tropas flutuantes sofreu consideráveis críticas na época.
- 5 Como era de esperar, a estimativa que a senhora Bennet faz da renda de um coronel é exagerada.
- 6 Provavelmente uma biblioteca “circulante” particular, da qual os livros (especialmente romances) podiam ser retirados mediante uma anuidade paga pelos membros.
- 7 Os Bennet não poderiam pagar pelos cavalos destinados exclusivamente a uma charrete. A contenção diante do uso dos cavalos para trabalho ou para prazeres privados antecipa o fracasso de Mary Crawford em entender que os cavalos eram necessários para a colheita quando ela deseja que sua harpa seja transportada (*Mansfield Park*, capítulo 6).
- 8 O boticário era quem receitava, preparava e vendia os remédios, funções posteriormente divididas entre o farmacêutico e o médico. Em 1815, um ato do Parlamento deu à sociedade dos boticários o poder de avaliar e licenciar boticários na Inglaterra e no País de Gales, e apenas os licenciados poderiam exercer a profissão: isso, aliado à separação gradual das funções de receitar e ministrar, exemplifica o crescimento no período de uma cultura profissional.

capítulo viii

- 1 Segundo o costume no século xviii, Elizabeth não fez nenhuma refeição desde o desjejum. Era comum fazer um café da manhã reforçado, por volta das dez da manhã, já havendo se envolvido com as tarefas do dia, e jantar no meio da tarde. Mas, no final do século, os horários de refeição lentamente mudaram, e os Bingley seguem o costume dos círculos elegantes de um jantar mais tardio, às seis e meia. Conforme o intervalo entre o desjejum e o jantar aumentou, surgiu o almoço — geralmente um bufê frio. O jantar era uma refeição elaborada, seguida de jogos de cartas, música e conversas e depois uma ceia. (Ver também nota i, xxi, 2.)
- 2 Prato que geralmente consiste de carne cortada em pedaços pequenos, cozida com vegetais e bastante temperada (de acordo com o *Oxford English dictionary*). Um dos muitos exemplos dos gostos metropolitanos sofisticados dos Hurst.
- 3 A intenção era que a anágua, vestida por baixo de um vestido ou de uma saia, ficasse à mostra. Elizabeth provavelmente está usando o que no período seria o vestido-padrão para o dia, feito de um dos novos tecidos de algodão, musselina ou cambraia, de cintura alta e com uma saia que caía aberta em uma fenda em v da dobra na altura da cintura, exibindo uma anágua que em geral combinava com o vestido.
- 4 Rua da parte velha de Londres, e portanto deselegante e associada ao comércio. O contraste implícito é com as novas áreas residenciais próximas à Oxford Street.
- 5 Isto é, quando os homens deixavam a sala de jantar para se juntar às damas.
- 6 Jogo de cartas semelhante ao uíste, mas que pode ser jogado por várias pessoas e no qual nem todas as cartas são distribuídas. O “/oo” é a soma obtida pelo jogador que não conseguir vencer nenhuma mão. (Ver também nota i, vi, 2.)
- 7 “Trabalhos” femininos tipicamente decorativos (e, por implicação, triviais e inúteis). Cf. as irmãs Bertram em *Mansfield Park*, cujos passatempos incluíam “fazer flores artificiais ou desperdiçar papel dourado” (capítulo 2).
- 8 Toda essa discussão é evidentemente central para o recorrente interesse do romance na forma e no conteúdo da educação feminina. (Ver também notas i, ii, 3; i, iv, 2; i, ix, 1 e ii, vi, 1.)

capítulo ix

- 1 As aspirações sociais da senhora Bennet são bastante claras em sua sugestão de que as filhas foram educadas na expectativa de uma existência ociosa. Aflições com meninas educadas inapropriadamente, incapazes de se defenderem sozinhas, abundam na literatura de aconselhamento e sobre educação no período. Ver, por exemplo, Clara Reeve em *Plans of education* (1792): “Quantas jovens damas [...] são trazidas ao mundo para buscar fortuna; gabando-se de sua boa educação, ignorantes de tudo o que é útil, desdenhando igualar-se às suas iguais, aspirando às que lhes são superiores, com pouca ou nenhuma fortuna, incapazes ou relutantes demais para trabalhar por si mesmas” (pp. 61-2).
- 2 Cf. Shakespeare, *Noite de reis*, ato i, cena 1: “If music be the food of love, play on,/ Give me excess of it...”.

capítulo x

- 1 Complexo jogo de cartas para duas pessoas, usando trinta e duas cartas. (Ver também nota i, vi, 2.)
- 2 Dança animada associada ora à Escócia, ora à Irlanda, geralmente dançada por dois pares frente a frente descrevendo uma série de figuras de oito.
- 3 Elizabeth se refere jocosamente ao culto da época ao pitoresco, moda tanto da apreciação de paisagens quanto dos projetos de jardins que enfatizava uma estética da pintura — linhas assimétricas, “naturais” em vez da simetria clássica — e que se comprazia, por exemplo, com ruínas recobertas de ervas daninhas. Está particularmente associado aos livros de viagens de William Gilpin (ver notas ii, iv, 1 e ii, xix, 1). A alusão aqui é a *Observations, relative chiefly to picturesque beauty... particularly the mountains, and lakes of Cumberland, and Westmorland* (1786), de Gilpin, no qual, em seus comentários às pranchas incluídas no livro, Gilpin explica os princípios pitorescos através de sua “doutrina do agrupamento de gado”: “Dois dificilmente combinam [...] Mas, com três, é quase certo que se forme um bom grupo [...] Quatro introduz uma nova dificuldade ao agrupamento [...] O único modo de se agruparem bem, é reunindo três [...] e removendo o quarto” (“Explanation of the prints”, vol. ii, pp. xii-xiii).

capítulo xi

- 1 Feita de carne bovina, gemas, amêndoas picadas e creme, e servida com o reforço de negus (vinho quente e doce com água) como refresco para esquentar e embriagar durante os bailes.

capítulo xii

- 1 Linha de baixo com notas indicando as harmonias que o intérprete deve executar por meio de improvisações. O termo passou a designar o estudo da harmonia em geral.

capítulo xiii

- 1 Ver nota i, vii, 1.

capítulo xiv

- 1 Jogo para quatro pessoas com um baralho de quarenta cartas. *Quadrille* é uma variação do *ombre*, que Belinda joga com o Barão em *The rape of the lock*, de Alexander Pope, e deu lugar por sua vez ao uíste. (Ver também nota i, vi, 2.)
- 2 *Sermons to young women*, de James Fordyce, publicado pela primeira vez em 1766, era um livro de conduta muito popular, reimpresso diversas vezes entre 1790 e 1810. Como o senhor Collins, Fordyce é veemente com relação à maioria dos romances: “parece haver pouquíssimos, no estilo do romance, que podem ser lidos com segurança, e menos ainda que podem ser lidos com algum proveito. O que dizer de certos livros, que nos garantem (pois nós não os lemos) que são de natureza tão vergonhosa, tão pestilentos em sua tendência, e contêm tamanha traição à realeza da virtude, tais violações horrendas de todo o decoro, que aquela que o folhear há de ser em sua alma uma prostituta, se sua reputação na vida for o que o livro preconiza. Mas será verdade — digamos, ó castas estrelas, cujos olhos inumeráveis inspecionam a atitude dos mortais à meia-noite — será mesmo verdade que alguma moça que se pretende decente suporte por um momento olhar para tal caldeirão infernal de futilidade e malícia?” (3ª edição, 1766, vol. i, pp. 148-9). Mary Wollstonecraft ataca os *Sermões* de Fordyce em *Reivindicação dos direitos das mulheres*.

capítulo xv

- 1 Era praticamente impossível ser ordenado sem um título de Oxford ou de Cambridge, mas se tornava cada vez mais difícil também ser admitido nessas universidades, uma vez que o costume de oferecerem alimentação e moradia gratuitas para alunos pobres ia se tornando menos comum. Uma vez aceito, obter o título exigia pouco mais do que satisfazer a exigência de uma residência, e muitos rapazes usavam a universidade principalmente como oportunidade de fazer contatos úteis.
- 2 Propriedade de um clérigo da Igreja da Inglaterra. Ao final do século xviii havia onze mil e seiscentos presbitérios na Inglaterra e no País de Gales, mais da metade deles na mão de proprietários de terras ou da Coroa. Os presbitérios eram transferidos muitas vezes através de relações familiares, e a Igreja era uma carreira útil (mais do que uma vocação) para caçulas bem-nascidos — como Austen bem sabia: seu pai e dois de seus irmãos eram clérigos. Um presbitério significava uma casa e a própria renda anual derivada dos serviços (ver nota i, xviii, 1), ou da gleba

pertencente à igreja, o que poderia variar de cem até quase mil libras por ano. Muitos clérigos tinham mais de um presbitério, e cada vez mais os clérigos passaram a atuar como uma classe gerencial rural a serviço da aristocracia proprietária de terra. Os mais ricos dentre eles eram típicos membros da “pseudoaristocracia” (ver Nota geral 1).

3 Um fólio é um livro impresso em papel grande e portanto caro.

4 Tecido então bastante recente, produto do controle britânico na Índia, a musselina era de um algodão bastante fino, vinha em várias texturas e padrões e resistia bem à lavagem. O final do século xviii viu uma mudança das sedas duras e multicoloridas para algodões e linhos leves e finos em branco e tons pastéis, e vestidos simples de cintura alta inspirados nos panejamentos da estatutária clássica. A musselina em questão seria um corte comprado para ser ainda costurado.

5 “Jogo em que prêmios são obtidos pelos detentores de determinadas cartas” (*Oxford English dictionary*). (Ver também nota i, vi, 2.)

capítulo xvi

1 Oitocentas libras era um preço astronômico para o arco da lareira. O serviço deve ter sido encomendado ao grande artesão Carter, cujos clientes incluíam os irmãos Adam.

2 Os trabalhos femininos decorativos incluíam pintar louça comum com imitações dos desenhos de peças de boa porcelana.

capítulo xvii

1 Atração cada vez mais popular entre os projetos de jardins, os arbustos propiciavam diferentes caminhos por trilhas de cascalho e permitiam privacidade ainda que no contexto social da casa. Em *Mansfield Park*, Fanny elogia um arbusto por combinar utilidade e ornamentação (capítulo 22). (Ver também nota iii, i, 1.)

2 Embora seja devoto, o senhor Collins não é da confissão evangélica mais rigorosa, que foi se tornando cada vez mais influente na igreja do início do século xix e que censurava a dança e os jogos.

capítulo xviii

1 O dízimo correspondia a um décimo da renda de toda a terra cultivada dentro de uma paróquia, ao qual o clérigo tinha direito. No início do século xix, a negociação desses valores com os donos da terra e arrendatários era um negócio complexo e demorado.

capítulo xix

1 Os “quatro por cento” eram fundos governamentais que rendiam juros e resultavam em uma renda anual — neste caso, de proporções modestas. Ver Edward Copeland, “What is a competence? Jane Austen, her sister novelist, and the 5%”, *Modern Language Studies* 9:3 (1979), pp. 161-8.

2 Cf. Mary Wollstonecraft em *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792): “Meu próprio sexo, espero, haverá de me perdoar, se tratá-las como criaturas racionais, em vez de lisonjear suas graças fascinantes, e vê-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas”. Organizado por Miriam Brody, Harmondsworth: Penguin, 1996, p. 81.

capítulo xxi

1 Ao sul da Oxford Street, na elegante área residencial de Londres.

2 O jantar podia ser uma refeição elaborada. Um menu completo envolvia não só o prato principal, mas também um grande número de pratos “trocados” — isto é, pratos que iam sendo retirados enquanto o resto da refeição permanecia à mesa.

capítulo xxii

1 A entrada oficial de uma menina na sociedade e, portanto, na condição de casável.

volume ii

capítulo ii

1 Situada na parte velha de Londres, é uma área comercial a cerca de duas milhas para leste da elegante área residencial onde vivem os Hurst.

capítulo iv

- 1 O Distrito dos Lagos no noroeste da Inglaterra já era um destino turístico popular no final do século xviii e tema de muitos guias de viagens pitorescos, sendo o mais famoso deles o de William Gilpin, *Observations, relative chiefly to picturesque beauty, made in the year 1772, on several parts of England; particularly the mountains, and lakes of Cumberland, and Westmoreland* (1786). (Ver notas i, x, 3 e ii, xix, 1.)
- 2 O ímpeto de Elizabeth em favor da natureza em vez da humanidade é, talvez, resquício de *Primeiras impressões*, que podia ser um romance mais explicitamente satírico na linha da *A abadia de Northanger*.

capítulo vi

- 1 Essa conversa entre Elizabeth e lady Catherine faz menção a uma série de temas polêmicos nos debates contemporâneos sobre educação feminina. Como cabe à sua classe, assim como muitos articulistas da época, lady Catherine prefere a educação privada em casa ao internato (ver nota i, iv, 2), e fica temerosa com a perspectiva de meninas dispondo de um mínimo grau de liberdade. A sugestão de que a mãe delas devia ter sido uma “escrava” da educação das irmãs Bennet diz muito sobre as duas mulheres. Cf. J.L. Chirol, *An enquiry into the best system of female education; or, boarding school and home education attentively considered* (1809): “Como?! Trata-se do dever mais sagrado — dever imposto sobre toda mãe pela natureza, pela religião, pela sociedade e pelo interesse privado — um dever de cujo estrito desempenho dependem a constituição, o temperamento, a disposição, a felicidade de suas filhas neste mundo e no mundo futuro — um dever cujo desempenho é aguardado com o mais raro e permanente prazer — será este dever escravidão?” (p. 157).
- 2 A posição da governanta, como a da companhia contratada, era um dos poucos empregos disponíveis para mulheres educadas que precisavam se sustentar sozinhas, e era algo bem difícil. Dentro de um lar, a governanta não era exatamente membro da família, nem apenas uma criada, e geralmente era mal paga. Chirol, por exemplo (ver nota anterior), faz um apelo pela remuneração apropriada e pela criação de um seminário de treinamento de governantas. Cf. *Emma*, em que a governanta de Emma, srta. Taylor (sra. Weston), é uma importante influência positiva e uma amiga íntima, embora Jane Fairfax receie a perspectiva de se tornar governanta.
- 3 Jogo de cartas em que o dez de ouros (“great cassino”) vale dois pontos e o dois de espadas (“little cassino”) vale um; o objetivo é marcar 11 pontos. (Ver também nota i, vi, 2.)

capítulo vii

- 1 Composta de magistrados (distintos dos juizes) escolhidos por uma comissão especial dos aristocratas rurais para manter a paz.

capítulo xii

- 1 Elegante local de veraneio na costa sul de Kent.

capítulo xiv

- 1 Ou seja, viajando nas carruagens que levavam correspondências, trocando de veículo nas estações designadas do trajeto.

capítulo xvi

- 1 Outro sinal da presença militar no sul da Inglaterra em reação à ameaça de uma invasão francesa.
- 2 Cidade muito elegante, Brighton foi o local escolhido por quase quarenta anos, de 1783 até 1820, pelo príncipe regente e seu grupo. A referência ao acampamento militar dá um sabor de final do século xviii, quando o romance recebeu sua primeira versão: em 1793, 1794 e 1795, Brighton foi sede de um dos maiores acampamentos de milícia da costa sul.

capítulo xviii

- 1 Cf. Fordyce, *Sermons to young women* (ver nota i, xiv, 5): “A beleza que se impõe, por mais que seja considerável, ou causará desgosto, ou no máximo excitará apenas desejos inferiores [...]. As graças reclusas sempre foram as mais atraentes” (vol. i, p. 96).

capítulo xix

- 1 Cidades descritas no livro de Gilpin, *Observations, relative chiefly to picturesque beauty...* (ver nota ii, iv, 1). Na nota biográfica da autora, que prefacia a publicação póstuma de *A abadia de Northanger* e *Persuasão* em 1818, o irmão de Jane Austen, Henry, lembra que “ainda muito nova ela se apaixonou por Gilpin e pelo pitoresco”. Mas o texto aqui é mais interessado em histórias pessoais (a cidade natal da sra. Gardiner e a visita a Pemberley) do que em rotas turísticas convencionais, desmentindo a efusão romântica anterior de Elizabeth em favor de “pedras e montanhas” em vez de “homens” (v. ii, cap. iv). Gilpin descreve Dovedale como “uma cenário calmo, isolado; e no entanto não inteiramente assombrado pela solidão, e pela contemplação” (v. ii, p. 231).

- 2 O “bom senso constante e temperamento terno” de Jane faziam dela a implementadora ideal de um regime educacional liberal, rousseauiano, que equilibrava o aprendizado, a brincadeira e o afeto.
- 3 Os Gardiner seguem de perto a rota de Gilpin em *Observations, relative chiefly to picturesque beauty* (ver nota ii, xix, 1), exceto que a partir de Birmingham ele vai para o norte por Manchester e Lancaster até os Lagos, voltando por Chatsworth, Matlock e Dovedale.
- 4 Longe de ser um fenômeno moderno, as visitas turísticas às mansões do campo se tornaram populares no século xviii, e guias de viagens ilustrados e com detalhes sobre os proprietários foram publicados. Ver, por exemplo, *Seats of the nobility and gentry in Great Britain and Wales*, com gravuras de W. Angus. A partir de quadros e desenhos dos mais eminentes artistas (Londres, 1787).

volume iii

capítulo i

- 1 Alguns críticos questionaram se Pemberley não seria inspirada em Chatsworth, mas parece improvável, uma vez que Chatsworth está listada, em separado, como um dos lugares visitados pelo grupo dos Gardiner, e a descrição de Gilpin não é muito entusiasmada: “Chatsworth foi a glória da era passada, quando campos de flores bem cuidados, e fontes formais estavam em voga [...] quando a conhecemos, seu ambiente não havia acompanhado o ritmo das melhorias do tempo. Muitas das antigas formalidades permaneciam por lá” (v. ii, p. 220). Depois da construção de um jardim com fontes no início do século xviii, o paisagismo de Chatsworth se desenvolveria mais amplamente em meados do século xix.
Mas a diferença entre os jardins formais de Chatsworth e o paisagismo pitoresco, atento às formas naturais, que caracteriza Pemberley levanta questões mais interessantes do que as da mera identificação factual. Ao descrever Pemberley, Austen se vale de uma vasta tradição do paisagismo moralizado do século xviii, segundo o qual um equilíbrio apropriado de natureza e arte, beleza e utilidade era sinal de uma aparência moralmente responsável. Exemplos literários significativos incluem o quarto *Moral essay* de Pope, “Epístola a Richard Boyle, Earl of Burlington” (1731), e a descrição feita por Samuel Richardson do gosto de sir Charles em *Sir Charles Grandison* (1733-4): “ele estuda a situação e conveniência; e finge não aplainar as colinas, ou forçar e distorcer a natureza; mas ajudá-la, sempre que possível, sem deixar que a arte seja vista em seu trabalho, onde for capaz de evitá-lo” (parte 2, v. iii, Carta xxiii, Oxford: Oxford World’s Classics, 1986, pp. 160-1).
Cf. *Mansfield Park*, em que Fanny fica horrorizada com os planos do sr. Rushworth de fazer “melhorias” em sua propriedade, especialmente o de derrubar toda uma alameda de carvalhos, sem nenhuma sensibilidade para com a natureza ou a história (capítulo 6).
- 2 O bom gosto com que o interior de Pemberley é decorado combina com o entorno, e pode bem haver ainda outro contraste, além daquele com Rosings, aqui implícito: o interior familiar elegante de Pemberley é muito diferente dos deslumbrantes tesouros da arte europeia colecionados pelo quinto duque de Devonshire, que podiam ser vistos em Chatsworth.
- 3 O nome da governanta de Pemberley, que pinta um importante retrato verbal de Darcy e mostra os retratos da família aos visitantes, talvez seja uma jocosa alusão a sir Joshua Reynolds, o grande retratista do século xviii, cujos *Discourses on art* (1769-90) foram extremamente influentes no desenvolvimento de uma teoria estética e de um gosto artístico.
- 4 Segundo John Gregory (ver nota i, vi, 3), a gratidão era a mais provável base do amor de uma mulher: “O que geralmente se chama de amor entre vocês é antes gratidão, e uma parcialidade com relação ao homem que a prefere dentre todas as outras do seu sexo; [...] essa gratidão se transforma em preferência, e essa preferência talvez por fim avance até certo grau de afeição, especialmente quando encontra reveses e dificuldades [...]. Se a afeição não foi excitada no seu sexo dessa maneira, não existirá uma em um milhão dentre vocês que poderia jamais casar com qualquer grau de amor” (*A father’s legacy*, pp. 80-3).

capítulo iii

- 1 Artigos de luxo que deviam ser cultivados em estufas da propriedade.
- 1 A pele pálida era considerada a mais elegante nesse período.

capítulo iv

- 1 Isto é, fugiu para Gretna Green, a primeira cidade depois da fronteira escocesa. Casar na Escócia não exigia residência fixa como na Inglaterra. (Ver também notas iii, iv, 4 e iii, xvii, 1.)
- 2 Na época, uma aldeia nos arredores de Londres, mais ao sul.
- 3 A tentativa do coronel Forster de localizar Wickham e Lydia por meio dos transportes públicos utilizados antecipa usos narrativos mais extensos dessas técnicas de detetive, especialmente nos romances do século xix. Carruagens podiam ser alugadas para uso privado, mas de todo modo precisavam parar nas estações “postais” (geralmente hospedarias em cidades ou aldeias), onde eram trocados os cavalos.
- 4 Isto é, por meio de uma licença concedida pelo bispo. Depois do Hardwicke’s Marriage Act de 1753, os casamentos só eram válidos se realizados com o consentimento dos pais para os menores de vinte e um anos e por um clérigo

anglicano ordenado após as proclamas ou a compra de uma licença de um bispo ou seu subordinado. Em ambos os casos, um membro do casal precisava residir há pelo menos três semanas na paróquia em questão. (Ver também nota iii, xviii, 3, e John R. Gillis, *For better, for worse: British marriages, 1600 to the present*, Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1985, pp. 140-2).

capítulo v

- 1 Mary entoa platitudes que podiam vir diretamente de uma série de livros de conduta.

capítulo vi

- 1 As reações dos vários personagens à fuga e à sedução de Lydia contrariam versões desse tema narrativo bastante comum na literatura ficcional e moral. A preocupação melodramática da sra. Bennet de que o marido pudesse ser morto em um duelo é, como tudo em seu caráter, inapropriada — tanto em vista da personalidade do sr. Bennet como diante do fato de que os duelos, embora ainda praticados, eram evitados e associados principalmente à aristocracia. (Ver nota iii, viii, 1.)

capítulo vii

- 1 Já houve muita controvérsia sobre a data desta carta. Na edição de *Orgulho e preconceito* feita por R. W. Chapman, ele defende que a cronologia do romance é consistente com os calendários de 1811 e 1812, usando isso como prova de que Austen revisou o romance naquele período. Segundo o esquema de Chapman, Austen confundiu a data da carta do senhor Gardiner com a enviada pelo coronel Forster, e esta carta devia ser datada de 17 de agosto (que caiu numa segunda-feira em 1812), de acordo com a alegação de Lydia de que ficara uma quinzena na casa dos Gardiner antes do casamento. Outros críticos preocupam-se menos com situar o romance precisamente entre 1811-2, sugerindo que as datas internas são uma mescla do texto original com o texto revisado. (Ver Ralph Nash, “The time scheme for *Pride and Prejudice*”, *Modern Language Notes* 4 (1966-7), pp. 194-8.)
- 2 Isto é, financeiramente.

capítulo viii

- 1 O recurso à prostituição (“caído na vida na cidade”) ou o isolamento da sociedade eram alternativas comuns na ficção para uma mulher que perdesse a virtude.

capítulo ix

- 1 O primeiro dia da caça à perdiz.
- 2 Ver nota iii, iv, 4.
- 3 Construído em 1720, o Little Theatre ocupava o local imediatamente ao norte do atual Haymarket Theatre. Foi demolido em 1821.

capítulo x

- 1 Rua na região elegante de Londres, no local do atual Langham Palace. Em *Lady Susan*, este é o endereço de Alicia Johnson, amiga da heroína.

capítulo xii

- 1 Na costa nordeste da Inglaterra, Scarborough tinha um spa elegante desde meados do século xvii.

capítulo xiii

- 1 Chapman aceita aqui “assim como as outras”, que é a forma que aparece na segunda e na terceira edições, mas seria um modo estranho de se referir a Jane e é improvável que Bingley se sentisse íntimo o bastante para sentar se Elizabeth estivesse de pé. Mantive portanto a forma da primeira edição (“assim como elas”).

capítulo xiv

- 1 Isto é, oferecidos em estações postais para serem alugados (ver nota ii, xiv, 2).
- 2 Os jardins muitas vezes incluíam casas de veraneio projetadas como réplicas de construções rústicas ou cavernas.

capítulo xvi

- 1 No exemplar de Cassandra Austen, “ignorante” é corrigido para “inocente”, mas é muito mais provável que Austen tivesse em mente o jogo entre ignorância e conhecimento que percorre todo o texto.

capítulo xvii

- 1 Para alguém como a senhora Bennet, o casamento por licença especial (e portanto privado) seria considerado um sinal de status social: era a prática geral da aristocracia e consequentemente adotada pelas classes dominantes e pela classe média urbana. (Ver também nota iii, iv, 5.)

capítulo xix

- 1 Pode se referir à cessação temporária das hostilidades com a França durante o Tratado de Amiens, de março de 1802, que duraria até maio de 1803. Isso colocaria o principal da ação do romance na década de 1790, e a referência já foi usada por alguns críticos como prova de que Austen teria revisado substancialmente o romance em 1802. (Ver P. B. S. Andrews, “The date of *Pride and Prejudice*”, *Notes and Queries* 213 (1968), pp. 338-42). R. W. Chapman, que acredita que o romance foi revisto em 1811-2, argumenta que “a paz” pode simplesmente ser uma esperançosa antecipação do final das Guerras Napoleônicas, que ocorreria em 1815.

a Armstrong, p. 160.

b Spring, p. 60.

c Reeve, pp. 64-7.

d *Letters*, p. 26.

e As referências a outras notas serão feitas na seguinte ordem: livro, capítulo e nota. Portanto, trata-se da nota 1 do capítulo iv do livro i. (n. e.)

Cronologia

- 1775 Jane Austen nasce em 16 de dezembro, segunda filha mulher dos sete filhos do reverendo George Austen e sua esposa, Cassandra Leigh. Seu pai era reitor da paróquia de Steventon em Hampshire. A família era bem relacionada, embora não fosse rica. Dois de seus irmãos ingressaram na Marinha, e um deles chegou ao posto de Almirante de Frota.
- 1776 Declaração de Independência dos Estados Unidos.
- 1778 Frances Burney publica *Evelina*.
- 1785-6 Jane Austen, com sua irmã Cassandra, frequenta a Abbey School, escola de leitura.
- 1787 Jane Austen começa a escrever as peças curtas e paródicas de ficção conhecidas como sua *Juvenilia*.
- 1789 Irrompe a Revolução Francesa.
- 1792 Mary Wollstonecraft publica *Reivindicação dos direitos da mulher*.
- 1793 A Inglaterra entra em guerra com a França revolucionária.
- 1794 Ann Radcliffe publica *Os mistérios de Udolfo*.
- 1795 Jane Austen escreve “Elinor e Marianne”, uma primeira versão de *Razão e sensibilidade*.
- 1796 Ascensão de Napoleão Bonaparte na França.
- 1796-7 Jane Austen escreve “Primeiras impressões”, uma primeira versão de *Orgulho e preconceito*.
- 1797 “Primeiras impressões” é oferecido a um editor, que recusa o original.
- 1798-9 Jane Austen escreve “Susan”, uma primeira versão de *A abadía de Northanger*.
- 1801 O pai de Jane Austen se aposenta e a família se muda para Bath.
- 1802 Jane Austen aceita proposta de casamento de Harris Bigg-Wither, mas muda de ideia no dia seguinte.
Na França, Napoleão é nomeado cônsul vitalício.
- 1803 “Susan” é vendido por 10 libras à editora Crosby, que acaba não publicando o livro.
- 1804 Jane Austen escreve o romance inacabado *The Watsons*.
Napoleão é coroado imperador.
- 1805 Morre o pai de Jane Austen. Batalha de Trafalgar.

- 1806 Jane Austen muda-se com a mãe e a irmã para Southampton.
- 1809 Jane Austen muda-se com a mãe e a irmã para uma casa em Chawton, Hampshire, de propriedade de seu irmão Edward, que seria seu lar até o fim da vida.
- 1811 *Razão e sensibilidade* é publicado.
Doença do rei George iii faz com que o príncipe de Gales seja nomeado príncipe regente.
- 1813 *Orgulho e preconceito* é publicado.
- 1814 *Mansfield Park* é publicado.
- 1815 dezembro *Emma* é publicado (data de 1816) e dedicado a pedido dele ao príncipe regente.
Wellington e Blücher derrotam a França na Batalha de Waterloo, pondo fim às Guerras Napoleônicas.
- 1816 A saúde de Jane Austen começa a se deteriorar; ela termina *Persuasão*. “Susan” retorna das mãos da editora Crosby. Walter Scott resenha elogiosamente *Emma* no *Quarterly Review*.
- 1817 janeiro-março Austen trabalha em “Sandition”. Ela morre no dia 18 de julho em Winchester, aonde havia ido para tratamento médico, e é enterrada na Winchester Cathedral. dezembro Seu irmão Henry acompanha a publicação de *A abadia de Northanger* e *Persuasão* (data de 1818), com uma nota biográfica sobre a autora.

Outras leituras

biografia e correspondência

- austen-leigh, William e Richard Arthur. *Jane Austen: A family record*. Edição revista e ampliada por Deirdre Le Faye. Londres: The British Library, 1989.
- le faye, Deirdre (org.). *Jane Austen's letters*. 3ª ed. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.
- fergus, Jan. *Jane Austen: A literary life*. Basingstoke: Macmillan, 1991.
- honan, Park. *Jane Austen: Her life*. Londres: Weidenfeld e Nicolson, 1987.
- tomalin, Claire. *Jane Austen: A life*. Harmondsworth: Viking, 1997.

obras de crítica

- butler, Marilyn. *Jane Austen and the war of ideas*, 1975. Oxford: Oxford University Press, 1987 (reimpressão).
- clark, Robert (org.). "*Sense and sensibility*" and "*Pride and prejudice*". New Casebooks. Basingstoke: Macmillan, 1994.
- copeland, Edward e mcmaster, Juliet (orgs.). *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Women writing about money: Women's fiction in England, 1790-1820*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- duckworth, Alistair. *The improvement of the estate: A study of Jane Austen's novels*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1971.
- fergus, Jan. *Jane Austen and the didactic novel: "Northanger Abbey", "Sense and sensibility" and "Pride and prejudice"*. Londres: Macmillan, 1983.
- grey, David; litz, A. Walton e southam, Brian (orgs.). *The Jane Austen handbook: With a dictionary of Jane Austen's life and works*. Londres: Athlone, 1986.
- johnson, Claudia L. *Jane Austen: Women, politics and the novel*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1988.
- jones, Vivien. *How to study a Jane Austen novel*. 2ª ed. Basingstoke: Macmillan, 1997.

kaplan, Deborah. *Jane Austen among women*. Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press, 1992.

kirkham, Margaret. *Jane Austen: Feminism and fiction*. Brighton: Harvester, 1983.

lascelles, Mary. *Jane Austen and her art*. Oxford: Oxford University Press, 1939.

mcmaster, Juliet (org.). *Jane Austen the novelist: Essays past and present*. Basingstoke: Macmillan, 1995.

monaghan, David. *Jane Austen: Structure and social vision*. Londres: Macmillan, 1980.

_____. *Jane Austen in a social context*. Londres: Macmillan, 1981.

neill, Edward. *The politics of Jane Austen*. Basingstoke: Macmillan, 1999.

newton, Judith Lowder. *Pride and prejudice in women, power and subversion: Social strategies in British fiction, 1778-1860*. Nova York e Londres: Methuen, 1981.

poovey, Mary. *The proper lady and the woman writer: Ideology as style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, Jane Austen*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1984.

sales, Roger. *Jane Austen and representations of Regency England*. Londres: Routledge, 1994.

stafford, Fiona. "Jane Austen". In: Michael O'Neill (org.). *Literature of the Romantic period: A bibliographical guide*. Oxford: Clarendon, 1998.

tanner, Tony. *Jane Austen*. Londres: Macmillan, 1986.

troost, Linda e greenfield, Sayre (orgs.). *Jane Austen in Hollywood*. Lexington: University Press of Kentucky, 1998.

wiltshire, John. *Jane Austen and the body: The picture of health*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

websites

The Republic of Pemberley: <<http://www.pemberley.com/>>.

The Jane Austen Society of North America: <<http://www.jasna.org/>>.

Mohanty, Suchi, Jane Austen: A Pathfinder:
<<http://www.ils.unc.edu/~mohas/austenpathfinder.htm>>.

Copyright do prefácio e das notas © Vivien Jones, 1996, 2003
Copyright da nota sobre o texto e da cronologia
© Claire Lamont, 1997, 2003
Copyright da introdução original Penguin Classics
© Tony Tanner, 1972

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (usa) Inc.

título original
Pride and prejudice

capa e projeto gráfico penguin-companhia
Raul Loureiro, Claudia Warrak

preparação
Alexandre Boide

revisão
Camila Saraiva
Erika Nakahata

ISBN 978-85-8086-345-1

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

JANE AUSTEN

Razão e sensibilidade

Razão e sensibilidade

Austen, Jane

9788580863536

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Originalmente publicado em 1811 sob o singelo pseudônimo "A Lady", Razão e sensibilidade começou a ser escrito na década de 1790, quando Jane Austen (1775-1817) mal havia completado vinte anos. O livro é o primeiro da série de quatro romances que Austen publicou como edição do autor em seus últimos anos de vida. Todos se tornaram clássicos da literatura inglesa do século XIX.

Embora sua trama se desenvolva durante uma época de guerra e revolução no continente europeu, o romance concentra sua narrativa nas idílicas

tramas de amor e desilusão em que duas belas irmãs inglesas se envolvem - Elinor e Marianne Dashwood - quando chega a idade do casamento. À procura do amor verdadeiro, as filhas órfãs de uma família pertencente à pequena nobreza enfrentam o mundo repleto de interesses e intrigas da alta aristocracia. Marianne e Elinor representam polos opostos do universo ético de Austen: Marianne é romântica, musical e dada a rompantes de espontaneidade, ao passo que Elinor é a encarnação da prudência e do decoro.

Ambientado nos cenários campestres do sudoeste da Inglaterra e nas casas senhoriais de Londres, o livro já foi adaptado inúmeras vezes para o teatro e o cinema. Esta reedição, com tradução de Alexandre Barbosa de Souza, conta com textos introdutórios dos professores e críticos britânicos Tony Tanner e Ros Ballaster, especialistas em ficção inglesa dos séculos XVIII e XIX, além de notas explicativas sobre o texto, a autora e sua época.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

GUSTAVE FLAUBERT

Madame Bovary

Madame Bovary

Flaubert, Gustave

9788580864168

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecido por autores como Henry James como "o romance perfeito", Madame Bovary é a obra fundamental de Gustave Flaubert (1821-80). Trata-se de uma raridade, mesmo em um clássico, um exercício meticuloso de escrita que igualmente desafiava as estruturas literárias e as convenções sociais. Não à toa, a época de lançamento o impacto foi duplo: um sucesso de público e a reação feroz do governo francês, que levou o autor a julgamento sob a acusação de imoralidade.

Flaubert inventou um estilo totalmente novo e

moderno, praticando uma escrita que, ao longo dos cinco anos que levou para terminar o livro, literalmente avançou palavra a palavra. Cada frase devia refletir o esforço em obtê-la, sendo reescrita e reescrita ad infinitum. Mestre do realismo, o autor documenta a paisagem e o cotidiano da segunda metade do século XIX, ironizando os romances sentimentais e folhetins, gêneros que considerava obsoletos. A história faz um ataque à burguesia, desmoralizando-a com a descrição exuberante de sua banalidade. Em um tempo em que as mulheres eram submissas, Emma Bovary encontra nos tolos romances dos livros o antídoto para o tédio conjugal e inaugura uma galeria de famosas esposas adúlteras atormentadas na literatura.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLASSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O grande Gatsby

O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott

9788580862676

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gin é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional.

Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Joaquim Manuel
de Macedo
Memórias do
sobrinho de meu tio

FICÇÃO



Memórias do sobrinho do meu tio

de Macedo, Joaquim Manuel

9788563397997

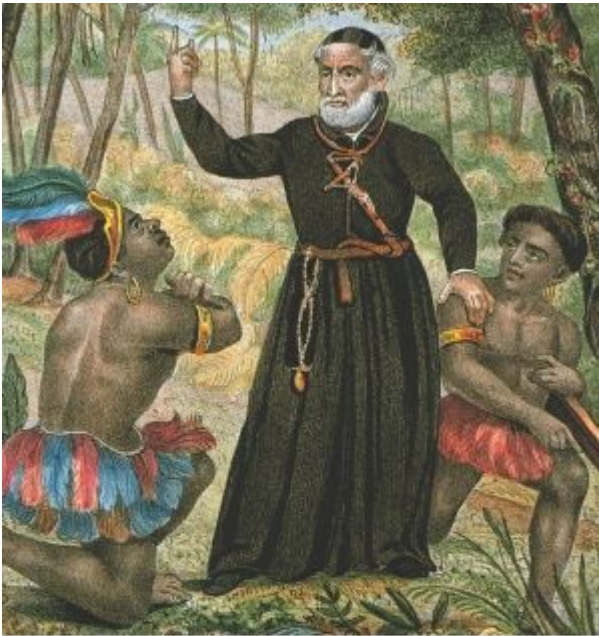
376 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba", observa o debochado e autocomplacente narrador de Memórias do sobrinho de meu tio, romance de Joaquim Manuel de Macedo escrito entre os anos 1867 e 1868. Fraude eleitoral, jornalistas a mando de poderosos e alianças espúrias são alguns dos temas da prosa ligeira dessa sátira política. O sr. F. , narrador destas memórias, herda uma pequena fortuna, logo acrescida pelos outros tantos contos de réis de sua prima Chiquinha, com quem se casa. Juntos, os dois empreendem uma busca voraz por mais dinheiro e poder, este último representado pela eleição de F. a

presidente de província (hoje o equivalente a governador). No meio do caminho, conchavos, amizades interesseiras e lances rocambolescos que parecem exemplificar a interpretação do crítico Antonio Candido sobre a obra de Macedo, que apresentaria duas tendências: o realismo e o tom folhetinesco. Egoísta, anárquico e paradoxalmente um moralista, o protagonista parece antecipar as vestes do conto "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, em que a busca de poder e prestígio no Brasil parece estar acima de tudo, inclusive e principalmente da honestidade.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

PADRE ANTÔNIO VIEIRA
Essencial

Organização e introdução de ALFREDO BOSI

Essencial Padre Antônio Vieira

Vieira, Padre Antônio

9788580863994

760 páginas

[Compre agora e leia](#)

O enfático juízo de Fernando Pessoa sobre Antônio Vieira contido num verso de Mensagem conserva sua plena validade neste início de século XXI. O perfeito domínio das sutilezas da retórica seiscentista, a impressionante erudição bíblica e literária e a inigualada capacidade de instruir, comover e deleitar simultaneamente continuam a fazer da prosa do "imperador da língua portuguesa" um clássico absoluto nas duas margens do Atlântico, mais de três séculos após sua primeira publicação.

Embora o mundo monárquico, escravista e

radicalmente dogmático de Vieira já tenha há muito desaparecido, sua extensa obra continua a iluminar a história e a literatura da lusofonia. Jesuíta, político e pregador, confessor de reis e profeta do Quinto Império, autor de centenas de sermões e de uma riquíssima correspondência, Vieira foi um homem de múltiplos interesses, unificados por sua fé inquebrantável e pela crença nos altos destinos de Portugal. Essencial Padre Antônio Vieira é uma generosa amostra de sua eloquente produção literária, incluindo alguns de seus melhores sermões, cartas e textos proféticos, além de uma esclarecedora introdução de Alfredo Bosi, membro da Academia Brasileira de Letras, e do texto inédito em português A chave dos profetas.

[Compre agora e leia](#)